Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Sociologia

Viver Só: Mudança Social e Estilos de Vida

Rosário Mauritti

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Doutor em Sociologia
Especialidade Classes, Estratificação e Movimentos Sociais

Orientador:

Professor Doutor António Firmino da Costa, ISCTE-IUL

Junho, 2009

Viver só: mudança social e estilos de vida

Esta tese propõe avançar uma caracterização teórica e empiricamente fundamentada das experiências sociais e orientações de estilos de vida, que enquadram o crescimento e diferenciação da residência unipessoal nas sociedades modernas contemporâneas. Num olhar que se constrói tomando por perspectiva o *viver só* como um protagonismo de escolha, material e simbolicamente contextualizado, procura-se, no fundo, perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações societais mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interacções quotidianas. Os enfoques analíticos foram sendo desenvolvidos recorrendo a múltiplos contributos teóricos e também a diversas fontes de informação e metodologias, incorporando referências que tanto remetem para contextos institucionais de âmbito global, como para as análises micro, focalizadas nos sujeitos e nas suas experiências sociais plurais e heterogéneas.
Palavras-chave: Viver só; Escolhas; Estilos de vida; mudança social.

Living alone: social change and life styles

This thesis offers us a theoretical and empirical characterization of the social experiences and lifestyles that are the setting for the growth and differentiation in living alone in contemporary societies. Focusing on the experience of living alone as a choice, materially and symbolically contextualized, we basically propose to analyse social change, both on the level of great societal changes and as the cumulative and progressive result of daily decisions and social interactions. To meet this objective, we use numerous theoretical contributions following some of the most important lines of current debate on the different socio-institutional dimensions of modernity and social change and a wide array of empirical information and methodologies. We incorporate references to global institutional contexts and micro-analyses focused on the plurality and heterogeneity of the social experience of people who live alone.
Key-words: Living alone; choices; life styles; social change.

ÍNDICE

Índice de figuras e quadros V

INTRODUÇÃO 1

PARTE I: Perspectivas e processos 9
1 Processos de transformação institucional, relacional e cultural 11
1.1 Mudança social à escala global 11
1.2 Recomposição estrutural e novos protagonismos no contexto europeu 14
1.3 Diversidade e mudança da vida pessoal e familiar na Europa 22
2 Perspectivas sociológicas na análise do *viver só* 35
2.1 Um caminho para a construção do objecto sociológico 40
2.2 Uma solução biográfica que resulta de contradições societais globais 52
2.3 Uma expressão da individualização reflexiva dos estilos de vida 58

PARTE II: Tendências, contextos e protagonistas do *viver só* na Europa 65
3 As tendências num olhar de comparação internacional 67
3.1 Estatísticas e indicadores sobre o *viver só*: desafios e problemas 68
3.2 Dinâmicas de evolução do *viver só* 74
3.3 A incidência urbana do fenómeno 81
4 Contextos de alojamento e ciclos de vida 91
4.1 Pluralidade e mutabilidade nos percursos transicionais 94
4.2 Orientações de autonomia pela qualificação e o trabalho 99
4.3 Ciclos de vida e comportamentos de género 106

PARTE III: Retratos do *viver só*: actores e discursos 123
5 Preferências e orientações para uma vida independente 125
5.1 O *viver só* como escolha e projecto 127
5.2 Parâmetros de configuração das escolhas possíveis 130
5.3 As entrevistas e os entrevistados: estratégias e perfis 137
5.4 A casa: um espaço de mediação de estilos de vida singulares 147

6 Contextos relacionais do *viver só* e estilos de vida 157
6.1 Apresentação de si 167
Viver com intensidade e abertura para os outros 170
Eu não sou "passarinho de gaiola" 177
Libertar tempo para a vida 183
Um bicho complexo 187
6.2 Autonomia 199
Experimentação e projecto 201
O futuro e a gestão da ambivalência 208
Fazer carreira e envolver-se em novos desafios 215
A libertação inesperada 224
Sozinho para continuar na busca do saber 230
6.3 Espelho 236
Intimidade e realização pessoal 238
A minha casa é o mundo 247
6.4 A casa porto de abrigo 255
Ser única e igual a si mesma 256
As raízes da casa e os laços do coração 262
Biografia e experiências 270
6.5 Constrangimento 276
O cerco que se aperta 278
Sociabilidades frustradas 284
Projectos interrompidos 289
6.6 A casa escritório 294
Um projecto que se sustenta no isolamento 296
Uma compulsividade que se leva ao extremo 302
6.7 Colapso 308
Os projectos de futuro e as ausências de projecto 309
Pluriactividade, trabalho precário e expectativas de realização 316

CONCLUSÃO 323

Referências bibliográficas 329

Anexos 339

Índice de figuras e quadros

Figuras

1.1 Taxas de variação, entre 1986 e 2002, de diferentes categorias socioprofissionais, segundo o sexo (em percentagem) 17
1.2 Pessoas e agregados domésticos nos países da UE 15 entre 1991-2001 (taxas de variação em percentagem) 33
3.1 Pessoas em mono-residência no total de pessoas em agregados domésticos, 1960 a 2001 (em percentagem) 76
3.2 Tendências de crescimento da população total e do número de pessoas em mono-residência, 1960-2001 (taxas de variação em percentagem) 78
3.3 Residência independente em algumas das principais áreas metropolitanas europeias (em percentagens) 83
4.1 Residência em período lectivo dos estudantes do ensino superior, 2005 (em percentagem) 104
4.2 Padrões familiares das pessoas com 25 a 34 anos (em percentagem do total de pessoas do mesmo sexo e grupo etário) 107
4.3 Pessoas com 18 a 34 anos que vivem em residência unipessoal ou em casa dos pais/familiares (em percentagem do total de pessoas do mesmo sexo e grupo etário) 109
4.4 Padrões familiares das pessoas com 35 a 64 anos, por sexo e escalão etário (em percentagem do total de pessoas do mesmo sexo e grupo etário) 110
4.5 Residência unipessoal das pessoas com 35 a 64 anos, por sexo e escalão etário (em percentagem do total de pessoas do mesmo sexo e grupo etário) 112
4.6 Contextos de alojamento predominantes das pessoas com 65 e mais anos, por sexo e escalão etário (em percentagem do total de pessoas do mesmo sexo e grupo etário) 118
6.1 Actividade profissional e self nos protagonismos do viver só 160
6.2 Formas de sociabilidade nos contextos relacionais do viver só 165
6.3 Contextos relacionais do viver só 167

Figuras em anexo

A1.1 Taxa de emprego das mulheres em percentagem da população feminina com 15 a 64 anos 341
A1.2 Taxas de variação do emprego feminino na população feminina com 15 a 64 anos, entre 1985 e 2005 (em percentagem) 341
A1.3 Trabalho a tempo parcial e trabalho temporário no total da população empregada, por grupos etários (em percentagens) 342
A1.4 Taxas de emprego de homens e mulheres, solteiros e casados, segundo grupos etários, na UE 15, em 2005 343

Quadros

1.1 Recomposições das estruturas sociodemográficas na Europa, 1980 e 2005 (em percentagem) 27
1.2 Dinâmicas na organização da vida pessoal e familiar: pessoas e agregados domésticos na Europa, 1991 e 2001 (em percentagem) 31
4.1 Modos de organização do alojamento, segundo o sexo e grupos etários nos países da UE 15, em 2001 95
4.2 Proporção de pessoas com 20 a 34 anos economicamente activas por contextos de residência, segundo grupos etários e sexo em alguns países da UE 15, em 2001 (em percentagem) 101
4.3 Proporção de pessoas com 35 a 64 anos economicamente activas por contextos de residência, segundo grupos etários e sexo em alguns países da UE 15, em 2001 (em percentagem) 113
5.1 Indicadores de caracterização dos entrevistados 143

Quadros em anexo

A1.1 Recomposições socioprofissionais na União Europeia, 1996-2002 (em percentagem) 337
A1.2 Participação na actividade económica de homens e mulheres na UE 15, segundo escalões etários e níveis de escolaridade, em 2005 345

A1.3 Taxa desemprego de homens e mulheres na UE 15, segundo escalões etários e níveis de escolaridade, em 2005 346
A1.4 Trabalho a tempo parcial e trabalho temporário no total da população empregada da EU 15, por sexo e grupos etários, em 2005 347
A1.5 Principais razões para o exercício de trabalho a tempo parcial, por sexo e grupos etários 348
A5.1Os entrevistados 353
A6.1Contextos relacionais e orientações 365
A6.2 Actividade profissional e self nos protagonismos do viver só 366
A6.3 Formas de sociabilidade 373

INTRODUÇÃO

Em meados de 2002, quando começaram a ser divulgados na generalidade dos países europeus, América e Austrália alguns dos resultados preliminares dos recenseamentos gerais da população, um dos temas que emerge no debate, como testemunho de uma mudança de fundo, prende-se com o forte incremento do *viver só*. Como se sublinha num artigo publicado na *BBC News* no início desse ano, pela primeira vez na história encontramos mais adultos sozinhos num alojamento ou em monoparentalidade do que numa "unidade familiar tradicional".[1] A transversalidade destas tendências nas sociedades ocidentais, sustenta ainda a visão de que estaríamos aqui perante um fenómeno global, particularmente incidente nos grandes centros urbanos.

Foi pois neste contexto de mediatização e crescente perplexidade que se desenhou o projecto proposto ao ISCTE e mais tarde à FCT/MCTES, no quadro da candidatura a uma bolsa de doutoramento, para desenvolvimento da investigação de cujos resultados agora se apresentam.

O problema central da pesquisa foi colocado pela procura de compreensão das dinâmicas sociais que convergem no sentido da promoção, em níveis antes inimagináveis, de incremento do *viver só*. Seria este um sinal da desintegração das formas sociais tradicionais de organização da vida pessoal e familiar e das relações de intimidade? Como é que o fenómeno se decompõe internamente nos seus protagonismos específicos, espacialidades e temporalidades? Que configurações de estilos de vida e formas de relacionamento dos indivíduos com os seus contextos de proximidade estão predominantemente associados ao seu crescimento?

Na procura de descoberta e compreensão destes processos, definiram-se os objectivos teórico-conceptuais e analítico-substantivos da investigação a empreender.

[1] A propósito de um estudo desenvolvido no Reino Unido pela Future Foundation, que toma como objecto as mudanças na vida familiar, http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/1754824.stm (01-2002).

Num *plano teórico* procurava-se, primeiramente, contribuir para um conhecimento aprofundado sobre as lógicas sociais que na sociedade actual convergem para a construção de novas formas de relacionamento dos sujeitos com os seus contextos no âmbito de experiências sociais do *viver só*. Nesta óptica, propunha-se aprofundar sociologicamente os significados subjectivos que os seus protagonistas conferem às relações que constroem nas diversas esferas de participação social. Ainda neste plano de construção teórica, pretendia-se igualmente contribuir para uma delimitação conceptual de problemáticas que enquadram os estudos sobre o fenómeno aqui em destaque, confrontando noções e perspectivas e assumindo novas sínteses parcialmente inovadoras. Mas que não deixariam de enraizar nos contributos de outras pesquisas, promovidas nomeadamente por equipas de investigadores do CIES-ISCTE, nas quais sobre diversos ângulos e escalas de estruturação, e tendo por referente diversos objectos empíricos, se procurara similarmente analisar dinâmicas estruturais de recomposição social das populações.

Nesta medida, num *plano de generalização*, o presente projecto propunha-se ainda ensaiar, de forma teoricamente orientada, vias para alargar a aplicabilidade dos conceitos, indicadores e procedimentos elaborados nos trabalhos desenvolvidos nesses contextos de equipa. Procurava ainda afinar, desde logo em função do objecto específico e dos graus variados de minúcia da informação a analisar, algumas das dimensões e categorias conceptuais e analíticas que consubstanciam a abordagem dos processos em presença.

No *plano substantivo* previa-se a realização de uma análise teórica e empiricamente fundamentada sobre as dinâmicas estruturais que nas sociedades contemporâneas tendem a favorecer o crescimento do *viver só*, procurando também localizar os fenómenos em análise tanto no panorama nacional, como no quadro alargado da União Europeia. No aprofundamento desta perspectiva, por intermédio de uma multiplicação de abordagens metodológicas e de um investimento na complementaridade e integração dos dispositivos e referências de pesquisa, propúnhamo-nos ainda pôr em prática a proposta de José Madureira Pinto, quando

sublinha que "*um bom método* não pode deixar de ser um compromisso, estabelecido em função do objecto, das hipóteses a investigar e dos *níveis analíticos exigidos pela demonstração científica*, entre as virtualidades e as limitações das mesmas técnicas" (Pinto, 1984:32 - ênfases no original). No caso da presente pesquisa, procurava-se delinear uma estratégia metodológica que complementasse uma perspectiva comparada no âmbito de alguns países europeus, fundada na análise quantitativa de indicadores estatísticos institucionais disponíveis em organismos nacionais e internacionais,[2] com a análise qualitativa, focalizada nos sujeitos e nas suas experiências complexas e heterogéneas – realização de entrevistas, observação directa dos contextos e situações de residência, cruzamento com outros registos e informações de fontes diversas.

Na multiplicidade de processos e de experiências sociais presentes no crescimento do *viver só*, à medida em que fomos recolhendo e produzindo elementos de sistematização analítica com base nas análises quantitativas, suscitou-nos particular curiosidade – e constituiu-se depois como objecto científico, especialmente na componente de análise qualitativa – a possibilidade, numa primeira abordagem surpreendente ou contra-intuitiva, de parte significativa dos protagonismos de mudança que emergem no incremento do fenómeno serem assumidos como uma decisão individual – numa expressão da individualização e da capacidade reflexivamente orientada de escolha de um estilo de vida singular. Apesar de na mediatização do fenómeno, porventura denotando o peso ainda muito expressivo que nele detêm as populações idosas, este facto nem sempre transparecer, os diversos estudos que começam a ser publicados enfatizavam, claramente, nas dinâmicas que enquadram o seu crescimento, uma presença de segmentos da população em idade activa, homens e mulheres que se distinguem nomeadamente pela posse de recursos socioprofissionais e socioeducacionaism, denotando condições de vida de algum favorecimento.[3]

[2] Nos desenvolvimentos analíticos que se concretizaram, por motivos que se prendem com a facilidade de acesso aos dados institucionais, esta perspectiva comparada tomou por referência a anterior formação da União Europeia a 15 países. Na primeira metade da presente década, correspondentes aos países que se ofereciam nas diversas bases de dados disponíveis para tratamento, designadamente no Eurostat.

[3] Dando relevo precisamente ao crescimento do *viver só*, na generalidade dos países da União, precisamente neste segmento da população adulta em idade de trabalhar, constituiu-se recentemente a

Especialmente na análise destes protagonismos sociais, as referências teóricas da "individualização reflexiva", da "modernidade tardia" e da "pós-modernidade" conduziam-nos a perspectivar as orientações para a vida independente – aqui consubstanciadas na residência unipessoal – numa era "pós-tradicional", dominada pela "ética do indivíduo" que se constrói a si mesmo, projectado reflexivamente na busca de auto-realização. A escolha e a decisão seriam, nesta óptica, as determinantes básicas da pessoa humana, do sujeito que aspira ser o autor da sua vida, nesta medida singular. E os sujeitos que a protagonizam representariam a "vanguarda de uma transformação profunda, nomeadamente nas relações entre indivíduo e sociedade" (Beck e Beck-Gernsheim, 2003:22). Mas serão apenas as somas acumuladas de vontades interiores pessoalizadas que explicam estas experiências e orientações para uma vida em autonomia residencial? Qual o lugar, nestes processos, das desigualdades estruturais, nomeadamente fundadas nas diferenciações de classe e familiares? Como se configuram as relações destes sujeitos nas respectivas redes de sociabilidade? Serão os recursos socioprofissionais e qualificacionais, que assimilam nas projecções que fazem de si, elementos catalizadores de diferenciações nas suas práticas sociais e orientações valorativas?

Tendo em vista dar resposta a estes diversos questionamentos, procurou-se aprofundar um quadro analítico que favorecesse uma compreensão teoricamente fundamentada dos fenómenos em análise, por vezes num confronto face a uma visibilidade e projecção mediática que apenas realçava alguns traços e dimensões que os configuram.

A aproximação sociológica ao *viver só* parte assim de um conjunto de questionamentos adicionais que podemos sintetizar no seguinte:

Como justificar tão grande dinamismo no crescimento da mono-residência ao longo das últimas décadas? Poderá ser esta uma das faces mais visíveis de um crescente

rede de pesquisas *Solo-Living Network: Working-Age Adults Living Alone*, promovida por uma equipa de investigadores do Centre for Research on Families and Relationships, em cuja fundação participaram representantes de onze países europeus, entre os quais Portugal. (cf. http://www.crfr.ac.uk/sololivingnetwork.html).

de trajectórias de autonomia e de novos estilos de vida, projectados na reflexividade social e no centramento dos indivíduos sobre si? Como se conjugam nestes processos a complexidade de factores, ligados, simultaneamente, quer com preferências e orientações individuais, quer com constrangimentos e oportunidades estruturais – nomeadamente enquadrados nos diferentes tipos de estado providência e nas condições económicas e de trabalho específicas a cada região, ou ainda, nas atitudes e normativas culturais que enquadram as práticas e as orientações nas relações que os indivíduos estabelecem com os respectivos contextos familiares e de amizade?

Os desenvolvimentos analíticos deste leque de questionamentos, fundados inicialmente numa "explosão" de visibilidade social e sucessivamente, num acréscimo de interpelações, interpretações e construções teóricas e substantivas sobre os fenómenos em presença, numa primeira parte da presente tese, remetem-nos para a caracterização dos «processos e perspectivas» que enquadram o *viver só* nas sociedades contemporâneas.

No capítulo um, desenvolve-se assim uma análise, necessariamente simplificada, sobre os processos e dimensões mais relevantes das transformações estruturais por que passam essas sociedades, equacionando ainda as diferentes influências e modos de articulação de tais recomposições nos protagonismos sociais e orientações valorativas observáveis no quotidiano, e que confluem num crescimento e diversificação de protagonismos de *viver só*. O ensaio que se procura concretizar neste primeiro capítulo tem subjacente a ideia de que o crescimento da residência unipessoal, como se verá adiante, sistematicamente acentuado ao longo das últimas décadas, constitui um importante foco de observação dos vários processos de mudança social enunciados. Isto, tanto no que respeita à observação de fenómenos ligados ao incremento do isolamento e exclusão social de alguns segmentos da população, como também na caracterização de protagonismos de autonomia diferenciada de sectores da população jovem e adulta altamente qualificados e bem posicionados nas novas segmentações socioprofissionais prevalecentes a nível mundial.

Ainda nesta primeira parte da tese, o capítulo dois orienta-se pelo desafio de procurar grelhas de leitura e análise dos comportamentos sociais e orientações simbólicas que enquadram os protagonismos de residência unipessoal nas sociedades modernas contemporâneas. Num primeiro nível, este exercício é construído através da delimitação teórica e conceptual do objecto que conduz a presente pesquisa, num contraponto do "viver só" face a noções como a "solidão" e o "isolamento social". Num segundo nível, perspectiva-se ainda a abordagem do fenómeno nas condições de reflexividade radical da vida actual e nas discussões contemporâneas sobre a individualização, bem como no primado dado à autonomia e controlo da própria vida na construção do projecto reflexivo do *self*.

A segunda parte da tese, tendo sempre presente a função de comando da teoria, nomeadamente na sua capacidade de conferir inteligibilidade à informação em presença (Almeida e Pinto, 1990), apoiada nas estatísticas disponíveis e na multiplicidade de estudos que, de forma directa e indirecta, abordam os fenómenos aqui em análise, procura traçar um panorama sobre a evolução da mono-residência, numa perspectiva comparada à escala europeia. Na descoberta, compreensão e interpretação sociológica das lógicas sociais que enquadram o *viver só*, evidenciam-se ainda alguns dos mecanismos culturais e institucionais que no plano societal enquadram e possibilitam o incremento e diferenciação destas experiências de residência unipessoal nos diversos países europeus e, dentro destes, a sua concentração igualmente diferenciada em determinados contextos e segmentos sociais. No aprofundamento destas análises, o quarto capítulo, dando ênfase, precisamente, à centralidade material e simbólica do espaço de residência na organização da vida privada – muitas vezes assimilado de forma acrítica à própria noção de «família» –, apresenta uma sociografia de base nos modos de organização do alojamento nas biografias e experiências sociais dos sujeitos.

A terceira parte da tese, na variabilidade de protagonismos possíveis subjacentes ao *viver só*, considera a relevância simbólica e social das manifestações que perspectivam este tipo de experiências como uma concretização de escolhas, enraizadas em processos complexos, heterogéneos e frequentemente ambivalentes de produção

social de indivíduos "múltiplos" (Velho em Castro, Oliveira e Ferreira, 2001) ou "actores plurais" (Lahire, 2003) multideterminados e multissocializados. No capítulo cinco, a problematização da escolha e a delimitação dos mecanismos sociais que a possibilitam, orientam a construção do corpus de casos estudados. Enquanto as práticas sociais mediadas pelos posicionamentos actuais e percursos biográficos destes sujeitos, assim como os mecanismos relacionais que as enquadram, nas diversas esferas e contextos situacionais de interacção social, constituem os focos privilegiados de observação. Na sequência destes desenvolvimentos, o capítulo seis, partindo ainda de um olhar que se constrói por referência a uma tipificação das apropriações e projecções materiais e simbólicas que os sujeitos investem no/através do espaço de alojamento, procura apresentar diferentes perfis-tipo de relações com o *viver só*. Justapõem-se nestes perfis um conjunto de "retratos sociológicos" (Lahire, 2002), através dos quais se pretendem enfatizar movimentos biográficos ou percursos transicionais sempre em processo.

A conclusão da pesquisa retoma e, por vezes, prolonga, alguns dos temas aprofundados nos capítulos precedentes. Nesse balanço, pretende-se sistematizar e mesmo aprofundar as análises concretizadas, dando conta também de um conjunto de questionamentos e possibilidades interpretativas que apontam para a necessidade epistemológica de prosseguimento de algumas das linhas de investigação

*

O trabalho que agora se apresenta é o resultado de um percurso de investigação relativamente prolongado que contou, a diferentes níveis, com contributos de um número alargado de pessoas, às quais gostaria de deixar os meus sinceros agradecimentos.

Uma primeira palavra para as pessoas que de forma aberta e entusiasmada acederam partilhar em entrevista as suas experiências, aspirações e expectativas; bem como para os amigos e colegas que gentilmente facilitaram contactos pessoais,

disponibilizando-se, também, para conversas cruzadas e troca de impressões e debate crítico e reflexivo relativamente ao trabalho desenvolvido.

Agradeço particularmente à Susana da Cruz Martins, Sandra Saleiro e Sandra Mateus pelas suas leituras, sugestões e revisões atentas de versões preliminares de um ou outro capítulo. E de forma mais geral, a todas as amigas e amigos do CIES, pelo acolhimento, apoios pessoais e incentivos que diariamente manifestaram.

Uma palavra muito especial para António Firmino da Costa, não apenas pela orientação, disponibilidade e sentido crítico com que acompanhou toda a pesquisa realizada, mas igualmente pela sua amizade e confiança.

À Fundação Para a Ciência, Tecnologia e Ensino Superior agradeço o suporte financeiro, a través de uma Bolsa de Doutoramento, atribuída no âmbito do Programa de Formação Avançada para a Ciência – Medida IV.3.

PARTE I

PERSPECTIVAS E PROCESSOS

1 PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO INSTITUCIONAL, RELACIONAL E CULTURAL

1.1 Mudança social à escala global

As sociedades actuais são cenários de múltiplas e intensas transformações. Face a um contexto histórico que remonta apenas a algumas décadas atrás, não só os ritmos de mudança social e alteração dos sistemas de significação e representação cultural são muito mais rápidos, como também são muito mais amplos e profundos os seus efeitos nas práticas sociais e nos comportamentos preexistentes. A própria natureza da vida social quotidiana se vê afectada por estas transformações, implicando nos aspectos mais pessoais da existência (Giddens, 1997:ix). Nunca como hoje um acontecimento que tem lugar num outro local do globo pôde ter, em termos quase imediatos, tão grandes influências no modo como cada indivíduo ou unidade social organiza e referencia a sua vida e os seus contextos relacionais (Giddens, 1998: 45-46). Ao mesmo tempo, as mutações assim impulsionadas contribuem, por sua vez, para promover novos processos económicos, institucionais e socioculturais estruturantes das sociedades contemporâneas, com múltiplas implicações e efeitos nas dinâmicas complexas de reconfiguração dos fluxos globais de riqueza e poder, e consequente ordenamento e reordenamento das relações sociais, também, entre diversos cenários geográficos, políticos, tecnológicos e culturais.[4]

Este contexto de transição histórica é marcado, na expressão de Manuel Castells (2002:33), pela revolução na nossa "cultura material", operada por um novo paradigma organizado em torno das tecnologias da informação e consubstanciada na emergência e consolidação da "economia informacional global" (idem 121 e seg.) – impulsionada por fluxos de imagens, informações e conhecimentos descontextualizados e reestruturados

[4] Entre muitos outros, ver Featherstone, 1995; Krugman e Venables, 1995; Giddens, 1998; Inglehart, 1999; Prades, 1999; Waters, 1999; Wilenius, 1999; Appadurai, 2000; Inglehart e Baker, 2000; Therborn, 2000; Collins, 2001; Featherstone, 2001; Giddens, 2001; Mazlish, 2001; Castells, 2002-2003; Costa, 2002; Santos, 2002; Pichelmann e Veugelers, 2005; Sassen, 2006a.

através de extensões indefinidas de espaço-tempo (Giddens, 1998) e pela expansão da "cultura da virtualidade real" (Castells, *idem*). "Num presente que assume diferentes características segundo a cultura e as particularidades de cada região" (Cardoso e outros, 2005:13), integração global, por um lado, e diversidade e diferenciação regional e sectorial, por outro, combinam-se na multiplicidade de configurações e tendências de mudança institucional, relacional e cultural emergentes. Tais transformações estando profundamente enraizadas num emaranhado de factores, que funcionam a níveis distintos mas interdependentes, simultaneamente específicos e transversais, são marcadas por processos complexos de continuidade e rotura, envolvendo novas oportunidades e novos perigos. Tal como sugere Anthony Giddens (1998:123) este "é um processo de desenvolvimento desigual que fragmenta à medida que coordena e introduz novas formas de interdependência mundial (…) dando origem a novas formas de risco e de perigo ao mesmo tempo que produz amplas possibilidades de segurança global".

Sobre a égide da inovação científica associada a uma difusão intensa, cumulativa e tendencialmente alargada da tecnologia nos diversos domínios sociais e ambientais de vida, segmentos importantes de economias do mundo inteiro são incorporados numa rede global que funciona como unidade em tempo real, reforçando as possibilidades renovadas para a criação e difusão de fluxos de ideias e de produtos/serviços mais flexíveis e cambiantes (Castells, 2002-2003; Reich, 1996: 123). Mas ao mesmo tempo aparecem, também, novas fragmentações, intensificam-se conflitos e aprofundam-se exclusões e diferenciações estruturais, nas dinâmicas não-lineares de transformação e abertura dos espaços sociais, reportáveis aos diversos contextos políticos e socioculturais, e envolvendo regiões e segmentos consideráveis da população que permanecem afastados dos circuitos alargados de comunicação, de produção e de partilha de conhecimento (Cornia, 1999; Santos, 2002; Giddens e Diamond, 2006; Sassen, 2006a); emergem novos confrontos identitários, assim como novos riscos. Estes ligados quer ao aprofundamento e diversificação das desigualdades, quer a desequilíbrios de dimensão planetária na gestão do ambiente e dos recursos naturais, os

quais, em última instância, questionam as próprias condições de sobrevivência da humanidade (Beck, 2004; Comissão Europeia, 2003b; Gore, 2006; OCDE, 2006).

Não obstante a diversidade de padrões e configurações culturais e institucionais que nos diversos sectores e níveis territoriais contextualizam a amplitude e os ritmos dos desenvolvimentos em curso – assim como a diversidade de olhares, de pendor mais optimista ou mais céptico, com que são encarados os vários fenómenos –, é unânime a constatação quanto à impossibilidade de uma total impermeabilidade face às alterações trazidas por estas mudanças, que nesta medida atingem uma escala planetária.

Muitas das dinâmicas aqui presentes são reforçadas pela intensificação da urbanização[5] e o crescimento de "cidades globais" ou centros estratégicos de organização de negócio e confluência do capital e do poder; locais, por excelência, de criação de novos códigos culturais e novas normativas e orientações de política transnacional; onde se concentram os recursos e as infra-estruturas cruciais para a implementação das "globalizações" ou da globalização nas suas múltiplas dimensões (Sassen, 2006a). Tal como sugere Saskia Sassen, é nestes contextos cosmopolitas que mais facilmente podemos observar grande parte das mudanças estruturais em curso nas sociedades actuais. Incluindo as que se ligam com as recomposições socioprofissionais e com as alterações dos estilos de vida e diversificação dos modos de estar e de viver as relações sociais e a intimidade – de que o *viver só* constitui um dos protagonismos possíveis; fenómenos, por sua vez, promotores de novas segmentações e novas desigualdades.

5 Se em meados do século passado sensivelmente ¼ da população vivia em aglomerados urbanos (Fortuna, 2001:3), de acordo com dados das Nações Unidas, no início do século XXI, essa proporção aumentou para o dobro, envolvendo cerca 50% da população mundial. No continente europeu a população urbana representa 75%, situando-se um pouco abaixo da América do Norte (79%) e América Latina e Caraíbas (77%). África e Ásia são as regiões do mundo com menor incidência de população em áreas urbanas (37% e 38% respectivamente). Fonte: *Population Reference Bureau*, em http://www.prb.org/ (Agosto, 2006).

1.2 Recomposição estrutural e novos protagonismos no contexto europeu

Apesar de algumas visões que anunciam o "fim das classes" ou, o mesmo é dizer, o fim da existência de princípios sociais padronizados de diferenciação estrutural de recursos e oportunidades (Bourdieu, 1997:12-13) – algumas das quais, aliás, enquadradas nas perspectivas da pós-modernidade, da individualização institucional e da modernização reflexiva de que nos debruçaremos mais aprofundadamente no capitulo dois desta tese – , nos últimos anos um número significativo de pesquisas têm desenvolvido propostas inovadoras de renovação dos eixos teórico-conceptuais e operatórios na análise das classes sociais e da estratificação social nas sociedades contemporâneas. É o caso, em Portugal, dos trabalhos de João Ferreira de Almeida (1986), António Firmino da Costa (Costa, 1987, 1999) e Fernando Luís Machado (2002), com aprofundamentos analítico-substantivos originais, empiricamente informados num programa de investigação, progressivamente alargado também em termos de equipa: 1) ora focalizado em *segmentos específicos de maior protagonismo social*, designadamente face aos processos de mobilidade e fechamento social ou nas hierarquias simbólicas e nos posicionamentos sociais de status – como é os caso dos estudantes do ensino superior[6] ou do sector profissional dos cientistas;[7] 2) ora com uma visão de abrangência sobre as *dinâmicas de mudança social e de modernização* da sociedade portuguesa;[8] 3) ora ainda propondo uma *perspectiva sistemática de comparação europeia*.[9]

Nestes estudos, em convergência com algumas obras de referência da sociologia das classes sociais e da estratificação social publicadas nos últimos anos,[10] retomam-se, sob perspectivas e combinações selectivas diversas, propostas precursoras de abordagem multidimensional das relações sociais de classe, como as de Nicos

[6] Almeida e outros, 2003; Almeida, Costa e Machado, 1988; Casanova, 1993; Costa, Machado e Almeida, 1990; Machado, Costa e Almeida, 1989; Machado e outros, 2003; Martins, Mauritti e Costa, 2005; Mauritti, 2002.
[7] Machado, Ávila e Costa, 1995.
[8] Almeida e outros, 2000; Almeida, Costa e Machado, 1994; Machado e Costa, 1998.
[9] Almeida, Machado e Costa, 2006; Costa, Machado e Almeida, 2007a; Costa e outros, 2000; Mauritti, Martins e Costa, 2004.
[10] Bourdieu, 2002; Bourdieu, 1997; Crompton, 2003; Devine e outros, 2005; entre muitas outras, Erikson e Goldthorpe, 1993; Esping-Anderson, 1993; Savage, 2000; Scott, 1996; Vester, 2003; Wright, 1997.

Poulantzas (1974), John Golthorpe (1980), Erik Olin Wrigth (1985), Frank Parkin (1979) ou Pierre Bourdieu (1979), entre muitos outros.

Mesmo assumindo 1) que a perspectiva das classes sociais e da estratificação social não constitui o único eixo relevante para uma completa compreensão dos mecanismos de mudança social e de reconfiguração estrutural das sociedades actuais; 2) que os posicionamentos de classe não condicionam de forma directa e linear as acções dos protagonistas sociais, mas constituem elementos de mediação entre essas práticas e os contextos estruturais e relacionais em que as mesmas têm lugar; estas várias pesquisas não só demonstram, com elementos substantivos e de forma teoricamente informada, a pertinência e actualidade de um olhar que procura apreender os padrões multidimensionais, estruturais e relacionais que caracterizam as condições de existência dos indivíduos, como conseguem concretizar instrumentos observacionais e analíticos – modelos pluridimensionais para análise dos fenómenos sociais, instrumentos de inquérito, indicadores, sistemas de classificação, etc. – que incorporam na sua própria operacionalização um conjunto complexo de dimensões e níveis de análise, remetendo, simultaneamente, para recursos, contextos, redes, disposições, práticas, identidades e valores.

Refira-se, finalmente, que as pesquisas portuguesas assinaladas, tal como naturalmente as publicadas em outros países, não esgotam de forma alguma a intensa produção que se tem desenvolvido em Portugal na área da sociologia das classes sociais e da estratificação social. Veja-se a este propósito o extenso inventário de trabalhos de elaboração teórica e/ou de pesquisa empírica produzidos e publicados em Portugal, apresentado por António Firmino da Costa e José Luís Casanova na revista *Sociologia, Problemas e Práticas* n.º 19 (1996). Depois deste inventário, e em testemunho precisamente do dinamismo que atravessa este campo muitos outros estudos têm sido concretizados (cf. Nunes, 2008). É o caso, entre outros, das pesquisas desenvolvidas no âmbito do CES, recorrendo fundamentalmente à matriz teórica proposta por Erik Olin Wrigth, conduzidas por Elísio Estanque e José Manuel Mendes (1997); Elísio Estanque

(2002a, 2002b, 2005, 2006); ou ainda dos trabalhos de Manuel Villaverde Cabral (1998, 2006), referenciados ao esquema de classes proposto por John Goldthorpe.

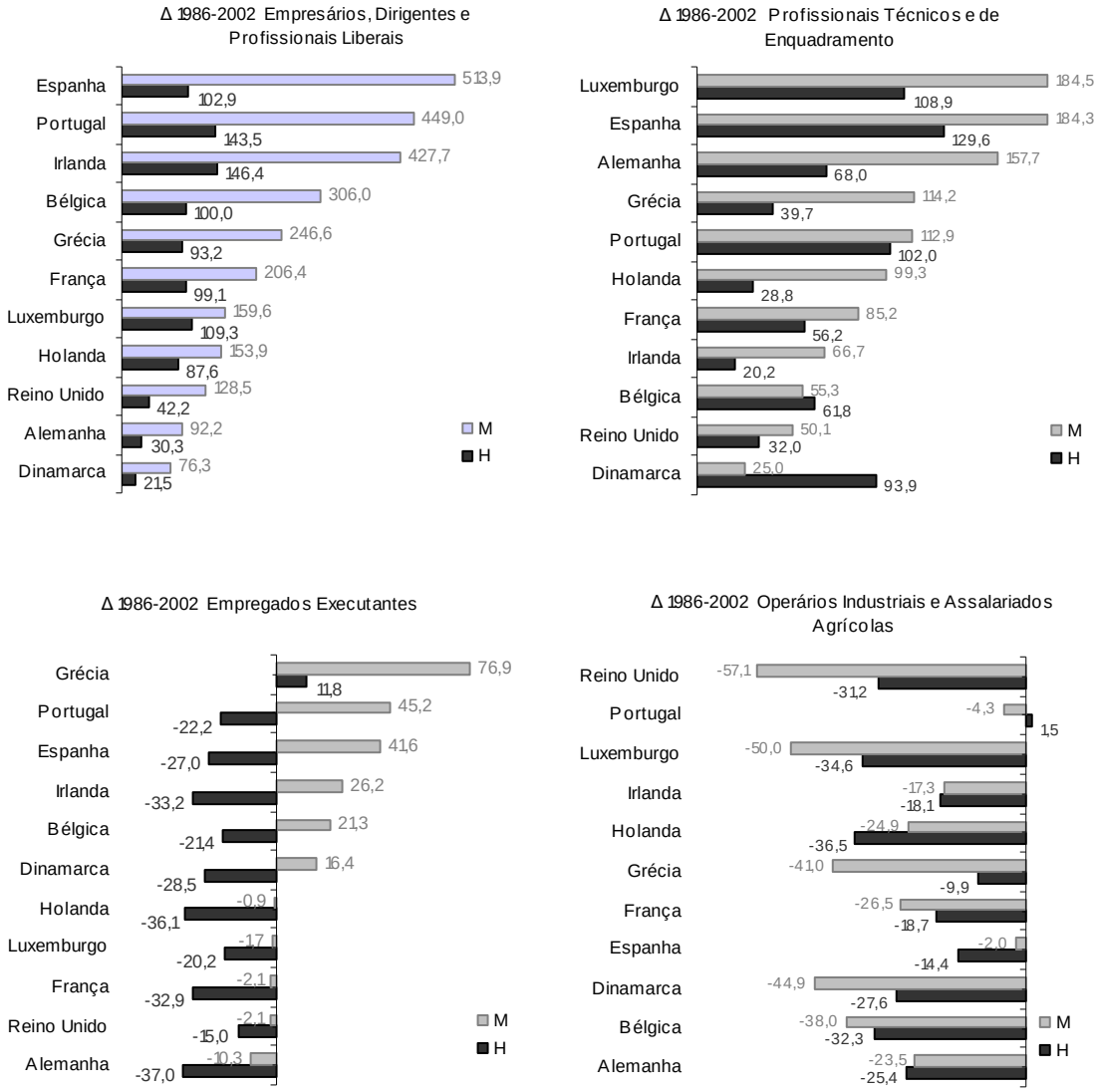
Tomando por base a matriz classificatória dos lugares de classe proposta nos trabalhos, antes assinalados, de João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado (tipologia ACM), a figura 1.1 realça alguns dos mais significativos processos de recomposição socioprofissional que tiveram lugar no espaço da União Europeia ao longo de cerca de duas décadas (entre 1986 e 2002). A análise desenvolvida tem por base valores percentuais apresentados no quadro A1.1, em anexo, destacando nos diversos países os protagonismos por categoria socioprofissional segundo o sexo.

Em todos os países, observa-se o reforço das duas categorias socioprofissionais melhor posicionadas na estrutura social: os empresários dirigentes e profissionais liberais, localizados no topo das distribuições de recursos, poderes e status, e os profissionais técnicos e de enquadramento, envolvendo segmentos de assalariados caracterizados por padrões de qualificação técnica, científica e cultural média ou superior.

Dinâmicas articuladas com a reorganização das unidades empresariais, ligadas à proliferação de pequenas e médias iniciativas empresariais, frequentemente funcionando em redes mais ou menos informais e associando, simultaneamente, concentração e *outsourcing*, um novo empreendorismo tecnológico e auto-emprego estão na origem do crescimento da primeira categoria assinalada.

Quanto aos profissionais técnicos e de enquadramento, a evolução registada na figura 1.1 realça, em primeiro lugar, o forte incremento e centralidade das qualificações, constituindo o seu acréscimo um factor sintomático dos níveis de modernização das estruturas sociais e das capacidades competitivas das sociedades europeias, num contexto de crescente interdependência global. Isto, ao mesmo tempo que a perspectiva comparada sobre as estruturas sociais que caracterizam os diversos países em análise (ver quadro A1.1, em anexo) e a visão dos processos de mudança que as atravessam

permitem enfatizar a presença persistente de fortes diferenciações internas no espaço da União Europeia (Costa e outros, 2000; Mauritti, Martins e Costa, 2004).



Nota: Cálculos referenciados aos dados apresentados no quadro A1.1, em anexo.

Fonte: Fonte: Eurostat: Inquérito ao Emprego 1986 e 2002; Holanda 1987 e 2002; Portugal 1986 e INE, Censos 2001.

Figura 1.1 Taxas de variação, entre 1986 e 2002, de diferentes categorias socioprofissionais, segundo o sexo (em percentagem)

É sabido que boa parte das recomposições estruturais, desde logo dos perfis socioprofissionais, estão alicerçadas no alargamento dos sistemas de credenciação escolar e na requalificação dos conteúdos associados aos exercícios profissionais, cada vez mais ajustados aos horizontes contemporâneos de uma sociedade da informação e

do conhecimento (Bell, 1973; Carnoy e Castells, 1997; Castells, 2002). Mas, simultaneamente, de forma igualmente crescente, a distribuição desigual de recursos socioeducacionais – traduzível em indicadores como a posse de credenciais escolares, qualificações socioprofissionais, competências e conhecimentos – constitui uma das dimensões essenciais para compreender as dinâmicas de reposicionamento e reestruturação simbólica e material das relações que em termos colectivos e individuais diversos segmentos estabelecem entre si (Ávila, 2008). Sendo também por essa via que muitos dos fenómenos de mobilidade social e de recomposição das relações sociais de classe se concretizam.[11]

Na mesma figura 1.1, embora reflectindo a combinação de mecanismos gerais com especificidades nacionais, nomeadamente relativas aos modos de especialização produtiva e aos graus de modernização e incorporação da tecnologia e automação nas actividades administrativas, científicas e industriais, na generalidade dos países as duas categorias de assalariados de base dos serviços e da industria – os empregados executantes e os operários industriais – apresentam tendências globais de decréscimo. Isto embora, de acordo com os dados do quadro A1.1, permaneçam de longe as duas categorias com maior peso relativo nas estruturas socioprofissionais dos diversos países.

A observação da importância relativa de cada sexo no reforço das várias tendências assinaladas dá relevo às mulheres, situando-as como as grandes protagonistas de algumas das principais mudanças em curso. No plano da vida pessoal, estas, como procuraremos demonstrar nesta tese, são as promotoras de uma complexificação, diferenciação e variação de protagonismos de individualização e autonomia, consubstanciados nomeadamente no acréscimo do viver só.

Com efeito, em estreita articulação com os dinamismos observados numa multiplicidade de protagonismos em incremento, situados algures entre dois

[11] A persistência de desigualdades no acesso à educação, mesmo num contexto, como é o caso da sociedade portuguesa actual, onde a mesma se prevê universal e igualmente acessível a todos, constitui um bom exemplo da multiplicidade de tendências e dinamismos de modernidade implicados também nestes processos (Sebastião, 1998, 2006), reconfigurando, em boa medida, os próprios posicionamentos colectivos da sociedade e população portuguesas no contexto europeu (Ávila, 2008; Costa, Machado e Almeida, 2007; Martins, 2005).

posicionamentos extremos – de integração qualificante e autónoma versus exclusão e dependência absoluta e relativa acentuadas –, está o crescimento, por vezes muito rápido, no sentido da inserção das mulheres no mercado de trabalho. Num movimento que acompanha, por um lado, a forte terciarização do emprego ou a expansão da "servicialização" (em particular dos "serviços profissionais" com forte incorporação de saberes especializados, de alto valor) (Almeida, 2004) e por outro lado, de forma concomitante com o primeiro, o incremento da flexibilização das relações sociais de trabalho – em termos contratuais, dos horários, dos conteúdos funcionais, das retribuições salariais, etc. (Beck 2000; Carnoy e Castells, 1997; Cornia, 1999; Golsh, 2002). Estes dois processos são observáveis nos protagonismos destacados na figura 1.1. Por um lado, é em grande medida devido ao sector feminino da população que se regista o forte incremento nas duas categorias socioprofissionais que lideram grande parte dos processos de modernização em curso – desde logo pela capacidade aí, potencialmente alargada, de iniciativa e empreendorismo e de maior integração nos fluxos globais de mobilidade, de que no fala, por exemplo, John Urry (2002a, 2002b). Por outro lado, pelo menos em alguns países, subjacente a uma intensa feminização da categoria dos empregados executantes, regista-se de forma concomitante o que alguns autores denominaram como a expansão crescente do "proletariado pós-industrial", uma "subclasse" muito restringida na sua capacidade de acesso a recursos básicos, inclusive para o exercício da cidadania (Estanque, 2005; Sassen, 2006b). Esta envolvendo o acréscimo de situações intermitentes entre o desemprego e o trabalho precário, mal enquadradas pelos regimes de segurança social, e muitas vezes, associadas à chamada "economia paralela" ou "subterrânea" ou ainda, dentro do quadro regulamentado de funcionamento do mercado de trabalho, quer ao aumento da contratação temporária e das prestações de serviços, quer ao exercício, não necessariamente por escolha do próprio, da actividade a tempo parcial.[12]

[12] C.f Beck 2000; Bertolini, Gonzalez e Naldini, 2006; Corral e Isusi, 2005; Estanque, 2002a, 2005; Gornick Meyers e Ross, 1997; Guerreiro e Abrantes, 2005; Guerreiro e Abrantes, 2004; Hantrais, Philipov e Billari, 2006; Paoli e Merllié, 2001; Pichelmann e Veugelers, 2005; Steiber, 2006; Torres, 2004.

Como denotam estes e outros estudos, tais tendências de flexibilização embora com expansão relativamente abrangente a todos as regiões da União Europeia, têm incidência desigual nos vários países que compõem esse espaço, e dentro destes distribuem-se de forma também distinta, nomeadamente entre grupos socioprofissionais com padrões de qualificação e com recursos de autoridade e de poder diferenciados, assim como segundo as áreas de actividade de homens e de mulheres, de vários escalões etários, diversas origens étnicas e culturais, inseridos em diferentes ciclos de vida conjugal e familiar, etc.[13]

Assim e apesar do notável incremento nos padrões de qualificação, em particular do sector feminino, é de realçar, nestas dinâmicas, a relativa maior permeabilidade das mulheres para as situações de maior precariedade e dependência: têm, regra geral, menor participação no mercado de trabalho (apesar de os níveis de participação virem sistematicamente a crescer); são mais frequentemente afectadas pelo desemprego e pelo trabalho temporário; assim como com maior frequência que os seus congéneres do sexo oposto estão com maior incidência no trabalho a tempo parcial. Isto, embora este tipo de dedicação possa também ser visto como uma orientação adaptativa de procura sustentada de conciliação entre trabalho e vida pessoal e familiar, no sentido da "flexigurança" (Ferrera, Hemerijck e Rhodes, 2000; Vielle e Walthery, 2003; Wilthagen e van Velzen, 2004) – nomeadamente nos contextos onde essas práticas são mais expressivas, como é o caso, sobretudo, da Holanda, mas também Alemanha, Áustria, Bélgica ou Reino Unido; ou também como uma resposta a um conjunto complexo de factores, ligados, simultaneamente, quer com orientações individuais quer com constrangimentos e oportunidades estruturais – nomeadamente enquadrados nos diferentes tipos de estado providência e nas condições económicas específicas a cada região, ou ainda, nas atitudes e normativas culturais sobre os papéis de género

[13] Veja-se, em anexo, para os países da UE 15, o quadro A1.3, com a distribuição do desemprego segundo o sexo e escalões etários, por níveis de escolaridade; a figura A1.3 e o quadro A1.4, com a distribuição por sexo e idades do trabalho a tempo parcial e do trabalho temporário; a figura A1.4 com taxas de emprego também por sexo de solteiros e casados, segundo grupos etários; e o quadro A1.5, com as razões principais apontadas por homens e mulheres para a dedicação a tempo parcial.

(Andersson, 2006; Crompton e Harris, 1998; Giddens e Diamond, 2006; Steiber, 2006; Torres, 2004; Torres e Silva, 1998). Esta forma de relação "parcial" com a actividade profissional tem ainda algum peso, como se verá seguidamente, nos segmentos da população jovem adulta ainda inserida no sistema de ensino (Bracht e outros, 2006; Martins, Mauritti e Costa, 2005, 2008; Mauritti e Martins, 2007), e com protagonismos de autonomia que se concretizam na capacidade de apropriação de recursos e fontes de financiamento muito variados – como é o caso de boa parte dos "sós" cujas condições de vida e perfis sociais se procurará analisar com maior detalhe ao longo da presente tese.

Mas não obstante o quadro global ser em geral mais penalizador para as mulheres, os dados que equacionam a participação feminina no mercado de trabalho numa perspectiva diacrónica indicam, claramente, o acréscimo sistemático dessa participação em todos os países da União Europeia, ao longo dos últimos 20 anos (c.f. figuras A1.1 e A1.2, em anexo). A este aumento não é alheio o tipo de recursos socioeducacionais que as mulheres detêm: no segmento com escolaridade superior as variações de género no que concerne à participação no mercado de trabalho são muitíssimo atenuadas (cf. quadro A1.2, em anexo). O facto de, na generalidade dos países da UE 15, desde há uns anos a esta parte elas apresentarem taxas de frequência e de concretização da formação ao nível superior mais elevadas do que as dos seus congéneres masculinos (Costa e outros, 2000; Esping-Anderson, 2006; HIS, 2005; Mauritti, Martins e Costa, 2004) constitui *mais* um indicador que aponta para o aprofundamento das mudanças aqui brevemente sumariadas, convergindo, também, no sentido de um reforço da autonomia e para a alteração dos papéis, dos posicionamentos relativos e das atitudes assumidas por homens e mulheres na vida pessoal e na sociedade – de que o crescimento do *viver só* constitui umas das manifestações.[14]

[14] Veja-se a este propósito o estudo recente desenvolvido por Eliane Gonçalves no âmbito da tese para obtenção do grau de doutoramento, intitulado *Vidas no Singular: Noções sobre "Mulheres Sós" no Brasil Contemporâneo*, e onde a autora procura explorar a forma "como são construídas as noções de 'mulheres sós' no Brasil contemporâneo a partir de três contextos distintos: estudos de população, textos dos media brasileiros e narrativas de mulheres de camadas médias, sem filhos, que moram sozinhas na cidade de Goiâna" (Gonçalves, 2007).

1.3 Diversidade e mudança da vida pessoal e familiar na Europa

Neste breve enunciado sobre os processos de mudança que atravessam as sociedades actuais, muito particularmente as sociedades europeias, importa pois enfatizar ainda as transformações das estruturas sociodemográficas e os seus reflexos ao nível das formas familiares e dos modos de organização e de vivência das relações na intimidade. É esta abordagem que se desenvolve a partir dos quadros 1.1 e 1.2 e figura 1.2, ainda referenciados ao contexto da União Europeia a 15 países, considerando para o efeito um conjunto de indicadores obtidos nas bases de dados do Eurostat, e reportados aos indivíduos e unidades domésticas.[15]

O primeiro destes quadros considera a evolução ocorrida entre 1980 e 2005. Na análise das recomposições sociodemográficas, aí evidenciadas, focalizam-se as mudanças nas estruturas etárias da população e a crescente preponderância dos segmentos mais idosos (em especial das mulheres),[16] concomitante, nas fases anteriores

[15] Caracterizações mais aprofundadas, embora centralizadas sobretudo em Portugal, foram apresentadas num número temático sobre as "Famílias", na revista *Análise Social* (AA.VV., 2002) e, posteriormente, também, num dossiê intitulado "Famílias nos censos 2001", publicado na *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, sob a coordenação de Karin Wall (Wall, 2003). Integrando uma visão diacrónica e de comparação internacional, refira-se igualmente o texto "Relações familiares: mudança e diversidade (Almeida e outros, 1998) e mais recentemente o trabalho de Anália Torres, Rita Mendes e Tiago Lapa (2006), sobre "Famílias na Europa", desenvolvido com base nos dados do *European Social Survey* (*round* 2, 2003); assim como diversos relatórios nacionais sobre a situação das famílias na UE 15, produzidos no âmbito do *European Observatory on Family Matters* (2004). Muito relevante, desde logo num enquadramento de indicadores seleccionados para aprofundamento das análises desenvolvidas, sublinhe-se também o texto de Gary Martin e Vladimir Kats (2003) do gabinete de estatísticas do trabalho norte americano, dedicados ao estudo comparativo das relações entre trabalho e família em diversas sociedades de modernidade avançada (incluindo EUA, Canadá e Japão, assim como nove países europeus), entre 1980 e 2001. Ainda numa perspectiva de comparação internacional, focalizada também no mesmo período, num quadro alargado a diversos países da União Europeia, refira-se ainda três estudos, tematicamente orientados para a revisão e reformulação de políticas de apoio à conciliação entre trabalho e vida familiar: um primeiro produzido no âmbito do *UK Economic and Social Research Council*, apoiado nos dados do *European Community Household Panel*, da autoria de Richard Berthoud e Maria Iacovou (2002), que relaciona as mudanças nas estruturas familiares, no funcionamento do mercado de trabalho e nos rendimentos dos agregados domésticos, nos países da UE 15, tendo em conta, nomeadamente, diferentes enquadramentos regionais, institucionais e normativo/culturais; o segundo da autoria de Linda Hantrais, Dimiter Philipov e Francesco C. Billari, desenvolvido com o apoio do Conselho Europeu integrado na preparação da *European Population Conference* 2005, e publicado em 2006, no *Population Studies*, 49; o terceiro, no âmbito do *Economic Change Quality of Life & Social Cohesion*, sob a coordenação de Duncan Galie e Chiara Saraceno, envolvendo dois estudos preliminares: um sobre as relações entre trabalho e família (Steiber, 2006), outro que aprofunda a alteração dos papéis da mulher no trabalho e na família em diferentes contextos institucionais (Bertolini, Gonzalez e Naldini, 2006).

[16] Como reflexo do efeito conjugado de uma baixa da natalidade e do aumento da esperança de vida o Continente Europeu, com uma proporção equivalente de pessoas até 15 anos e 65 e mais anos (17%),

dos ciclos de vida adulta, com uma enorme variabilidade de práticas relativas ao casamento, à fecundidade e à organização da vida familiar e das relações de intimidade em geral. No quadro 1.2, esta análise é ainda complementada com indicadores sobre as estruturas familiares, tendo em vista observar as evoluções registadas na organização da vida pessoal e familiar durante a última década do século XX. Neste panorama geral incluem-se, também, indicadores sobre o crescimento da mono-residência e a sua importância relativa, quer no conjunto da população residente quer das unidades domésticas – estruturas básicas de referenciação dos contextos de vida quotidiana, de estruturação dos laços afectivos e instrumentais, e lugares centrais de partilha de recursos e estilos de vida (Almeida, 1981:246-251; Almeida, 1999: 97-99; Costa, 1999: 236).

Na leitura cruzada das tendências evidenciadas nestes dados, perspectiva-se um olhar que procura compreender e interpretar os efeitos das várias evoluções nas configurações do *viver só* nas sociedades europeias actuais. Nomeadamente, através do estabelecimento de relações de causalidade entre a sobre-representação de pessoas sós com 55 e mais anos, especialmente no segmento feminino da população, e as dinâmicas de envelhecimento e diminuição das unidades familiares, de sobremortalidade dos homens e maior viuvez das mulheres, concomitantes com as alterações profundas nas formas familiares (Bourdelais, 1993; Hays e George, 2002; Mauritti, 2004; Mutchler e Burr, 2003; Velcoff, 2001). Uma segunda dimensão destes desenvolvimentos analíticos, põe ainda em relevo as relações entre o prolongamento, variabilidade e incertezas que atravessam as transições iniciais, simultaneamente, no plano conjugal, parental e profissional e o crescimento, em muitos países, de uma etapa mais ou menos transitória, de experimentação de formas de alojamento em residência unipessoal (Chandler e

apresenta-se actualmente, claramente, como o continente mais envelhecido do mundo. A distância face ao continente africano é abismal, considerando o peso aí detido quer por crianças e jovens (42%), quer por pessoas com mais de 64 anos (3%). Comparando com a América do Norte (a região que em termos de padrão de desenvolvimento lhe está mais próxima), a incidência relativa do envelhecimento mantém-se ainda relevante, quer na base (o segmento até 15 anos representa aí 20% do total) quer no topo (12% de pessoas com mais de 65 anos). Fonte: *Population Reference Bureau*, em http://www.prb.org/ (Agosto, 2006).

outros, 2004; Guerreiro e Abrantes, 2004; Heath e Cleaver, 2003). Um terceiro vector de análise, procura estabelecer as conexões entre os protagonismos femininos pela qualificação e o trabalho, as alterações nas relações de género, a diversificação dos modos de organização da vida privada e o incremento do *viver só*, como um protagonismo de trajectórias de autonomia e de estilos de vida alternativos (Beck e Beck-Gernsheim, 2003; Doblas, 2005; Furedi, 2002; Gonçalves, 2007; Kaufmann, 2000; Levin, e Trost, 1999, Nyström, 2003).

Na observação do quadro 1.1, mais uma vez, é notável que todos os países aí referenciados estão integrados em processos de mudança estrutural que vão globalmente num sentido de desregulamentação e diversificação das atitudes e das práticas em relação à conjugalidade e parentalidade. Isto, não obstante a velocidade e intensidade dos mesmos varie de forma substancial. A par de um aumento da esperança média de vida – no total da UE 25, de 76 anos para os homens e 82 anos no caso das mulheres –, verificamos que, regra geral, os homens e mulheres casam menos e cada vez mais tarde, assim como também se divorciam com maior facilidade; têm além disso menos filhos e estes nascem com maior frequência fora do âmbito do casamento. Assim, e no que respeita à estrutura conjugal da população, em convergência com os indicadores assinalados, observa-se um incremento global no peso relativo de solteiros e divorciados, assim como uma descida dos casados.[17] Quanto aos viúvos, e apesar do envelhecimento crescente, a atenuação das distâncias na esperança média de vida entre homens e mulheres, registada na generalidade dos países em análise – excepto na Grécia –, assim como o incremento dos divórcios e das recomposições familiares, contribuem para que no período em referência o seu peso diminua.[18]

[17] De notar que este indicador não descreve a situação familiar dos indivíduos. Tal como *viver só* não corresponde necessariamente a uma trajectória de risco ou a um contexto de desinserção social, também as diversas "situações conjugais" apenas parcialmente reflectem as dinâmicas na organização da vida pessoal e familiar aqui em destaque. Ser "solteiro", por exemplo, pode implicar tanto pessoas que permanecem ainda em casa de familiares ou que já transitaram para uma nova *residência a só*, e que nunca viveram uma relação de conjugalidade, como pessoas integradas em uniões livres, hetero ou homossexuais, em regime de coabitação, ou não, com ou sem filhos, etc.

[18] Mesmo considerando a possibilidade de uma descida no peso deste segmento, é provável que exista alguma sub-representação, designadamente tendo em conta que em 2005 a fonte dos dados relativos à situação conjugal é o inquérito ao emprego, o qual incide apenas sobre pessoas em agregados domésticos

Desta forma, na observação da evolução dos colectivos populacionais, para além de uma relativa estabilização do crescimento total da população, destaca-se o aprofundamento das tendências de envelhecimento na base e no topo; ou seja, a diminuição do peso de crianças e jovens até 15 anos e o aumento concomitante da proporção de pessoas com 65 e mais anos. No início da década de 1980, todos os países, sem excepção, apresentam um maior peso do primeiro destes segmentos etários; vinte e cinco anos passados, na generalidade dos estados membros o peso dos mais novos atenua-se – apenas não acontece no Luxemburgo – ou mesmo inverte-se no confronto com os mais idosos, verificando-se um forte incremento no índice de dependência dos idosos.[19] Estas evoluções são particularmente relevantes em Espanha, Portugal, Itália e Grécia – e em parte também na Irlanda, país que embora se aproxime destes nas tendências de descida na base da estrutura etária, mantém alguma estabilização no peso de pessoas com 65 e mais anos, e sobretudo beneficia ainda de um aumento expressivo do segmento da população com 15 a 64 anos.

Neste conjunto de países, com entrada relativamente mais tardia nos processos sociodemográficos de envelhecimento populacional que, como se assinalou antes, atravessam com particular incidência toda a Europa, se os ganhos, para ambos os sexos, respeitantes a um aumento da esperança de vida se situam nos patamares médios europeus, onde aliás já se localizavam no inicio do período aqui considerado, é contudo mais acentuado o declínio da natalidade e nupcialidade, assim como é mais intensa a evolução relativa ao incremento de divórcios (particularmente em Itália e Portugal países em que a sua incidência chega a triplicar). Isto apesar de no final do período aqui em referência (2005) estes países manterem ainda alguma distância face, designadamente, aos da Europa setentrional, onde o apogeu destas mudanças, quer em termos de práticas quer em termos da sua aceitação social e enquadramento político e de providência, teve lugar uma a duas décadas antes (Hantrais, Philipov e Billari, 2006;

(deixando de fora, portanto, indivíduos que residem em instituições), além disso em países como Reino Unido e Alemanha a inclusão na amostra de pessoas com 65 a 74 anos (escalão que concentra a maior proporção de viuvez) tende a ser deficitária.

[19] Rácio pessoas com 65 e mais anos sobre a população com 15 a 64 anos.

Martin e Kats, 2003; Roussel, 1992; Torres, Mendes e Lapa, 2006). E daí que Dinamarca, Suécia e Finlândia logo no começo dos anos 1980 apresentem já uma incidência dos vários fenómenos equivalente à que se observa actualmente na Europa central e um pouco acima do que se regista hoje a sul, assim como o facto de muito embora no período considerado manterem ainda uma tendência de crescimento, este ser em termos relativos menos intenso do que o observado nos restantes contextos. Nestes países escandinavos, cruzam-se certamente com estes processos de mudança das estruturas sociodemográficas e familiares, relativamente antecipados no quadro europeu, as observações, que adiante se procurarão caracterizar, quanto às configurações mais plurais e alargadas nos protagonismos do *viver só*, desde logo em termos de dimensão e diferenciação.

No que respeita à evolução da fertilidade total, na viragem para a década de 80, Irlanda (com uma taxa média de 3,2 filhos por mulher), Espanha, Grécia e Portugal (2,2) são no quadro europeu em análise, os únicos que se situam acima do limiar de substituição natural da população (2,1). Passados 25 anos, estes países estão no grupo que menos contribui para um acréscimo da natalidade (com taxas de fecundidade que variam no caso dos países do sul entre 1,3 e 1,4 filhos por mulher); enquanto, nesse mesmo período, outros contextos, em boa parte como reflexo de medidas específicas de apoio à conciliação entre trabalho e vida familiar (Hantrais, Philipov e Billari, 2006) registam uma estabilização – na Bélgica, França e Holanda – ou mesmo ligeira inversão de tendência – caso da Dinamarca, Finlândia, Luxemburgo e Suécia.

Na linha de uma crescente informalização das relações, outra alteração nas práticas respeitantes à fecundidade diz respeito ao incremento generalizado, por vezes extremamente acentuado, dos nascimentos fora do casamento – para o total de países da UE 15, representam, em 2005, sensivelmente 1/3 dos novos nascimentos; quando no início dos anos 1980 não chegava a 1/10. A evolução destes fenómenos, bastante acentuada pelo crescimento de uniões livres em coabitação conjugal, ou não – algumas das quais integrando, pois, as estatísticas sobre a mono-residência –, reforça assim,

Quadro 1.1 Recomposições das estruturas sociodemográficas na Europa, 1980 e 2005 (em percentagem)

Países	2005a															
	População (milhares) =100%	Idades (%)		Esperança de vida à nascença		Situação familiar (%)				Taxa de fertilidade 15-49 anos	Nascidos fora do casamento (%)	Idade média no primeiro casamento		Casa-mentos (‰)	Divór-cios (‰)
		0-14 anos	≥ 65 anos			Soltei-ros	Casa-dos	Divor-ciados	Viúvos						
				H	M					M	HM	H	M	HM	HM
Alemanha	82501	14,5	18,6	75,7	81,4	29,2	55,7	6,9	8,2	1,3	29,2	30,6	28,1	4,7	2,7
Áustria	8207	16,1	16,0	76,4	82,1	31,3	52,1	8,2	8,4	1,4	36,5	29,9	27,7	4,8	2,4
Bélgica	10446	17,2	17,2	75,9	81,7	31,8	54,1	8,1	6,0	1,7	26,9	29,3	27,1	4,1	2,9
Dinamarca	5411	18,8	15,0	75,2	79,9	33,4	51,6	7,6	7,4	1,8	45,7	30,6	30,1	6,7	2,8
Espanha	43038	14,5	16,8	77,2	83,8	32,3	56,7	3,6	7,4	1,3	26,8	29,8	27,8	4,8	1,1
Finlândia	5237	17,5	15,9	75,3	82,3	35,7	47,6	10,3	6,5	1,8	40,4	30,4	28,5	5,6	2,6
França	62371	18,7	16,2	76,7	83,8	34,7	51,4	6,7	7,2	1,9	48,4	30,2	28,1	4,4	2,2
Grécia	11083	14,4	18,1	76,6	81,4	27,7	61,0	2,6	8,7	1,3	5,1	30,4	26,6	5,5	1,1
Holanda	16306	18,5	14,0	76,4	81,1	33,4	53,0	7,3	6,3	1,7	34,8	30,8	28,4	4,5	2,0
Irlanda	4109	20,7	11,2	75,4	80,5	41,6	49,1	3,5	5,8	1,9	32,0	30,0	28,2	5,0	0,8
Itália	58462	14,1	19,5	76,8	82,5	29,4	56,4	3,8	10,4	1,3	17,3	30,4	27,4	4,3	0,8
Luxemburgo	455	18,7	14,3	75,1	81,6	30,7	56,7	6,0	6,6	1,7	27,2	30,2	27,9	4,4	2,3
Portugal	10529	15,6	17,0	74,0	80,6	25,5	63,9	3,2	7,5	1,4	30,7	28,0	28,1	4,6	2,2
Reino Unido	59034	18,3	14,4	76,2	80,7	31,4	51,3	10,0	7,3	1,8	42,8	29,3	27,2	5,2	2,6
Suécia	9011	17,6	17,2	78,4	82,7	39,2	43,1	11,0	6,7	1,8	55,4	32,9	30,5	4,9	2,2
UE 15	443333	16,6	16,9	76,8	82,8	31,4	54,3	6,4	7,9	1,5	31,5	30,5	28,2	4,6	1,9
UE 25	456890	16,4	16,5	75,8	81,9	30,9	54,7	6,2	8,2	1,5	33,0	30,0	27,7	4,8	2,0
Países	1980c														
	População (milhares) =100%	0-14 anos	> 65 anos	Esperança de vida à nascença		Situação conjugal (%)				Taxa de fertilidade 15-49 anos	Nascidos fora do casamento	Idade média no primeiro casamento		Casa-mentos (‰)	Divór-cios (‰)
						Soltei-ros	Casa-dos	Divor-ciados	Viúvos						
				H	M					M	HM	H	M	HM	HM
Alemanha	78397	18,2	15,5	69,6	76,1	26,8	60,8	3,1	9,2	1,6	11,9	26,1	22,9	6,3	1,8
Áustria	7553	20,2	15,3	69,0	76,1	27,6	57,0	4,5	11,0	1,7	17,8	25,9	23,2	6,2	1,8
Bélgica	9863	19,9	14,2	70,0	76,8	23,4	64,5	2,6	9,5	1,7	4,1	24,7	22,2	6,7	1,5
Dinamarca	5124	20,6	14,5	71,2	77,3	30,3	55,2	6,8	7,7	1,6	33,2	27,5	24,6	5,2	2,7
Espanha	37636	25,7	11,2	72,5	78,6	27,5	63,5	0,5	8,9	2,2	3,9	25,8	23,4	5,9	--
Finlândia	4788	20,2	12,1	69,2	77,6	31,4	55,1	5,3	8,4	1,6	13,1	26,5	24,3	6,1	2,0
França	54029	22,3	13,8	70,2	78,4	26,0	61,9	3,2	9,3	2,0	11,4	25,2	23,0	6,2	1,5
Grécia	9701	22,5	13,2	72,2	76,8	23,4	67,5	1,1	8,0	2,2	1,5	27,1	23,3	6,5	0,7
Holanda	14209	22,1	11,6	72,4	79,2	28,0	62,0	3,1	6,9	1,6	4,1	25,4	23,2	6,4	1,8
Irlanda	3433	30,3	10,7	70,1	75,6	38,8	53,7	0,0	7,5	3,2	5,0	26,1	24,6	6,4	--
Itália	56479	22,0	13,2	70,6	77,4	26,6	63,9	0,9	8,6	1,6	4,3	27,2	23,8	5,7	0,2
Luxemburgo	365	18,6	13,6	69,1	75,9	25,7	60,8	4,0	9,5	1,5	6,0	25,9	23,0	5,9	1,6
Portugal	9819	25,5	11,4	67,7	75,2	25,0	66,2	0,6	8,2	2,2	9,2	25,1	23,2	7,4	0,6
Reino Unido	56344	20,8	15,0	70,2	76,2	25,5	61,8	3,5	9,2	1,9	11,5	25,2	23,0	7,4	2,8
Suécia	8318	19,4	16,4	72,8	78,8	32,5	52,1	7,2	8,2	1,7	39,7	28,6	26,0	4,5	2,4
UE 15	356058	21,4	13,9	70,6	77,3	--	--	--	--	1,8	8,1	25,9	23,2	6,2	1,1

Notas: a) População total e estrutura etária da população: UE 25 2004. Estrutura conjugal da população com 15 a 74 anos em percentagem do total de pessoas neste escalão etário; Esperança de vida à nascença: estimativas e dados provisórios para Bélgica e Irlanda; Dinamarca valores médios relativos ao período 2004-2005; Alemanha período 2003-2005. Crianças nascidas fora do casamento Bélgica, Espanha UE 25 e UE 15 dados provisórios. B) Alemanha Ocidental; França Metropolitana; Estrutura etária da população Alemanha, Dinamarca e Itália, 1980=1983.

Fontes Eurostat, Estatísticas Demográficas e Inquérito ao Emprego, 2º quadrimestre (versão actualizada em Outubro de 2006), excepto Estrutura etária da população para Reino Unido 2005, UK Office for National Statistics e todos os países, indicador sobre Idade média no 1º casamento: EUSI, European System of Social Indicators, 2006 (Outubro de 2006). Para 1980, Statistics Netherlands/European Union, http://www.cbs.nl/NR/exeres/C91D0650-F86C-4667-812E-81384A746D04 (Julho, 2006); EUSI, European System of Social Indicators; Eurostat, Inquérito ao Emprego e OCDE Health at a Glance 2005.

claramente, tendências comuns, relativas a uma mudança global dos comportamentos Isto não obstante na análise inter-países serem evidentes as fortes disparidades, traduzindo o peso de estruturas sociais e culturais de oportunidades e constrangimentos, entre si bastante diferenciadas – note-se, por exemplo, as diferenças no peso de nascimentos fora do casamento na Grécia e Itália (com 5% e 17%) face a todos os restantes – em particular Suécia, França e Dinamarca, países onde a incidência do fenómeno anda perto dos 50% ou mesmo ultrapassa esse patamar; assim como a variação nas taxas de divórcio, que a Sul, apesar do forte incremento do fenómeno em alguns destes países, são tendencialmente mais baixas do que nos restantes. Estes dados convergem pois, uma vez mais, com as dinâmicas relativas à evolução do *viver só*, o qual precisamente nos países a Sul da Europa e na Irlanda assume ainda presentemente uma grandeza relativamente mais diminuta, muito embora em franco crescimento (ver figura 3.1).

Para uma compreensão mais alargada destas variações, por vezes muito expressivas, para além dos aspectos sociodemográficos aqui em destaque, muitos outros factores de diversos níveis e amplitudes – alguns dos quais enunciados genericamente na reflexão inicial sobre as mudanças sociais à escala global – devem igualmente ser considerados: ligados com características institucionais decorrentes, desde logo, do modelo de estado providência que enquadra cada contexto; com condições económicas e com configurações socioprofissionais e socioculturais que marcam os contextos de vida dos indivíduos nos vários países; ou ainda com normativas e orientações culturais relativas ao que deve ou pode ser um comportamento socialmente adequado

Constituem, entre outros, factores ditos de "constrangimento e oportunidade estrutural", os efeitos de alterações legislativas aliados à maior ou menor separação entre o direito secular e a tradição religiosa. Nomeadamente, nas matérias respeitantes à legalização e facilitação do divórcio por consentimento mútuo, implementadas de forma alargada em todos os países (embora em temporalidades muito distintas); na execução

de medidas de apoio à conciliação entre trabalho e vida familiar;[20] no reconhecimento e enquadramento legal da parentalidade fora do casamento; na equiparação de uniões conjugais não institucionais (pelo menos em termos laborais e patrimoniais), na maioria dos países em análise, inclusive entre indivíduos do mesmo sexo, etc. Práticas sociais muito heterogéneas – ligadas, simultaneamente, com mudanças nas relações entre os sexos e no questionamento do género, com a evolução dos mecanismos de controlo da reprodução humana, com alterações nas relações conjugais e no enquadramento do casamento enquanto instituição ou ainda nas concepções de tutela e responsabilidade das e para com as crianças, entre muitas outras – tendem assim a adquirir um reconhecimento legal. Contudo, a extensão das mudanças evidenciadas nos dados em referência não seria porventura tão profunda se, simultaneamente, não tivesse também ocorrido uma viragem global nas orientações valorativas e dos estilos de vida (Almeida, Machado e Costa, 2006; Beck e Beck-Gernsheim, 2003; Giddens, 1996, 1997; Martins, Mauritti e Costa, 2007b) de que o crescimento do *viver só* constitui também uma expressão.

Entre outros, destaque-se, uma vez mais, os efeitos de uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho (Hantrais, Philipov e Billari, 2006; Martin e Kats, 2003; Steiber, 2006; Torres, Mendes e Lapa, 2006),[21] potencializada por acréscimos, num ou outro caso muito expressivos, na escolarização (Martins, 2005) e contribuindo

[20] Em matéria fiscal, a generalidades dos países tendem a estabelecer uma diferenciação positiva na base de tributação em função da situação familiar e/ou do número de crianças dependentes. (OCDE, 2005b: 34-36). Nesta matéria as únicas excepções são a Finlândia e Suécia, países onde os mecanismos de apoio à família passam assim por outras vias, não ligadas a benefícios fiscais específicos, entre os quais se destaca a oferta diversificada de instituições de guarda de crianças e de apoio e acolhimento dos idosos (veja-se a este propósito Almeida e outros, 1998; São José, Wall e Correia, 2002; Torres e Silva, 1998; Wall, 2001; Wall, São José e Correia, 2002).

[21] No total de países da União Europeia, em 2005, o peso de mulheres empregadas em percentagem do total de mulheres com 15 a 64 anos situa-se nos 56% (58% no total da UE 15); no subconjunto de países que compunham o anterior espaço da UE 15, apenas na Itália e na Grécia essa proporção está abaixo dos 50%, sendo que numa larga maioria – Portugal incluído – o patamar de emprego feminino envolve perto de 2/3 das mulheres. Considerando o mesmo indicador em meados da década de 1980, neste mesmo contexto comunitário, apenas a Dinamarca, Finlândia e Suécia apresentavam uma incidência de trabalho feminino próxima dos patamares actuais (no caso da Finlândia e Suécia essa proporção era mesmo superior). Espanha, com entrada mais tardia neste processo específico de transformação estrutural, subjacente à inserção maciça das mulheres na actividade económica, foi, mais uma vez, neste período, o país que registou uma alteração mais significativa neste indicador, apresentando uma taxa de crescimento próxima de 100% (c.f. figuras A1.1 e A1.2).

para uma intensificação dos processos globais de recomposição das estruturas sociais (Almeida e outros, 2000; Almeida, Costa e Machado, 1994; Almeida, Machado e Costa, 2006; Costa e outros, 2000; Machado e Costa, 1998; Mauritti, Martins e Costa, 2004), convergentes com dinâmicas profundas de melhoria das condições de vida de vastos segmentos das populações ou, ainda, com os movimentos globais, antes assinalados, de urbanização.[22] Estes vários fenómenos concorreram, significativamente, para a criação de novas condições de autonomia financeira e de mobilidade socioprofissional, libertando também o próprio homem da obrigação (de facto e normativa) subjacente ao papel tradicional de ganha-pão da família (Andersson, 2006; Beck e Beck-Gernsheim, 2003; Giddens, 1996). Ao mesmo tempo que favoreceram a erosão de formas de organização da conjugalidade e da vida familiar e doméstica fundadas na partilha de um espaço residencial comum (ver quadro 1.2).

Assim, com algumas variações decorrentes, simultaneamente, de especificidades socioculturais e orientações políticas de cada contexto relacional e geográfico e dos atributos/recursos individuais que cada um tem ao seu dispor, é hoje mais acessível aos indivíduos de ambos os sexos um reequacionamento independente dos projectos de vida pessoal e familiar. Como sugere Maria das Dores Guerreiro numa análise referenciada fundamentalmente à evolução do *viver só* em Portugal, na última década do século XX:

> Libertos de obrigações e solidariedades para com a família, os indivíduos fazem escolhas menos condicionadas, optam por outros estilos de vida, por novos modos de viver os afectos, os quais se reflectem, nomeadamente, nas formas de residência. Viver só ou com outras pessoas que não façam parte dos respectivos laços de parentesco torna-se (…) uma modalidade típica decorrente da modernidade, de uma sociedade em que predominam as leis do mercado e os imperativos de mobilidade profissional. A importância atribuída à carreira, a prioridade que a profissão representa, contribuem para pôr de lado o assumir de responsabilidades conjugais e parentais. (Guerreiro, 2003: 31).

[22] C.f quadros e figuras em anexo, incluindo diversos indicadores sobre a evolução e os padrões actuais do trabalho feminino (figuras A1.1 e A1.2), segundo escalões etários e níveis de escolaridade (quadro A1.2), situação conjugal (figura A1.4), vinculo laboral e tempo de trabalho (quadro A1.3) e de forma mais ampla, sobre os processos de recomposição das estruturas socioprofissionais (quadro A1.1 e figura 1.1).

Quadro 1.2 Dinâmicas na organização da vida pessoal e familiar: pessoas e agregados domésticos na Europa, 1991 e 2001 (em percentagem)

		Alemanha	Áustria	Bélgica	Dinamarca	Espanha	Finlândia	França	Grécia	Holanda	Irlanda	Itália	Luxem-burgo	Portugal	Reino Unido	Suécia	UE 15
2001	Número de agregados domésticos (Milhares)	37707	3340	4294	2709	14187	2295	23808	3664	6866	1288	21811	172	3651	24479	4576	195751
	Pessoas em agregados domésticos (Milhares)	81465	7944	10152	5278	40596	5081	57220	10266	15767	3791	56594	432	10256	57742	8694	449528
	. pessoas em mono-residência	16,6	14,1	13,5	22,3	7,1	16,9	12,9	7,0	14,6	7,3	9,6	11,7	6,2	12,8	24,5	12,4
	. pessoas em agregados de 5 e mais pessoas	10,8	17,9	16,5	13,0	23,0	16,2	18,1	21,0	15,3	33,5	15,4	19,4	18,7	16,0	--	16,2
	Dimensão média dos agregados domésticos	2,2	2,4	2,4	2,2	2,9	2,2	2,4	2,8	2,3	2,9	2,6	2,5	2,8	2,4	2,1	2,3
	Principais tipos de agregados domésticos																
	Agregados domésticos sem núcleo familiar	36,9	35,7	37,5	40,3	24,3	39,8	33,0	23,6	34,3	28,7	27,4	31,1	19,5	33,2	--	32,3
	. Com uma pessoa	35,8	33,5	32,4	48,4	20,3	37,3	31,0	19,7	33,6	21,6	24,9	29,3	15,5	30,2	46,5	29,9
	. Várias pessoas sem estrutura conjugal	1,0	2,2	5,1	3,4	4,0	2,5	2,0	3,9	0,7	7,1	2,5	1,8	4,0	3,0	--	2,3
	Agregados domésticos de famílias simples	61,3	62,6	61,6	56,0	72,8	57,4	66,3	73,6	65,7	70,9	71,2	68,0	77,7	63,2	51,6	65,8
	Monoparentais	5,9	9,7	12,4	5,1	9,9	7,6	8,0	8,7	5,8	11,7	8,9	8,4	8,6	9,8	5,7	8,1
	Pai com filhos	0,9	1,4	3,2	0,8	1,9	1,1	1,2	1,4	0,9	1,8	1,6	1,9	1,1	1,3	--	1,3
	Mãe com filhos	5,0	8,3	9,1	4,4	8,0	6,4	6,8	7,3	4,9	9,9	7,3	6,5	7,4	8,5	--	6,8
	Casais sem filhos	28,9	21,8	21,7	27,8	19,5	24,4	25,8	22,7	29,5	17,7	20,8	22,9	23,6	26,2	28,1	25,1
	Casais com filhos	26,5	31,1	27,7	23,0	43,4	25,4	32,6	42,2	30,4	41,4	41,5	36,7	45,6	27,2	24,4	32,6
	Agregados domésticos múltiplos	1,9	1,7	0,8	3,8	2,9	2,8	0,6	2,8	--	0,4	1,4	0,9	3,1	3,6	--	1,9
1991	Número de agregados domésticos (Milhares)	35246	3013	3951	2274	11852	2037	21542	3204	6159	1029	19909	145	3146	22422	3830	139077
	Pessoas em agregados domésticos (Milhares)	80120	7660	9851	5062	38618	4927	55397	9531	14797	3433	56322	378	9804	55606	8181	359689
	Pessoas em mono-residência	14,8	11,7	11,4	15,4	4,1	13,1	10,6	5,5	12,5	6,0	7,3	9,7	4,4	10,8	18,5	10,4
	Pessoas em agregados de 5 e mais pessoas	11,8	21,7	17,8	11,4	33,8	17,5	21,0	24,3	15,6	46,0	21,5	19,3	27,7	17,2	12,9	19,7
	Dimensão média dos agregados domésticos	2,3	2,5	2,5	2,2	3,3	2,4	2,6	3,0	2,4	3,3	2,8	2,6	3,1	2,5	2,1	2,6
	Principais tipos de agregados domésticos																
	Agregados domésticos sem núcleo familiar	37,7	32,3	31,5	38,1	13,7	38,0	29,2	21,1	37,7	27,1	23,7	30,9	16,6	30,0	44,8	30,1
	. Com uma pessoa	33,6	29,7	28,4	34,4	13,3	31,7	27,1	16,2	29,9	20,2	20,6	25,5	13,8	26,7	39,6	26,7
	. Várias pessoas sem estrutura conjugal	4,0	2,7	3,0	3,8	0,4	6,2	2,1	4,9	7,7	6,9	3,1	5,5	2,8	3,3	5,2	3,3
	Agregados domésticos de famílias simples	60,1	65,2	67,7	58,7	80,5	60,9	70,2	78,9	62,3	72,3	74,6	67,5	79,4	69,1	55,2	68,1
	Monoparentais	6,3	8,1	9,2	5,8	8,1	4,1	7,2	6,0	6,3	10,6	8,5	7,9	6,8	9,0	3,1	7,4
	Pai com filhos	1,2	1,2	1,8	0,9	1,4	0,5	1,0	1,2	1,5	1,8	2,0	1,6	0,9	1,2	0,4	1,3
	Mãe com filhos	5,1	6,8	7,3	4,9	6,7	3,6	6,1	4,8	4,8	8,8	6,5	6,4	5,9	7,7	2,7	6,1
	Casais sem filhos	23,3	21,9	22,9	26,6	18,9	30,6	24,9	23,8	22,5	13,7	19,4	21,2	22,7	27,2	32,2	23,5
	Casais com filhos	30,5	35,3	35,7	26,3	53,5	26,2	38,1	49,1	33,5	47,9	46,7	38,4	49,9	32,9	19,9	37,3
	Agregados domésticos múltiplos	2,2	2,5	0,8	3,2	--	1,2	0,6	--	--	0,7	1,7	1,5	3,9	0,9	--	1,3

Nota: Alemanha e Suécia número de agregados e número de pessoas em agregados domésticos valores estimados, ponderados por referência aos dados sobre a população total, peso de pessoas em agregados domésticos e dimensão média dos agregados. UE 15 dados estimados por referência aos países com informação nos vários indicadores. Nos dois anos aqui considerados os dados relativos aos agregados familiares não distinguem as famílias com um núcleo e outras pessoas, classificando-as com base no número de núcleos principais, desta forma, embora para 1991 e em alguns países também 2001 tivéssemos a possibilidade de distinguir as famílias alargadas, optámos por não o fazer por uma questão de comparabilidade, para garantir que o critério seria o mesmo que nos restantes países. Percentagens ora no total de pessoas em unidades domésticas, ora no total de agregados, consoante a unidade de referenciação são os indivíduos ou as unidades domésticas.

Fonte: Eurostat, Censos 1991 e 2001 (Dados revistos em Agosto de 2004); Alemanha no último ano microcensos. Suécia 2000, Sweden's Statistical Databases, Income Distribuition Survey (Out. 2006). Bélgica dados sobre principais tipos de agregados domésticos, 2001=2003, Registo nacional (situação a 1 de Janeiro), cálculos Direction générale Statistique et Information économique.

A leitura cruzada dos quadros 1.1 e 1.2, permite-nos observar os efeitos quer da parentalidade, quer do tempo e frequência do casamento e do divórcio na transformação das famílias e das unidades domésticas, contextos de referenciação que estão na base de uma maior diversidade e fluidez das relações na intimidade.[23] No que respeita ao objecto central da presente pesquisa sobre o *viver só*, permite-nos ainda enquadrar as dinâmicas observadas no crescimento deste fenómeno, nos protagonismos dos processos de mudança institucional, relacional e cultural, observáveis nos vários países europeus.

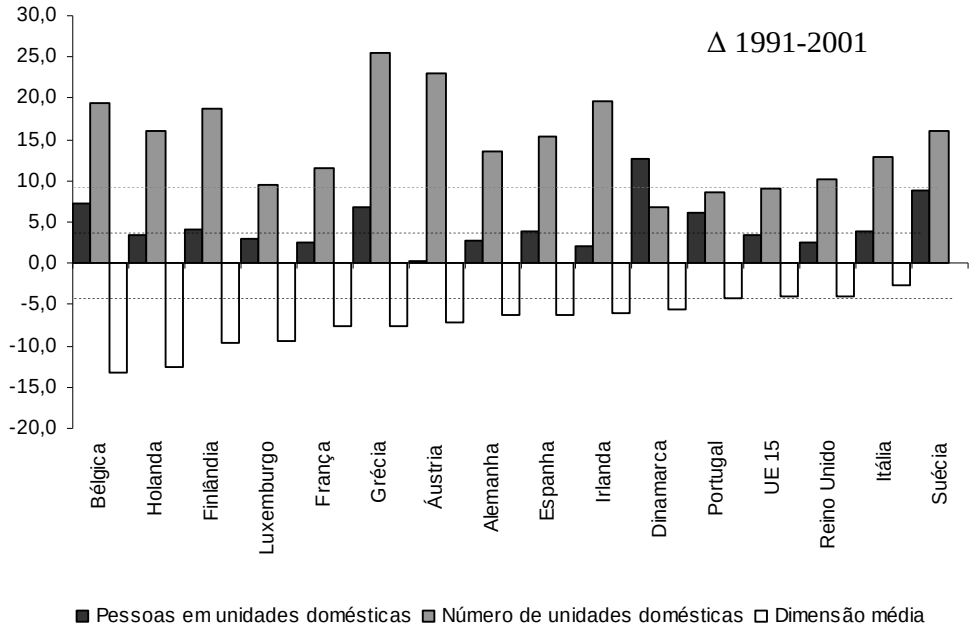
De acordo com o quadro 1.1, no período entre 1980 e 2005, em todos os países referenciados nesta análise, um dos principais ritos de transição para a vida adulta, designadamente aquele que consagra a formação de um novo casal, tem lugar, em termos médios, para ambos os sexos, três a cinco anos mais tarde. No espaço da União que viria a compor o quadro de países referenciados preferencialmente nesta análise, se em 1980 se casava por volta dos 26 anos, no caso dos homens ou 23 anos, no caso das mulheres, 20 anos passados, as idades médias passam a ser 31 anos e 28 anos, respectivamente; estando abaixo deste patamar, no segmento masculino apenas os homens portugueses (28 anos), no feminino, as gregas, belgas e inglesas (27 anos).

Estas tendências reflectem práticas sociais e orientações valorativas que se consubstanciam, nomeadamente, numa maior procura, por parte dos indivíduos de ambos sexos, da valorização de potencialidades pessoais, seja através da aquisição de formação especializada de nível superior seja, após o termo desta escolarização, pela prioridade dada aos desempenhos socioprofissionais, concomitante ainda com a necessidade de fazerem face a uma crescente flexibilização, precariedade e

[23] As estruturas de unidades domésticas apresentada no quadro 1.2 inspira-se nas propostas de Laslett e Wall, 1972 (cit. em Aboim, 2003 e 2005c; Vasconcelos, 2003) de acordo com as quais os agregados (ou as pessoas, no caso da residência unipessoal) são definidos tendo em conta quer o tipo de laço que existe entre os vários membros em co-residência, quer o tipo e o número de núcleos familiares que o constituem. Nesta classificação as "unidades domésticas não familiares" incluem quer os alojamentos de uma só pessoa – relativos tanto a indivíduos em mono-residência, como indivíduos que partilham um mesmo alojamento de forma autónoma, sem laços entre si –, quer os agregados de várias pessoas sem estrutura conjugal – os quais designam um grupo com duas ou mais pessoas que partilham um mesmo alojamento, estabelecendo entre si relações variadas seja de trabalho, rendimentos, consumos etc.

reversibilidade das inserções laborais (ver entre outros, Bertolini, Gonzalez e Naldini, 2006; Galland, 2000; Gauchet, 2004; Golsh, 2002; Goodwin e O'Connor, 2005; Guerreiro e Abrantes, 2005; Guerreiro e Abrantes, 2004; Heath e Cleaver, 2003; Lewis e outros, 1999; Pais, 1996, 1998, 2000, 2001, 2003).

Dando conta, uma vez mais, do forte protagonismo feminino na implementação das mudanças em curso, nas mulheres o avanço na idade do casamento é, regra geral, mais intenso do que nos homens, muito embora no final do período elas tenham ainda tendência a aderir ao primeiro casamento dois a três anos antes do que eles – Dinamarca e Portugal, são neste caso as excepções, uma vez que não registam variações na idade média de celebração do 1.º casamento, segundo o sexo (Beck 2003; Blossfeld, 1995; Martin e Kats, 2003; Torres, Mendes e Lapa, 2006).



Nota: Tracejado = variação média registada na UE 15.

Fonte: ver fontes do quadro 1.2.

Figura 1.2 Pessoas e agregados domésticos nos países da UE 15 entre 1991-2001 (taxas de variação em percentagem)

As transformações das estruturas formais de coabitação doméstica, promovidas nos vários processos aqui em destaque, implicaram uma diminuição da dimensão média das unidades domésticas, assim como a multiplicação das composições familiares e formas de organização da vida pessoal, cuja pluralidade só parcialmente pode ser identificada nestes dados: mono-residência de pessoas que não têm qualquer relação conjugal actual, nem nunca tiveram, de pessoas casadas que por razões de mobilidade profissional ou outras não partilham a casa com o cônjuge ou parceiro, ou ainda de pessoas separadas/divorciadas ou viúvas que vivem presentemente sozinhas numa casa; famílias monoparentais originadas pela rotura de uma relação conjugal anterior ou num protagonismo de "mães solteiras independentes" (Wall, São José e Correia, 2002: 642); pais separados/divorciados que partilham a custódia dos filhos, ficando na fronteira entre as duas primeiras formas de organização da vida doméstica ou já inseridos numa nova conjugalidade, que pode também envolver crianças da nova ligação; uniões livres em regime de coabitação ou não, etc.[24] Estas várias formas estão ainda associadas à instabilidade e variabilidade crescentes dos laços e contextos de partilha em co-residência, ou não, de bens materiais, afectividades, confiança, reconhecimento mútuo etc.

[24] No quadro e figura 1.2 na distribuição das unidades domésticas, ao contrário do que acontece na desagregação por agregados familiares, os dados disponíveis para a generalidade dos países não distinguem nos vários segmentos considerados as situações de alojamento com outras pessoas, promovendo assim uma sobre-representação quer dos alojamentos com uma só pessoa, quer dos restantes segmentos de famílias simples, decorre ainda daqui uma subavaliação dos agregados domésticos de famílias complexas. Ainda na base de dados dos censos disponível no Eurostat, na classificação reportada especificamente à unidade estatística de "famílias nucleares", o segmento de "famílias alargadas" teria uma representação no conjunto de unidades familiares da ordem dos 7,1%, traduzindo um decréscimo em dois pontos percentuais face à década anterior, o qual é particularmente incidente no conjunto de famílias monoparentais (cf. Hantrais, Philipov e Billari, 2006:36-37).

2 PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS NA ANÁLISE DO *VIVER SÓ*

Não sendo um fenómeno novo, a residência unipessoal tal como hoje se configura, como uma tendência global, transversal à modernidade contemporânea e ainda não estabilizada nas suas dinâmicas intensas e multifacetadas de crescimento, pode ser encarado como um dos mais significativos processos de mudança social e manifestação de novos e diversificados estilos de vida, emergentes ao longo da segunda metade do século XX (Furedi, 2002; Kaufmann, 2000; Penn e Zalesne, 2008). A novidade que encerra nas suas configurações da actualidade constitui-se, em primeiro lugar, no facto de ter deixado de ser uma tendência marginal e com ocorrência predominante nos segmentos mais pobres e em situação de exclusão social. Tal como nos primórdios da industrialização, os seus impactos e incidências são mais pronunciados nos grandes centros urbanos e metropolitanos das sociedades ocidentais,[25] mas alargou-se a indivíduos de diversos sectores etários, cada vez mais, jovens e adultos de ambos os sexos, detentores de elevados recursos socioprofissionais e qualificacionais (Chandler e outros, 2004; Crompton, 1994; Gonçalves, 2007; Guerreiro, 2003; Heath e Cleaver, 2003; Jamieson, 1999; Kaufmann, 2000; Lamourère, 2003). Ou seja, não deixando de incluir importantes fatias de precariedade, ligadas a situações de pobreza, exclusão social e marginalidade social, que os próprios dinamismos presentes na transformação social ajudam a produzir, o fenómeno diversificou-se, assumindo contornos de maior complexidade, nele convergindo, como se procurará demonstrar, tendências, por vezes, de sentido contraditório.

[25] Como se sublinha, numa análise aprofundada de comparação internacional, na parte dois da presente tese – por exemplo, no caso europeu, mais de 50% das unidades domésticas em Estocolmo, Malmö, Göteborg, Copenhaga, Paris, Munique, Bruxelas e Frankfurt contêm apenas uma pessoa. Ainda longe destes dados, mas ainda assim denunciando uma evolução que alinha na tendência de crescimento do fenómeno, está a cidade de Lisboa onde, segundo os mesmos dados, são já mais de 30% as unidades domésticas constituídas por pessoas que moram sozinhas numa unidade de alojamento (Eurostat, Censos 2001, Indicador "CITY_V").

A abordagem dos protagonismos sociais contrastantes de estilos de vida – nas sua características estruturais em termos de posicionamentos sociais, dos recursos, poderes e disposições e das práticas sociais observáveis no quotidiano – (Costa, 1999:206-208), que envolve, na actualidade, o aumento da residência unipessoal nas sociedades modernas, coloca-nos assim, em primeiro lugar, o desafio de procurar grelhas de leitura e análise dos comportamentos sociais e orientações simbólicas dos actores individuais, alguns dos quais poderão situar-se no limiar da mudança social. Num segundo nível, impele-nos ainda para a identificação dos mecanismos culturais e institucionais que no plano societal os enquadram e possibilitam.

Se, como sublinha Jim Ogg (2003), nos finais da década de 1990 eram escassas as referências de estudos sociológicos que tomavam como problemática central a residência unipessoal – donde o trabalho do britânico Jeremy Tunstall, publicado em 1966, constitui uma das excepções –, a relevância social e analítica que o fenómeno assume na actualidade está bem patente na multiplicidade de estudos que sobretudo desde a viragem do milénio, se vêm debruçando sobre o seu crescimento, os processos de mudança social que envolve e os impactos que tem, em termos presentes e futuros, nas relações entre indivíduo e sociedade (Boutin, 2003; Bouwel e Weber, 2002; Cartwright e Hughson, 2005; veja-se entre outros Crompton, 1994; Francese, 2003; Gilmour, Gibson e Campbell, 2003; Gonçalves, 2007; Guerreiro, 2003; Hays e George, 2002; Heath e Cleaver, 2003; Jamieson, 1999; Kaufmann, 2000; Lamourère, 2003; Levin e Trost, 1999; Levin, 2002, 2004; Lewis, 2005; Milan e Peters, 2003; Mutchler e Burr, 2003; Ogg, 2003; Roseneil e Budgeon, 2004; Schurmans, 2003; Smith, Wasoff e Jamieson, 2005; Velcoff, 2001; Victor e outros, 2005).

> Isto a par de outras publicações, tipo manuais ou "guias práticos para a vida", cujas temáticas dominantes, reconhecendo o forte crescimento da mono-residência na actualidade, têm como orientação geral a procura de fórmulas para a aquisição de um controlo prático sobre a vida pessoal. O conjunto desses manuais pode ser organizado em três grandes segmentos. Num primeiro, dirigido sobretudo a mulheres altamente qualificadas e com exercícios profissionais de reconhecimento correspondente, que

> protagonizam o *viver só* num quadro de independência económica, perspectiva-se a diversidade de experiências presentes na mono-residência, no essencial, como a oportunidade de emancipação e reencontro consigo mesma, de viver em pleno a autonomia e liberdade, dentro e fora de casa, e de construção igualitária das relações de intimidade assentes no apoio emocional mútuo, na estima e no respeito equivalentes (entre outros: Anderson, Stewart e Dimidjian, 1995; Bence, 1982; Clements, 1998, 1999; Feldon, 2003; Ford, 2004; Lewis, 2001; Porter, 1999; Stone, 2002). Num segundo bloco, ainda dirigido sobretudo aos protagonismos femininos da residência unipessoal e da monoparentalidade, focalizando a formula "mais vale só que mal acompanhada" – numa espécie de "remar contra a maré", em sociedades ainda dominadas, em termos simbólicos e das práticas sociais, pelo poder no masculino e pela vida em casal, tendencialmente geradoras de desequilíbrios e desigualdades de género –, apontam-se receitas que procuram apoiar uma alteração das atitudes nas relações de género, designadamente na forma como se deve estruturar a intimidade: "sem submissão" ou qualquer tipo de "dependências" emocionais, físicas e/ou financeiras, ou ainda as relações com familiares e com a vida doméstica. Os constrangimentos essenciais que se colocam às mulheres que procuram levar uma vida autónoma, aqui identificados, são sobretudo de natureza económica ou financeira, e decorrem de ambivalências societais globais, pelo que a sua solução, sublinha-se nestas perspectivas, passa por uma co-responsabilização pública, levada a cabo por políticas de discriminação positiva nas esfera do trabalho e na assistência social à família (Amador e Kiersky, 1999; Fraser, 2001; Lewis, 2001; Ornstein, 2000). Uma terceira orientação enfatiza, no substancial, o crescimento da mono-residência de homens e mulheres como mais um sinal de "crise" na família, numa sociedade onde genericamente a ética e moral tradicionais dão lugar à desresponsabilização, ao hedonismo consumista e ao afastamento face aos outros. As análises aqui desenvolvidas fazem pois apelos ou sugestões à *procura de alternativas a uma solidão negativa e tendencialmente "egoísta"*, que, neste olhar, se supõe tais contextos de residência tendem a enfatizar, nomeadamente apontando caminhos facilitadores à criação de novas amizades e/ou sugerindo aos seus protagonistas uma reorientação moral e espiritual, e uma acrescida participação cívica e religiosa (cf. Anderson e Gardner, 1997)

No conjunto destes estudos, uma das principais linhas de análise sobre o crescimento do *viver só*, desenvolve-se em torno da discussão contemporânea sobre a individualização ou *individualisierung*, no sentido do individualismo institucionalizado

(Beck e Beck-Gernsheim, 2003),[26] ou da "modernização reflexiva" de todas as esferas da vida social (Beck, Giddens e Lash, 2000), e da "destradicionalização" dos valores e modos de viver as relações de intimidade na família, na conjugalidade e nas redes de amigos (Bauman, 1994, 1995, 2000, 2001, 2003; Beck 2004; Beck e Beck-Gernsheim, 2003; Crook, Pakulski e Waters, 1992; Giddens, 1996, 1997, 1998; Heath e Cleaver, 2003; Jamieson, 1999; Roseneil e Budgeon, 2004). Nestas reflexões, tal como sugere Jean-Claude Kaufmann (2000:22) "A *vida solitária* [em particular quando protagonizada pela "fracção de classe dos intelectuais", vista como a única capaz de conferir sentido e de articular um novo paradigma da cultura de modernidade][27] torna-se, em muitos casos, a manifestação mais clara (e constitui um indicador fiável) e mais radical do movimento, difuso e multiforme, da centração do indivíduo sobre si mesmo". Isto numa orientação que se enraíza no desejo profundo, generalizado em todas as sociedade ocidentais, de vida independente: onde ter dinheiro significa ter o seu próprio dinheiro, ter espaço significa ter o seu próprio espaço, e mesmo o mais elementar sentido da vida pode ser vivido tendo como centro o próprio indivíduo (Beck e Beck-Gernsheim, 2003:22).

Uma segunda vertente de reflexão sociológica, dominante nas perspectivas de abordagem do fenómeno de residência unipessoal em meados do século passado (Townsend, 1957; Tunstall, 1966), e entretanto com desenvolvimentos próprios, sobretudo na área da psicologia (Baarsen e outros, 2001; Buchholz, 1998; Buchholz e Catton, 1999; Cramer e Neyedley, 1998; Devereaux, 2001; Ditommaso, Brannen e Best, 2004; Gilmour, Gibson e Campbell, 2003; Hays e George, 2002; Johnson, Gallagher e Wolinsky, 2004; Karnick, 2005; Klinenberg, 2001; Minzi e Sacchi, 2004; Mutchler e Burr, 2003; Perren, Arber e Davidson, 2004; Rokach e Brock, 1997; Russell, 1996;

[26] Um conceito utilizado por Talcott Parsons na obra *Religion in Postindustrial Society* (1978: 321), com o qual caracteriza a condição do indivíduo na vida moderna, confrontado, em muitos níveis, com o dever e desafio de gestão da própria vida independente, fora dos limites da família, da tribo, da religião, e da classe social, segundo novas linhas de orientação, estas produzidas pelo estado, pela burocracia, o mercado de trabalho, etc. (Beck e Beck-Gernsheim, 2003:11).

[27] Scott Lash e Brian Wynne nos comentários introdutórios ao livro *Sociedade de Risco*, da autoria de Ulrich Beck (2004:6).

Satariano, Haight e Tager, 2002; Terrell, Terrell e von Drashek, 2000; Velcoff, 2001; Victor e outros, 2005; Wolf, 2001), procura fundamentalmente quantificar e delimitar conceptualmente o eventual aumento da "solidão", do "isolamento social" e/ou das situações de "anomia", em segmentos sociais específicos, sobretudo, delineados segundo critérios etários e/ou de género ou ainda articulando estes com o momento de ciclo de vida, a situação conjugal e as redes sociais em que os indivíduos estão inseridos.[28]

Nesta linha de abordagem as reflexões são frequentemente estruturadas tendo como pano de fundo outros objectos que não a mono-residência, embora esta – ou o tempo que se permanece sozinho numa casa, no caso das crianças e adolescentes, por exemplo – seja tida como uma variável importante para compreender preocupações gerais ligadas à incidência e ao crescimento de sentimentos de solidão e/ou de situações de isolamento relacional, nos segmentos sociais em análise. Nesta linha problemática de reflexão destacam-se ainda propostas recentes que apontam para uma abordagem destes fenómenos a partir de formulações que dêem conta da multiplicidade de experiências que aí podem estar cobertas (Boutin, 2003; Pais, 2006; Schurmans, 2003, 2004). Entre estas, a socióloga Marie-Noëlle Schurmans propõe a construção de uma perspectiva que enfatiza o carácter dinâmico, relacional e diversificado das concepções, vivências e contextos que podem estar imbricados no que se designa, num sentido lato, como "solidão". Um conceito que, na sua perspectiva analítica, mais do que uma situação ou um "sentimento" que se define de forma apriorística, se constitui na e pela experiência, a qual na sua diversidade tem um elemento comum: o de conduzir as pessoas nelas envolvidas a reinterrogarem a sua prática de interacção consigo mesmas, com os seus contextos e com os outros.

[28] Veja-se em Bella DePaulo (2004), investigadora no *Institute Research and Policy Division of the American Association for Single People* (AASP), uma amostra de outros estudos publicados em revistas de psicologia que tomam como centro de análise o que a autora designa por *loneliness* ou "solidão" e, de forma menos frequente, a *solitude* ou o "ser solitário" por opção pessoal; situações que, na sua perspectiva, de forma muitas vezes equivocada são equiparadas entre si.

É pois a partir de um aprofundamento conceptual, que enraíza nesta vertente de reflexão, que se procura desenvolver a aproximação ao objecto da presente pesquisa.

2.1 Um caminho para a construção do objecto sociológico

"Estar só", "viver só", "sentir-se só", "viver em solidão", "isolar-se dos outros", "ser solitário", "sentir-se isolado", etc. são noções que, com frequência, se assimilam como equivalentes e que, de forma imediata, no senso comum se associam de forma indiferenciada ao segmento de indivíduos que aqui nos propomos analisar: homens e mulheres de diferentes faixas etárias que moram sozinhos num alojamento independente.[29] Como se tal contexto de "residência unipessoal" ou "mono-residência" fosse *per si* um sintoma inquestionável de rotura dos laços sociais e de isolamento face aos outros. Vão neste sentido os títulos jornalísticos de alguns textos publicados nos últimos anos, tendo como pano de fundo as temáticas da "solidão" e do "isolamento social" na sociedade portuguesa contemporânea:

> • "Isolamento: Há meio milhão de viúvas em Portugal. Mais de metade das pessoas sós são idosos", *Diário de Notícias*, 12 de Janeiro de 2003; • "Portugueses a viver sozinhos já são mais de 600 mil", *Jornal Público*, 18 de Março de 2004; • "Solidão (também) mata… não só idosos como jovens"; *Diário de Notícias*, 6 de Dezembro de 2004• "Lisboa tem 34 mil pessoas idosas completamente sós"; *Diário de Notícias*, 27 de Fevereiro de 2005.

Ao mesmo tempo que se dá conta do aumento do número de pessoas que "vivem sós" em Portugal e da sua incidência estatística nos contextos urbanos e, nestes, nos segmentos mais idosos, na sua mediatização, sublinham-se sobretudo os vectores mais negativos do fenómeno, perspectivando-o como o reflexo de uma fragmentação de instituições básicas, como a família e o estado social, de uma sociedade, desta forma, cada vez mais, incapaz de produzir condições de integração de diversos segmentos

[29] Considerando preferencialmente as situações de pessoas em contexto de residência unipessoal, sem partilha de alojamento com terceiros independentes, um conceito que, desta forma, não corresponde exactamente à categoria de "pessoas sós" utilizada nomeadamente pelo Eurostat (e em Portugal o INE) nos censos de 1991 e 2001, já que aí também se incluem as situações de partilha de alojamento por pessoas independentes entre si (Aboim, 2003:16), como é o caso, relativamente frequente, de estudantes deslocados por motivos de estudo ou de trabalhadores oriundos de outras regiões, do país ou estrangeiro.

particularmente permeáveis à exclusão social, com particular destaque para as idosas em situação de viuvez. Ilustrando com extractos de uma peça jornalística publicada num jornal diário de grande difusão:

> "(…) Quando as pessoas se apercebem que a solidão é a sua companhia, o rosto entristece, a alma desvanece, um forte pesar parece invadir o pensamento. O cenário torna-se deprimente. O futuro sem esperança." [quebra de parágrafo, iniciando imediatamente a seguir com dados que supostamente objectivam estas representações] "O número de pessoas que vivem sozinhas, sem família ou companheiro(a) é cada vez maior nas grandes cidades da Europa e da América." (Manuel Neto, *Diário de Notícias*, 06-12-2004).

É ainda nesta orientação que se nos apresenta a definição linguística da condição de "só", nomeadamente no *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa* (ACL, 2001:3431), onde aquela é associada a uma circunstância emocional de tristeza/infelicidade pela ausência do outro. Para além de se assimilar o "só" ao 1. "estar isolado, afastado" e ao; 2. "estar sem companhia", enfatiza-se esta condição na situação de viuvez feminina, mais frequente no segmento etário da mulher idosa: "*sente-se muito só desde que o marido morreu*". No mesmo sentido, a "solidão" é definida como o 1. "Estado da pessoa que se sente só ou que está só, que se sente isolada do mundo, dos outros" (*idem*: 3446). Sendo pois construída como um estado eminentemente subjectivo, a solidão é identificada primariamente com o tema mais do que com o sujeito, e dominada por sentimentos de falta de companhia, nomeadamente pela perda de um familiar, no caso antes sublinhado, o marido que morreu, ou de amigos e outros confidentes. Pelo contrário, no mesmo dicionário, o "solitário" 1. "que vive em solidão, isolado do mundo"; 2. "pessoa que vive ou gosta de viver só" é descrito como um promotor de um quadro de vida próprio: como aquele 1. "que gosta de estar só ou viver só"; 2. "que se afasta da convivência com os outros. *Era uma pessoa solitária, amante da solidão, do silêncio, de tudo quanto o isolasse do mundo*." (*idem*: 3448)

Encontramos, de alguma forma, a mesma demarcação conceptual em Jean-Claude Kaufmann (2000), nos conceitos "vida a solo" e "vida solitária" que distingue em termos analíticos da noção de "solidão", propriamente dita. Esta apenas utilizada

pelo autor para designar o sentimento ou a percepção *negativa* da experiência de *vida a solo*. A equiparação que o autor na sua análise acaba por fazer entre morar só e "vida a solo" parece, contudo, também contribuir para um tipo de ambivalência linguística e analítica sublinhado, por exemplo, por Talcott Parsons, e que deriva da assimilação do alojamento ao "local onde a pessoa 'vive', como se aquela deixasse de estar viva quando se encontra fora da sua residência." (1966:286).[30]

As representações dominantes reenviam assim o "estar só" "viver só" para definições *a priori* de solidão, enquanto estado ou condição que se define por si próprio, deixando pouca margem para uma apreensão da complexidade de contextos, comportamentos, orientações e sentimentos que, de facto, podem estar imbricados neste tipo de experiências. Genericamente, como aponta Marie-Noëlle Schurmans (2003, 2004), regista-se uma tendência para considerar a "pessoa só" não somente sob um ângulo de sofrimento, mas igualmente de vitimação, descrevendo-se os seus protagonistas como pessoas, no essencial, privadas de relações interpessoais ditas normais, isto quer em termos quantitativos, quer qualitativos. Este retrato é ainda tanto mais acentuado quando os cenários evocados reenviam, também eles, para situações sociais mais fragilizadas e susceptíveis, de facto, de enquadrar múltiplos processos de "desvinculação" social e de isolamento existencial em relação às instâncias sociais mais significativas, como é o caso, também nos artigos de jornal sublinhados, das *pessoas idosas*, segmento social que "enquanto estereótipo socialmente produzido e facilmente reconhecível, enquadra uma categoria de indivíduos, cujas propriedades, relativamente homogéneas, são normalmente identificadas com isolamento, solidão, doença e mesmo exclusão social." (Fernandes, 1997:39).

A representação da "pessoa só" como pessoa isolada, alienada ou "desenraizada" do contexto social envolvente encontra também eco em alguns dos clássicos da sociologia. Como o nota Bernard Lahire (2003:250) encontramos "mesmo em Max

[30] Curiosamente esta terminologia acabou por determinar a construção da rede de pesquisas antes citada, e é efectivamente a mais utilizada na formulação conceptual europeia "solo living" ao invés do "living alone" americano.

Weber, que estava, todavia, longe de excluir os actores individuais da sua sociologia compreensiva, a ideia segundo a qual um acto isolado não é um acto social. Por exemplo, um comportamento religioso – este, de resto, um dos registos mais positivos associados à solidão ou ao "ser solitário", equiparado a serenidade, calma e paz de espírito – não é uma actividade social «se for apenas contemplação, oração solitária, etc.» (1971, p. 20). Ora [afirma Lahire] "um comportamento solitário é tão social como um comportamento com outrem e isso porque um 'indivíduo isolado' é intersubjectivo por natureza e porque a sua actividade mental 'interior' está dependente das suas experiências passadas e presentes (…)". E, acrescenta o autor, "poderíamos responder a Max Weber por intermédio de Maurice Halbwachs (1968: 2) 'que na realidade nós nunca estamos sós', pois 'não é necessário que outros homens estejam presentes, que se distingam materialmente de nós: pois trazemos sempre connosco e em nós uma quantidade de pessoas entre si diferenciadas'."

Como diria Georg Simmel (1995) – numa reflexão que enquadra a problemática no processo de "individualização", que adiante se aprofunda – na multiplicidade de pertenças e ligações sucessivamente alargadas e potencialmente contraditórias a diversos círculos sociais, o indivíduo ao mesmo tempo que, cada vez mais, se "isola" da experiência passada, elementar, caracterizada pela ligação estreita ao universo da família, vai construindo com alguma ambivalência ou mesmo conflitualidade, gerada nas inúmeras influências dessas várias pertenças, as condições da sua autonomia e individualização. Estas assim possibilitadas pela interacção e o confronto dinâmico e permanente com os outros – contextos, condições, círculos de interesse e influências –, do qual cada um, com as suas "qualidades especiais", internamente diferenciadas, acaba por ser a soma e o produto.

Tal como demonstram nomeadamente alguns estudos desenvolvidos no âmbito da psicologia, qualquer um pode *sofrer* de solidão mesmo estando envolvido em relações de conjugalidade ou parentalidade ou no seio de amigos ou outros (Buchholz, 1998; Yum, 2003); assim como pode procurar a solidão não para um reencontro espiritual com o seu *eu*, mas pela fuga de si mesmo: por exemplo, recorrendo a uma

"sobreconexão" ou ao barulho e turbulência da multidão que, na sua energia absorvente, acaba por promover as condições para uma alienação de si (Tonkiss, 2003). Além disso, como sublinha Ester Buchholz (1998:2), "desejar alguém a quem amamos, um familiar ou um amigo não é causa de solidão, assim como encontrar alguém não é a sua cura". Nem sempre as relações interpessoais que se estabelecem no quotidiano preenchem as necessidades de relacionamentos sociais de cada um. Em alguns casos esses contactos são mesmo apenas mantidos à custa de um extremo sacrifício dos compromissos pessoais – sobretudo em relações de subordinação, como são as que ainda caracterizam as condições materiais de existência de muitas mulheres nas sociedades actuais (Bourdieu, 1999; Jamieson, 1999), e isto mesmo em contextos que reivindicam em termos de orientações valorativas dominantes, como é o caso da sociedade portuguesa, o modelo simétrico nas relações de género (Aboim, 2006; Torres, 1996). Da mesma forma, este tipo de dependência relacional, vivida em termos físicos e emocionais, por uma das partes ou por ambas, de forma constrangedora, pode ainda colocar-se, ou mesmo sobrepor-se, no âmbito das trocas entre gerações, estando na origem de conflitualidades latentes e/ou manifestas, designadamente entre jovens e adultos e entre estes e respectivos ascendentes idosos (Heath e Cleaver, 2003; Ogg, 2003; Pais, 2006; São José, Wall e Correia, 2002; Tunstall, 1966). É assim que, muitas vezes, mais do que um sintoma de alienação, o desejo e necessidade de independência, enfim, declarado na sua expressão mais radical na procura de um espaço físico individual que o próprio controla, como é o caso, aqui em análise, do morar sozinho num alojamento, pode constituir mesmo uma condição de auto-realização e de autodescoberta (Buchholz, 1998; Devereaux, 2001; Giddens, 1997; Gonçalves, 2007; Heath e Cleaver, 2003; Hollenhorst, Frank e Watson, 1994; Long e outros, 2003; Schurmans, 2003).

Significativamente, é no aprofundamento das questões da "velhice", face ao reconhecimento de um envelhecimento crescente, ou no âmbito de trabalhos extensivos de caracterização das condições de vida da "pessoa idosa", definida esta segundo o critério estatístico de "pessoa com 65 e mais anos", que em meados do século passado,

Jeremy Tunstall (1966) desenvolve um estudo sociológico focalizado no fenómeno da residência unipessoal.[31]

A abordagem então dominante, inspirava-se na perspectiva do estrutural funcionalismo, que conceptualiza a sociedade como uma totalidade onde cada parte se integra no todo, produzindo equilíbrio e estabilidade, e onde os "desvios" ou as disfunções decorrem do funcionamento do próprio sistema, devendo ser absorvidos através de mecanismos de controlo que promovem a integração (Parsons, 1976). Neste paradigma, onde o modelo "normal" é a família nuclear, as novas tendências sociodemográficas associadas ao crescimento da residência unipessoal, sobretudo em idades avançadas, pareciam exemplificar a fragmentação da família e da vida comunitária decorrentes do crescimento da urbanização, sendo o fenómeno perspectivado, antes de mais, como um potencial problema social, cuja solução passaria pela provisão de mais serviços sociais e pelo eventual aumento das pensões. Isto, num quadro onde, simultaneamente, sob as condições do capitalismo moderno, o "isolamento social" – olhado tal como em Durkheim, como um "produto de anomia" – é encarado como uma "inevitabilidade" em certos grupos, sendo a residência unipessoal de idosos um exemplo desse fenómeno de exclusão social.

É pois nesta orientação que Jeremy Tunstall (1966) procura apurar em que medida o crescimento da residência unipessoal no grupo etário com 65 e mais anos constitui uma manifestação de problemas sociais.[32] O modelo teórico utilizado pelo autor tem como conceitos cruciais o "isolamento" e a "solidão": sendo o primeiro –

[31] Na concretização da sua análise Tunstall trabalha com dados do inquérito aplicado em Inglaterra, em 1962, a 2500 pessoas com 65 e mais anos – referenciado a uma pesquisa comparativa desenvolvida, simultaneamente, na Dinamarca, EUA e Inglaterra (Townsend, 1957); os quais complementa com entrevistas em profundidade dirigidas a um subconjunto de 195 indivíduos em situação de mono-residência.

[32] Na introdução ao livro (pp. 1-13) Jeremy Tunstall sublinha que, de acordo com os dados do inquérito aplicado em Inglaterra, no início da década de 1960, cerca de 1/5 das pessoas com 65 e mais anos – em termos de valores absolutos 1,300,000 – residem sozinhas (embora considere neste conjunto também as que partilham alojamento com outros independentes); um número ainda maior – 1,600,000 – declara sentir-se por vezes só, ¼ dos quais com frequência; e cerca de um milhão estão socialmente isoladas ou vivem, segundo o autor, em situação de anomia. Estes dados parecem contudo não fazer da Inglaterra um caso específico, já que os inquéritos nacionais aplicados na Dinamarca e EUA, com base no mesmo instrumento de pesquisa, revelaram, também nesses países, proporções próximas de idosos em contexto de mono-residência (respectivamente 27,7% e 21,5%, em 1962) (Tunstall, 1966: 47)

"estar só" – percepcionado como um estado anómico objectivo (e mensurável)[33] marcado pela ausência de contactos; e o segundo – "sentir-se só" – o produto de construções cognitivas individuais (de "personalidade") decorrente de avaliações de circunstâncias pessoais no contexto social envolvente (*idem*: 17-20). Na perspectiva deste autor britânico, se um número significativo de pessoas idosas, em particular as que estão em mono-residência, experimentar a solidão e/ou o isolamento social, nomeadamente face às redes primárias da família e do trabalho, esta será uma forma de confirmar a hipótese de a última fase da vida, desde a reforma à viuvez, constituir essencialmente um processo de marginalização ao qual o indivíduo necessita de se adaptar. Adicionalmente, permitiria avaliar em que medida sob as condições do capitalismo moderno certos segmentos sociais estariam mais permeáveis a problemas sociais e a serem marginalizados.

Na análise que desenvolve, Tunstall operacionaliza uma abordagem pluridimensional onde equaciona uma diversidade de indicadores, que numa reapropriação aos esquemas de leitura e análise dos fenómenos sociais que enquadram as nossas práticas e referências de fazer pesquisa em sociologia, propomos organizar em termos de "recursos socioprofissionais" (localizações de classe e condição perante o trabalho), "meios de vida" (dinheiro disponível para fazer face às despesas e apoios suplementares em géneros/serviços), "condições de habitação" (localização rural/urbana, estado de degradação e limpeza, disponibilidade de tecnologias de uso corrente; apoios domiciliários privados), "redes familiares e de sociabilidade" (familiares: filhos e irmãos; amigos: próximos, de longa data ainda vivos, novos amigos, e vizinhos), "condições institucionais" (disponibilidade de apoios de cuidado e acompanhamento e serviços sociais de providência em geral); "saúde" (condições de saúde/mobilidade, facilidade de acesso aos cuidados de saúde) e "perfis sóciodemográficos" (idade, sexo, situação conjugal, ter ou não filhos e laços de

[33] Tunstall utiliza para este efeito um "índice de isolamento" baseado em itens que têm como unidade básica de referência os contactos sociais *diários* estabelecidos com amigos e familiares ao longo de uma semana, pressupondo que a larga maioria vive numa rotina largamente pré-definida. (*idem*: 65).

parentesco colaterais). A estes eixos dimensionais adiciona, ainda, uma análise de pendor psicológico sobre as "orientações de "personalidade" [ou o "sistema de personalidade dos actores individuais", visto no modelo funcionalista de referência como "um dos aspectos de um sistema total concreto de acção social" (Parsons: 1976: 17)]. Aqui para interpretar o facto de pessoas aparentemente em condições materiais de existência semelhantes apresentarem formas diferenciadas de vivenciar a sua situação, nomeadamente em relação à solidão.

Uma das mais importantes conclusões desta pesquisa, tal como, mais recentemente, em Jim Ogg (2003:158 e seg.), é que muitas, se não a maioria das pessoas com 65 e mais anos que residem sozinhas num alojamento, não experimentam uma redução significativa dos laços e dos contactos sociais, nem tão pouco se sentem em solidão. Na sua pesquisa Jeremy Tunstall sublinha ainda que "viver só num alojamento" não constitui uma descrição correcta e verdadeira do estado da situação, na medida em que muitos dos que residem sozinhos não estão de facto socialmente isolados. Ou seja, tanto para homens como para mulheres, "morar só" não é equivalente a "estar só" ou "sentir-se só". Sendo que o "distanciamento", desde logo, em relação a outros membros da família acontece muitas vezes por opção. O autor recupera neste âmbito o conceito, proposto por Leopold Rosenmayr e Eva Kockeis (1963, citados por Tunstall, 1966: 262-263), de "intimidade na distância" ou "flexibilidade funcional" para análise das relações que se estabelecem entre os idosos que residem sozinhos na sua casa e respectivos familiares. Concepções que sublinham a preferência, por parte daqueles, em terem uma residência independente – na casa onde viveram grande parte da sua vida, com os seus objectos pessoais, testemunhos vivos de experiências passadas – mas, ao mesmo tempo, suficientemente próxima de familiares e amigos de forma a não pôr em causa a regularidade de contactos. Uma segunda conclusão do mesmo estudo de Jeremy Tunstall remete para a importância das trajectórias e das experiências vividas enquanto adultos na forma como organizam e experimentam a residência unipessoal na velhice.[34]

[34] Cf. p. 108, onde o autor apresenta uma interessante síntese das principais conclusões, numa tabela. Os resultados alcançados [organizados em quatro grandes categorias analíticas: 1. "mono-residência"; 2.

Tendo como pano de fundo problemático a "solidão", num estudo qualitativo baseado em histórias de vida, Marie-Noëlle Schurmans (2003 e 2004),[35] procura construir uma nova perspectiva daquele fenómeno, quer por uma ênfase na diversidade de experiências que aí podem estar cobertas, quer esforçando-se por o considerar como *acções* marcadas por dinamismos constantes, e *não* como um *estado* que realça a ausência de inserção social.

Embora reconhecendo a relevância analítica da distinção conceptual de "solidão-isolamento *relacional*" e "solidão-isolamento *emocional*", Schurmans demarca-se ainda assim, de propostas recentes que delimitam de forma apriorística a solidão,[36] ora enfatizando o grau de conectividade que une diferentes indivíduos[37] ora, fundamentalmente, a percepção qualitativa sobre o estar só, tal como é representada valorativamente num dado momento pelo próprio indivíduo, acabando por definir um quadro simplificado e rigidificante que não permite mudança, nem tão pouco a construção de perspectivas relacionais. Em oposição a esta "dominante normativa" a autora constrói um modelo assente numa "tripla inversão de perspectiva": 1) identifica a solidão focalizando as experiências de vida a propósito das quais aquele conceito

---

"isolamento social"; 3. "solidão"; 4. "anomia"] têm o mérito de apontar quais os segmentos de indivíduos com 65 e mais anos que correm maior "risco" de poderem configurar a mono-residência como uma situação de exclusão social: são em particular mulheres, solteiros ou com viuvez recente, sem filhos e outros colaterais, pessoas em idade avançada (com 70 e mais anos), indivíduos com mobilidade limitada por razões de doença ou dependência, reformados e domésticas, com localizações sociais de classe no operariado, baixos recursos económicos e baixa participação social [a ordem de variáveis corresponde à apresentada pelo autor no quadro síntese].
A esta descrição tenderíamos ainda a acrescentar, pelo menos, a muito provável carência de recursos socioeducacionais, nomeadamente considerando a importância destes na estruturação das distribuições desiguais de recursos, poderes e oportunidades nas sociedades contemporâneas (Costa, 1999; Costa e outros, 2000). Como sugere Paul Paillat (1991:4), só por si, a posse de recursos socioeducacionais específicos pode constituir um vector crucial no prelúdio de uma "velhice plena" versus "velhice vazia"(Mauritti, 2004).

[35] O estudo publicado em livro sob o título *Les Solitudes* (Schurmans, 2003) toma como referente empírico cerca de 400 entrevistas, totalizando mais de 700 relatos de experiências de solidão.

[36] Em especial análises produzidas no âmbito do INSEE no âmbito do inquérito sobre as "Relações da vida quotidiana e isolamento", (Shon, 1999).

[37] Entre muitos outros, caso, por exemplo da "UCLA loneliness scale" (proposta por Daniel Russel num trabalho de 1996, entretanto por diversas vezes actualizada), amplamente utilizada nas abordagens desenvolvidas no âmbito da psicologia e nas perspectivas dos cuidados de saúde (ver entre outros Ditommaso, Brannen e Best, 2004; Hughes e outros, 2004) ou ainda a escala de Jong-Gierveld, 1984, utilizada por Baarsen e outros, 2001. Caso também do índice, antes assinalado, proposto por Jeremy Tunstall (1966) a partir de uma reformulação do sistema utilizado por Peter Townsend (1957); ou ainda de análises produzidas actualmente no âmbito do INSEE (Shon, 1999).

adquire sentido para quem o refere; 2) mais do que procurar saber o que os outros definem ser a solidão, a autora procura compreender o ponto de vista dos que a mencionam para classificar a sua própria experiência; 3) a solidão longe de ser uma condição, assume-se, na sua óptica, como algo em movimento, que atravessa uma história inscrita no tempo e no confronto do próprio consigo mesmo, com os seus contextos e nas interacções com os outros.

Nos resultados do estudo, Schurmans sublinha duas grandes dimensões que diferenciam a tangibilidade da solidão: a "rejeição" (*rejet*) e a "retracção" (*retrait*) (capítulos 4 e 5). Tais dimensões organizam, por sua vez, diferentes práticas, correspondentes a distintas formas de sentir e de viver as numerosas experiências de desajustamento e de separação, produtoras de crise, de reflexão e de readaptação.

Na primeira dimensão [rejeição] estão agrupados, de forma geral, todos aqueles que seja por "perda", "exílio", "afastamento" e/ou "margem" têm em comum o facto de enquadrarem a sua experiência numa *não intencionalidade*: as respectivas solidões são então consideradas como tendo sido impostas pelo outro ou por circunstâncias ou acontecimentos imprevisíveis. Neste conjunto, a existência de "solidão-perda" é vivida como uma rotura biográfica ou reestruturação das normas habituais de interacção. Orientações no sentido de ultrapassar tais experiências passam por um trabalho reflexivo de reconstrução das relações; quando, pelo contrário, os acontecimentos subsequentes à rotura tendem a perdurar no tempo, uma nova identidade ou imagem de si impõe-se. É aqui que Schurmans classifica a "solidão-exílio": correspondente a um sentimento dominante de desfasamento e separação de si e do meio envolvente. Numa primeira dinâmica, a distância que assim se instaura pode, também ela, ser erradicada através do restabelecimento de novas modalidades de troca, num segundo movimento pode, ao invés, envolver uma trajectória de retraimento progressivo e defensivo, culminando no que a autora designa de "solidão-afastamento". Nesta biografia o sofrimento predominante nos momentos iniciais reconverte-se lentamente, à força da paciência e da perseverança, numa adaptação auto-reificante de redescoberta de si. Quanto às acções que a autora denomina de "solidões na margem" (*marge*), constituem-

se na sequência de separações dolorosas, vistas pelos próprios como definitivas. Os respectivos protagonistas vivem como que num mundo paralelo, onde a solidão se instalou, referindo-se-lhe como uma consolação, ligada à sua aceitação, na qual enfatizam a intensa dimensão de temporalidade exigida pelo arranjo de uma vida em mono-residência, sem expectativas tanto face ao presente como ao futuro.

Na segunda dimensão [retraimento] situam-se todos aqueles cujas experiências de solidão decorrem de acções pessoais, mesmo que as consequências não fossem à partida esperadas. Também aqui a autora classifica quatro contextos relacionais diferenciados na vivência da solidão: "iniciação", "adaptação", "defesa" e "incorporação". A primeira destas experiências "solidão-iniciação" reenvia ao processo reflexivo de emancipação face à família de origem, ao início de uma trajectória, nesse sentido, solitária onde o retorno é incerto, dominada por sentimentos de auto-confrontação e curiosidade pelo desconhecido, este simultaneamente exterior e interior ao próprio indivíduo, sendo fundada em acções orientadas pela necessidade de "pôr-se à prova", "saber até onde pode ir", sem no entanto ter um destino predefinido. Também este tipo de experiências de solidão parecem suscitar ocasiões para novas aprendizagens. Nos respectivos percursos biográficos, podem reconverter-se em "solidão-adaptação", caracterizada por uma maturidade adquirida pela experiência e pela capacidade de lidar com flexibilidade com situações ocasionais menos positivas. A experiência deste tipo de solidão emerge assim como uma enriquecimento simbólico: como um reservatório de sentidos susceptível de ser explorado noutras situações em que se caiu sem intencionalidade. Quanto à solidão-defesa" constitui-se na procura de um equilíbrio ou estabilidade face à pressão suscitada pelo mau estar causado pela instabilidade das interdependências sociais. Tem lugar, por exemplo, quando os actores sociais, apesar de inseridos numa densa teia de relacionamentos amicais, encontram dificuldades de comunicação noutros contextos de intimidade, entre os quais sobressaem as relações com a família. A solidão-defesa pode ainda culminar em "solidão-incorporada", correspondente à afirmação identitária e à *escolha de um modo de vida solitário*, como tal assumido pelo próprio. Neste quadro conhecer e apreciar a

sua solidão-opção, como a podemos também nomear, constitui-se igualmente como uma oportunidade de gerir momentos de solidão-opressão, que ocasionalmente, de forma mais ou menos transitória, também se impõem.

O modelo analítico proposto por Marie-Noëlle Schurmans permite-nos assim perspectivar o facto de diferentes experiências de "solidão" conterem em si um forte potencial de transformação, constituindo, antes de mais, respostas singulares, construídas por mecanismos relacionais, nas interacções com *o outro* (pessoas e contextos), assim como na relação consigo próprio e as suas trajectórias de vida. A autora indica-nos, desta forma, que é simultaneamente olhando para os posicionamentos actuais e percursos biográficos de cada indivíduo, no essencial, percebidos como *actores sociais* com recursos e capacidades interventivas próprias, e para o emaranhado de uma pluralidade de práticas e relações dinâmicas, diferenciadas, intermutáveis e por vezes, até contraditórias entre si, que aqueles estabelecem nos respectivos contextos relacionais, que devemos procurar uma compreensão para o crescimento e diversificação de estilos de vida em mono-residência nas sociedades actuais – consubstanciados estes, ou não, em experiências de solidão.

Esta focalização na multiplicidade de experiências que, inclusive, um mesmo actor social, neste sentido, um "homem plural" (Lahire, 2003:46), pode vivenciar ao longo da sua trajectória de vida, nas suas sucessivas socializações ou mesmo, face a uma prática quotidiana, em função das interacções simultâneas e das lógicas específicas que efectivamente mobiliza nos diferentes contextos em que circula, conduz-nos ainda a procurar uma sistematização que permita olhar para o "só", a "solidão" e o "ser solitário" – classificações simbólicas que, tendencialmente, tendem a ser perspectivadas de forma estanque, pelo destaque de apenas alguns dos seus atributos e numa dissociação entre o sujeito, a sua situação e os contextos em que circula, em termos passados, presentes e futuros – como acções ou deslocamentos dinâmicos e contingentes, que podem simultaneamente coexistir, de forma diversificada e até conflitual, designadamente nos protagonismos de residência unipessoal. Acções que podem ainda ser ainda entendidas como "crises de elo de cumplicidade ou de

conivência ontológica" entre o incorporado (produzido ao longo do conjunto diferenciado e eventualmente contraditório de experiências passadas) e as numerosas e multiformes situações quotidianas do presente, que caracterizam a condição humana em sociedades complexas, plurais e em transformação (Lahire, 2003:63)

Tendo como fundo este olhar, resta, ainda assim, apurar quais as condições sócio-históricas e institucionais que nas sociedades ocidentais modernas tornaram possível um crescimento tão avassalador da mono-residência. É pois nesta orientação analítica que se posicionam as reflexões seguintes, tendo como perspectiva problemática a *individualização*.

2.2 Uma solução biográfica que resulta de contradições societais globais

Num conjunto significativo de pesquisas e análises sociológicas é enfatizado o facto de vivermos hoje num período de mudanças radicais, marcado por crescentes e multifacetados níveis de incerteza, envolvendo dinâmicas intensas de "interligação entre dois extremos de extensividade e intensividade: influências globalizadoras, por um lado, e tendências pessoais, por outro" (Giddens, 1997:1). Esta interligação, ao mesmo tempo que, na escala global, produz uma "distensão" espacial e temporal de diferentes contextos de relações sociais, ao nível local promove uma intensa proliferação das identidades culturais e dos eventos específicos que contextualizam a vida quotidiana (Costa, 2002).

Por influência, sobretudo, dos meios electrónicos e audiovisuais de comunicação de massa, umas das principais características das implicações globalizadoras ou dos modos de reorganização e conexão entre diferentes contextos sociais ou regiões, no plano da reflexividade da vida social, radica no confronto e na partilha, pela incorporação na experiência pessoal, de um conjunto alargado de referências de acção, relativas a uma variedade de acontecimentos, estilos de vida, valores, ideias, oportunidades e saberes, face aos quais ninguém pode evitar confrontar-se. Sem precedentes em épocas anteriores, "defrontar-se com tal 'oportunidade' cultural conduz

a um alargamento das possibilidades de vida de cada indivíduo" (Kugelberg, 1998:43). Mas, ao mesmo tempo, no leque diversificado de opções possíveis, cabe a cada um encontrar a regra que enquadra os seus comportamentos e, no seguimento, assumir os riscos daí decorrentes.

Needing to become what one is: "ser autentico e igual a si próprio" constitui, neste sentido, uma das marcas distintivas da vida moderna (Bauman, 2001, 2003), tornando-se um valor proeminente no enquadramento do projecto reflexivo para a auto-realização do *self* (Giddens, 1996, 1997, 1998). Tal produção não resulta contudo de um único acto. Trata-se de uma actividade caracterizada pelos fluxos (Castells, 2002), por uma racionalidade sempre indeterminada e condicionada permanentemente pela mudança, através da qual cada actor social reconstrói e renegoceia os seus envolvimentos em sociedade.

Nas perspectivas, digamos assim, mais *pessimistas*, os processos de individualização aqui presentes podem ser olhados como sintomas de "fragmentação" e "descontinuidade" da própria individualidade e das relações sociais, por via do carácter "episódico", "ensaístico" e "instável" de todos os aspectos das condições sociais de existência, assim como da transformação permanente e radical – senão mesmo o esvaziamento – daqueles que eram anteriormente os estandartes individuais e colectivos de referenciação da "normalidade" (Bauman, 1994, 1995, 2001, 2003; Crook, Pakulski e Waters, 1992).

Insere-se ainda aqui o que outros autores designam como uma "crise do sujeito" (Fitoussi e Ronsavallon, 1997:21), nomeadamente ligada à transposição da dinâmica de "individualização-emancipação" numa de "individualização-fragilização" (*idem*: 19). Este um processo no âmbito do qual a independência material e simbólica, conquistada por cada um face às instituições tradicionais de integração e identificação – por exemplo, o processo já aqui brevemente analisado de libertação das mulheres do círculo familiar por via da integração no mercado laboral ou, de forma mais geral, a maior autonomia nas modalidades de relação com os outros, de que a mono-residência constitui um dos protagonismos – se torna em vulnerabilidade crescente e em

insegurança e incerteza quanto ao futuro. Tais dinamismos, tendo lugar no quadro de uma intensa reorganização dos modos de diferenciação e de hierarquização sociais, ligados a factores internos e externos ao próprio indivíduo, são desenhados por cada actor social, na forma como organiza a sua vida, "de um modo cada vez mais precário e mais solitário" (Fitoussi e Rosanvallon, *idem*), traduzindo-se em "biografias não-lineares" (Bauman, 1994:189; Lash, 2003), que, por vezes, culminam numa "desvinculação" ou na rotura dos laços sociais (Castel, 1995) ou ainda em "biografias em colapso" (Beck 2004).[38] Estas são construídas por uma "autoconfrontação compulsiva", em função de opções imediatas que cada um é levado a assumir, sem suficiente distância reflexiva em relação a si próprio, como reacção a uma percepção dos "efeitos dos riscos" e contradições socialmente produzidos, e que, como tal, de forma cada vez mais evidente, não controla.

Este olhar enfatiza assim a individualização, acima de tudo, como o resultado da socialização contingente e de mecanismos institucionais e contradições societais globais, numa sociedade fragmentada ou mesmo "atomizada", onde a tradição e as suas instituições tendem a perder o poder de referenciação que tinham outrora, dando lugar a uma espécie de vazio moral e material. Como sugere Zygmunt Bauman, "A forma como cada um vive transforma-se assim numa solução biográfica de contradições sistémicas. Riscos e contradições continuam a ser socialmente produzidos; apenas o dever e a necessidade de lidar com eles se tornaram individualizados." (Bauman, 2003:XV)

De acordo com o autor, radica, aliás, nesta diferença entre a capacidade individual de tomar decisões e a incapacidade em controlar o contexto social onde as mesmas opções são accionadas, o principal paradoxo ético das transições actuais, enquadradas nas condições sociais emergentes na Europa, sobretudo no decurso da segunda metade do século XX, e que caracteriza como "pós-modernidade". Uma formação social que tem como características centrais "o pluralismo institucionalizado, a variedade, a contingência e a ambivalência" (1994:87).

[38] Segundo estes autores, "quando na construção da auto-biografia ou de uma biografia 'faça você mesmo', prevalece a anomia, mais do que a autonomia" (Beck e Beck-Gernsheim, 2003: 7).

Neste contexto institucional da pós-modernidade, o indivíduo confrontado com a auto-responsabilização das consequências que advêm das escolhas tomadas, e cujos resultados só são verdadeiramente apreendidos durante a própria acção, é condenado à solidão. Uma solidão que sendo o reflexo da ambivalência endémica da "condição moral", enraíza na indiferença deliberada e num não compromisso (1995:57). A liberdade individual, compulsiva e precária, tende assim a alimentar a indiferença perante a situação alheia, conduzindo ao "esvaziamento" do "interesse comum" e, no seu seguimento, à desintegração da cidadania, face à orientação centrada na procura de satisfação das necessidades individuais e de realização da autonomia pessoal, concretizadas em grande medida pela "revolução do consumo" (Baudrillard, 1995; Lipovetsky, 1989; Pappano, 2001; Putnam, 1995, 1996, 2000). O desmantelamento universal das estruturas de suporte do poder constitui o principal resultado das mudanças aqui presentes, sem que, no entanto, haja lugar à sua substituição por outras alternativas. Pelo contrário, o seu desenvolvimento impõe a negação e esvaziamento de tais estruturas. Afirma Zygmunt Bauman (1994: IX): "'demolição' é o único exercício em que verdadeiramente a pós-modernidade investe. Destruição é a única construção que reconhece". A "arena do público" deixa pois de referenciar a procura de causas comuns e de formas de negociar o significado do bem comum ou os princípios da vida colectiva, e reduz-se à "necessidade desesperada de relacionamento". A partilha da intimidade tende a ser a preferência, talvez a única forma que ainda resiste da "construção comunitária". Trata-se contudo, neste olhar, de uma construção frágil e conjuntural, dispersa e guiada por emoções, alterando-se de forma errática de um objectivo para outro e orientando-se numa sempre inconclusiva procura de um refúgio seguro, para a partilha das preocupações, ansiedades ou aversões.

Tal constitui porém uma aspiração nunca passível de realização no presente. Os traços mais salientes das relações interpessoais assim o condenam: o carácter fragmentário ou episódico, ou ambos (Bauman, 1995: 50-1). São fragmentados, diz o autor, "na medida em que apenas uma parte da pluralidade do *self* e seus múltiplos desejos e interesses estão envolvidos no encontro" – o resto mantém-se

temporariamente suspenso, posto subterfugiamente de lado ou é manifestamente mantido no plano privado (presumindo-se como irrelevante aqui e agora, para este encontro). Ainda na expressão deste autor, "são episódicos na medida em que o encontro não tem passado nem futuro, esgotando-se em si mesmo" e, como tal, nunca produzindo consequências, assim como a definição de obrigações e/ou direitos mútuos.

Neste mundo plural de indiferença, fragmentação e intenso particularismo é a solidão, é o ver-se abandonado numa ambivalência e num sentimento de não ter raízes, que conduz os actores sociais a uma acção orientada para os outros. Sendo também por causa dessa solidão que se mantêm juntos e, sobretudo, se permitem abrir ao outro e deixam que este se abra a si. Desta forma, descobrindo a possibilidade de ter um futuro e de "agir moralmente", e por vezes de "ser moral no presente." (Bauman, 1995: 70-1).

Postular uma forma de estar junto é também, neste quadro teórico-conceptual, sempre, um trabalho de imaginação, "estimulado pelo desejo de uma casa" ou pela "urgência de se sentir em casa, de modo a reconhecer o seu lugar de pertença" e, deste modo, manter vivas as esperanças pelo expediente de um infinito momento futuro: aquele onde a solidão finalmente deixa de ter lugar. "Sentir-se em casa, é sentir que se tem um local de pertença, e fazer parte de"; "significa encontros plenos e não problemáticos, encontros invariavelmente satisfatórios, o conforto de estar com os outros, livre dos perigos de estar 'com', alienado de si." (p. 48).

No desenvolvimento da sua proposta, o autor enfatiza a necessidade de formulação de uma "agenda para a emancipação teórica" de uma "sociologia da pós-modernidade", que permita realçar as características processuais e os padrões dialécticos e imprevisíveis das acções sociais de liberdade e dependência. Assinala assim, a pertinência de uma perspectiva, focalizada na agência ou, mais precisamente, no *habitat* dentro do qual a agência opera e se produz. (1994: 190-1). Este, embora no geral não determine a conduta dos agentes, nem defina os seus significados, apresenta-se com um papel central de sistematização e padronização no que Bauman designa pelo agendamento das "tarefas da vida". Isto, uma vez que proporciona o inventário de meios

e fins que lhe conferem significado, permitindo aos agentes uma auto-representação e sustentação do processo de auto-constituição da sua biografia (*idem*: 191).

Nas sociedades modernas contemporâneas atravessadas por processos heterogéneos e multifacetados de mudança social, a fragmentação dos papéis e o trânsito ("liquidez") constante dos agentes entre diferentes esferas de participação social, justificaria, segundo esta proposta, um abandono da dimensão estrutural e relacional dos fenómenos sociais, e em última instância, a substituição da noção de sociedade (como um todo que não se reduz à soma das suas partes, sobrepondo-se e condicionando as modalidades das acções sociais) pela noção de socialidade (*sociality*), tendo a ética do dia-a-dia do "querer viver" social, com quadros simbólicos vinculados às trajectórias e experiências sociais de cada um, como elemento principal de coesão.

Esta é, porém, uma visão que nos parece excessivamente redutora ou mesmo equivocada, omitindo o facto de as práticas sociais e os seus agentes serem socialmente produzidos, constituindo efeitos de clivagens sociais complexas, simultaneamente, condicionantes e condicionadas (Almeida, 1981).

Nesta tese, numa tentativa de conjugação de todo o património sociológico de que partimos na abordagem do nosso objecto, e tentando prosseguir no esforço de aprofundar o conhecimento sobre a realidade social, numa integração e renovação crítica dos quadros de leitura de tradições paradigmáticas diversas, não deixando de ter presente a necessidade de olhar os actores sociais na sua "multiplicidade" (Velho em Castro, Oliveira e Ferreira, 2001) e "pluralidade" identitária (Lahire, 2003), parte-se do princípio de que é possível encontrar uma regularidade estrutural, com configurações multidimensionais fortemente associadas aos posicionamentos sociais, e enquadradora da pluralidade de comportamentos, práticas sociais e orientações valorativas dos sujeitos da acção. Como denota João Ferreira de Almeida (1981: 232), "os agentes pensam o que é socialmente pensável e agem o que é socialmente possível. Mas o possível e o pensável constitui um campo ambíguo, contraditório e polivalente". Nesta medida, apesar de se movimentarem num campo de possíveis estruturalmente condicionado, com o seus recursos próprios de autonomia, de reflexividade e de poder,

são também actores sociais ou "protagonistas dos processos sociais que, ao produzirem e reproduzirem a sua própria identidade, modelam do mesmo passo as condições sociais que a definem" (idem, ibidem).

2.3 Uma expressão da individualização reflexiva dos estilos de vida

Nas condições de reflexividade radical da vida actual, numa sociedade do "risco global" (Beck 2004), como é tendencialmente a nossa, cada vez mais, fundada na ciência e nos conhecimentos periciais em geral, no uso de tecnologias e nos fluxos e influências constantes de informação, ou ainda, marcada no plano das vidas familiares e nos exercícios laborais por incertezas e mutabilidades presentes e futuras, pode constituir-se como forte postulado analítico a ideia de que, mais do que nunca, alguns segmentos específicos de actores sociais são orientados para a mono-residência por opção ou pela necessidade genuína de solidão, de *estar sós* [e não isolados][39] de forma a poderem regular e ajustar as escolhas e orientações que são compelidos a assumir no dia-a-dia. A concretização desta "solidão positiva e reificante" permitiria a cada um recuperar a curiosidade de explorar, de querer saber o desconhecido e assim abrir caminho para a descoberta do outro de uma forma mais construtiva para ambos (Bauman, 1995; Buchholz, 1998; Schurmans, 2003 e 2004).

Nesta sua manifestação de *escolha de um estilo de vida autónomo e independente* – no sentido material, temporal e espacial e de um autocontrolo na estruturação das relações sociais –, concretizado na mono-residência, a individualização pode ser ainda encarada como um reflexo do movimento de democratização das relações sociais, não apenas em termos de igualdade de oportunidades para homens e mulheres ao nível da participação no mercado de trabalho e na sociedade em geral, mas

[39] Como aliás o nota Jean-Louis Pan Ké Shon (1999), numa análise referenciada aos resultados do Inquérito, promovido pelo INSEE, "Relações da vida quotidiana e isolamento", em 1997, ao constatar o facto, segundo o próprio, aparentemente paradoxal, de as pessoas que residem em mono-residência tenderem a estabelecer uma maior diversidade de contactos e uma vida mais voltada para o exterior do que as que coabitam com um parceiro ou outros familiares. Uma observação que é também assinalada como "característica distintiva" nos relatos diversos sobre os estilos de vida que sobressaem entre os protagonistas da mono-residência, por exemplo, em Barbara Feldon (2003) e Odile Lamourère (2003).

também no plano das relações inter-geracionais e de género nas circunstâncias de vida particulares (Beck e Beck-Gernsheim, 2003; Giddens, 1996, 1997, 1998; Heath e Cleaver, 2003; Lamourère, 2003).

Neste olhar, mais do que pôr em evidência uma radicalização de tendências no sentido de uma crescente "impessoalidade" e "indiferença" na forma como cada um estabelece os seus contactos quotidianos, e mesmo em condições de constrangimento material extremo, a mono-residência – enquanto acção de delimitação física de um espaço pessoal gerido autonomamente pelo próprio – pode antes representar, no domínio da vida pessoal, as condições propícias à realização com êxito do processo reflexivo do *self* – do indivíduo autónomo, capaz de identificar as suas potencialidades, de tomar opções, na pluralidade de contextos institucionais possíveis, e de gerir os limites, constrangimentos e contornos de relações interpessoais que estabelece no quotidiano (Giddens, 1996: 97 e 132).

A narrativa particular de auto-identidade que assim se produz, embora não linear e estruturada num quadro situacional contingente e de dúvida permanente, traduz assim, antes de mais, a possibilidade de escolher/rejeitar um estilo de vida, entre uma diversidade de escolhas possíveis. Neste sentido, como uma opção de estilo de vida, viver uma vida própria e independente significa também, simultaneamente em termos de auto e *alter* atribuição, que as biografias estandardizadas se tornam biografias opcionais, "biografias faça você mesmo", e como tal, também, biografias de risco marcadas por descontinuidades (Beck e Beck-Gernsheim, 2003:24). As quais, mesmo sob a fachada de prosperidade e segurança, têm sempre a possibilidade de repentinamente entrar em colapso.

Numa análise comparativa destes processos, nas inter-relações entre local e global, há pois ainda uma grande diferença a ser enfatizada entre individualização numa formação social onde existem os recursos institucionais para lidar com a atomização e as contradições das biografias – por exemplo, garantindo a salvaguarda de direitos humanos, a educação, o risco de desemprego ou doença, etc. – e a individualização num contexto onde estes benefícios do moderno estado providência não existem.

Quando aqueles direitos estão instituídos, sublinham Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2003: 23-4), ter uma vida independente, não equivale no essencial a ter uma vida peculiar e única – mesmo que a "falsa consciência" da narrativa assim o descreva. De facto, o oposto é verdade: a crescente estandardização das biografias, por via da combinação entre auto-realização e justiça, num processo dinâmico pautado por uma fusão crescente entre os interesses individuais e a racionalidade social.

Nesta perspectiva, e contrariando algumas visões antes enunciadas, a diferença qualitativa entre vida tradicional e moderna não se constitui pela minimização das instâncias de controlo e restrição individual. A compulsão para uma vida autónoma e independente estabelece uma existência altamente socializada e inteiramente dependente das instituições. De facto, afirmam estes autores, podemos entender a "lógica" desta última forma histórica – e tendencialmente universal – de existência apenas se reconhecermos que segue objectivos institucionais específicos, com os quais os indivíduos se confrontam, ainda que sempre de forma parcial, nas movimentações quotidianas entre as diferentes e, em parte, incompatíveis lógicas de acção – quando assumem os seus múltiplos papéis do dia-a-dia – como estudantes, trabalhadores, contribuintes, eleitores, consumidores, pais, filhos, amigos, etc.

Assim, mesmo que permanentemente marcada pela fluidez, indeterminação e mudança radical, mais do que a "destruição", a modernização pressupõe não apenas a transformação estrutural no sentido da "estruturação" dos sistemas sociais (Giddens, 2000), como também uma alteração nas relações entre estrutura social e agentes sociais. (Beck 2004:14). A mudança social força progressivamente os indivíduos a libertarem-se da estrutura. E o avanço bem sucedido da modernização supõe que estes agentes, ao mesmo tempo que se libertam dos constrangimentos e activamente, de forma reflexiva, constroem a sua própria biografia, tornam possível o próprio processo de modernização.

Beck vê nas dinâmicas de interligação e intercâmbio aqui presentes o paradoxo da modernidade reflexiva: as normas do estado providência fazem do indivíduo o receptor de direitos e benefícios, e assim reforçam a ideia de que cabe a cada um organizar a sua vida. Para garantir a sua sustentabilidade, é pedido a cada indivíduo que

se assuma como um ser inventivo e criativo, com ideias próprias, reflexivamente construídas. Os actores sociais são assim levados a agir *contra* as instituições que tornaram possível a sua emancipação ou, na perspectiva de Giddens (1984, cit. em 2000: XII), a utilizá-las como *um meio* para atingir resultados, em última instância, no sentido de uma auto-realização do *self*. "Os indivíduos tornam-se assim os actores, construtores, inventores, e supervisores da sua própria biografia e identidade e também das suas redes e laços sociais" (Beck e Beck-Gernsheim, 2003:151). Mas o outro lado desta obrigação em ser activo é a auto-responsabilização pelos infortúnios e acontecimentos inesperados. Sendo que esta não constitui apenas uma percepção individual, mas um modo cultural de atribuição. Corresponde a uma imagem da sociedade na qual os indivíduos não reagem de forma passiva às circunstâncias mas procuram construir a sua vida, embora com graus variados de limitação.

Nas ligações entre mudança social e pessoal, *perigo* e *oportunidade* entrelaçam-se de forma mais ou menos contínua, levando cada um, nas circunstâncias particulares da sua vida, a mobilizar respostas adaptativas e iniciativas específicas que podem situar-se entre dois pólos: num "refúgio e dormência resignada", onde domina "o sentimento de que a vida nada tem para oferecer que valha a pena" ou, no extremo oposto, na procura reflexiva de um "novo sentido do *self*", no âmbito da qual o indivíduo vive o desmantelamento de comportamentos anteriores como um ensejo de se redescobrir (Giddens, 1997:5-13). Na presunção da reflexividade generalizada que potencialmente tende a abranger todos os aspectos do quotidiano, a vida pessoal torna-se, também neste sentido, "um projecto aberto, criando novas exigências e ansiedades." (Giddens, 1996:6) O *self*, tal como os contextos institucionais mais vastos nos quais ele existe, tem de ser construído reflexivamente. No entanto, esta tarefa é cumprida no meio de uma confusa diversidade de opções e possibilidades, as quais não são apenas aspectos "externos" ou marginais de atitudes individuais, mas também definem quem o indivíduo "é". Neste contexto, e face a uma incapacidade do próprio para o reconhecimento de padrões que referenciem a acção, a negação da escolha, sem com isso pôr em causa um sentido de segurança ontológica na narrativa da auto-identidade (ou na "consciência discursiva"),

pode ainda manifestar-se, ocasionalmente, de forma camuflada, numa série de rotinas, hábitos e comportamentos repetitivos, que permitem restituir um sentido de segurança e conforto reduzindo a ansiedade (Giddens, 1997; Velho, 2004). Estes, não obstante a sua natureza defensiva e de fuga ou alivio de tensões, que o indivíduo tem dificuldade de enfrentar, quando dirigidas a situações comezinhas da vida quotidiana ou envolvendo formas socialmente aceitáveis, podem não ser reconhecidos como tal pelos próprios e por terceiros. Mas exprimem no fundo um reconhecimento de falta de autonomia que ensombra a competência do *self*. A "consciência prática" incorporada na maior parte das actividades quotidianas, juntamente com estas rotinas diárias por ela também reproduzidas, ajuda assim a pôr entre parênteses as ansiedades, fornecendo modos de orientação e de enquadramento da experiência.

Viver o risco nas condições institucionais de construção da própria biografia pode assim definir-se como a "maneira sistemática de lidar com as incertezas e inseguranças induzidas e introduzidas pela própria modernização" (Beck 2004:21). No entanto, mesmo nas condições de modernidade avançada, o planeamento da vida organizado de modo reflexivo ou a possibilidade de construção de um "projecto" (Velho, 2004), e correspondente capacidade de auto-realização e emancipação, não está igualmente acessível a todos os sectores da sociedade. Com efeito, a *possibilidade efectiva de escolha* sustenta ou mesmo reforça a polarização das diferenças nos protagonismos sociais contrastantes, selectivos e, ainda, fortemente diferenciados e diferenciadores, de práticas sociais que têm lugar num espaço social estruturado e heterogéneo (Bourdieu, 1979). Nas dimensões centrais de estruturação das relações sociais, tais diferenciações reflectem ainda as desigualdades da estratificação em classes sociais, noutras porém, como salientam Jean-Paul Fitoussi e Pierre Rosavallon (1997), tendem simultaneamente a ter origem num conjunto dinâmico e heterogéneo de situações, do tipo "intracategorial", associadas nomeadamente a novas conjugações nas modalidades renovadas e sempre renegociadas de interligação entre vida pessoal, intimidade e vida activa em sociedade.

Dando conta da modernização reflexiva como um processo de "dupla hermenêutica" (Giddens, 1998: 11), também em boa parte dos "guias de boas práticas" antes referenciados (Amador e Kiersky, 1999; Anderson, Stewart e Dimidjian, 1995; Bence, 1982; Clements, 1998, 1999; Feldon, 2003; Ford, 2004; Fraser, 2001; Lewis, 2001; Ornstein, 2000; Porter, 1999; Stone, 2002), se enfatizam algumas das faces mais visíveis das desigualdades presentes na vida independente em contexto de mono-residência – no caso, embora assinalando sobretudo o lado feminino e a importância que revestem na actualidade, para muitas mulheres, o trabalho e as aptidões profissionais adquiridas como base de emancipação. No imbricado de interligações possíveis, a compulsão para a mono-residência surge aí, sobretudo, como uma consequência de uma "nova ordem sentimental" mais equitativa (Bawin-Legros, 2004) e o contexto propício para o estabelecimento de relações íntimas e novas reciprocidades. Igualmente compatíveis com as condições, expectativas e exigências de uma maior autonomia e mobilidade individuais (Giddens, 1996; Heath e Cleaver, 2003; Beck e Beck-Gernsheim, 2003; Lewis, 2005).

Nesses manuais, tal como nas pesquisas sociológicas assinaladas, incluem-se na *mono-residência enquanto escolha* e *manifestação de independência*, de forma privilegiada, nomeadamente as experiências diversas de novos estilos de vida, envolvendo actores sociais, homens e mulheres, detentores de altos recursos socioprofissionais e socioeducacionais (Jamieson, 1999; Kaufmann, 2000; Heath e Cleaver, 2003; Lamourère, 2003; Chandler e outros, 2004; Levine, 2004; Lewis, 2005). Os agentes de "conhecimento pericial" (Giddens, 1997, 1998), "sujeitos sociotécnicos", como sugere Scott Lash (2003: XII), "analistas simbólicos" (Reich, 1996:253) ou "sobreclasse" (Estanque, 2005), que chama a si o controlo das actividades de resolução e identificação de problemas e a intermediação estratégica à escala global; com competências e qualificações que lhes conferem os mais altos potenciais reflexivos sobre as condições e prospectivas da modernidade (Bauman, 1994:184, 1995:224; Beck 2004:93), também, com fortes padrões de mobilidade "plural" e globalizada, em termos físicos/socioespaciais e "virtuais" (Urry, 2002a, 2002b).

Actores sociais que, no plano das relações pessoais, embora situados em contexto de mono-residência (portanto, sem partilharem a mesma habitação), muitas vezes, por opção estratégica, assumida como transitória ou definitiva, não deixam de ter um ou mais parceiros, do mesmo sexo ou de sexos diferentes, com quem negoceiam laços e compromissos de intimidade amorosa (Gonçalves, 2007; Heath e Cleaver, 2003; Holmes, 2004; Lamourère, 2003; Levin, 2002, 2004; Levin e Trost, 1999; Milan e Peters, 2003). Desta forma, numa diversidade de práticas sociais, construindo relações que, mesmo num quadro de ligações emocionais e sexuais não fortuitas ou ocasionais, parecem irradiar estilos de vidas pessoais, muitas vezes referenciados em práticas e orientações descentradas de um projecto de família ou de formação do casal (Roseneil e Budgeon, 2004).

Em suma, como sintetizam Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim no prefácio ao livro *Individualization: Institutionized Individualism and its Social and Political Consequences* (2003: XXI) uma história da sociologia pode ser escrita quanto à forma como os seus principais teóricos – de Marx, a Weber, Durkheim e Simmel a Foucault, Elias, Luhmann, Habermas e Giddens – terão variado relativamente à ideia básica da individualização como um produto em larga medida resultante da socialização complexa e contingente. Independentemente de uma perspectiva mais pessimista ou mais optimista das narrativas da individualização, e apesar de alguns a verem como um perigo para a sociedade e/ou para a individualidade ela própria, podemos encontrar nas suas propostas alguns traços comuns na conceptualização da individualização: a) é uma característica estrutural das sociedades altamente diferenciadas e b) não põe em causa a sua integração antes a tornando possível. Falar de individualização é, neste duplo sentido, falar de modernização ou de transformação estrutural e de alterações nas relações entre estrutura social e actores sociais. A criatividade individual que assim é libertada é vista como um espaço de renovação da sociedade em condições de mudança social radical, como são aquelas que caracterizam a modernidade nas sociedades avançadas da actualidade.

PARTE II

TENDÊNCIAS, CONTEXTOS E PROTAGONISTAS DO *VIVER SÓ* NA EUROPA

3 AS TENDÊNCIAS NUM OLHAR DE COMPARAÇÃO INTERNACIONAL

Como se sugeriu na introdução da presente tese, é expectável que o crescimento do fenómeno de residência unipessoal, como veremos adiante, sistematicamente acentuado ao longo das últimas décadas, constitua um importante foco de observação dos vários processos de mudança social aqui brevemente enunciados. Isto tanto no que respeita ao olhar sobre os fenómenos ligados ao incremento do isolamento e exclusão social de alguns segmentos da população,[40] como também na caracterização de protagonismos de autonomia diferenciada de sectores da população jovem e adulta altamente qualificados e bem posicionados nas novas segmentações socioprofissionais prevalecentes a nível mundial – tal como o conceptualizam Robert Reich (1996), Martin Carnoy e Manuel Castells (1997), June Crawford (2005), entre muitos outros.

Neste sentido, nas análises seguintes, dando corpo empírico aos argumentos desenvolvidos, e focalizando o olhar no fenómeno de mono-residência, procura-se apresentar um conjunto de contributos para o estudo dos processos complexos de mudança social à escala global, que procurámos sumariar, a partir de uma perspectiva comparada, centrada nos países que compunham o anterior quadro da União Europeia a 15 países.[41]

Num conjunto preliminar de reflexões, destacam-se alguns condicionalismos ligados com a informação disponível, e que enquadraram as orientações metodológicas e operacionais quer quanto à selecção das fontes e unidades geográficas de observação, quer no respeitante à delimitação das dimensões mais relevantes na caracterização de uma diversidade de factores e dinâmicas que contribuem para promover, nos diversos

[40] (cf. Avramov e Maskova, 2004; Boutin, 2003; Klinenberg, 2001; Mauritti, 2004; Nações Unidas, 2005; Ogg, 2003; Pappano, 2001; Putnam, 1995, 2000; Tunstall, 1966; Victor e outros, 2005).

[41] Como se refere adiante, no desenvolvimento desta perspectiva comparada deparámo-nos com algumas dificuldades na harmonização de indicadores, os quais frequentemente, não obstante serem publicados com denominações semelhantes, na sua concepção operacional têm por detrás definições diferenciadas. A preocupação em garantir um maior controlo na qualidade dos dados, por um lado, acrescida da facilidade no acesso às fontes censitárias, por outro, justificam pois esta opção de delimitação da comparação internacional à UE a 15 países.

contextos nacionais, os parâmetros sociais, institucionais e culturais de configuração do fenómeno.

Numa primeira abordagem, a caracterização extensiva do *viver só* nas sociedades europeias actuais desenvolve-se com um olhar sobre as dinâmicas de crescimento do fenómeno ao longo das últimas quatro décadas, dando também relevo à sua incidência relativa nos grandes centros metropolitanos. A análise seguinte perspectiva os ritmos diferenciados, antes observados, no crescimento do *viver só* analisando alguns dos processos que estão na origem de mudanças profundas nas formas familiares e nos modos de organização do alojamento. Nesta focalização, ainda agregada à escala europeia, na procura de situar os dinamismos observados nos vários contextos e segmentos populacionais nos processos mais amplos de recomposição socioeducacional e socioprofissional, procura-se assinalar algumas práticas emergentes, abrangendo sectores específicos da população, para os quais o *viver só* parece com maior frequência enraizar em mudanças de fundo das práticas sociais de estilos de vida e das orientações valorativas (Crompton, 1994; Furedi, 2002; Heath e Cleaver, 2003; Jamieson e outros, 2001; Kaufmann, 2000; Levin, 2002, 2004; Lewis, 2005; Nyström, 2003; Ogg, 2003; Tunstall, 1966). Esta uma problemática que será alvo de maior aprofundamento da terceira parte da presente tese.

3.1 Estatísticas e indicadores sobre o *viver só*: desafios e problemas

A presente caracterização joga-se num quadro de constrangimentos vários, todos eles radicados no facto de se estruturar com base em informação estatística institucional disponibilizada em várias fontes (nacionais e internacionais) e, ocasionalmente, no confronto dos dados obtidos em processos de inquirição que só parcialmente se sobrepõem,[42] assim como também somente de forma limitada convergem para informar

[42] Os recenseamentos da população, face a inquéritos por amostra com objectivos específicos centrados, por exemplo, nas dinâmicas do mercado de trabalho (caso do Inquérito ao Emprego), nas condições de vida dos agregados domésticos privados e das famílias (por exemplo, o Inquérito aos Orçamentos familiares e o Painel Europeu dos Agregados Familiares), ou ainda inquéritos construídos especificamente com uma perspectiva de caracterização alargada, e comparada no plano internacional, de

empiricamente as análises de distribuições, relações e evoluções, respeitantes aos indivíduos e segmentos sociais específicos objecto da nossa análise: os protagonistas da residência unipessoal.

Nunca como hoje foi tão fácil aceder a informações estatísticas fundamentais relativas aos mais diversos aspectos da vida social. Este é claramente um dos vectores em que se evidencia de forma intensa a reflexividade cognitiva das sociedades contemporâneas, ditas "da informação", "do conhecimento" e da "inovação tecnológica". Tanto como base de fundamentação de notícias destacadas nos media, como ao serviço das instituições políticas, empresariais, educativas ou outras, como nos usos mais individuais, a presença e os impactos da informação reflectem-se em todos os níveis e processos que enquadram as condições sociais de vida na actualidade, convergindo para acentuar a ideia de que vivemos num mundo globalizado.

Nos usos como os que aqui se concretizam, para além de múltiplas análises mais ou menos aprofundadas que estão disponíveis, em variadíssimos suportes, de forma livre (ou contra registo) em diversos organismos de investigação e de produção estatística, são cada vez mais frequentes, também, as possibilidades de acesso a bases de dados parcialmente trabalhados – nomeadamente tendo em conta a necessidade de preservação de garantias fundamentais de confidencialidade e privacidade dos cidadãos, mas igualmente a necessidade de controlo de qualidade dos *outputs* assim produzidos – que o utilizador em função de interesses próprios pode, embora dentro de limites preestabelecidos, reorganizar à sua própria medida (Mauritti e outros, 2002).[43]

Contudo, e não obstante a totalidade das informações recolhidas nos organismos oficiais (nacionais e internacionais) terem em comum o facto de se enquadrarem, a

valores, quadros comportamentais e atitudes das populações (entre muitos outros, o *European Social Survey* e *World Values Survey*) (c.f. Inglehart e Welzel, 2004).

[43] No plano internacional praticamente todos os organismos ligados à produção de estatísticas (UNESCO; OCDE, EUROSTAT, etc.) oferecem, regra geral, gratuitamente serviços deste âmbito. Paralelamente, em alguns estados membros – entre os quais destacamos, pela enorme utilidade que tiveram nos desenvolvimentos da presente pesquisa, a Alemanha, Dinamarca, Suécia, Holanda e França – têm desenvolvido projectos sectoriais nos respectivos serviços estatísticos, que oferecem a possibilidade de utilização interactiva de bases de dados incluindo também indicadores relativos a outros países. Estes uma vez apurados podem ser descarregados em formatos escolhidos pelos próprios investigadores, seja sobre a forma de quadros/tabelas, seja em figuras.

montante e a jusante da sua produção/divulgação, cada vez mais, em objectivos de comparação internacional, o seu âmbito problemático e, por vezes, os próprios conceitos utilizados debaixo de uma designação aparentemente comum, podem esconder algumas diferenças operacionais e substantivas que quando não explicitadas de forma rigorosa mais do que esclarecer, acabam por introduzir alguma opacidade e redundância, senão mesmo erros fundamentais na análise produzida. [44] A fluidez da própria condição social do *viver só*, por vezes, muito relacionada com uma enorme complexidade de opções, avaliações, orientações que os indivíduos assumem face a constrangimentos múltiplos, transitórios ou não, mais ou menos pessoais, mais ou menos contextualizados no âmbito mais amplo de condições económicas, políticas e culturais oferecidas pelas sociedades em que se inserem, são causas de reforço das dificuldades de registo extensivo, estandardizado e comparável do fenómeno. Esta mutabilidade, reversibilidade e diversidade características dos fenómenos sociais em análise, dificilmente podem ser retratadas em processos estatísticos que remetem para contextos temporais muito precisos: a semana/mês em que têm lugar, assentes em classificações dotadas necessariamente de alguma rigidez e eventualmente, por vezes, pouco ajustadas à enorme complexidade de situações emergentes.

Estas questões colocam-se, pois, ainda com maior acuidade quando, como é o caso da pesquisa aqui desenvolvida, o objecto que se pretende analisar abrange uma problemática menos central nas temáticas dominantes quer de produção, quer de organização e disponibilização da informação. As dificuldades para obtenção de indicadores analíticos enquadrados por diversas dimensões de caracterização social tornam-se aí evidentes. Por vezes, o próprio indicador/segmento a partir do qual se

[44] Por exemplo, no confronto de várias fontes apercebemo-nos que na categoria estatística de *pessoas sós* podem esconder-se, de facto, situações muito diversas – desde pessoas em residência unipessoal propriamente dita, até contextos de alojamento múltiplo de pessoas sem laços entre si, assim classificadas como "agregados" autónomos, até também, pelo menos em alguns países, famílias monoparentais, constituídas por um adulto só com criança(s). Não apenas entre países, mas num mesmo país os critérios de classificação que servem de base à construção deste e de outros indicadores podem variar em cada novo projecto, nem sempre havendo o cuidado de explicitação dos mesmos numa meta informação. Esta situação limita a possibilidade de comparabilidade e de análise de tendências em diacronia, obrigando a cuidados acrescidos na sua interpretação (veja-se a este propósito Bandeira, 1996; Hantrais, Philipov e Billari, 2006; Schiltz, 2004).

desenvolve toda a argumentação analítica – no caso a residência unipessoal – está simplesmente omisso do leque de informações veiculadas, outras vezes é apresentado mas de forma desenquadrada, e sem que haja qualquer possibilidade, por exemplo, de cruzamento simples com outras variáveis.

O confronto de várias fontes pode ser uma maneira de ultrapassar algumas destas limitações. Porém, só parcialmente permite estabelecer correlações e, sobretudo, dificilmente pode apoiar na caracterização da multiplicidade e complexidade de processos e dimensões que, de facto, podem contribuir para as configurações e dinâmicas específicas que o fenómeno assume em diversos contextos e protagonismos. Além disso, uma vez que as diversas fontes tendem a ser estruturadas em termos amostrais por referência a critérios de representatividade que não são uniformes entre si – já que, desde logo, os objectivos e problemáticas envolvidas não coincidem – a leitura de tendências e atributos respeitantes a indivíduos e contextos sociais podem não convergir.

Conscientes destes limites, mas procurando aproveitar todo o potencial da informação recolhida, no sentido da padronização das principais características sociais dos processos aqui abrangidos, optámos por centrar a análise em projectos de inquirição – de natureza censitária ou amostral – que nos oferecessem maiores garantias de qualidade e harmonização para a comparação internacional e análise em diacronia. Decorreu ainda daqui a opção por conduzir a análise comparativa tendo por referência o quadro da União no período anterior ao alargamento a 25 países,[45] âmbito geográfico que delimita grande parte da informação disponível, em muitos dos indicadores seleccionados.

Na comparação internacional, outra questão que importou ponderar foi, precisamente, a unidade territorial que se deveria assumir preferencialmente como perspectiva, tendo em vista uma maior inteligibilidade dos processos e dinâmicas complexas que se procuram caracterizar. Também nesta dimensão, mesmo conferindo o

[45] A partir de 1 de Janeiro de 2007, a 27 países, incluindo Bulgária e Roménia.

primado às orientações teóricas e conceptuais, as opções a tomar estavam condicionadas pela arrumação dos dados disponíveis. O nosso ponto de partida foi, como referido anteriormente, o espaço da União Europeia a 15 países.[46] Um espaço que, apesar de nos últimos anos ser atravessado por uma intensa integração económica e política, e cada vez mais também cultural, está ainda longe de constituir um território indiferenciado, sendo ainda marcado pela presença de contextos nacionais relativamente diferenciados. Nomeadamente, em função de constrangimentos sócio-históricos, legislativos, materiais e culturais que lhes são próprios. O país é assim, sempre que tal for possível, a unidade básica de observação e organização dos indicadores. Isto, muito embora reconheçamos, tal como, por exemplo, Louis Roussel (1992: 115) "o carácter redutor dos índices nacionais. Estes não são nunca mais do que médias ponderadas de sub-populações que num mesmo país diferem consoante a região, a categoria social ou subcultura".

Mas mantendo o olhar na unidade país como base de organização dos diversos indicadores, ainda referenciados nos dados obtidos fundamentalmente através do Eurostat, ocasionalmente somos também levados a distinguir contextos regionais mais amplos, os quais permitem inserir os dinamismos observáveis em cada país em âmbitos mais alargados. Estes podem envolver a União Europeia como um todo, assim como outras formas de categorização, com base nomeadamente 1) na *proximidade geográfica*: Europa setentrional/Escandinávia (Dinamarca, Finlândia e Suécia); Europa Central (Alemanha, Áustria, Bélgica, França, Holanda e Luxemburgo); estes, por vezes, integrando também os dois países anglo-saxónicos (Irlanda e Reino Unido) e Europa do Sul (Espanha, Grécia, Itália e Portugal); 2) nos mecanismos dominantes que caracterizam os respectivos *estados providência* (Esping-Anderson, 1999; Ferrera, Hemerijck e Rhodes, 2000): social-democrata (Dinamarca, Finlândia, Suécia e Holanda); liberal (Irlanda e Reino Unido); corporativo (Alemanha, Áustria, Bélgica, França e Luxemburgo); residual (Espanha, Grécia, Itália e Portugal); 3) no peso das

[46] Tal como se refere atrás, procurando assim garantir uma maior certeza quanto à consistência das comparações, referenciadas em indicadores construídos segundo procedimentos harmonizados no plano europeu.

relações entre orientações civis/seculares e *tradições religiosas*: protestantes, católicas/ortodoxas (c.f. Berthoud e Iacovou, 2002: 8-9).

Para os anos mais recentes (1991 e 2001) os recenseamentos Gerais da População no que respeita à caracterização de tendências demográficas e a recomposições sociais nas estruturas da população e, em parte também, das unidades familiares, foram sempre que possível a nossa preferência, tendo em conta desde logo o carácter exaustivo das informações assim recolhidas. Estas, embora remetendo para momentos/datas muitos específicos, permitem através de um confronto de dados relativos a sucessivos anos, uma análise de tendências gerais dominantes, reveladoras de dinâmicas sociais que atravessam as diversas sociedades. Isto quer no que respeita a unidades familiares e domésticas, quer a determinadas características dos indivíduos.[47] Para os anos anteriores a 1990, e especificamente na análise das tendências de crescimento da mono-residência consideram-se também alguns indicadores do *Fertility and Family Survey* – desenvolvido sob a coordenação da *United Nations Economic Commission for Europe* (UNECE), tendo por base os relatórios de indicadores nacionais estandardizados reportados, entre outras fontes, também aos recenseamentos gerais da população implementados nos respectivos países, disponíveis no sítio do *European System of Social Indicators*.[48]

Estes dados, extremamente relevantes para enquadrar o crescimento da mono-residência no último meio século num conjunto relativamente vasto de países, só parcialmente permitem dar conta do carácter alargado e multifacetado dos mecanismos e processos em curso. Isto porque não contemplam a possibilidade de exploração e

[47] De notar que os diversos países não são uniformes quanto ao ano-referência para implementação de cada processo censitário – a maioria reporta os respectivos dados ao ano zero, ano um ou ano dois de cada década. Dados relativos à Suécia no último ano em referência, fonte: Sweden's Statistical Databases (Outubro 2006), Population statistics; Longitudinal Individual Data Base (LINDA) e Household Budget Survey (HBS). Alemanha a partir de 2000 microcensos. Bélgica, dados posteriores a 1998, relativos a unidades familiares: Registo nacional (situação a 1 de Janeiro), Direction Générale Statistique et Information économique.

[48] Sítios na Internet: http://www.gesis.org/en/social_monitoring/social_indicators/Sources/ si_links.htm e no caso dos ficheiros nacionais http://www.unece.org/pau/ffs/f_h_151b.htm (apenas sem informações para Irlanda, Luxemburgo e Reino Unido – no caso da composição de países que integravam a UE 15). Estas estatísticas embora colectadas por organismos internacionais são produzidas num plano nacional tendo em conta procedimentos harmonizados de colecta e produção de indicadores.

experimentação da informação num aprofundamento mais fino, micro-quantitativo, contemplando uma variedade de dimensões e indicadores que ilustrem no plano empírico alguns dos parâmetros centrais de diferenciação estrutural das práticas sociais e orientações valorativas; como seja, por exemplo, a caracterização de diferentes protagonismos de residência unipessoal a partir de uma análise das configurações sociais de classe e socioeducacionais, assim como dos padrões de consumo, estilos de vida e orientações valorativas. O objectivo fundamental destas abordagens é desenvolver uma caracterização, ainda que necessariamente simplificada e sintética, de algumas das tendências de fundo que atravessam o *viver só* nos países europeus ao longo de pouco mais de meio século.

3.2 Dinâmicas de evolução do *viver só*

Tal como aqui já tivemos oportunidade de aprofundar, nas últimas décadas todos os países membros da União Europeia são atravessados por tendências comuns, embora de ritmos e amplitudes diferenciadas, de profunda transformação das estruturas sociais. Estes processos constituem-se, simultaneamente, como causas e efeitos de mudanças intensas nas formas de organização da vida pessoal e familiar, manifestando-se numa enorme diversidade de estilos de vida e comportamentos individuais, de que o crescimento do *viver só* numa unidade de alojamento constitui uma das faces.

As figuras 3.1 e 3.2 oferecem uma leitura agregada das tendências de evolução do fenómeno. A primeira destas figuras apresenta o peso de mono-residência no total de pessoas em alojamentos privados, nas décadas de 1960 a 2001; enquanto a segunda confronta o crescimento da população e da residência unipessoal nesse mesmo período. Na nota à primeira figura esclarecem-se um conjunto de distorções que limitam as condições de comparabilidade dos dados, seja na diacronia, seja entre unidades geográficas. As análises seguintes consideram pois na categoria em referência um conceito alargado de mono-residência, não equiparável de forma estrita à categoria "pessoas em alojamento de uma só pessoa". Como sugere Jim Ogg (2003: 6), nestas classificações "mono" incluem-se também, com frequência, indivíduos que vivem num

alojamento com terceiros não familiares e sem partilha de quaisquer laços. Neste sentido, trata-se de uma categoria muito aproximada à da pessoa que reside só. Pelo que, em nosso entender, a sua observação permite ainda assim uma aproximação a tendências dominantes enquadradoras dos processos profundos de mudança social aqui em análise.

Uma leitura cruzada dos dados que serviram de base à construção de ambas as figuras, permite-nos para já uma primeira constatação: no início do século XXI, a Europa a 15 países, conta com cerca de 47 milhões de pessoas que residem num alojamento unipessoal (sensivelmente, 12% da população residente em unidades domésticas). Face à década anterior são aproximadamente mais dez milhões de pessoas, traduzindo uma subida no peso relativo deste segmento que ronda os 19%. Esta evolução reflecte uma tendência de crescimento que é comum a todos os estados membros da união. Contudo, e tal como se pode observar nas figuras 3.1 e 3.2, as diferenças são notáveis quanto à expressão que o mesmo assume nos diversos países, e dentro destes nas principais cidades e centros urbanos (Figura 3.3) e nos diferentes segmentos etários e de género (capítulo 4).

A Sul da Europa, Portugal, Grécia e Espanha, aos quais se aproxima também a Irlanda, são em 2001 os países onde a sua proporção é mais diminuta (com variações entre 6% e 7%); já a alguma distância, mas ainda abaixo do patamar que caracteriza o conjunto de países da União nesta matéria, segue-se a Itália (com 10%). Com uma proporção aproximada ou um pouco acima da que se observa no total da UE 15, encontramos países como Áustria, Bélgica, França, Luxemburgo, Holanda e Reino Unido (12% a 14%); seguem-se a Alemanha e Finlândia (17%) e, claramente destacados pela proporção de indivíduos em mono-residência, a Dinamarca e Suécia (22% e 25%, respectivamente).

Estas variações entre os diversos países, relativas a 2001, são ainda observáveis nas distribuições reportadas ao início das décadas de 1960 e 1970, apesar de nestes dois anos a extensão do fenómeno ser bastante mais reduzida.

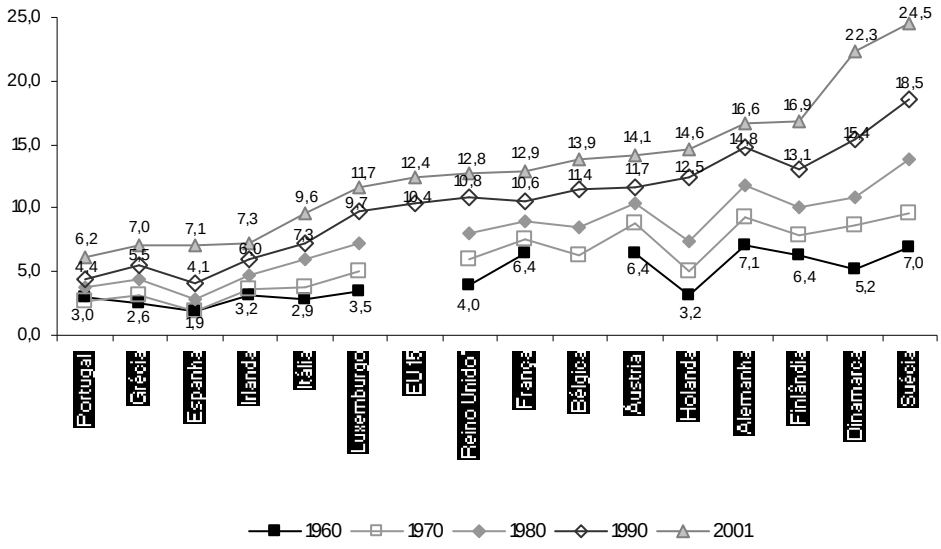


Figura 3.1 Pessoas em mono-residência no total de pessoas em agregados domésticos, 1960 a 2001 (em percentagem)

Notas: Anos indicativos, com variações ligeiras em alguns países, de acordo com o período de implementação dos respectivos recenseamentos gerais da população. No que respeita à mono-residência, a categoria que referencia esta apresentação tem por base o indicador "número de pessoas por agregado doméstico", não distinguindo, portanto, situações de partilha de alojamento por diversos "agregados", familiares ou não. Ou seja, nos vários países, pelo menos no que respeita aos dados relativos a 1991 e 2001, no enquadramento número de pessoas/alojamento os critérios de classificação não distinguem, em geral, os alojamentos de uma só pessoa, face aos alojamentos de duas ou mais pessoas independentes, classificadas como "agregados de pessoas sós". Ora esta categoria tende a ter maior expressão designadamente nos países com maior peso de jovens estudantes e adultos deslocados dos respectivos contextos familiares e geográficos de origem por motivos de estudo, trabalho ou outros e que num momento inicial, normalmente de transição, por opção ou constrangimento, coabitam num alojamento com outras pessoas (sem partilha de laços). É esta a situação, desde logo, de países como a Finlândia ou Suécia nos quais apenas uma minoria dos estudantes que frequentam o ensino superior permanecem em casa da família de origem (4% e 10%, respectivamente) (HIS, 2008); assim como de países com maior peso de imigração laboral (não familiar) – nos anos a que reportam os dados disponíveis um fenómeno particularmente incidente em Espanha, Itália, Reino Unido e Irlanda (Eurostat, *Statistiques en Bref*, 1/2006). No caso da Dinamarca acresce a esta eventual sobrerrepresentação da mono-residência, o facto de nesse país se incluir nesta categoria situações de monoparentalidade constituídas por um adulto com criança(s). Muito embora se possa perspectivar que as recomposições familiares, designadamente, por via do recasamento ou da formação de uma nova união contribuem para atenuar estas distorções, no que respeita a 2001, pode dever-se a esta situação a diferença em 5,4% entre o indicador facultado no Eurostat, que toma como unidade o número de pessoas por unidade domestica (indicador: *Population by sex, age and type of household and household status*) face aos dados obtidos em apuramentos próprios na base interactiva disponível on line – referenciados ao indicador *Households 1º January by region, type of household, household size and time* – 1980 a 2006, no qual se seleccionaram as unidades domésticas com uma só pessoa de 18 e mais anos – sem crianças –, calculando a sua proporção no total de pessoas com 18 e mais anos em unidades domésticas (22,3% para 16,9%, respectivamente). Ainda no que respeita à Dinamarca, curiosamente, em 1991 não se verifica qualquer diferença entre as duas fontes, enquanto em 1981 a variação é de 1%.

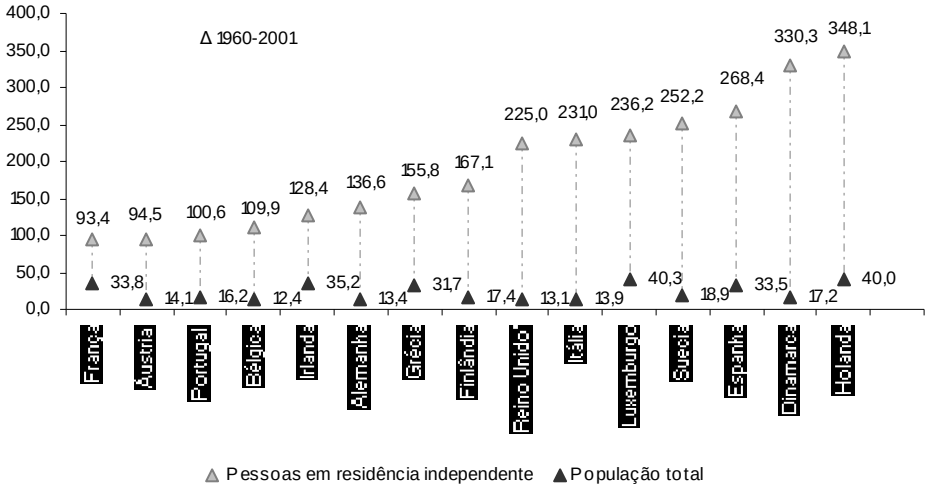
Fontes: 1960 a 1980 European System of Social Indicators e relatórios de indicadores nacionais estandardizados, disponíveis no sítio http://www.unece.org/pau/ffs/f_h_151b.htm (Setembro 2006), excepto Irlanda: Central Statistics Office Ireland.url, Luxemburgo: STATEC Luxembourg – Europe.url e Reino Unido: UK, National Statistcs Online.url. 1991 e 2001, Eurostat/Population and Social Conditions/Census 1991 e 2001, em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/ (Outubro, 2005); Dinamarca 2001, Statistics Denmark, em http://www.dst.dk/dst/dstframeset.asp/ databases; Suécia 2003-2005, Sweden's Statistical Databases, Income Distribuition Survey (Outubro 2006); Bélgica último ano 2003, Registo Nacional/ Direction Générale Statistique et Information économique (situação a 1 de Janeiro).

Os países do Sul mantêm então um menor peso de indivíduos em mono-residência (2% a 3%), enquanto na Europa Central e Setentrional, Alemanha e Suécia se apresentam em limiares que rondam os 7%, ligeiramente acima da França, Áustria e Finlândia, então com proporções de pessoas a *viver só* de pouco mais de 6%. Tais observações levam-nos assim a concluir que nas diversas regiões os ritmos de crescimento do fenómeno, ao longo das várias décadas em referência, terão sido entre si bastante aproximados, sendo as diferenças que se observam na dimensão que o mesmo assume actualmente nos vários países decorrente, sobretudo, do facto de partirem de patamares diferenciados.

Observando o peso de pessoas em mono-residência nos países que segundo os dados posicionam um maior protagonismo nesta matéria – a Suécia e a Dinamarca –, verifica-se uma distância notória face a todos os restantes, a qual se acentua década após década. Mesmo a Alemanha e Finlândia apresentam em 2001 uma proporção do fenómeno ligeiramente abaixo da que se verifica na Suécia já em 1991. No extremo oposto, Portugal – no último ano em referência, o país com menor incidência de pessoas nesse quadro residencial – não atingiu ainda a proporção que caracterizava a Alemanha e Suécia no início do período em referência. Isto embora siga claramente, tal como os restantes, uma tendência, aparentemente irreversível, de crescimento, ainda que em ritmos mais lentos – aliás, com padrões muito próximos sobretudo da Grécia e Irlanda. Espanha era em 1960, o território com menor peso de pessoas em residencial unipessoal (2%), posicionamento relativo que mantém até início dos anos 90. É então, na última década do século XX, que o despoletar de uma dinâmica de crescimento parece acentuar-se claramente. O mesmo se passa, embora em dimensões muito diversas, nos países a norte da Europa. Holanda, Bélgica, Reino Unido e Luxemburgo marcam uma maior intensidade na evolução do fenómeno especialmente na transição de 1980 para 1990. Sendo que a Dinamarca, tal como a Áustria apresentam impulsos de crescimento mais acentuado já na passagem de 1960 para 1970.

Complementando esta abordagem, a figura 3.2 dá conta do crescimento global da mono-residência no período 1960 a 2001, confrontando ainda essa evolução com a

registada na população total (saldos natural e migratório) em cada um dos países em análise.



Fontes: População total: Eurostat Estatísticas Demográficas (cálculos próprios). Pessoas em residência independente: ver fontes e notas da figura 3.1.

Figura 3.2 Tendências de crescimento da população total e do número de pessoas em mono-residência, 1960-2001 (taxas de variação em percentagem)

O confronto dos ritmos de crescimento de um e outro indicador acentuam de forma notória o forte incremento do *viver só* em todos os países da união, ao longo das últimas quatro décadas. Ainda que os dois indicadores se situem em tendências de crescimento, na população total estas são bastante mais modestas, reflectindo, desde logo, questões de fundo que se prendem com as alterações nas estruturas etárias e conjugais das populações, assim como num retraimento da natalidade.

No índice que apresenta o crescimento demográfico total, esbate-se, no entanto, pelo menos em alguns contextos, o peso dos movimentos migratórios laborais (não familiares), envolvendo com particular incidência segmentos jovens-adultos da população masculina, originários ora do interior do próprio espaço comunitário, ora do Norte de África e América do sul (Comissão Europeia, 2005a). Estes, sobretudo a partir da década de 1980, e apesar do peso relativo da população imigrante ser

tendencialmente diminuto,[49] ao mesmo tempo que atenuam, senão uma descida, pelo menos a estabilização do crescimento natural das populações (nos países receptores), acentuam igualmente, sobretudo nas idades modais de frequência do ensino superior (no caso da mobilidade internacional de estudantes, preconizada nos acordos de Bolonha) e nos escalões etários de jovens-adultos da população economicamente activa, o peso de pessoas em mono-residência (Bracht e outros, 2006; HIS, 2008, 2005; Otero e McCoshan, 2006). Isto particularmente no segmento que embora minoritário parece estar em maior crescimento, associado ao processo de internacionalização das economias dos diversos países, em linha com um aprofundamento da integração europeia e com um aumento do investimento estrangeiro e da competitividade económica internacional (Peixoto, 1999; Pichelmann e Veugelers, 2005).[50] Estes vários movimentos contribuem ainda, simultaneamente, nos contextos de saída para uma diminuição da dimensão média dos núcleos familiares (ver quadro e figura 1.2), reforçando, de alguma forma, tendências de fundo ligadas quer ao fenómeno da mono-residência, quer de forma mais alargada a alterações dos modos de viver a/em família e sociedade (c.f. em relação ao caso especificamente português Torres, Mendes e Lapa, 2006: 129).

De acordo com dados do Eurostat (*Statistiques en Bref*, 1/2006), em 2005, o conjunto de países da UE 15 contribuiu em 97% para o incremento do saldo migratório positivo (entradas e saídas) registado no total da UE 25 – na ordem de um milhão e setecentas mil pessoas. Num período de 1994 a 2005 o crescimento deste saldo é de

[49] A maior excepção é o Luxemburgo, país onde mais de 1/3 da população é estrangeira, representando 45% da força de trabalho, em 2003; muito distante do peso detido pelos estrangeiros no conjunto da população economicamente activa do total de países da UE 15, no mesmo ano (8%) (Comissão Europeia, 2005a: 147).

[50] Reforçando estas tendências, de acordo com os dados da OCDE (2003), entre 2000 e 2002 a generalidade dos países introduziram medidas específicas visando facilitar o recrutamento de trabalhadores estrangeiros altamente qualificados. No quadro da UE, o Reino Unido e Irlanda são os países onde o aumento destes fluxos específicos de entradas foi mais exponencial (*idem*: 23), estando essencialmente ligados ao sector das novas tecnologias, mas também às áreas de saúde e educação. Numa análise comparativa – sem dados para a Irlanda – entre a estrutura de qualificações da população estrangeira e nacional, da faixa etária dos 25 a 44 anos, verifica-se que o perfil dos primeiros é claramente mais qualificado em países como Reino Unido (onde 41,9% dos estrangeiros têm ensino superior, contra 28,5% dos nacionais), Espanha (30,1% e 23,8%, respectivamente) ou Luxemburgo (20,9% e 16,7%) (*idem*: 55).

182%, fazendo da Europa um dos maiores espaços mundiais receptores de imigração. No quadro dos países aqui em referência, curiosamente, apenas a Holanda apresenta uma inversão de tendência, já a partir de 2004. Todos os restantes países da UE 15 revelam um saldo migratório positivo, pelo menos desde 1994. Espanha país de emigração até meados dos anos 1980 (altura em que integra o espaço da união, juntamente com Portugal), é neste contexto geográfico, desde 1997 – substituindo nesse posicionamento a Alemanha –, o principal receptor destes fluxos migratórios, apresentando, em 2005, um saldo positivo de 652 mil imigrantes, o qual representa 38,5% do crescimento total do número de imigrantes no conjunto dos países que compõem a União Europeia a 25, nesse ano; fortemente distanciado de Itália, o país que nesta matéria, em 2005, lhe está mais próximo (20%) e do Reino Unido (12%). Destes fluxos, e ainda no que respeita ao caso espanhol, 1/5 envolvem quadros superiores altamente qualificados oriundos de outros países da união, em especial, Reino Unido, Alemanha, Itália e França, assim como um segmento, que não deixa de ser relevante, de jovens estudantes, ingressados no ensino superior, oriundos da América do sul, em especial Argentina e Venezuela; estes contrastam significativamente em termos de perfis socioprofissionais e qualificacionais e de origens geográficas com os fluxos mais proeminentes – maioritariamente exteriores ao espaço comunitário e ao próprio continente europeu –, envolvendo trabalhadores com vínculos precários, muitas vezes agravados pela sua situação de clandestinidade, recrutados a baixos salários para o sector da construção civil, para o trabalho doméstico e para as actividades em hotéis e restauração (no total, em 2003 estes três sectores acolhiam perto de 50% dos estrangeiros economicamente activos, residentes em Espanha) (Comissão Europeia, 2005a: 150) (cf. www.latinreporters.com/ espagnesoc30012006.html, 30 de Janeiro de 2006).

Na variação dos padrões de incremento da mono-residência, o posicionamento relativo, precisamente, de Espanha e Itália – apesar dos valores ainda relativamente modestos que o fenómeno assume no total da população destes dois países – parece assim convergir com o sentido intenso de mudança social e económica que se observa,

regra geral, no conjunto de estados membros da União Europeia, sobretudo a partir da última década do século XX (Almeida, Machado e Costa, 2006; Costa, Machado e Almeida, 2007a; Costa e outros, 2000; Pichelmann e Veugelers, 2005). Mas se nestes países os ritmos de evolução do *viver só* tende a articular-se com os movimentos migratórios, impulsionados pelos desempenhos da economia, no período anterior à crise actual, globalmente muito positivos, este não é contudo o único factor, nem porventura sequer a causa mais relevante de crescimento do fenómeno, em particular em alguns dos países onde o mesmo assume maior intensidade.[51] Crescimento que no período considerado – 1960 a 2001 – varia entre 348%, na Holanda, e 93%, em França.

3.3 A incidência urbana do fenómeno

Como já foi aqui também assinalado, muitas das dinâmicas de recomposição das estruturas sociais subjacentes à ampliação do *viver só* nas sociedades europeias – simultaneamente, no plano estatístico e na diversidade de protagonismos associados – hoje tal como nos primórdios da época moderna, tendem a ser reforçadas pelo

[51] No caso de Espanha, o crescimento do PIB, até à recente recessão, sempre acima da média da UE, assim como a capacidade de criação de novos postos de trabalho – muito graças à forte desregulamentação do mercado de trabalho (c.f figura A1.3 e quadro A1.4, em anexo), diminuindo de forma acentuada o desemprego (em 1995, rondava os 20%, dez anos passados situava-se abaixo de 10%) e promovendo um acentuado aumento do emprego feminino (ver figura A1.1, relativa às taxas de variação do emprego feminino entre 1985 e 2005 nos países da UE 15) –, a par com um fortalecimento financeiro dos principais grupos empresariais (Telefónica, Inditex, Repsol, Banco Santander, etc.), no apogeu do crescimento económico, levou mesmo alguns analistas a falar de um "milagre espanhol". Expressão utilizada, nomeadamente, pelo Bruno Faria Lopes, no título de uma peça jornalista publicada no Jornal *Diário Económico*, quando da visita de Cavaco Silva a Espanha, em 25 de Setembro de 2006. A contribuir para este "milagre espanhol" para além dos factores assinalados, tenderíamos a acrescentar, seguramente, os protagonismos já aqui brevemente aflorados, que neste país parecem ser particularmente acentuados, no que respeita às recomposições dos perfis socioprofissionais e socioeducacionais da população economicamente activa (Costa, Machado e Almeida, 2007; Martins, 2005; Mauritti, Martins e Costa, 2004; Pichelmann e Veugelers, 2005). No período anterior à crise actual, Espanha era manifestamente o país que apresentava um maior impulso de crescimento, precisamente, nas categorias de maior empreendorismo empresarial e com perfis de qualificações mais elevados (cf. quadro A1.1 com distribuição das classes sociais na UE 15, em 1986 e 2002 e figura 1.1, com taxas de variação por sexo das categorias socioprofissionais de empresários dirigentes e profissionais liberais, de profissionais técnicos e de enquadramento e de assalariados de base da agricultura, indústria e serviços, também neste período).
Dando conta da intensidade da mudança, num contraste chocante com este cenário, Espanha é presentemente um dos países da UE mais afectados, no plano económico e financeiro, pela actual crise: veja-se a título ilustrativo, os défices orçamentais na ordem dos 6,2% que no termo do 1.º trimestre de 2009 valeram ao país um conjunto de advertências da Comissão Europeia ou os números do desemprego que têm vindo a aumentar para valores "recordes" – em Março de 2009 atingiu os 14%.

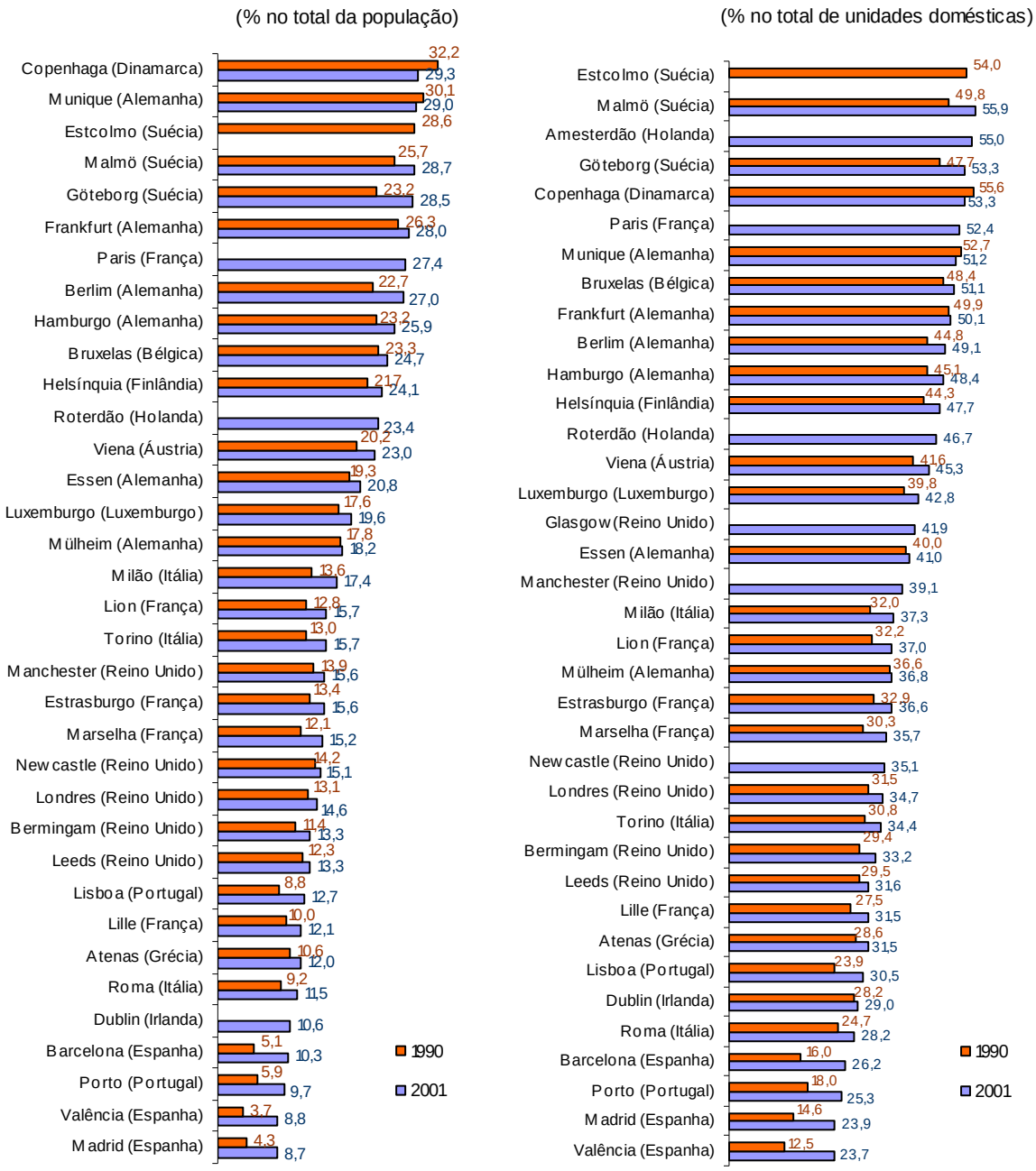
crescimento de grandes centros metropolitanos.[52] Pólos de acolhimento de infra-estruturas tecnológicas, materiais e financeiras que consubstanciam e possibilitam a designada "economia informacional global" (Castells, 2002), com alta concentração dos serviços de decisão estratégica e política das empresas, dos estados nacionais e das instâncias de decisão supranacional; e simultaneamente, centros de prestação de serviços sociais e pessoais muito diversificados (Comissão Europeia, 2005b; Sassen, 2006a), é nos principais centros urbanos que encontramos um enquadramento, em princípio, de maior abertura à autonomia e reflexividade dos indivíduos e das sociedades (Beck e Beck-Gernsheim, 2003: 5; Giddens, 1997: 160), e a uma maior diversidade cultural, propícios, precisamente, a uma intensificação e multiplicação de experiências diversificadas de vida independente (Furedi, 2002; Nyström, 2003; Tonkiss, 2003; Wellman, 1999) (ver figura 3.3).

Tal como sublinha Jean-Claude Kaufmann (2000: 23-24):

> Antes do século XIX já havia pessoas que viviam sozinhas, sobretudo nos meios mais pobres, desviados dos centros das povoações (citando Bordelais, 1984), mas a sua dispersão e discrição escondia-os e abafava a sua singularidade. (…) Com o novo celibato urbano, a habitação independente longe da família tende a generalizar-se e, embora miserável, torna-se pelo contrário o instrumento eventual de uma autonomia."

No trecho citado, Jean-Claude Kaufmann refere-se, especialmente, ao conhecido processo de êxodo rural, que teve lugar com a revolução industrial, implicando uma acentuada divisão social do trabalho e o exponencial aumento da produção e do consumo, em articulação com o rápido crescimento urbano e com profundas mudanças culturais (Velho, 2004: 17). Mais concretamente, e no que respeita aos modos de organização da vida privada e das formas familiares, são transformações que se reflectem, no plano dos valores, num novo enquadramento ligado com a crescente laicização, privatização e sentimentalização dos laços conjugais e da vida familiar (Beck e Beck-Gernsheim, 2003; Giddens, 1996).

[52] C.f. em anexo figura A1.6., com percentagem de população urbana nos países da União Europeia.



Nota: ver notas à figura 3.1.
Fonte: Eurostat, Censos 1989-1992; 1999-2003, indicador “CITY_V”.

Figura 3.3 Residência independente em algumas das principais áreas metropolitanas europeias (em percentagens)

A forma como estas várias transformações estruturais convergem, em termos diacrónicos e sincrónicos ou temporais e espaciais, na crescente determinação e desejo de vida independente – nomeadamente, do casal face ao grupo de parentesco, dos filhos

em relação aos pais, das mulheres face aos homens… num movimento que crescentemente se consubstancia, também, no acréscimo da residência unipessoal – não se constitui num processo de desenvolvimento unilinear. Tal como, de resto, Jean-Claude Kaufmann faz questão de sublinhar (2000: 28).

Na sua configuração eminentemente urbana, a habitação independente, começa por estar essencialmente ligada ao celibato e à viuvez, concentrando-se, no lado feminino, nos segmentos profissionais mais empobrecidos (as lavadeiras, costureiras, operárias fabris, as criadas, etc.), raramente representando uma alternativa desejada (e muito menos socialmente aceitável)[53] em relação ao casamento. Numa "vaga" inicial de expansão do fenómeno, cuja maturação e subsequente ampliação e complexificação têm temporalidades diferenciadas nos vários países, regra geral, depois de um período na actividade económica e de autonomia financeira e residencial, a larga maioria destas mulheres acabaria por casar e com o casamento, num quadro familiar de prevalência da assimetria de papéis entre os dois sexos, regressar ao espaço, publicamente invisível, da casa e da vida doméstica. A sobremortalidade masculina aliada à diferença de idades entre o casal (eles eram regra geral mais velhos), levaria numa fase posterior do ciclo de vida boa parte destas mulheres a experimentarem novamente a *vida a solo*, por um período sucessivamente mais prolongado, à medida que se registam melhorias das condições de vida, higiene e saúde das populações. E daí que na análise que faz do *viver só* e sua evolução na Europa, Jean-Claude Kaufmann identifique nesta "primeira vaga" uma clara dominância das viúvas (p. 131). A qual, já numa terceira vaga, inicialmente nos países escandinavos e da Europa central e progressivamente também na Europa do Sul, é alargada por protagonismos de homens e mulheres que romperam uma relação conjugal ao longo da vida adulta e não recompuseram nova família; contribuindo para que, ainda hoje, seja nos segmento de idades de pessoas com 65 e mais anos que

[53] Como sublinha Rodrigo da Cunha Pereira numa revisão dos princípios fundamentais de organização jurídica da família nas sociedades ocidentais e seu enquadramento no Direito da família no Brasil, "A história da mulher no Direito é de um não-lugar, uma história de ausência, já que ela esteve sempre subordinada ao pai ou ao marido, sem autonomia e marcada pelo regime de incapacidade ou capacidade jurídica" (Pereira, 2004: 101).

encontramos um maior predomínio de pessoas em residência unipessoal (c.f quadro 4.1) (Mauritti, 2004; Ogg, 2003; Tunstall, 1966).

Logo na primeira vaga, de forte preponderância feminina (2/3 seriam mulheres, na quase totalidade viúvas), no lado dos homens, ainda segundo Jean-Claude Kaufmann, o fenómeno encobria uma forte polarização social:

> "Viver só é um dado mais frequente dos dois extremos da cadeia social. Do lado dos pobres – mendigos e outros vagabundos – o facto é antigo (Castel, 1995), mas toma maior amplitude com o crescimento da miséria urbana. Do lado das camadas urbanas (…) o celibato afirma-se como contracultura. São sobretudo os homens – artistas, boémios e *dandies* individualistas – que podem permitir-se a essas audácias. (Kaufmann, 2000: 25).

Também numa manifestação característica da complexa vida moderna, a par com a miséria e a pobreza, neste segundo protagonismo (então, essencialmente masculino) o *viver só* surge mais claramente como o produto da "vontade do indivíduo de preservar a sua independência e individualidade perante os poderes supremos da sociedade" (Simmel, 2001: 31; Tonkiss, 2003).

A expansão da "vida a solo", no que o autor identifica como uma "segunda vaga", com origem nos países escandinavos, a partir dos anos 1960, observa-se junto de segmentos da população jovem (*idem*: 132-4). Este constitui actualmente, como adiante se analisará, um dos protagonismos com maior relevo estatístico e social (Guerreiro, 2003; Heath e Cleaver, 2003; Lewis, 2005). A mobilidade geográfica por motivos de estudo ou de trabalho, o desejo de experimentação ou "de se pôr à prova" (Schurmans, 2004), a maior abertura proporcionada pela pluralidade de formas familiares e modos de organização da intimidade (Lamourère, 2003; Levin, 2002, 2004; Levin e Trost, 1999; Roseneil e Budgeon, 2004), aliada à flexibilização, às incertezas e às precariedades que marcam as transições iniciais (Bertolini, Gonzalez e Naldini, 2006; Golsh, 2002; Goodwin e O'Connor, 2005; Guerreiro e Abrantes, 2004; Lewis e outros, 1999; Pais, 1996, 1998, 1999, 2003; Pais, Cairns e Pappámikail, 2005), mesmo após um período relativamente prolongado no sistema de ensino, explicam que, em todos os países, o *viver só* se constitua, cada vez mais, para ambos os sexos, como uma experiência mais

ou menos durável entre a saída de casa dos pais e a constituição de uma nova família (Lewis, 2005). Experiência que para um número crescente de indivíduos, tende a ser vivenciada de forma intermitente ao logo de diversos ciclos de vida (Aboim, 2003; Chandler e outros, 2004; Crompton, 1994; Furedi, 2002; Guerreiro, 2003; Hays e George, 2002; Jamieson e outros, 2001; Lewis, 2005; Ogg, 2003; Smith, Wasoff e Jamieson, 2005; Victor e outros, 2005).

Contudo tal não explica totalmente, por um lado, a diferente expressão diacrónica e sincrónica que o fenómeno assume quer em diferentes países, quer dentro destes, a sua concentração igualmente diferenciada por segmentos sociais específicos. Não explica, por outro lado, porque é que para uns é fundamentalmente uma situação transitória e para outros uma opção durável ou mesmo definitiva. Jean-Claude Kaufmann sublinha a dificuldade em isolar os principais "factores de predisposição", nomeadamente devido à "complexidade de mecanismos de trajectórias de identidades, combinando intimamente os factores internos e externos, subjectivos e objectivos, individuais e sociais" (*idem*: 136). Nos vários casos que apresenta para dar conta dos motivos associados surge um imbricado complexo de relações entre: 1) "traços de personalidade" – a timidez, o amor-próprio, a maior ou menor dificuldade em se impor 2) "orientações pessoais" – por exemplo, "o gosto demasiado pronunciado pelo estudo", "um sucesso profissional demasiadamente brilhante" (*idem*: *ibidem*) e 3) "efeitos biográficos" ou de trajectória – os quais resultam numa sucessiva desarticulação entre as predisposições e orientações pessoais e a (im)possibilidade de estabelecimento de uma vida íntima em casal. Estas *características ligadas essencialmente a condições individuais* (de resto, em constante reformulação) não chegam, por si só, para explicar a persistência do fenómeno e o seu crescimento social. Segundo o autor, para que se tornem causas, *é importante que exista um contexto social favorável ao mesmo*. Uma abordagem destas condições sociais consiste na procura de explicação do que estaria na origem do "impulso que leva a preservar a vida a solo" (*idem*: 138). Uma análise que, na sua perspectiva, será tanto mais fácil de identificar quanto ligada a trajectórias de autonomia voluntária, ou à procura, designadamente por parte mulheres, de um estatuto

igualitário. Escreve o autor: "a entrada numa trajectória particular não muda apenas o cenário no qual vivemos, faz de nós, real e profundamente, outra pessoa, ainda mais quando existe uma alternativa entre duas trajectórias muito contrastadas" (*idem*:143): a da mulher casada, cujo marco fundamental é a "dedicação" e o compromisso com a vida familiar, obrigando ao desinvestimento na profissão e dificultando, como tal, a sua independência financeira, e a da mulher que vive numa independência auto-determinada, onde o padrão dominante é a "autonomia" e a capacidade de decisão.

Ao longo do seu livro *A Mulher Só e o Príncipe Encantado: Inquérito sobre a Vida a Solo*, apesar deste ultimo retrato sobre as "mulheres autónomas" (que opõe claramente à figura dominante da "mulher só" ou que vive uma *vida a solo*), o autor resiste em assumir, de facto, um padrão de protagonismos igualitários, mesmo ao nível sexual e emocional,[54] na residência unipessoal de homens e mulheres. Tal é bem visível, por exemplo, na descrição que faz (e que sucessivamente retoma) da "solteirona". Termo de atribuição social com significação depreciativa, transmitindo quer a ideia de desprezo, perturbação ou suspeita de desvio, quer de liberdade, desprendimento e autonomia (c.f. Kaufmann, 2000: 26); com raiz na palavra "solteiro": do latim solitarius 'que vive só' (ACL, 2001: 3448). Já no final do livro, quando compara homens e mulheres, afirma o autor que "os homens a solo podem sentir-se sós e sonhar com o casal, mas não são tão inquietados por uma alternativa identitária como as mulheres (Kaufmann, 2000: 197). A situação destas, na sua perspectiva, está assim irremediavelmente imbuída de ambiguidade: balançando entre "a felicidade da autonomia conferida pela profissão e a dor de não casar":

> (…) Quanto mais elevado é o grau de instrução, mais elas abraçam uma carreira, e mais problemática se torna a vida a dois. A profissão ofereceu segurança, distinção, abertura de

[54] Designadamente, no sentido que lhe confere Giddens no seu livro *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, como a expressão, para ambos os sexos, do carácter "aberto" da auto-identidade e dos projectos de vida pessoal, no quadro de relações plurais de intimidade, crescentemente baseadas numa "negociação transaccional de laços pessoais de igual para igual" (Giddens, 1996: 2).

horizontes. Demasiada segurança, distinção, abertura de horizontes para se satisfazerem com os candidatos a marido, incultos e boçais (*idem*:26). [55]

Em temporalidades e dimensões desiguais nos vários países aqui em análise, a ampliação, até à actualidade, de preferências e orientações diversas nos protagonismos de residência independente, também junto das mulheres de diferentes escalões etários, acompanha quer o crescimento da actividade profissional feminina ao longo da vida adulta (Hantrais, Philipov e Billari, 2006; Steiber, 2006; Torres, Mendes e Lapa, 2006), quer sobretudo o aumento do nível de competências e de escolaridade (Ávila, 2007, 2008; Costa, Machado e Almeida, 2007; Costa e outros, 2000; Martins, 2005; Mauritti, Martins e Costa, 2004); quer também a diversificação das "formas familiares" (dimensão e tipo de família e de estruturas domésticas) (Almeida e outros, 1998: 50), cuja extensão e variabilidade se articula, ainda, com os padrões de valores prevalecentes nos vários contextos societais (Almeida, Machado e Costa, 2006; Inglehart e Baker, 2000; Inglehart e Welzel, 2004) e com o tipo de enquadramento institucional e político-normativo, desde logo no plano de providência e bem-estar.

Ao longo das últimas décadas, a crescente complexificação associada à intensa europeização – interpenetração económica, política, monetária, social e cultural – concomitante com o sucessivo alargamento do espaço da União, contribuem significativamente para uma diferenciação dos protagonismos actuais de autonomia e individualização observados nos diferentes países, nomeadamente consubstanciados na mono-residência. Isto, num processo que tem efeitos ainda mais ampliados nas principais metrópoles que constituem esse espaço (cf. figura 3.3 e Comissão Europeia, 2000, 2005b). Na diferenciação interna do fenómeno, este, sem deixar de incluir franjas mais ou menos significativas de pobreza, exclusão e marginalização social (Boutin, 2003; Klinenberg, 2001; Pais, 2006; Schurmans, 2003; Victor e outros, 2005), ou até de "alienação" ou desvinculação face às relações comunitárias (Pappano, 2001; Putnam, 1995, 1996, 2000), assume novos contornos, integrando, igualmente, por vezes, aliás, de

[55] Numa mesma linha de argumentação, c.f François de Singly (1987).

forma senão preponderante, pelo menos em grandeza crescente, experiências desiguais de emancipação, *que envolvem a escolha de modos de vida alternativos* (Heath e Cleaver, 2003; Nyström, 2003), configurando "padrões de estilo de vida que podem incluir também a rejeição mais ou menos deliberada de formas de comportamento de consumo mais vastamente difundidas" (Giddens, 1997: 5). Nomeadamente, abrangendo segmentos que num estudo aprofundado sobre padrões de vida na sociedade portuguesa actual se designou de "qualificados" (Martins, Mauritti e Costa, 2004, 2007b).[56]

Neste sentido, completando esta primeira análise da residência unipessoal nas sociedades ocidentais moderno-contemporâneas, a figura 3.3 apresenta a sua incidência em alguns dos principais centros metropolitanos da UE 15, em 1990 e 2001. A abordagem desenvolvida perspectiva o fenómeno a partir de dois indicadores complementares. Um primeiro, no seguimento dos desenvolvimentos anteriores, dá conta da percentagem de pessoas em mono-residência no conjunto da população residente em cada uma das cidades assinaladas. O segundo perspectiva o peso de pessoas que não partilham o respectivo alojamento com terceiros no total de unidades domésticas privadas, também para cada cidade.

Independentemente do indicador que se toma por referência, esta figura acentua as diferenciações assinaladas quanto à dimensão que o *viver só* assume nos diversos países. Dando conta da forte incidência do fenómeno nos contextos urbanos de maior dimensão, em todos as cidades aqui destacadas, sem excepção, o seu peso é mais elevado do que o observado no total nacional. Tais variações são ainda mais marcadas quando se considera a sua proporção no total de unidades domésticas (ver quadro 1.2, com totais nacionais): em cidades como Estocolmo, Malmö ou Göteborg, Amesterdão,

[56] Qualificados na medida em que respeitam essencialmente a 1) indivíduos com recursos socioprofissionais e socioeducacionais localizados no topo da estrutura social (de forma preponderante, posicionados na categoria de profissionais técnicos de enquadramento); 2) indivíduos com práticas de consumo que perfilam lógicas de distinção, no sentido de Bourdieu (1979), revelando elevados patamares na utilização de tecnologias enquadradoras da sociedade de informação e do conhecimento; 3) indivíduos cuja inserção em contexto urbano lhes permite, pois, o acesso alargado a "consumos qualitativos" – lúdicos e culturais, estéticos e desportivos, de educação e saúde, entre outros –, com todas as suas implicações e manifestações nas várias esferas da vida social, profissional e familiar.

Copenhaga, Paris, Munique, Bruxelas e Frankfurt envolve mesmo mais de 50% das unidades domésticas de alojamento.

Nestas cidades, mas também em muitas das restantes destacadas na figura, a proporção de pessoas em residência unipessoal tende assim a sobrepor-se, ou pelo menos a igualar, o peso de famílias nucleares de casais com filhos. Este facto leva-nos assim a questionar: em que medida é possível que as experiências variadas consubstanciadas no *viver só* por orientação ou escolha pessoal ao longo de períodos mais ou menos prolongados das trajectórias de vida constituem fenómenos atípicos, fora da norma? Ou, dito de outro modo, haverá um modelo referência de organização da vida privada? Que mudanças observáveis nas configurações familiares actuais e na organização da vida pessoal contextualizam as orientações para uma vida em autonomia?

4 CONTEXTOS DE ALOJAMENTO E CICLOS DE VIDA

Nas concepções dominantes sobre a "família" e os "modos de organização da vida pessoal", a *unidade de alojamento* emerge como um dos descritivos centrais, a partir do qual se constrói todo o imaginário social que constitui – ao sobrepor-se *como facto* – a realidade social desses elementos. Nas percepções sociais, a ligação a uma residência ou a uma "casa" ou o "ter um lar" determina a própria possibilidade do privado e da vida íntima – pelo menos na sua forma mais permanente ou durável no tempo –, assumindo-se que a habitação corresponde ao lugar privilegiado de estabelecimento e construção das "relações familiares" e dos modos de viver em/na família.

Tal centralidade que é concedida à unidade de alojamento é ainda reforçada nas definições que enquadram, por exemplo, a operacionalização dos indicadores estatísticos sobre a família ("clássica"), nos quais esta se apresenta como um conjunto de pessoas relacionadas entre si por laços de parentesco (de direito ou de facto) e que vivem em coabitação num mesmo alojamento (cf. http://metaweb.ine.pt/sim/conceitos/detalhe.aspx?cnc_cod=177 [Maio, 2007]).

O relevo conferido à unidade de alojamento no enquadramento de uma base de referenciação a partir do qual se caracterizam os relacionamentos na esfera da vida privada, está ainda bem patente no alargamento do conceito de "família" – utilizado nomeadamente pelo Instituto Nacional de Estatística –, no qual, supomos nós, dando cobertura à multiplicidade, pluralidade e permutabilidade das formas familiares emergentes, cabem ainda todas as situações que envolvem "qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento", onde se incluem também as unidades domésticas com uma só pessoa.[57]

[57] E daí que numa pesquisa rápida no site http://www.ine.pt/ a partir do descritivo "famílias unipessoais", tenhamos encontrado 45 registos – entre 19 "publicações", 16 "estudos", 10 "destaques", três "bases de dados", uma "institucional" e uma de "meta-informação" (Setembro, 2007).

Sem aprofundar para já em que medida esta assimilação da pessoa que vive sozinha num alojamento à noção de "família", que se define como tal por si só, acaba por distorcer e condicionar o olhar de quem procura compreender os padrões sociais subjacentes ao crescimento da residência unipessoal nas sociedades actuais, no presente capítulo, beneficiando da oportunidade de dados apenas disponíveis nos últimos recenseamentos populacionais, procura-se enquadrar as configurações presentes que o fenómeno assume em diferentes países europeus a partir de um olhar centrado nos indivíduos, homens e mulheres, e na forma como se organizam em termos habitacionais (quadro 4.1), considerando também o confronto entre contextos de residência e envolvimento na actividade económica, ao longo de diversas fases do ciclo de vida (quadros 4.2 e 4.3).[58] Numa estratégia analítica em parte já concretizada em capítulos anteriores, também nestas análises se pretende estabelecer um diálogo sistemático com diversas fontes, procurando aprofundar a complexidade de configurações e dinâmicas específicas que as orientações para uma vida independente – consubstanciadas nomeadamente no viver sozinho num alojamento – podem assumir em diversos contextos e protagonismos.

Na observação da distribuição relativa ao conjunto da população com 18 e mais anos, segundo o sexo, verifica-se que, na viragem do século XXI, em todos os países referenciados as mulheres predominam face aos homens nos contextos de maior autonomia residencial (quadro 4.1). Seja na residência unipessoal propriamente dita, seja na coabitação parental relativa à monoparentalidade (um adulto com criança/s e/ou jovens). Quanto aos homens reforçam sobretudo os contextos de coabitação conjugal e familiar (casados e em união de facto, com ou sem filhos) – na qual se inclui também a permanência em casa de familiares.[59]

[58] Os dados que sustentam esta abordagem têm ainda como fonte os recenseamentos gerais da população, e referem-se ao indicador "indivíduos em unidades domésticas", apenas disponível no último ano, 2001. De acordo com a informação facultada no Eurostat, nestas caracterizações consideram-se os indicadores sociodemográficos relativos à idade, sexo e contexto de residência – residência unipessoal; monoparentalidade; coabitação conjugal (casados); coabitação conjugal (união livre); em casa dos pais – e a articulação destes indicadores com a condição perante a actividade económica.

[59] No original "Person living as a child in the parental home".

Ainda numa leitura reportada às variações do total por sexo, é possível observar padrões bastantes diferenciados entre os vários países aqui em destaque. Com maior incidência de protagonismos propícios à autonomia individual, mais ligados a formas desinstitucionalizadas de organização da vida pessoal, e a um modelo mais igualitário na conciliação entre vida familiar e profissional, posicionam-se a Dinamarca e Finlândia: destacadas pelo peso, quer de pessoas em residência unipessoal, quer em coabitação conjugal num quadro de "união livre", quer ainda (na leitura dos quadros 4.2 e 4.3) por apresentarem proporções menos discrepantes no que se refere ao envolvimento em trabalho remunerado de homens e mulheres casados, nas idades dos 30 a 54 anos. No extremo oposto face a estes situam-se os países a sul da Europa, em particular Portugal, Grécia e Espanha, no que se refere à menor incidência de pessoas em alojamentos unipessoais (envolvendo 8% a 9% da população com 18 e mais anos), Grécia e também Itália tanto no que respeita à pouca expressão da conjugalidade em união de facto, como ao baixo peso de mulheres casadas inseridas na actividade económica. Neste panorama, as mulheres portuguesas casadas destacam-se ainda pelo seu envolvimento na actividade remunerada, apresentando taxas de participação que – apesar de mais baixas do que as dos seus congéneres masculinos, de resto, uma situação alargada a todos os países em referencia –, se situam em patamares bastante elevados, que as aproximam dos países nórdicos.[60]

Esta relativa singularidade inter-regional dos comportamentos das mulheres portuguesas casadas no que respeita às orientações face ao trabalho, constitui um bom exemplo para enfatizar a complexidade de relações que se estabelecem entre trajectórias de autonomia individual e estruturas sociais e culturais de oportunidades e

[60] Diversos estudos têm precisamente explorado esta particularidade das mulheres portuguesas face às suas congéneres europeias (sobretudo no quadro dos países da Europa do Sul), nomeadamente procurando inferir sobre as implicações do maior envolvimento profissional tanto no que respeita a um adiamento dos projectos de transição familiar e formação de uma nova família, como na construção dos laços conjugais e nas orientações em relação à parentalidade, como ainda nas práticas e nos contextos de partilha e de conciliação das actividades de trabalho e da vida familiar (AA.VV., 2002; c.f. Almeida e outros, 1998; Almeida e outros, 2000; Brannen e Smithson, 1998; Costa e outros, 2000; Guerreiro e Abrantes, 2004; Lewis e outros, 1999; Torres, 2004; Torres e Silva, 1998; Torres, Mendes e Lapa, 2006; Wall, 2005).

constrangimentos (Crompton e Harris, 1998; Esping-Anderson, 2006; Steiber, 2006). Variados estudos têm demonstrado, a forte correlação entre recursos socioeducacionais e propensão para o exercício de uma actividade remunerada (Aboim, 2006; Almeida e outros, 2000; Almeida, Costa e Machado, 1994; Ávila, 2008; Costa e outros, 2000; Machado e Costa, 1998; Mauritti, 2002; Torres, 2004; Torres e Silva, 1998; Wall, 2005). Um panorama que é ainda reforçado pelo facto de, regra geral, se observar uma maior incidência da precariedade e incerteza laboral, bem como remunerações mais baixas, precisamente no segmento onde existe maior escassez de qualificações.

4.1 Pluralidade e mutabilidade nos percursos transicionais

A análise por sexo e idades (quadro 4.1) e condição face à actividade económica (quadros 4.2 e 4.3) introduz nos traços globais assinalados uma variação, muito significativa, no peso relativo dos diversos contextos de alojamento, enfatizando, independentemente das variações observadas entre países, uma segmentação clara entre sexos e escalões etários. Numa leitura transversal destes quadros, mesmo atendendo ao carácter cada vez menos linear dos vários processos aqui conjugados, relacionados com percursos escolares, profissionais e familiares, e enquadrados pelas circunstâncias históricas, institucionais e culturais de cada sociedade, podemos delinear alguns padrões dominantes nos modos de organização do alojamento, ao longo de diversas experiências e trajectórias de vida.

No escalão juvenil, dos 18 a 24 anos, tendem a posicionar-se de forma preponderante indivíduos que perseguem ainda os respectivos estudos, nomeadamente no ensino superior, assim como todos aqueles que tendo abandonado já o sistema escolar, experimentam uma fase, mais ou menos intermitente e prolongada no tempo, marcada por uma multiplicidade de combinações e de possibilidades de percursos transicionais, mais ou menos fragmentados e parcelares, nas esferas laborais, conjugais e familiares.[61]

[61] Refira-se que o retrato europeu quanto à participação dos jovens deste escalão etário no sistema de ensino nos níveis secundário e superior está longe de ser homogéneo, variando entre 61% em Portugal (69% no caso do sector feminino) e os esmagadores 92% da Dinamarca (94%, mulheres) (Martins, 2005).

Quadro 4.1 Modos de organização do alojamento, segundo o sexo e grupos etários nos países da UE 15, em 2001

(percentagem por sexo no total de pessoas do respectivo escalão etário)

Pessoas por grupos etários e contextos de alojamento		Distribuição por países e sexo																																									
		Alemanha[2]			Áustria			Bélgica			Dinamarca			Espanha			Finlândia			França			Grécia			Holanda			Irlanda			Itália			Luxemburgo			Portugal			Reino Unido		
		HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
18-24 anos	Residência unipessoal	16,2	16,1	16,4	10,5	10,3	10,7	8,0	8,6	7,5	34,3	34,8	33,9	2,7	3,0	2,4	18,4	17,0	19,9	15,4	14,2	16,5	6,9	7,0	6,8	18,9	18,3	19,5	2,7	2,8	2,6	2,4	2,7	2,1	6,8	7,5	6,1	3,1	3,1	3,2	6,5	6,9	6,2
	Monoparentalidade	1,2	0,0	2,4	2,0	0,1	3,8	1,2	0,4	2,2	1,1	0,0	2,2	1,0	0,3	1,7	1,2	0,0	2,5	1,2	0,1	2,2	0,4	0,1	0,7	0,8	0,0	1,7	2,2	0,1	4,4	0,6	0,1	1,0	0,6	0,3	1,0	1,0	0,1	1,9	5,0	0,2	9,8
	Coabitação conjugal (casados)	7,5	3,8	11,3	6,4	3,5	9,4	6,0	2,8	9,3	4,2	2,3	6,2	3,9	2,0	5,8	5,2	3,2	7,2	18,8	12,1	25,6	9,9	3,5	16,1	5,1	2,3	7,9	2,1	1,1	3,1	5,4	2,0	8,9	13,4	7,6	19,1	12,9	8,0	17,8	6,1	3,4	8,7
	Coabitação conjugal (uniões livres)	8,9	5,9	12,0	8,1	5,5	10,8	5,8	3,7	7,9	21,0	15,4	26,7	2,9	2,0	3,8	23,3	18,1	28,8	0,0	0,0	0,0	2,1	1,2	2,9	14,1	9,3	19,0	6,7	4,5	9,1	1,2	0,7	1,7	0,0	0,0	0,0	3,8	2,8	4,8	16,6	12,4	20,7
	Em casa de familiares	66,2	74,2	58,0	73,0	80,6	65,3	78,9	84,5	73,1	39,4	47,5	31,1	89,6	92,7	86,3	50,1	59,8	39,9	64,3	73,1	55,3	80,8	88,3	73,5	61,1	70,1	51,9	86,3	91,5	80,7	90,4	94,5	86,2	79,2	84,6	73,8	79,2	85,9	72,3	65,7	77,1	54,6
25-34 anos	Residência unipessoal	21,8	27,3	16,4	16,4	19,6	13,3	16,5	20,6	12,4	30,3	39,3	21,0	7,1	8,6	5,7	19,7	23,3	16,1	14,9	17,4	12,6	6,4	7,3	5,5	20,4	24,7	16,0	6,9	8,5	5,3	7,6	9,2	5,9	16,7	20,0	13,5	4,9	5,5	4,3	13,0	16,5	9,8
	Monoparentalidade	4,0	0,6	7,4	5,5	0,7	10,1	5,2	1,6	8,7	4,4	0,5	8,3	3,1	1,2	5,1	4,5	0,4	8,6	4,1	0,6	7,4	2,2	0,5	3,8	2,7	0,2	5,2	5,0	0,5	9,5	2,1	0,4	3,8	3,0	1,0	5,0	2,8	0,5	5,0	8,0	0,8	14,6
	Coabitação conjugal (casados)	46,2	38,8	53,7	42,4	35,9	48,7	46,6	40,5	52,8	34,6	29,1	40,2	41,1	34,8	47,4	36,9	32,2	41,7	67,4	63,3	71,4	51,5	40,1	62,7	41,9	35,0	48,9	41,8	37,0	46,4	43,5	35,0	52,0	61,9	55,1	68,5	58,0	53,2	62,7	41,7	38,0	45,0
	Coabitação conjugal (uniões livres)	15,6	15,7	15,4	15,2	15,3	15,2	13,5	13,4	13,6	30,8	31,1	30,5	7,1	6,8	7,3	28,1	28,7	27,6	0,0	0,0	0,0	3,7	3,7	3,6	25,6	26,2	24,9	16,4	16,8	16,0	4,0	3,6	4,4	0,0	0,0	0,0	7,3	7,1	7,6	23,3	24,9	21,8
	Em casa de familiares	12,3	17,5	7,1	20,5	28,5	12,7	18,1	23,8	12,4	0,0	0,0	0,0	41,6	48,6	34,6	8,8	13,0	4,6	13,3	18,4	8,4	36,3	48,4	24,4	9,5	14,0	4,9	29,9	37,2	22,9	42,8	51,9	33,9	18,4	23,9	13,1	27,0	33,8	20,4	14,0	19,8	8,8
35-44 anos	Residência unipessoal	14,2	19,5	8,9	12,5	16,0	9,0	12,4	16,9	7,8	17,3	25,1	9,2	6,2	7,7	4,7	14,2	18,3	10,2	10,0	13,0	7,1	5,0	5,8	4,2	12,7	16,7	8,5	6,9	8,6	5,4	7,5	9,7	5,4	11,8	15,2	8,3	3,8	4,7	2,9	11,3	15,1	7,6
	Monoparentalidade	6,0	1,6	10,6	7,8	1,8	13,7	8,2	2,9	13,7	7,8	2,1	13,6	5,9	2,2	9,5	7,8	2,0	13,7	7,4	2,0	12,6	4,9	1,5	8,2	5,1	1,1	9,2	6,0	1,4	10,5	4,5	1,1	7,9	5,9	2,2	9,6	5,2	1,2	9,1	9,2	2,2	15,9
	Coabitação conjugal (casados)	68,5	65,6	71,4	64,8	63,3	66,2	66,5	64,8	68,3	58,6	55,6	61,6	73,1	72,1	74,1	55,9	53,6	58,2	78,6	79,2	78,0	78,3	76,2	80,3	68,6	66,2	71,0	73,9	73,7	74,1	74,1	72,5	75,7	77,5	76,4	78,7	77,2	77,8	76,7	63,0	62,9	63,2
	Coabitação conjugal (uniões livres)	8,1	8,7	7,6	8,8	9,5	8,0	7,2	7,6	6,8	16,4	17,2	15,5	5,0	5,3	4,7	16,5	17,4	15,5	0,0	0,0	0,0	2,2	2,4	2,0	11,4	12,5	10,3	5,6	6,3	5,0	3,6	3,7	3,5	0,0	0,0	0,0	6,5	6,8	6,2	12,1	13,3	10,9
	Em casa de familiares	3,1	4,7	1,5	6,2	9,3	3,1	5,6	7,8	3,4	0,0	0,0	0,0	9,9	12,7	7,1	4,1	6,7	1,5	3,7	5,5	2,0	9,5	14,0	5,2	2,2	3,4	1,0	7,5	10,1	5,1	10,2	13,0	7,5	4,8	6,3	3,4	7,3	9,6	5,1	4,4	6,5	2,4
45-54 anos	Residência unipessoal	12,9	14,5	11,3	14,1	14,8	13,4	13,6	15,5	11,8	19,0	21,9	16,0	5,9	7,0	4,9	17,0	17,9	16,1	11,5	11,9	11,2	5,7	5,5	6,0	12,2	13,3	11,0	8,9	10,7	7,1	7,2	8,4	6,0	11,4	13,0	9,8	4,6	4,6	4,6	12,6	14,0	11,2
	Monoparentalidade	4,7	2,1	7,2	7,0	3,0	10,9	7,2	3,5	10,9	5,3	2,6	8,0	7,0	2,9	11,0	6,2	2,7	9,7	6,5	2,6	10,3	6,0	2,3	9,6	4,8	2,2	7,5	6,9	2,8	10,9	5,8	2,3	9,3	6,4	3,3	9,7	6,0	1,8	9,9	6,5	2,8	10,1
	Coabitação conjugal (casados)	76,4	76,4	76,4	70,4	72,0	68,9	71,7	72,1	71,3	66,5	65,6	67,4	79,8	81,5	78,2	63,2	63,3	63,1	79,9	82,7	77,1	82,8	85,6	80,1	75,7	76,0	75,3	77,9	78,5	77,2	81,0	82,2	79,8	79,7	80,8	78,5	81,6	85,0	78,4	71,3	71,9	70,7
	Coabitação conjugal (uniões livres)	4,9	5,3	4,5	5,5	6,1	4,9	4,4	4,8	4,0	9,3	9,9	8,6	3,0	3,4	2,6	10,0	10,6	9,5	0,0	0,0	0,0	1,7	1,9	1,5	6,3	7,0	5,6	3,1	3,6	2,7	2,2	2,5	1,9	0,0	0,0	0,0	4,7	5,3	4,1	7,2	7,8	6,6
	Em casa de familiares	1,2	1,7	0,6	3,0	4,1	1,8	3,0	4,0	2,0	0,0	0,0	0,0	4,3	5,2	3,4	2,5	4,0	1,0	1,9	2,5	1,2	3,7	4,7	2,8	1,0	1,5	0,5	3,2	4,3	2,1	3,8	4,5	3,1	2,5	2,9	2,0	3,2	3,4	3,0	2,5	3,5	1,5
55-64 anos	Residência unipessoal	16,8	13,4	20,0	18,8	15,1	22,3	17,0	15,0	18,9	23,7	20,7	26,7	8,3	7,7	8,8	22,3	18,2	26,2	16,2	12,7	19,4	9,7	6,2	13,0	16,0	12,6	19,5	13,5	14,1	12,9	10,4	8,7	12,0	15,7	13,1	18,2	8,3	5,4	10,9	16,9	14,8	18,9
	Monoparentalidade	2,2	1,1	3,3	5,0	2,5	7,3	3,8	2,0	5,5	1,0	0,8	1,2	6,9	3,0	10,7	2,9	1,5	4,2	3,6	1,6	5,5	5,7	2,2	9,1	2,2	1,3	3,1	6,7	3,2	10,1	6,3	2,8	9,6	4,9	2,9	7,0	5,4	1,8	8,7	3,7	1,9	5,5
	Coabitação conjugal (casados)	77,5	81,5	73,6	71,5	77,0	66,3	75,5	78,7	72,4	69,6	72,3	66,9	81,4	85,4	77,6	67,4	71,5	63,5	79,3	84,5	74,3	82,0	89,0	75,5	77,2	81,0	73,5	77,2	79,3	75,1	80,6	85,3	76,1	78,5	83,0	74,0	81,7	88,2	75,9	74,3	77,3	71,3
	Coabitação conjugal (uniões livres)	3,2	3,6	2,9	3,6	4,1	3,1	2,7	3,1	2,3	5,7	6,2	5,2	1,8	2,1	1,5	5,9	6,5	5,3	0,0	0,0	0,0	1,2	1,4	1,0	4,1	4,6	3,7	1,6	2,0	1,2	1,3	1,6	1,1	0,0	0,0	0,0	3,1	3,7	2,6	4,0	4,6	3,4
	Em casa de familiares	0,3	0,4	0,2	1,1	1,3	1,0	1,0	1,2	0,8	0,0	0,0	0,0	1,7	1,8	1,5	0,8	1,1	0,4	0,8	1,0	0,6	1,4	1,3	1,5	0,3	0,5	0,2	1,0	1,3	0,7	1,4	1,5	1,3	0,9	1,0	0,7	1,4	1,0	1,8	1,1	1,3	0,8
≥ 65 anos	Residência unipessoal	35,2	16,5	47,5	32,5	15,8	42,8	29,8	17,7	38,3	46,3	29,0	58,8	19,5	10,7	25,9	37,4	21,5	47,4	30,7	16,4	40,5	17,7	9,1	24,9	33,1	17,6	44,0	26,9	20,6	31,8	26,7	13,5	36,0	27,5	14,8	36,1	19,0	10,1	25,4	34,5	21,8	43,7
	Monoparentalidade	2,2	0,9	3,0	5,2	2,2	7,0	3,8	1,8	5,3	0,0	0,1	0,0	6,7	3,1	9,4	4,1	1,7	5,6	3,2	1,2	4,5	5,9	2,2	9,1	2,2	1,0	3,0	8,9	3,9	12,7	6,4	2,9	8,8	4,3	2,3	5,7	6,0	2,3	8,6	4,4	2,2	6,0
	Coabitação conjugal (casados)	53,3	76,5	38,2	47,9	72,2	33,0	53,7	71,8	41,1	47,7	64,9	35,2	56,7	75,0	43,3	46,5	66,9	33,7	54,7	74,7	41,0	59,4	78,9	43,4	53,1	72,3	39,6	45,2	60,2	33,6	54,2	76,3	38,6	50,8	71,4	36,8	56,7	75,9	42,9	50,6	67,4	38,4
	Coabitação conjugal (uniões livres)	1,8	2,4	1,4	1,9	2,6	1,5	1,3	1,7	1,0	2,9	3,9	2,2	1,0	1,3	0,8	2,0	2,8	1,6	--	--	--	0,8	1,0	0,6	2,7	3,1	2,4	0,4	0,6	0,2	0,8	1,1	0,5	--	--	--	1,9	2,6	1,4	1,5	2,1	1,1
	Em casa de familiares	--	--	--	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	--	--	--	0,2	0,2	0,2	0,1	0,1	0,0	0,1	0,2	0,1	0,2	0,1	0,3	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	0,3	0,1	0,1	0,1
≥ 18 anos	Residência unipessoal	20,1	17,7	22,3	17,5	14,9	19,8	16,7	15,7	17,7	28,0	27,9	28,1	8,6	7,2	9,8	21,1	18,6	23,5	16,3	13,7	18,7	8,4	6,2	10,4	18,4	17,0	19,8	9,7	9,5	10,0	11,5	9,0	13,8	14,7	13,7	15,8	7,6	5,5	9,5	16,2	14,6	17,7
	Monoparentalidade	3,5	1,1	5,7	5,5	1,7	9,0	5,1	2,1	7,8	3,5	1,1	5,7	4,9	2,0	7,7	4,6	1,5	7,6	4,4	1,4	7,2	4,1	1,4	6,6	3,2	1,0	5,3	5,4	1,7	9,0	4,4	1,6	7,0	4,2	1,9	6,4	4,4	1,2	7,3	6,0	1,7	9,9
	Coabitação conjugal (casados)	57,8	60,4	55,4	51,1	53,5	48,8	54,1	56,0	52,4	49,0	50,0	48,0	53,5	55,1	51,9	47,0	48,8	45,4	62,7	65,5	60,1	57,5	58,6	56,4	55,3	56,4	54,3	48,8	49,6	48,0	57,4	60,0	55,0	59,9	61,6	58,3	60,6	63,7	57,8	51,3	53,6	49,2
	Coabitação conjugal (uniões livres)	6,5	6,8	6,3	7,0	7,3	6,7	5,5	5,7	5,3	14,0	14,3	13,7	3,4	3,5	3,2	13,0	13,5	12,5	--	--	--	1,8	1,8	1,7	10,8	11,1	10,5	5,5	5,5	5,4	2,2	2,3	2,1	--	--	--	4,5	4,7	4,2	9,6	10,1	9,1
	Em casa de familiares	11,3	13,9	8,7	12,7	16,5	9,3	12,7	15,6	10,1	--	--	--	20,8	24,1	17,8	8,0	11,0	5,1	10,4	13,2	7,7	16,7	20,4	13,1	8,8	11,3	6,4	18,1	21,4	15,0	18,9	22,5	15,5	12,3	14,5	10,2	16,8	20,3	13,7	9,4	12,1	6,8

Notas: Dados referentes ao sub-universo de indivíduos alojados em unidades domésticas (excluindo situações não especificadas: ex. "outros indivíduos alojados em unidades domésticas").
Alemanha total de pessoas com 18 a 64 anos em casa de familiares. Suécia dados não disponíveis.
Fonte: Eurostat, Censos 2001/ CENS_RHTYPE= Population by sex, group of age, type of household and household status (Abril, 2005).

Neste grupo de idades a *permanência em casa de familiares* corresponde, claramente, ao principal modo de alojamento: mesmo na Dinamarca, entre os países que apresentam dados, o que revela uma menor incidência deste quadro de residência, 39% dos jovens (48% no caso dos rapazes) estão inseridos neste contexto de alojamento (ver quadro 4.1). Itália e Espanha com 90% (respectivamente, 95% e 93% no sexo masculino) destacam-se entre os países onde este fenómeno, ligado ao retardamento da saída de casa da família de origem, atinge maiores dimensões – dez pontos percentuais acima dos países que nesta matérias lhes estão mais próximos, como Portugal, Bélgica, Grécia ou Irlanda. Bélgica diferencia-se, ainda assim, neste conjunto por apresentar uma maior concentração (ainda que relativamente modesta) de indivíduos que vivem em residência unipessoal (mais homens), apresentando também um maior peso de uniões livres (mais mulheres).

Refira-se que o fenómeno de retardamento da saída de casa dos pais/familiares tem sido amplamente analisado por diversos autores.[62] Destes estudos, destaque-se pela maior aproximação aos indicadores utilizados na presente análise, o trabalho de Juan António Fernández Cordón (1997) sobre as articulações entre transição residencial e envolvimento no mercado de trabalho. Com uma perspectiva comparada entre seis países – Espanha, Grécia, Itália (que categoriza, numa abordagem agregada, como países da Europa do Sul), França, Alemanha e Reino Unido (Europa central), o autor propõe um "modelo de transição" que equaciona diversas variações de autonomia/dependência resultantes das relações entre os dois vectores – a *residência* (em casa dos pais; em outro contexto de alojamento) e a *condição perante a actividade económica* (inactivos, desempregados, empregados) –, identificando quatro trajectórias-tipo dos jovens com 15 a 29 anos (já que duas envolvendo segmentos de desempregados foram agregadas no lado dos economicamente dependentes), as quais designa de: 1.

[62] (Almeida e outros, 2003; Almeida e Pais, 1996; veja-se, por exemplo, Bence, 1982; Bertolini, Gonzalez e Naldini, 2006; Brannen e Smithson, 1998; Camarano,Mello e Kanso, 2004; Cordón, 1997; Galland, 2000; Gauchet, 2004; Golsh, 2002; Guerreiro e Abrantes, 2005; Guerreiro e Abrantes, 2004; Heinz, 2000; Holdsworth, 2004; Lagrée, 2004; Pais, 1998, 1999, 2000, 2001, 2003; Pais, Cairns e Pappámikail, 2005; Pappámikail, 2004; Schneider, 2000; Walther, 2006; Winqvist, 2002).

"autonomia plena"; 2. "autonomia intermédia com dependência económica"; 3. "autonomia intermédia com residência em casa dos pais"; 4. "dependência plena" (Cordón, 1997).

A partir deste modelo o autor demonstra a forte variação de trajectórias em função das circunstâncias históricas e sociais que marcam os diversos países em análise, bem como a sua incidência, igualmente variável, segundo o sexo e escalões etários. Em meados dos anos 1990, cerca de 1/10 dos indivíduos com 30 anos de idade dos países do sul vivem no extremo mais alto de dependência e quase metade está numa das situações intermédias (as mulheres mais na "trajectória-tipo 2", de "autonomia intermédia com dependência económica"; os homens mais na "trajectória-tipo 3", de "autonomia intermédia com residência em casa dos pais"); na Europa central, a integração relativamente mais precoce no mercado de trabalho mesmo que articulada com a permanência por alguns anos em casa dos progenitores, contribui para que uma larga maioria, sem diferenciações segundo o género, se posicione na trajectória-tipo 3, ainda antes dos 20 anos; e que a transição para a "autonomia plena" assuma maior expressão logo na faixa etária dos 25 a 29 anos.

O modelo de Cordón não considera situações em que os rendimentos de trabalho não garantem por si só uma efectiva autonomia financeira, assim como não considera outras fontes de rendimentos (nomeadamente com origem na família e no próprio estado) sem os quais é difícil uma caracterização das condições materiais de vida destes indivíduos; quanto ao conceito de "residência independente" que utiliza, coloca numa única categoria situações muito heterogéneas, por vezes, difíceis de compatibilizar numa noção que define a "independência económica e social" como "a condição de garantia não apenas de um reconhecimento social dos direitos dos adultos, mas também da capacidade plena de exercício desses mesmos direitos" (Cordón, 1997:576).

Regressando aos dados do quadro 4.1, ainda na faixa etária dos 18 a 24 anos, na Dinamarca pouco mais de 1/3 dos jovens, muito dos quais estudantes e estudantes-trabalhadores (c.f figura 4.1 e quadro 4.2), passam por um período em alojamento unipessoal, eventualmente concomitante com relações amorosas em não coabitação

(Bouwel e Weber, 2002; Levin, 2002, 2004; como as definidas por Levin e Trost, 1999; Milan e Peters, 2003), enquanto outros 21% (27% nas mulheres) vivenciam uma experiência conjugal em união de facto.

Embora em dimensões diferenciadas, é este *início da conjugalidade informal* em coabitação (sobretudo no caso da Finlândia e Dinamarca, mas também na Holanda e Reino Unido e provavelmente França[63]), *antecipada* de forma mais ou menos prolongada no tempo *por orientações para a autonomia residencial* (mais na Dinamarca, Finlândia, Alemanha e Holanda) que marcam, em grande parte destes países do norte e centro da Europa, os processos iniciais de saída transitória ou permanente de casa dos pais. Estes, embora muitas vezes reforçados pelo exercício simultâneo de uma actividade remunerada, são frequentemente indissociáveis das deslocações por motivos de estudo (Heath e Cleaver, 2003; HIS, 2005, 2008; Lewis, 2005; Martins, Mauritti e Costa, 2005, 2008) (cf. figura 4.1). E daí que neste segmento etário, contrariando comportamentos nos modos de alojamento por sexo registados nas faixas etárias dos 25 a 49 anos – idades de maior incidência da população activa com envolvimentos de trabalho a tempo inteiro (ver figura A1.3) –, se observe, em alguns países, uma maior concentração feminina, ainda que ligeira, nos contextos de residência unipessoal: já que elas, mais dos que eles, marcam maior presença no nível superior de ensino (Ávila, 2008; Costa e outros, 2000; Martins, 2005; Martins, Mauritti e Costa, 2005, 2008; Mauritti, Martins e Costa, 2004). Esta preponderância da população estudantil permite também compreender a relativa desarticulação e variabilidade de cenários entre protagonismos de autonomia residencial, conjugal/familiar e desempenhos no mercado de trabalho, nomeadamente no escalão etário até 24 anos (faixa de idades onde se situam as idades modais de frequência no ensino superior).

Neste sentido, estudos sectoriais, dirigidos a populações específicas, como é o caso dos estudantes do ensino superior, indicam haver uma correlação positiva entre a autonomia residencial e financeira face à família de origem e intervencionismo do

[63] País que não diferencia contudo nas classificações das estatísticas aqui em análise a conjugalidade institucional e a união de facto, em coabitação.

estado, seja através de transferências directas ao estudante – com variantes expressivas entre os países nórdicos, onde a base de dotação do empréstimo/bolsa toma por referência as condições financeiras e escolares do estudante, tendo em vista um apoio explícito à promoção da sua autonomia, e, por exemplo, os do sul, com lógicas familiaristas no enquadramento desses apoios, no geral envolvendo também quantitativos médios mais baixos –; seja pela dotação de infraestruturas de acolhimento residencial (mais deficitárias a sul – e dai, também, a menor presença relativa nestes países de estudantes alojados em residência (cf. figura 4.1) (HIS, 2005, 2008; Otero e McCoshan, 2006).

Também nestes estudos, outro traço que reforça alguns protagonismos contrastantes entre os jovens estudantes do ensino superior de países como a Finlândia, Alemanha, Áustria, Holanda, Irlanda versus os estudantes do mesmo nível de ensino em Portugal ou Itália diz respeito à maior propensão, por parte dos primeiros, para a conciliação entre trabalho remunerado e actividades de estudo (por exemplo, 91% dos estudantes holandeses exercem algum tipo de actividade económica; estão na mesma situação 20% dos portugueses e 30% dos italianos). Nos países onde o trabalho remunerado faz parte da gestão semanal dos tempos dedicados a diversas actividades, aquele é exercido, com frequência, a tempo parcial e com vínculos contratuais precários (ver figura A1.3 e quadro A1.4). Contudo a importância que reveste na manutenção das condições de vida do estudante está claramente manifesta no peso que detêm as remunerações de trabalho nos orçamentos médios mensais de rendimentos que os estudantes em autonomia residencial têm disponíveis (HIS, 2005:69; 96).

4.2 Orientações de autonomia pela qualificação e o trabalho

A análise articulada e de confronto sistemático das várias fontes disponíveis reforça a ideia de que, nesta faixa dos mais novos, viver em autonomia residencial face ao grupo doméstico de origem (seja pela transição para uma nova família/conjugalidade, seja pela vivência mais ou menos prolongada de uma experiência em residência unipessoal ou

ainda pela partilha de alojamento com outros não familiares) não pressupõe, necessariamente, ter atingido uma independência económica ou financeira, mesmo no caso dos que exercem já algum tipo de actividade remunerada (cf. quadros A1 em anexo).[64] Da mesma forma que permanecer em casa da família de origem não vincula, na maioria das experiências destes jovens, uma condição de dependência "extrema", simultaneamente, em termos financeiros, instrumentais, sociais e emocionais face aos pais (Abrantes, 2003; CostaMachado e Almeida, 1990; Guerreiro e Abrantes, 2004; Heath e Cleaver, 2003; Roseneil e Budgeon, 2004; Velho, 1998). Os dados analisados não nos permitem ilustrar a importância, por exemplo, das redes de amigos e das sociabilidades desenvolvidas em diversas esferas sociais (entre as quais uma das mais importantes é, no caso dos estudantes, a própria escola), assim como não contêm informação que permita aprofundar o papel da família na vida dos indivíduos, e a qualidade e pluralidade de relações e configurações que se estabelecem entre diversas gerações que coabitam ou não no mesmo espaço residencial (Lewis e outros, 1999; Pappámikail, 2004; Silva, 1999). Este tipo de análise será desenvolvido de forma mais aprofundada no plano qualitativo com a informação obtida através de entrevistas realizadas junto de pessoas de diversas idades que residem sozinhas numa casa.

Nos dados do quadro 4.2, por exemplo, no que respeita ao segmento feminino da população com 20 a 24 anos, no confronto casadas/em casa dos pais, em países como o Reino Unido, Holanda, Dinamarca, Grécia ou Irlanda, podemos verificar que a taxa de participação na actividade económica por parte das jovens que residem em casa de familiares é mesmo mais elevada do que a obtida no total do respectivo grupo etário.

[64] Na observação do quadro A1.4 e figura A1.3, verificamos que, para os jovens estudantes e não estudantes, com envolvimentos laborais a tempo inteiro (81% dos jovens europeus do sexo masculino com 15 a 24 anos; 64% das raparigas) ou em regime parcial (envolvimento preponderante entre os holandeses de ambos os sexos e entre as raparigas dinamarquesas, assim como também muito comum entre as suecas, finlandesas, inglesas ou francesas), a desregulamentação laboral, especialmente por via do recurso a contratos temporários (41% dos jovens europeus até 24 anos; estando ainda acima deste patamar os espanhóis, alemães, suecos, finlandeses, franceses, portugueses e holandeses) é uma condição relativamente frequente em quase todos os países, inclusive naqueles onde os protagonismos de autonomia residencial são mais relevantes.

Quadro 4.2 Proporção de pessoas com 20 a 34 anos economicamente activas por contextos de residência, segundo grupos etários e sexo em alguns países da UE 15, em 2001 (em percentagem)

(Activos+inactivos, por contexto de alojamento e sexo, no total do respectivo escalão etário=100%)

Grupos etários e contextos de alojamento			Distribuição por países e sexo																															
			Alemanha			Dinamarca			Espanha			Finlândia			França			Grécia			Holanda			Irlanda			Luxemburgo			Portugal			Reino Unido		
			HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Economicamente activos	20-24 anos	Residência unipessoal	76,5	76,9	76,2	78,7	78,4	79,1	82,1	86,3	76,4	67,2	67,4	66,9	50,4	52,5	48,6	44,4	51,8	36,5	69,9	69,9	69,9	70,9	73,7	67,5	94,4	94,1	94,8	70,4	76,4	64,2	77,0	78,7	75,0
		Outros não familiares	71,5	73,5	69,2	73,2	74,0	72,3	74,5	80,6	67,4	56,8	56,8	56,7	37,3	42,4	31,0	64,0	76,0	46,2	66,6	66,5	66,7	68,1	70,6	65,9	77,7	81,2	73,6	71,3	77,3	64,8	57,3	58,5	56,1
		Monoparentais	46,2	--	45,9	44,4	64,7	44,1	74,0	86,2	71,8	38,9	72,7	38,3	61,2	78,7	60,4	50,0	88,9	45,7	27,5	54,3	27,1	45,8	84,4	45,0	79,8	89,7	76,9	78,9	83,3	78,6	33,4	65,9	32,8
		União de facto	85,1	89,8	82,6	83,5	88,2	80,6	80,7	91,8	74,3	69,5	74,4	66,0	--	--	--	69,9	87,7	62,3	83,1	82,3	83,5	84,2	91,1	80,4	--	--	--	82,5	91,7	76,4	82,8	89,3	78,8
		Casados	64,6	93,1	53,9	63,5	80,0	56,9	71,1	96,9	61,7	61,8	80,9	52,8	79,6	87,5	75,6	53,7	94,7	44,7	67,2	87,5	61,0	65,7	87,2	57,5	82,2	97,1	75,9	87,0	96,2	82,5	67,1	88,5	58,7
		Em casa de familiares	70,5	74,2	64,9	82,0	84,3	77,6	61,2	66,3	55,5	51,4	54,6	45,3	61,4	67,1	53,1	65,0	71,1	57,6	82,4	83,3	81,0	71,9	75,8	66,9	48,3	52,6	43,3	63,5	69,1	56,4	84,8	86,1	83,0
		Total 20-24 anos	72,4	76,9	67,7	78,6	81,7	75,5	64,1	69,5	58,4	60,7	62,9	58,3	61,3	65,1	57,3	62,4	71,7	53,0	77,7	79,8	75,6	71,3	75,7	66,7	60,1	63,3	57,1	68,8	73,3	64,2	74,9	80,3	69,6
	25-29 anos	Residência unipessoal	87,3	87,1	87,8	85,4	85,6	85,1	92,4	94,4	89,5	86,3	86,9	85,5	92,0	92,5	91,3	89,2	91,7	86,1	83,6	82,4	85,3	90,2	91,7	87,9	98,3	98,5	98,0	92,0	92,9	91,0	88,1	88,5	87,5
		Outros não familiares	84,2	84,2	84,4	80,6	82,5	77,0	87,6	91,5	82,8	76,4	78,1	73,8	70,4	71,8	68,1	84,5	92,8	72,1	73,8	73,1	74,9	90,9	91,7	90,1	92,5	94,6	89,7	88,7	90,3	86,5	85,5	86,4	84,2
		Monoparentais	66,5	100,0	65,7	62,3	81,0	61,6	81,2	93,2	78,5	67,2	87,9	66,6	79,3	92,5	78,4	65,2	94,2	62,1	40,7	65,8	40,1	55,9	86,2	54,8	88,6	99,1	86,2	85,6	89,3	85,3	44,1	67,7	43,3
		União de facto	90,2	92,9	87,8	89,6	93,1	86,2	88,4	95,5	82,3	86,7	91,7	81,6	--	--	--	85,1	96,2	75,3	90,6	93,4	87,8	91,0	95,9	86,5	--	--	--	87,8	94,7	81,7	88,9	94,2	83,8
		Casados	76,0	95,0	64,1	82,7	90,7	78,1	80,2	97,9	69,5	80,2	93,5	71,1	89,1	97,7	82,3	68,0	97,8	54,0	79,8	93,9	71,7	79,3	94,5	70,1	85,4	98,4	76,5	90,8	97,8	85,5	79,8	94,2	70,5
		Em casa de familiares	77,2	77,7	76,1	--	--	--	85,2	87,0	82,9	71,2	77,2	56,0	89,0	90,6	85,9	87,1	90,3	81,4	86,1	87,5	82,3	91,4	92,8	89,3	81,5	82,5	79,9	85,9	87,0	84,2	88,8	89,6	87,4
		Total 25-29 anos	81,4	87,5	75,2	84,8	88,5	81,2	84,8	90,4	79,0	81,9	87,6	76,0	88,2	93,2	83,2	80,1	92,5	67,3	83,9	88,7	79,0	87,3	93,2	81,4	87,2	92,8	81,6	88,7	92,2	85,1	83,1	91,1	75,4
	30-34 anos	Residência unipessoal	93,7	93,4	94,2	85,6	85,7	85,4	94,7	96,0	92,5	89,6	89,6	89,5	95,7	95,9	95,2	92,4	96,0	87,5	84,7	84,3	85,5	92,3	93,2	90,8	98,4	98,7	97,9	94,2	94,3	94,1	87,6	87,9	87,3
		Outros não familiares	89,4	90,9	86,4	80,5	81,5	77,4	89,7	93,8	84,0	80,9	82,6	77,3	74,2	75,8	71,2	84,8	93,7	69,0	69,1	68,8	69,7	91,6	92,9	90,0	92,9	96,8	87,2	88,9	90,3	86,5	84,3	86,1	81,2
		Monoparentais	76,8	100,0	76,2	75,3	85,8	74,5	83,0	95,4	80,1	80,4	90,5	79,8	86,8	95,3	86,1	74,5	95,6	71,8	51,8	72,7	50,8	58,7	84,1	57,3	88,5	98,5	86,6	87,0	88,8	86,8	53,6	68,5	52,7
		União de facto	93,6	96,7	90,2	91,6	94,9	87,8	88,7	96,3	80,8	90,5	95,4	85,1	--	--	--	84,7	97,0	70,0	89,3	93,7	83,8	89,1	96,0	80,7	--	--	--	87,5	94,6	80,9	87,3	93,8	79,9
		Casados	81,4	97,2	69,1	90,4	94,6	87,1	80,2	98,1	65,6	88,0	96,1	81,1	88,6	98,6	79,4	75,4	98,1	58,9	80,4	94,4	69,1	78,5	95,5	64,1	82,6	98,5	68,8	89,8	97,7	82,8	82,3	95,0	71,7
		Em casa de familiares	89,9	90,3	88,7	--	--	--	90,1	91,6	87,7	76,9	81,6	59,8	90,8	92,3	87,2	88,7	92,5	79,8	82,3	84,7	74,5	90,0	91,9	86,9	92,1	94,6	87,3	84,7	85,4	83,6	84,7	85,9	81,9
		Total 30-34 anos	86,0	95,3	76,6	88,4	91,4	85,4	85,0	95,5	74,1	87,5	92,6	82,3	89,0	96,3	81,7	80,2	95,8	64,5	82,1	90,8	73,0	82,8	94,3	71,6	86,6	97,9	75,1	89,0	94,6	83,4	81,9	91,8	72,4

Notas: 1) Bélgica, Itália e Suécia dados não disponíveis. No caso da Áustria, embora exista informação, os dados não estão aqui contemplados porque carecem de consistência analítica, sugerindo que terá havido algum erro de classificação na distribuição dos indivíduos entre as várias categorias. Os dados originais não permitem delimitar a faixa etária dos mais novos nos 18 anos.

Fonte: Eurostat, Censos 2001/ *CENS_NHFST =Population aged 15 and over, living in private households, by sex, age group, family and non-family status, and indicator of current activity* (Abril, 2005).

Estes dados sugerem assim que, para segmentos relevantes desta população juvenil a permanência em casa dos pais/familiares, libertando as mulheres (e também os homens) dos encargos e responsabilidades inerentes à gestão da casa, pode constituir uma oportunidade de maior investimento e concretização em actividades profissionais e outras, permitindo um descentramento, de forma aberta no tempo dos difusos dos "projectos futuros", do objectivo de constituição de uma nova família (Roseneil e Budgeon, 2004) ou do modelo estrutural tradicional de "assentar na vida" (Lewis e outros, 1999: 14-15).

Tal como Juan António Fernández Cordón (1997), na pluralidade de orientações possíveis para a concretização da autonomia económica e social, observam-se, também nestes dados, variações muito significativas entre os diversos países, e dentro destes nos comportamentos de género. No caso das raparigas até 24 anos, na generalidade de países, as taxas mais elevadas de participação no mercado de trabalho tendem a incidir seja entre as que protagonizam uma conjugalidade informal em coabitação (mais na Alemanha, Holanda, Dinamarca, Irlanda e Grécia), seja no segmento que se insere em contexto de alojamento unipessoal (Luxemburgo, Espanha e Finlândia). Neste panorama geral, apenas as portuguesas (pela preponderância de mulheres casadas economicamente activas) e as inglesas (para quem a permanência em casa dos pais se associa claramente a um maior protagonismo no mercado laboral) apresentam orientações relativamente diferenciadas. No pólo oposto dos protagonismos face ao mercado de trabalho, ainda no segmento feminino, o casamento (sobretudo na Grécia), assim como a parentalidade em contexto monoparental (particularmente na Holanda e Reino Unido) ou a permanência em casa dos pais (Luxemburgo, Finlândia e de forma mais atenuada também em França, Espanha e Portugal) emergem como os contextos de maior dissociação relativamente à actividade económica.

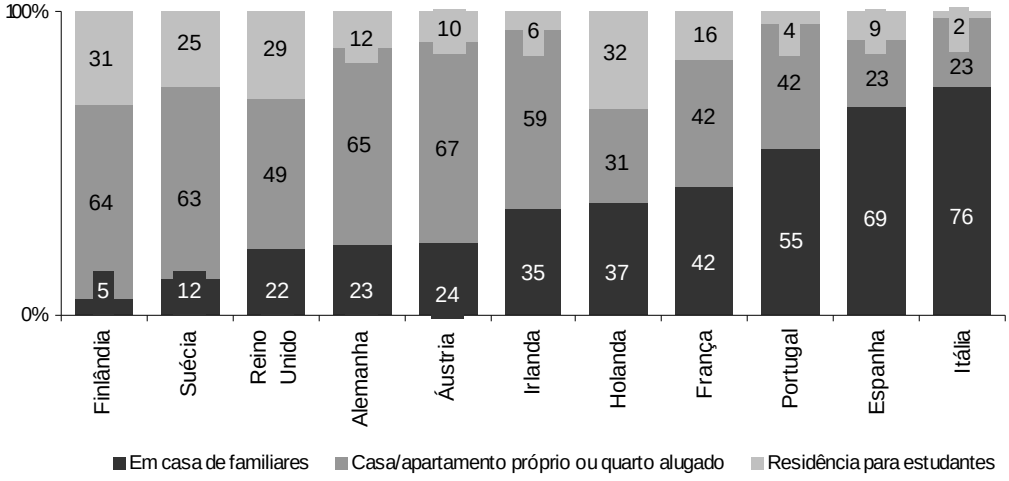
A comparação dos comportamentos de género acentua ainda a variabilidade de práticas e orientações presentes nos protagonismos de autonomia económica e social de homens e mulheres; denunciando, também, os padrões mais igualitários, no que às

orientações face ao trabalho diz respeito, nos contextos de conjugalidade em união livre e em residência unipessoal.

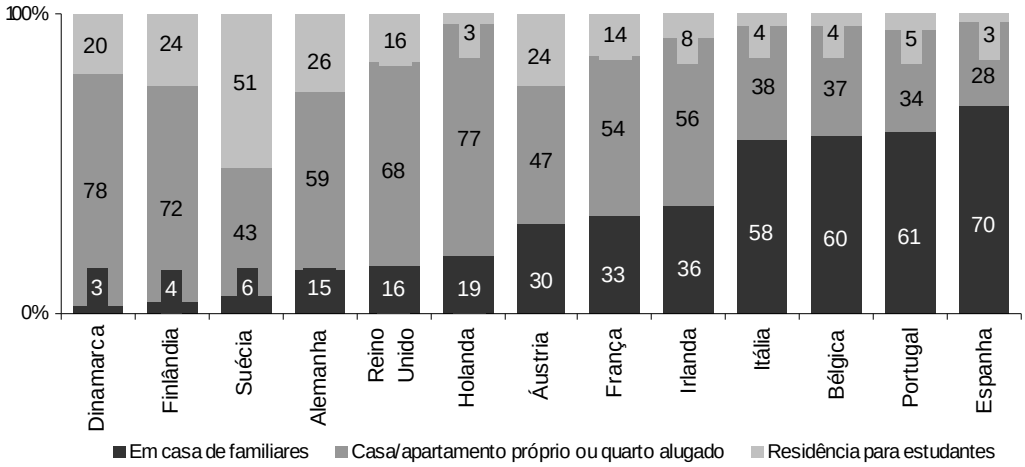
Especificamente na observação das distribuições masculinas, verifica-se que para eles a inserção na actividade económica é mais forte, sobretudo, entre os que constituíram já uma nova família, seja pelo casamento (Alemanha, Espanha, Finlândia, Grécia, Holanda e Portugal), seja no quadro da união conjugal em coabitação (Dinamarca, Reino Unido e Irlanda). Entre os rapazes da maioria dos países em análise, a permanência em casa dos pais, coadjuvada, em alguns casos, pelo contexto de partilha do alojamento com outros não familiares estão relacionadas com uma menor mobilização na actividade profissional. Da mesma forma, dando ênfase à dissociação, ainda muito frequente nesta faixa etária dos 20 a 24 anos, entre fontes de rendimentos, autonomia financeira e contextos de alojamento, no caso da Grécia e da França, ainda no que concerne ao sector masculino, a residência unipessoal distingue-se nos comportamentos relativamente mais propícios à inactividade económica (ver quadro 4.2).

Tais trajectórias e práticas sociais denunciam, pois, uma vez mais, a presença nestas idades de populações estudantis, cujas condições sociais de vida (em termos passados, presentes e futuros) estão enquadradas, numa primeira-mão, pelos recursos disponíveis na família de origem (Almeida, 1999: 94-96). Isto, frequentemente, mesmo nos casos dos que exercem algum tipo de actividade profissional e vivem sós num alojamento, ou mesmo já constituíram uma nova família (Almeida e outros, 2003; Almeida, Costa e Machado, 1988; Costa, Machado e Almeida, 1990; Heath e Cleaver, 2003; HIS, 2005, 2008; Machado,Costa e Almeida, 1989; Martins, Mauritti e Costa, 2005, 2008; Mauritti, 2002).

Neste seguimento, completando esta análise, a figura 4.1 apresenta os modos de alojamento dos estudantes do ensino superior em diversos países europeus, confrontando as distribuições relativas ao total de estudantes com as distribuições dos que tiveram durante o seu percurso nesse patamar de ensino uma experiência de estudos no estrangeiro.



Residência em período lectivo dos estudantes do ensino superior (%)



Residência em período lectivo dos estudantes do ensino superior com experiências de estudo no estrangeiro (%)

Nota: No caso dos estudantes com experiências de estudo no estrangeiro, a categoria em "residência em casa/apartamento próprio ou quarto alugado" inclui outras situações não especificadas.

Fontes: Eurostudent II (HIS, 2005: 56); Suécia Sweden's Statistical Databases: Social Survey 2005; estudantes com experiências de mobilidade internacional: ECOTEC Research and consulting, em (Otero e McCoshan, 2006: 93).

Figura 4.1 Residência em período lectivo dos estudantes do ensino superior, 2005 (em percentagem)

Também nestes dados, Itália e Espanha e de forma um pouco menos acentuada Portugal emergem como os países onde uma maior proporção de estudantes permanece em casa dos respectivos familiares. Este padrão não tem paralelo em mais nenhum país europeu, e está particularmente distante das práticas que, nesta matéria, predominam entre os estudantes dinamarqueses, finlandeses e suecos, para os quais o contexto

dominante é a residência autónoma em casa/apartamento próprio ou quarto alugado, seguido numa proporção ainda muito expressiva do alojamento em residências para estudantes.

Na análise das distribuições relativas aos estudantes que já tiveram uma experiência de estudos no estrangeiro, à parte sobretudo Portugal e Áustria (países onde as experiências de mobilidade internacional se apresentam mais concentradas no segmento que reside em casa dos pais), em oito dos doze países com informação comparável, a autonomia residencial em período lectivo parece consubstanciar uma maior iniciativa no sentido da integração dos estudantes nos programas de estudos no estrangeiro. Suécia e, embora em menor medida, também a Alemanha e Áustria, demarcam-se ainda pelo facto de a probabilidade de vivência deste tipo de experiências se acentuar no segmento que durante o período lectivo está alojado em residências para estudantes. Nestes processos, tal como já foi aqui por diversas vezes assinalado, a acção e intervenção do estado, num sentido mais universalista e igualitário parece, pois, constituir mais um elemento catalizador na consolidação de percursos criativos, plurilineares e multidimensionais de autonomia e construção da autobiografia (Dellgran e outros, 2007; Esping-Anderson, 2006:34).

Mas, tal como na restante população juvenil, as condições materiais de vida e as orientações valorativas dos estudantes dos diversos países em análise no sentido de uma maior ou menor autonomização, ainda que fortemente marcadas pela sua condição estudantil, resultam do entrosamento complexo de factores de natureza diversa, nomeadamente ligados a características sociodemográficas, a condições económicas, sociais e também socioculturais, e a mecanismos institucionais e societais – como os decorrentes do funcionamento do próprio mercado de trabalho, das orientações do estado, dos modos predominantes de estar e viver em família, da diversidade e disponibilidade de ofertas no mercado imobiliário, etc.

4.3 Ciclos de vida e comportamentos de género

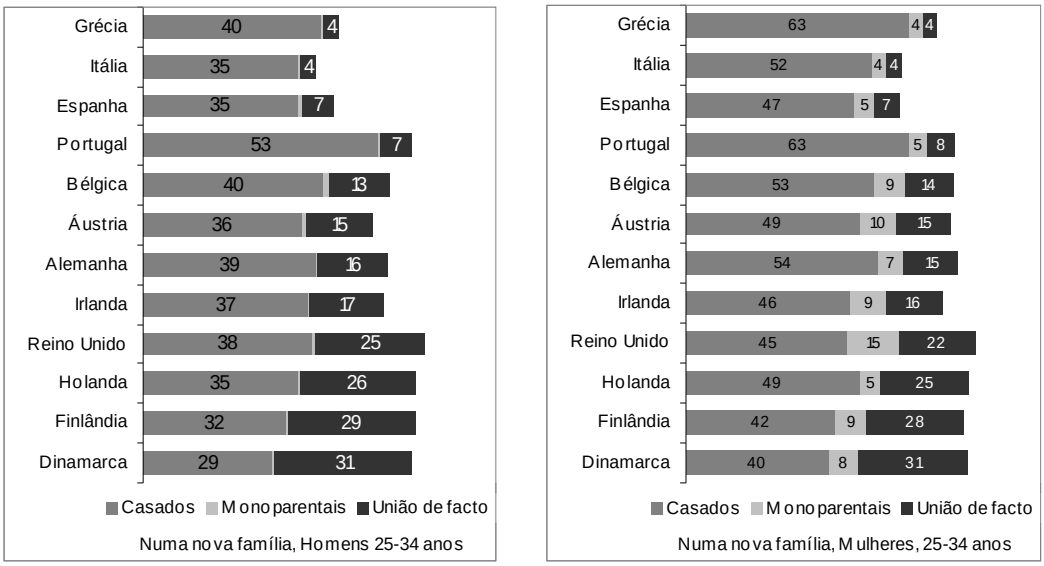
No termo de um ciclo dominado pelo envolvimento numa formação inicial, concomitante com o desempenho, mais ou menos regular, de actividades laborais e eventualmente, também, com experiências diversas de conjugalidade amorosa, nem sempre em coabitação, as idades situadas no escalão dos 25 a 34 anos acentuam uma diversificação e complexidade crescentes dos processos transicionais. Os traços dominantes nos padrões de organização do alojamento e de conciliação da vida pessoal, profissional e familiar por parte dos indivíduos destas idades alteram-se de forma clara.

Nestes escalões, que, como sublinhado antes, cobrem no conjunto de países aqui referenciados as idades médias de celebração formal de um primeiro casamento, a observação dos comportamentos de género face à actividade económica parece denunciar orientações diferenciadas de homens e mulheres na forma como organizam a conciliação entre vida pessoal, familiar e profissional. Com excepção da Finlândia, Dinamarca e Alemanha, na transição dos 25 a 29 anos para as idades dos 30 a 34 anos (em grande medida sob a influencia dos comportamentos das casadas e em união de facto), a mulheres tendem a diminuir a sua participação no mercado de trabalho (de forma mais acentuada, as irlandesas, luxemburguesas e espanholas), ao contrário dos homens que acentuam a mobilização laboral (quadro 4.2). A análise destas orientações em função dos modos de alojamento sublinha a pluralidade e multiplicidade de protagonismos emergentes.

Nestas idades a coabitação conjugal (com ou sem filhos) passa a ser o modo residencial dominante; a sul e de forma ainda mais acentuada nas mulheres, com expressão muito concentrada no casamento formal, na Dinamarca, Finlândia, Holanda e Reino Unido, envolvendo um segmento muito relevante de uniões livres em coabitação (mais nos homens) (quadro 4.1 e figura 4.2).

Com maior saliência no sector masculino da população, e particularmente incidente na Dinamarca, Alemanha e Finlândia o *viver só* emerge a seguir à coabitação conjugal como o principal contexto de alojamento, aumentando em todos os países a

proporção de indivíduos que se inserem neste modo de residência – na leitura dos totais relativos a ambos os sexos (quadro 4.1), a aparente excepção Dinamarquesa deve-se ao predomínio de orientações para a conjugalidade e formação de uma nova família por parte das mulheres desta faixa etária; ao contrário dos homens que acentuam o contexto de alojamento em residência unipessoal. Regra geral, o acréscimo do alojamento independente é também observado no segmento feminino, onde o seu incremento é auxiliado pelo aumento, por vezes muito expressivo, da monoparentalidade (quadro 4.1 e figuras 4.2 e 4.3). Ainda nesta faixa etária dos 25-34 anos, no que se refere aos países da Europa do Sul, apesar da diminuição acentuada do peso relativo de indivíduos que permanecem em casa dos respectivos familiares, este mantém-se como um dos modos de alojamento mais frequente – entre os homens italianos, espanhóis e gregos destas idades, detendo mesmo uma expressão mais elevada do que a coabitação conjugal (quadro 4.1 e figuras 4.2 e 4.3).



Ver notas e fonte do quadro 4.1.

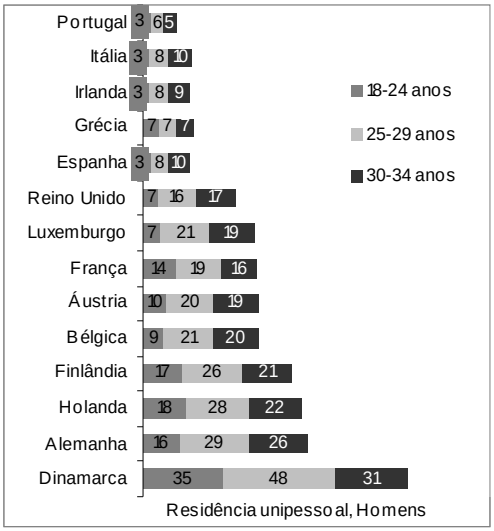
Figura 4.2 Padrões familiares das pessoas com 25 a 34 anos (em percentagem do total de pessoas do mesmo sexo e grupo etário)

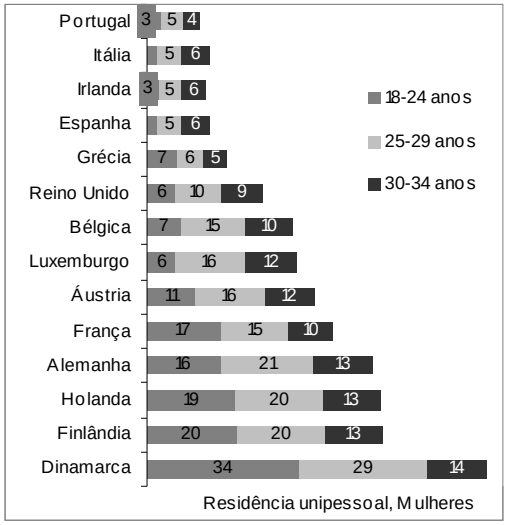
Boa parte destes comportamentos poderá estar ligada a constrangimentos económicos, decorrentes, desde logo, da crescente flexibilização e precariedade associadas às relações laborais, assim como a dificuldades no acesso ao mercado

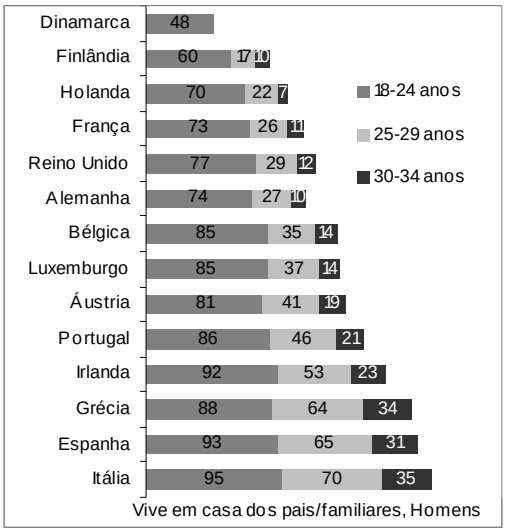
imobiliário, muito dispendioso face aos recursos financeiros que têm disponíveis (Bertolini, Gonzalez e Naldini, 2006; Golsh, 2002; Guerreiro e Abrantes, 2004).[65] Estes factores de constrangimento material acumulam-se, frequentemente, com um padrão cultural de orientação dos comportamentos ainda influenciado pela tradição religiosa, pouco aberta às formas de conjugalidade fora da instituição do casamento ou mesmo a experiências de vida autónoma descentradas do projecto de construção de uma nova família, como é o caso da residência unipessoal (Torres, Mendes e Lapa, 2006).

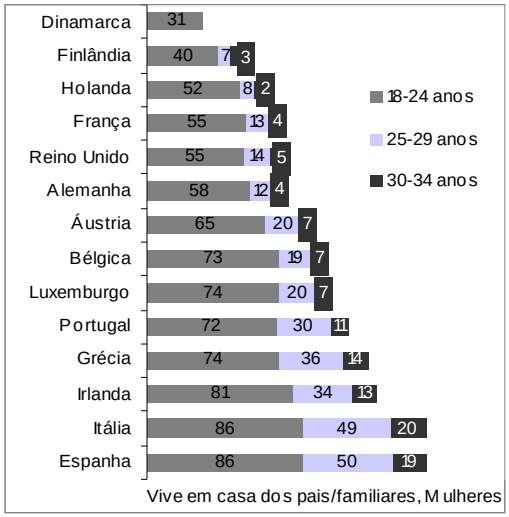
Nos países do sul, a permanência de um segmento relativamente importante de indivíduos do sexo masculino em casa da família de origem, numa faixa de idades (25 a 34 anos) onde seria expectável ter havido já uma transição residencial e/ou familiar, pode, assim, pelo menos em alguns contextos sociais, decorrer, também, em boa medida, de um referencial de representações de classificação recíproca (e de auto-classificação) (Costa, 1998), ainda muito valorizado e legitimado, de carácter eminentemente vinculativo, que continua a projectar no homem a obrigatoriedade de salvaguarda material da respectiva família. Ou seja, se às mulheres é possibilitado (em termos de normativos classificatórios tradicionais) contrair um matrimónio antes de concretizada a respectiva autonomia face à família de origem (nomeadamente através do exercício de uma actividade remunerada e pela posse de recursos financeiros próprios), no caso dos homens a situação coloca-se de forma diferente. Isto, por vezes, mesmo nos contextos sociais em que tanto eles como elas acabam por construir trajectórias onde os laços de conjugalidade e as relações de sociabilidade no seio das redes de parentesco e de amizade são, frequentemente, indissociáveis de uma carreira profissional e de um conjunto de práticas levadas a cabo individualmente, em autonomia (Aboim, 2005a, 2005b; 2006; Aboim e Wall, 2002; Torres, 2002).

[65] Mesmo no segmento que aqui mais temos analisado: o dos estudantes do ensino superior, o qual em boa parte dos países europeus – incluindo os da Europa do sul – tem vindo a ver gradualmente reduzidos os apoios financeiros do estado relativamente ao alojamento, num contexto global de crescente alargamento da base social de recrutamento, em termos de origens sociais (Heath e Cleaver, 2003:76; HIS, 2005; Martins, Mauritti e Costa, 2005)





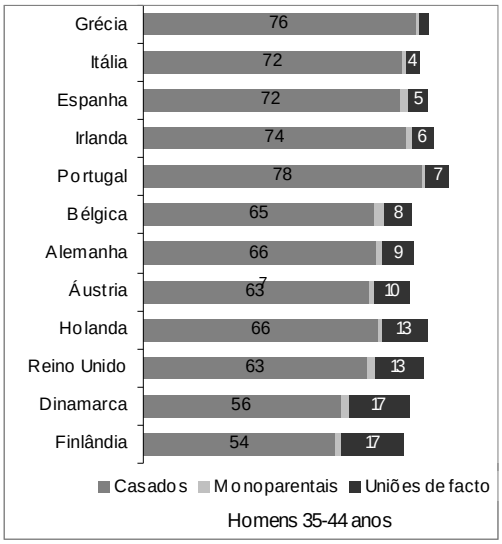


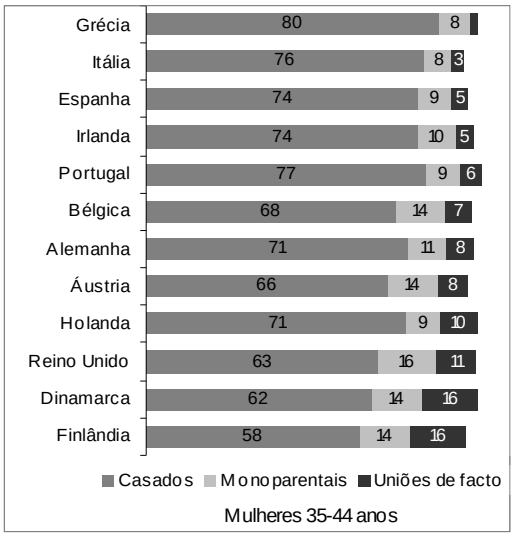


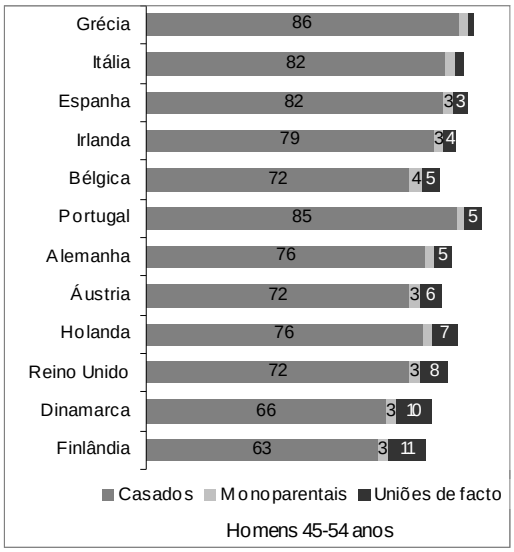
Ver notas e fonte do quadro 4.1.

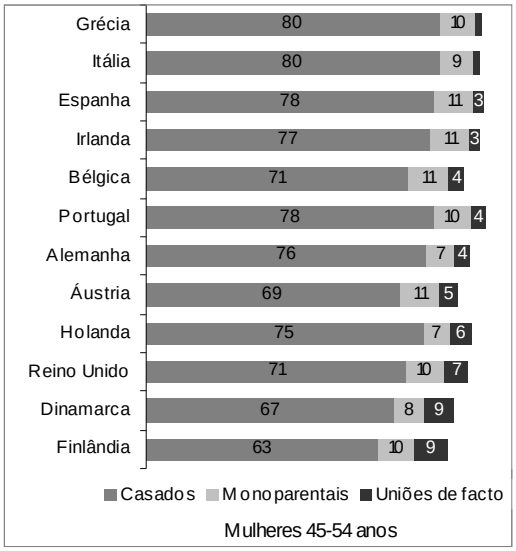
Figura 4.3 Pessoas com 18 a 34 anos que vivem em residência unipessoal ou em casa dos pais/familiares (em percentagem do total de pessoas do mesmo sexo e grupo etário)

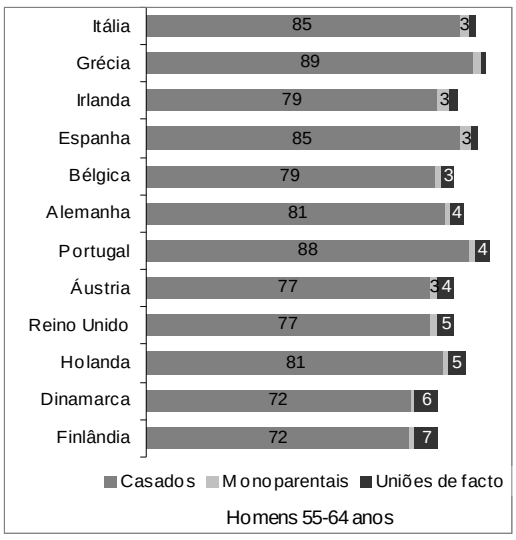
Tal como se pode observar no quadro 4.1, nestes países da Europa do sul, é pois nas idades dos 35 a 44 anos que a permanência em casa de familiares perde maior expressão, sendo que o prolongamento do fenómeno em níveis não marginais, designadamente entre os homens gregos, italianos, espanhóis (cerca de 12%) e mesmo portugueses, irlandeses ou austríacos (pouco menos de 1/10), encobre eventualmente experiências ainda diversas das anteriores. Designadamente, podendo envolver, com

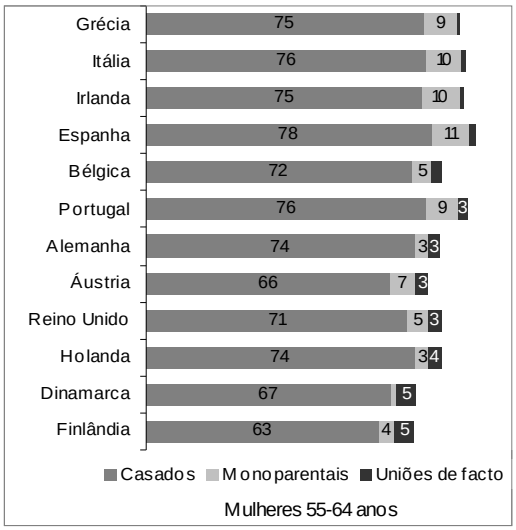












Ver notas e fonte do quadro 4.1. Estão assinaladas as percentagens iguais ou superiores a 3%.

Figura 4.4 Padrões familiares das pessoas com 35 a 64 anos, por sexo e escalão etário (em percentagem do total de pessoas do mesmo sexo e grupo etário)

relevância variável, alguns dos fenómenos que marcam a chamada "reversibilidade" das várias transições, neste caso, em particular as profissionais e familiares (Golsh, 2002; Guerreiro e Abrantes, 2004; Pais, 1996, 2003), de que são exemplo paradigmático as "trajectória yô-yô"[66] ou os comportamentos designados na imagem dos "filhos-canguru", também frequentes nas classes sociais melhor posicionadas na estrutura social (Zagury, 1999).

De forma transversal ao espaço europeu aqui em destaque, é nesta fase do ciclo de vida que a coabitação conjugal, com ou sem crianças, adquire claro domínio, face a todos os restantes quadros de residência: seja em casamento formal (contexto ligeiramente mais acentuado nas mulheres, no grupo etário dos 35 a 44 anos), seja em união de facto (mais frequente nos homens destas idades) (ver figura 4.4).

Dando conta da incidência do divórcio/separação, e eventualmente, de uma concentração das trajectórias de "mãe solteira independente" (Wall, São José e Correia, 2002: 642) numa fase mais consolidada da carreira profissional, observa-se ainda um acréscimo do alojamento em monoparentalidade (em particular no segmento feminino, onde a sua proporção atinge, neste sexo, os 16% no Reino Unido e 14% na Áustria, Bélgica, Dinamarca e Finlândia, representando praticamente o dobro de ocorrências observadas a Sul).

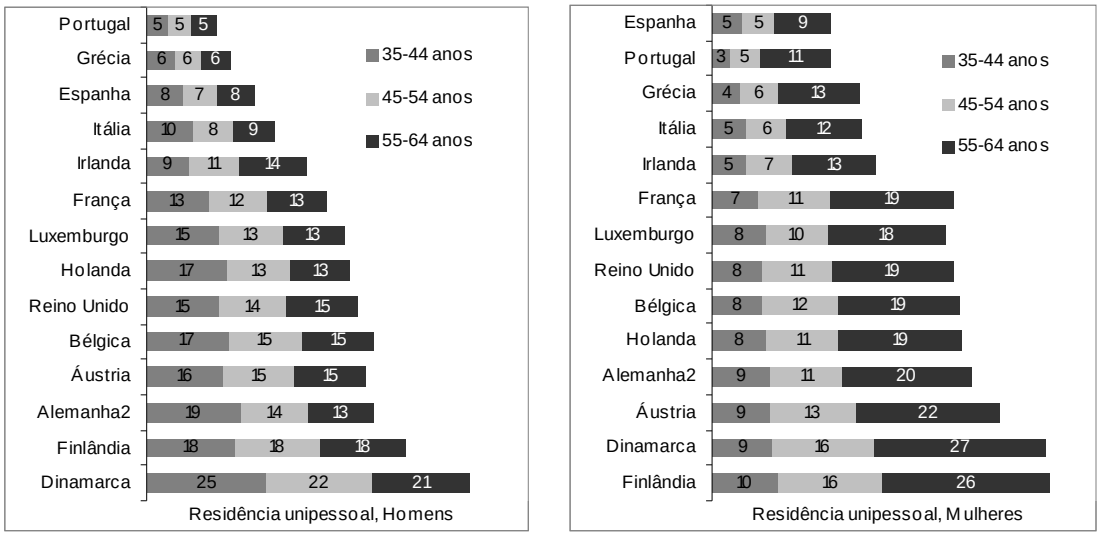
Sintetizando alguns traços gerais nos comportamentos de género, nas idades onde tipicamente predominam os indivíduos inseridos na actividade económica, os homens embora com maiores protagonismos nos contextos de alojamento autónomo, são também, com maior frequência mais dependentes das "saias maternas",[67] no sentido em que, com incidência relativamente variável nas diversas sociedades, mas em todo o

[66] Das quais José Machado Pais (2001) nos oferece alguns dos "traços" possíveis, nomeadamente no que respeita a segmentos juvenis inseridos em trajectórias de risco e de maior desenquadramento social, com origens sociais e recursos qualificacionais marcados por maior precariedade.

[67] Ou do *mamy hotel*: Expressão utilizada num seminário desenvolvido no âmbito de um projecto internacional sobre as condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em diversos países da Europa, a propósito da forte preponderância, nos países do Sul, de jovens que permanecem em casa dos pais e vivendo às custas da família durante todo o processo de escolarização no superior (HIS, 2005).

caso normalmente muito expressiva (sobretudo na transição da escola para a vida activa), permanecem de forma mais prolongada no tempo em casa dos respectivos pais/familiares. As transições conjugais e familiares são também neles tendencialmente mais retardadas (situação que já havia sido identificada a propósito da idade média de celebração do primeiro casamento), e muito embora, tal como elas, sejam atingidos pela dissolução do matrimónio por via do divórcio/separação, posicionam-se num contexto de conjugalidade em coabitação (formal ou não) até mais tarde do que as mulheres.

Uma situação que poderá ser explicada pelos comportamentos relativos às recomposições familiares na pluralidades de transições, situações e contextos que vivenciam, em diferentes esferas da vida social, ao longo de diversas etapas e experiências de vida.



Ver notas e fonte do quadro 4.1. Estão assinaladas as percentagens iguais ou superiores a 3%.

Figura 4.5 Residência unipessoal das pessoas com 35 a 64 anos, por sexo e escalão etário (em percentagem do total de pessoas do mesmo sexo e grupo etário)

Na faixa etária dos 35 a 44 anos (tal como na anterior, dos 25 a 34 anos e um pouco também na seguinte, 45 a 54 anos), em todos os países em análise, o *viver só* mantém-se, pois, um protagonismo vivido com maior frequência pelo sector masculino, envolvendo, tendencialmente, uma proporção sucessivamente mais diminuta de indivíduos. Precisamente nestes escalões etários, a incidência da monoparentalidade

Quadro 4.3 Proporção de pessoas com 35 a 64 anos economicamente activas por contextos de residência, segundo grupos etários e sexo em alguns países da UE 15, em 2001 (em percentagem)

(Activos+inactivos, por contexto de alojamento e sexo, no total do respectivo escalão etário=100%)

Grupos etários e contextos de alojamento			Distribuição por países e sexo																															
			Alemanha			Dinamarca			Espanha			Finlândia			França			Grécia			Holanda			Irlanda			Luxemburgo			Portugal			Reino Unido		
			HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Economicamente activos	35-44 anos	Residência unipessoal	92,9	93,0	92,7	78,8	80,1	75,6	91,6	92,9	89,6	87,2	87,5	86,7	93,8	94,3	93,0	86,6	93,4	77,6	80,4	80,5	80,0	89,8	90,4	88,8	95,6	96,4	94,0	90,8	90,7	91,0	83,4	84,2	81,9
		Outros não familiares	88,4	90,8	83,3	78,9	80,1	74,6	86,8	91,4	79,7	78,6	80,1	74,3	75,2	76,9	71,7	79,5	90,5	62,2	64,6	69,5	55,2	85,8	88,4	82,0	88,8	94,4	80,1	82,4	85,2	78,0	78,5	81,3	73,8
		Monoparentais	86,9	100,0	86,1	81,8	89,1	80,6	81,4	94,2	78,4	89,9	93,6	89,3	90,7	96,3	89,8	75,7	94,0	72,5	65,0	80,6	63,1	64,8	82,4	62,6	88,9	96,9	87,1	85,9	90,6	85,3	65,1	76,1	63,6
		União de facto	94,1	96,8	91,0	90,6	93,5	87,2	86,5	95,3	76,8	92,3	94,6	89,6	--	--	--	79,7	95,1	62,2	84,6	89,4	78,6	84,4	93,6	73,5	--	--	--	86,2	93,2	78,9	86,2	92,0	79,4
		Casados	86,5	97,5	76,3	92,9	95,3	90,6	77,8	97,3	59,3	93,2	96,3	90,4	88,8	98,3	79,6	76,3	97,0	57,6	79,7	94,2	65,9	75,6	94,8	57,5	80,3	98,0	62,4	86,3	96,4	76,5	85,1	94,2	76,4
		Em casa de familiares	87,2	88,2	84,0	--	--	--	85,2	86,7	82,5	76,9	80,4	60,6	86,7	88,6	81,6	81,1	86,5	67,4	80,5	--	--	85,4	87,4	81,6	86,9	91,7	77,6	76,6	77,3	75,2	79,5	81,2	75,2
		Total 35-44 anos	88,1	96,1	80,0	89,2	91,0	87,3	80,4	95,1	65,7	90,9	92,8	89,1	88,9	96,3	81,6	77,5	94,9	60,4	79,5	91,0	68,3	77,6	93,1	62,5	83,1	97,2	68,3	85,6	93,8	77,8	82,8	90,8	75,0
	45-54 anos	Residência unipessoal	85,7	87,2	83,8	70,9	71,2	70,6	79,8	84,6	73,2	80,6	78,3	83,1	87,8	88,6	87,0	65,4	81,5	50,7	67,8	72,3	62,2	79,5	82,1	75,7	84,3	88,0	79,3	77,3	80,0	74,9	73,4	75,6	70,7
		Outros não familiares	80,3	81,9	77,9	76,2	77,5	73,4	74,9	82,4	65,5	71,3	71,2	71,6	71,5	73,7	67,7	61,3	78,3	46,7	60,5	68,3	50,9	74,2	78,3	67,7	72,3	81,6	60,6	66,8	72,9	61,9	69,0	72,2	64,9
		Monoparentais	85,0	89,0	83,9	84,2	89,3	82,5	68,4	89,2	63,0	90,1	89,9	90,2	87,7	93,6	86,2	59,5	86,8	53,0	66,8	80,5	62,7	65,7	83,3	61,2	79,6	90,5	75,8	75,5	86,6	73,7	71,3	79,3	69,2
		União de facto	89,1	92,7	84,9	85,2	88,6	81,2	79,0	90,7	63,8	88,6	88,6	88,7	--	--	--	68,3	87,1	45,6	76,6	82,6	69,1	80,8	89,2	69,4	--	--	--	79,2	88,5	68,0	84,0	87,6	79,7
		Casados	84,2	93,9	74,5	91,3	94,7	88,0	68,4	92,0	44,4	91,4	92,1	90,7	84,7	95,0	74,0	67,6	89,8	44,3	73,6	90,7	55,9	71,0	91,0	51,0	74,3	93,0	53,5	76,0	90,0	61,7	82,2	89,8	74,7
		Em casa de familiares	79,6	79,7	--	--	--	--	75,6	77,5	72,9	71,5	73,9	62,1	78,3	80,6	73,5	66,6	74,9	52,7	85,0	--	--	76,1	79,0	70,2	75,7	82,1	66,1	63,9	65,9	61,8	71,7	73,4	67,9
		Total 45-54 anos	84,5	92,4	76,9	86,7	89,1	84,3	70,0	90,2	50,0	88,2	87,8	88,6	84,7	92,9	76,5	66,7	88,2	45,8	72,7	87,4	58,0	72,0	88,6	55,2	75,7	91,5	58,6	75,6	88,3	63,7	80,0	86,4	85,7
	55-64 anos	Residência unipessoal	42,7	50,5	37,6	46,8	49,8	44,7	43,3	53,4	34,9	48,4	47,0	49,3	33,7	35,3	32,7	23,5	44,8	13,9	31,3	41,0	25,0	51,8	59,7	43,0	34,1	39,4	30,3	40,5	48,7	36,8	44,3	51,5	38,8
		Outros não familiares	36,5	40,4	33,6	55,5	59,5	49,5	44,9	55,6	36,3	45,1	45,2	45,0	32,2	36,0	27,8	23,6	43,4	14,9	29,6	38,3	19,8	50,7	58,9	41,2	25,2	30,2	20,6	35,9	44,4	32,6	44,6	52,4	37,2
		Monoparentais	46,6	56,9	43,0	69,4	73,9	66,5	36,6	62,5	29,8	60,1	59,6	60,2	38,6	44,0	37,1	25,9	52,6	19,7	35,4	51,1	28,6	43,4	65,9	36,2	37,0	45,6	33,5	41,2	56,9	38,4	47,6	59,9	43,4
		União de facto	47,0	53,7	38,9	56,5	63,5	48,2	52,3	67,2	32,2	56,3	55,7	57,0	--	--	--	38,2	53,8	18,3	40,8	49,9	29,3	62,6	71,9	46,1	--	--	--	51,6	62,7	37,5	61,3	68,6	51,8
		Casados	43,1	53,3	32,1	62,8	71,9	53,0	43,2	63,7	21,8	56,3	57,2	55,3	31,9	36,9	26,6	37,3	52,7	20,1	38,9	54,1	22,0	50,8	71,0	29,1	30,2	39,3	19,4	44,4	57,5	30,6	54,6	66,2	42,4
		Em casa de familiares	40,1	58,3	--	--	--	--	57,7	60,4	54,7	58,1	58,2	57,7	35,1	33,3	37,5	37,1	52,6	24,3	49,2	53,2	39,6	59,2	65,0	48,6	36,4	38,0	34,1	41,9	47,3	39,3	47,3	52,3	39,7
		Total 55-64 anos	43,2	52,8	33,7	59,0	67,2	50,8	43,3	62,5	25,2	54,3	54,9	53,8	32,4	36,7	28,4	34,6	51,9	19,0	37,5	51,9	23,0	50,7	68,6	32,4	30,8	38,9	22,4	43,8	56,8	32,3	52,5	63,5	67,7

Ver notas ao quadro 4.2

feminina leva-nos a colocar a hipótese, muito provável, de nos diversos países parte dos homens, que actualmente estão em residência unipessoal terem transitado de relações anteriores, entretanto dissolvidas, podendo inclusive partilhar parcialmente o respectivo alojamento, recursos materiais, tempo e outros, de forma mais ou menos intermitente e negociada, com filhos cuja custódia foi atribuída à mãe. Nestas faixas etárias, tal como referido anteriormente, a mobilidade profissional (incluindo os movimentos entre países), poderá ser ainda um factor adicional para o maior peso relativo deste padrão de residência no segmento masculino.

Estes perfis seguem, regra geral, a mesma estrutura no grupo etário dos 45 a 54 anos, no qual os casados reforçam o seu predomínio (mais no sector masculino); enquanto a monoparentalidade, embora em termos totais traduza uma descida face ao escalão de idades dos 35 a 44 anos – com excepção dos países do sul e Irlanda – nos homens é mesmo acentuada em todos os contextos regionais (ainda que mantenha expressão residual).

Nos comportamentos de género, de acordo com os dados dos quadro 4.3, nas orientações face ao trabalho, nas idades situadas entre os 35 e os 54 anos, acentua-se um padrão de comportamentos relativamente diferenciado entre as mulheres dos países da Europa setentrional e Alemanha, França e também Portugal, inseridas em contextos familiares (monoparentais e casadas ou em união de facto), face às gregas, italianas, espanholas, irlandesas, luxemburguesas e holandesas na mesma situação. Enquanto as primeiras reforçam a sua participação activa no mercado de trabalho (a tempo inteiro ou em regime parcial), as segundas tendem a suspender a sua actividade laboral.

Porventura, olhando para as tendências de maior desregulamentação e consequente precariedade e incerteza que caracterizam, de forma genérica, o funcionamento do mercado de trabalho em alguns dos países destacados no segundo bloco – em Espanha, por exemplo, cerca de 2/3 das pessoas empregadas com 25 a 49 anos estão enquadradas por contratos temporários (quadro A1.4 e figura A1.3, em anexo) –, podemos pensar que pelo menos parte dos indivíduos (sobretudo mulheres) inseridos no segmento da população economicamente inactiva se auto-posicionam como

tal por uma espécie de antecipação racional, onde nos cálculos custos/benefícios estes serão ponderados de forma mais valorizada quando elas permanecem em casa. Contudo, esta explicação não se aplica, por exemplo, ao caso português, igualmente caracterizado por um mercado laboral marcado por forte precariedade, mas onde as mulheres se mantêm, na sua larga maioria, economicamente activas. Para além dos factores históricos e culturais, tal como sugerem Anália Torres, Rita Mendes e Tiago Lapa (2006: 137) podem cruzar-se nestas orientações das mulheres portuguesas também questões de necessidade económica.

Assim nos padrões comportamentais em que a mulher regressa a casa, de forma permanente ou provisória, após o casamento ou na sequência do nascimento dos filhos, mais do que orientações de reforço da autonomia individual, parece sobretudo revelar-se o predomínio de "estratégias familiares" de maximização dos recursos disponíveis, matizadas ainda por normativas culturais que valorizam o seu papel no contexto da família (Almeida, 1998; Beck e Beck-Gernsheim, 2003; Steiber, 2006). Desta forma, produzindo uma espécie de "efeito de inconsistência" do estatuto da mulher economicamente activa, face à normativa cultural dominante que tende a enaltecer ainda o modelo de *breadwinner*.

Contudo, como se pode observar no quadro A1.2 (em anexo), no espaço da União aqui em referência, é sistematicamente nos segmentos menos qualificados que incidem as situações de inactividade feminina. Assim, mesmo nos países onde o fenómeno tem maior peso, as mulheres com maiores recursos socioeducacionais e com posicionamentos sociais de classes de maior favorecimento relativo tendem a permanecer de forma activa no mercado de trabalho. Recuando um pouco à análise das tendências sociodemográficas relativas aos países do sul e Irlanda (capítulo 1), num contexto actual onde os métodos contraceptivos de maior eficácia (a pílula ou o DIU) são utilizados pela esmagadora maioria das mulheres, em especial nos sectores mais qualificados (Almeida, André e Lalanda, 2002: 386-387), será eventualmente a recusa do modelo tradicional ou "institucional" (muito baseado na diferenciação de papéis segundo o sexo), assim como o não enquadramento das novas práticas, de valorização

dos desempenhos profissionais, por medidas políticas específicas de apoio à conciliação entre trabalho e vida familiar (Beck 2003; Torres, 2004; Torres e Silva, 1998), que poderá explicar, em grande medida, a quebra tão acentuada da natalidade ou mesmo o recuo do casamento formal nos países a sul e Irlanda. Sendo estes comportamentos ainda reforçados pelo facto de nestes países tanto as "uniões livres", como os modos de alojamento em residência unipessoal (sobretudo entre as mulheres) se manterem práticas minoritárias. Isto, mesmo nos segmentos de mulheres com condições materiais que lhes assegurariam uma sustentabilidade para a independência residencial, apoiando o reforço de autonomia, também, nos planos afectivo e emocional. Os constrangimentos culturais, ligados a padrões de conduta, orientações e valores ainda muito diferenciados segundo o sexo, poderão pois constituir, igualmente, uma justificação adicional para um padrão de comportamentos, observado nestes países, de relativa contracção face a orientações para o *viver só*.

A importância, já antes assinalada, da maior ou menor dimensão do trabalho feminino no reforço das mudanças sociais aqui focalizadas, no geral, convergentes com a tendência de fundo de "destradicionalização" dos valores e modos de organização das relações de intimidade na família e na conjugalidade, parece ser particularmente reforçada, precisamente, nos contextos regionais aparentemente menos propícios à autonomia feminina. Daí que, por exemplo, na observação do quadro 4.3, se verifique que apenas na Dinamarca e Finlândia (países, sob diferentes prismas, com culturas mais igualitaristas) (Esping-Anderson, 2006) não se associe à residência unipessoal protagonizada por mulheres um maior esforço de participação activa no mercado laboral. Em todos os restantes países, sem excepção, curiosamente, ao contrário dos seus congéneres masculinos, as mulheres em contexto de alojamento unipessoal, aliás, tal como as monoparentais, tendem a ter um envolvimento no mercado de trabalho relativamente mais intenso do que as casadas ou em união de facto.

Genericamente, muitas das mudanças sociais aqui subjacentes, mesmo quando envolvem no plano estatístico um peso mais diminuto de mulheres, tendem assim a ser particularmente profundas no que a elas diz respeito, pois implicam uma rotura com os

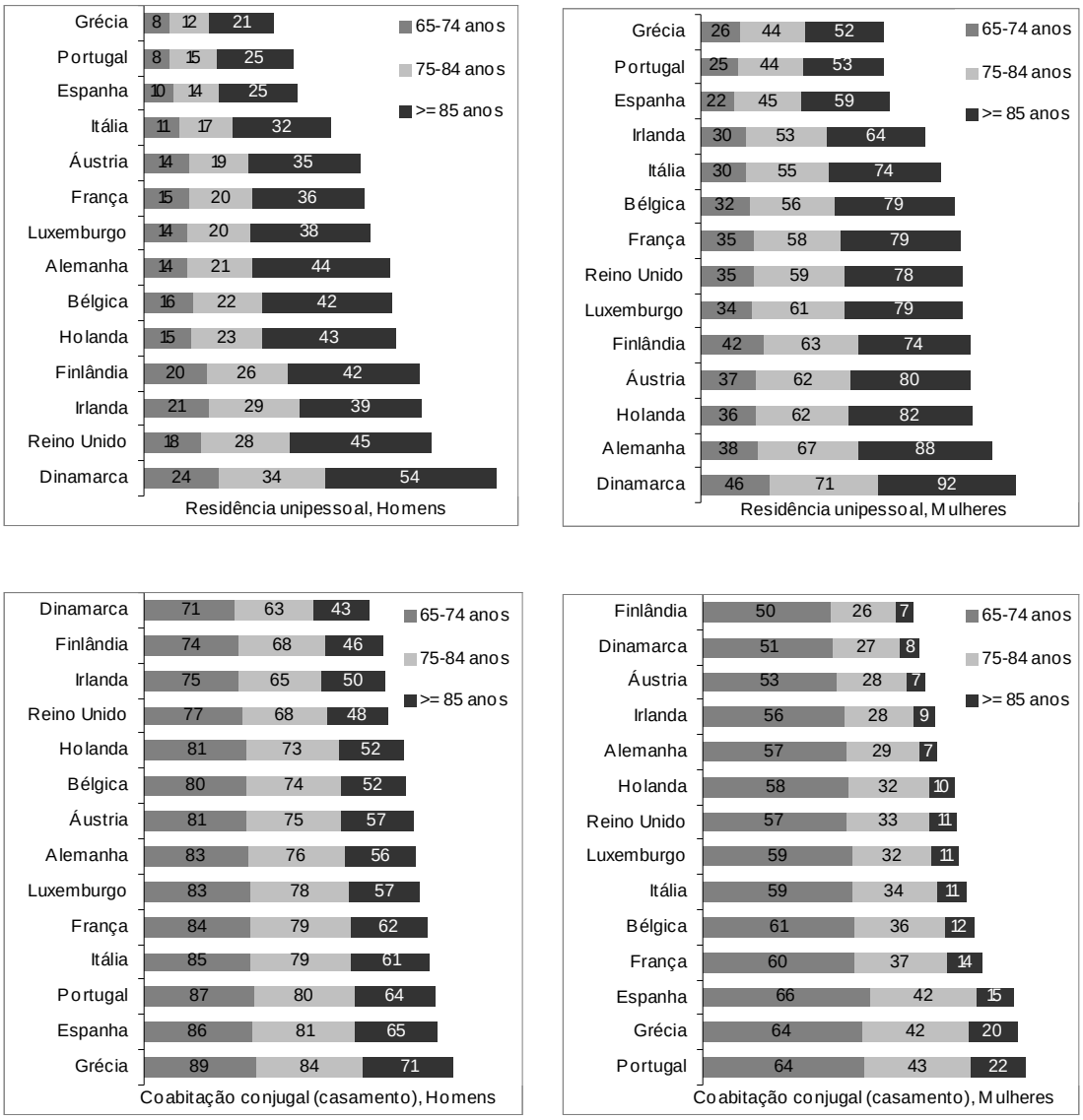
contextos e comportamentos – em muitos sectores e regiões ainda claramente preponderantes – de maior subjugação e dependência em relação à família e ao domínio masculino (Bence, 1982; Bourdieu, 1999). Como sublinha Anthony Giddens:

> Somente na última geração viver por conta própria significou, para as mulheres, abandonar a casa paterna. Em períodos prévios, salvo para uma pequena proporção de mulheres, deixar a casa paterna significava casar" (1996: 36). (...) O casamento seria assim o marco de conquista de independência e o meio de construção de uma auto-identidade definitiva (Idem: 38).

O ciclo de vida compreendido entre os 54 e os 65 anos define-se por corresponder a uma fase onde, malgrado a tendência para o adiamento da idade da reforma e sobretudo as restrições crescentes a pré-reformas (Comissão Europeia, 2003), de facto, actualmente, nos diversos países é ainda neste escalão que se situa a idade modal de saída do mercado de trabalho. Sendo que no conjunto da União Europeia (pelo menos a 15 países) o peso de inactivos passa a ser superior ao das pessoas inseridas na actividade económica – apenas na Dinamarca, Finlândia e Reino Unido os activos são predominantes. Entre os indivíduos, homens e mulheres, que permanecem no mercado de trabalho, sobretudo nos segmentos mais qualificados e melhor posicionados na estrutura socioprofissional, corresponde também ao ciclo de maturação das experiências entretanto adquiridas.

No plano familiar, inicia-se nesta faixa etária, igualmente, uma viragem, sucessivamente acentuada à medida que se avança na idade, no sentido de um acréscimo, por vezes muito expressivo, dos protagonismos de mono-residência, os quais passam a ter um pendor dominantemente feminino (ver figuras 4.5 e 4.6). Enfatizam-se assim, de forma concomitante com o próprio envelhecimento, os efeitos conjugados da sobremortalidade masculina, a maior viuvez feminina e a diminuição das unidades familiares, também associadas ao decréscimo do número de filhos por mulher. Estes acrescidos ainda, também de forma mais incidente no segmento feminino, por alguma componente da chamada fase de "ninho vazio" (quando os filhos saem de casa) (Ogg, 2003). A dissolução do casamento por via do divórcio/separação e a menor incidência

do recasamento entre as mulheres (Lobo e Conceição, 2003), assim como a própria sucessão de gerações (por morte dos dois progenitores), por exemplo, no caso dos segmentos de homens e mulheres que nunca chegam constituir uma conjugalidade em coabitação, permanecendo na "casa da mãe" (ou dos familiares de origem), ou que vivem um ou mais ciclos de transição intermitente entre uma nova conjugalidade, a separação e o regresso à casa da família de origem, são outras experiências de trajectórias que podem culminar num reforço do *viver só* nestas idades.



Ver notas e fonte do quadro 4.1.

Figura 4.6 Contextos de alojamento predominantes das pessoas com 65 e mais anos, por sexo e escalão etário (em percentagem do total de pessoas do mesmo sexo e grupo etário)

Os segmentos etários seguintes, das pessoas com 65 e mais anos, são, pois, muito marcados pelo contexto de alojamento em residência unipessoal, com maior manifestação entre as mulheres.

Nos países do sul, bem como nas ilhas britânicas (Irlanda e Reino Unido), e não obstante, também nestes contextos, se registar um forte predomínio feminino, é nesta faixa de idades que se posiciona a distribuição modal da residência unipessoal masculina, uma situação que reforça assim os contrastes de protagonismos emergentes na orla escandinava e em grande parte das regiões centrais, onde a maior frequência deste padrão de residência no caso dos homens tem, pelo contrário, lugar nos segmentos dos mais novos. Convergente com este quadro e com o menor peso relativo detido pelo divórcio, nas regiões do sul, assim como na Irlanda, é também no grupo etário das pessoas com 65 e mais anos que se situa a distribuição modal da monoparentalidade feminina, e no caso específico da Grécia e Irlanda também masculina (ver quadro 4.1).

Não obstante a pluralidade de trajectórias possíveis, antes assinaladas, Aquela emerge assim como um fenómeno consequente, sobretudo, da dissolução do casamento por viuvez, estando igualmente associada com maior incidência aos núcleos familiares avoengos.

Assim, muito em especial no sector feminino da população, a predominância do *viver só* nos segmentos etários acima dos 55 anos, como vimos, numa tendência sucessivamente reforçada à medida que se avança nas idades, impõe-se como um dos traços mais marcantes nas configurações actuais que o fenómeno assume em todos os países aqui referenciados. Este é um protagonismo claramente enraizado nas tendências de envelhecimento da população e na sobremortalidade masculina, e reforçado pelas mudanças profundas nos modos de organização da vida privada (Chandler e outros, 2004; Kaufmann, 2000: 131-132; Ogg, 2003).

Uma proporção expressiva destes indivíduos encontra-se em situação de inactividade económica, seja por via da reforma, seja no caso sobretudo das mulheres pelo peso de domésticas (Hays e George, 2002; Mauritti, 2004; Ogg, 2003; Victor e outros, 2005). Isto ainda que as melhorias gerais nas condições de bem-estar e de saúde

lhes atribua uma expectativa de vida em condições "funcionais" de autonomia física, psíquica e sócio-cognitiva que pode prolongar-se ainda por duas décadas ou mais.

Ligam-se, seguramente, à preponderância deste perfil da *pessoa só idosa*, no geral, mais vulnerável a situações de dependência, isolamento, pobreza e exclusão social (Almeida e outros, 1994; Martins, Mauritti e Costa, 2004, 2007b; Mauritti, 2004; Pais, 2006), as representações difusas, uniformizadoras, que tendem a assimilar o *viver só* a uma crescente anomia das formações sociais actuais, vistas como incapazes de gerir e de promover a coesão social em sectores significativos da sociedade.[68]

Nas formações sociais contemporâneas muito estruturadas pelo *valor* do trabalho ou pelos posicionamentos socioprofissionais, recursos primordiais de organização e estruturação do espaço social das condições de existência, com base nos quais se distribuem de forma desigual as relações assimétricas de autoridade e de poder, e se estabelecem as distinções e classificações recíprocas nos relacionamentos sociais quotidianos (Bourdieu, 1979; Costa, 1998), é provável que boa parte dos que estão integrados neste escalão etário, muitas vezes, independentemente da sua situação ou do seu contexto de residência, a só ou com outras pessoas, se vejam por força da situação de inactividade, esvaziados do *status* social que lhes conferia a situação profissional anterior e, por esta via, com posicionamentos relativos no espaço social que os aproximam de representações estereotipadas como as salientadas.

As classificações que assimilam o *viver só* nestes escalões de idades à solidão e ao isolamento social exprimem também a crescente mediatização simbólica das orientações presentes na configuração institucional das políticas de providência e assistência social, em particular nos países da Europa do sul, enquadradas por mecanismos de intervenção "selectiva" e "residual", dirigida a franjas muito específicas da população de todas as faixas etárias (embora, de facto as viúvas em situação de

[68] No capitulo 2 enfatizaram-se as representações difundidas nos media. Estas são contudo também observáveis em alguns fóruns inesperados, por exemplo, na publicação da OCDE *Society at a Glance 2005*, na construção de um índice de "isolamento social" considera-se, entre outros indicadores, a "percentagem de respondentes que vivem sós", sem se considerar qualquer elemento de caracterização adicional sobre as condições matérias de vida e contextos relacionais dessas "pessoas sós" (OCDE, 2005a: 82-86).

pobreza representem a principal categoria) (Ferrera, 2005: 2), que de outra forma não teriam condições de acesso a benefícios básicos de bem-estar (Mauritti, 2004).

Mas tal como se pode observar também no quadro 4.1 e nas figuras 4.5 e 4.6, nos escalões de idades acima dos 55 anos a incidência da residência unipessoal tende a ser enfatizada, precisamente, nos países que, em princípio, parecem oferecer melhores condições de bem-estar, simultaneamente, nos planos materiais e culturais.[69] Concretamente entre os países que apresentam dados – e de resto numa constante presente em todas as faixas etárias – é, mais uma vez, na Dinamarca que o peso relativo deste quadro de residência assume maior dimensão: 48% das pessoas com 65 e mais (61% nas mulheres), estando no extremo oposto, precisamente, Portugal e Espanha, onde sensivelmente 1/5 deste segmento etário se insere em alojamento unipessoal (27% no caso das mulheres) (ver quadro 4.1).

***

As análises anteriores procuraram caracterizar alguns dos principais processos sociais associados ao incremento do *viver só* em diversos países da União Europeia. Mais do que apontar tendências de convergência ou divergência entre países, pretendeu-se sublinhar, sobretudo, a pluralidade e complexidade de dinâmicas que enquadram a evolução do fenómeno, a qual está longe de constituir um desenvolvimento de sentido linear (Kaufmann, 2000: 28). Mesmo na sua incidência nos centros metropolitanos,

[69] Vão também neste sentido as principais conclusões de um estudo das Nações Unidas, publicado em 2005, com o título *Living Arrangement's of Older Persons Around the World*. Perspectivando um olhar sobre as dinâmicas na organização do alojamento de pessoas com 65 e mais anos, homens e mulheres, de diferentes continentes, os autores propõem uma abordagem multidimensional na sua compreensão. Os indicadores básicos que interviriam na análise desenvolvida foram 1) o PIB per capita; 2) proporção da população residente em áreas urbanas; 3) o número médio de anos no sistema de ensino na população com 25 e mais anos; 4) a esperança de vida à nascença. A hipótese básica seria que nos países com maiores níveis de rendimentos, urbanização, educação e esperança de vida haveria uma maior propensão para a autonomia residencial por parte das pessoas mais idosas – seja em mono-residência, seja em casal sem outras pessoas. Os resultados vieram, regra geral, confirmar uma forte correlação entre estes vários indicadores, ainda que, segundo os autores, outros factores não incluídos na análise possam também ter importantes efeitos nos modos de organização do alojamento: entre eles, o mercado imobiliário, o volume de migração interna e internacional, as normas culturais, assim como a disponibilidade e cobertura dos benefícios de pensões e dos sistemas de segurança social (Nações Unidas, 2005: 63-96).

alguns estudos desenvolvidos, por exemplo, na Suécia e no Reino Unido – países onde a produção teórica sobre o crescimento do alojamento unipessoal tem tido alguma ampliação mediática e projecção política e de investigação – apontam para a existência de protagonismos de práticas e processos sociais variados e, por vezes, até de sentido contraditório (Furedi, 2002; Heath e Cleaver, 2003; Jamieson e outros, 2001; Levin, 2002; Levin e Trost, 1999; Lewis, 2005; Nyström, 2003; Ogg, 2003; Roseneil e Budgeon, 2004; Smith, Wasoff e Jamieson, 2005).

Um balanço dos efeitos cruzados dos vários processos e protagonismos aqui analisados leva-nos a sublinhar, antes de mais, que o padrão dominante, que identifica a residência unipessoal essencialmente com uma fase específica do ciclo de vida, não deve, em nosso entender, escamotear outros protagonismos emergentes (inclusive nas idades mais avançadas), mais claramente associados em termos, de perfil "ideal-tipo" aos segmentos mais qualificados e melhor posicionados na estrutura social, na sua esmagadora maioria inseridos na população economicamente activa (Chandler e outros, 2004; Crompton, 1994; Heath e Cleaver, 2003; Jamieson e outros, 2001; Levin, 2004; Lewis, 2005; Nyström, 2003; Roseneil e Budgeon, 2004; Smith, Wasoff e Jamieson, 2005). É sobretudo neste segmento que, porventura com maior frequência, se observarão manifestações de novos estilos de vida e novos modos de conciliação entre projectos individuais e compromissos sociais, na materialização dos quais, designadamente, a construção da conjugalidade ou a distribuição de direitos e responsabilidades familiares não passam necessariamente, nas diversas fazes do ciclo de vida, pela partilha de uma residência comum.

PARTE III

RETRATOS DO *VIVER SÓ*: ACTORES E DISCURSOS

5 PREFERÊNCIAS E ORIENTAÇÕES PARA UMA VIDA INDEPENDENTE

As análises anteriores procuraram abordar as relações complexas e multidimensionais entre condições institucionais, padrões culturais e modos de organização do alojamento, numa perspectiva que pretendeu dar relevo a alguns dos processos globais de mudança social que enquadram a diversificação das configurações e dos protagonismos de individualização e autonomia, consubstanciados nomeadamente num crescimento muito expressivo do *viver só* na Europa. Isto, particularmente nos grandes centros urbanos, hoje, por excelência, complexos de lugares altamente diferenciados e segmentados nas suas dinâmicas internas, e envolvendo processos quotidianos intensos de confronto e interacção em contextos sociais heterogéneos. Além de agenciar algumas pistas interpretativas para a diferente representatividade que o fenómeno assume nas sociedades europeias actuais, estes desenvolvimentos pretenderam, igualmente, salientar mudanças profundas nos padrões de conduta, orientações e valores que circunscrevem as práticas sociais, de homens e mulheres, nas relações sociais quotidianas, organizadas no interface entre preferências individuais e oportunidades e constrangimentos estruturais, proporcionando dinâmicas distintas, segundo uma diversidade de parâmetros de diferenciação social, de incremento de experiências de mono-residência em diferentes momentos do ciclo de vida.

Como sublinham variados estudos aqui por diversas vezes assinalados,[70] nas múltiplas e heterogéneas vivências que marcam as trajectórias sociais dos sujeitos sociais nas sociedades modernas contemporâneas, as transições lineares transformaram-se em roteiros fragmentados por uma pluralidade de possibilidades e arranjos, onde dependência e autonomia se podem relacionar em diversos níveis e complexidades. Isto

[70] (Cf. entre muitos outros, Allan, Hawker e Crow, 2001; Brannen e Smithson, 1998; Budgeon e Roseneil, 2004; Camarano, Mello e Kanso, 2004; Furedi, 2002; Gauchet, 2004; Golsh, 2002; Goodwin e O'Connor, 2005; Guerreiro e Abrantes, 2005; Guerreiro e Abrantes, 2004; Guillaume, 1992; Hays e George, 2002; Heath e Cleaver, 2003; Heinz, 2000; Herpin e Déchaux, 2004; Levin e Trost, 1999; Lewis, 2005; Pais, 1996, 1998, 1999, 2000, 2001, 2003; Pappámikail, 2004)

seja no plano das vivências e experimentações no mundo laboral: crescentemente incerto e indefinido, mas também mais exigente e competitivo; seja também no plano das relações com o sistema de educação e formação: o qual, cada vez mais, no espírito da "educação ao longo da vida", pretende dar-se (e é frequentemente como tal reconhecido pelos actores sociais) como um espaço de "novas oportunidades" para a reconstrução e reformulação dos presentes e dos futuros possíveis; seja ainda no plano das características mais íntimas e pessoais da existência quotidiana: envolvendo, de forma cada vez mais alargada aos diversos segmentos sociais, a procura de vivências variadas, muitas vezes descentradas do objectivo de "assentar na vida" ou de (re)constituir uma família, assim como uma constante "renegociação" das relações entre parceiros, familiares, amigos, colegas e outros significativos.

No âmbito desta problemática geral, aqui sintetizada numa leitura sobre *mudança social e estilos de vida*, nesta parte da tese, desenvolvida a partir de incursões etnográficas sobre 36 experiências de *viver só*, procura-se aprofundar a caracterização de protagonismos emergentes. A análise focaliza-se nos perfis sociais, padrões de estilos de vida e experiências sociais de homens e mulheres de diferentes faixas etárias e condições socioeconómicas que, por preferência ou vicissitudes ligadas a acontecimentos e situações fortuitas do ciclo de vida, experimentam morar sozinhos, de forma mais ou menos prolongada no tempo.

No olhar sobre as relações dos sujeitos com *o seu viver só* procurar-se-á dar relevo à variabilidade e forte dinamismo de situações e experiências sociais em presença. Isto, nomeadamente considerando as diferentes trajectórias de socialização e recursos sociais, bem como as etapas do ciclos de vida e os contextos relacionais em que se situam os seus protagonistas. Nesta perspectiva, assume-se que as experiências do *viver só* devem ser percebidas num quadro amplo, sujeito a múltiplas influências, diacrónicas e sincrónicas, bem como de graus e amplitudes muito diversas, em termos das situações e contextos. Um quadro que pode envolver, simultaneamente, e em diferentes medidas, face a um contexto heterogéneo de oportunidades e constrangimentos estruturais, quer o cruzamento de escolhas, orientações,

possibilidades ou dificuldades pessoais, quer ainda modos padronizados de rotina não consciente, "mecanismos adaptativos", por vezes "compulsivamente enraizados", cuja realização é efectuada sem verdadeiro envolvimento ou sentido de discernimento pessoal (Giddens, 1996:49-53; Velho, 2004:25).

5.1 O *viver só* como escolha e projecto

Na multiplicidade de experiências aqui presentes, a análise do complexo de causas e alternativas que os sujeitos enfatizam para reconstruir a sua biografia procura evidenciar, sobretudo, os protagonismos de novos estilos de vida de actores sociais que enquadram o *seu viver só* num conjunto de orientações e de escolhas que adoptaram reflexivamente, não apenas para satisfazer necessidades materiais, mas igualmente para dar forma e consistência ao projecto reflexivo de construção do *self* (Giddens, 1997:75 e seguintes; Rodrigues, 2008: 309; Velho, 2004:97-105). Noutras palavras, no pressuposto da individualização e da modernização reflexiva, procura-se aqui aprofundar em que medida a mono-residência – enquanto acção de delimitação física de um espaço singular gerido autonomamente pelo próprio – representa, no domínio da vida pessoal, uma condição propícia à concretização com êxito de projectos de realização do indivíduo autónomo, capaz de identificar as suas potencialidades, de tomar opções, na pluralidade de contextos institucionais possíveis, e de gerir os limites, constrangimentos e contornos de relações interpessoais que estabelece no quotidiano (Giddens, 1996:97 e 132;).

Nesta medida, um dos primeiros questionamentos que conduz a análise consiste, precisamente, na problematização da «escolha». Mesmo que, por vezes, numa "falsa consciência" da narrativa, os sujeitos sejam unânimes numa projecção da sua experiência como opção, frequentemente, seja numa fase inicial seja de forma intermitente no tempo e no espaço em função dos contextos situacionais, morar sozinho não só não foi/não é uma situação desejada como constitui uma experiência que é vivenciada com forte angústia e sofrimento ou, no outro extremo, mesmo decorrendo

de acções conscientes e "tomadas de posição" pessoais, e sendo vivido predominantemente como oportunidade e de forma positiva, pode também ser um resultado ou uma consequência que não seria à partida esperado pelo próprio (Schurmans, 2003; Velho, 2004:26-27).

Como formula Gilberto Velho (1994, 2002, 2004), a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher tem subjacente o princípio de que essas escolhas são sempre "escolhas contextualizadas" numa "negociação da realidade" que, embora de fronteiras difusas e não lineares – em função dos contextos, situações e papéis diferenciados –, se joga entre a "identidade do sujeito" e os universos simbólicos e culturais de normas e padrões de conduta que circunscrevem as suas práticas sociais, configurando o "potencial de metamorfose" numa "província de significados". Nesta óptica, todas as práticas sociais são constituídas "dentro de um *campo de possibilidades*, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção do indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes" (Velho, 2004:27). Como sublinha o mesmo autor:

> O indivíduo ou o *self* é essencialmente social. Ou como representação ou como conteúdo, o *interno* – a incorporação subjectiva da experiência vivida nos *ethos* ou habitus específicos dos sujeitos da acção – só pode ser explicado pelo *externo*. (Idem, 2002:21).

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, esta relação entre características históricas e culturais e formas de edificação das práticas sociais, na escala das acções singulares, protagonizadas por "indivíduos múltiplos" (Velho em Castro, Oliveira e Ferreira, 2001) ou "actores plurais" (Lahire, 2003) "multideterminados" e "multissocializados", *objectivamente*, tem subjacente que na gestão das escolhas possíveis, cada sujeito selecciona apenas aquilo que pode. Isto, simultaneamente, em função das respectivas condições materiais de existência, dos contextos socioinstitucionais e situacionais específicos de interacção social e dos seus sistemas de valores e representações; dentro dos quais cabem ainda as projecções e expectativas, os "projectos" ou os "planos de acções" que cada um constrói e reconstrói face ao que pensa ou perspectiva vir a concretizar no presente e no futuro (Lahire, 2003:200-205; 258). Em suma, como

sublinha José Madureira Pinto (2007:46) numa leitura que converge com a que aqui se procura desenhar:

> (...) a lógica de relações sociais objectivas e de forças incorporadas que definem, num dado espaço social, os limites da acção provável, permite apurar os instrumentos de reflexividade e autoconhecimento dos agentes, pondo virtualmente ao seu alcance meios de intervenção prática capazes de forçar a emergência de certos possíveis.

Assim, do ponto de vista das características e propriedades relacionais que consubstanciam os posicionamentos sociais e as condições de vida de cada actor individual, mesmo considerando que o crescimento do *viver só* se enquadra numa tendência de fundo para a individualização e *subjectivização* da experiência e dos estilos de vida (Furedi, 2002; Gonçalves, 2007; Nyström, 2003; Ogg, 2003),[71] é possível observar que as sociedades actuais estão ainda fortemente marcadas por diferenciações, heterogeneidades e desigualdades estruturais (Beck e Beck-Gernsheim, 2003:31; Costa, Machado e Ávila, 2007; Costa e outros, 2000; Devine e outros, 2005; Giddens e Diamond, 2006; Mauritti, Martins e Costa, 2004). Deste modo, tais "possibilidades", no que respeita à conquista de independência enquanto processo fundado na iniciativa pessoal e em tomadas de decisão – particularmente quando aquela é concretizada na experiência de residência unipessoal – não estão igualmente acessíveis a todos (tal como não são por todos igualmente desejadas). Pelo que a efectiva oportunidade de escolha e correspondente capacidade de subjectivação da auto-realização e emancipação, sustenta ou mesmo reforça a polarização das diferenças nos protagonismos sociais contrastantes, selectivos e, ainda, fortemente diferenciados e diferenciadores (Bourdieu, 1979; Costa, 1999).

[71] cf. Vítor Sérgio Ferreira (2006) numa reflexão que desenvolve sobre "individualização social e subjectivação identitária no contexto da actual experiência social dos jovens" .

5.2 Parâmetros de configuração das escolhas possíveis

Na caracterização das experiências sociais que dão forma, material e simbólica, aos estilos de vida e às aspirações e expectativas destes protagonistas da mono-residência, importa pois delimitar um conjunto de parâmetros ou dimensões analíticas que através de conjugações várias estruturam e circunscrevem as dinâmicas das "escolhas" possíveis.[72]

Na procura de identificação e análise dos sistemas de determinações objectivas das acções e práticas individuais, socialmente significativas, que os sujeitos enfatizam para justificar reflexivamente as suas trajectórias numa orientação para o *viver só*, o exercício que aqui se aprofunda desenvolve-se a partir de uma abordagem multidimensional, que procura perspectivar os agentes sociais situando as suas práticas e orientações num plano de relações sociais estruturadas, onde se articulam de forma sistemática indicadores sobre:

— *Localizações estruturais.* Distribuições diferenciadas de recursos e oportunidades em termos de trajectórias sociais e dos posicionamentos sociais actuais;
— *Contextos relacionais e domínios de participação social*. Quadros de interacção,[73] redes sociais, formas de sociabilidade e participação social;
— *Orientações e valores.* Percepções e avaliações sobre satisfação pessoal e qualidade de vida e aspirações e expectativas quanto ao futuro.

[72] Nesta delimitação beneficiamos necessariamente dos contributos de um conjunto de pesquisas sobre *processos de recomposição social e análise de protagonismos emergentes* onde temos vindo a colaborar no quadro do CIES, ISCTE (cf. Almeida e outros, 2003; Costa e outros, 2000, 2002; Dellgran e outros, 2007; Machado e outros, 2003; Martins, Mauritti e Costa, 2004, 2005, 2007a, 2007b, 2008; Mauritti, 2002, 2004; Mauritti e Martins, 2007; Mauritti, Martins e Costa, 2004; Mauritti e outros, 2002).

[73] Conceito formulado por António Firmino da Costa (1999: 296). Nas palavras do autor, os "quadros de interacção" remetem para "a) a dimensão contextualizada das práticas sociais; b) a lógica específica dos processos de interacção; c) a formação de sistemas de relações sociais (...); d) a estruturação social desses sistemas enquanto feixes multidimensionais, contextualmente densificados e interaccionalmente regulados, de regras e recursos, de condições e padrões de acção social; e) os modos como as condições estruturais, os sistemas institucionais, as configurações culturais e os processos sociais de âmbitos mais vastos se actualizam nesses contextos de interacção".

Através de um olhar que se focaliza nos sujeitos e nas suas experiências complexas e heterogéneas pretende-se apreender as lógicas sociais de "produção social do indivíduo", que acompanham as suas socializações "em torno do processo de construção dos sistemas de disposições, do *habitus*" (Almeida, 2007:18).

Nestes desenvolvimentos privilegia-se, em primeiro lugar, uma abordagem que procura dar relevo à perspectiva das classes sociais e das diferenciações estruturais que delimitam, ainda que de forma dinâmica, intermutável e multidimensional, não apenas as condições de existência actuais destes protagonistas, como também as oportunidades objectivas de concretização dos seus projectos e aspirações individuais. As práticas sociais mediadas pelos posicionamentos actuais e percursos biográficos dos actores sociais, que de forma durável ou transitória experimentam viver sozinhos num alojamento, assim como os mecanismos relacionais que as enquadram, nas diversas esferas e contextos situacionais de interacção social, constituem aqui os focos privilegiados de observação.

Ainda na dimensão das localizações estruturais, um segundo plano, articulado em diversos níveis e complexidades com o anterior, dá relevo à importância que revestem as qualificações. Nas sociedades actuais, cada vez mais estimuladas, nas suas dinâmicas permanentes de mudança, pela informação global apoiada em redes de comunicação e na intensificação da inovação científica e tecnológica, os recursos escolares/educacionais assumem-se, de forma crescente, como uma das dimensões mais decisivas na reconfiguração dos sistemas de desigualdades estruturais (Ávila, 2007, 2008; Costa, Machado e Almeida, 2007b; Sebastião, 2006). Tal como sublinha Maria João Rodrigues: "o conhecimento está-se a tornar a principal fonte de riqueza das nações, empresas e pessoas, mas pode ser também o factor principal de iniquidades" (2006:395).

No plano das trajectórias sociais e dos posicionamentos sociais dos indivíduos nos múltiplos contextos sociais em que se inserem (na escola, no trabalho, nos grupos de pares, nos locais de convívio e nas mais variadas estâncias de participação social), cada vez mais, a posse de determinados patamares de qualificação e certificação formal

constitui uma das condições mais importantes (ainda que não necessariamente suficiente *per si*) (Estanque, 2002a, 2005; Pinto, 2007), para um maior ou menor alargamento das oportunidades de concretização dos processos de mobilidade social, de formação de disposições pessoais e orientações de vida, assim como de realização de estilos de vida.

Devem-se em grande medida à escolarização as recentes mutações estruturais num redireccionamento das orientações tradicionais e dos valores, tendencialmente substituídos por formas universais de aprendizagem e de conhecimento e linguagem; ao mesmo tempo que é a própria gestão e o domínio desses novos conhecimentos que proporciona a cada um a auto-descoberta e reflexividade (Beck e Beck-Gernsheim, 2003:32). Na sua componente cultural e de status simbólico (Bourdieu, 1979), a posse de determinados recursos educacionais está igualmente conectada com selecção ou com um "sentido de distinção" e como tal, requer expectativas individuais de mobilidade, as quais são efectivas mesmo quando mais educação não é senão uma ilusão de garantia de mobilidade ascendente e de acesso a condições de vida melhores do que as que caracterizavam a origem. No plano das qualificações e certificações de alcance profissional, a educação formal providencia a cada um as credenciais para poder orientar-se por uma carreira própria, configurando o leque de oportunidades para o exercício de actividades profissionais que efectivamente permitam assegurar o rendimento e condições de autonomia e conforto material na organização e planeamento da vida pessoal.

É assim com este argumento central que, no olhar que se desenvolve em seguida, a posse de um requisito mínimo de educação formal representa um primeiro critério de delimitação da amostra de sujeitos entrevistados. Isto no pressuposto de que, com maiores ou menores constrangimentos materiais e sociais, e não obstante a pluralidade de condições sociais que seguramente diferenciam internamente este conjunto, é sobretudo no seio de indivíduos, homens e mulheres, com um patamar de qualificações melhorado no contexto do respectivo grupo etário que, com maior probabilidade, poderemos localizar alguns dos protagonismos na linha da frente das principais dinâmicas de mudança social e cultural da actualidade, no âmbito dos quais a

experimentação do *viver só* se constitui como uma opção mais ou menos duradoura de estilo de vida (Furedi, 2002; Gonçalves, 2007; Lewis, 2005; Nyström, 2003; Penn e Zalesne, 2008).

Num segundo eixo de análise, relativo aos "contextos de interacção e domínios de práticas sociais", pressupõe-se que, mesmo nas sociedades em que as trajectórias sociais e condições de estruturação da auto-biografia são particularmente propícias à construção de singularidades pessoais, de que o viver sozinho num alojamento constitui apenas uma das faces visíveis – simultaneamente porque, tanto no plano da valorização social como das condições materiais, as condições sócio-institucionais que se oferecem aos indivíduos favorecem ou mesmo reforçam essas orientações: através do funcionamento do mercado de trabalho, da legislação social e laboral, da oferta de formação profissional, dos sistemas de pensões e protecção social, etc. –, importa ter em conta que as oportunidades que se apresentam aos actores individuais continuam a estar fixamente construídas em redes, regras e linhas de conduta. As quais estão balizadas, em grande medida, nos quadros contextuais das relações interpessoais (Costa, 1999), seja com familiares, amigos, colegas de trabalho, de estudo ou outros. É certo que a concretização da independência – nomeadamente através do controlo do próprio dinheiro, tempo, sexualidade e espaço de alojamento – confere a cada um a oportunidade de assumir uma perspectiva própria sobre as relações que estabelece nas várias esferas sociais e situações de interacção, e de actuar em função disso e para isso. Mas como diversos estudos também têm demonstrado, boa parte dos mecanismos que reposicionam os indivíduos nos vários contextos e situações sociais, abrindo ou fechando o leque das oportunidades e dos sucessos possíveis, estão ainda íntimamente relacionados com a qualidade e quantidade das suas próprias relações sociais e redes de sociabilidade (Guerreiro e Abrantes, 2004:27).[74]

[74] Veja-se no trabalho de Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes (2004: em especial pp. 26-27) sobre as "transições incertas: os jovens perante o trabalho e o emprego", a súmula de pesquisas que aí referem dando conta, precisamente, da importância do "capital relacional" na configuração das trajectórias sociais e nos posicionamentos sociais de classe dos jovens ao longo dos respectivos percursos

Será expectável que também no caso dos sujeitos que compõem o corpus de entrevistados as relações sociais sejam marcadas por forte heterogeneidade ou mesmo contradição. Envolvendo, simultaneamente, e em diferentes dimensões e complexidades, dispositivos de negociação relativamente estabilizados de entreajuda material e afectiva, em concomitância com outros laços sociais menos vinculativos, marcados pela contingência, volatilidade e transitoriedade, mas igualmente relevantes na configuração dos respectivos padrões de estilos de vida. Um exemplo por excelência da importância relativa deste tipo de laços são as relações particularmente densas e diversificadas que desenvolvem seja presencialmente no seio da família e nos grupos de pares, seja, de forma cada vez mais frequente, através do uso de tecnologias de comunicação e informação como são, entre outros, o telemóvel ou a Internet (Cardoso e outros, 2005; Cardoso e Espanha, 2008; Castro, 2000; Castro, 2003; Pais, 2006:183-222). Frequentemente, é no âmbito dessas sociabilidades que surgem as maiores oportunidades de afirmação identitária e autonomização, relativamente a círculos de participação e filiação social, especialmente os que remetem para os contextos familiares de origem. Como bem formula Vítor Sérgio Ferreira:

> A individualização acaba sempre por implicar espaços de reconhecimento social do *self*, onde se procura a confirmação do que se é ou se pretende ser. Donde a importância dos novos laços, apesar de eventualmente efémeros e provisórios, terem o alcance de proporcionar aos seus membros ganhos simbólicos de singularização e autonomia social; isto é, de lhes conceder um sentimento subjectivo de soberaneidade e propriedade do *eu* sobre si próprio, enquanto mestre e senhor de si mesmo, garantindo-lhes em simultâneo as gratificações sociais suficientes à necessária estima fundadora da existência social de cada indivíduo (2006:62).

---

transicionais para a vida adulta. Vai também neste sentido o estudo de Jim Ogg (2003) sobre adultos e idosos em residência unipessoal no Reino Unido, onde o autor destaca a organização e participação alargada em redes sociais, assim como a disponibilidade de apoios sociais como um dos mais importantes factores para ser bem sucedido nesse contexto de residência. Nesta linha de análise sublinhe-se ainda o trabalho de Liz Spencer e Ray Pahl (2006) sobre o papel e relevância da amizade na construção de "mundos micro-sociais de relações interpessoais" ou do que designam de "comunidades pessoais" que contextualizam a integração social e qualidade de vida dos sujeitos na sociedade contemporânea.

Assim, na presunção de que os indivíduos constroem laços e estabelecem relações em diversas esferas de participação social segundo um padrão comportamental dominado pelas lógicas específicas dos processos de interacção – em função das motivações e da maior ou menor complexidade dos laços que configuram essas relações sociais – com o aprofundamento desta dimensão analítica, pretende-se analisar em que medida esses laços tendem a reificar, também eles, escolhas personalizadas e caracterizadas pela intimidade e amizade (Spencer e Pahl, 2006). Procura-se assim aprofundar as diferentes formas de entrosamento (no pressuposto de que também elas são plurais), destes sujeitos em residência unipessoal, na família, nas relações de amizade e noutras relações significativas: em termos de contextos de interacção, da estrutura de relações, das práticas de sociabilidade e das motivações e percepções de satisfação pessoal.

Estas últimas dimensões, presentes nas interacções quaotidianas, são ainda aprofundadas no terceiro eixo de análise, que equaciona as orientações valorativas e os sistemas de disposições a partir dos quais os indivíduos que residem sozinhos num alojamento percepcionam as suas condições materiais de vida em termos de "satisfação com a vida pessoal" e das "condições de conforto", bem como as relações que é possível estabelecer entre essas avaliações cognitivas e as posições sociais – relacionais, multidimensionais e estruturadas – que os localizam nos diversos domínios e contextos do espaço social.

Na esteira das propostas de Gilberto Velho (2001; 1994, 2002, 2004) e Bernard Lahire (Lahire, 2002, 2003, 2004, 2005a), pretende-se analisar as avaliações ou esquemas de acção, de percepção e de apreciação cognitiva, o *habitus* na expressão já "clássica" de Bourdieu (1979:140-141, 1997:6), tendo em conta que as mesmas radicam numa diversidade de experiências de socialização anteriores, por vezes mesmo contraditórias ou opostas entre si. Tal como sugere Gilberto Velho:

> As pessoas carregam dentro de si próprias experiências e visões do mundo diferentes, contraditórias, não são monolíticas como personalidade social, desempenham papéis múltiplos. (...) o indivíduo não é um ente acabado, nem é *um* o tempo todo, é muitos, e este "ser muitos" tem a ver com a sua trajectória e com a sua participação em diferentes

mundos e diferentes experiências..." (entrevista a Gilberto Velho, em Castro, Oliveira e Ferreira, 2001:12 e 20).

Em cada domínio da existência social, as disposições que assim se vão construindo (ainda que plurais e internamente diferenciadas ou mesmo antagónicas, como propõe igualmente Lahire na reformulação conceptual da proposta inicial de Pierre Bourdieu) funcionam como elementos mediadores entre as experiências passadas – de posições sociais estruturadas e relacionais que caracterizam o indivíduo na multiplicidade de micro contextos de interacção social – e as práticas sociais. Estas expressando "tomadas de posição" ou escolhas que os actores sociais operam na transposição das respectivas experiências de vida para os contextos situacionais específicos, dentro de um "campo de possibilidades" (na terminologia de Gilberto Velho) em que as mesmas têm lugar. Assumindo a complexidade, vitalidade e fluidez que caracterizam essas experiências sociais, ainda no pressuposto da possibilidade de escolha ou de intervenção activa de cada actor individual na produção das estruturas que se consubstanciam como condição e resultado das respectivas práticas sociais, o significado sociológico da mediação que assim é operada passa ainda por aquilo que Anthony Giddens designa de *dualidade da estrutura*: os actores sociais têm incorporado nos seus quadros de valores e representações as próprias condições estruturais em que vivem e, por isso, esses quadros não são arbitrários na sua configuração; mas ao mesmo tempo, as condições estruturais incorporadas não são senão o resultado da própria acção social e do sentido que nela investem os seus protagonistas, portadores de uma "auto-reflexividade" sempre potencialmente inovadora (Giddens, 1989).

Nesta "dualidade" em que estrutura e agência se constituem mutuamente, as intencionalidades e significações intersubjectivas que os agentes sociais incorporam nas acções sociais denotam, uma vez mais, a importância de um olhar que se constrói a partir da compreensão e interpretação das experiências individuais tal como são vividas e reinterpretadas pelos agentes da acção, no imbricado assimétrico de recursos relacionais de autonomia, motivações práticas e poder.

5.3 As entrevistas e os entrevistados: estratégias e perfis

Tendo presente a forte incidência que o fenómeno do *viver só* assume actualmente nos grandes centros urbanos e metropolitanos, a referência empírica da análise que nos propomos aqui aprofundar toma por enfoque as experiências de 36 sujeitos que residem na área da grande Lisboa – na cidade e respectiva periferia.

Entre 2005 e 2006 os 36 indivíduos aqui em destaque – todos eles envolvidos em pelo menos uma entrevista biográfica – foram recrutados recorrendo à técnica de amostragem em "bola de neve", a partir do passa-palavra dentro de uma rede de relacionamentos interpessoais, mas tendo o cuidado de partir de várias "bolas", isto para garantir alguma diversidade nos perfis analisados.[75]

Com uns e outros (amigos, colegas e sujeitos entrevistados) desenvolveram-se conversas cruzadas, trocas de mail e telefonemas, por vezes também outros encontros informais, em casa dos sujeitos e noutros contextos, numa relação "de escuta activa e metódica" (Bourdieu, 1993:903), e de confronto de informações e perplexidades levantadas pelo "esforço de objectivação" e construção analítica das situações em análise. Estas, nas relações que entretanto se foram estabelecendo, ocasionalmente, são também referenciadas nas experiências sociais de um quotidiano parcialmente partilhado (Caria, 2002). Os casos (quatro) que envolveram mais do que um *encontro* formal *de entrevista* foram suscitados pela necessidade de aprofundamento de um ou outro eixo temático, especialmente quando estavam em curso processos de decisão/mudança que poderiam implicar uma alteração de fundo nos relatos da experiência vivida, tanto ao nível das relações com o trabalho (Catarina e Filipe) como no plano das condições de alojamento (Lúcia) ou das próprias redes sociais e condições de saúde-dependência (Júlio). Relativamente a outros entrevistados, houve igualmente a preocupação de lhes seguir o caminho, seja através dos registos que partilham de forma

[75] Destes, onze foram recrutados directamente de círculos de conhecimentos pessoais; dezanove foram indicados por colegas ou amigos, e seis por outros entrevistados.

aberta na Internet (Amélia e Ema), seja procurando informações complementares junto de conhecimentos comuns ou "informantes privilegiados" (Carlos, Mariana, Lúcia, Lea e Catarina). Neste sentido, as entrevistas realizadas constituem, acima de tudo, "um momento privilegiado numa longa série de contactos." (Bourdieu, 1993:911). Nos registos de entrevista, regra geral gravados,[76] escutamos conversas onde procurámos criar um ambiente intimista, desta forma proporcionando naqueles um envolvimento activo nas questões, que pretendeu facilitar a emissão de confidências (Kaufmann, 1996:17), bem como a compreensão alargada no tempo e no espaço da singularidade (sempre plural) da sua experiência.

Nestas interacções inter-subjectivas, imbuídos de intencionalidade comunicativa, orientou-nos ainda a preocupação de ajustamento da nossa linguagem e interesses analíticos numa coerência temática ordenada pelos sujeitos em análise: assim, procurando evitar o "silêncio" que seria suscitado por uma questão que o próprio não desejaria abordar e, ao mesmo tempo, permitir a apreensão das suas percepções e apreciações sobre a experiência vivida, edificada nos confrontos situacionais quotidianos. Como veremos adiante, o facto de optarmos por ir ao seu encontro naquele que é por excelência o espaço de intimidade: o alojamento, foi outro factor que veio a revelar-se essencial na construção destas relações, proporcionando um redireccionar dos olhares para aspectos que de outra forma, provavelmente, nunca teriam emergido nas narrativas. A "consciência prática" (Giddens, 1997) incorporada nas rotinas quotidianas, materializadas naquele espaço, emerge assim de forma concomitante com a narrativa da auto-identidade ou "consciência discursiva".

Na selecção dos sujeitos procurou-se ainda seguir os seguintes critérios:

[76] Não aconteceu em duas situações: uma por pedido da própria (Aurora), outra numa estratégia de auto-inibição, por considerarmos que assim teríamos mais condições de acompanhar sem grande constrangimento a situação específica (Júlio). No acompanhamento destes dois casos, houve assim um cuidado redobrado no registo sistemático em "diário de campo" das impressões e informações retiradas das situações de interacção com os sujeitos e os seus contextos.

1) Terem 18 ou mais anos e assumirem morar sozinhos num alojamento há pelo menos um ano, independentemente da trajectória de conjugalidade e do padrão de residência anterior – e isto embora possam de forma descontínua no tempo partilhar a respectiva residência com terceiros. Uma situação vivida, designadamente, pelos entrevistados com filhos menores de relações anteriores entretanto dissolvidas (Carlos, Susana e Francisca), assim como pelos sujeitos envolvidos num relacionamento amoroso sem coabitação permanente (Manuel, Mariana e Vânia) ou ainda pelos "deslocados" por motivos de estudo e/ou profissionais (Sónia, Nuno e Amélia), nos regressos (assumidos como) temporários "a casa" ou à residência dos familiares de origem (ver quadro 5.1);

2) Como assinalado, nesta abordagem procura-se focalizar as experiências de residência unipessoal que consubstanciam uma opção de estilo de vida mais ou menos prolongada no tempo – mesmo que inicialmente um acontecimento mais do que a vontade explícita do próprio seja apontado como primeira causa para o *viver só*. Nesta medida, seguindo ainda o pressuposto de que a posse de recursos escolares constitui uma das vias privilegiadas através das quais os sujeitos conseguem ampliar as oportunidades de autonomia e de realização de escolhas pessoais, na sua selecção deu-se preferência a indivíduos com um padrão de qualificações escolares e/ou profissionais melhorados no contexto do respectivo grupo etário, em termos de habilitações escolares detentores, preferencialmente, pelo menos de nível secundário ou equivalente. Este é de facto um dos traços que demarca o conjunto de sujeitos incluídos no estudo, onde os poucos que não adquiriram esse patamar de escolaridade, cumprem, ainda assim, o requisito de favorecimento relativo nos respectivos contextos (geracionais e/ou familiares) quanto à posse destes recursos. Vejamos as três situações a que se refere esta ressalva:

> - a Margarida, 72 anos, viúva há 20 anos de um capitão do exército e filha de um coronel, tem duas filhas ambas casadas e outros tantos netos. Com o 2.º nível dos cursos gerais do

liceu,[77] nunca exerceu uma actividade remunerada, apesar de se afirmar como um "espírito muito independente". Graças aos rendimentos que provêm de dois prédios que os sogros lhe deixaram, vive a viuvez como "uma libertação", como a possibilidade de "finalmente" se realizar como pessoa, concretizando agora todos os projectos que primeiro os pais, depois o marido sempre contrariaram: as viagens pelo mundo; o participar numa vida social intensa, o cuidar de si e da sua imagem, o cultivar amizades, etc.

- a Célia, 55 anos, deficiente motora, filha única, solteira e sem namorado. Mora sozinha há pouco mais de três anos, desde que a mãe morreu. Reproduzindo as suas origens sociais modestas – o pai era assalariado de base dos serviços; a mãe "doméstica" – completou o 5.º ano do ensino técnico comercial, e mais tarde, já em adulta obteve um diploma de dactilografia, com base no qual acedeu à carreira de telefonista, num gabinete da Câmara Municipal de Lisboa. Actualmente sem laços fortes no plano das relações familiares e de amizade, vive numa espécie de *second life*, chegando a estar 7h a 8h/dia (e sobretudo noite) "na conversa com amigos" que conhece nas "viagens" quotidianas pela Internet. Num olhar exterior, a sua situação de residência unipessoal dificilmente se consubstancia numa opção. Para sublinhar a sua "escolha", afirma que duas amigas (como ela deficientes motoras) já lhe têm sugerido que alugue um quarto, pois a casa é grande e tem espaço, situação que rejeita: "Não, não quero. Gosto muito de ser dona de mim mesma, fechar a minha porta quando saio, se deixo desarrumado, sei que encontro desarrumado, mas tudo bem, fui eu que deixei. (...) Se fosse assim um namorado ou mesmo um marido... talvez. Mas isso agora não se coloca."

- o Martim 37 anos, solteiro com uma "amiga", filho e irmão de operários sem grau de escolaridade, é nesse contexto encarado [por si e pelos outros] como um "vencedor": apesar de tudo conseguiu ir até ao 8.º ano, tem um "emprego estável" como bilheteiro numa empresa de transportes, um "bom carro" que lhe consome 1/3 do ordenado e uma "casa montada" que adquiriu há perto de cinco anos e que lhe leva outro terço. Na altura comprou a casa para "poder ter alguma independência e privacidade, por exemplo, para estar assim mais à vontade com alguma namorada". Há dois anos atrás chegou a coabitar com uma rapariga dez anos mais nova, gostou da experiência e gostava de a repetir mas, nas suas palavras: "ainda não se proporcionou, esta minha amiga está no Algarve, mora e trabalha lá, e tem dois filhos... é complicado". Afirma-se satisfeito com tudo o que conseguiu realizar através de esforço pessoal.

[77] Via de ensino que só por si constitui um indicador do contexto familiar de origem melhorado que marcou a sua infância (ver a cronologia editada por Olga Pombo, intitulada "Como surgiu o Liceu", em http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/lugares/osantigosliceu /newpage1.htm).

3) Num terceiro critério de selecção dos entrevistados, à medida em que se foram concretizando as entrevistas, na triagem de novos sujeitos houve a preocupação de garantir, dentro do segmento assinalado, alguma diversidade de perfis e trajectórias sociais. Isto seja no plano socioprofissional e dos percursos académicos, seja em termos da situação conjugal e parental e das experiências de relacionamento com a família e os amigos ou ainda da idade e do sexo, entre outras (cf. anexo A5.1).

Neste sentido, o número final de entrevistas procurou esgotar, na medida do possível, a necessidade de caracterização aprofundada da heterogeneidade e variedade de experiências e realizações específicas de vidas singulares, expressas simbólica e materialmente no contexto de residência unipessoal.

No quadro 5.1 apresentam-se algumas das variáveis assinaladas, através das quais se pode antever a diversidade de perfis e experiências subjacentes ao conjunto de entrevistas realizadas. Nos elementos destacados no quadro, é de sublinhar a *variabilidade de situações familiares*, denunciando que os caminhos percorridos para aceder à mono-residência serão bastante diferenciados, também, em função da idade e do momento do ciclo de vida em que essa experiência tem lugar.

Apesar do predomínio claro de "solteiros" (15 sujeitos, dos quais oito são mulheres), encontramos igualmente uma presença expressiva de separados e divorciados (dois segmentos que predominam no sexo masculino), assim como viúvos (seis, entre os quais cinco são mulheres). De destacar finalmente as situações dos "solteiros com parceiro(a)" (no total quatro, três mulheres), e dos "casais em *part-time*" (Penn e Zalesne, 2008) – no quadro assinalados como LAT – *living apart together*, segundo o termo proposto por Levine (2002, 2004; 1999). Estes distinguem-se dos solteiros com "parceiro" – ou, nas expressões dos próprios entrevistados, com "amigo colorido", "pessoa especial", "caso" – pelo facto de assumirem plenamente a sua conjugalidade, numa das situações, inclusive no plano formal, através da celebração do laço de casamento; sendo a sua relação igualmente reconhecida enquanto tal nas respectivas redes de sociabilidade familiares e amicais. As razões para a não coabitação, nos dois LAT assinalados, estão primariamente vinculadas a perspectivas de carreira e

sucesso profissional, acrescidas no caso da Vânia (casada) pela necessária mobilidade geográfica que o prosseguimento desses objectivos implicam (voltaremos a estes casos adiante).

Um outro traço que merece destaque, ainda nesta abordagem transversal, é claramente a *forte implicação no trabalho e nas actividades de estudo e voluntariado*, tanto no que concerne aos que são economicamente activos, como nas categorias ditas de "inactivos". No primeiro segmento, observa-se que mais de metade dos sujeitos abrangidos nesta pesquisa acumulam mais do que uma actividade económica, enquanto outros sete conjugam o trabalho remunerado com actividades de estudo – como se pode constatar no quadro A5.1 (em anexo), incluindo-se aqui experiências de prosseguimento/retorno ao sistema de ensino para concretização de estudos de nível pós-licenciatura (sete, quatro mulheres).

Ainda no conjunto dos activos, sublinhe-se a experiência da Mariana [entrevista 24], uma jovem economista, a desenvolver um mestrado de marketing, trabalhadora com contracto por tempo indeterminado num Instituto Público. Na véspera da entrevista, não confortável no plano da realização pessoal, nem com os conteúdos do trabalho em que estava envolvida, nem com a imagem conotada ao "funcionário público" nos media, perante a perspectiva de uma experiência de estágio, entre seis a nove meses, no estrangeiro – num qualquer país do mundo e num quadro organizacional que tanto poderia envolver uma empresa, como uma IPSS, só iria sabê-lo 15 dias antes da partida –, mas que implicava estar inscrita como desempregada, resolve despedir-se. Este desejo manifesto de experimentação pessoal e profissional, num confronto directo com outras culturas, parece, assim, pôr em causa todo um conjunto de projectos pessoais – o mestrado, a compra da casa nova, cujo contrato tinha celebrado semanas antes, uma relação "colorida", etc. – e, levado ao limite, a própria independência que o contexto de alojamento que é o seu pressupõe.

Quadro 5.1 Indicadores de caracterização dos entrevistados

Sexo	**N**	
Masculino	14	
Feminino	22	
Grupos etários	**HM**	**M**
até 29 anos	7	6
30 a 44 anos	14	7
45 a 64 anos	10	5
65 e mais anos	5	4
Anos que mora sozinho	**HM**	**M**
até 4 anos	12	7
5 a 9 anos	12	8
10 e mais anos	12	7
Titularidade do alojamento	**HM**	**M**
Próprio (ou de familiares)	26	17
Arrendado	10	5

Situação familiar[2)]	**HM**	**M**
solteira(o)	15	8
solteira(o) c/ parceiro(a)	4	3
LAT[3)] (uma é casada)	2	1
Separado	5	3
Divorciado	3	2
Viúvo	6	5
Principal meio de vida (e outros)	**HM**	**M**
Trabalho	20	10
Trabalho (família)	7	5
Bolsa de Formação (família)	1	1
Família (trabalho)	2	2
Reforma	3	3
Reforma (trabalho)	1	
Reforma (capitais)	1	
Capitais – rendimentos de prédios	1	1

Condição p/ actividade económica	**HM**	**M**
Trabalho	23	12
Trabalho e estudo	7	5
Desemprego e estudo	1	1
Reforma	4	3
Reforma e voluntariado	*3*	*2*
Reforma e estudo	*1*	*1*
Doméstica e estudo	1	1
Classe do próprio[1]	**HM**	**M**
Empresários, dirigentes, prof. liberais	6	
Profission. técnicos e enquadramento	25	18
Empregados executante	5	4
Classe de origem[1) 2)]	**HM**	**M**
Empresários, dirigentes, prof. liberais	16	8
Profission. técnicos e enquadramento	9	6
Empregado executante	2	1
Agricultor independente	1	
Operários industriais	2	1
Assalariados executantes pluriactivos	3	3
Escolaridade adquirida	**HM**	**M**
Pós-graduação	12	6
Superior	12	8
Secundário	9	6
Básico	3	2
Ferramentas comunicação	**HM**	**M**
Ligação de Internet em casa	20	13
"Sozinho em casa" tem sons-ambiente ou TV ligada sem som (p/ companhia)	35	21

Actividade profissional (actual ou última)	**HM**	**M**
Dirigente de empresa	5	
Angariador de fundos monetários internacionais	1	
Médico obstreta hospital e consultórios privados	1	
Engenheiro civil	1	
Jurista	1	1
Economista e colaboradora em projectos	1	1
Socióloga	1	1
Assistente social	3	3
Escritora e Jornalista	1	1
Professor universitário e Juiz arbitral	1	
Professor universitário e higienista oral	1	
Prof. Univers. e adjunta Pres. Supremo Tribunal	1	1
Professor de instrumento e Compositor	1	
Coordenadora de uma rede bibliotecas escolares	1	1
Bibliotecária, documentalista e formadora	1	1
Investigador criminal da PJ	1	
Assessora direcção e operadora de call center	1	1
Assessora de direcção	1	1
Gestora de Marketing e escritora	1	1
Técnico de manutenção de telecomunicações	1	
Técnica de recursos humanos	1	1
Técnica de comunicação e imagem	1	1
Segurança pessoal altas individualidades	1	1
Operador de informática	1	
Apoio de secretariado (na 1ª e 2ª actividade)	1	1
Telefonista / Operadora de call center	3	3
Operadora de call center e venda ao domicílio	1	1
Bilheteiro e representante sindical	1	

Notas:1) Tipologia ACM de caracterização dos posicionamentos sociais de classe. (Cf. Costa, 1999; Machado e outros, 2003). 2) Nestes indicadores de caracterização o "n" é diferente de 36 por insificiência da informação disponível. 3) LAT: *living apart together*.

Veja-se em anexo A5.1 os perfis de caracterização individualizada de cada um dos entrevistados.

Na avaliação dos riscos que está assim a assumir, reflecte sobre a "incongruência" da sua escolha, que surge quase em contra-ciclo, precisamente quando tinha acabado de ser seleccionada ("entre uma imensa série de candidatos") para trabalhar numa outra unidade da função pública, ligada aos sistemas de informação – uma das áreas em que gostaria de investir profissionalmente. Justifica a sua orientação, também, numa descrença ou pelo menos "baixa-confiança" (Giddens, 1997) no "sistema", que não lhe oferece nem perspectivas de carreira, nem capacidade de iniciativa. Mas isto numa ambivalência de orientações, onde prevalece a confiança básica que projecta na sua trajectória, até agora sempre bem sucedida, e capacidades pessoais:

> O sistema acaba por engolir as pessoas que têm alguma iniciativa, porque de tanto esbarrar contra a parede, para fazer qualquer coisa ou a pessoa vive um nível de stress enorme, pois quer levar as coisas avante e não consegue, ou então acaba por entrar na engrenagem do sistema, dando lugar àqueles funcionários públicos que são ali publicitados na televisão, não é? E portanto, não há hipóteses de crescimento. (…) Mesmo em termos de carreira, é muito limitado: nós só podemos subir de categoria de três em três anos, só se tivermos avaliações excelentes é que podemos progredir de nível ano a ano… Portanto, se eu ficasse três anos em cada nível, *só daqui a 12 anos eu poderia aspirar a mudar de categoria*, só aí eu estaria numa posição mais ou menos. Por isso, não vejo assim grandes… grandes perspectivas. Pronto, para mim sair, apesar de tudo, representa uma abertura de horizontes, é estar a oferecer-me outras oportunidades. (…). Mas é uma coisa que ao mesmo tempo *me assusta*, até porque eu *nunca tive realmente que batalhar para conseguir as coisas*. Nunca tive. As oportunidades foram surgindo e de alguma forma eram sempre coisas que eu gostava de fazer. (ênfases da entrevistada)

Nos segmentos mais idosos, envolvendo sujeitos reformados (quatro, três mulheres) e uma doméstica, a afectação no trabalho, ainda que em voluntariado, mantém-se presente – curiosamente, inclusive em sujeitos com 80 e mais anos (o Júlio e a Aurora). Noutros, tal como se observou entre jovens e adultos, há uma mobilização nas actividades de estudo – embora com uma ênfase nas componentes lúdica e convivial (Teresa e Margarida). Estas experiências parecem assim enfatizar, também nas fases mais tardias dos ciclos de vida, um alargamento do leque de possibilidades nas escolhas e orientações, consubstanciando uma tendencial "despadronização" e potencialmente

sempre presente reversibilidade dos percursos transicionais, desta forma "pós-lineares", com paralelismos em mutações de que nos fala, nomeadamente, Machado Pais (2000, 2003), a propósito das transições nas idades juvenis.

Para fechar esta caracterização, onde se realçam algumas características que demarcam o conjunto de sujeitos abrangidos nas entrevistas, é de sublinhar, no plano das condições de autonomia material e afectiva, um outro traço, que resulta na aparente *fluidez e abertura que caracteriza o entrosamento de laços de afinidade e de partilha*. Onde as relações com a família, não deixando de ter um lugar central – como se pode observar no quadro 5.1, desde logo, enquanto complemento ou, por vezes, meio primordial para a sustentação do estilo de vida que se procura prosseguir –, se complementam, por vezes de forma intensa, especialmente no plano das afectividades e das partilhas, com novas formas de sociabilidade e intimidade amical, que configuram ocasionalmente uma "quase família" ou mesmo nova família, dita de "opção" (du Bois-Reymond, 1998; Heath e Cleaver, 2003; Roseneil e Budgeon, 2004; Spencer e Pahl, 2006).

Numa perspectiva de reforço ou manutenção destas relações, que em última instância constituem elementos cruciais na forma como cada um se reconstrói na *singularidade* das situações específicas que circunscrevem os seus espaços e os seus contextos, frequentemente, jogam também um papel central os usos intensos de novas tecnologias. Isto, sejam as «mais tradicionais» como o rádio, a televisão, o telefone, seja de forma articulada e, regra geral, em regime de forte complementaridade entre estes vários meios e as relações interface, também o telemóvel – tanto nas chamadas de voz como de SMS –, ou o computador/Internet – através das várias ferramentas do VoIP, skype, messenger, blog... (veja-se em anexo A5.1 os perfis sumários de caracterização individualizada de cada um dos entrevistados). Os usos destes vários suportes de comunicação, como veremos adiante, por vezes intensamente incorporados nas práticas do quotidiano, ao mesmo tempo que facilitam uma ampliação e intensificação das oportunidades de sociabilidade, reforçam também a auto-percepção de que têm um controlo sob as condições e as circunstâncias sobre quando, como e com quem querem

estar em comunicação e partilha. Actividades de trabalho/estudo e de lazer adquirem assim novas configurações, com espaços e temporalidades sem fronteiras, nestas redes heterogéneas de comunicações ou, quanto muito, com delimitações que é o próprio sujeito que determina, aprofundando assim, em cada um, a convicção de que tem o "destino" pessoal nas suas mãos (Spencer e Pahl, 2006:11-12).

Em suma, nas relações inter-face, assim como nas trocas apoiadas nas várias ferramentas de comunicação antes assinaladas, umas e outras mobilizando-os, por vezes, simultaneamente, em "quadros de interacção" (Costa, 1999) entre si muito diferenciados, numa abertura de relações também incrementada pelo *viver só*, desenvolvem potencialidades e constroem as circunstâncias para expressarem as suas diferentes qualidades e interesses, concretizando, no domínio da vida pessoal, as condições da sua autonomia ou, nas palavras de Anthony Giddens:

> ... a capacidade individual para a auto-reflexão e para a auto-determinação: [para] deliberar, julgar, escolher e agir de acordo com os possíveis rumos da acção (1996:130).

Parte das observações enunciadas na caracterização transversal do perfil dos entrevistados incluídos neste estudo cruzam-se com os olhares focalizados naquele que é o espaço, por excelência, de reencontro do sujeito consigo mesmo, com as suas concretizações e projectos pessoais: o espaço de alojamento.

Com efeito, tal como já aqui foi assinalado, a larga maioria das entrevistas – gravadas e transcritas – foram realizadas na residência dos próprios indivíduos. Para além de proporcionar um ambiente mais intimista, este procedimento apoiou a identificação e o aprofundamento de alguns eixos dimensionais fundamentais sobre as condições materiais de existência, as práticas de consumo, os estilos de vida e as orientações valorativas dos sujeitos entrevistados. No confronto com os "estilos particulares de experiências de vida" que os sujeitos constroem naquele espaço, há todo um conjunto de comportamentos, rituais e simbologias, muitas vezes ocultos aos olhares exteriores, que passam a poder ser considerados, não só como objectos legítimos da análise sociológica, mas também como sinais de orientação nas rotinas quotidianas

(Lopes, 2000). Através desta abordagem, o alojamento emerge, ele próprio, como um espaço pleno de significação, uma fonte primordial de informação, permitindo estabelecer laços materiais entre as narrativas que o próprio constrói sobre as experiências diferenciadas que concretiza nos diversos domínios da vida social (Rose, 2003). Tal como sugere José Machado Pais (2006:39), neste cruzamento de "registos de pertinência", com origem na fala e no olhar, fica talvez mais perceptível que "muito do que não pode ser dito só pode ser vivido, da mesma forma que nem tudo o que é vivido pode ser transmitido".

É num olhar que se constrói a partir desses olhares que conduziram os encontros com os entrevistados, findos os quais procurámos anotar de forma sistemática as impressões suscitadas – incluindo "notas de observação" (Queirós e Rodrigues, 2006:4) ou notas sobre o nosso próprio "estado de alma" e expectativas no momento de tocar a campainha, reflexões sobre o impacto daquele encontro numa redefinição de alguns dos traços que associávamos ao sujeito, elementos de descrição relativos ao espaço de alojamento, etc. – e, numa ou outra situação, no confronto dessas observações com registos que tomam como fonte conversas informais prévias ou posteriores à realização da entrevista, com o próprio e/ou com os sujeitos que nos conduziram até ao seu contacto, que se inicia a exploração analítica dos resultados da pesquisa desenvolvida.

5.4 A casa: um espaço de mediação de estilos de vida singulares

Entrar na casa dos sujeitos pode ser assumido pelos próprios como uma forma de invasão da sua intimidade.[78] Ela constitui, para muitos dos entrevistados, uma espécie de materialização da sua «verdadeira» identidade. Tudo na casa tem significados, tudo fala e comunica para lá das palavras ditas, permitindo aprofundar os elementos denominados de expressão "imediata" (Velho, 2004:19-20):

[78] Justifica-se assim, em grande medida, que em quatro situações essa pretensão tenha sido negada, tendo as entrevistas sido realizadas num outro local.

- *O lugar onde a mesma se localiza*: a cidade, o bairro, a rua, a tipologia da habitação, a posse ou o aluguer;
- As *formas de relacionamento* com esse espaço: nos usos que se dão e na forma como o sujeito se reconstrói a partir dele;
- As *pessoas com quem se partilha (e não partilha)*: seja de forma contínua ou em momentos ocasionais;
- A *simbologia projectada nos objectos* que se expõem: corporalizando/reactualizando uma experiência vivida, que ultrapassa no tempo e no espaço aquelas paredes, conferindo de caminho uma consistência adicional a laços de intimidade e/ou, por vezes, a projectos ainda em suspenso.

De alguma forma, entrar dentro de casa é apreender outras experiências que o próprio pode não estar disponível para partilhar – não, necessariamente, porque não queira, mas porque remetem para situações quotidianas comezinhas, e como tal "insignificantes" e anódinas, sem estatuto próprio para serem chamadas, nomeadamente, num encontro construído por convite, tendo em vista a recolha de dados para apoio à elaboração de um trabalho de pesquisa científica. Por exemplo, um traço frequente, que só desta forma se impôs à observação, tem a ver com a tenacidade das rotinas que porventura num espaço exterior – mais neutro e sobretudo menos controlado pelo sujeito – talvez tivesse passado imperceptível. Especialmente na medida em que, frequentemente, aquelas são relativas a situações e práticas triviais – envolvendo desde a disposição dos objectos no interior do alojamento, à organização dos bens alimentares numa geometria precisa dentro do frigorífico, até ao agendamento rigoroso dos procedimentos de limpeza e manutenção ou ao minucioso planeamento dos comportamentos e apropriações que terceiros fazem daquele espaço quando participam em eventos promovidos pelo próprio. Vejam-se a propósito os discursos de duas entrevistadas:

> Sou assim um bocadinho *obcecada* com a limpeza e com a arrumação, e com as horas também: ter de jantar àquela hora, sair para passear com a cadela, ver a televisão… é tudo feito sempre dentro de uma certa organização... e não posso interromper, não posso alterar, pois incomoda-me se não for assim… Eu sei que sou exagerada, mas também se eu entro numa de deixar andar, também tenho um bocadinho de medo de mim. Tenho um *bocado* medo de deixar andar demais. Embora, bem, para haver equilíbrio o meio-termo é que

devia ser, mas é difícil. [Conceição, 55 anos, solteira (sem laços colaterais), sozinha há sete anos, secundário, assistente de direcção].

Esta casa tem que ter uma visão de perspectiva. Se não a tiver eu começo a entrar em paranóia. (...) Eu tenho alguma dificuldade em que as pessoas mudem as coisas de lugar. Mas para isso o que faço é, quando projecto a minha casa e quando compro as minhas coisas, penso sempre na hipótese de virem pessoas cá... Aliás, a própria leitura da minha casa é exactamente para as próprias pessoas quando vêm cá, terem uma leitura fluida e andarem de uma forma fluida em minha casa. (...) Eu não estou sempre a pensar nos outros... mas, se calhar tem um bocado a ver com a imagem que quero dar de mim e da minha casa às outras pessoas. Que embora seja muito própria e muito particular, acolhe-as. Portanto, quase que tenho percursos para eles, virem aqui ou vão para ali. É um bocado assim... Eu vejo um bocado a minha casa como se fosse uma leitura de uma exposição. [Lea, 37 anos, separada, sozinha há cerca de 10 anos, mestre, acumula a actividade de bibliotecária documentalista com a formação em arquivo numa escola profissional].

Estas observações dão relevo ao papel estruturador das rotinas num sentido de "segurança ontológica" e na possibilidade de construção do "projecto reflexivo do *self*" (Giddens, 1996:123), no reverso da qual está também implícita a rejeição da contingência e do inesperado, presente sob diversas formas e numa ambivalência latente, no universo de casos estudados. Como se perante a falta de outras balizas que se constroem nos compromissos e negociações, nos confrontos e interacções, consigo mesmo e com os outros, estes sujeitos "libertados", na multiplicidade de escolhas/decisões que são compelidos a assumir no seu quotidiano, sentissem a necessidade adicional de fixar padrões de conduta (Giddens, 1997:76-77). Desta forma, através do minucioso "planeamento de vida", que incorpora, designadamente, as mais ínfimas rotinas da esfera doméstica, implicitamente, parecem também recusar o auto-confronto permanente nas decisões sobre como agir e como representar-se. Nestas construções a realidade apenas se torna problemática quando surge algum acontecimento que não encaixa nos seus esquemas de referência. No planeamento do quotidiano, procuram pois delimitar os espaços de possíveis, inclusive antecipando também as acções e interacções que os outros podem concretizar no confronto com esse planeado (Lopes, 2000).

No primeiro trecho citado, Conceição assume espontaneamente o "medo" emocional, de que nos fala Anthony Giddens (Giddens, 1998:35) relativamente "ao caos que espreita no outro lado das convenções quotidianas" ou para lá das rotinas diárias por ela reproduzidas. Aquelas "estabelecem modos de orientação que, ao nível prático, 'respondem' às perguntas que poderiam ser formuladas acerca do enquadramento da existência". A casa ou antes, o espaço doméstico e todas as práticas que se constroem no quotidiano para a sua manutenção/apropriação delimitam, nesta medida, a organização interpessoal do tempo e do espaço. O "medo" ou a incapacidade manifestada numa alteração do planeado sublinha ainda a natureza compulsiva dessas actividades ritualizadas, medo que Conceição justifica no receio de perda de controlo de si própria (Giddens, 1996:49) ou ainda, na citação seguinte, na incerteza aberta que se desenha face a uma projecção de futuro, onde os laços significativos que dão colorido às relações do presente se verão esvaziados de forma definitiva.

Adicionalmente, sobretudo o segundo trecho (Lea), concretiza a casa enquanto espaço construído de forma orientada, não apenas para satisfazer necessidades materiais, mas igualmente para dar forma e consistência ao projecto reflexivo de construção do *self*. É assim curioso observar como, de forma concomitante, no discurso porventura mais trabalhado no sentido da apresentação de si e da sua experiência, os mesmos sujeitos assinalam, como um dos grandes trunfos e vantagens inerentes ao morar sozinho: a "liberdade", o "não ter que dar satisfações a terceiros" ou o poder "gerir o tempo de forma mais aleatória e sem constrangimentos".

> A independência, a possibilidade de viver sozinha é uma conquista que a vida acabou por me oferecer… Por vezes é difícil e tenho medo de mim, do que me possa acontecer um dia em que venha a perder a minha autonomia e em que todos com quem hoje me relaciono já não estejam cá: são pessoas, todas elas, mais velhas do que eu, na casa dos 70… Prefiro não pensar nisso (…) Eu neste momento não tenho ninguém, mas se vier a ter provavelmente prefiro cada um na sua casa. Acho que não é egoísmo, é uma forma de manter o equilíbrio. Acho que as relações não são longas por causa disso. É bom terem interesses comuns mas cada qual na sua casa. E sobretudo para a mulher funciona como uma espécie de defesa, eles, em especial os homens da minha geração vêem-nos um bocado como uma espécie de criadas ao serviço. Sinceramente, não me estou a ver de

> repente a ter que assumir a obrigação de, para além das minha coisas, ter que cuidar também das de outra pessoa. Depois, como referi, sou muito metódica e gosto de ter tudo rigorosamente organizado e limpo à minha maneira. Não sei até que ponto eu iria adaptar-me, também por esse meu feitio, no sentido de conseguir partilhar um espaço, mesmo que não fosse neste apartamento onde vivo agora, mas num outro maior, com outra pessoa, com hábitos certamente muito diferentes dos meus. [Conceição, 55 anos, solteira (sem laços colaterais), sozinha há sete anos, secundário, assistente de direcção].

A "escolha", neste caso, claramente, muito constrangida pela efectiva escassez dos laços de afectividade, é assumida numa confrontação com a probabilidade de uma alternativa possível, que é desde logo rejeitada. Isto numa atitude de cálculo que antecipa, no confronto com a experiência, no caso sempre indirecta ou "mediada" (Giddens, 1997: 21-25) – já que a Conceição nunca vivenciou, ela própria, uma relação conjugal em coabitação –, as possibilidades abertas, positivas e negativas, que uma relação amorosa, implicando uma partilha assimétrica e continuada do espaço da intimidade, poderia envolver de alterações na "independência" entretanto por si conquistada.

Noutras situações, o desejo manifesto de emancipação sustenta, também, os argumentos com base nos quais consubstanciam o morar sozinho como uma escolha. Esta concretiza, assim, a "necessidade" de "ter um espaço pessoal" de recolhimento, onde os constrangimentos que atravessam as relações quotidianas ficam como que suspensos:

> Ao contrário do que possa acontecer com outros casos, o meu projecto de vida era mesmo viver sozinho (…) Penso que um dos grandes motivos porque eu queria viver sozinho tem a ver com uma necessidade – que pode ser estranho de dizer – de estar momentos relativamente prolongados isolado… não o estar em solidão, mas o isolar-me, recolher-me, voltar a mim. Talvez porque com alguma facilidade quando quero estar com alguém estou… Depois existem os espaços de intimidade, a casa, por exemplo. Quando estava a viver com outra pessoa, por vezes eu sentia que estava num espaço limitado, constrangido, sempre obrigado como que a negociar os silêncios e as partilhas. Acho que isso foi mesmo uma das razões que me levou a viver sozinho novamente, e gosto muito, não tenho vontade nenhuma de mudar. [Carlos, 42 anos, separado, com um filho de seis anos, sozinho há 4 anos, mestre, professor universitário e higienista oral]

É importante notar que neste caso, tal como nas restantes experiências que acompanhámos neste estudo, o desejo de libertação – materializado nomeadamente através da apropriação de um espaço vivido no singular – coexiste com a presença de elementos de comunicação que, verdadeiramente, matizam orientações expressas no sentido da eventual radicalização para um viver *solitário* ou isolado do mundo. Em todas as situações de entrevista-observação, sem excepção, ao entrarmos no alojamento, deparámo-nos constantemente com a presença de um "ambiente comunicante". Concretizado, não apenas, na simbologia dos objectos, dos livros, dos retratos expostos, mas, igualmente, na presença constante de um movimento e/ou música de fundo – seja mantendo um som ambiente, seja também através do uso de meios produtores de movimentos, por exemplo, o *screen saver* do PC activo, a televisão ligada sem som, as luzes da casa acesas, etc. ou, por vezes, vários destes meios em simultâneo. Veja-se a este propósito o depoimento de dois entrevistados sobre as relações que estabelecem no espaço doméstico quando estão sozinhos:

> Já reparei que tenho tendência para abrir o espelho do armário… Uma vez reparei que estava sentada no meio da cozinha, olhava para o quarto e via-me a mim própria, parecia que estava lá outra pessoa... e é do género: está ali uma figura, está-me a fazer companhia, não sou só eu. Por acaso já reparei nisso. É isso e o som da televisão e do rádio... e a luz... Quando eu ando por aqui, do género, dar comida ao gato, deixo as luzes todas acesas, só mesmo quando vou para o quarto ou ver televisão ou ler ou estar no Messenger é que apago... Mas normalmente se ando para trás e para a frente deixo sempre as luzes, pelo menos duas: a do quarto sempre, depois ou a da marquise ou a da cozinha, às vezes as duas... [Sónia, 23 anos, solteira sem namorado, sozinha desde o ingresso na faculdade aos 18 anos, estudante finalista de comunicação social e operadora de telemarketing].

> O rádio está sempre ligado, de manhã à noite, desde que eu esteja em casa, a Radar é a minha companhia. Antigamente era a VoX só que acabou, aí há uma semana ou duas acabou, eu até andei assim um bocado abananado, sentia-me perdido, foi um bocado complicado, pois era a minha companhia, mas pronto, depois apanhei esta [emissora de] rádio, é boa… A televisão é raro, vê-se mal, aliás, os canais mal apanho, mas não me faz muita diferença, eu ouço as notícias [no rádio], embora às vezes também haja programas giros na [RTP] 2, que eu assim nunca posso ver, paciência... [Nuno, 27 anos, solteiro sem

> namorada, sozinho há um ano (depois de cinco anos a partilhar apartamento com colegas), pós-graduação em investigação criminal, inspector da polícia judiciária].

Os dois testemunhos – que de resto reencontramos com uma ou outra *nuance* nos relatos dos outros entrevistados – demarcam claramente o morar sozinho face a outras orientações que, por vezes, também poderão ser experimentadas por estes sujeitos, de procura activa de isolamento e de suspensão controlada dos laços sociais. Ocasionalmente, mais do que o lazer ou o entretenimento puro e simples, estes elementos possibilitam a recriação, no interior do alojamento, de aspectos de conforto e de intimidade. Trazem o mundo para dentro de casa sem que com isso o sujeito tenha que prescindir de "assumir o poder sobre o controlo remoto" (Nyström, 2003:5) ou sem com isso desmantelar a preferência reflexivamente assumida de uma vida independente.

> A televisão funciona muitas vezes como lareira se estou a fazer alguma coisa. E muitas vezes está ligada sem som, se estou em casa estou a ouvir música e a televisão está ligada sem som… Sou um bocado viciado em notícias e se noto que estão a dar as noticias, imagina, na televisão, vou seguindo o rodapé e depois vou aprofundar as coisas na Internet. Interessa-me muito ver as coisas na Internet. Mas de facto não é um electrodoméstico que eu use muito, a televisão não. [Carlos 42 anos, separado, com um filho de 6 anos, sozinho há 4 anos, mestre, professor universitário e higienista oral].

> No outro dia por acaso cheguei a casa, pus-me a arrumar e achei estranho, pensava: «esta casa tem qualquer coisa estranha, o que é que se passa?» Não estava a perceber. Só depois reparei que não tinha posto o CD a tocar ou a televisão ou o computador, mas isto passado uma hora e tal, quando eu já estava a ficar um bocado tensa, porque de facto faltava-me ali qualquer coisa (risos). [Mariana, 29 anos, solteira com «um amigo colorido», a fazer mestrado, demitiu-se do "emprego para toda a vida" para poder participar num estágio internacional destinado a jovens licenciados desempregados].

Nesta abordagem o alojamento surge, ele próprio, como um espaço que consubstancia as relações do sujeito com o mundo, de concretização de projectos e sustento de motivações. Materializa, em suma, as redes de comunicação – referenciadas simultaneamente no passado, presente e futuro – do próprio com a sua situação e com os seus contextos mais restritos ou mais alargados de participação social.

Na casa descobrimos pequenos *hobbies* (as flores, a pintura, a escrita, os blogs...); deparamo-nos com a presença relativamente frequente de animais de estimação: sobretudo o gato – "animal independente, que não impõe cuidados especiais" (Ema) –; observamos a ausência ou a presença dos livros, as preferências de leitura, os estilos de música ou mesmo a corporização de laços de afectividade – nomeadamente nas, ocasionalmente, inúmeras fotografias expostas nos móveis e nas paredes (Caetano, 2007, 2008; Rose, 2003), seja do próprio, seja dos seus familiares directos, ou de amigos e – figura recorrentemente presente – de "afilhados", etc. Num ou outro caso, a restrição do conforto ao mais elementar e a quase total instrumentalização do espaço doméstico para as actividades do trabalho indicam-nos ainda a importância que aquele representa no quotidiano dos sujeitos, oferecendo-nos uma ponte para abordar orientações que configuram comportamentos compulsivos de *workaholic*.

Em função do investimento posto na decoração e dos usos que o próprio dá ao espaço doméstico – espaço essencialmente fechado para si, procurado para a vivência de momentos de retiro e experimentação de uma "vida psicológica individualizada", dentro do qual o sujeito se reencontra, repousando da agitação e dispersão das pressões quotidianas (o perfil-tipo «espelho» que caracterizamos adiante) ou, no extremo oposto, espaço partilhado e aberto, onde a presença dos outros – especialmente os amigos, às vezes também a família – é de tal forma forte que o entrevistado sente que ali nunca consegue estar sozinho (experiência vivida ocasionalmente no perfil-tipo «apresentação de si»); espaço-dormitório, quase plástico, sem traços específicos de intimidade, relativamente ao qual o próprio manifesta não ter tido qualquer investimento (característico da «casa-escritório» e por vezes também da «autonomia») ou, pelo contrário, assumidamente um espaço meticulosamente construído e experimentado, materializando histórias e vivências que constroem pontes entre passado e presente («casa porto de abrigo») – conseguimos definir hierarquias e pequenas balizas, ainda que relativamente maleáveis, que o sujeito constrói para delimitar o seu quotidiano, e observamos em espelho a forma como se relaciona consigo mesmo, com os seus contextos e com os outros.

Neste cruzamento do discurso e da observação, num reencontro com as percepções sempre parciais das experiências vividas,[79] conseguimos, em suma, aprofundar uma heterogeneidade de elementos que cobrem as diversas temáticas aqui em destaque: sobre intimidade e relações pessoais; espaços e temporalidades do quotidiano; orientações para o trabalho; o futuro e a gestão da ambivalência.

É esta análise que se procura de seguida desenvolver, por referência a uma proposta de tipologia da diversidade de experiências de relacionamento dos sujeitos com o alojamento.

[79] Parcialidade que se constrói também em função do plano analítico e da própria orientação subjectiva que impregna o nosso próprio quadro de referência na atribuição de significados e intencionalidades (Lopes, 2000).

6 CONTEXTOS RELACIONAIS DO *VIVER SÓ* E ESTILOS DE VIDA

No presente capítulo, partindo ainda de um olhar que se constrói por referência às projecções materiais e simbólicas que os sujeitos investem no espaço de alojamento, procura-se sobrepor, sistematicamente, a esse olhar, os projectos que os orientam no exercício da suas actividades profissionais, as relações que estabelecem nas suas redes de relacionamento interpessoal familiares e amicais, e as preferências que manifestam nos tempos de lazer e práticas de consumo. Pretende-se assim aprofundar perspectivas sobre a heterogeneidade, ambivalência e pluralidade de experiências sociais "múltiplas" que configuram os estilos de vida do *viver só* enquanto protagonismo assumido como orientação de escolha para a construção de uma vida singular e independente (ver em anexo quadro A6.1).

Nestes desenvolvimentos retoma-se ainda uma questão colocada por Ulrich Beck (2003:22), para a qual de alguma forma a presente pesquisa procura produzir contributos de resposta: "o que explica o fervor, o medo e entusiasmo, a astúcia e determinação, que conduz diversas pessoas a ultrapassarem barreiras e obstáculos tendo em vista construir uma vida independente?" Esta, nas situações aqui sob observação e análise, concretizada nas experiências do *viver só*. Este autor enquadra estas orientações numa era pós-tradicional dominada pela "ética do indivíduo" que se constrói a si mesmo, projectado reflexivamente na busca de auto-realização. A escolha e a decisão seriam, nesta perspectiva, as determinantes básicas da pessoa humana, do sujeito que aspira ser o autor da sua própria vida e identidade individual. E os sujeitos que a protagonizam representariam a "vanguarda de uma transformação profunda, nomeadamente nas relações entre indivíduo e sociedade". Mas serão apenas as somas acumuladas de vontades interiores pessoalizadas que explicam estas experiências e orientações para a vida independente? Qual o lugar, nestes processos, das desigualdades estruturais, nomeadamente fundadas nas diferenciações de classe e familiar? Serão os recursos socioprofissionais e qualificacionais, que assimilam nas projecções que fazem

de si, elementos catalisadores de diferenciações nas suas práticas sociais e orientações valorativas? Como se configuram as relações destes sujeitos nas respectivas redes de sociabilidade?

Nos anexos à presente tese são apresentadas, com alguma minúcia, características que configuram as relações dos sujeitos nestas esferas específicas do trabalho e da vida profissional (anexo 6.2), e nas sociabilidades que têm lugar no seio da família e dos amigos (anexo 6.3). O objecto da pesquisa, de cujos resultados aqui se desenvolvem, explica a opção em aprofundar esses elementos, estruturantes das condições de vida dos sujeitos, num olhar que se constrói tomando como fundo as relações com o *viver só*. Ainda assim, num enquadramento prévio, sistematizam-se alguns dos traços mais significativos que configuram a participação nessas duas esferas sociais.

Nas análises desenvolvidas, a actividade profissional desponta como um dos principais domínios de participação social e de estruturação da qualidade de vida e condições de concretização do projecto reflexivo para a auto-realização do *self*. Como se procurará evidenciar de seguida, a centralidade do trabalho impregna a vida destes sujeitos em residência unipessoal, através de múltiplas e variadas influências, com efeitos tanto no plano dos comportamentos, como ao nível das suas disposições e orientações na modulação das estratégias que enquadram a sua experiência com o *viver só*.

A relevância do trabalho manifesta-se, desde logo, na forte mobilização que o mesmo implica: na maioria das situações em análise, envolvendo mesmo o exercício simultâneo de duas ou mais actividades laborais, às quais, também com relativa frequência, se somam ainda as actividades de estudo e/ou o trabalho de voluntariado em actividades socialmente úteis, abrangendo tanto os sujeitos "economicamente activos", como os segmentos de escalões etários acima dos 65 anos, localizados nas categorias ditas de "inactivos" (cf. quadro A6.2, em anexo).

Tal como já aqui foi assinalado, prolongando num plano mais qualitativo alguns dos desenvolvimentos analíticos produzidos no confronto sistemático das várias fontes e

indicadores estatísticos disponíveis (capítulo 4), estas experiências enfatizam, também nas fases mais tardias dos ciclos de vida, um alargamento do leque de possibilidades nas escolhas e orientações destes protagonistas do *viver só*, consubstanciando uma tendencial "despadronização" e potencialmente sempre presente reversibilidade dos percursos transicionais ao longo de diversas fazes do ciclos de vida, desta forma "pós-lineares", com paralelismos em mutações mais amplamente analisadas a propósito das transições nas idades juvenis. Numa outra componente das experiência do *viver só*, vêm ainda dar relevo à importância do trabalho e da actividade profissional seja no acesso a recursos cruciais, materiais e simbólicos, que condicionam decisivamente as possibilidades de consumo e os estilos de vida, seja enquanto componente específica de participação social e de desenvolvimento de estratégias de reprodução e mobilidade social.

Auto-confiança e capacidade de agência, reflexivamente organizada, sob as condições estruturais de constrangimento e oportunidade que marcam os seus contextos e relações, são dois traços que, com frequência, se demarcam e justapõem nas implicações activas destes sujeitos em residência unipessoal no acesso a novas aprendizagens e envolvimentos e desempenhos no trabalho e na actividade profissional. No plano das experiências individuais, com prevalências variáveis em função das respectivas trajectórias sociais e dos recursos socioprofissionais e socioeducacionais que têm disponíveis, através destas afectações, concretizam projectos de realização pessoal, aprofundam as condições de autonomia e de controlo e participação nos seus contextos relacionais, bem como incrementam as possibilidades de acesso a recursos cruciais na configuração dos respectivos estilos de vida.

Uma sistematização dos traços e perfis-tipos de relações entre actividade profissional e *self* pode ser observada na figura 6.1.

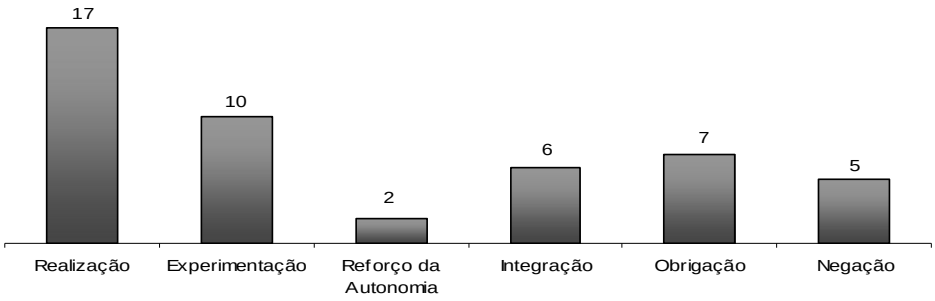


Figura 6.1 Actividade profissional e self nos protagonismos do *viver só*

Nota: Veja-se no anexo A6.2 a classificação nominal dos sujeitos nas várias categorias.

Apesar das variações que esta tipologia antevê nas orientações valorativas que conduzem os indivíduos em contexto de mono-residência nesta esfera de participação social, genericamente, o que de mais significativo sobressai da análise realizada é o facto de praticamente todas as experiências resultarem de um entrosamento de diferentes configurações de valores: egocentrados/sociocentrados, tendo em vista a conquista de "recompensas intrínsecas, extrínsecas e/ou morais" (Almeida, 1990).

Nas orientações para a «realização», o envolvimento laboral reforça componentes muito positivas e bem sucedidas das trajectórias individuais. O favorecimento relativo que marca os posicionamentos destes sujeitos neste domínio é também reforçado pela posse de recursos qualificacionais muito elevados (licenciatura e pós-graduação). Na narrativa das experiências que concretizam nesta esfera de participação social, valorizam assim o facto de exercerem uma actividade profissional de que gostam, em condições de autonomia.[80] Ocasionalmente, este sentimento de auto-realização surge ainda vinculado à possibilidade moral de intervenção no sentido da promoção de equidade social e ao sentimento daí decorrente de ser útil.[81]

Alguns destes atributos são igualmente realçados nos protagonismos com maior pendor para a «experimentação», envolvendo também um segmento muito qualificado, mas numa fase mais iniciática dos percursos transicionais. Porém, neste segundo perfil-

[80] A título de exemplo de experiências que configuram este tipo de relações com a actividade profissional, vejam-se adiante os retratos "Intimidade e realização"; "Fazer carreira e envolver-se em novos desafios"; "Um projecto que se sustenta no isolamento".
[81] Cf. retratos "Raízes da casa e laços do coração" e "Projectos interrompidos".

tipo de relações com a actividade profissional adquirem realce as orientações para a auto-descoberta, no confronto intercultural e procura de desenvolvimento de capacidades pessoais.[82] Já nas experiências que denotam maior ênfase para o «reforço de autonomia» (como no perfil anterior, preponderantes no segmento de jovens adultos em residência unipessoal), a mobilização na actividade económica está subordinada à necessidade de concretização de outros projectos, nomeadamente completar a formação ou assegurar uma maior estabilidade individual.[83] Nestas experiências do *viver só*, o trabalho tende a não ser o único meio de vida ou mesmo sequer o principal. Contudo, o seu exercício vem consolidar o percurso de autonomia e maturação pessoal. Quanto às orientações para a «integração», o exercício da actividade económica é aqui indissociável da necessidade premente de criar e alimentar laços sociais, conferindo assim um sentido de pertença e de participação social, que de alguma forma permite compensar a insuficiência (auto-percepcionada) das relações que têm raiz em outras esferas sociais – particularmente na família e nos laços de intimidade. Para estes sujeitos, deixar de trabalhar é como que "uma morte anunciada", uma possibilidade que têm dificuldade de enfrentar.[84] Relativamente às orientações para o «trabalho obrigação» as recompensas extrínsecas ligadas à remuneração e às regalias de providência que podem obter através do exercício da actividade laboral prevalecem sob as demais.[85] Significativamente, este tipo de relações com o trabalho está vinculado a perfis qualificacionais relativamente mais baixos e portanto mais constrangidos nas potencialização das capacidades pessoais. Finalmente, no «trabalho negação» o valor atribuído a este domínio de participação social como meio de desenvolvimento de capacidades pessoais e de configuração de estilos de vida em autonomia residencial, por razões alheias à vontade dos próprios, não é concretizado, seja porque é marcado pela

[82] Cf. "Experimentação e projecto".
[83] Cf. "O futuro e a gestão da ambivalência".
[84] Cf. Adiante o retrato "sociabilidades frustradas".
[85] Cf. "A minha casa é o mundo".

forte instabilidade dos vínculos laborais, seja porque o trabalho exercido está desajustado com as expectativas e aspirações de realização pessoal.[86]

Em suma, nesta sistematização dos perfis-tipo de orientação para o trabalho fica patente a centralidade que o mesmo assume na vida da generalidade destes sujeitos em residência unipessoal: seja como uma das principais balizas orientadoras nas configurações de identidade e apresentação do *self* na vida quotidiana, seja como fonte primordial de empenho e construção de um projecto de vida, seja ainda como meio de vida e de subsistência ou ainda como instrumento complementar de uma autonomia relativa que se perspectiva face, nomeadamente, à família de origem, especialmente no caso dos jovens-adultos com vínculos laborais incertos, cujo sustento é em grande medida ainda garantido pelos respectivos familiares. Em algumas das situações analisadas, pudemos ainda observar como as relações que os sujeitos estabelecem na esfera profissional adquirem mesmo um carácter de compulsividade, penetrando em todos os espaços e relações de envolvência nos seus quotidianos. Nestas experiências, mais do que um projecto entre outros projectos, a actividade profissional consubstancia-se no próprio projecto de vida, prevalecendo enquanto domínio de participação face a todos os restantes. O seu esvaziamento conduz assim a uma percepção de auto-negação, consubstanciando as "biografias em colapso", de cujos traços se dá conta adiante.

Mas à parte estas experiências extremas, nas situações analisadas, o trabalho concretiza-se num projecto que se aprofunda e vive tanto mais intensamente quanto mais se consegue manter um equilíbrio na balança com outras esferas da vida pessoal. De tal forma que surge como "integração" precisamente" quando há um desequilíbrio na capacidade de participação e envolvimento nos outros domínios, em particular na família, nas relações amicais e na intimidade.

Com efeito, na análise dos quadros relacionais que atravessam o quotidiano dos sujeitos sob observação, a família constitui, de forma transversal, uma base crucial de auto-referenciação no passado, presente e futuros prováveis. Ela materializa ainda um

[86] Cf. Os dois retratos integrados no contexto relacional do viver só "colapso".

complexo de laços e apoios emocionais e materiais que, independentemente dos percursos e conquistas alcançadas noutras esferas de participação social, delimitam a forma como o próprio se perpectiva a si, aos outros e aos seus contextos. O *viver só* tende, ainda assim, a promover, nestas relações, um sentido de igualdade e negociação relativamente à forma, ritmos e abrangência das trocas de apoio e auxílio mútuo. Mas enquanto auto-percepção, o "não ter família" ou não conseguir ultrapassar barreiras de comunicação e partilha nessa esfera, constitui porventura um dos factores cruciais no aprofundamento e repetição ao longo do tempo de experiências emocionais de solidão e isolamento existencial, mesmo quando de facto o sujeito está mobilizado e envolvido numa intensa teia de amizades ou relações de parentesco.[87]

Da mesma forma, a par com a família – e por vezes assumindo mesmo o lugar de "quase-família" ou "famílias de escolha" –, os amigos são outra componente crucial nas percepções de qualidade de vida e no sentimento de que o caminho percorrido representa uma experiência bem-sucedida no sentido da realização pessoal.[88]

Os laços de intimidade e partilha que se consubstanciam através destas relações, nos contextos de vida quotidiana, são também eles plurais e diferenciados. Seguindo uma tipologia proposta por dois autores britânicos – Liz Spencer e Ray Pahl (2006), podem assumir configurações "simples", sobretudo de companheirismo e convivialidade, ora auxílio mútuo ou contactos úteis ou de associação (delimitados numa única esfera de partilha: no trabalho, no ginásio, no jogo de futebol, etc); como podem acumular estas várias valências, aprofundando ou complementando laços de intimidade "complexa": também de conforto e confidência entre "almas gémeas" (ver anexo 6.3).

Da mesma forma que as sociabilidades que se investem propriamente no seio de laços familiares, esta amizades são alimentadas, reconstruídas e renegociadas numa base quotidiana, e constituem, também elas, um terreno da intimidade, da autenticidade, da

[87] Cf. adiante os retratos "Um bicho complexo" e "Sociabilidades frustradas".
[88] Veja-se a experiência sintetizada no retrato "Intimidade e realização pessoal".

lealdade e da partilha recíproca, sendo essenciais para um sentimento de continuidade e bem-estar psicológico.

Nas condições sociotecnicas da actualidade, na família como nas relações entre pares, é frequente que essas interacções de partilha regular e abertura face ao outro, se realizem num processo híbrido de intermediação e complementaridade de relações face-a-face e mediação electrónica. Onde as ferramentas que se oferecem no uso do computador/Internet ou do telemóvel surgem como um lugar de sociabilidade: seja para manter a estreiteza de relações significativas, independentemente da distância física; seja como forma de diversificar e aprofundar laços, seja ainda pela construção de novos laços, conhecimentos e encontros entre "almas gémeas".[89]

Numa síntese dos desenvolvimentos analíticos desenvolvidos a propósito destas relações, a figura 6.3, enfatiza seis ideais-tipo de configurações de orientações relacionais e valorativas dos sujeitos em residência unipessoal nas sociabilidades familiares e amicais.

Dando ênfase à preponderância de sistemas de relações tendencialmente mais heterogéneas, que marcam a modernidade contemporânea, a «pluralidade e abertura» constitui a forma de sociabilidade mais frequente nestes protagonismos do *viver só*. A família continua aqui a deter um papel de relevo, desde logo na auto-percepção de coerência dos percursos biográficos. Mas, definitivamente, deixou de ser a única referência no projecto de construção reflexiva do *self*. Mais, contrariando uma visão de comprometimento interpessoal que imana da noção de "grupo de amigos", neste segmento é frequente a experiência de uma vida plural e diferenciada, mesmo nas partilhas segmentadas que se concretizam nos laços de intimidade – onde os vários círculos de pertença não se cruzam ou tão pouco se reconhecem entre si. Na diversidade de laços e sociabilidades, a capacidade crescente para escolher onde, quando e com quem se estabelecem relações sociais, confere a estes sujeitos um forte sentimento de

[89] Cf. "Eu não sou 'passarinho de gaiola" e "Viver com intensidade e abertura para os outros".

viver uma intimidade diferenciada e mesmo, ocasionalmente, segmentada em diversos círculos de partilha.

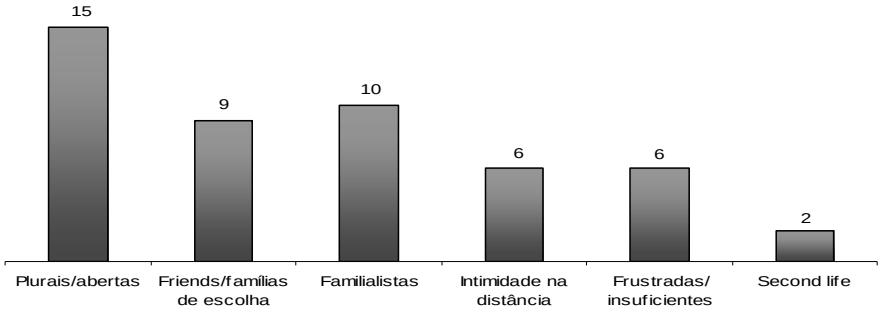


Figura 6.2 Formas de sociabilidade nos contextos relacionais do *viver só*

Nota: Veja-se no anexo A7.2 a classificação nominal dos sujeitos nas várias categorias.

É ainda o sentido da escolha que demarca o perfil de sociabilidades «*friends*/famílias de escola», face ao tipo «familialista». Em ambos os protagonismos, o sentimento (e a necessidade ontológica) de "ter uma família", um lugar de pertença, configura-se como o elemento central na construção dos laços de intimidade e nas formas de sociabilidade destes sujeitos. Mas no segundo tipo observa-se como que um fechamento: a intimidade e a partilha têm lugar junto de familiares de origem, mesmo ao nível das sociabilidades quotidianas, não deixando espaço para a cosntrução de outros laços.[90] Já nas relações de «intimidade na distância» – mais frequentes nos segmentos mais idosos – o viver só traduz a preferência e necessidade premente de autonomia – consubstanciada no contexto de residência: na casa onde viveram grande parte da sua vida, com os seus objectos pessoais, testemunhos vivos de experiências passadas – mas, ao mesmo tempo, suficientemente próximos de familiares e amigos, de forma a não pôr em causa a regularidade de contactos interface. Precisamente, o sentimento de não ter alternativas ou de incapacidade de partilha e construção de intimidades predomina nas formas de sociabilidade «frustradas ou insuficientes». Estas experiências podem ter raiz seja na timidez ou insegurança pessoal, seja ainda numa percepção de rotura de laços (amorosos ou familiares) que não foi inteiramente

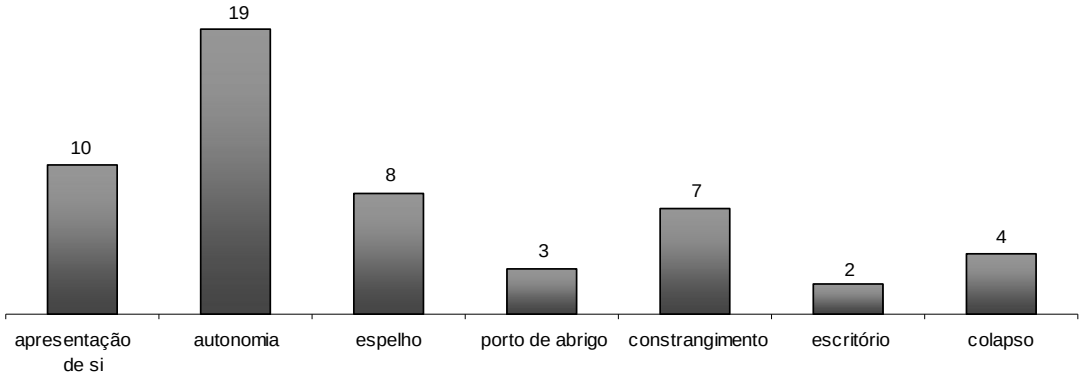
[90] Cf. "Projectos de futuro e ausências de projecto".

motivada por vontade do próprio. Nestes protagonismos, numa aproximação à concepção simmeliana de "sociabilidade", construir laços, estar com os outros pelo consolo que essas relações só porque existem suscitam – independentemente de outras necessidades ou orientações, de outros objectivos ou interesses é, ainda assim, uma aspiração sempre presente. Na «*second life*» a segmentação entre a vida vivida no quotidiano do quadro de relações inter-face e as experimentações de evasão que se consubstanciam nas partilhas e nas projecções de si através das ferramentas da Internet é elevada ao extremo, por vezes, quase que promovendo uma inversão de realidade. Nas interacções que assim se estabelecem, é ainda a vontade de comunicar de se manter ligado, num espaço sem fronteiras que prevalece sob tudo o resto. Aqui o "amigo" e o "estranho" assumem significados específicos: são amigos todos aqueles que aceitam manter o contacto regular, constroem elos e reconhecem o outro; são estranhos "os que não interessam", passam pela rede mas não estão disponíveis para alimentar o imaginário de ligações que ali se procuram concretizar.

Os desenvolvimentos analíticos seguintes justapõem-se as duas tipologias antes assinaladas num conjunto de "retratos sociológicos" (Lahire, 2002), construídos a partir de um olhar que enfatiza as relações dos sujeitos com o *viver só*. Procura-se desta forma dar relevo a movimentos biográficos ou percursos transicionais sempre em processo, nesta medida, potencialmente sempre provisórios. E como tal, independentemente das idades destes indivíduos e das condições sociais que modelam as suas práticas, nas diversas esferas de participação social por onde circulam, retratos de experiências de vida sempre marcados por dúvidas, retrocessos, consolidações precárias ou progressivas, nas quais enraízam também as aspirações e os projectos, ocasionalmente, algo difusos, que desenham para o seu futuro (cf. Pais, 2000:89).

Na figura 6.3 apresentam-se esquematicamente sete contextos relacionais do *viver só*. Antes de passarmos a caracterizar os traços que compõem cada um dos perfis-tipo aí enunciados, importa assinalar que a quantificação apresentada, tal como as anteriores, procura, essencialmente, dar expressão às relações predominantes que o sujeito estabelece com a sua condição de residência unipessoal. Isto muito embora cada

entrevistado possa, nas suas múltiplas e complexas experiências, em função dos contextos situacionais que projecta no seu discurso e nas suas práticas, circular e mesmo ocasionalmente misturar um e outro tipo de relacionamento. E daí que ocasionalmente o mesmo sujeito possa estar posicionado, simultaneamente, em mais do que um desses perfis. Este carácter da relação é ainda acentuado pelas características que configuram os vários perfis-tipo, os quais se apresentam, também eles, com fronteiras difusas e não lineares.



Nota: Veja-se no anexo A6.1 a classificação nominal dos sujeitos nas várias categorias.

Figura 6.3 Contextos relacionais do *viver só*

6.1 Apresentação de si

Neste protagonismo o *viver só* afigura-se como uma espécie de "cartão de visita" da forma como o sujeito se apresenta perante os outros. É um elemento central enquanto veículo de mediação simbólica na encenação de uma trajectória de independência bem sucedida, reflexivamente construída, e relativamente à qual se deseja o reconhecimento e a aceitação dos demais.[91]

Encontramos aqui um predomínio de indivíduos com idades compreendidas entre os 30 e 44 anos, mais mulheres, e com trajectórias passadas de vida conjugal. Todos os que aqui se localizam são economicamente activos e com frequência,

[91] Na interpretação deste tipo-ideal de relações dos sujeitos com o viver só inspirámo-nos no trabalho de Erving Goffman (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio d'Água.

profissionalmente intensamente mobilizados em actividades diversificadas, regra geral muito qualificadas, implicando um alto domínio de saberes técnicos e periciais, responsabilidade e autonomia funcional, com posicionamentos sociais de classe, nos dirigentes, profissionais liberais ou nos profissionais técnicos e de enquadramento.

As suas casas localizam-se, preferencialmente, na zona histórica da cidade ou em bairros novos qualificados, e residem maioritariamente num alojamento adquirido, de tipologia T2 e mais. Dando expressão ao forte envolvimento nas actividades profissionais, com relativa frequência uma das divisões do alojamento é utilizada especificamente para escritório. Para além destas componentes patrimoniais, as suas casas distinguem-se igualmente pelos consumos lúdicos, culturais, estéticos e pela disponibilidade de tecnologias domésticas, sendo ainda bastante frequente o recurso a serviços pagos de apoio à manutenção do lar.

A casa constitui, claramente, um dos lugares principais de intermediação das relações que estes sujeitos estabelecem com os outros. É um espaço vivido e reflexivamente construído tendo como primado a imagem que se quer representar de si em face de terceiros significativos. Através dela, a identidade pessoal assume uma materialidade objectiva, "alterdireccionada" (Pais, 2006:99), tendo como fonte principal de inspiração a reificação de uma trajectória de autonomia positiva, numa primeira fase, legitimada através da aceitação e reconhecimento que acolhem, sobretudo, nos grupos de pares.

Especialmente nas narrativas femininas, a projecção do *self* que assim se materializa (Giddens, 1997), como que sintetiza o culminar (não necessariamente encarado como definitivo) de uma sequência de experiências iniciáticas sustentadas na vontade de se pôr à prova e de enfrentar novos desafios – realizados num conjunto de protagonismos próximos dos que nos descreve Marie-Noëlle Schurmans (2003:145-160), a propósito da caracterização do contexto relacional de experiências de "solidão-iniciação" e "solidão adaptação". O seu prolongamento no tempo, colocando de lado a possibilidade de retorno à família de origem ou mesmo relegando a reprodução dos modos de organização da vida privada e das formas familiares que enquadraram as suas

infâncias, tende, também, a reflectir a recusa de uma tradição normativa familiar que subordinava a possibilidade de independência da mulher à presença de um elo masculino. A autonomia concretizada, manifesta, neste sentido, um percurso de não congruência (por vezes imbuído de alguma conflitualidade que se mantém latente no tempo) relativamente a uma "ordem afectiva, material e moral" (Lahire, 2005) presente nas relações de interdependência com a família de origem.

No momento em que são incluídas neste trabalho, nos testemunhos de algumas destas mulheres o *viver só* projecta assim o rejúbilo pessoal pela emancipação conquistada.

> O meu pai é uma pessoa muito machista... e isso às vezes acaba por vir ao de cima e magoa-me. Penso que talvez ele me desse mais crédito em determinadas coisas se eu tivesse uma pessoa ao lado, mas se calhar não dava a mim mas à pessoa que estava ao lado, o que acho que ainda era mais grave... Hoje ele chega aqui e vê que eu consegui: estou a viver sozinha na minha casa e estou bem. Mas não me diz a mim, diz à minha mãe, o que me faz grande confusão. [Lúcia, 39 anos, solteira, saiu de casa pela primeira vez aos 18 anos, quando ingressou no politécnico, num contexto de "viagem" que pressupunha um regresso que nunca se vem a concretizar. Com o grau de bacharel, coordena uma rede envolvendo quatro bibliotecas escolares].

Não obstante a maturidade dos percursos de independência concretizados no plano residencial e profissional, conduzem as suas relações de intimidade muito apoiados em termos morais e afectivos, e por vezes também materiais, na família e nos laços amicais – estes de resto, aqui, frequentemente, reconvertidos em "famílias de escolha".

As suas sociabilidades, embora tendencialmente "plurais/abertas" – como que segmentadas numa multiplicidade de contextos relacionais heterogéneos que, por opção própria, não se cruzam entre si –, são dominadas por laços de forte compromisso e envolvimento. Apresentam ainda a particularidade de a componente de "escolha-negociação" mesmo no quadro das relações com familiares, se assumir como relevante – inclusive, por vezes, nos laços que se constroem e reconstroem seja num recurso intenso ao telemóvel, seja na Internet.

Seguidamente, através da descrição parcial de algumas histórias de vida procura-se ilustrar a riqueza e complexidade das experiências incluídas neste ideal-tipo de relações.

Viver com intensidade e abertura para os outros

A Ema, com 27 anos, uma experiência conjugal que vivencia meses depois de ter saído da casa dos pais, e que termina ao final de algumas semanas de forma muito conflituosa, mora com os seus dois gatos numa urbanização recente, em Rio de Mouro, próximo de Sintra, a 10 minutos de carro do gabinete de publicidade onde trabalha na gestão de clientes e como *copyrighter*. E "adora" viver ali. Está nesta casa há precisamente três anos. Quando a comprou foi "paixão à primeira vista: "vi-a e em dez minutos já tinha decidido que seria minha, adoro a minha casa". Esta cumplicidade com o espaço (não é só com as pessoas que constrói e troca cumplicidades) é manifesta, sente-se, é visível. Todos os cantos têm, se assim se pode dizer, uma "assinatura", são espaços personalizados, muito confortáveis e intimistas. No amplo hall de entrada, – ainda em construção, no sentido em que pretende transformá-lo num espaço adjacente à sala de estar, com pufs, um cadeeiro de pé, etc. – alguns quadros originais ("são todos pintados por um amigo meu") dão cor ao ambiente. A sala, local onde fizemos a nossa entrevista, tem uma atmosfera extremamente intimista, é um espaço aberto, clamorosamente decorado, com estilo e personalidade. Um dos cantos mais curiosos é a casa de banho, com as paredes cobertas de postais, de frases, de sentimentos. Como sublinha:

> é um espaço vivo, estou sempre a mudar as frases, ora apago uma, ora escrevo outra, os amigos quando cá vêm também deixam algum registo, e gostam, é engraçado, dizem que só eu me lembraria de fazer uma coisa destas.

O estilo "moderno" que caracteriza a decoração do apartamento, perfeitamente adaptado nas correntes de moda e sempre disponível para a mudança, reforçam naquele espaço as referências de uma imagem de marca, em si mesma singular, a partir da qual se procura

projectar, especialmente em face de amigos e conhecidos. Enfim, como acaba por sublinhar, numa síntese:

> A minha casa é a casa dos meus amigos, não me importo de ter cá pessoas e de oferecer jantares, também não me importo quando vão embora, sinto-me bem com o meu espaço, é um espaço vivido.

O contacto da Ema foi-me facilitado por um colega que a conheceu através da sua intensa actividade nos blogs. Ficaram entretanto amigos e encontram-se com alguma frequência em festas, jantares ou passeios onde se reúnem amizades com raiz na Internet. Na entrevista a Ema explica-me que começou a experiência dos blogs depois de ter visto um programa na televisão. Criou o primeiro "só para ver como funcionava", depois foi ver como poderia receber *feedback* das pessoas. Houve um dia uma rapariga que falava de um café onde costumava ir, ela reconheceu o café, deixou um comentário e acabaram por trocar um mail combinando um encontro.

> Já foi há dois anos e continuamos a dar-nos. Conhecer as pessoas na Internet já é normal, é como conhecer noutro lado qualquer.

Nestes envolvimentos cibernautas não tem grande preocupação com a salvaguarda de anonimato – nos *post* quotidianos facilmente chegamos ao seu nome próprio e apelido, não se coíbe de editar fotos suas, sozinha ou em diversos contextos de sociabilidade. Num dos blogs pessoais, refere amiúde, alguns destes encontros e também desencontros: quando na experiência concretizada de interacção na esfera do "real" a decepção substitui o desejo de novos afectos:

> convite para cinema a dois. convite aceite. cinema combinado para o corte inglés, às 19h. (...). imaginei um jantar a anteceder o filme. pois... not!

> quando dou por mim estou a entrar [não no corte inglês mas] no loureshopping. até aqui tudo bem. quando pergunto o que estou ali a fazer, a resposta deixa-me atónita: "viémos ter com uns amigos meus. vamos TODOS ao cinema". pergunta óbvia: "todos, quem?". a resposta viria dali a pouco. (...). a cara que o rapaz [o 1º amigo que chega] fez quando me viu fez-me sentir a surpresa do ovo kinder. 20 minutos depois chega o 3º elemento. de novo a mesma cara. e eu de novo a sentir-me o brinde do ovo. a sorte é que já os conhecia

> a todos. e como sou uma miúda despachada a situação não me intimidou. mas calculo que isto, com uma pessoa mais tímida, teria sido um desastre... adiante.
>
> (...) não é preciso dizer que foi a 1ª e última saída para aquelas bandas, pois não??

Para além desta componente mais convivial e de procura de outros significativos, motiva-a ainda a "paixão pela escrita" que, precisamente, nos blogs concretiza em *hobby*. Só por sua conta tem a autoria de três: o primeiro, onde se enquadram as citações anteriores, em que partilha experiências e impressões do quotidiano, outro onde escreve pequenos textos de ficção e poesia e um terceiro onde divulga produtos dirigidos sobretudo a crianças – adereços, t-shirts pintadas, chapéus bordados, etc.

Uns dias depois do nosso encontro, refere-se à nossa entrevista, no blog do quotidiano, reequacionando novamente as suas relações e envolvimentos com o trabalho nos seguintes termos:

> 23h14. finalmente, a caminho de casa. [e ontem, ao ser entrevistada para uma tese de doutoramento sobre pessoas que vivem sozinhas, afirmei veementemente que não sou workaholic... pois!]

E ainda diante:

> Workworkwork (…) tempo nenhum para isto. tempo nenhum para nenhuma outra coisa. respiro à tona de água em salas de cinema. é o máximo que consigo, por agora. estou cansada. estou feliz. sou o que sempre disse que nunca seria: viciada em trabalho, completamente morta para qualquer tipo de vida emocional, a social safa-se às meias-horas em almoços, jantares, cafés e cinemas.

No primeiro comentário ao mesmo tempo que reflecte sobre as relações que estabelece com a actividade profissional, aproveita para dar nota do relevo que a presente pesquisa veio conferir (confirmar) à sua trajectória e contexto de vida. Quanto ao tema "trabalho", a pesquisa no blog confirma que é recorrente, parece pairar na sua cabeça, balançando entre o sentimento de auto-realização e a alienação que o mesmo lhe provoca:

> O meu trabalho deixa-me profundamente feliz.

Noutra passagem:

> glu glu glu … submersa em trabalho. um dia venho à tona respirar...

Na entrevista foi com entusiasmo que me explicou o que a movia:

> Não é tanto pelo dinheiro. O dinheiro serve-me para pagar as coisas, pronto. Mas não é aquela coisa de querer ganhar milhões para viajar, etc. Prefiro a satisfação profissional que passa por fazer coisas de que gosto. E onde estou agora, pronto, *adoro*. Sou publicitária mesmo, sou gestora de clientes e *copyrighter*… A parte de *copy* é o que gosto mais de fazer, é o que faço menos, mas é o que gosto mais de fazer, e depois vem a parte de gestão de clientes, mexe com muita gente diferente, com muitos projectos diferentes.

A Ema consubstancia uma trajectória de enorme sucesso nos seus percursos escolares e profissionais. Estes constituem, efectivamente, uma componente importante da sua identidade. Diz-me que quando está mobilizada num novo projecto não consegue distinguir os tempos de trabalho e de vida pessoal, para o qual o facto de estar sozinha também contribui. Legitima esta orientação num modelo que observou nos seus próprios pais:

> Eles [os pais] sempre trabalharam os dois. A minha mãe veio do Alentejo para cá quando casou, tinha na altura a 4ª classe, e já eu era nascida quando ela começou a estudar à noite, ela acabou o 12º andava eu no 7º. Trabalhou muitos anos em fábricas [contexto que, de resto mantém até hoje – dedica-se à produção de brindes]. Entrava às 8h da manhã na fábrica e saía à meia-noite das aulas, ia para casa, para o Cacém, de comboio e ainda ia passar a ferro, e se fosse preciso, ainda adiantava qualquer coisa para o jantar do dia a seguir. Era o meu pai [bancário, balconista] que tomava conta de mim, tipo desde que chegava até eu me deitar e durante o dia eu ou estava na escola ou na casa dos meus avós ou então, a partir de certa altura, já ficava sozinha, porque tinha chave de casa e ia ficando lá...

Associa, de resto, esta experiência ao facto de hoje não ter também qualquer problema em estar sozinha:

> filha única sem ninguém para brincar, habituei-me a ler e escrever, é perfeitamente normal estar numa esplanada a ler. A única coisa que não faço sozinha é sair à noite, posso ir ter sozinha com alguém mas não para estar sozinha.

Actualmente a Ema e os pais costumam reunir-se pelo menos uma vez por semana, na casa destes, no almoço de domingo: "é um ritual que vem de sempre: almoçamos e depois vamos ao café ter com um casal amigo que são como meus tios". Os pais virem a sua casa é mais raro, e a Ema de resto não aprecia, até porque a mãe não consegue discernir o seu "direito à privacidade". Não obstante, reconhece que eles sempre a apoiaram, até porque por seu lado sempre cumpriu os objectivos:

> Eu era a gralha da turma, mas tinha sempre muito boas notas, sempre tive. Os meus pais sempre me fizeram saber que eu poderia fazer tudo, tipo ir a todas as festinhas da escola, casas de amigas, porque eu por outro lado, quando era preciso estudar estudava, quando era preciso fazer trabalhos fazia… Sempre fui muito responsabilizada pelas minhas coisas e nunca me facilitaram a vida em termos até materiais, também nunca fui de exigir, sei lá, marcas e isso, quando precisei de um computador, compraram-me o computador para estudar, mas eles também sabiam que eu ia ter boas notas e que ia mesmo dar uso ao computador.

Há cerca de três anos atrás, quando iniciou o processo da compra da casa tinha acabado com o namorado, uma relação de quatro anos. Na altura sentiu necessidade de "orientar a sua vida". Mas a ideia nunca foi viver sozinha *ad eterno*.

> Queria experimentar, construir um espaço meu... Tem sido muito, muito bom. (...) Tenho o meu espaço, não tenho horários para nada, posso fazer o que me apetece, posso ir ao cinema sem me preocupar com o barulho da chave quando regresso, se não me apetece jantar, não janto… É poder ter os amigos cá, é a gestão do espaço e do tempo à minha vontade… Sozinha não há stress.

A libertação que a autonomia residencial veio possibilitar permite-lhe um conjunto de experimentações, tanto ao nível das práticas de lazer, como no próprio envolvimento profissional, que antes, quando coabitava com os pais, precisamente para evitar a conflitualidade, não fazia. Ema considera-se uma "noctívaga": "adoro a noite, gosto muito de sair à noite", e hoje no seu novo contexto acaba por viver mais esse lado da vida do que quando tinha 20 anos: "então, era raríssimo!" A meio da semana, sai normalmente à quarta-feira, frequenta o bar de um amigo, onde já chegou mesmo a trabalhar a tempo parcial, sobretudo nas noites de fim-de-semana: "pelo ambiente,

porque ele [o amigo] estava a precisar e porque dessa forma ainda amealhei mais algum". De resto, chega normalmente a casa, vinda do seu trabalho, relativamente tarde:

> nunca antes das 21h, fazer jantar, arrumar a cozinha, acabo por ir para o meu PC, tenho Internet em casa, e é raríssimo deitar-me antes das duas da manhã.... Passo muito tempo, ainda são algumas horas, na conversa com os meus amigos…

Na sua teia bastante aberta e diversificada de relações sociais e círculos de convivialidade podemos identificar as diversas formas de amizade que Liz Spencer e Ray Pahl (2006) assinalam no seu modelo: desde as "sociabilidades simples", baseadas essencialmente numa forma de interacção – sobretudo as companhias de diversão – até às relações multifacetadas e complexas, envolvendo simultaneamente diversos laços, trocas e ambientes relacionais.

Numa estratégia de mobilidade diferenciadora, indubitavelmente orientada para a experimentação e integração em novos espaços culturais, significativamente, no seu relato há como que um apagamento das amizades de infância – aparte os primos, dois e cinco anos mais novos, que com ela partilharam "muitas tardes" em casa da avó, mas que hoje ainda estudantes seguem vidas desconectadas da sua. As suas "amizades" actuais têm, na sua maioria, raiz ou nas sociabilidades da noite e fim-de-semana ou na própria Internet (aqui envolvendo no essencial apenas mulheres), embora hoje se prolonguem em outras sociabilidades inter-face:

> …há uma sexta-feira por mês que faço o jantar de mulheres [muitas vezes na sua casa], só mulheres, jantamos e vamos sair... vamos ao cinema, vamos a espectáculos, fazemos passeios, idas à praia… Deste grupo há cinco em seis que resolveram casar este ano, vamos aos casamentos. É uma forma normal de nos conhecermos, é como na escola.

Mas apesar da diversidade de contextos em que circula – entre trabalho, lazer e ciberespaço –, no centro do seu mundo os pais e a avó, conjuntamente com os "tios emprestados" ainda hoje são pontes essenciais que lhe recordam o caminho percorrido. Não partilha com eles facetas significativas do seu quotidiano (incluindo aqui a sua própria casa), mas para si "é importante saber que eles estão lá e que se eu precisar continuo a ser a sua menina". Acrescem algumas ajudas pontuais: de vez em quando a

mãe passa-lhe a roupa, quando vão à terra trazem sempre qualquer coisa... "são aqueles miminhos". Com os amigos experimenta outras experiências e afectividades: a noite, o cinema alternativo, os festivais de verão, a comunicação na rede e a paixão pela escrita… Nesta listagem, que segue abrangendo práticas muito heterógeneas, descobrimos convívios mesmo surpreendentes: no blog dos quotidianos a certa altura publicou um artigo que saiu no num jornal diário nacional, e que a coloca a discursar na primeira pessoa. O título da peça: "Uma noite de convívio à volta de lãs e agulhas". Juntamente com um núcleo de amigas que conheceu através do blog pessoal de venda/exposição de adereços e peças de vestuário, a Ema dinamizou um núcleo de jovens-adultas, "a maioria na casa dos 20" – refere o artigo –, que todos os meses, sempre em espaços diferentes se reúnem. A notícia assinala o encontro que teve lugar numa livraria do Bairro Alto, divulgado na "Agenda de Lisboa", publicada pela Câmara Municipal, mas o primeiro aconteceu em sua casa, pois é a grande dinamizadora. Nestes convívios, refere-se no artigo de jornal, "partilham conhecimentos, dicas e segredos de uma arte que aprenderam com a mãe, a avó ou uma tia, ou sozinhas, através de livros." Na reportagem Ema justifica que estão ali "por paixão". A mesma paixão que conduz toda a sua vida.

Curiosamente, na entrevista quando a convido a desenhar as aspirações e as expectativas quanto ao futuro, faz-se luz no seu empenho actual nos *babyblogs*, de mães com filhos bebés e grávidas: uma das suas maiores aspirações é ter um filho, "de preferência com o pai da criança ao lado". Isto muito embora, se tal não for possível, pondere já a possibilidade de "produção independente".[92] Esta é também uma questão que a mãe recorrentemente lhe "atira à cara: com a tua idade eu já te tinha com três anos". Já no plano profissional, se pudesse, gostava de "viver só da escrita", mas se isso

[92] Três anos mais tarde "reencontro-me" com a Ema num programa de entretenimento da televisão. Ela é uma das concorrentes. A certa altura o apresentador pergunta-lhe: "qual foi até hoje o maior projecto da sua vida?". Responde com manifesto orgulho: "ter tido a minha filha". Acaba por ganhar algum dinheiro, e quando a interrogam sobre o que pensa fazer com o mesmo, hesitante, responde: "talvez finalmente vá cometer a loucura de ir a Nova Iorque".

não se concretizar, paciência, gosta bastante do seu trabalho e a escrita, apesar de tudo, vai praticando nos blogs… Quanto ao resto, tem expectativas de viajar, quer conhecer as grandes cidades do mundo: Nova Iorque, Londres, Rio de Janeiro… Mas apenas em contexto de viagem de férias:

> Seria incapaz de abandonar aqui a minha casa… ou pelo menos de sair e pôr em causa o pagamento das prestações, seria quase como abandonar um pedaço de mim (…). Mas o futuro também não é uma coisa que me assuste muito, não sou nada daquelas de me por aqui a pensar 'e como será daqui a 20 anos, onde é que vou estar?' Não, não penso nisso…

Eu não sou "passarinho de gaiola"

A Susana surpreendeu-me pelo seu ar muito juvenil, não lhe daria seguramente mais do que 30 anos. Esta era uma entrevista que eu andava a tentar marcar já há umas boas semanas, e que só dificilmente consegui concretizar. Não porque a Susana não quisesse prestar-se, mas porque à última da hora acontecia sempre um imprevisto no serviço que a impedia de estar disponível naquele dia [normalmente *noite*, e nunca antes das 22.30h, a hora mais provável, apesar de tudo, de "conseguir" estar em casa, conforme me explicou].

O seu caso suscitava-me alguma curiosidade, devido a um conjunto variado de situações que me permitiam identificá-lo como único na diversidade de entrevistas que fiz até então. Primeiro, é uma mulher divorciada *com uma filha* adolescente, mas cuja custódia foi dada ao pai; segundo, como mulher tem um perfil profissional ainda minoritário entre nós: é segurança pessoal ("guarda-costas") no âmbito de um organismo nacional da polícia que coordena a segurança de altas individualidades. Outra indicação que me deram é que andaria na casa dos 40 anos (a sua idade, de facto).

A sua casa, embora num concelho periférico da região de Lisboa, está integrada numa urbanização relativamente privilegiada, ainda próxima de um centro comercial com uma oferta variada de serviços, e conta nas imediações com um grande "parque verde" onde frequentemente aproveita para "treinar". Depois de várias tentativas, acabámos por combinar numa segunda-feira de manhã em que estava dispensada de

serviço. Comprou esta casa com o dinheiro que acumulou nos dois anos de missão em que esteve no Kosovo, entre 1999 e 2001, ao serviço da ONU, logo no ano a seguir ao seu divórcio. Parte da mobília vem ainda do tempo do seu casamento, mas há muitas peças que adquiriu entretanto (o seu próprio quarto e o da sua filha que está previsto ficar em sua casa de 15 em 15 dias). As divisões são amplas e por todo os cantos há vestígios personalizados e toques pessoais: pequenas peças de artesanato que lhe recordam a passagem por diversos países que conheceu no âmbito do seu serviço – chama-me a atenção para uns ovos de porcelana que trouxe de uma missão em Santiago do Chile –; fotos de amigos que tem espalhados pelo mundo; retratos seus e da filha, fotos dos pais… muitas pinturas em aguarela que ela própria pintou – um dos seus *hobbies* – e na varanda da sala um "pequeno jardim" exterior. Diz-me que tem muito orgulho naquela casa, que "comprou sozinha, sem ajuda de ninguém". Provavelmente um dia será um dos legados que deixará à filha, "talvez logo que ela tenha condições para viver pelos seus próprios meios".

Divorciou-se tinha a criança apenas quatro anos. Na altura, tal como agora, a sua vida de trabalho com horários intensos e muito irregulares não se coadunava com a possibilidade de ficar com a tutela da criança. Teria necessariamente que mudar de vida, tornando-se um "passarinho de gaiola", num qualquer trabalho administrativo, ao qual nunca se iria adaptar, e que seguramente a faria sentir-se infelicíssima. Acresce que já na altura tinha em aberto a possibilidade de ir passar um período prolongado numa missão no estrangeiro. Uma situação "irrecusável" pela aventura que implicava, e também muito compensatória do ponto de vista financeiro. O ex-marido, quando se separaram, foi viver para casa da mãe, nas Avenidas Novas, em Lisboa, paredes-meias com a escola que a criança frequentava. Todos estes factores pesaram na sua decisão.

Antes mesmo de ir embora, esteve meio ano numa formação intensiva de preparação, muito exigente quer no plano físico, quer psicológico, quer no esforço intelectual:

> Tínhamos testes todas as semanas e por vezes a instrução era dada durante a noite, até às três ou quatro da manhã… e no dia seguinte tínhamos que regressar como se nada fosse.

No final deste curso, entre 45 candidatos, apenas duas mulheres, ela e a outra colega ficaram aptas, num total de 27 que conseguiram ir até ao fim. O período no Kosovo, que se seguiu, reúne seguramente as experiências mais marcantes da sua vida. Não apenas pela aventura e desafio que implicou, mas porque foi o contexto em que melhor viu reconhecido o seu trabalho, tendo sido nomeada para o comando de uma região, onde coordenou militares de vários países, entre os quais dos EUA. Está nesta experiência a raiz de muitas das amizades que mantém ainda hoje um pouco por todo o mundo, e às quais dedica algum tempo em comunicações pela Internet. Além disso, é dali também que lhe vem o desejo de voltar a sair, sempre numa missão enquadrada pela ONU, talvez para o Irão, se vier a acontecer.

Desde o divórcio teve duas relações soltas ambas com homens que conheceu via messenger, e com um chegou mesmo a coabitar por alguns meses. A "traição e a mentira" foram as razões para não seguir em frente com nenhuma. Diz-me que tendo em conta a má experiência, deixou de "adicionar" pessoas que não conhece e já não responde a mails de desconhecidos. Não obstante, a Internet (especialmente as ferramentas s*kype*, messenger e o próprio mail) permanece ainda um espaço de forte sociabilidade com os amigos que mantém desde o Kosovo.

> A maior parte somos polícias, só que são polícias dinamarqueses, polícias ingleses, polícias da República Checa… os checos são os que me dou melhor, são logo quatro. Também tenho a René, que é americana, que esteve no Kuwait, passou pelo Afeganistão e foi para o Iraque. Ela namora com um da República Checa já há imenso tempo e às vezes estamos os três na converseta. E pronto, passo a maior parte do tempo nisso porque, afinal, foram dois anos que nós passámos ali. Nós éramos uma família, ali a trabalharmos todos juntos. Também falo muito com um irlandês que conheceu a Annette, que é canadiana, através de mim, casaram, mandaram-me agora as fotografias e depois eles mandam-me uma mensagem para o telemóvel: estás online? Porque às vezes não posso, digo só às «x» horas é que vou e venho a correr para casa ligar-me e falo um bocadinho com eles.

Estes laços atravessam o seu quotidiano e condensam de facto uma série de componentes. Reencontra ali "almas gémeas", troca confidências, recebe e dá conforto e desenvolve relações de companheirismo. São também contactos úteis, facilitadores na

própria concretização de projectos, que ainda mantém, de "regresso ao activo em cenário aberto de conflito".

> Num futuro muito próximo talvez abram missões no Irão e eu... [breve pausa] lá estarei. Aliás, farei as provas para ir. Se ficar vou, se não ficar... Surgiu agora a hipótese de ir para a União Europeia… Concorri, enviei o meu currículo, a nível interno. Chamaram-me. Eu perguntei se era preciso fazer provas físicas… 'não, não se justifica. Fazes só entrevista'. Por sinal, a ONU e a União Europeia, funciona tudo muito à base de conhecimentos… o chefe que nos fazia as provas da União Europeia era amigo, era namorado de uma amiga minha… Só que eles queriam-me cinco anos, e isso assim para mim não. (…) Depois, indo pela UE tinha que pedir licença sem vencimento e não ia através da polícia. E eu se for pela ONU vou através da polícia, recebo pela ONU e recebo pela polícia. Sujeitava-me a acontecer o que aconteceu com alguns americanos, há um que está numa cadeira de rodas… às vezes acontece... ele trabalhava comigo, agora falamos aqui, ele passa a vida no computador.

Cá em Portugal continua como guarda-costas de individualidades, nacionais e estrangeiras. Trabalha em equipa com um colega, de forma intercalada, trabalham dia-sim dia-não, o que lhe permite ter por vezes fins-de-semana. Hoje é precisamente num colega do serviço que reconhece um dos seus maiores amigos: treinam muitas vezes juntos, ele vai a sua casa, ela vai à dele, passam muitos serões na conversa e em convívio, onde ele traz a namorada, vão ao cinema… Mas o trabalho em si não a entusiasma, especialmente porque não se sente respeitada. "Aqui em Portugal o comando é todo masculino… A ideia dos homens e a vontade deles é que prevalece sempre". Queixa-se ainda da "falta de condições de trabalho e segurança da polícia em geral". No seu desabafo revela o racismo que tem relativamente a alguns grupos de imigrantes que residem no nosso país.

> Portugal é o caixote de lixo da Europa, tudo vem para cá. Toda a... E eu ando a descontar balúrdios, eu faço os meus descontos, eu tenho o meu IRS todo em dia e vem gentinha de outros países para cá, têm tudo de mão beijada. Montam a barraca, são desalojados, 'agora queremos uma casa'. E dão-lhes casas.

Apesar de todo este envolvimento profissional, quando aprofundamos o casamento, o divórcio e as relações com a sua filha, sublinha que a rotura nada teve a ver com o

mesmo, até porque quando conheceu o pai da filha já tinha esta mobilização. Depois casaram, ela engravidou e ainda trabalhou até aos seis meses de gravidez, só então foi para os escritórios. Mas não se sentia realizada e só pensava em voltar ao activo. Diz que o marido sempre a apoiou e é muito bom pai. Ele é engenheiro e na altura conseguia gerir os horários para estar a tempo de ir buscar a criança, dava-lhe o banho, fazia o jantar, tudo…O problema foi ele ter ficado viciado no jogo. A certa altura já não conseguia controlar as dívidas. A filha [hoje com 12 anos] tinha então quatro anos, apenas. Custou-lhes bastante (às duas) o arranjo que tiveram que fazer com a separação, mas ela Susana desistir do seu projecto de vida também não seria bom para ninguém. Hoje mais do que mãe e filha são, acima de tudo, duas grandes amigas.

> Nós temos uma relação óptima. Vamos ao cinema. Divirto-me imenso com ela. (…) Mas é óptima companhia. E eu tudo o que se passa, pronto, não lhe ponho os meus problemas todos em cima, mas a minha filha faz muito parte da minha vida… há coisas que ela faz que eu devia de ralhar, mas não ralho, começo-me a rir… porque me vejo a mim quando tinha a idade dela, porque eu era bem pior (...). Pronto, e durante a semana e tudo eu vou buscar a minha filha. Porque nós apesar de ser de comum acordo, há uma regra, uma ordem do tribunal que é de 15 em 15 dias. Mas nós passamos por cima disso… Eu e o meu ex-marido hoje em dia, conseguimos manter uma conversa civilizada… e eu até já lá fui a casa dele – ele nunca veio à minha, mas eu já lá fui… fui ver o quarto dela e lanchámos lá as duas juntas.

Ter a filha em sua casa continua a ser complicado, devido ao desencontro de horários e ao facto de nunca ter horas certas para regressar. Mas, sublinha diversas vezes, "ela tem aqui também o seu espaço e um dia estando mais autónoma está à vontade para se decidir mudar". Projecta assim a sua aspiração a que a criança se reconheça naquele espaço e que através dele compreenda e sobretudo, valorize as opções por vezes de fuga e desacerto que marcam as relações passadas e presente entre ambas.

De resto, é muito invulgar a Susana estar sozinha em casa longas horas durante o dia, apenas ocasionalmente quando tem um quadro que esteja a pintar – já tem vendido alguns – ou um livro para ler. Só à noite não gosta de sair, fica sempre em casa, fica no computador ou entretém-se a ver as notícias, até porque regra geral gosta de se deitar

cedo. Nas folgas é frequente acolher ali os amigos – gosta bastante de receber, de preparar jantares, as limpezas não, tem uma senhora que vai lá a casa uma vez por semana. Refere que tem amigos de vários círculos, tem uma grande amiga que vem ainda dos tempos de infância, outros que eram das relações do ex-marido e que se mantiveram e muitos que conheceu na polícia. Refere que é frequente assumirem-na como confidente, alguns têm vidas complicadas, e não é que ela ajude a resolver os problemas, mas está disponível para "ouvir e partilhar". A sua maior amiga é também divorciada, tem dois filhos e são uma "quase família": passam sempre as férias juntas e se calha ter folga num fim-de-semana, vai buscar a filha e vai ter com ela, pois os filhos têm as mesmas idades e dão-se muito bem. Era amiga de um amigo que entretanto morreu com um cancro, conheceram-se no velório dele e desde aí têm vivido muita coisa juntas.

Pergunto-lhe pelos pais. "O que têm os meus pais?" – reage na defensiva. Esclarecida a questão, diz-me que vivem ambos no Alentejo (não sei no que trabalham ou trabalharam), têm lá terrenos e uma vivenda que construíram com o seu esforço, a casa onde ela um dia espera vir ainda a habitar. A Susana é a segunda filha, mas cresceu como filha única pois a irmã é bastante mais velha, entre ambas não existe uma relação de grande proximidade afectiva. Quanto aos pais, nunca viram com bons olhos as suas opções: primeiro o ingresso na polícia – especialmente a mãe, pois sonhava que a filha seguisse pelo magistério primário para ser professora, e teve um grande choque quando a Susana concluído o 12.º ano ingressou na Escola Superior de Polícia; depois o divórcio, que "foi talvez o primeiro que houve na família", foi outro grande choque. Mas hoje têm uma relação estável. A Susana encontra nos pais um grande apoio moral, e não lhe pesa percorrer os 70 km que os separam para os visitar.

> Eles hoje reconhecem que eu consegui erguer-me sozinha, e respeitam-me pelo que eu consegui… tratam-me de igual para igual.

Libertar tempo para a vida

O Vasco aparenta um ar jovem e descontraído, talvez por isso, inicialmente, tenha sido para mim difícil encaixá-lo no padrão de distintividade e de luxo qualificado que demarca o seu contexto de vida – que constitui quase que uma caricatura extremada do perfil de padrão de vida que noutro trabalho denominámos de "qualificados" (Martins, Mauritti e Costa, 2007). Cheguei ao seu contacto através de um colega do programa de doutoramento. Esta foi uma entrevista particularmente difícil de marcar, com sucessivos adiamentos por "imprevistos" de última hora, intimamente ligados com a sua actividade profissional principal, em medicina obstetrícia. Acabámos por nos encontrar apenas quatro meses depois do primeiro contacto, num sábado à tarde, depois de vários telefonemas e outros tantos mails.

Foi mais um caso de uma pessoa que entrevistei numa fase de transição. Até Janeiro, e durante os últimos 10 a 12 anos o Vasco – agora com 34 anos – admite ter tido um comportamento compulsivo de forte dependência relativamente à actividade profissional. Nesse período, trabalhou em média cerca de 15 horas por dia (às vezes mais), entre hospitais, bancos de urgência, aulas na faculdade e consultas numa clínica privada. Citando Giddens:

> Um *workaholic* num trabalho de prestígio pode passar muitos anos sem compreender o carácter compulsivo da sua actividade. Só quando intervêm outros acontecimentos se torna evidente a natureza defensiva da sua dedicação (...) (1996:53).

No caso do Vasco, este acontecimento prende-se com uma acção que lhe foi movida por parte das finanças. Segundo ele, distraiu-se e ganhou muito dinheiro: "não sabia que ganhando acima de 7000 contos [mês] iria cair num escalão nada razoável". Esta situação, que agora está a tentar resolver através da criação de uma empresa, ao empurrá-lo para um regime contributivo em nada vantajoso – "é quase como se metade do meu tempo eu estivesse, de facto, a trabalhar para o estado, sem qualquer benefício pessoal" – levou-o mesmo a pensar que mais vale não trabalhar, "não vale a pena", e terá sido a gota que transbordou o copo, e que o levou a "mudar de vida". Desde há

pouco mais de um mês, desistiu dos hospitais públicos, que aliás o "obrigavam a cumprir um banco por semana", ultimamente de 24 horas; desistiu das aulas na Faculdade de Medicina – onde pediu uma licença sem vencimento – e neste seguimento está a ponderar suspender o doutoramento. Está ainda a reorganizar as afectações várias que tinha noutros locais, no sentido de "libertar tempo" para a vida pessoal. O resultado, para já, foi passar a ter, pela primeira vez desde o internato da especialidade, algum tempo livre durante a semana, passando para um envolvimento global semanal no trabalho de cerca de 36 horas: nas suas palavras, "um regime normal, portanto".

Cheguei a sua casa depois de ele me ter ido buscar a pé num local previamente combinado, nunca teria conseguido dar com o prédio sem esta ajuda. Está localizado num bairro de elite, muito próximo do hospital privado onde exerce obstetrícia e ginecologia, em regime de ambulatório e no serviço clínico. O apartamento, como de resto toda a área envolvente, é relativamente recente, tem oito anos, comprou-o quando ainda estava em construção. Escolheu a tipologia T4 porque lhe pareceu "um investimento interessante": para além da sala onde fizemos a entrevista, conta com um escritório, dois quartos tipo suite: o seu e um outro para eventual utilização de algum convidado, e uma divisão generosa que funciona para apoio logístico da governanta. Quando entrei fiquei deslumbrada com o ambiente absolutamente luxuoso e por brincadeira – numa analogia a uma publicidade que à época passava na televisão – perguntei-lhe como é que tinha conseguido aquela casa: foi brindado por um prémio de lotaria ou recorreu ao BES? Ao que respondeu: "Não, não, comprei-a… é minha, tenho um vencimento que dá para este padrão". Para além das dimensões muito razoáveis (a sala onde fizemos a entrevista teria cerca de 80m^2), a sua decoração não causaria nenhum desprimor numa capa de revista. Mais tarde, na conversa acabou por assinalar que teve o apoio de uma equipa de decoradores que contratou para o efeito, isto a propósito da dificuldade, que teve na altura, em validar as diversas sugestões que lhe apresentavam como alternativas para organização do espaço:

> Ela [a decoradora] apanhou-me numa fase complicada, na fase do exame de saída da especialidade... eu tinha o consultório, mesmo nessa altura nunca interrompi e fazia os

> partos, depois também tinha as aulas, nos dois últimos anos eu já dava aulas, tinha os pontos para corrigir e foi de facto muito stressante... Mas pronto tenho aqui como que o meu santuário, é o meu retiro. Gosto de estar aqui sozinho, embora até agora pouco tenha gozado, e gosto também de receber amigos.

Explica que têm um esquema rotativo e uma vez de quando em quando cabe-lhe organizar um jantar em casa. É a governanta que tem ao seu serviço quem se encarrega de tudo, inclusive contratando uma empresa de *catering* para apoio ao serviço naquele dia. Nesses jantares reúne cerca de 30 pessoas: "amigos amigos e amigos colegas". Todos com um estilo de vida semelhante ao seu, com pouca disponibilidade de tempo. Para eles como para si estes jantares através dos quais "rodam" pelas respectivas casas constituem "um momento realmente importante de fuga". E, poder-se-ia acrescentar, de confirmação do "gosto distintivo" (Bourdieu, 1979) que os une num círculo de sociabilidades impregnado de significações e rituais, internamente marcado por padrões altamente particulares e referenciáveis, sem paralelos em outros contextos sociais diferenciados.

A este propósito, faz questão de sublinhar que pelo facto de ser "uma pessoa extremamente organizada" durante estes anos todos nunca deixou de ir ao cinema, ao teatro ou mesmo a estes jantares. Por outro lado, sempre fez questão de pelo menos um fim-de-semana em cada estação fazer uma viagem ao estrangeiro, nomeadamente gerindo a participação em congressos. Considera-se "uma pessoa feliz e realizada em termos pessoais e profissionais". Mas afirma que "viver sozinho não foi propriamente uma opção, foi a vida que não se proporcionou de outra maneira". Mas, diz, tem dinheiro, assim o queira, "para criar dez filhos", repetiu esta frase várias vezes. Ironiza quando recorda:

> Ocasionalmente as pessoas antigas, amigos, perguntam-me: 'Já tem família?', 'não, não tenho'. Até parece que a pessoa não tem família! (risos). As pessoas pensam que têm que fazer tudo o que as outras fazem… não têm. Não têm de casar e ter filhos, não é? Não tenho nada planeado mas se acontecer, aconteceu. Mas não tenho tempo para procurar nada (risos).

Dos cinco irmãos (um dos quais seu gémeo) tem o exemplo de um, seu vizinho no prédio ao lado – em casa de quem foi jantar a seguir à entrevista – mais velho do que ele e que também vive sozinho: "namora com uma grega e encontram-se uma vez por mês numa cidade qualquer da Europa, vão variando (…). Não sei até quando vão aguentar aquilo, acho que assim dificilmente vai resultar". Enfim, ao longo da entrevista fiz o levantamento das pessoas que lhe prestam serviços pessoais no sentido de lhe facilitar a vida: uma governanta que está em sua casa todos os dias e decide o que vai comer, as compras que fazem falta, etc.; um *personal trainer* que o "obriga" a fazer exercício todos os dias; o seu massagista; uma assistente pessoal que faz a gestão da sua agenda; um contabilista que lhe está a organizar a papelada para criar uma empresa; um advogado que o acompanha agora todas as manhãs na regularização da sua situação com as finanças. Adicionalmente, nomeadamente para garantir o contacto permanente especialmente com a família, utiliza o telemóvel:

> Gasto um balúrdio em telemóvel por mês. Chego a gastar 70 contos em telemóvel. Porque é no carro que faço as chamadas para a família. Enquanto vou de um sítio para outro. Até aqui tinha sido assim para conseguir manter o contacto.

É com orgulho que sublinha que apesar da pouca disponibilidade de tempo tem uma relação especial com todos os sobrinhos. Com excepção das duas mais velhas – a Sofia e a Rita – que hoje ocasionalmente o acompanham ao cinema ou mesmo em algumas mini-férias, foi ele que ajudou a trazer ao mundo todos os outros. Tem um laço particular especialmente com os filhos gémeos do seu irmão gémeo, o único que vive longe, é empresário de restauração nos Açores, e faz questão em ir buscar umas fotos dos dois, que até são "muito parecidos" consigo. No seu núcleo de relações a mãe – reformada de uma escola onde dava apoio de secretariado – os irmãos e os sobrinhos são os elos mais importantes, mas inclui igualmente aí alguns amigos: médicos, colegas que vêm do tempo da faculdade, e também amigos da juventude. Fala-me dos seus "compadres", agora professores de educação física, que de vez em quando o procuram desafiar para actividades ao ar livre: escaladas, passeios pedestres ou mesmo organizam "programas engraçados" na neve, por exemplo. Até agora o seu envolvimento nestas

aventuras alternativas tem sido sempre muito condicionado e portanto é com expectativa que desenha as possibilidades abertas com a decisão assumida de "libertar tempo para a vida".

Planos para o futuro não tem, mas passam seguramente por continuar a resistir às múltiplas ofertas de trabalho que lhe dirigem – agora mais do que nunca, desde que souberam que não está no hospital público e que tem tempo livre. A ter algum projecto, é salvaguardar um espaço próprio – em termos de tempo disponível para – ter uma vida pessoal, mais equilibrada, entre o trabalho, o lazer e a família. E acha impressionante que alguns colegas considerem que foi "muito corajoso" por desistir, como fez, de parte dos trabalhos que tinha. Quer viver um dia de cada vez, com a certeza de que "por mais dinheiro que ganhe no fim é tudo o mesmo", pelo que mais vale aproveitar.

Um bicho complexo

A Lea, com 37 anos e uma experiência de coabitação com um arquitecto que durou cerca de quatro anos, apresenta-se, numa primeira imagem, como uma pessoa plena de criatividade, frescura e fervor pela vida. O seu contacto foi-me oferecido por amigos comuns que, em linhas gerais, a assinalaram como "muito fantasiosa e teatral", traços que acaba por assumir no discurso e sobre os quais tece alguns comentários. Na apresentação que faz de si, este estar permanente "em representação", é, aliás, nas suas palavras, "a característica que mais se evidencia: eu acho que represento até para mim própria, mesmo quando estou sozinha (risos)". Deduzo nos desenvolvimentos que faz a este propósito que a teatralização de si é um dos mecanismos que encontrou para manter um controlo da imagem que quer projectar do *self* nos diversos contextos e relações, ao mesmo tempo que lhe permite preservar as facetas da sua intimidade que, assumidamente, tem "dificuldade" em partilhar, mesmo com os mais próximos. Diz-me que para lá da personalidade encenada e mais positiva que projecta perante os outros, coexiste uma outra, sombria, muito negativa, propositadamente isolada, em absoluta

contradição com a idealização de si e que a impossibilita de se dar numa outra intimidade.

> Eu sou assim muito fogaça, muito fogo-de-artifício, sou a pessoa mais teatral que existe, é verdade... mas os meus amigos sabem que eu sou assim e aceitam. Isso para mim é importante. Adoro, fico *felicíssima* quando consigo através dessa teatralização e dessa boa-disposição pôr todos felizes e bem-dispostos à minha volta. Eu gosto muito de *fazer felizes as pessoas*... mas não há aqui nenhum sentido altruísta, de alguma forma eu só me sinto feliz quando vejo que criei a felicidade nos outros. (...) Depois, é quase para equilibrar, também sou o outro extremo, quer dizer, eu tenho uma parte *secretíssima*, quase lamacenta, *muito obscura* da minha vida, que eu tenho muita dificuldade em expor, mesmo aos meus amigos... e que coincide com o espaço que eu preciso de ter e com o tempo que eu preciso de ter sozinha. (...) Não sei se é porque tenha medo que eles [amigos] sejam desmedidos comigo ou porque compreenda que, por vezes, certas pessoas não aceitam... Porque eu tenho amigos muito diferentes, quer dizer, com gostos muito diferentes, e há coisas que uns aceitam e outros não. Não sei. Há coisas que eu não lhes conto. Não é porque não tenho confiança neles. É porque eu preciso daqueles segredos para mim. (ênfases da entrevistada)

O inconformismo, a incerteza e inconstância marcam profundamente a forma como se relaciona nas várias esferas de participação social: desde a família, aos amigos até às próprias relações de trabalho. E revelam-se em múltiplos aspectos: seja na abertura ou, como refere, "transversalidade" e diferenciação de "laços de companheirismo" – que entre si, e por opção pessoal nunca se cruzam –, e que ora vive com intensidade, ora como que desleixa no tempo, passando semanas ou mesmo meses sem fazer qualquer contacto; seja na própria volatilidade dos projectos e dos vínculos laborais.

Com uma licenciatura em História de Arte e pós-graduação em Recuperação do Património, na fase em que a encontro, exerce a sua actividade principal de "bibliotecária e documentalista" em regime liberal, dedicando-se "com paixão" à pesquisa, avaliação e inventário de espólios literários de personalidades da cultura nacional. Trabalha em diversas instituições, sobretudo em Lisboa, embora tenha "projectos" noutras regiões que, ocasionalmente, a implicam em deslocações de uma

semana, às vezes mais. A título complementar, coordena o estágio de alunos e dá ainda aulas de formação em arquivo e gestão de biblioteca numa escola profissional.

Combinámos que nos encontraríamos perto do seu principal local de trabalho, para seguirmos depois no carro dela para o Bairro da Graça, onde vive. Isto sob o argumento que só assim eu iria dar com a sua casa, localizada "numa zona muito difícil de descobrir". Esta boleia (que depois acabou por se repetir no regresso, passadas cerca de quatro horas de convívio entre a entrevista e o diálogo solto) foi também uma oportunidade suplementar de conversa e troca de confidências, construindo a ponte para alguns dos temas aprofundados na entrevista. É logo nesta altura que aborda alguns dos dilemas que a interpelam continuamente, face a opções que é levada a assumir no confronto com situações e acontecimentos concretos que se impõem sem que a própria tenha total domínio sobre os mesmos. Emergem aqui, particularmente, as ambiguidades que se atravessam na difícil conciliação do desejo (e cada vez mais, urgência afectiva e psicológica) de estabilidade e segurança, por um lado, e a necessidade de autonomia e de não ter que prestar contas ou de se restringir a uma rotina. Esta dúvida é constante e atravessa toda a narração que faz de si e da sua condição de vida.

> Eu preciso de ter esta vida activa, de andar sempre a correr de um lado para o outro e de chegar à noite completamente desgastada... seria incapaz de entrar naquela rotina tipo das 9 às 5. Eu gosto de estar a mudar. Gosto de mudar de trabalho, e gosto de me apaixonar (...). Eu sempre trabalhei em projectos: proponho o projecto, depois se tiverem interesse desenvolvo o projecto e acabo o projecto. É tipo como se criasses um filho... são as minhas extensões criativas. São coisas extremamente interessantes que só funcionam se a pessoa tiver muita vontade de fazer aquilo, porque exigem muito trabalho e muita responsabilidade. (...). Mas já me começo a sentir cansada, e sofro imenso por antecipação quando começo a tentar construir o futuro e vejo que não tenho nada, porque é tudo muito incerto, não é?

Considera-se apesar de tudo uma "afortunada", pois tem um estilo de vida "superior" àquele que caracteriza "a média geral", e não fazendo uma vida muito sofisticada, sempre vai regularmente quer ao cinema e ao teatro, quer aos eventos culturais vários

promovidos e financiados pela (e na) Fundação onde exerce a actividade profissional principal.

Quando nos aproximamos da sua rua, dando relevo à importância da casa e de todo o contexto que a envolve na apresentação de si, sente a necessidade de me avisar sobre o "horror de pirosice" que é a porta actual do seu prédio, recentemente alvo de reabilitação no âmbito do RECRIA, e cujos vizinhos após a intervenção daquele, e à revelia da própria, "destruíram" quando substituíram a "porta histórica em madeira" por uma outra, a actual, em material de alumínio.

> Eu comprei a casa em grande medida por causa daquela porta que eles substituíram... Tu vais ver, é de um absoluto mau gosto, o prédio ficou descaracterizado, sinto-me doente sempre que tenho que atravessar aquela porta, a sério.

Esta espécie de inconsistência no retrato que projectou de si através daquele espaço afecta-a profundamente, ao ponto de pensar seriamente mudar novamente de residência.[93] Mas não necessariamente de bairro, nas suas palavras, "o melhor sítio de Lisboa para se viver", e isto apesar do "bairrismo" e do ambiente por vezes muito invasivo da sua privacidade:

> ... há anos que estou aqui, as pessoas conhecem-me, as pessoas olham para mim e sabem que eu estou sozinha... uma rapariga sozinha é relativamente complicado, és olhada (...). Mas gosto de viver aqui, gosto bastante disto. Gosto do facto de ter vivência, de a pessoa sair e ir às compras: tens a mercearia, vês o mercado, vês os velhotes, *vês pessoas*. Talvez porque tenha mais a ver com o sítio onde eu própria cresci... com a minha infância, numa aldeia, num meio pequeno em que as pessoas se conhecem quase todas, que se vêem quase todos os dias... (ênfases da entrevistada)

A casa fica num terceiro andar sem elevador. É um espaço pequeno, talvez com 45m^2, mas muito bem aproveitado, constituído por uma sala, quarto e um pequeno escritório, primorosamente organizado e decorado. Sentámo-nos num canto junto à janela,

[93] O que de resto acaba por acontecer cerca de um ano mais tarde, quando compra um apartamento, no mesmo Bairro, da mesma tipologia mas mais espaçoso. Esta será a quinta vez que muda de casa, em pouco mais de dez anos a morar sozinha, e poucos meses depois por força da deslocalização, por motivos profissionais, para uma cidade do interior na região centro do país, acabará ainda por se mudar outra vez, deixando o seu "novo ideal" de apartamento alugado a outra pessoa.

estrategicamente colocado na mira do ecrã proeminente do televisor, na parede do fundo, ao centro da sala. Pergunto se costuma ter algum som ambiente quando está sozinha em casa. Responde afirmativamente: tem sempre música e por vezes liga também a TV mesmo sem som, "só para sentir imagens". A casa é ainda um local em construção ou relativamente ao qual tem alguns projectos: mudar as cores de uma ou outra parede, alterar a casa de banho, comprar um plasma, etc. etc. Diz-me a Lea que cada canto foi estudado e imaginado tendo em vista controlar os passos de quem por ali anda, com a intenção de deixar muito pouca margem para que se ponham a inovar ou a mudar coisas do sítio.

> Eu quando planeei a minha casa pensei-a muito como um espaço aberto para os outros... à medida que vou comprando coisas e que a vou decorando, o objectivo é esse: é criar espaços que conduzam as pessoas e as orientem... Não é só para mim. Por exemplo, este poster que eu pus aqui... eu quero transformar aquele corredor num sítio que não seja só um corredor, e quando as pessoas abrirem a porta ou quando eu lhes abrir a porta, a primeira coisa que vão ver é aquela cor vermelhusca. Eu acho que visualmente e psicologicamente é muito apelativo. Mais para eles do que para mim, porque eu já nem o vejo, já não me causa qualquer impacto.

Esta preocupação com a decoração da casa, toda projectada em função dos outros, que só lá vão muito ocasionalmente, parece contribuir para que a própria Lea não se sinta dona e senhora daquele espaço. Este, apesar do investimento de si que nele projecta, nos momentos em que procura algum isolamento e introspecção, acaba por ser vivido, como várias vezes repetiu, como uma "prisão", algo que a constrange e a limita nos seus projectos difusos de evasão, e onde dificilmente consegue encontrar um refúgio solitário de intimidade. Na materialização do *self* que através dele consegue produzir, dando forma a "uma narrativa particular de auto-identidade" (Giddens, 1997:75), que se reedifica continuamente nos laços que estabelece com os outros, a solidão ou a possibilidade de um "reencontro espiritual com o seu *eu*" deixa de ser possível naquele lugar. À semelhança da imagem que nos constrói Fran Tonkiss (2003), sair dali é também uma fuga de regresso a si: algo que consegue concretizar mais facilmente recorrendo a uma "sobreconexão" ou ao barulho e turbulência da multidão que, na sua

energia absorvente, acaba por promover as condições para o recolhimento e auto-descoberta:

> Muitas vezes, para eu estar sozinha, eu saio de casa. Vou para a esplanada, por exemplo... Eu tudo o que está aqui adoro e *é o meu gosto* e faz com que eu me sinta bem, mas em certas circunstâncias da minha vida, eu *preciso de sair para estar só comigo*. [breve pausa] Uma boa psiquiatria diria o que se passa na minha cabeça, mas é verdade... Talvez na minha cama eu tenha algum momento de intimidade. E não pode haver luz, na minha casa quando eu preciso de momentos de intimidade. Tenho que fechar as janelas todas, tenho que estar na escuridão ou pelo menos na penumbra. Não pode haver luz. Mas, quando eu preciso de estar mesmo sozinha, é engraçado que às vezes saio. E vou para ao pé da multidão, vou para o meio da multidão. Não vou para nenhum sítio isolado, vou para o meio da multidão. (ênfases da entrevistada)

Nos desenvolvimentos que faz de seguida, vincula estes comportamentos, esta procura de "isolamento" ou de evasão do *self* materializado no espaço do alojamento, nas relações de conflitualidade latente, nunca resolvidas, com a sua família. A mãe, uma professora primária, e o pai, militar da força aérea, nunca aceitaram o rumo que a filha quis dar à sua vida: desde as opções académicas, à saída de casa desenquadrada de um projecto de construção de uma nova família, até às orientações mais comezinhas do quotidiano, de que são exemplo a rejeição de horários e as preferências de consumo, à própria encenação de independência e não alinhamento que faz de si.

> Eu sempre fui muito rebelde e, ainda por cima, os meus pais são pessoas muito conservadoras, muito tradicionais. Era muito difícil ser-se rapariga, era mesmo muito difícil ser-se rapariga. E então assim que pude eu saí de casa, porque o ambiente já se estava a tornar extremamente complicado... e eu achei que nada daquilo se justificava. E, portanto assim que pude, assim que tive algum dinheiro saí imediatamente de casa. O que foi, evidentemente, um escândalo, exactamente, porque para além de não ir casada, ia sozinha, era filha e era a pessoa mais nova. E foi extremamente complicado porque eles depois não têm a versão do meu irmão igual. Portanto, ele ficou em casa, é o mais velho, casou-se, divorciou-se e ficou lá... Eu saí de casa, para além de bastante zangada, eu saí de casa para tentar provar que eu não era aquele diabo e aquele monstro que eles achavam que eu era.

Hoje orienta-se num esforço "moral" de construção de novos laços com a família de origem. Deduzo nas suas palavras que, de alguma forma, enquanto não concretizar essa reconciliação (em especial com a mãe), por mais amigos que tenha, nunca conseguirá superar a sensação de isolamento existencial ou de "exílio" (Schurmans, 2003:105), correspondente a um sentimento dominante de desfasamento e separação de si e do meio envolvente. Esta tentativa de reconciliação com a família traduz assim a acção de "defesa" (idem: 174), estimulada pela urgência de estabilização da pressão emocional suscitada pelas dificuldades de comunicação e pela percepção de desenraizamento que demarca o quadro relacional que mantém nessa esfera.

> A minha relação com eles sempre foi extremamente difícil. Só que agora eu estou a tentar mudar... estou a fazer um esforço para mudar, porque eles são os meus pais e eu estou a ficar velha, e eu preciso de estar em paz com eles e de ficar em paz comigo, porque o facto de estar em guerra com eles também me faz sentir muito culpada. (...). Acho que estou a tentar resolver isso, para ter um pouco de paz e para ter uma família. Para não me sentir tão isolada. Porque o facto de eu me ter ido embora daquela casa e ter estado estes anos todos fora de casa, eles isolaram-me bastante... Porque eu não tenho os meus pais para falar e eu acho que é assim a primeira coisa que a pessoa quer fazer, é falar aos pais, não é? É dizer qualquer coisa aos pais. Eu não falo, nunca digo nada aos meus pais... Eu acho que estou a tentar dar a volta a isso. Devagarinho. Porque é muito difícil viver-se sozinha e viver-se isolada. Bem, quer dizer, viver-se isolada é o pior que pode acontecer.

Lea saiu de casa em 1993, e três anos depois foi coabitar com "uma pessoa", um arquitecto. A relação prolongou-se durante pouco mais de quatro anos. Durante essa fase como que suspendeu todas as relações de amizade da infância, construindo outras. Recorda este período como uma etapa muito complicada da sua vida, precisamente porque se "esvaziou" de si, deixando de ter espaços de privacidade e passando a viver inteiramente projectada nos outros. Na altura a casa onde residiam servia também de ateliê, era em primeira-mão um espaço de trabalho, onde circulavam muitas pessoas.

> Era complicado porque tinha que lidar com outras pessoas. Acabei por me tornar até amiga dessas pessoas, até mais do que da pessoa com quem eu vivia. Mas acabava por ser extremamente complicado, lá tinha mesmo que representar, não é? E estas pessoas intervinham na minha vida privada. Eles acabavam por ver se haviam discussões, se as

> coisas não estavam bem ou se as coisas estavam mal. E embora eu consiga representar muito, para mim é muito importante a minha vida privada.

Na mutabilidade das experiências afectivas e materiais suscitadas na percepção de "ter uma casa" e na possibilidade de estar sozinha numa casa, na descrição que faz das relações com o viver só, esta deveria servir também como "refúgio", seria o lugar que a acolheria para "lamber as feridas ou para curtir paranóias". Mas mesmo hoje, estes usos tendem, muitas vezes, a estar subordinados à necessidade de "materialização do *self*" através daquele espaço.

> Eu em casa dos meus pais era até extremamente desarrumada. Era uma pessoa muito desarrumada e, quando comecei a viver sozinha, deixei de ser desarrumada, imediatamente. Comecei logo a limpar, chateia-me imenso, mas tem que ser. Mas o que me preocupa e o que tem que haver é alguma harmonia. Eu necessito de uma harmonia visual para conseguir estar na minha casa. (...) aqueles livros que estão em cima daquela cadeira, não têm que estar ali, estão porque eu agora não tenho sítio onde os pôr, e então estão ali, mas eu tenho que arranjar maneira de os tirar dali porque aquele cadeirão fica bem com e só com aquele tapete em cima. A coisa tem que ter uma leitura unida. Se a minha casa não tem uma leitura unida a nível de perspectiva cria-me imensos problemas.

O caminho de "regresso às origens", a tentativa de reconciliação com os pais e irmão – relativamente ao qual revela um misto de desdém e rivalidade: "ele é o filho predilecto da mãe (…) e continua a viver lá em casa..." –, assim como o recomeço das amizades de infância e juventude, coincidem com o termo da relação com o arquitecto, há cerca de sete ou oito anos atrás. Nestes reencontros reconhece que, com excepção dos pais, todos mudaram – ela e as próprias amizades: uns porque vivem ou viveram maritalmente, com ou sem filhos; outros porque mantendo-se solteiros (alguns estão também sozinhos), passaram já também pelo processo de independência residencial, estão noutra fase da vida, orientam-se por novos projectos, adquiriram outras práticas de consumo, etc. A este propósito, num contraponto à "incriminação" de que se sente vítima e que ainda hoje marca profundamente as relações com a família, refere a "aceitação" das suas escolhas e do seu estilo de vida como um dos traços mais marcantes no aprofundamento dos laços de amizade:

> Estamos quase a chegar aos 40 [anos] e, portanto, as pessoas acabam por se reencontrar, mas entretanto estiveram imenso tempo sem se ver, e a vida mudou muito... Portanto, às vezes há surpresas. Mas eu acho que acabo por aceitar as pessoas como elas são, acho que desde que a pessoa seja feliz, eh pá, caramba, faça lá o que precisa de fazer! Eu faço esse esforço, que afinal não é esforço nenhum é amizade, e por isso incomoda-me, magoa-me que as pessoas, por vezes, me apontem o dedo ou que me digam que eu mudei, que não aceitem a mudança em mim. Isso incomoda-me bastante. Porque a pessoa quando muda não é uma coisa voluntária, não é? Eu acho que os amigos têm exactamente que aceitar as pessoas porque as amizades também são assim... tem a ver com aquilo que se partilhou e tem a ver com a aceitação. Para mim, as amizades são paixões, e as paixões não se justificam por nada de exterior. (...) Podem ser construídas, concerteza, e podem ser... podem ser cultivadas, também, nesse sentido da aceitação das diferenças.

Na acusação que, por vezes, os amigos lhe apontam, de que mudou reemerge, uma vez mais, a "experiência de exílio" que, ocasionalmente, num comportamento reactivo à impossibilidade pessoal de participação incondicional e envolvimento moral nas suas sociabilidades, envolve também um percurso de retraimento progressivo e defensivo, culminando no que Marie Noëlle Schurmans designa de "solidão-afastamento" (2003:119).

> Acho que as pessoas me vêem, muitas vezes, como uma *outsider*. Não sou só eu que me sinto *outsider*, são eles que me vêem como uma *outsider*. (...) Por exemplo, eu tenho umas amigas minhas que acham estranho, mas como é que é possível eu ainda não ter namorado... Como eu sou uma rapariga que tenho piada e que tenho uns gostos todos sofisticados – acham elas – e tenho uma cara tão gira e sou tão inteligente, não é? Enfim... como é que é possível eu não ter namorado. E fartam-se de arranjar maneira de eu conhecer pessoas, que é, para mim, a pior coisa que me podem fazer. É a pior coisa que me podem fazer, mesmo [pequeno suspiro] (...). Eu acho que as pessoas quando encontram a receita, ou melhor, quando são felizes, as pessoas acham que encontram a receita para a felicidade. De uma forma egoísta, mas se calhar desejando o bem dos outros, acham que as pessoas, os outros, só não são felizes porque não seguem a mesma receita.

A estranheza imbuída de orientações para o "companheirismo" e "auxílio afectivo" (Spencer e Pahl, 2006) que este núcleo de amigas manifesta perante a sua situação do viver só, por um lado magoam-na, porque são percebidas por si como uma não-

aceitação do seu quadro de vida; por outro lado, conferem-lhe um sentido de pertença: não tanto pelo apoio que lhe dirigem (e que classifica de "egoísta" pela incompreensão e sobretudo negação da sua condição numa normalidade), mas pela certeza de que se preocupam e que, apesar de tudo, a consideram nas suas redes. Para além deste núcleo conta ainda com outras amizades – algumas das quais nunca chega verdadeiramente a referenciar, embora sejam tão ou mais significativas. Ser "transversal", circular por diversos contextos de forma relativamente livre, e ser "múltipla" ou "plural" na apresentação de si – no sentido de Gilberto Velho (em Castro, Oliveira e Ferreira, 2001) e Bernard Lahire (2003) – é, de resto, outro dos traços que evidencia na gestão das sociabilidades e na narrativa da experiência que associa ao facto de estar sozinha:

> Eu não gosto de grupos, eu gosto de ter uma posição transversal... gosto de percorrer vários grupos: tenho os amigos que são quase-família – como eu não tenho uma ligação tão grande com o meu irmão, são os meus irmãos –, que são os meus amigos de infância, tenho os amigos da faculdade, tenho os amigos da escola, do trabalho... tenho os amigos destes... tenho amigos daqueles. Eu não gosto muito de pertencer a um grupo porque acho que isso acaba por ser redutor. Para todos, não só para mim mas também para os outros (...). E também não gosto muito de coisas estabelecidas e padronizadas... Por exemplo, eu gosto muito de ir para os centros comerciais fazer compras, como também gosto muito de ir ouvir um concerto de música clássica ou assistir a um ballet... Portanto, acho que pode ser-se pirosa e podemos ser altamente intelectuais... E isso acho que é mesmo característico das pessoas sozinhas, fazer as coisas quando se quer e sem seguir nenhuma linha: tens as coisas projectadas na cabeça e não estás com grande paciência para as redefinires pelos planos dos outros... acho que isso são mesmo os hábitos que se ganham depois de alguns anos assim sozinhas.

Dizem-me os amigos que me indicaram o seu contacto para entrevista, que na pluralidade de identidades que acaba por assumir nesta constante circulação, chega mesmo a ser conhecida por nomes diferentes, consoante o contexto: para uns é a "Maria", para outros a "Lea" e noutros é conhecida pelo diminutivo de infância. Mas é na soma destes núcleos que acolhe para si laços afectivos e materiais: envolvendo-se, apesar de tudo, em teias de relações de amizade "complexas", que não consegue concretizar no seio da família de origem – relativamente à qual dominam ainda as

percepções de rejeição e de abandono –, e que nos termos da tipologia proposta por Liz Spencer e Ray Pahl (2006:60) podemos classificar de "companheirismo", "conforto" e "confidência" ou mesmo, já aconteceu, de "auxílio" financeiro, numa ou outra fase de maior aperto.

No desenvolvimento do questionamento directo que lhe dirijo sobre o que procura nas relações que desenvolve nos vários círculos de amizade, acaba por me confidenciar que apesar de "gostar muito" de viver sozinha, precisa também muito dos outros, de "construir momentos de intimidade" e de se sentir "acompanhada". Refere, ainda que verdadeiramente nunca deixou de "ter alguém" – ou seja, nunca deixou de se envolver também fisicamente, mesmo que em sexualidades episódicas e fugidias –, mas que tem muita dificuldade de se revelar numa partilha de emoções e confidências e de se dar numa intimidade que favoreça a construção de uma relação prolongada com um companheiro (cf. Giddens, 1996:102, no caso num argumento sobre a utilização da sexualidade episódica na construção de intimidade).

> Eu acabo por ser bastante tímida e reservada emocionalmente, o que, por vezes, impede que se dê o salto do social para o privado... E eu ainda não consigo, e acho que nem nunca vou conseguir criar uma ligação sexual que seja apenas sexual. Para isso, tenho uma relação de uma noite... e mesmo assim acho que numa relação de uma noite se consegue criar muito intimidade (...). Para mim tem que haver sempre alguma intimidade, quer dizer, o fio condutor até pode ser o sexo, mas que tem que ter mais qualquer coisa. Eu não digo o amor, não vou para aí sequer... Mas a intimidade tem muito a ver com o à vontade e a aceitação que a pessoa tem numa ligação física, com o construir cumplicidades... tem a ver com uma questão de estética, mas não é beleza, é uma estética do comportamento, onde o contacto visual e o comportamento físico da pessoa é muito importante, para mim é muito importante.

A importância simbólica que atribui à "estética do comportamento" denota, na apresentação de si o relevo que atribui, também, à identidade corpórea que a mantém como um ser uno nas interacções quotidianas. Como sugere José Machado Pais (2006:96), "acresce que, ao contrário da identidade subjectiva que somente pode narrar-se mediante relatos fictícios que projectam múltiplos «eus», a identidade corporal pode

expressar-se – e visualizar-se – nas interacções quotidianas". O esforço de ser bem sucedida, também, na expressão corpórea do *self* condu-la nas idas regulares ao ginásio – consegue assim manter-se em forma, ao mesmo tempo que "liberta as energias negativas" –, assim como algum excesso de consumo que, com dificuldade, admite ter. Fala-me destes hábitos quando, projectada no futuro, ensaia um cenário em que deixará para trás aquela casa: hoje o ícone por excelência da imagem materializada que projecta de si:

> É evidente que eu ia ficar muito triste de deixar esta casa, porque eu até gosto dela. Está num sítio engraçado e por aí fora e tudo bem. Mas deixava, com certeza. Vinha imediatamente. Fora uns quadros que têm fotografias minhas, não levava muito mais. E as minhas roupas claro! Tinha que levar os meus sapatos também... E tinha que levar as minhas botas, isso por amor de deus, isso eu tinha que levar! [risos] (...) Eu sou muito gastadora, gosto muito de comprar coisas... mas não sou consumista. Quer dizer, não sou como aquelas pessoas que... agora entraram os saldos, eu tenho que comprar tudo nos saldos porque é saldos. Não, não sou consumista nesse sentido. Mas se me apaixono por uma coisa, mesmo que seja cara, nem penso duas vezes, compro logo... tanto que até tenho medo de ir ver as porcarias das televisões porque é evidente que eu amanhã tenho aqui uma televisão que me vai custar duzentos e tal contos e agora não posso, não é?

Questiono-a se pensa no futuro. Diz-me que sim, pensa "bastante", embora já o tenha feito mais e com maior ansiedade. Reemerge aqui o tema da dificuldade em lidar com a ausência de balizas nos espaços e temporalidades do quotidiano. No seu desenvolvimento, justifica a "paixão" que investe nos projectos e nas práticas quotidianas como uma tentativa de controlo dessa ansiedade, suscitada pelo facto (assumido como "necessidade pessoal") de "não ter rotinas". A paixão promove a alienação de si, um estado de não consciência: estando "apaixonada", na mobilização que a arremete, o presente torna-se omnipresente, um destino em si mesmo, uma certeza, donde deixa de ter sentido construir outros futuros:

> (...) embora uma pessoa goste muito de fugir às rotinas, o não ter rotina cria imensa ansiedade, é todos os dias ter que começar de novo. Está num projecto daqui a mês não sabe se está nesse projecto... talvez por isso, necessite de se apaixonar pelas coisas, porque estando apaixonada, dentro daquele tempo, é quase uma inconsciência, não está a pensar

> no futuro, não é? No fundo, eu necessito de me apaixonar pelas coisas porque eu tenho imenso medo da rotina. É uma contradição extraordinária. Mas, eu preciso... entro em ansiedade porque não tenho estabilidade, porque não tenho rotina... mas entraria em pânico se vivesse a vida inteira na mesma rotina. Portanto sou um bicho complexo, não é?

6.2 Autonomia

Esta forma de relações com o *viver só* enquadra-se no processo reflexivo de independência seja face à família, seja face a relações que o sujeito estabelece nas diversas esferas de participação social. Neste tipo de protagonismo, regra geral, a casa não é, em si mesma, alvo de qualquer projecto, funciona no essencial como instrumento para a experimentação e consolidação de um percurso de autonomia.

Encontram-se aqui boa parte dos jovens-adultos "deslocados" por motivos de estudo e/ou de trabalho, mas igualmente sujeitos localizados nos escalões etários mais idosos que protagonizam processos de libertação face a contextos familiares que de uma forma ou de outra os constrangiam (Margarida e Júlio).

As suas casas, como no perfil anterior, predominantemente de tipologia T2, nos protagonismos dos jovens-adultos configuram-se, frequentemente, em apoios materiais que a família disponibiliza, inclusive ao nível da cedência de móveis e utensílios essenciais e no próprio pagamento de serviços domésticos para a manutenção da lide doméstica. Não são espaços que o próprio tenha escolhido especificamente com o intuito de ali construir o seu "lar". As suas vidas seguem assim descentradas do alojamento, que ocasionalmente – por exemplo, na mistura de estilos de mobiliário – se apresenta como um espaço descaracterizado e sem harmonia, vivido com um sentido de forte pragmatismo.

É aqui que encontramos a maior incidência de sujeitos que residem em bairros-dormitório, cheios de blocos de apartamentos que os próprios vêem como monótonos e descaracterizados, localizados na periferia suburbana de Lisboa (Pontinha, Moscavide, Santo António dos Cavaleiros...) e nos bairros limítrofes da cidade (Benfica e Olivais), onde os preços de imobiliário são relativamente mais acessíveis. Alguns (os que

podem...) residem no centro, especialmente em casas alugadas (Sónia, Nuno e Alexandre), o que lhes permite colmatar de forma muito flexível a falta de carro próprio nas suas deslocações quotidianas. Para estes sujeitos, este "viver no centro" constitui-se como um dos traços essenciais da sua "qualidade de vida". O que de resto replica resultados encontrados em outras pesquisas (cf. Heath e Cleaver, 2003:113; Nyström, 2003:3). Nos seus relatos, para além da disponibilidade do transporte público, assinalam igualmente a proximidade da oferta cultural e de espaços de lazer. Pelo contrário, para os primeiros – residentes na periferia (Sofia e Francisca) – mais do que qualquer outra justificação, a distância face ao centro é assinalada como principal argumento tanto para o carácter transitório do respectivo contexto de residência, como para o desinvestimento na recriação de um espaço de alojamento mais intimista e pessoal.

No plano das trajectórias familiares neste ideal-tipo observa-se uma clara preponderância de solteiros (sem namorado/a). Do ponto de vista da condição perante a actividade económica, concentra-se aqui o segmento de estudantes-trabalhadores e de sujeitos ainda com percursos transicionais incertos, nomeadamente nas componentes escola e trabalho, os quais tendem a beneficiar de rendimentos que complementam as duas fontes trabalho e família (ou família e trabalho, de acordo com a consolidação do processo de inserção socioprofissional) e ocasionalmente, também o estado (através de bolsas de formação avançada). As suas origens sociais incidem preponderantemente nos profissionais técnicos e de enquadramento, posições que tendencialmente reproduzem, actualmente ou em termos de destinos virtuais (Almeida, Costa e Machado, 1988; Machado e outros, 2003; Martins, Mauritti e Costa, 2005, 2008).

Nas suas orientações de consumo, denotando também alguma diferenciação interna nos percursos transicionais, metade destes sujeitos tem carro, outra metade não tem. Patenteando a importância que conferem à respectiva imagem corporal como elemento estético e de mediação das relações que estabelecem com o mundo (Ferreira, 2006), a quase totalidade frequenta regularmente um equipamento desportivo ou faz exercícios de manutenção. Tal como os protagonismos anteriores, o computador e Internet, assim como o telemóvel representam meios incontornáveis para garantir um

link permanentemente aberto com os seus contextos, especialmente quando estão sozinhos em casa. Isto embora, nos usos que fazem destes meios, se observe uma clara diferenciação geracional com os mais velhos a terem uma relação mais descomprometida e descentralizada.

Nos vários protagonismos de autonomia que se enquadram neste perfil, inclusive nos segmentos que experimentam *viver só* numa fase mais tardia dos ciclos de vida, a manutenção ou mesmo reforço de laços "significativos", no plano afectivo e mesmo material, com a família é um elemento essencial na consolidação de um padrão de vida ajustado às expectativas destes sujeitos. E muitas vezes, a "oportunidade" de gestão autónoma da vida pessoal, abrindo um espaço de "negociação" das condições de estruturação dessas relações, tende a proporcionar trocas mais positivas para ambas as partes: o próprio e os seus familiares.

Experimentação e projecto

Sofia, com 25 anos, solteira, filha única, mora sozinha com a sua gata há pouco mais de um ano. Começou a morar sozinha logo a seguir a um regresso mal programado de Barcelona, onde esteve um ano como estudante, numa primeira experiência longe da família, num regime onde partilhava alojamento com mais três pessoas. A sua vinda para Portugal coincidiu com o início de um estágio remunerado, como consultora jurídica, no mesmo instituto público onde a mãe, uma engenheira agrónoma, tem um cargo de direcção. Em Barcelona completou uma pós-graduação em direito comunitário e o seu projecto [que entretanto meses depois da entrevista acaba por realizar] seria seguir uma carreira internacional. Por isso, e apesar da "oportunidade em termos de segurança que representa ter entrado no estado", continua a enviar currículos para empresas, especialmente em Espanha.

A casa da Sofia localiza-se nos subúrbios de Lisboa, para lá de Santo António dos Cavaleiros, num bairro tipicamente suburbano: sem equipamentos sociais e poucas infraestruturas de comércio local; um bairro cheio de prédios altos, ironicamente

baptizados com os nomes de cidades que estão no centro do mundo ocidental – Nova Iorque, Paris, Londres, Bruxelas, etc. –; de ruas estreitas e pejadas de automóveis estacionados; sem espaços verdes, enfim, nas palavras da própria: um "dormitório". A Sofia vive ali por recurso. Aproveitou o facto de enquanto esteve em Barcelona os pais se terem mudado para um apartamento novo na "Expo". Não tendo dinheiro para mais, esta foi a solução, embora necessariamente transitória:

> Eu não queria porque isto é a casa dos meus pais, não me identifico, não há nada meu, não mudei nada, eles deixaram cá tudo, a única coisa que eu fiz foi mudar para o quarto deles – que é mais espaçoso e está mais bem conservado –, mesmo assim está igual. Portanto, tenho muito pouco apego. E não fiz nada porque é também uma situação provisória, porque espero que eles vendam a casa ou que arrendem, não sei, sempre é uma fonte de rendimentos. E eu ir para um *espaço meu*, *pequenino* que seja de início, e não a casa dos meus pais... aqui no fim do mundo. (ênfases da entrevistada)

A amiga que me facilitou o seu contacto avisou-me que é "uma pessoa muito ocupada… e é talvez a pessoa que eu conheço com mais amigos"; não obstante, foi com relativa facilidade que marcámos o nosso encontro de entrevista. Combinámos num sábado à tarde. Junto à mesa da cozinha, onde nos sentámos, a gata enroscada parece ouvir atenta a nossa conversa. No quarto a televisão permanece ligada. Pergunto-lhe se quando está em casa tem sempre algum som. Confirma que sim, é a primeira coisa que faz quando chega: ligar a televisão, mesmo sem estar a ver:

> Ainda no outro dia estava a conversar com uma amiga, e ela dizia-me: 'se tens que estar sempre com a TV ligada ou se vais no metro e tens que estar sempre a ler um livro, no fundo é porque não consegues estar sozinha contigo.' Não sei, se calhar, mas eu não o sinto assim. Já no metro eu vou a ler o livro porque aproveito… porque se calhar à noite já estou um bocado cansada e leio um bocadinho e já estou quase a dormir, depois acabo por adormecer à frente da televisão, e no metro vou desde Odivelas até ao Marquês de Pombal, ainda é algum tempo e aproveito, vou ali toda contente a ler o meu livro…

A entrevista demorou cerca de três horas. Pelo meio ofereceu-me um chá ao mesmo tempo que me explicava só ter mesmo chá para oferecer: deixou de ter comida em casa pois estragava-se toda, é um dos "maus hábitos" que adquiriu desde que vive sozinha:

“ou compro para fazer e está já planeado ou então é melhor não comprar, porque senão estraga-se tudo.”

Começámos a nossa conversa sobre os motivos que a levaram a morar sozinha. Diz-me que quando voltou de Barcelona, vinha para informar os pais que ia ficar mais um ano e só nessa altura soube que tinha entrado num instituto público: “entrei por cunha e era uma oportunidade única, ir trabalhar para o Estado”. Na altura a experiência foi difícil, sentiu que deixava para trás um projecto que mal tinha começado, e as dúvidas eram imensas. Pesou na sua decisão o facto de voltar para Espanha significar manter-se mais um tempo às custas dos pais, uma situação que também não a animava. Mas porquê viver sozinha? Afirma que sempre teve “uma relação óptima” com os pais. Só que, na altura, quando regressou de Barcelona, talvez pelo facto de ser filha única e por ter estado um ano ausente...

> Deve-lhes ter feito tanta falta, tanta falta que quando eu voltei era só um carinho, digamos, exagerado, e comecei a sentir aquela necessidade de me libertar. Quis viver sozinha um pouco para me libertar e para ter uma relação com os meus pais, que agora resulta melhor.

Explica-me que, quando partilhavam a mesma casa, apesar de estarem juntos, acabavam por seguir vidas fraccionadas, não vivendo a intimidade, e frequentemente acabavam por se confrontar numa conflitualidade latente, por vezes gratuita: ela porque se sentia constrangida e sem autonomia; eles porque acabavam por descarregar em casa as frustrações e ansiedades contidas no quotidiano do trabalho.

> As pessoas às vezes vivem na mesma casa mas não partilham nada. Nós chegávamos cansados, eu das aulas, os meus pais do trabalho, cada um à sua hora... a mesa ficava *horas* posta, o meu pai era sempre o último a chegar a casa – ele também tem uma vida complicada, é representante comercial, e tem sob a sua responsabilidade uma série de lojas espalhadas pelo país inteiro. Estávamos os três mas, quer dizer, já a ver televisão: a minha mãe no quarto dela, eu no meu quarto e o meu pai na sala, cada um no seu canto, e acabávamos por não estar muito juntos. E algumas vezes as chatices do dia-a-dia... Nós não nos podemos chatear com ninguém, mais quem trabalha, que tem que ter um bom ambiente e não pode soltar tudo, chegar a casa é um descarregar, e às vezes era complicado...

O desapego que pautou a sua relação com os pais durante os anos que foi estudante como que se inverteu numa dependência e preocupação exacerbada daqueles sob o seu bem-estar, depois do regresso de Barcelona. Actualmente reconhece com satisfação que quando estão juntos, fazem-no pelo prazer de estar, e portanto todos os três saem beneficiados. As suas relações melhoraram substancialmente em termos qualitativos. Mas, além disso, na realidade a "separação" acabou por promover uma intensificação das comunicações que fazem entre si através do telemóvel:

> Eles [os pais] nem sentem muito a falta porque eu estou constantemente a telefonar. Tenho um grave problema, mas isto é desde pequenina. Telefono a toda a hora. Telefono para não dizer nada. Tenho muito o hábito de pegar no telefone, de telefonar *imensas* vezes ao dia para nada. (…) E mesmo fora eu era assim. Só que aí já era só uma vez por dia (risos). E como falamos tantas vezes ao dia é como se… Eu esqueço, é estranho, porque sendo filha única, *sou muito apegada*, é verdade, mas não preciso daquele contacto físico diário. E às vezes dou-me conta que já passou uma semana que eu não os vejo, porque estão *sempre muito próximos*, mesmo sem haver qualquer contacto físico. E sinceramente, as semanas passam a correr, não dou por conta de nada (risos). (ênfases da entrevistada)

Entretanto como a casa é grande – tem dois quartos que não estão a ser utilizados – há amigos que lhe têm perguntado se não quer alugar um quarto, o que tem rejeitado. Em Barcelona viveu a experiência de partilha de uma casa com não-familiares e essa experiência foi muito condicionadora, na altura, de realização da sua privacidade:

> fazia-me sempre confusão ficar eu e outros na sala. Parecia que tinha de fazer companhia, que seria uma falta de educação ir para o meu quarto. Então tive muito pouco espaço aí. Por isso, é que também foi a necessidade, quando cá cheguei, de estar sozinha, sem ninguém, sem partilhar uma casa.

Neste momento, apesar de na prática acabar por "não gozar a casa" e estar muito pouco tempo sozinha, quer viver a sensação de ter um espaço só seu: "sinto esta necessidade de ter *o meu espaço*." Reconhece contudo que por estar sozinha está a adquirir alguns hábitos talvez "menos sociáveis": por exemplo, o descontrolo em relação aos horários, o saltar refeições, mesmo a desabituação em relação à possibilidade de partilha do próprio espaço de habitação. Tem também a facilidade de não ter qualquer preocupação mesmo

com a organização e limpeza da casa: as poucas coisas que há a fazer, como tratar da gata, mudar as roupas de cama, passar a ferro, etc., tem uma senhora ainda do tempo em que os pais moravam lá que lhe faz tudo. É um dos apoios que a mãe faz questão de continuar a dar-lhe, com o pretexto de assim não ter que se confrontar com a necessidade de despedir a empregada.

Pergunto-lhe como é que as pessoas mais próximas reagiram à sua vontade de viver sozinha. Refere que ao contrário do que seria talvez expectável, os pais apoiaram-na bastante, até porque ficando naquela casa não tem que se preocupar com o ter que pagar uma renda, paga apenas as despesas de manutenção. Dos amigos contrariamente sentiu pouco apoio.

> Não sei (silêncio). Eu não queria dizer «os portugueses», mas se calhar na nossa sociedade as pessoas saem de casa mais tarde e saem de casa, muitas vezes, para casar. E no fundo não se pode dizer que eu tenha decidido ir viver sozinha e procurado uma casa, foram as circunstâncias. Porque eu estava disposta a isso. Simplesmente tinha esta casa, os meus pais não a queriam vender porque não está uma boa altura para vender e não precisam. Arrendar faz-lhes um pouco confusão e achavam que o facto de eu cá ficar seria até uma ajuda. (…) Isto é estranho de dizer, mas os meus amigos mais próximos não aceitaram bem. Acharam que eu estava louca. Que tinha vindo de Barcelona um bocado revirada e com manias. Não perceberam porque é que eu queria ir viver sozinha, porque é que eu ia *abandonar* os meus pais. (…) E *foi* complicado fazer-lhes ver que, se calhar, quem tinha tido uma atitude mais responsável era eu, já que eu estava a ganhar *o meu dinhei*ro… Tudo bem, não estou a pagar por uma casa, mas fazia-me bem se calhar ter a *minhas* despesas, aprender a gerir o *meu* dinheiro. (ênfases da entrevistada)

Neste confronto com os amigos produz-se uma reconstrução de alguns laços. A Sofia sente-se como que traída por "amigos" que antes eram os principais companheiros de estudo e de folia, alguns dos quais entretanto se anteciparam a si na trajectória de inserção profissional (embora se mantenham estoicamente em casa dos respectivos progenitores). Servem-lhe para, em espelho, identificar aquilo em que não se quer tornar: uma *yuppie* engomada, que trabalha e só trabalha, tem almoços num qualquer bar de esquina, tudo o que tem despende em roupas e imagem, levando uma vida de tédio e sem novidades.

> Quer dizer, é obvio que é muito mais confortável estar em casa dos meus pais. Então os meus pais que me querem dar tudo! E eu ter o dinheiro só para me divertir... Só que há concessões a fazer: se calhar não compro tanta roupa, se calhar é a minha mãe que ao fim-de-semana diz 'Ah anda passear ali' – lá me quer levar para as lojas porque vê que eu não compro roupa. Mas eu prefiro *viajar, e*u *dou tudo por viajar*! Prefiro *fazer jantares* e sair à noite, prefiro *estar numa esplanada* e estar a tarde toda a conversar*;* prefiro *ir a um concerto*, ainda anteontem fui ao *Rock in Rio*, porque me arranjaram bilhetes às sete da tarde, e *adorei*. (ênfases da entrevistada)

No fundo, estando sozinha, apesar dos apoios materiais muito significativos que os pais de forma discreta lhe vão proporcionando, sente-se como que impulsionada pela vontade e necessidade de experimentação…

> Assim sou obrigada a descobrir até onde posso ir, sou obrigada a fazer escolhas e a assumir as minhas próprias responsabilidades.

Reconhece o conforto de saber que os pais "estão aí para o que der e vier", mas agora é a sua vez de decidir e estando a *viver sozinha* é mais fácil.

Em contrapartida aos velhos amigos da faculdade que a acusaram e como que a "abandonaram", nesta experiência de autonomia veio a redescobrir velhas amizades, ainda de tempos anteriores ao ingresso no ensino superior, pessoas com quem lidava menos no seu dia-a-dia – nomeadamente porque seguiram outros cursos. Tal como os anteriores, destes a maioria continua em casa dos pais. E portanto viram no seu novo contexto uma oportunidade de convívio, servindo-se ocasionalmente da sua casa como espaço de companhia:

> Trazem a comida, combinam tudo, e aparecem. E ainda bem que o fazem porque eu gosto, *adoro*. (...). (ênfase da entrevistada)

Mas reconhece que a sua "luta contra a maré" tem limites. Desde que começou a trabalhar, de facto, passou a ter muito menos disponibilidade para estar com os amigos. Ao mesmo tempo que arranjou outros, no próprio local de trabalho. A diversidade das amizades que com relativa facilidade vai construindo constitui, de resto, um dos traços significativos da sua "personalidade":

> Nunca tive propriamente aquilo de 'o meu grupo de amigos'. Nunca tive grupos e nem gosto. Eu quando sinto que estou num grupo começo a sentir-me sufocada, coisa que eu nunca gostei, conheço pessoas de vários sítios e agora tenho vindo a juntá-las, hoje em dia eles já se conhecem todos mas reconheço que se calhar eu sou o elo de ligação.

Pergunto-lhe se ao chegar a casa ainda tem tempo para estar no computador e se o utiliza para fins pessoais. A minha questão provoca-lhe um sorriso matreiro. E explica-me porquê: "O computador costuma estar aqui na mesa [da cozinha], mas eu hoje guardei-o (risos). (…) Diz-me que chega a estar três a quatro horas no messenger na conversa com pessoas amigas que tem "em vários sítios do mundo", e às vezes "são duas da manhã e eu ainda não fiz nada. (…) Acaba assim por "não aproveitar o estar sozinha":

> Porque chego, ligo logo o computador, aparece não sei quem, depois a gente conversa e o tempo voa tanto que quando dou por mim ainda não tirei os sapatos, acabei por não jantar… isso acontece-me imenso: meia-noite e não jantei, não fui à casa de banho e estou aqui aflita (risos). E agora eu às vezes esforço-me para não ligar. Nesse aspecto estou a tentar impor-me alguma disciplina (risos).

A Internet, o VoIP e o telemóvel são tecnologias indispensáveis no seu dia-a-dia. Os primeiros utiliza sobretudo para alimentar os laços que deixou em Espanha, país que acabará por a acolher alguns meses mais tarde. O telemóvel para manter a ligação permanente sobretudo com os pais.

Quando reflecte sobre o futuro, enfatiza o seu projecto de carreira internacional. Quer regressar a Espanha, mas agora no quadro de uma relação laboral onde irá ter condições de se auto-financiar, sem ter que recorrer aos progenitores. Será uma forma de aprofundar a sua autonomia que, actualmente, apesar de tudo, ainda não é completa:

> Eu penso ir outra vez para fora, mas, por exemplo, tenho a certeza não iria para estudar. E a ir terá que ser um trabalho que dê para eu me sustentar e ter dinheiro para pagar a renda da minha casa. Já não consigo conceber voltar a depender dos meus pais. Se calhar seria a opção mais fácil, e eu sei que eles não gostam que eu pense assim, não ficam muito satisfeitos. Mas a partir daqui só para a frente, não volto para trás.

O futuro e a gestão da ambivalência

A Vânia, hoje com 28 anos, uma das situações de "conjugalidade a tempo parcial" (Penn e Zalesne, 2008) ou LAT[94] que identifiquei atrás, é minha colega no ginásio. Numa ocasião veio à baila o meu doutoramento e ela fez imediatamente questão de sublinhar que era "meu objecto de estudo", oferecendo-se para "cobaia" de entrevista. Foi no ginásio que acabámos por nos encontrar, na altura alegou que com o termo ainda recente do mestrado, mais a mobilização nos preparativos para o casamento, a casa estava "um caos", não oferecia condições para lá receber ninguém:

> Agora com isto da tese tenho os papéis ainda todos espalhados na sala, está tudo uma grande confusão, até porque são coisas que a empregada não pode arrumar… como estou a dar aulas à noite chego sempre muito tarde e portanto vou directa para o meu quarto, onde também tenho uma televisão… Os fins-de-semana não estou cá ou se estou é porque tenho trabalho para fazer, e o resto do tempo, durante a semana, tenho sempre coisas… E depois gosto muito da minha casa cá em Lisboa… é muito arejada e tem boas áreas, mas não tenho paciência nenhuma para as limpezas e arrumações, nunca tive, prefiro pagar...

A sua experiência revelou-se muito interessante, sendo particularmente ilustrativa de como a mobilidade e os constrangimentos profissionais, assim como a necessidade premente de realização a esse nível, tendem a condicionar a construção, precária e progressiva, plena de dúvidas e retrocessos, dos projectos individuais e a possibilidade de reprodução de modelos incorporados de conciliação entre família e trabalho (2005; Guerreiro e Abrantes, 2004; Lewis e outros, 1999; Pais, 2000, 2003). É igualmente relevante como base para pensar a relação complexa, de que nos falam nomeadamente Beck e Beck-Gernsheim (2003), entre a individualização e necessidade de gestão não apenas da auto-biografia, mas das ligações e redes que circundam o sujeito, acompanhando as alterações de preferências, nas sucessivas fases da vida, enquanto aquele constantemente se procura adaptar às novas condições do mercado de trabalho, do sistema de educação, do estado providência, etc. Como sublinham estes autores:

[94] LAT: *living apart together*, segundo o termo proposto por Levine (2002, 2004; 1999).

> Uma das características decisivas dos processos de individualização, é, o facto de não apenas permitirem como *obrigarem* um contributo activo dos próprios indivíduos. (…). Se não quiserem falhar, aqueles devem ser capazes de planear para o longo termo e adaptar-se à mudança, devem organizar-se e improvisar, fixar objectivos, reconhecer obstáculos, aceitar desafios e tentar novos começos (idem: 5).

Oriunda de Leiria, contexto onde mantém algumas das suas principais referências familiares (incluindo o próprio marido), a Vânia reside em Lisboa desde os 18 anos, quando veio para a faculdade estudar. Namorou durante oito anos com o Mauro, com quem casou recentemente, numa formalização da relação impulsionada pelo facto de, desde há seis meses a esta parte, depois da separação dos pais dela, terem optado por, aos fins-de-semana, nos seus regressos sempre passageiros a Leiria, coabitarem numa casa comprada por ambos no quadro de um projecto de vida a dois. Esta experiência estava desajustada com uma moral conservadora que enquadra as suas representações sobre a família e a formação do casal, compelindo-a a precipitar-se na consagração do casamento.

> Quer dizer, a minha mãe é muito conservadora e concerteza que gostaria que tivesse sido de outra maneira. Mas eu comecei a ir ao fim-de-semana com o Mauro só na altura em que os meus pais se separaram. Foi em Agosto. Eu na altura não quis tirar partido por ninguém e disse que me mudava para a minha casa com o Mauro, e aí eles também não tiveram coragem de me dizer nada. Porque a minha intenção também era seguir um bocadinho a educação que a minha mãe me deu e ir para lá só depois do casamento, o casamento seria um marco que mudaria qualquer coisa.

A casa de Leiria foi comprada por ambos assim que tiveram condições de acesso ao crédito, na perspectiva de "casa dos fins-de-semana": a casa onde poderiam ficar sempre que regressassem para visitar a família. No seu projecto de vida, Lisboa surge como um futuro mais provável e realista, sobretudo se ambos subordinarem esse futuro à realização profissional: na capital "as oportunidades e os desafios são outros".

O casamento, pensado e repensado, marcado, adiado e voltado a marcar, realizou-se, nas suas palavras, com o objectivo de fazer calar alguns murmúrios sobre a união de facto que protagonizavam. Mas como a Vânia observa: "na prática nada

mudou". Ou seja, a ideia por agora foi casarem, irem em lua-de-mel, regressando ambos para o seu trabalho: ela em Lisboa, ele em Leiria, apenas partilhando o mesmo tecto nos fins-de-semana.

Pergunto-lhe se nunca colocou a hipótese de regressar a Leiria. Admite que o facto de ter lá a família de ambos é um aspecto relevante como garantia da "qualidade de vida": está segura que ao regressar iria contar com um apoio incondicional tanto da sua mãe, como da sogra: por exemplo, poderia contar sempre com uma ou outra refeição, com a ajuda na própria manutenção doméstica, etc. Contudo, para além das oportunidades de carreira, que apenas existem em Lisboa, "habituou-se à cidade" e às vantagens do anonimato que só uma grande metrópole pode sustentar:

> … e não sei até que ponto me habituaria facilmente, caso voltasse novamente para Leiria. Aquilo é muito mais pequenino. Embora a cidade agora tenha tido um certo desenvolvimento, não é comparável com Lisboa. Portanto, é uma decisão difícil.

Lisboa-Leiria, dois contextos urbanos, um casal, duas individualidades com projectos próprios, ambos experimentando actualmente uma gestão autónoma dos respectivos quotidianos. O casamento foi consagrado no *regime de separação de bens*, segundo a Vânia – que aprofundou esta matéria no seu próprio mestrado –: o "único que *salvaguarda as individualidades* dos cônjuges", e concretizado agora muito pelas pressões várias de familiares directos, parece ser um projecto descentrado das motivações que hoje os movem: ela num forte envolvimento na carreira que ainda permanece com diversas frentes abertas, entre a docência e a investigação, o exercício da jurisdição e o notariado; ele libertado das responsabilidades precoces de apoio à mãe viúva e aos seus três irmãos, todos mais jovens, vive agora uma fase de aprofundamento e experimentação de sociabilidades e convívios amicais, antes mais constrangidos.

> Casámos porquê? Pronto, ele pediu-me em casamento. Éramos até para já ter casado, mas depois eu tinha a tese para entregar, e depois é o que eu digo, quer dizer, não havia pressa, e ainda não havia as condições propícias para tomarmos uma decisão. Eu na altura achava que quando me casasse tudo tinha que estar definido, só que entretanto isto deu muitas voltas. E não vamos estar sempre a protelar até tudo estar concretizado. (…) Digamos que já namorávamos há muito tempo, aliás, já éramos para ter casado o ano passado mas

> depois adiámos para este ano. E um pouco também porque depois uma pessoa começa a ouvir murmurinhos e comentários 'então quando é que casam?', falam e começam a chatear.

Vânia reconhece que as experiências de residência individual que ambos experimentam durante a semana de trabalho, muito embora tenham aspectos positivos, como por exemplo, a oportunidade acrescida de consolidação dos projectos individuais de cada um ou a possibilidade de uma gestão libertada do próprio quotidiano, poderão vir a dificultar uma vida permanentemente em co-residência:

> … a pessoa habitua-se a não ter que contar com o outro na gestão dos tempos quotidianos, chego a casa, se está arrumada ou desarrumada não importa a ninguém, se estou cansada ou sem ânimo, depois de um dia de trabalho, não tenho que estar a dar satisfações a ninguém, sento-me no sofá, deito-me e pronto. Nada disto funciona assim quando estamos com a outra pessoa. E ele agora sozinho na nossa casa também faz o que quer, por exemplo, agora anda a investir imenso no ginásio, vai ao ginásio quatro vezes por semana, chega a casa quer ouvir a música que gosta, pode fazê-lo sem o receio de incomodar, se quer estar com os amigos ou com a família, vai ter com eles ou convida-os para irem lá a casa, se quer estar sozinho, está, são decisões que pode tomar sem ter que dar explicações. Eu às vezes a brincar dizia-lhe que não deveria ter autorizado esta antecipação, dele ir para a nossa casa antes do casamento. Mas eu gosto e compreendo que ele também goste… quer dizer, cada um tem os seus amigos, ele está com os seus amigos, eu estou com os meus, não é? Como nós só estamos ao fim-de-semana, acabamos por estar à semana com os amigos ou à sexta-feira… muitas vezes, eu chego lá, estou cansada, fico na cama a dormir, ele vai sair, isso não me causa problema nenhum, desde que não seja uma coisa sistemática… Portanto, é diferente, mas o problema é que uma pessoa vai-se habituando.

Acresce que, depois do casamento, à medida que o tempo passa e que as mudanças não surgem, começa a ver que, o facto de estarem os dois cada um na sua cidade, afinal não é assim um grande problema, até porque "Leiria está a um passo e temos sempre o telemóvel": por dia ela telefona-lhe a caminho do trabalho e na hora do almoço, e ele telefona à noite; pelo meio há ainda outros tantos telefonemas que troca tanto com a irmã – a sua "maior amiga e confidente" – como com a mãe.

> Aqui há uns anos sim, achava isso impossível mas aprendi a relativizar as coisas, e pelo menos ao fim-de-semana, quando estamos juntos, estamos mesmo um com o outro, sabemos que aquele é o nosso tempo**.**

Mas não tem sido assim "nos últimos tempos". "O Mauro já se queixa". Primeiro foi a preparação do casamento, "a quantidade de coisas que houve que tratar". Depois as famílias de ambos fazem muita questão que vão lá a casa comer, e assim praticamente só estão juntos sozinhos à noite e ao pequeno-almoço, as refeições de almoço e jantar acabam por fazê-las de forma rotativa nas casas das famílias de um ou de outro. Normalmente, a Vânia, chega a sexta-feira, acabam as aulas na faculdade e parte logo de seguida ou então passa primeiro pelo ginásio, e faz a aula que termina pelas 22:00h. Domingo, depois de almoço é preparar o regresso, pois tem aulas na segunda logo de manhã. "Portanto, o tempo passa a correr".

Mesmo em Lisboa, no plano profissional, nas suas palavras, atravessa agora um "período *sui generis*", porque está a fazer um estágio de notariado, que acumula com as aulas na faculdade de direito e ainda com as aulas à noite numa privada.

Este seu envolvimento profissional em múltiplas actividades é um factor adicional para "raramente" estar sozinha em casa: nunca chega antes das 10h ou 11h da noite (as aulas na privada à terça-feira terminam às 23:30h; nas segundas, quartas e sextas tem o *body* no ginásio até às 22:00h). Mas no seu discurso o estágio é o principal factor de destabilização do quotidiano. Estará concluído dentro de três meses, e portanto, nessa altura espera regressar ao seu lugar no Supremo Tribunal Administrativo, onde trabalha, em acumulação de funções com a actividade de docência, como adjunta do presidente: "e aí é mais calminho, já não saio tão tarde…". Quando iniciou o estágio de notariado, tinha como projecto seguir carreira nessa área, mas entretanto algumas evoluções legislativas parecem pôr um travão também nesse seu projecto:

> Eu pensava que este ano definia a minha vida, mas não. O governo anda a pregar-me muitas partidas. Agora quer desformalizar os registos e com isso o notariado deixa de ser uma perspectiva de futuro. Mas pronto, eu quando me pus a fazer o curso de notariado também não sabia… E portanto, é também por isso que eu ainda não sei muito bem o que

> me espera no futuro. Só com a faculdade não dá mesmo para viver, não tenho hipóteses, só se o meu marido ganhar muito bem… Mas também a faculdade, eu gosto muito, mas não me completa totalmente... teria que articular com a investigação. Na tese trabalhei sobre os regimes de casamento, mas não sei se quero seguir por aí.

A ideia da Vânia é convencer o marido a vir para Lisboa mas esta indefinição que se alastra também ao seu próprio projecto profissional é mais um factor de constrangimento para a estabilização de uma vida em comum:

> Eu queria que o Mauro viesse para cá, mas também não faz sentido ele vir enquanto eu não me decidir sobre o que quero fazer na vida… Se eu abrir um cartório notarial posso eu escolher o edifício, num sítio onde tenha também, potencialmente, maior clientela. E depois dá para comprar uma casa relativamente conjugada com essa escolha… Por isso não faz sentido estar a precipitar, temos que ir com calma. Eu também não quero pressionar muito. Às tantas as coisas podem não ser nada como a gente quer. E por isso o casamento não… por enquanto não vai mudar nada.

A aspiração de concretização do projecto de construção de "uma nova verdadeira família" na cidade de Lisboa passa, também, pelo Mauro abandonar o emprego em Leiria, onde goza de uma situação estável e que lhe permite uma boa gestão com outras actividades que gosta de desenvolver.

> Ele é auditor numa sociedade de auditores oficiais. Está lá, tirou lá o curso, continua lá, veio cá para fazer o curso de formação na Ordem dos Oficiais de Contas, mas trabalha lá… Em termos profissionais, ele lá, aquilo é uma sociedade, são sempre as mesmas empresas e são raros os clientes novos que aparecem (…) E ele acaba por entrar um bocado na rotina e às tantas já anda também desmotivado. E eu aí fico toda contente: 'ainda bem é assim vais para Lisboa e é diferente'. E é verdade, uma sociedade aqui em Lisboa é um mundo completamente à parte… é outra experiência e são outros desafios: vindo para cá, para uma grande auditora, se for preciso todas as semanas ele vai estar envolvido e tem que trabalhar um novo processo... a vidinha das 9 às 5 que ele lá pode ter acaba-se de vez, provavelmente vai mesmo ter que trabalhar fins-de-semana e isso tudo… São outros desafios, não é? Mas a decisão tem que ser dele, eu não quero pressionar, a opção tem que ser ele a tomá-la… Eu no plano profissional sempre entendi que devemos experimentar, devemos ter os nossos próprios projectos, até para um dia não olhar para trás e não dizer não fiz isto ou não fiz aquilo por tua culpa.

Vir para Lisboa significa ainda, entre outras coisas, procurar uma nova casa, com acesso rápido a transportes públicos, com boas infraestruturas de infantários para os filhos que pensam vir a ter e, se possível, próxima do local de trabalho de ambos.

> Eu sempre achei que a cidade de Lisboa é uma cidade muito bonita. Mas pronto, tem uma coisa má que é os preços das casas altíssimos, e se a pessoa não tiver dinheiro não tem qualidade de vida. É preciso ter uma casa que tenha um infantário para os miúdos, que tenha bons acessos, para depois também não se perder duas horas no trânsito. Isso, principalmente para quem não está habituado, é muito importante. Por exemplo, o Mauro se chegar cá e tiver que estar duas horas numa fila para chegar ao trabalho dá-lhe uma coisa má, não é? Ele em Leiria trabalha a cinco minutos a pé de casa. E portanto, isso é um aspecto importante, não vale a pena estar a comprar para depois estar outra vez a vender.

A casa onde a Vânia actualmente reside foi comprada por ela e pela irmã (leia-se pelos pais) quando ambas vieram estudar para a capital. Está localizada em Telheiras, na parte nova, junto ao Carrefour (actual Continente), próxima de uma bairro de realojamento social, o que, no seu entender, a torna pouco atractiva para um futuro com filhos. Além disso, faz questão de envolver o marido, reconhece que é fundamental "para o cativar" que ele participe na construção do projecto comum. Conta actualmente como seus aliados alguns amigos do marido que entretanto também se mudaram para Lisboa:

> muitos dos amigos dele estão a vir para Lisboa, foi aqui que encontraram trabalho, e isso é mais um grande factor motivador para que a decisão dele pese sobre a capital...

Ela própria no meio da ambivalência e fragmentação que envolve os vários projectos profissionais e, sobretudo, da divisão clara que marca a sua vida, acaba por não estar muito disponível para o convívio fora do circuito dos colegas de trabalho ou do ginásio, no caso de Lisboa, e da família, em Leiria.

> É aquela coisa da sexta-feira, depois de uma semana de trabalho, o fazer as malas, a viagem, cansa sempre qualquer coisa, dá sempre um certo desgaste, e chego lá só quero é descansar, não me apetece sair…

Fazer carreira e envolver-se em novos desafios

O Alexandre, hoje com 35 anos, é provavelmente o mais cosmopolita dos sujeitos incluídos neste estudo, simultaneamente pelas suas origens étnicas e culturais, pela sua biografia e experiências de vida e, igualmente, pelas projecções que o orientam no presente e no futuro, muito focadas no planeamento da sua carreira profissional no mercado global. A sua actividade profissional numa ONG internacional onde tem por função "construir pontes" de solidariedade entre doadores (especialmente países europeus e da América do Norte) e receptores (sobretudo nos países do Sul e Oriente), na luta contra a pobreza e promoção do desenvolvimento, confere uma consistência duradoura a esta sua faceta de "homem do mundo".

> Tenho consciência que o meu currículo vale muito no mercado global e que, se eu quiser ir embora, não vou ter problemas para encontrar outro desafio que me envolva. O ter sido jornalista durante muitos anos e ter trabalhado no oriente, de dominar perfeitamente a língua inglesa e ter um doutoramento defendido numa universidade inglesa de grande prestígio internacional são tudo trunfos a meu favor. Mas por enquanto, não tenciono sair de Lisboa.

Orientou-se neste caminho mal concluiu a licenciatura em comunicação social pela Universidade Nova de Lisboa: desde então tem vivido literalmente sempre em movimento nas várias e complexas valências que, por exemplo, John Urry destaca no seu trabalho (Urry, 2002a, 2002b). Mal terminou o 1.º ciclo do superior, quis seguir os estudos no estrangeiro. Na altura já colaborava em jornais há dois ou três anos e tinha, portanto, alguma autonomia financeira. Mas queria prosseguir o seu próprio percurso independente, fora da casa dos pais. Foi então viver para a Coreia, país onde fez o seu mestrado. Aqui residiu em "dormitórios" e partilhava o quarto com outra pessoa. Nos dois anos que duraram este ciclo de formação ia nas férias para casa de uns tios, em Macau – a sua terra de origem –, onde, na fase seguinte, acabou por permanecer outros dois anos, trabalhando como jornalista.

> Em Macau, fui viver numa casa dos meus tios, era um apartamento totalmente independente, só para mim, embora depois eu beneficiasse de todas as facilidades e

> mordomias da vida em família. Mas era muito autónomo, como tinha um andar só para mim, acabava por viver muito sozinho. Tinha uma privacidade que nunca tinha experimentado sequer na casa dos meus pais cá em Lisboa.

Segue de Macau para Londres com o objectivo (que acabou por realizar) de fazer o doutoramento numa "universidade de prestígio internacional". Aqui viveu seis anos, sempre em partilha de casa com alguém. Nesta cidade, terá vivenciado uma das etapas mais marcantes da sua vida, e que hoje lhe serve de tabela para avaliar em que medida está ou não a concretizar o "estilo de vida" que pretenderia quando regressou a Portugal. É apenas no nosso país, depois de terminada uma relação homossexual que se prolongou por quatro anos, que "pela primeira vez" começa, de facto, a viver sozinho.

Consegui o seu contacto através de uma colega do programa de doutoramento, sua amiga ainda dos tempos de liceu, e actualmente uma das poucas pessoas que o próprio referencia como fazendo parte do círculo mais íntimo de quatro ou cinco "amigos com «A» grande". A entrevista não foi em sua casa, essa foi uma condição que me impôs à partida, e que aceitei. Foi também difícil de marcar por vicissitudes várias ligadas com viagens de última hora que teve de fazer pelo trabalho. Além disso, esteve doente e chegou mesmo a ficar hospitalizado. Marcámos num final de tarde, na Confeitaria Nacional. Fomos para a área de *self-service*, onde apenas umas das mesas estava ocupada. Enquanto nos instalávamos foi-me perguntando do que constava a entrevista, e pareceu-me defensivo, queria saber se iria abordar "assuntos mais privados". Procurei descansá-lo, dizendo-lhe que basicamente falaríamos do que ele entendesse ser pertinente chamar para a conversa. Expliquei ainda que "o meu tema pretende tratar o crescimento do *viver só* nas sociedades ocidentais, e procura através desse olhar repensar a mudança social e as dinâmicas associadas à emergência de novos estilos de vida". Penso que se fixou nesta orientação ao longo de toda a nossa conversa.

Diz-me que desde que chegou a Lisboa já mudou de casa duas vezes e que brevemente irá mudar-se novamente, mas não tem "qualquer motivação, nem hoje, nem no futuro, para voltar partilhar a casa com alguém". Nesta altura, morava ainda em Alfama, bem no coração da cidade. Uma localização que considera essencial para

garantir o seu estilo de vida: não tem carro por opção, prefere deslocar-se a pé e nas distâncias mais longas tem a facilidade dos transportes públicos.

> Eu em termos do que procuro numa casa, no viver sozinho, é estar à vontade, ter liberdade de movimentos sem ter que dar satisfações a ninguém. (…) E para mim é muito importante viver no centro. Eu vivi durante muitos anos ali na zona do Estádio da Luz, em Benfica, embora ainda seja Lisboa, nunca mais me fascinou esse tipo de contexto de residência, até porque, enquanto vivi lá fora, vivi sempre em zonas do centro da cidade. E portanto habituei-me a estar em zonas onde havia tudo, onde posso fazer tudo ou a pé ou porque tenho a facilidade de utilizar transportes públicos. Eu não tenho carro, não quero, não preciso, até porque realmente tenho um enorme prazer em andar de transportes públicos, especialmente o metro – e em Lisboa, nesse aspecto acho que até houve uma grande melhoria, há muito mais facilidades para quem opta pelo transporte público.

Além disso mora muito próximo do seu local de trabalho, são cerca de 15 minutos a pé. Consegue desta forma, também, "libertar tempo" para se dedicar mais ao trabalho: "porque se sair tarde do meu escritório rapidamente estou em casa, não é preciso fazer umas grandes viagens". Vai mudar-se brevemente, nomeadamente porque a casa onde reside agora é muito pequena.

> É uma casa de dois andares, só que tem apenas 50m2. Tem uma sala, tem uma cozinha estilo americana, tipo *kitchenette*, uma casa de banho pequena, isto tudo cá em baixo. Depois subimos a escada e tem o quarto que é estilo umas águas furtadas, com o tecto inclinado. É engraçado porque já a minha primeira casa quando voltei para Portugal, também em Alfama… tinha o mesmo conceito arquitectónico. Esta nova, para onde vou agora, fica ainda mais perto do meu local de trabalho.

No seguimento confronta a experiência do viver sozinho com as vivências anteriores, enquanto estudante, de partilha da casa. Em primeiro lugar enfatiza a questão económica, porque partilhar a casa com alguém sai sempre muito mais barato. Ainda assim, quando regressou a Portugal sentia-se "cansado, farto de viver com outras pessoas, e estava disposto a pagar um bocado mais para poder ir viver sozinho". Aqui refere que pouco mais de 1/3 dos seus rendimentos mensais são para a renda da casa, que considera elevadíssima, especialmente tendo em conta o espaço em que reside. Reconhece ainda que na transição para o viver sozinho "se perde muito em termos

sociais…". A tolerância face aos comportamentos e pequenos hábitos de terceiros tende a desaparecer, e mesmo já não se sente disponível para "perder tempo" em conversas de convívio ou de mera circunstância.

> Por exemplo, eu enquanto estudante, enquanto eu vivi com outras pessoas, enquanto vivi com amigos, havia sempre uma tolerância em termos de comportamentos, havia sempre momentos de conversa na casa. Agora que eu vivo sozinho a ideia é: emprego, casa, sentar-me no sofá, ver televisão, ler… Portanto, é uma coisa muito mais voltada para o interior e muito menos sociável.

Assume que estas orientações, no seu caso, se acentuam ainda mais porque é muito ligado ao seu trabalho: "sou um *workaholic* convicto, não há dúvida que sou… trabalho muitas horas, muitas horas mesmo e gosto daquilo que estou a fazer." Quando está no trabalho vive "intensamente tudo aquilo", e quando sai, normalmente entre as 8h e as 9h da noite, às vezes se for preciso até mais tarde, já está tão cansado que, de facto, já não está disponível para manter uma conversa, pois isso é o que faz durante todo o dia, e só lhe apetece "chegar a casa e não ter que falar com ninguém…".

> Eu às vezes tenho cá amigos estrangeiros, eles estão aí e eu ainda tenho que lhes dar o apoio de anfitrião, depois de sair do trabalho, e isso custa-me. Não é que eu não goste que eles venham cá, agrada-me ter cá amigos, eu sei que isto é um bocado uma contradição, mas…

Apesar disto, uma das questões que mais lhe agrada na (futura) casa nova é o facto de ter um pequeno jardim e a eventualidade de "em ocasiões especiais", finalmente, poder receber um ou outro amigo, o que até à data, desde que chegou a Portugal já há dois anos, nunca quis fazer, porque as duas casas por onde passou, a anterior e actual, eram de facto muito pequeninas. Nesta orientação as relações com o espaço de alojamento tendem a integrar um conjunto de qualidades que potencialmente reposicionam o Alexandre no perfil tipo de relações com o viver só como uma "apresentação de si".

> A casa só vai ter um quarto, que aliás é mais pequeno do que o que eu tenho agora, tem apenas espaço para uma cama. Mas tem um escritório, tem uma sala enorme e tem uma coisa que eu sempre quis ter em Lisboa, que é um jardim, tem uma casa de banho boa, maior do que a que eu tenho agora, uma cozinha boa, independente da sala, onde eu vou

> poder cozinhar, gosto muito de cozinhar e, sobretudo, gosto muito da ideia de poder dar jantares lá em casa, de poder estar lá em casa com as pessoas, que é uma coisa que desde que vim para Portugal, em 2004, deixei de poder fazer. Gosto de, em momentos especiais, fazer isso.

Será ainda uma casa alugada, primeiro porque não quer contribuir para a "especulação financeira" que envolve o mercado imobiliário. Depois considera "injusto" um sistema de empréstimo que leva as pessoas a pagarem o mesmo bem duas e três vezes. Finalmente, sublinha que é igualmente "uma questão de estilo de vida"…

> estar a comprar uma casa nem que fosse nessa situação, através do crédito, ficaria como que acorrentado a um bem, e eu não quero estar acorrentado a nada. Gosto de me sentir livre e de não ter qualquer compromisso material com alguma coisa.

E insiste: a sua "principal aposta na vida", o elemento que o orienta nas decisões e nas escolhas que como adulto tem vindo a assumir é a sua carreira profissional. Refere que com o que ganha teria facilmente acesso a um empréstimo a 100%, mas não se colocou sequer essa hipótese. Sublinha ainda que o seu ordenado sendo elevado para o padrão português, "está bastante acima da média nacional", mas no contexto internacional, sobretudo considerando o seu perfil curricular, não está muito bem pago. Não obstante, enquanto conseguir manter o seu estilo de vida, não tem razões para querer sair.

> Até porque mais do que o dinheiro, motiva-me bastante a ideia de *fazer carreira*, de percorrer um caminho com desafios sempre mais estimulantes. Seria incapaz de continuar aqui no dia em que sentisse esmorecer a motivação, o envolvimento e investimento pessoal que me liga ao meu trabalho. É sobretudo neste sentido que me auto-denomino de *workaholic*, porque enquanto for assim, este envolvimento irá sobrepor-se a tudo, mesmo à compensação financeira que ele envolve. (ênfases do entrevistado)

Em casa por decisão reflexivamente assumida não tem Internet – "é uma espécie de auto-limitação que me imponho, porque sei de antemão que depois seria muito difícil resistir". Mas, regra geral, se está em casa de manhã tem sempre o rádio, gosta de ouvir música tipo *funk* ou *soul* e normalmente deixa estar a tocar enquanto se prepara, até sair; à noite é sobretudo a televisão, acompanha "de forma distraída" as novelas, pois só tem os quatro canais e à hora a que chega já não apanha as notícias. Mas, simultaneamente,

tem sempre qualquer coisa que está a ler: primeiro o jornal [traz consigo o Público e o Diário Económico] e depois nem que seja alguma revista…

> Eu tenho assim uma espécie de vício. Acho que é mesmo um vício, que é aquela necessidade de ter sempre qualquer coisa na mão para ler, nem que seja uma revista daquelas cor-de-rosa, qualquer coisa, o importante é ir lendo e manter-me entretido… Isso da música também, por acaso é curioso nunca tinha pensado nisso, mas é verdade, e não sei porquê.

De resto, gosta muito de Lisboa, apesar de algum atraso que ainda observa nas mentalidades e nos valores. E sente que a cidade, a sociedade portuguesa em geral, está a mudar muito rapidamente, o que se traduz em melhorias muito significativas na qualidade de vida que potencialmente se oferece a quem cá vive: por exemplo a nível da rede de transportes públicos e também numa crescente oferta de novos serviços já dirigidos para pessoas que, como ele, optam por viver sozinhas.

> Lisboa *não é* uma cidade cosmopolita, muito pelo contrário, é quanto a mim bastante provinciana. Mas tem uma série de pormenores que tornam muito agradável a vida para quem cá vive, é uma cidade com um espírito muito especial (…). O problema maior são talvez as pessoas, não quero parecer elitista… mas acho que as pessoas aqui têm uma visão muito limitada do mundo, e regem-se por valores que em muitos dos países ocidentais estão já largamente ultrapassados. (…). Mas mesmo isto está a mudar muito rapidamente…. (ênfases do entrevistado)

Descreve-se como uma pessoa bastante discreta e de hábitos muito simples. Não aprecia o ambiente de bares e ainda menos de discotecas. Preferindo locais onde possa estar sozinho a ler o seu livro ou simplesmente, se estiver com algum amigo, com condições para estar num convívio calmo, em conversa. A este propósito enfatiza uma das vertentes da mudança que atravessa a cidade, em grande medida "impulsionadas por pessoas que vieram de fora: estrangeiros ou mesmo portugueses que viveram num outro país", e que são os novos espaços de lazer…

> Por exemplo, começam a surgir agora novos conceitos de espaço de sociabilidade e de lazer, tipo cafés com sofás, ao lado uma mesa com todos os jornais que a pessoa pode ler livremente, tendo como fundo uma música ambiente calma. São espaços que eu posso

> frequentar mesmo estando sozinho e onde me sinto relaxado e confortável. Frequento ocasionalmente dois cafés, um aqui na baixa outro em Alfama, que são assim e que são já uma resposta para pessoas que têm um estilo de vida como o meu, que estão sozinhas e que gostam de estar sozinhas mesmo quando estão envolvidas em actividades de lazer.

Pergunto-lhe como é a sua vida social desde que regressou e "se não tem correntes que o amarram a Portugal… por exemplo pessoas especiais". Responde imediatamente que não. Mas depois pondera. Fala na família, em especial os progenitores. O pai já é reformado, mas enquanto activo foi director de um hotel, quanto à mãe, agora que passou os 70 anos, resolveu abrir um negócio e trabalha na área de *catering*, "mas para estar entretida não por necessidades económicas". Retrata-os como "pessoas de uma geração que não sabe o que é a vida sem trabalho". Contactam entre si "ocasionalmente" durante a semana, mas invariavelmente, desde que esteja em Lisboa, procura almoçar com eles num dos dias de fim-de-semana, pois "apesar de tudo" considera "importante manter algum laço de afectividade, mas não necessariamente de intimidade". Dá-me o exemplo da experiência recente em que esteve doente. Nessa altura os pais foram as pessoas a quem recorreu imediatamente para pedir ajuda, e mesmo depois de sair do hospital foi na casa deles que permaneceu a convalescer. Mas numa situação normal prefere manter alguma distância, pois experimenta os apoios maternos, que não deseja e muito menos solicita, como uma intrusão e até tirania.

> Apesar de tudo, nessas ocasiões [de doença] não é aos amigos que vou telefonar a pedir ajuda, isso não teria qualquer sentido. (…) A minha mãe tem muito o hábito de fazer aquilo, que eu penso que todas as mães fazem, que é prepara-me caixinhas com comida, compra-me isto e aquilo e quer que eu traga quando lá vou ao fim-de-semana, chega a ser quase opressivo, tenho que trazer... Por isso também prefiro manter alguma distância.

Em casa dos pais encontra ainda o único irmão, mais velho e muito diferente de si, com quem não tem grande proximidade: "ele nunca teve qualquer experiência no estrangeiro nem pretende vir a ter, ainda vive em casa dos meus pais".

De resto, conta na cidade com quatro ou cinco pessoas, "amigos mais íntimos", com quem fala ou passa "muito tempo" num convívio não comprometido, mas mais intimista, no sentido da partilha de confidências. Normalmente encontra-se com estes

amigos durante a semana, regra geral no período de almoço. Mas não gosta de os misturar, gosta de estar com um de cada vez, "detesta" mesmo a ideia das sociabilidades de grupo, e só admite participar em algum jantar se forem realmente ocasiões muito especiais. Quanto aos fins-de-semana, é mesmo para estar sozinho, à parte o almoço de família. Desliga o telemóvel e fica incontactável. Nessa altura aproveita para ir ao cinema, e sobretudo para se isolar…

> Porque tenho sempre coisas que eu quero ler e quero estar à vontade… e portanto no fim-de-semana acabo por me isolar um bocado. Fico em casa ou, às vezes, como a casa é realmente muito pequena, vou para um desses cafés ou aproveito e vou também ao cinema… mas isso é mais pontual.

Desde que regressou para Lisboa, desde que vive sozinho adquiriu o hábito de "fazer *imenso* desporto… tudo desportos individuais, não gosto do desporto em equipa". Faz natação na piscina municipal e corre todos os dias ao longo da linha do Tejo, depois vem para casa e faz uns exercícios de alongamento…

Peço-lhe que me esclareça como organiza "um dia típico", um pouco para perceber como se enquadram estas várias actividades na intensa mobilização que dirige para a sua actividade profissional. Explica que quando entrou para a ONG estabeleceu logo um contrato que não o obrigasse a horários rígidos e que lhe permitisse trabalhar com grande autonomia e flexibilidade. Mas com isso acaba também por não se impor limites nas horas de saída. Assim, normalmente estende o dia de trabalho pelo menos até às oito ou nove da noite, e se for preciso, se estiver a meio de um projecto, já aconteceu mais do que uma vez passar lá a noite toda. Depois compensa com as manhãs, que normalmente "são relaxantes": é o arrumar correspondência, definir prioridades, planear o dia. E entra relativamente tarde, sempre por volta das 10h30, já depois da sessão de treino e de ter estado em casa a tomar o pequeno-almoço.

No trabalho está o dia todo em frente ao computador e faz inúmeros telefonemas. Gosta de falar nas outras línguas que também domina, e também porque muitas dessas relações não são meras relações profissionais, são igualmente "amizades" úteis, que vai procurando reactivar e "manter vivas", num calculismo controlado que

procura precaver o dia em que venha a decidir ir embora: nessa altura "poderei ter que contar com qualquer um deles".

> Depois faço questão de falar, de ouvir a voz das pessoas, é uma questão emocional, também, produz outro conforto, mandar um mail não é a mesma coisa.

Alguns destes amigos reencontra pelo menos nas viagens de férias, que faz sempre sozinho. Está agora a planear ir a Macau, a Londres e a Nova Iorque, que não conhece ainda. Pensa ficar uma semana em cada sítio. Mas a ideia, não é propriamente "fazer turismo" é mais aproveitar o facto de estarem lá os amigos para "poder conviver como se nunca de lá tivesse saído". Isto procurando reviver "experiências únicas" de confronto de culturas.

> Não gosto nada daqueles esquemas tipo roteiro turístico com visita obrigatória a este ou àquele museu, não gosto. Gosto de passar e de estar em cada sítio como se nunca de lá tivesse saído. (…) Em Londres, por exemplo, tive algumas experiências únicas, de estar num determinado espaço e sermos todos estrangeiros, cada um com a sua cultura, num convívio que não se repete em mais nenhum lugar do mundo.

Ocasionalmente o seu trabalho também lhe favorece este tipo de experiências. Está agora a organizar uma convenção que conta com a participação de delegações de representantes de todos os países doadores. Será o ponto alto de um projecto que está a preparar já há vários meses.

Nas projecções sobre o futuro, mantém sempre em aberto a possibilidade de transitar para outro país. Mesmo no contexto da ONG, talvez gostasse de experimentar envolver-se no trabalho directo com as populações. Mas isso por agora não se coloca, pois a actividade que desenvolve mantém-se como um grande desafio, "e enquanto assim for não penso mudar, sinto-me realizado profissionalmente".

Na sua vida amorosa, no confronto com duas experiências de conjugalidade que falharam e com uma vontade assumida de não voltar a partilhar o mesmo espaço de alojamento com outra pessoa, manifesta o receio relativamente a um futuro em que permanecerá "sozinho".

> Ás vezes, e isso é um receio que tenho, às vezes penso se o meu futuro é acabar sozinho, será que nunca vou encontrar ninguém? Mas mesmo que encontre, a minha ideia é não voltar a partilhar a mesma casa, é eu manter o meu espaço e a outra pessoa ter o seu próprio espaço, em princípio não estou disponível para voltar a viver no mesmo espaço, na mesma casa com outra pessoa.

A libertação inesperada

A Margarida, com 72 anos, é uma prima em quarto grau. Encontramo-nos uma vez por ano nas festas de família, onde se reúnem mais de 100 pessoas vindas de todo o país. Ela foi uma das grandes promotoras desses convívios. A imagem que tinha dela era a de uma senhora muito bem disposta e com condições de vida de algum desafogo. Isto muito embora conversas cruzadas a descrevessem a ela e ao marido – o "capitão" – como pessoas "muito tacanhas" com uma vida sempre muito caseira e modesta. Conheço melhor as duas filhas, pois amiúde frequentam a minha casa: são ambas casadas e com filhos de idades próximas dos meus; uma é professora de filosofia no ensino secundário, a outra é uma médica psiquiatra, muito conceituada, que acumula o trabalho num hospital público com as consultas numa clínica.

Marcámos a entrevista a meio da semana, logo a seguir ao almoço. Já não nos víamos há meses, e pareceu-me com muito boa presença. Confirmou depois que nessa manhã tinha estado a fazer uma limpeza de pele, e de caminho aproveitou para fazer também uma massagem, pois tem andado com uma dor incomodativa num dos braços. Nunca tinha entrado em sua casa. É um apartamento T2 de divisões modestas, decorado num estilo clássico, que não espelha totalmente a energia com que conduz, lá fora, a sua vida. A televisão num canto da sala é de um modelo já ultrapassado, os cortinados são pesados e impõem-se no ambiente já por si com pouca luz. Nesta divisão relativamente despida não há retratos, estes dispõem-se sobre um móvel de apoio no hall da casa que serve de ligação entre as várias divisões. No final da entrevista faz questão de me mostrar todos os espaços, e de caminho enuncia as mudanças, para si muito significativas, que ali foi fazendo, sempre na perspectiva de "cortar com o passado",

mas num sentido muito pragmático ou instrumental: a casa serve-lhe essencialmente como apoio de uma "independência que conquistou depois da viuvez", e que não pretende largar mão, nem hoje, nem no futuro.

A Margarida, hoje com 72 anos, enviuvou há 20 anos de um capitão do exército. Enquanto adulta nunca exerceu uma actividade remunerada, vivendo sempre muito subjugada pelas vontades do marido. Hoje, graças ao "usufruto" dos rendimentos auferidos por conta de dois prédios na Amadora que o sogro adquiriu como investimento para salvaguarda da própria reforma, com o "consentimento das duas filhas", segue uma vida "libertada" investida na concretização de todos os projectos que, primeiro o pai – um coronel do exército –, depois o marido, nunca a deixaram realizar. Vive ainda na mesma casa em que fez a vida de casada. Mas de então para cá praticamente tudo mudou:

> Vivo nesta casa há quase 40 anos, já estou habituada aqui a Benfica. O andar agora já é meu, antes pagava rendas. E portanto é aqui que quero estar e quero ficar. Quando o meu marido morreu, a primeira coisa que fiz foi mudar o quarto todo, dei-o para uns ciganos ali na frente, disse-lhes 'vão lá buscar a mobília' e dei tudo. A casa de jantar já tinha mudado tudo ainda antes de ele morrer e estes sofás entretanto já são outros. Ele teve oito dias sem lá comer, tal era a maneira de ser dele… Na cozinha a mesma coisa, dei tudo: o fogão, o frigorífico. E entretanto equipei-a, também, com todas as tecnologias, o micro-ondas, essas coisas assim essenciais, hoje tenho tudo, só o quarto delas [das filhas] é que está na mesma.

Esta mudança nos móveis e equipamentos domésticos marcam toda a viragem que desde então incutiu na sua vida. Se até à viuvez a casa era de facto o centro do seu mundo, ao qual se confinava contra sua vontade, a partir daí a orientação que deu à sua vida passou a ser o…

> ter a vida livre… é andar a passear ir aqui e ir ali, é andar na rua o mais possível, quer faça sol, quer faça chuva. Porque me sinto como que atrofiada. Fiquei tão farta, tão farta, tão farta de ficar fechada dentro de casa – foram 27 anos – que agora quero é espairecer.

> Mesmo a manutenção e limpeza tenho uma senhora que uma vez por semana passa por cá e limpa tudo. Estando sozinha não preciso de mais… Eu agora só estou aqui porque combinei, senão já tinha ido para qualquer sítio, há sempre coisas que se podem fazer.

Como sublinha, "sempre tive um espírito muito independente". No termo do segundo nível do antigo "curso geral dos liceus" – que frequentou por exigência paterna, sem grande empenho pessoal –, manifestou a vontade de seguir enfermagem, ao que o pai se opôs, pois queria que a filha fosse professora, "uma profissão digna de uma senhora". Como se recusou, foi "castigada" e ficou em casa a "aprender a cozinhar, a bordar, aquelas coisas que uma menina devia saber fazer". Depois ainda frequentou um colégio de freiras dominicanas, em Castelo Branco, em regime de semi-internato, mas não completou a formação. Saiu do colégio aos 17 anos, e aos 18 iniciou o namoro que se prolongou por cinco anos. O então namorado, com quem veio depois a casar, nunca foi a sua casa, embora ainda fossem primos. Casaram pouco se conheciam na intimidade, e veio então viver para junto dos sogros, em Lisboa, onde foi encontrar um contexto igualmente muito desfasado das suas aspirações de independência.

> Casei para fugir ao meu pai, que também era militar e que me tinha ali muito presa e fui encontrar um marido que era muito ciumento, que me controlava muito e me atrofiava em casa, controlava-me todos os passos (…) inclusivamente até as cores dos fatos… Eu às vezes queria pôr assim uma roupa mais vistosa, vermelhos e isso assim.… nada, não me deixavam vestir nada, era tipo só coisas assim cremes, tudo coisas que não dessem nas vistas. (…) Depois o meu marido não se dava quase com ninguém. Nos fins-de-semana… ele tinha um roupão e pijamas só para os fins-de-semana caso aparecesse alguém, para manter uma boa postura e aparecer bem às pessoas… Aquilo irritava-me pois significava que não íamos a lado nenhum… vestia o pijama e só na segunda-feira, quando tomava banho é que ele se voltava a vestir novamente. E nas férias, na praia também. Não nos dávamos, e não sei porquê, porque eu agora dou-me com as amizades dele.

É apenas com a viuvez que finalmente vem a "conquistar" a desejada liberdade, passando rapidamente a concretizar as sociabilidades e as orientações para as experiências de folia e independência criativa, que antes havia sido obrigada a guardar.

> Desde que enviuvei conquistei a liberdade, foi só a partir daí que eu comecei a fazer ginástica e uma série de coisas… Entrei para a universidade da terceira idade, onde tenho

> muita gente amiga, e faço muitas viagens; desde que enviuvei já corri o mundo de uma ponta à outra. Hoje dou muito valor a esta liberdade, faço questão de ter a vida livre.

No próprio ano em que enviuvou, depois de "arrumada" a casa, fez a sua primeira viagem e desde então nunca mais parou:

> Fui logo, nesse mesmo ano… ele faleceu em Março, eu em Setembro fui à Suiça e Norte de Itália, fui com uns primos… Não faço mais porque também já me canso e segundo porque é muito dinheiro e não posso estar a esbanjar assim o dinheiro nas viagens e depois faltar para outras coisas, não é? Porque também gosto de comprar certas coisas, se vou a qualquer lado também gosto de andar vestida como deve ser… Mas há sempre coisas que se podem fazer. Só à noite é que não, à noite tenho medo e prefiro não sair, fico aqui. Eu não tenho amiga nenhuma que me diga que ainda não foi assaltada (…) Às vezes tenho pena, porque tenho amigas minhas que vão a concertos, vão a teatros e eu tenho medo não vou…

Já percorreu a Europa, foi a diversos países na América do Sul, foi ao Japão, à Tailândia… E tem programado, este ano, uma viagem de 15 dias pela América do Norte. A mobilização nestas viagens é contudo gerida de acordo com uma moral que a implica num conjunto de novos deveres sociais e obrigações para consigo e para com os seus. Antes de mais, têm sentido num ideário de libertação onde se inclui também a necessidade de se mostrar "bela, saudável, dinâmica e alegre" (Ferreira, 2008a:685), como refere ainda Vítor Sérgio Ferreira num estudo sobre o corpo e plasticidade identitária na sociedade contemporânea, com uma aparência que denota a sua capacidade de "ocultação das marcas do seu envelhecimento" e sobretudo de auto-projecção como pessoa "feliz e positiva com a vida" (idem: ibidem). Assim, nas palavras da própria Margarida, "como não pode andar o ano todo em viagem" –, quando não tem que ficar de companhia a alguns dos netos – o que às vezes também acontece, sobretudo nas férias escolares – de manhã ou vai ao *solinka* (o ginásio) ou vai ao cabeleireiro ou faz uma massagem, e depois combina e almoça com alguma amiga ou com uma das filhas, nunca come em casa, nessa refeição, a meio do dia. À tarde ou tem as aulas ou senão vai às compras ou arranja "qualquer coisa". Depois em começando a escurecer regressa para vir jantar, faz uma refeição ligeira, à base de iogurtes, frutas,

umas tostas… e entretém-se com a televisão ou com algum livro que esteja a ler… Nesta altura está a ler *Os Maias*. No próximo ano pretende inscrever-se em português, na "universidade", é uma amiga de infância que ali veio a reencontrar quem está a dar essa disciplina, já sabe que este livro de Eça de Queirós é leitura obrigatória e quer fazer "boa figura". De resto, à conta da "universidade" faz também diversas viagens pelo país, e sobretudo, para além das aprendizagens, faz ali "muito convívio".

> Fazemos muitas viagens com eles. Ainda agora… eu a última que fiz foi na outra semana, fui a Aveiro, tive lá dois dias. Vi a Ria, fui à fábrica de louça da Vista Alegre, ver como se fazia a louça, estivemos a passear e fica em conta, vamos de camioneta, aquilo é aquele «x» e pronto. Ia um professor também connosco, depois levou-nos a visitar um ou outro monumento para distinguir os estilos, se é estilo manuelino ou outro qualquer. Eu antes olhava para aquilo como *boi para palácio* e agora não, já consigo distinguir, já sei dizer se é gótico, se é isto ou aquilo…

Na enorme teia de relações "conviviais", de "auxílio" e "companheirismo" que a envolvem, os laços mais significativos são ainda os que a prendem às filhas, genros e netos. Especialmente a filha mais nova, não passa um dia sem lhe telefonar, e é frequente almoçarem as duas. Quanto aos netos acompanha-os sempre que as filhas lhe pedem, mas tem com eles uma relação pouco flexível: "todos os quatro já me sentiram o peso da mão". Nessas alturas em que está de *baby sitting* prefere deslocar-se para a casa deles, pois se vêm para a sua "deixam tudo às avessas e desarrumado", por mais que os tente controlar. Conta ainda no círculo de intimidade com duas ou três amigas de infância, ainda de Castelo Branco, com quem contacta amiúde e que reencontra pelo menos uma vez de três em três anos, na altura das festas do liceu, na "Romagem de Saudade".

Desde que enviuvou já rejeitou dois pretendentes. A experiência anterior de casamento no confronto com a liberdade inesperada que a viuvez lhe veio a proporcionar, conduziu-a nesta posição. Até porque "se aceitasse seria apenas pela companhia". Ainda assim, reconhece que no início da viuvez custou-lhe conviver com a solidão, mas foi-se habituando, e casando corria o risco de novamente perder a sua

autonomia. Em espelho, constrói o cenário mais indesejado comparando a experiência que observa na relação de um casal de primos, com quem costuma almoçar num dos dias de fim-de-semana:

> Eu vejo o meu primo com 80 [anos] que é um aborrecido que eu sei lá, é um horror aquele homem, oh pá! Credo, que horror! Mas também ela, a mulher, coitada, só tem uma reforma muito pequenina, de uma coisa que trabalhou lá em África, e ele é que tem realmente mesmo bens e tudo. De maneira que… não gastam um tostão mal gasto, não vão a parte nenhuma, não fazem nada… Olha se me calhava o mesmo?! E ficava a aturar agora um bobocas qualquer!

Nas projecções de futuro a sua principal preocupação prende-se com a eventualidade de perda de autonomia, por força da própria velhice. Antecipando-se ao que considera ser "um destino mais que provável – a não ser que morra antes" –, já "negociou" com as duas filhas o que pretende que lhe façam. O seu desejo é ficar em casa com uma empregada interna e nas férias desta vai para a aldeia, onde tem uma casa toda remodelada e conta também com o apoio de serviços.

> Eu já sou sócia de um lar por causa disso, porque um dia que eu veja que não tenho forças meto uma pessoa que durma comigo aqui em casa, mas empregada, não quero cá amizades. Tenho aí um quarto, se eu quiser ir à rua vai comigo, se eu quiser ir almoçar fora vai comigo, se eu quiser ir ao cinema vai comigo, pronto, faz-me o serviço todo em casa e faz-me companhia. Depois quando for o mês de férias dela vai-me pôr lá à aldeia e eu lá tenho pessoas que me façam o serviço…

Assegurar a companhia de uma serviçal, remunerada para o efeito, na sua própria casa – onde hoje procura estar o menos possível – consubstancia o desejo de não se ver novamente encerrada numa rotina submissa, que nas suas representações marca a vida dos idosos que ingressam em lares. Nesse futuro, que ainda não vê próximo, ficar em casa será uma garantia para a extensão da autonomia conquistada na viuvez, representa a recusa de se ver novamente "exilada da vida" (Pais, 2006:143 e seguintes).

Sozinho para continuar na busca do saber

Faço parte da família do Júlio há mais de 10 anos. É pois um caso "especial" também desse ponto de vista. As conversas a propósito do meu doutoramento foram várias, com a particularidade de não terem sido gravadas, por opção pessoal. Perdem-se umas coisas, ganham-se outras. Neste caso, ganhei a possibilidade de assim poder entrar e sair sempre que entendesse e, sobretudo, sempre que a minha atenção e o meu tempo estivessem disponíveis para o atender, pois a partir do momento em que entro não chego a colocar qualquer pergunta, mal posso falar sequer, valendo-me para um até breve não constrangedor o facto de ele ter uma vida cheia de afazeres.

O Júlio, actualmente com 83 anos, viúvo há pouco mais de um quarto de século, com cinco filhos – apenas um casado – e três netos, viveu grande parte da sua vida de reformado numa casa alugada que partilhava com duas filhas. A propósito de tudo e de nada, as discussões com estas infernizavam-lhe o dia-a-dia, de tal maneira que, desde há dois anos, resolveu mudar-se para um apartamento autónomo que adquiriu como investimento há uns anos atrás, localizado a cerda de 10 minutos da casa que deixou – cuja renda continua a ser ele a pagar.

> Esta casa representa uma espécie de libertação, depois de anos e anos de convívio e partilha de um espaço com as minhas filhas, cujos interesses e preocupações são naturalmente bastante diferentes dos meus. Elas embirravam sobretudo com os livros. Ora os livros para mim são tudo… A minha casa é o meu santuário. É o sítio onde posso hibernar nas minhas leituras sem o receio de ser incomodado ou de incomodar alguém. Sento-me naquela mesa e esqueço-me de tudo enquanto leio. (…) O único ruído que me ensombra neste isolamento, que eu procuro, acontece apenas, por vezes, à noite, quando alguns grupos de jovens abandonam o centro comercial cá perto de casa, na hora de fecho, e passam em grande cantoria e confusão. Nessa altura às vezes, mais do que incomodado, sinto mesmo algum receio, os ruídos são violentíssimos... [registos retirados do "diário de campo"].

A casa do Júlio dá, pois, ares de grande azáfama intelectual, com livros, dezenas de livros, empilhados pelos cantos, para além de outros tantos espalhados no sofá, em cima da mesa e por todos os móveis que por ali se encontram. É um apartamento T2, talvez

com uns 20 anos. Muito bem localizado do ponto de vista do acesso a transportes públicos, junto a uma estação de metro e a três minutos a pé do Colombo. Um dos quartos serve actualmente de arrecadação. O quarto de dormir é amplo, com cerca de 14m^2, ao centro a cama ainda por fazer, e um armário a todo o cumprimento numa das paredes. Espreito o frigorífico e vejo algumas caixas com comida já pronta, leite, manteiga e fruta, no lava-loiça acumula-se uma pilha de louça suja. Na sala, com cerca de 20m^2, há roupa espalhada um pouco ao acaso, fico sem saber se está suja ou lavada. A mesa de trabalho ocupa um espaço central parece-me caótica, numa mistura de livros e papéis... Fico com ideia que está a tentar escrever alguma coisa.

Esta sua incapacidade para lidar com a gestão do espaço doméstico desespera os filhos, e foi de facto um motivo central na conflitualidade que enfrentou quando partilhavam a mesma casa. Constitui também um entrave para a contratação de uma empregada doméstica, pois vão uma duas vezes e logo desistem: até porque ele não as deixa tocar nos livros e papéis.

No seu testemunho a morte acaba por ser um tema recorrente, mesmo que de forma nem sempre explícita. Isto, não obstante ser um homem fascinado pela vida, com uma agenda de actividades diárias que o tornam incontactável grande parte do tempo, já que utiliza o telemóvel apenas quando está em casa, como se de um telefone fixo se tratasse. A sua maior paixão são os livros: lê compulsivamente. Presentemente, sobretudo questões de ética, assim como ensaios de caracterização das sociedades actuais, de autores portugueses e estrangeiros (entre muitos outros, Tourraine, Giddens). Para lá das leituras, vai com frequência a museus, bibliotecas, exposições, concertos musicais, cinema… frequenta o ginásio cerca de três vezes por semana e é um activo participante nas reuniões do Partido Comunista Português, de que é militante. Amante do futebol, em particular, adepto ferrenho do clube da Águia, sofre a angústia de ver o *seu* Benfica em maus lençóis, e também apoiado no conhecimento pericial do médico que o acompanha, reconhece-se incapaz de acompanhar um jogo, com receio de no rubro das emoções o coração lhe falhar:

> O meu médico agora não recomenda que eu acompanhe os jogos, desde que fui operado ao coração, acha que suscitam emoções muito fortes para mim.

A mudança de casa teve lugar num período particularmente difícil no plano da sua vida pessoal. A companheira – médica dentista, cerca de cinco anos mais nova – com quem mantinha uma relação LAT há cerca de 15 anos, piorou, de forma significativa, as suas condições de saúde. A casa desta na Foz do Douro era um refúgio, e constituía uma oportunidade para distensão de tensões quotidianas resultantes nomeadamente do convívio com as filhas. Pelo que, normalmente, semana-sim/semana-não, ia para lá passar uns dias, garantindo assim, também, a possibilidade de frequentar toda a vida cultural que tinha lugar na cidade do Porto. Nessa altura, o Júlio que recentemente havia sido operado ao coração, espaçou as visitas à invicta, o que contribuiu para que as tensões com as filhas atingissem o rubro.

Numa das nossas múltiplas conversas, confidenciou-me estar "arrependido de não ter assumido uma relação de forte paixão com uma senhora" que conheceu poucos anos após a morte da sua mulher. Relação não assumida, alegadamente, no receio de que nunca fosse aceite pelos seus filhos. Entretanto a vida seguiu e acabou por cruzar-se com a Maria, numa viagem ao Brasil. Os filhos de ambos colocaram algumas reticências na ligação, igualmente por questões de reserva de património familiar, mas com a continuidade – e acautelados os interesses das partes no que respeita aos bens financeiros e patrimoniais – acabaram senão por aceitar, pelo menos tolerar. Era sempre mais difícil quando os seus encontros tinham lugar em Lisboa, pois implicava renegociar os termos de relações, já por si complicadas, com as filhas, e por isso, normalmente, acabavam por manter-se no Porto, no apartamento da Maria – onde esta residia sozinha. Sendo "um espírito livre e pouco dado a compromissos demasiado rijos", nunca quis ou nunca conseguiu coabitar com a companheira, esta acabando por falecer seis meses após a mudança de casa, não chegou a visitá-lo na sua nova residência.

> Hoje o que me resta? Tenho um grande amigo, foi meu colega na empresa, engenheiro como eu, uma das pessoas mais inteligentes e com melhor fundo que eu já conheci. Esteve

> preso cinco anos, antes do 25 de Abril, ali em Peniche, devido ao seu envolvimento no partido… É um grande amigo. Vou visitá-lo e sobretudo falamos com muita regularidade, até porque ele vê com uma certa aflição esta minha vida agora, a viver sozinho numa casa, com a minha idade… Mas não gosto de ir casa dele, pois está lá a mulher. Então encontramo-nos num café ao pé da casa dele. Temos lá uma espécie de tertúlia onde conversamos sobre diversos assuntos que nos interessam… É nessa troca que ocasionalmente descubro algum autor de quem nunca tinha ouvido falar ou algum livro. Depois quando algum não aparece ficamos sempre naquela incerteza sobre o que terá acontecido… na nossa idade nunca sabemos quando será a derradeira despedida. [registos retirados do "diário de campo"].

Engenheiro reformado de uma grande empresa do sector energético aos 60 anos – dois anos antes de a mulher falecer –, é nos serviços sociais dessa empresa, nomeadamente no refeitório, onde almoça *gratuitamente* nos dias úteis, que encontra um lugar adicional de reencontros e discussões com antigos colegas de trabalho. Resulta daqui o seu interesse actual, por exemplo, sobre as questões da ética, motivados por um código que a empresa entendeu submeter a todos os seus trabalhadores e com o qual discorda profundamente, pois "apenas espelha os interesses do capital, esquecendo a ética do trabalho e a defesa do trabalhador e da sua qualidade de vida". Talvez esta ligação quotidiana com a empresa lhe confira alguma ilusão de envolvimento presente no mundo laboral. E assim, apesar de reformado há pouco mais de 20 anos, a empresa e as experiências positivas e negativas que ali viveu, ocupam pelo menos 80% das suas conversas: seja porque o tema é o código de ética, seja porque lhe dá para recordar uma experiência/ensinamento passado na elaboração de um ou outro projecto ou no relacionamento e na descoberta deste ou daquele colega/amigo/colaborador. De resto, a sua trajectória profissional cruza-se profundamente com a mobilização política no partido comunista que já então o envolvia:

> No tempo do salazarismo eu fiz-me militante do partido comunista, fui bastante prejudicado por isso, e a minha mulher nunca aceitou bem essa minha opção, tinha muito medo... Depois veio o 25 de Abril e curiosamente, na altura eu era director da empresa e, como tal, sendo director pertencia ao outro lado, e acabei por ser, digamos assim, empurrado… No Alentejo, os trabalhadores, aquela gente não confiava num comando transmontano como era eu, e assim que puderam puseram-me dali para fora. Vim para

> Lisboa com os meus filhos e a minha mulher, também porque queria estar no centro da mudança, era aqui em Lisboa que se estava a escrever a história. Mas mesmo nessa altura passaram-se coisas atrozes, aquela mentalidade fechada de muitos dirigentes não nos deixou ir mais longe. Eu na empresa, devido à minha situação de poliglota – já tinha estado dois anos em Paris, estive na Alemanha, na Suiça, em Inglaterra, na antiga União Soviética, etc. –, tinha, digamos assim, uma maior capacidade para comunicar e para compreender o fundo das questões. Não que fosse mais ou menos inteligente, mas o meu referencial de experiências era outro. Também estive aqueles anos em África, enfim, estava aberto para descobrir e conhecer novas coisas, tal como hoje assim continuo. E essa era uma coisa que nem sempre era bem aceite pelos meus colegas, nomeadamente pelos que, como eu, trabalhavam com maior autonomia e com funções de direcção e enquadramento. Felizmente fui tendo alguns protectores e fui conseguindo concretizar um ou outro projecto, alguns com algum conflito. Viam-me como alguém que constantemente punha em causa a estrutura de poder, era incómodo e isso, por vezes, acabou por cair contra mim. Foi também por isso que acabei por sair mais cedo. Fiz um acordo com a empresa e saí.

Saiu formalmente da empresa mais para poder dar continuidade a uma "necessidade de aprender o que de melhor se fazia lá fora" e depois de sair acabou por intensificar as suas viagens ao estrangeiro. De alguma forma esta ambivalência actividade/ inactividade, apoiada num espírito muito independente, nunca o abandonará até hoje, tal como sublinha:

> Uma pessoa como eu seria incapaz de cair numa inactividade absoluta. Podemos dizer que deixei de ser funcionário da empresa «x» e passei a trabalhar por minha conta.

Na altura beneficiou também de "alguns bens de família". Os filhos, por seu lado, já eram jovens, quase adultos, embora alguns ainda não tivessem concluído o curso… Naquela altura a doença da mulher fê-lo sentir uma enorme impotência perante a vida.

Actualmente, mesmo passados mais de 20 anos de abandono da empresa é esta que lhe assegura a principal fonte de rendimentos:

> Bom, eu sei que vivo muito acima da média, não é? Mas a infelicidade dos outros não pode ser a base para uma maior satisfação pessoal. A empresa ficou a dever-me a mim e a outros colegas que então também saíram uns bons milhares de contos… Hoje disponho de

> cerca de dois mil euros por mês, aparte alguns rendimentos que tenho em acções e alguns terrenos. É uma miséria se nos posicionarmos no contexto europeu!

Já nos fins-de-semana, acalmadas as relações com as filhas, almoça ao sábado em casa destas e ao domingo em casa de outro filho. Este passou a ser um ritual semanal, sobretudo depois da morte da Maria. O Bernardo (o filho casado) que soube da notícia em primeira-mão, acompanhou o pai no enterro ao Porto, tendo conhecido então a *outra família* – filhos e netos da Maria –, com quem nunca antes se tinha encontrado. Os restantes filhos que só aí reconheceram a solidão do pai, acusam-no amiúde por ter apoiado "o velho" na mudança de residência e responsabilizam-no caso aconteça algum acidente. A relação do Júlio com os filhos tem vindo a melhorar significativamente, existem mais trocas e mais apoios, e a estrutura de normas e obrigações que gere os compromissos de auxílio mútuo parece mesmo ter-se reforçado.[95] Por um lado, ele continua a assegurar o pagamento da renda da casa onde as filhas residem e está disponível para contribuir com alguma ajuda adicional para fazer frente a qualquer imprevisto; por outro lado, como não consegue assegurar sozinho a limpeza do seu alojamento, são aqueles que, de forma rotativa, acabam por lá ir, fazem-lhe as compras e garantem que tem pelo menos uma sopa pronta para comer.

> Sou transmontano, e único filho rapaz entre cinco irmãs. Nunca fui habituado às lides domésticas… há outros assuntos mais importantes a que me posso dedicar. As pessoas às vezes dão demasiada importância ao conforto e à casa, eu prefiro os meus livros, prefiro os concertos, as viagens que agora, infelizmente, já vou fazendo menos… mas tenho esperança de ainda ir ao Vietname, não gostava de morrer antes de lá ir.

Ao domingo em casa de um dos filhos aproveita o facto de este não pagar chamadas para a rede fixa, para realizar todos os telefonemas pendentes seja para familiares, seja

[95] Este traço de reforço dos laços familiares replica conclusões também assinaladas por Jim Ogg (2003:181 e seguintes) embora apenas nos protagonismos de autonomia residencial mais associados a formas familiares convencionais. No estudo deste autor a possibilidade de "libertação" pode contudo trazer igualmente uma diluição desses laços, nomeadamente quando o/a idoso/a opta por reconstruir as suas relações, inclusive no plano amoroso, sem salvaguardar a manutenção de compromissos-obrigações desde logo de capital/herança estabelecidos com os seus descendentes. Ou seja, de forma mais ampla, a manutenção de uma estrutura normativa de trocas de auxílio mútuo entre gerações continua a ser uma componente importante na forma como estes sujeitos percepcionam e concretizam as suas relações, e por essa via, as condições de integração e participação na sociedade.

para amigos, alguns dos quais não vê já há muitos anos. Neste convívio, não raras vezes, pede a um dos netos que lhe faça pesquisa na Internet sobre um qualquer livro ou autor que anda a explorar, afirmando-se "incansavelmente fascinado com a oportunidade que o computador e, em particular, a Internet representam num acesso flexível e muito alargado a conhecimentos e informações".

6.3 Espelho

Neste tipo-ideal o *viver só* representa a afirmação identitária da escolha de um "modo de vida solitário", como tal assumido pelos sujeitos.

Nestes protagonismos "ter uma casa" significa, no essencial, ter um refúgio ou uma "base", onde mais facilmente se conseguem gerir as pressões suscitadas nas interacções quotidianas. O retorno a casa sustenta pois, antes de mais, a possibilidade de regresso a si, numa autocontemplação da experiência e consagração da imagem do *self*, que o próprio constrói e reconstrói, numa espécie de narcisismo elitista, por vezes materializado em referências expostas no próprio apartamento: por exemplo, no caso do Guilherme cujo retrato adiante é traçado, as fotos e os ícones que testemunham a "riqueza" de uma vida em viagem pelo mundo.

A casa é um espaço reservado de intimidade, regra geral, não partilhado com o outro ou com partilhas muito segmentadas e condicionadas. É também um espaço diferenciado, sobretudo ligado a componentes lúdicas, de lazer e de privacidade solitária, sendo residual o seu uso para o desenvolvimento de projectos profissionais. Também aqui é notável a preferência – frequentemente concretizada – para a residência nas zonas históricas e nos bairros novos, mas em apartamentos tipologia T1 – um quarto e uma sala –, que adquiriram, ou não, em função da percepção que têm do peso simbólico do "compromisso de crédito" inerente à aquisição.

Os sujeitos que vivenciam este "ser solitário" – no sentido mais aproximado da definição do dicionário (cf. ACL, 2001:3448)[96] têm idades localizadas entre os 40 e 65 anos, são frequentemente oriundos de "famílias numerosas" (com três e mais irmãos), e enquanto adultos passaram por experiências diferenciadas no plano familiar e conjugal. No aspecto profissional, apresentam um perfil qualificado, por vezes reforçado nas suas competências técnicas e periciais pela experiência acumulada em trajectórias já relativamente prolongadas. Os seus posicionamentos sociais de classe estão concentrados nos profissionais técnicos e de enquadramento, numa conjugação que, nuns casos, reflecte a posse de recursos educacionais de alto grau de especialização e qualificação, e noutros, o estatuto adquirido por via dessa experiência.

Neste perfil a acção para o viver só, embora por vezes tenha como origem um acontecimento do ciclo de vida e não tanto uma escolha, depois de uma fase intermédia de "adaptação", caracterizada por uma maturidade adquirida na prática social, acaba por ser "incorporada" como um enriquecimento simbólico (Schurmans, 2003:187): como sublinhava a Conceição num trecho citado no capítulo anterior, sendo vivida como "uma conquista que a vida acabou por oferecer". Noutras experiências, nomeadamente nos perfis que adiante se desenham para ilustração, emerge essencialmente como uma "necessidade", uma urgência de preservação de um espaço reservado, que em primeira-mão mediatiza as relações do sujeito consigo mesmo.

A relevância da casa na autoconfiguração do *self* e na construção dos seus projectos de vida (Giddens, 1997), conduz a que, quando não recorrem a serviços pagos de manutenção do lar, dediquem, todas as semanas, pelo menos um dos dias do fim-de-semana para "limpezas e manutenção", num ritual muito estruturado e planeado ao qual oferecem largas horas e atenção. Desleixar a casa seria como que descuidar de um dos espaços mais relevantes do seu projecto de vida.

Neste perfil de relações com o *viver só* observa-se também alguma saliência para o que denominamos de "sociabilidades plurais", feitas de laços de "escolha-negociação"

[96] De acordo com a caracterização avançado no capitulo 2.1 da presente tese, descrito como um promotor de um quadro de vida próprio: como aquele 1. "que gosta de estar só ou viver só".

e envolvendo contextos e situações muito diversificadas. O recurso ao telemóvel ou ao "ciberespaço", em acumulação com outras sociabilidades em copresença interaccional, é aqui também encarado como uma forma de não romper laços ou de "estabelecimento de relações sociais pelas relações em si mesmas" – no sentido simmeliano do conceito de sociabilidade (Costa, 2003:121-123). A sua existência representa mais um mecanismo que permite "dar forma e consistência ao projecto reflexivo de construção do *self*" (Giddens, 1997:75 e seguintes; Velho, 2004:97-105).

Intimidade e realização pessoal

O Carlos com 42 anos, separado, um filho de 6 anos, é um personagem exuberante e cheio de charme, muito agradável e conversador. O seu contacto foi-me cedido por um amigo comum, e embora eu não o recordasse, ele afirma que chegámos a almoçar no mesmo espaço uma ou outra vez. Na altura ele dava aulas em medicina dentária, muito perto do ISCTE. Pareceu-me desejoso de falar sobre a sua experiência. Por vezes ouvindo-o tive a sensação de que conhecia as teorias do Giddens sobre a intimidade e a relação pura, nomeadamente quando descrevia a relação com a ex-mulher e as experiências de partilha que procura nas relações que estabelece actualmente. A entrevista prolongou-se perto de três horas. A certa altura fomos interrompidos por um telefonema: era a "ex-sogra", a convidá-lo para um jantar em sua casa.

Combinámos a entrevista na semana em que ele se ia mudar para a "casa nova", um T3 alugado e também em Telheiras, onde planeia ter um quarto para si, outro para o filho e um espaço de escritório. Explica-me depois que, apesar de ter "um rendimento normal", está a atravessar um período "muito complexo" em termos de envolvimento profissional e sente que há ainda algumas opções que vai ter que assumir, daí que não se veja "preparado para o compromisso de comprar uma casa". Parte significativa dos seus haveres estão pois encaixotados, prontos para a mudança. A excepção na sala é a aparelhagem sonora, que emite suavemente música jazz enquanto decore a nossa conversa – diz-me que normalmente a televisão também está ligada: "se estou em casa

estou a ouvir música e a televisão está ligada sem som...". Decidiu-se por mudar de casa sobretudo pensando no filho, que passa com ele o fim-de-semana de 15 em 15 dias, e porque neste apartamento apenas tem um quarto e uma sala, por sinal, muito pequena. Enfatiza que o filho está a crescer, e por isso "convém que ele tenha um quarto dele, *reservado*" (ênfase do próprio), quando está com o pai. Na casa nova quer garantir que mesmo nos fins-de-semana em que "partilham o mesmo espaço" consegue salvaguardar, cada vez mais para ambos, a privacidade e a intimidade que só em casa *sozinho* consegue concretizar:

> garantir que tenho um espaço onde posso ouvir a minha música, ler os meus livros, programar as aulas, planear os meus projectos...

Esta não é a primeira vez que experimenta morar sozinho. Entre os 18 e os 25 anos viveu em quartos alugados, em apartamentos que partilhava com outros estudantes. Terminou a licenciatura, começou a trabalhar na clínica e na docência e alugou um apartamento sozinho, onde viveu cerca de cinco anos. Conheceu entretanto a ex-companheira – a mãe do filho, e mantiveram uma relação ainda por alguns anos, mas cada um na sua casa:

> Éramos muito próximos, vivíamos muito a nossa relação…mas mesmo nessa altura eu nunca abdiquei de ter o meu espaço, era importante até para manter um equilíbrio pessoal.

Nos relatos em que descreve esta relação de intimidade simétrica e de compromisso negociado que, na sua narrativa, caracterizaram os laços que o uniam à ex-companheira, reconhece-se a análise de Giddens sobre a "relação pura e o stress e tensões" que a mesma implica no confronto do sujeito com o seu projecto reflexivo de construção do *self* (Giddens, 1997:171). Por acordo voluntário entre os dois, a coabitação apenas aconteceu depois da gravidez e durou cerca de dois anos. Separou-se por sua iniciativa, de forma amigável, quando o filho era ainda quase bebé. Mas mesmo depois da separação mantiveram uma "relação de amizade". Dando destaque às principais ideias de extensa conversação que construiu a este propósito, nessa relação sublinha a existência comum "dominada por uma linguagem que mais ninguém conhecia" e que

lhes permitia saírem juntos, conversarem e partilharem uma intimidade própria, assente numa amizade construída pelos dois, igualitária e mutuamente reconfortante, fundada na "partilha de experiências" e na "compreensão mútua". Entretanto, houve uma alteração porque a ex-companheira começou a ter outro relacionamento. Por iniciativa dela, deixou de ser possível manter esse espaço:

> Essa decisão que ela assumiu de forma absolutamente unilateral, sem sequer procurar comigo uma alternativa, tornou todo o nosso relacionamento artificial… As coisas passaram a ter uma regra que não existia. Hoje em dia já não... a relação passa toda pelo filho, o que me causa algum sofrimento... Custa-me imenso. São coisas que me custam, porque foi a pessoa com quem mais tempo vivi...

Não obstante, morar sozinho representa para o Carlos "a concretização de um projecto reflectido e planeado", constituindo pois uma "verdadeira opção". Como refere, apesar de a mãe do filho ser a pessoa com quem se envolveu numa relação mais longa e, seguramente, mais "íntima" e "partilhada", sentia-se "limitado, constrangido, sempre obrigado como que a negociar os silêncios e as partilhas." A partir de certa altura deu-se conta de que...

> ... vivíamos numa rotina do quotidiano que já não tinha cor nenhuma, porque o quotidiano não permitia. (...) Acho que isso foi mesmo uma das razões que me levou a querer viver sozinho novamente, e gosto muito, não tenho vontade nenhuma de mudar. (…) Talvez haja mais liberdade de movimentos, mais margem para assumir opções e consegue-se fazer mais coisas. Claro que depois tem alguns pontos que não são tão favoráveis: sozinhos não podemos, por exemplo, repartir tarefas, temos que nos organizar para tratar mesmo daquelas coisas que são menos satisfatórias mas que também têm que ser feitas, aquelas tarefas de que ninguém gosta, aborrecidas, como tratar da roupa, limpar a casa ou chamar alguém para limpar, mandar a roupa para passar, etc. Tenho ideia de que quando se vive sozinho se acaba por gastar mais dinheiro … há coisas que não se está para fazer, há coisas que se começa a não ter tempo para fazer o que rapidamente nos leva a contratar serviços.

Recorda que em diferentes fases da sua vida, na família, nas escolas, na faculdade..., apesar de fazer parte dos vários grupos, sempre se sentiu como que alheado: "sempre muito só. Um pouco aquela expressão algo estranha que se usa: 'sozinho no meio da

multidão'". Isto muito embora afirme que está longe de se sentir "isolado do mundo, sem amigos ou família, muito pelo contrário…". Gosta de estar com os outros de partilhar com eles algumas "facetas invisíveis" para quem não o conhece na intimidade. E insiste em demarcar a sua condição:

> Na verdade eu *não vivo sozinho*, tenho é um tempo e um espaço reservados só para mim. (…) Há momentos que passo o fim-de-semana num programa com uma amiga, há outros que prefiro ficar sozinho em casa e estou bastante bem: ouço imensa música, leio o que é de ler, vou à net, faço aquelas coisas todas e sinto-me bem. (ênfases do entrevistado)

Para o Carlos, a casa – o espaço de alojamento – representa pois, por excelência, o "espaço da intimidade" e, manifestamente, não está disponível para o compartilhar com outra pessoa. Nas relações amorosas que estabelece actualmente admite a possibilidade de um compromisso, mas impõe explicitamente como limite a não coabitação:

> As minhas relações agora são todas assim, e noto que não é muito aceitável… O problema é que quando se está com outra pessoa as coisas alteram mesmo. Eu o fim-de-semana passado tive cá uma pessoa, há bocado queria ir buscar uma caneca e já não encontrava no sítio estava mudado (risos). É logo, é logo alterado, mas... mas isto às vezes pode parecer que é uma incapacidade viver com o outro, dividir as coisas com o outro, mas eu não creio que seja, não creio, porque, eu acho que tem mais a ver com um desejo muito grande, com uma vontade interior de, por vezes, estar sozinho. Tanto que quando vivia com a mãe do meu filho havia momentos que eu saia, ia para o Porto, ia para o Algarve... Saía durante um fim-de-semana, durante uns dias para estar sozinho...

Alguns destes comportamentos e orientações poderiam ser equacionados como expressões do egoísmo e hedonismo individualistas, de recusa do compromisso e o assumir de responsabilidades, de que nos fala, por exemplo, Zygmunt Bauman (2000, 2001). Só que esta leitura não se coaduna inteiramente com o comprometimento e envolvimento de partilha e intimidade que assume em alguns elos significativos – com o filho, o pai e os irmãos (com quem se junta nos almoços de Domingo, especialmente quando tem o filho consigo) e também alguns "bons" amigos. Do mesmo modo que não nos permite reconhecer o tipo de ética e de orientações que pautam a sua mobilização, igualmente muito intensa, com o trabalho.

Num discurso que reflecte um conhecimento de si muito pensado e estruturado dá-nos conta de sistemas de disposições que incorporam as experiências relativamente segmentadas que viveu com os dois progenitores. Experiências que hoje transporta consigo e que, numa mediação reflexivamente assumida, servem de ponte nas relações que estabelece consigo e com os seus contextos.

Nascido em Angola, veio para Portugal depois do 25 de Abril. O pai, profissional de seguros, chegou a ser director geral da Seguradora Nacional; actualmente é empresário; a mãe só começou a trabalhar depois do divórcio em actividades administrativas, no sector público. Ambos têm formação de nível secundário. Tem ao todo quatro irmãos, todos solteiros, ainda em casa da família de origem, três dos quais meios-irmãos, fruto de relações que o pai teve entretanto. Só um dos irmãos – o mais novo e o único que o toma como o seu modelo de vida "por um equívoco, pois pensa que eu sou rico, faço o que quero e sou uma espécie de *playboy*" – é que concluiu uma formação de nível superior, esteve três anos em Inglaterra e regressou há pouco tempo. Os pais divorciaram-se na sua infância e ficou a viver com a mãe e um dos irmãos na casa dos avós maternos, onde residiam outros tios e primos.

> Eu vivi sempre com ela (com a mãe). Mas de facto a partir de uma determinada altura tínhamos sempre pontos de conflito, era mesmo em quase tudo. A nossa relação toda a vida assentou essencialmente numa grande entrega dela na nossa formação (minha e do meu irmão), ela investiu de facto tudo para que eu me formasse, mas nunca investiu na afectividade, no encontro de ideias, no encontro de opiniões. E acho que ela me transmitiu alguns aspectos negativos, que hoje inclusive se reflectem na minha personalidade, são aqueles aspectos de alguma intransigência, que por vezes eu tento limar, mas tem muito a ver com a forma de estar dela. A minha mãe é muito rígida: as coisas são assim, é assim, tem que ser, não há grande flexibilidade. E hoje eu dou por mim a ser um bocado assim também. A relação mesmo forte é com o meu pai, quase que quando um começa uma frase o outro acaba, o que aliás à minha mãe causa alguma perturbação, de vez em quando lá vai dizendo: «Em quase tudo és como o teu pai!». Portanto, tudo o que tem a ver com as coisas que eu mais gosto tem influência do meu pai. Do meu pai e da minha avó paterna: foi com eles que eu comecei a ir aos teatros infantis, ao cinema e não sei que mais, é deles também que veio a grande influência relativamente aos livros. O meu pai é que me começou a mostrar os livros e aquelas coisas, as próprias relações humanas. Ele dava-me

> um livro a ler e depois picava-me, perguntava-me o que é que eu tinha achado, qual tinha sido a personagem que eu mais tinha gostado e porquê…E isso é também o que eu faço hoje embora numa outra dimensão com os meus amigos, nos blogs ou nos chats e nas nossas saídas.

Para além da família, conta com uma rede alargada e diversificada de relacionamentos sociais, amigos que foi conhecendo em diversos círculos: "alguns até na Internet, naqueles grupos". Com alguns reconhece ter uma "relação muito estreita", construída através da "partilha de intimidades" e de "compromissos", que apenas os directamente envolvidos estão aptos para controlar. Enfim, relações que também podemos enquadrar no tipo que Liz Spencer e Ray Pahl (2006:42), na sua proposta de tipificação das formas de amizade nas sociedades contemporâneas, classificam como de "compromisso forte" e escolha/reconversão dos laços de amizade numa nova "família de adopção". Envolvendo, simultaneamente, todas as formas de relações que estes autores localizam nas "sociabilidades complexas" (Idem:60): o "companheirismo", o "conforto", a troca de "confidências" e ocasionalmente, configurando mesmo relações entre "almas gémeas". Através destes laços redescobre em espelho as suas próprias opções de vida e confirma a bondade das decisões de autonomia que tem vindo a assumir:

> Eu tenho alguns amigos *grandes amigos*. Alguns deles vivem sozinhos, outros estão casados. É engraçado pois a maior parte destes estão aquilo a que se chama «mal casados», porque estão a manter a relação que já acabou e dizem que eu tenho uma grande coragem por viver como eu vivo. Eu acho que eles é que têm coragem. É preciso ter muita coragem para viver como vivem quando só se tem uma vida (risos). Também há uns que vivem sozinhos e alguns deles vivem sozinhos e com grandes dificuldades materiais, outros com grandes dificuldades de inserção, depois tenho outros que vivem com os pais... Tenho um amigo que é homossexual, vive com os pais, e não assume perante os pais e aquilo é complexo; tenho um outro que vive sozinho e sente dificuldades em viver sozinho, porque tem medo da solidão, as relações não lhe resultam como ele gostaria que resultassem e portanto vive sozinho porque não encontra ninguém. Depois tenho outro que se refugia na escrita, um que escreve muito, publica muito... Ele vive com a família, tem filhos, mas há coisas que ele escreve que só eu é que realmente sei o que aquilo quer dizer, e temos uma relação extraordinária – é um dos que eu conheci naqueles grupos da Internet, nem vive cá,

> vive em Faro. É uma das pessoas que agora me vai enviar uma tese, sobre cinema e filosofia para eu ler e comentar... (ênfases do entrevistado)

Com estes amigos "partilha" laços afectivos que se entrosam no aprofundamento de relações interpessoais acentuadamente cognitivas: construídas através da trocas de opiniões/comentários sobre "a experiência" vivida no confronto com diversos meios de expressão e comunicação que partilham entre si: a literatura, a música, os filmes. Conta-me que, não raras vezes, aproveita as viagens que faz semanalmente entre o Minho e Lisboa para "pôr em dia" muitas dessas "partilhas" e, por diversas ocasiões, já chegou a "queimar" uma viagem inteira em telefonemas, onde discute com os amigos algum material que aqueles lhe deram a ler ou um filme que cada qual viu sozinho ou uma música. Mas para além destes aspectos, faz questão de notar que "partilham" igualmente as "coisas más", inclusive "um ou outro" desses amigos chegou a ser seu fiador:

> Houve um período com esta separação que eu assumi, em que as finanças ficaram um bocado em baixo, pois tive que resolver compromissos e foi difícil... Nessa altura valeu-me de facto um ou outro amigo. Acho que é bom poder contar com isso, dá-nos algum conforto e segurança.

A par destas relações que se configuram em amizades complexas e comprometidas, onde as relações presenciais se reforçam e intensificam muito apoiadas nas possibilidades oferecidas seja pela Internet, seja pelo telemóvel, conta ainda com "outros amigos propriamente da folia". Entre estes destaca em especial um "colega amigo amigo" que denomina como o seu "desencaminhador", com quem mantém uma relação já longa. Tem acompanhado alguns dos episódios da sua vida …

> está sempre envolvido numa série de contradições, ele a mulher, o casamento e as outras relações, é difícil... Era meu colega aqui em medicina dentária e foi ele que me desafiou a aceitar o projecto, a deixar tudo e ir lá para o Minho...

Apesar do "forte envolvimento" e "intimidade" que reconhece ter tanto na família com o pai e os irmãos, como nestes vários círculos de amigos, observa que nem uns nem outros põem sequer a possibilidade de ir a sua casa e desenvolver, também nesse espaço, algum convívio. Reflectindo sobre as razões, nunca conversadas abertamente,

refere uma espécie de acordo tácito: todos sabem a importância que a casa representa para si, é o seu espaço. Depois, especialmente no caso dos irmãos, há aquele medo, talvez, de o encontrarem lá com uma companhia. Portanto, com excepção do filho e das «amigas especiais» que de vez em quando ali acolhe, aquele é de facto "o espaço da intimidade", onde gosta de estar sozinho.

A casa é assim, assumidamente, um espaço que configura a forma como se relaciona com o mundo, um espaço desejado mas que, em todo o caso, vive de forma cada vez mais intermitente, já que no plano profissional, embora com residência fixa em Telheiras (Lisboa), está actualmente vinculado como professor numa universidade do norte do país, mantendo simultaneamente a actividade de higienista oral numa clínica em Cascais.

> Todas a semanas vou trabalhar para o norte e volto na quarta-feira. Há pessoas – algumas até mais novas do que eu – que acham que seriam incapazes de fazer a minha vida, acham que é uma capacidade, porque para elas seria um cansaço; e depois continuar à quinta-feira na clínica e fazer coisas ainda diferentes, e prolongar até sábado, porque muitas vezes trabalho ao sábado (…). Nesta altura, trabalho em média umas 55h/60h por semana – e depois nunca parar e continuar… A verdade é que não sou capaz de virar as costas a um novo projecto e a um novo desafio. E as aulas lá em cima são mesmo um novo projecto, estou a participar na construção de raiz de uma nova licenciatura, e isso é realmente muito estimulante... a clínica é uma salvaguarda, não é? Depois algumas daquelas pessoas já as acompanho há muitos anos... é difícil.

Vive, pois, num constante movimento pendular repartindo a semana entre três cidades – num esforço que sustenta como desafio pessoal na procura de conciliação dos seus dois maiores projectos: no trabalho a preparação pedagógica dos alunos e a organização que hoje o mobiliza de criação de uma nova licenciatura; na vida pessoal, conseguir estar a acompanhar o filho:

> conversar com ele e ter a capacidade de o perceber... Ter com ele uma relação como a que eu próprio tenho com o meu pai ou melhor ainda, acho que é só isso.

Acaba por ser este comprometimento, que o liga na formação e acompanhamento do próprio filho, num projecto de paternidade, o principal motivo de trânsito Norte-Sul.

Mas move-o, igualmente, a energia, a curiosidade e a disponibilidade para "viver a vida". Numa avaliação global do seu percurso, na comparação com outras experiências, por vezes difusas, que emergem do seu conhecimento sobre a diversidade de contextos que pautam a "sociedade de risco" moderna (Beck 2004), enfatiza o gozo e o prazer que envolve a sua própria experiência:

> Eu gosto muito de viver… não gosto da vida em geral, mas gosto muito da *minha* vida. Perturba-me que em meu redor ainda não esteja garantido para toda a gente um nível mínimo de subsistência, percebes? (…) Acho que o Homem não cumpre em relação aos direitos da humanidade, não se preocupa com o meio ambiente e estraga tudo de forma casual, não aproveitando o que tem à sua volta. Olha, eu tento fazer o contrário. E gosto é da minha vida. Eu determinei, digamos, como objectivo que tudo que faça será no sentido de ter prazer e de ter o máximo prazer, mesmo que não atinja um sucesso aos olhos dos outros... E sinceramente, mesmo em relação ao trabalho, penso que não é tanto o facto de estar sozinho que me move num envolvimento maior – embora, claro, se estivesse com outra pessoa dificilmente teria aceite este desafio. No trabalho e na vida pessoal neste momento parar para mim é impensável parar, tenho que estar sempre à procura de coisas e à procura.... (ênfase do entrevistado)

Pensar no futuro suscita-lhe, ainda assim, sentimentos de ansiedade e impotência, receios latentes que não concentra na experiência pessoal, mas sim naquela que um dia será a vivência do seu próprio filho. O seu maior medo é que este não venha a conseguir "alimentar essa energia interior para fazer, e para acreditar que se pode fazer". Por exemplo, diz-me que recentemente a criança tem vindo a manifestar que gostaria de estudar piano, "porque acha muita piada e porque experimentou e disseram-lhe que até tem jeito." O pai numa espécie de antecipação do futuro, angustia-se com a possibilidade de o filho, uma vez confrontado com os desafios e com as exigências que o estudo lhe vai impor, venha a manifestar uma impreparação para responder em conformidade. Até porque observa frequentemente esse tipo de incapacidades, que muitas vezes conduzem as pessoas a desistir, nos seus próprios alunos. E, de alguma forma, se o filho falhar, ele próprio como pai também falhou…

A minha casa é o mundo

Conheço o Guilherme há uns bons anos, somos próximos não sendo íntimos, no sentido em que não partilhamos preocupações e experiências pessoais e não nos obrigamos mutuamente em laços de compromisso, mas temos uma relação de confiança suficientemente sólida para o poder incluir sem constrangimentos de parte a parte nesta pesquisa. O período que estivemos mais em contacto permanente um com o outro foi numa viagem de 30 dias que fizemos em grupo de quatro à China, em Dezembro de 1993. Fora isso, encontramo-nos em ocasiões especiais – normalmente aniversários – talvez quatro a cinco vezes por ano.

Actualmente com 55 anos, o Guilherme mantém-se fiel à sua condição de "solteiro" (com experiências passadas de conjugalidade não formal em coabitação), embora tenha amiúde relações que classifica de "fisiológicas" ou como fazendo parte da "natureza humana", com parceiras fortuitas do sexo oposto. Homem com um físico desportivo, com uma condição de vida favorável, acima do padrão médio nacional, é disputado nomeadamente por colegas do serviço, que têm conhecimento da sua situação de celibatário e descomprometido. Recordo uma ocasião em que chegou mesmo a adquirir uma aliança de ouro para despistar algumas investidas, por ele não desejadas, que uma jovem simpática, com laços de amizade comuns, lhe andava a fazer. Nessa altura, e uma vez que não podia evitar em absoluto o confronto com a rapariga, optou por adquirir um aliança, que de facto a fez desistir.

> Eu não sou nenhum alienado… sou um homem sempre em movimento, não gosto de estar condicionado ou de estar comprometido com este ou com aquele. "Compromisso" é uma palavra que eu também não gosto muito. Isto às vezes às mulheres faz-lhes uma certa confusão. Vêem-me a mim, sempre de um lado para o outro e às vezes começam assim com ideias…

A sua casa está localizada num bairro de cooperativa na freguesia de Massamá (concelho de Sintra) num empreendimento muito próximo da estação de comboios e das principais vias de acesso a Lisboa. Reside aí já há mais de 20 anos, e nunca quis mudar-

se (apesar das insistências de familiares que não vêem com bons olhos o ambiente social naquela zona). Neste momento já tem a casa paga, o condomínio tem um valor residual e identifica-se com o tipo de população que ali reside: como ele "gente do povo". Como adiante se assinala, esta identificação ou apresentação de si – que consolida no estilo de roupa que normalmente opta por vestir (sempre de calças de ganga e camisa de sarja ou flanela, não importa o contexto) –, como que actualiza a sua experiência, em trânsito pela Europa, de trabalho e sobretudo aventura, no início da vida adulta. Mas contradiz claramente não apenas as suas origens sociais de algum favorecimento (nos profissionais técnicos e de enquadramento), como ainda os seus próprios posicionamentos sociais de classe e orientações de consumo, muito estruturadas pela procura de uma "cultura distintiva" (Bourdieu, 1979). De alguma forma, esta aparente contradição constitui a sua marca pessoal: nunca estar integrado senão de forma parcial e temporária, sem compromisso. Nomeadamente no bom tempo, gosta de ir correr na mata da freguesia e fazer exercícios ao ar livre no parque urbano Quinta das Flores. Depois a facilidade de transportes, especialmente o comboio, possibilitam-lhe uma forma flexível de mobilidade. Não tem carro – "um dos símbolos do capitalismo moderno" – mas utiliza amplamente, sempre que o tempo o permite, a bicicleta, e não raras vezes, desloca-se para Lisboa por esse meio, já tendo apanhado alguns sustos: "as pessoas não respeitam, sentem-se os reis do volante, já por uma ou duas vezes que quase fui abalroado".

Oriundo de uma família de cinco irmãos, onde apenas um contraiu casamento e tem filhos, o seu *viver só* não destoa e é por todos bem aceite. Corresponde a uma imagem de irreverente e não comprometido que toda a vida o acompanhou, e que a certa altura da juventude, num período imediatamente anterior à morte da mãe, o conduziu numa aventura de alguns anos por países da Europa central e do norte, onde trabalhou sobretudo no sector da construção civil:

> Fui para a Alemanha e trabalhei lá dois anos, trabalhava como estivador e empilhador (…) fazia de tudo um pouco. Depois ainda estive na Holanda, numa fábrica de tintas, estive lá pouco mais de sete meses. Depois fui para a Noruega, trabalhei numa câmara, andava

> naqueles carros a deitar sal para a estrada, aquilo naqueles países neva muito e quem faz esses trabalhos não são eles, somos nós os imigrantes. Ao todo estive fora cerca de seis anos, *legalmente*. (…) Na altura não vivia propriamente sozinho, fui tendo companheiras. Na Alemanha tive várias, na Noruega tive uma, na Holanda é que não... mas o tempo propriamente sozinho não era muito, eu também estava na força da vida, era mais novo e precisava de descarregar aquela energia toda, digamos assim. Essa da Noruega conheci aqui em Lagos, estive lá a fazer um trabalho e conheci-a e acabei por ir com ela. Eu era novo, procurava a aventura, *queria viver*, eu tinha aí 19 ou 20 anos quando fui, era o mais novo que lá andava, e queria viver, ter novas experiências. Eu fui sempre o terrorista da família, fui sempre o mais independente. (ênfases do entrevistado)

Quando regressou a Portugal rapidamente arranjou trabalho, através de uma "ajudinha" do pai, como ele um homem que sempre apreciou as viagens – engenheiro de sistemas eléctricos na eléctrica nacional. Começou como condutor-maquinista. Meia dúzia de anos mais tarde, quando fazia a admissão aos quadros da empresa, descobriram que tinha um problema auditivo muito grave e portanto não aceitaram que se mantivesse nos estaleiros. O seu lugar na empresa chegou mesmo a ser questionado, valeu-lhe uma vez mais a ajuda paterna e os bons conhecimentos que tinha na organização. Acabou por ingressar, contra-vontade, nos escritórios:

> A minha vocação não é estar em escritório, é mais o estaleiro, o ar livre. Mas tive que me conformar e aceitar. E enfim, hoje estou contente ou pelo menos não estou descontente. Eu hoje sou técnico de arquivo. Organizo documentação técnica e documentação histórica e documentação transitória, faço arquivo, distribuo trabalho, tudo através do computador, hoje é tudo informatizado, faço digitalização e arquivo (só se guarda em papel o que é histórico), se for preciso nem tenho que me levantar da cadeira. Trabalho numa equipa de três pessoas, com alguma autonomia, o que para mim é importante. Estou praticamente no topo da carreira técnica, faltam-me três anos para atingir o máximo. (…) E depois trabalho seis horas por dia, quer dizer, sobra-me tempo para fazer uma série de outras coisas…

Do período que passou no estrangeiro mantém algumas "marcas que demarcam" (Ferreira, 2008b), mas que hoje gostaria de alienar: são as inúmeras tatuagens espalhadas pelo corpo. É daí que lhe vem, também, uma orientação e cuidado pela vida saudável em "harmonia com a natureza", patente no tipo de hábitos alimentares que procura manter. Como sublinha na entrevista, é um "ovi-lácteo-vegetariano". Isto no

quotidiano, porque quando vai a jantares ou, especialmente, por sua iniciativa, quando está de férias num outro país, come de tudo:

> Eu aqui [no quotidiano, em Portugal], por exemplo, não como carne nem como peixe, nas férias vivo a aventura gastronómica e ponho-me no outro lado, no lugar dos povos que estou a tentar conhecer, é uma aventura mesmo… A comida faz de nós tudo o que somos, e portanto quando vou nessas férias quero experimentar como vivem os povos que visito, e isso não se descobre apenas olhando para as suas casas ou para os monumentos que existem para visitar, temos que nos colocar na pele deles, viajar com eles nos transportes, comer a mesma comida (...). A minha casa é o mundo e eu tenho que conhecer a minha casa, o meu planeta, conhecer outros povos, viver outros costumes... As férias são para viver e para experimentar a aventura...

Dos cinco irmãos, não sendo o único que vive sozinho é, de facto, o mais independente, e o único que nem sempre marca presença nos jantares e nas saídas de fim-de-semana, onde regularmente se reúnem, normalmente num grupo onde também participam quatro a cinco amigos dos tempos de juventude, sempre os mesmos, com quem passam igualmente férias. Além disso, mesmo neste contexto de sociabilidade procura ter uma postura de alguma reserva e não-alinhamento. E isto em todos os pormenores, não apenas nas intervenções em termos de conversação, como ainda na forma como se veste e apresenta. Não obstante, nas ocasiões em que tem de manter um contacto mais permanente – leia-se mais do que dois dias – mesmo neste núcleo de maior proximidade, rapidamente começa a sentir-se "descompensado e pouco confortável, como que perdido…". Não deixa contudo de aparecer. Está lá, mesmo que apenas de passagem, e como sublinha: "todos sabem o que podem esperar de mim".

Para além destas relações, onde família e amigos íntimos têm posicionamentos relativos nos laços e nas trocas que se misturam numa afectividade que, não rejeitando totalmente o compromisso, toma como limite explícito a manutenção de um espaço que é só seu, acumula ainda uma enorme diversidade de outras relações simples de tipo "associação" e "instrumental" (Spencer e Pahl, 2006:60) – envolvendo desde colegas do trabalho a companheiros do ginásio – até outras pessoas que conheceu nas inúmeras viagens que já fez pelos cinco continentes. Como referiu na entrevista, tem a

preocupação de "preservar essas relações e de não quebrar laços". Deduzo pelas suas palavras que estas "amizades" – especialmente as que construiu nas suas inúmeras viagens – são para si significativas, não tanto pelos contributos substantivos em termos de partilha e solidariedade que podem trazer para a sua vida, mas porque elas constituem um testemunho vivo da sua experiência de viajem e de confronto com o mundo, apoiando simbolicamente o carácter singular da sua biografia. Como fez questão de sublinhar na entrevista, conhece o alpinista João Garcia[97] desde os tempos em que esteve no Nepal, há mais de 20 anos. A foto que retrata essa experiência (e que vai buscar para me mostrar) constitui uma prova material ou uma "objectivação" dessa relação (Rose, 2003).

Tudo no Guilherme – o que diz, o que faz ou o que não deixa de fazer – manifesta o viver sozinho como opção. Faz tudo sozinho, não se privando de nada. Mesmo as viagens das férias anuais prefere fazê-las sozinho. Sublinha-me que ir na companhia de terceiros "acaba por constranger a abertura e disponibilidade para conhecer e descobrir…" e não quer sentir-se "obrigado a ter que conviver com este ou com aquele só por ser português…". Por isso contratualiza a viagem ora em agências muito dirigidas para um segmento com maior disponibilidade financeira, fugindo ao turismo de massa, ora recorrendo a agências estrangeiras.

> Prefiro ir mesmo sem portugueses, tipo apanhar um avião fazer escala e entrar sem conhecer ninguém, viver mesmo a aventura. Normalmente vou no máximo 20 dias, vou entre 15 a 20 dias, menos é pouco, mais torna-se muito pesado, muito cansativo. Depois chego a Portugal e fico aqui em casa dois ou três dias só a descansar, nunca vou logo trabalhar.

Tanto quanto sei, esta regra só não foi cumprida por duas ocasiões: na viagem à China, que fez num contexto de grupo de quatro pessoas, e na viagem ao Egipto, Israel e Turquia, que fez na companhia de uma irmã. De resto, dá uma enorme importância ao viajar, ao conhecer aquilo que designa como a sua "casa", "o planeta terra", o "mundo".

[97] O mais famoso montanhista nacional, o primeiro português que atingiu o cume do Monte Evereste (em Maio de 1999), sem recurso a oxigénio e sem carregadores de altitude.

Estas viagens – que começa a planear, e muitas vezes a amortizar, no mês imediatamente a seguir ao regresso da anterior – assim como, os concertos, os cinemas, teatros, revistas, livros, etc. – "a cultura", como abrevia – representam sensivelmente 70% do orçamento que tem disponível para gastar. É através destas actividades, no que lhe proporcionam de "vida de descoberta e aventura" que tem mantido um equilíbrio emocional num emprego de vertente administrativa que "anula a sua vocação de trabalho ao ar livre". O restante orçamento é sobretudo para alimentação – normalmente opta por comer fora, em restauração vegetariana, apenas tendo em casa leite, iogurtes e fruta – e é para o ginásio, que frequenta três vezes por semana. Quanto ao mais, a casa representa um valor muitíssimo residual; carro não tem, prefere o transporte público; e roupas só se for calçado a que dá muita importância, considerando que um dos seus meios de locomoção preferidos é andar a pé. Poupança também não faz. Para quê, pergunta? Nada lhe diz que as "gerações vindouras desejam que lhes ofereçamos património", o que eventualmente poderá deixar é o seu testemunho de uma vida preenchida de muitas e variadíssimas experiências. Eles provavelmente "não querem que lhes deixemos riqueza, querem vida (…) e muitas pessoas ainda não entenderam isso".

Ultimamente foi afectado por "medidas restritivas" da empresa onde trabalha, que lhe cortou o acesso livre à Internet nas instalações e limitou a carga de memória dos ficheiros do mail. Esta situação provocou-lhe alguma angústia e levou-o a adquirir, pela primeira vez, um computador e a estabelecer um contrato de ligação à Internet. É através desta que tem mantido sempre os diversos laços que tem espalhados pelo mundo.

> Agora comprei este computador... não é bem trazer trabalho, mas quando posso trago alguma coisa para investigar, para fazer mais alguma coisa para além do trabalho que faço. Para aprender mais alguma coisa, porque a informática é infinita, e no trabalho eu não consigo ver tudo… nós nem imaginamos as potencialidades daqueles programas que nós utilizamos, tipo o Word e o Excel, têm potencialidades inimagináveis (…). Eu comprei o computador para casa por causa da Internet. Porque eu tenho uma série de amigos espalhados pelo mundo, com as viagens que fiz... e quero mandar mails tipo para a

> Austrália, Espanha, Venezuela, Nova Zelândia, Canadá... eu sei lá, e no trabalho não podia. Às tantas fui chamado lá acima (administração) porque já tinha ultrapassado o meu crédito, e disseram-me que eu ia deixar de ter acesso à Internet, só teria acesso à rede da empresa, para fora nada. E foi isso que me levou a comprar este computador. Se estou em casa, durante a semana à noite depois de fazer a minha ronda venho aqui e navego um bocadinho, vejo se tenho mensagens, se está alguém ou faço pesquisas. Não sei, isto realmente é um mundo…

Em casa, um T2 constituído por sala, quarto e escritório, o novo inquilino – o computador – implicou uma reordenação do espaço, nomeadamente pela compra de uma mesa própria, pois a outra, a escrivaninha, antes como agora, é apenas utilizada como apoio à leitura e escrita. Toda a casa é uma exposição permanente das inúmeras viagens que vem fazendo já há mais de 30 anos. As paredes cobrem-se de fotos suas estrategicamente retiradas junto aos ícones, tanto de paisagens como de monumentos, que todos associamos a um determinado local – a muralha da China, o jardim de Camões em Macau, a pirâmide do Egipto; a montanha vermelha australiana, os pinguins da Patagónia, a praça imperial de Moscovo, etc., etc., e para que não restem dúvidas, sempre com ele ao centro, como prova que de facto lá esteve. Acrescem ainda as inúmeras bugigangas que representam, também elas, outros tantos ícones por onde passou, como a estátua da liberdade, a Torre Eiffel, a boneca mexicana, entre muitos outros. No escritório o *screen saver* do computador vai também projectando colecções de fotos das viagens que fez. Na escrivaninha arrumam-se as informações relativas à Jordânia, o seu próximo destino de passeio, em claro contra ciclo, considerando a pouca atractividade turística actual dos países islâmicos. Mas não põe a hipótese de desistir da viagem, já paga e planeada com todo o pormenor.

> Agora quero ir à Jordânia… já tenho o circuito mais ou menos: vou daqui vou para Barcelona, depois lá apanho um avião para Amã, a capital da Jordânia, depois lá apanho um autocarro e vou para uma aldeiazita: Petra; e depois de Petra vou fazer praia no Mar Morto, depois tenho prevista fazer uma caminhada 5km ou 6Km porque eu também já não aguento muito, também já ultrapassei a casa dos 50, já não sou tão novo. Eu antes já estive noutros países árabes, já estive no norte de África e Médio Oriente, tipo Marrocos, Tunísia, Egipto, Israel, Turquia... eu no fundo já estive nos cinco continentes…

Na casa do Guilherme tudo tem um lugar por si definido. Perturba-o profundamente que alguém chegue e lhe altere o sítio das coisas. Vale a pena olhar para dentro do frigorífico. Visitei-o num sábado, o dia em que, invariavelmente, vai às compras. O frigorífico tal como está arrumado fala-me da sua obsessão pela organização e harmonia, mesmo nos aspectos que para outros eventualmente passariam ao lado: a necessidade de alinhar de forma quase geométrica a manteiga e o queijo; depois, noutra prateleira, os 14 iogurtes, numa outra as sete maçãs, etc., nada é deixado ao acaso, tudo tem um determinado sentido que escapa a quem esteja alheio ao pormenor. Também são poucos os que lhe entram pela porta dentro:

> Para mim esta casa representa a minha base. Aqui posso meditar, posso relaxar, faço um bocado de introspecção. Normalmente aqui não recebo assim muitas pessoas, só às vezes o meu pai ou os meus irmãos e sobrinhos; também já tem vindo cá um ou outro colega meu, mas é tudo tipo visitas... Mas não para cozinhar, eu não gosto muito de cozinhar, é mais o ritual do chá, compro ali qualquer coisa na pastelaria… Porque hoje em dia também já ninguém está para perder muito tempo com grandes refeições... é tudo à base de pré-cozinhados… mesmo eu se como em casa é esse tipo de comida ou até mais simples, tipo fruta ou iogurte. O meu padrão financeiro também me permite fazer isso.

Perguntei-lhe e confirmou, nunca outra pessoa dormiu em sua casa. Justifica-se:

> Eu é raro estar muitas horas em casa, tenho sempre que fazer (…). Raramente chego antes das 10h. Ou é o ginásio ou vou ao cinema, vou ao teatro, vou a um espectáculo... quando há assim algum espectáculo posso chegar pelas duas ou três da manhã, mesmo durante a semana. Eu para mim prefiro ir durante a semana, há menos gente... Depois no fim-de-semana, sábado também é raro estar aqui em casa, a não ser à tarde. Sábado de manhã vou às compras. O domingo é que passo o dia todo em casa. De manhã faço a arrumação básica ao apartamento [que aliás hoje sábado está um brinco]. Estou aí nas limpezas até às duas ou três da tarde, e depois vou treinar, pego na bicicleta e faço 15k ou 20km. Chego aqui já ao final da tarde, tomo um banho, vou ver se a roupa está seca, apanho e arrumo e é assim…

Questionei-o se pensa no futuro. “O futuro? O futuro são as crianças, elas é que são o futuro, nós somos o presente”. É aqui que cabe a conversa sobre património, riqueza e vida, e ele optou pela última. Apenas espera que a sociedade não o condene não lhe

dando condições adequadas para a poder gozar com dignidade, aprendizagem e descoberta até ao fim. Nestes últimos tempos está a ponderar a possibilidade de pôr os papéis para a pré-reforma, aguarda apenas o tempo suficiente para "subir mais uma letra, atingir o topo":

> Porque trabalhar mais para quê? Não vale a pena, eu prefiro viver... correr, apreciar o ar, a terra... tenho uma maneira de pensar... Eu se trabalhasse para o bem comum até estaria disponível para continuar, mas normalmente na comunidade estamos a trabalhar só para o bem de alguns – não vale a pena dizer quem, tu sabes ao que me refiro – e aí acho que não vale a pena continuar. Trabalho porque tem que ser. Tenho que trabalhar para garantir um rendimento, para seguir a vida e viver, eu quero viver, não quero sobreviver... Vagabundear... É das palavras que eu mais adoro: vagabundear… é não fazer nada e fazer tudo, é viver! Vou para fora, vou ao Porto, vou a Espanha, vou à aldeia da minha mãe, venho aqui... porque tenho aqui uma base, a minha casa é a minha base.

Acabámos a entrevista veio comigo de boleia para Lisboa, veio comprar uns bilhetes para o concerto dos Rolling Stones, "praticamente já não há lugares para a relva", comenta, por isso vai ter que dar um pouco mais para assegurar o bilhete, está disposto a pagar até 100€, não mais. O concerto vai ser no Porto, vai aproveitar para tirar um fim-de-semana prolongado e passear por lá. Falámos de cinema, também, ele não perde uma estreia, recomenda-me que vá ver o filme nomeado para os Oscars, *O Segredo da Montanha*, "há malta que não gosta, mas eu gostei, está muito bom"; depois fala-me da Culturgest, que fica muito próxima de minha casa, diz que tem exposições e espectáculos muito bons, e que normalmente não perde nenhum…. É isto o centro da sua vida: "a vida, a cultura".

6.4 A casa porto de abrigo

A casa "porto de abrigo" consubstancia a necessidade intermitente de solidão, de *estar sozinho* num reencontro com um espaço significativo, pleno de histórias e memórias que possibilitam ao sujeito, no confronto com o seu passado, ali materializado, reconstruir o presente e projectar-se no futuro.

Esta forma de relação com o *viver só* tem algumas similitudes com o tipo-ideal que denominamos de "espelho". Só que neste protagonismo observa-se como que uma inversão da relação: mais do que o recolhimento e reencontro com uma intimidade cuja vivência apenas se consegue concretizar quando se está sozinho, aqui procura-se a casa para reencontrar laços significativos e experiências passadas, corporalizadas em referências inscritas no próprio espaço.

Este segmento de entrevistados tende a reforçar os traços de distinção que atravessam o conjunto aqui em análise, tanto no plano das características socioprofissionais e socioeducacionais como nas suas práticas e orientações de consumo.

Os sujeitos aqui posicionados moram sozinhos há mais de dez anos, em casas que independentemente de serem próprias ou arrendadas acolhem uma história que fala por si, e que como tal os recebe e reintegra. Apresentam um perfil etário "sénior" que se configura no padrão de vida que noutro trabalho denominámos de "velhice distintiva" (Mauritti, 2004), com traços que realçam um perfil qualificado, tanto em termos dos recursos económicos, educacionais, culturais e sociais que têm disponíveis, como nas respectivas orientações de consumo e práticas de sociabilidade. As suas redes embora bastante diversificadas consubstanciam-se, nos convívios e partilhas privadas, numa intimidade na distância, onde os laços de proximidade apesar de presentes e de serem imbuídos de complexidade têm como limite negociado uma orientação, assumida por estes sujeitos, que dá primado à salvaguarda da independência pessoal.

Ser única e igual a si mesma

Dona Aurora tem actualmente perto de 80 anos. A cara muito engelhada poderia levar-nos a atribuir-lhe uma idade ainda mais avançada, mas à parte esta característica, apresenta-se com um aspecto cuidado, numa imagem que associa elegância e descrição: magra, de cabelo arranjado, sempre de calças e casaco, mala na mão, optando preferencialmente pelos tons claros, entre o branco, o pastel e o azul. Reside sozinha

desde os trinta e poucos anos num apartamento T2, nas Avenidas Novas – contexto que considera "altamente privilegiado" e, só por si, expressão de um determinado *status quo* social. Acabei por visitá-la diversas vezes mas não fui autorizada a gravar… Justificou que ela própria, enquanto jornalista profissional entrevistou, entre muitos outros, Almada Negreiros, Agustina Bessa-Luís – em companhia de quem fez uma viagem a Israel – publicando depois os textos "apenas com base na memória", e considera ser esse o procedimento mais adequado.

> Não pense que pelo facto de tirar uns apontamentos ou de fazer um registo áudio obtém uma expressão mais fidedigna do que aquela que consegue retirar numa interacção onde para além do que ouve está atenta aos sinais e à expressão que coloco no que digo… Se quiser poderei ler depois o resumo que vai fazer destas nossas conversas. Não sei se a desiludo, se a faço perder tempo, mas é uma questão de princípio.

Bom, mas designar como «conversa» o *monólogo* absoluto que enquadrou os nossos encontros… Eu entrava e ela imediatamente começava a debitar palavras. Não tinha nem hipótese de avançar qualquer tema. As primeiras interlocuções foram assim dedicadas ao período e à experiência que considera mais marcante na sua já longa trajectória de vida: o 25 de Abril de 1974.

Licenciada pela Universidade de Letras de Lisboa, e professora de latim durante alguns anos, Dona Aurora mantém como identidade profissional dominante a actividade jornalística ou, mais precisamente, a escrita que a mesma implicou. Entre outras profissões, foi "durante muitos anos" redactora no Diário de Lisboa – onde trabalhou directamente com o meu avô Manuel Múrias, pessoa relativamente à qual "guarda grande admiração". Mas no período em referência tinha sido requisitada, e trabalhava como "secretária pessoal do senhor Ministro do Trabalho", actividade e funções que manteve, sempre no mesmo ministério, no período entre 1970-1981. Depois disso, regressou à casa-mãe, a Rádio Difusão Nacional, onde escreveu textos de sátira e crítica social. Chegou a viver maritalmente (não sei se terá casado) mas quando o companheiro – um artista – foi para os Estados Unidos, tinha ainda trinta e poucos anos, optou por ficar em Portugal. Nunca teve filhos nem tão pouco manteve qualquer outra relação

amorosa. Actualmente preenche boa parte do seu tempo dedicando-se à escrita de poemas que depois distribui como um precioso legado a pessoas amigas [eu própria tive a honra de ser brindada com um]. Dois destes poemas e respectiva autora são referidos por um blog que encontrei na net, no qual o bloguista agradece a "Dona Aurora" os poemas que lhe deu e relativamente aos quais fez a promessa de tecer algum comentário. Noutra parte importante do tempo dedica-se à "formação de jovens estudantes", cuja companhia diária assegura com pagamentos à hora, a cinco euros (ela paga, não as suas educandas). Nesta medida, contraria assim um estatuto formal de inactividade que lhe é imposto por força da sua avançada idade. Presentemente, recebe em casa duas raparigas, que assume como suas educandas. Nunca estão juntas. Oferece-lhes textos que devem transcrever e conversa com elas tudo o que lhe ocorre e considera que devem saber. Vêm sobretudo à tarde, pois de manhã gosta de se dar tempo… É a elas que dedica a conversa desenvolvida numa das tardes que me recebeu, fazendo questão de sublinhar que naquele dia não estava lá nenhuma porque além de ser feriado, tinha combinado comigo. Depois avança com o relato de algumas experiências e relações que vivenciou com as suas "jovens educandas":

> Tenho tido várias raparigas. Houve uma de Leste, que entretanto já casou, que chegou mesmo a ficar cá em casa. Dormia na minha cama… Depois de ter voltado para a terra escreveu-me já umas quantas vezes e já cá veio a Lisboa com o marido e o filho, mas não ficaram em minha casa, talvez não se sentissem à vontade, não sei, embora eu os convidasse. (...) Tive uma, muito burra, muito ignorante, a quem levei comigo numa viagem pela Europa, fomos a Paris visitar *La Bastille*, fomos à Alemanha visitar alguns campos de concentração Nazi, não fomos a todos por questões financeiras, não é? Queria que ela visse até que ponto pode ir a estupidez humana, mas mesmo assim foi incapaz de compreender, veio tão cega como foi… [Remata, ainda assim, com a sua "confiança na juventude":] não desisto de tentar ensinar as jovens, gosto muito de ensinar, vejo nisso uma espécie de missão [registos retirados do "diário de campo"].

Apesar do desafogo material que subjaz a este relato, o qual consubstancia de facto um perfil de padrão de vida que num estudo anterior designamos de "velhice distintiva" (Mauritti, 2004), Dona Aurora apresenta-se com recursos, segundo a sua expressão,

"modestos". No seu quotidiano, vai comer ao Macdonalds pelo menos uma das refeições diárias, oferecendo às crianças os brindes que de vez em quando lhe calham no *Happy Meal*. Mas denotando a distintividade de um contexto que beneficia da riqueza de referência culturais presentes na sua biografia pessoal (Paillat, 1991), nas alusões que dão conteúdo à sua experiência presente, enfatiza especialmente as possibilidades abertas pela partilha desse conhecimento acumulado, «puro» e muito seu. Possibilidades que preenchem e conferem sentido à sua presença no mundo. A sua vida, como sublinha, é "uma assembleia aberta", lê muito, sobretudo poesia, escreve muito (poemas) e recusa ver televisão ou ouvir as notícias transmitidas no rádio, pois "não deixo que pensem por mim". Tendo recursos financeiros "limitados", não se importa de pagar um pouco mais e ir tirar as fotocópias dos trabalhos que produz, e distribui por "pessoas amigas", ao Saldanha, uma vez que a qualidade da cópia é ali "muito superior". O Natal e os momentos de festa? Passa-os em casa de amigos que a convidam, regra geral, pessoas do mesmo bairro onde reside: médicos, professores, escritores, etc.

Apesar da abertura aparente e grande afabilidade com que se apresenta perante os outros, é na verdade uma pessoa extremamente reservada, muito marcada pelos acontecimentos que viveu na revolução de Abril. Desses tempos guarda uma série de hábitos que nunca mais alterou: entrar em casa e trancar imediatamente a fechadura; nunca abrir a porta a não ser que tenha um encontro previamente marcado; e sobretudo, controlar de forma quase compulsiva toda a informação que quer dar de si. A não ser as jovens cuja formação assumiu, ninguém entra em sua casa. E estou convencida que eu própria nunca teria tido qualquer possibilidade de lá entrar se não tivesse como currículo ser neta do meu avô.

O seu apartamento retrata claramente o sentido ético espartano que subtilmente conduz a sua vida. Embora sem obras recentes, apresenta-se primorosamente organizado, apenas com o essencial de conforto. As referências a uma infância materialmente folgada são o seu retrato em menina exposto na parede, uma foto dos pais ainda novos e ao lado outra foto da própria com o único irmão – entretanto já

falecido – que em novo emigrou para o Brasil, onde veio a acumular "grande fortuna". Tem dois sobrinhos brasileiros deste irmão que amiúde refere de forma algo depreciativa não terem necessidade da sua atenção, nem ela da deles: "são muito ricos e não seria esta minha modesta casa que os motivaria vir a Portugal". O pai, em contrapartida, "um homem de negócios e um *gentleman*..." recorda-o como uma pessoa muito moderna para o seu tempo: homem viajado, sempre entendeu a necessidade de garantir uma educação abrangente para ambos os filhos. Deve-se a este seu empenho o facto de, embora mulher, ter concluído uma licenciatura.

A certa altura fala-me na solidão, isto porque se recorda que o meu trabalho é sobre esse tema. Não a contrario e continua:

> … olhe, neste momento não sei o que isso é… Vou na rua, no autocarro, por onde seja, faço questão de cumprimentar toda a gente, digo bom-dia, boa-tarde às vezes avanço uma graça, depende de quem é… Mas, infelizmente, as pessoas nem todas correspondem. Há muita falta de educação mesmo naquelas pessoas que supostamente se arranjam com grande primor. Noto isso em pormenores: por exemplo, frequento bastante ali tanto o Monumental como o Atrium-Saldanha, enfim, apenas para tomar um café e comer um bolo seco ou algo parecido. Fico ali a observar os movimentos, por vezes levo uma leitura… Nesses locais é que quem estiver atento pode observar o «berço» onde cada um nasceu, as casas de banho então são um horror, as pessoas são muito porcas e não fosse estarem sempre a limpar, seria impossível frequentá-las apenas poucas horas depois de abrirem. Depois vejo as empregadas dos bares e cafés lá do centro vão à casa de banho e saem sem sequer lavar as mãos, fazem as suas necessidades olham-se ao espelho, passam as mãos no cabelo mas pôr as mãos na água não, só se for nas pontas dos dedos. São raras as vezes que observo alguém realmente a lavar as mãos com sabão, sabonete, o que seja, passando-as abundantemente por água. E estou certa que fazem ali, fazem também nas suas casas. Vivemos numa sociedade onde apenas a imagem, as aparências é que contam, cheia de gente vazia, ignorante, sem educação e sem princípios…

Neste relato onde começa por negar a sua solidão, no distanciamento cultural de uma sociedade à qual não reconhece grandes princípios, acaba por revelar o seu isolamento moral, face a um povo "simples e grosseiro", que em Abril definitivamente se perdeu para si:

Mas isto não é de hoje, já vem detrás... Lembro-me dos tempos da revolução... Pessoas até então afáveis e bem-educadas transformam-se em autênticos monstros, a ganância vem ao de cima, era só falsidade… foram tempos terríveis. Eu já tinha lido alguma coisa sobre comportamentos afins, por exemplo no período da revolução francesa, as maldades atrozes e as mentiras, os crimes horrendos a que submeteram toda a família real… depois Napoleão – que não passava de um plebeu – vem mais tarde a fazer para si uma coroa tão exuberante e tão rica como nunca nenhum daqueles que ele afirmou estarem a roubar o povo alguma vez tinha sequer pensado fazer… e foi também isso que se passou cá em Portugal: pessoas que não eram nada de repente vêem-se com direito à posse de bens alheios, roubam, mentem, não olham a meios para atingir os fins… Eu na altura tinha uma senhora que vinha cá a casa fazer umas horas de limpeza, trabalhava comigo talvez há dois anos, tinha cerca de 40 anos. Era uma senhora simples, mas educada, cumprimentava todos por quem passava, fazia festas nas cabeças das crianças, metia-se com os cãezinhos de estimação aqui da vizinhança e gabava aos donos o cuidado que tinham com os mesmos. Pois vem o 25 de Abril, dois dias depois aparece cá em casa, estava eu na altura já muito assustada com o rumo dos acontecimentos, sem saber o que ia ser de mim… e entra-me pela porta dentro logo com declarações exuberantes do género «o país é o que é graças ao povo e ao trabalho do povo…» queria ela dizer, graças a ela e a outros «camaradas» como ela que toda a vida trabalharam para o bem comum… Bom, nessa altura eu já só pensava numa maneira de a expulsar e de a pôr dali para fora, não é? Tive na altura a inspiração de lhe dizer que estava àquela hora em casa apenas para lhe abrir a porta e receber, mas que infelizmente tinha que sair de seguida, pelo que ela não poderia ficar ali, já que eu não tinha nenhuma outra chave, e que nos dias seguintes não sabia o que iria ser a minha vida. Eu estava a trabalhar no ministério do trabalho directamente com o senhor ministro, não tinha horários, estava subordinada ao horário dele e, como tal, ia ter por enquanto de prescindir dos seus serviços. Olhe, que queria ficar-me com a chave, que depois ma devolveria, eu a sentir que estava em perigo, cheia de medo de perder ali a minha vida, lá consegui dizer-lhe que iria então mandar fazer uma cópia junto de pessoa amiga e que daí a dois três dias lhe telefonaria para combinar entregar-lha. É claro que não tinha intenção nenhuma de o fazer, mas naquela altura foi o recurso que encontrei para a tirar dali. E bom, passados dois dias lá lhe telefonei e prescindi dos seus serviços, não lhe repito o nome que me chamou… Na altura eu própria estava conotada com o anterior regime, fui classificada como «fascista» coisa que eu até à data desconhecia completamente ser… e finalmente só me mantive na minha posição, como assistente do ministro, porque eles não tinham mais ninguém e precisavam de mim para lhes resolver as coisas. Mas durante uns meses deixei de receber ordenado e vivi momentos muito difíceis.

Estes episódios marcantes demarcam a forma como hoje se conduz no mundo. Todas as suas relações são meticulosamente construídas e controladas num envolvimento que embora se possa classificar como consistente e durável no tempo, dificilmente podemos enquadrar numa partilha complexa de intimidade. Dona Aurora reconhece a necessidade de criar e alimentar laços, mas procura fazê-lo sem que com isso haja qualquer oportunidade de invasão de espaços que não está disponível para partilhar de forma aberta e sem qualquer condicionamento. As relações que estabelece envolvendo uma teia alargada de conhecimentos, são bastante segmentadas, transitando entre os conhecimentos instrumentais ou "úteis" – que salvaguarda como capital social para ocasiões específicas – e as "relações de auxílio" ou "flexibilidade funcional" apoiadas sobretudo nas redes de vizinhança (Spencer e Pahl, 2006:60). A par destas alimenta ainda alguns laços de amizade que podemos enquadrar no conceito de "intimidade na distância" proposto por Leopold Rosenmayr e Eva Kockeis (1963, citados por Tunstall, 1966:262-263), envolvendo a preferência por uma gestão autónoma da vida pessoal com uma necessidade de manter laços significativos, no caso, com "famílias de escolha" (Roseneil e Budgeon, 2004; Spencer e Pahl, 2006) com quem partilha momentos específicos de festa: o Natal, a Páscoa, alguns aniversários, etc.

As raízes da casa e os laços do coração

Teresa, 78 anos, viúva, três filhos e outros tantos netos. Está sozinha há cinco anos, desde que o marido morreu. Mora na casa alugada onde viveu todos os 50 anos de casada, em pleno bairro de Alvalade, em Lisboa. Assistente social de formação – um marco da sua identidade que enfatiza por diversas ocasiões ao longo da entrevista – durante a vida adulta interrompeu a sua actividade enquanto os filhos eram pequenos, pois "não confiava" nas empregadas para o efeito e não tinha, à época, infraestruturas de guarda e acolhimento de crianças. Já no final da sua carreira, como não arranjasse trabalho como assistente social, chegou a investir numa loja de brindes num centro comercial, mas desistiu do negócio por não se "sentir vocacionada" para a actividade. A

sua identidade é e sempre foi a de "assistente social" ao ponto de considerar que apenas estará em solidão no dia em que "deixar de viver para os outros".

Actualmente frequenta a “Academia de Cultura e Cooperação”, ligada à Misericórdia de Lisboa (que por vezes designa de “universidade”) e mantém alguma actividade solidária não continuada em bairros intervencionados pela Cruz Vermelha. Relativamente ao futuro, com um certo realismo prospectivo, perante perspectiva de lentamente estar a perder a sua capacidade de autonomia, põe como ponto assente nunca ir viver para casa dos filhos, não porque eles não a aceitassem, mas porque isso iria causar constrangimentos e afectar a sua intimidade (da entrevistada e dos filhos), “seria um transtorno para todos”, e ela “não gostaria de viver com esse complexo”. Decidiu pois que quando chegado o momento quer é ir para um lar.

Esta foi a minha primeira entrevista a uma pessoa mais idosa, reformada. Marcámos a entrevista para as 10:30h, pois de manhã gosta de ficar na cama: “é quando me sabe melhor estar deitada”. Fui para a entrevista com a ideia de evitar interferir no discurso que espontaneamente fosse estruturando, de forma a dar espaço ao surgimento de temas que eventualmente ainda não me tivessem aparecido. Não sabia há quanto tempo morava sozinha, nem em que condições. O neto, o meu contacto, disse-me que a avó seria “a melhor pessoa do mundo que eu poderia arranjar para uma entrevista”, pois “gosta de conversar e é muito preocupada com os outros”. Toquei à campainha, passaram pelo menos uns cinco minutos até que a porta se abriu. A Teresa alerta-me que devo descer um patamar: “embora esteja ao nível da rua, a minha casa é cá muito em baixo”. Na entrada, espreito, um corredor enorme, portas fechadas, um ambiente escuro, ela parece um pouco nervosa. Conduz-me a uma salinha, bastante acolhedora, com o aquecimento ligado. Depois pede-me licença para se ausentar, confirma que está um pouco alterada, não sabe dizer porquê, e vai tomar um comprimido: “isto às vezes dá-me quando fico um pouco mais nervosa, e hoje acordei assim”. Quando se sente preparada, já instalada no sofá, começa repentinamente a falar. Eu queria que se sentisse à vontade, sabendo-a nervosa não tenho a iniciativa de ligar logo o gravador. Diz-me que tinha estado a pensar no meu tema de trabalho e que o achava “muito rico e

interessante", dada a diversidade de situações que potencialmente poderia encontrar. Considera que o aprofundamento do tema envolve um trabalho muito vasto. Depois pergunta-me se apenas estou a entrevistar pessoas da sua faixa etária, ao que respondi que não. Antes de iniciarmos advertiu que tem alguma dificuldade de expressão devido à dentadura: "a Rosário nem sabe quanto dinheiro já gastei com dentistas, mas não há maneira, é um grande desconforto. (…) Quando estou sozinha é a primeira coisa que faço, tiro-a e é um alívio".

É na salinha onde nos encontrámos que, como explica depois, passa boa parte do tempo quando está em casa. Mesmo a cozinha pouco utiliza e o quarto é praticamente só para dormir... O apartamento tem mais três quartos que mantém fechados pois não são utilizados. Refere que alugou a casa quando casou, e embora seja um pouco escura, porque é um rés-do-chão, a dificuldade em encontrar outra equivalente com as mesmas condições de aluguer levou a que nunca saíssem dali. Acaba por ter naquela casa todas as recordações da sua vida de casada, o que constitui um factor importante para querer manter-se ali:

> É um peso muito grande que faz a minha opção. As raízes da casa têm de facto uma força brutal. Uma força brutal. Eu posso sentir-me cansada, venho da rua, estou cansada, mas chego a casa, atiro os sapatos para um lado, ponho as pantufas para outro, sento-me aqui, acendo a televisão ou não acendo, tudo isto me dá um conforto, os móveis, tudo isto já faz parte de mim, é muito importante.

Morar sozinha é uma opção que pôde assumir. Sublinha que é "por natureza um espírito independente", o qual a acompanhou toda a vida, e que lhe deu "muitos problemas" durante a juventude, nomeadamente nas relações com os seus pais. Teve mais tarde a "fortuna" de casar com um homem de "espírito aberto que via na mulher não apenas a doméstica, a submissa", e que sempre a respeitou como pessoa. Quando conheceu o marido, ele tinha já passado por uma experiência como oficial na Base das Lajes, nos Açores, onde tinha convivido no meio de famílias de americanos. Tinha por isso uma perspectiva mais igualitária sobre as relações de género, nunca a "obrigando a uma vida de dependência".

Hoje, tal como no passado, procura manter uma vida extremamente activa, embora actualmente por problemas próprios do envelhecimento isso seja cada vez mais difícil. Daí que para sustentar uma independência alargada – não apenas material ou financeira, mas sobretudo no plano da saúde física, emocional e cognitiva –, assuma que a sua principal orientação quotidiana seja "combater doenças e mazelas" que vão surgindo com a idade. Deste combate resulta a conquista de um espaço próprio em autonomia e um enriquecimento da sua qualidade de vida. O seguinte trecho enquadra profundamente a forma como orienta presentemente toda a sua vida:

> Sabe eu acho muito importante o sabermos aceitar, o sabermos envelhecer. *É difícil*. Eu pensava que era fácil, mas não é, *é difícil*. É dificílimo saber envelhecer. Exige uma colaboração nossa muito forte. (…) Eu que sou uma pessoa, como vê, com um feitio muito bem disposto: eu acordo, ponho logo a telefonia a tocar, e depois tenho outra também na casa-de-banho sintonizada no mesmo posto para poder andar de um lado para o outro, ouvir o noticiário, ouvir uma música sem interrupção… Nós não podemos estar à espera que os outros olhem para nós, a iniciativa tem que ser nossa, temos que ser nós a criar as condições para nos sentirmos bem enquanto andamos por cá neste mundo. (ênfases da entrevistada)

Descreve-se como uma "privilegiada", tanto pelas condições de vida materiais, como sobretudo pela família e pelos amigos que mantém e que a rodeiam e acarinham a todo o momento. No seu dia-a-dia procura o mais possível manter-se envolvida em inúmeras actividades:

> Conduzo, faço as minhas compras, vou à universidade, saio com amigas, vou ao cinema com elas de tarde, vamos almoçar a um centro comercial e depois damos umas voltinhas por lá, leio, vejo televisão... Faço tudo para não ter tempos livres. E não tenho dois dias seguidos iguais. Ao fim-de-semana ocasionalmente acontece eu dizer para eles [os filhos] virem cá, eles vêm; mas mais do que eu dizer para virem cá são eles que me dizem para eu ir lá. (…) Mas não há rigor nisso. Quando lhes apetece, quando eles podem… Também têm os seus amigos, toda a gente gosta de ter a sua liberdade do fim-de-semana.

No Verão vai normalmente todos os quatro meses para uma casa que tem em Armação de Pêra (a sua origem, onde reencontra outros familiares), e em parte deste período acolhe pelo menos alguns dos netos. E desde há dois anos a esta parte, para grande

desgosto seu, abandonou uma das actividades que mais apreciava: as viagens. Um problema de saúde retirou-lhe a confiança.

Por diversas ocasiões ao longo da nossa conversa enfatizou o *viver só* como um caminho que muitas vezes conduz a experiências de solidão. Mas argumenta que tal vivência depende não apenas dos "traços de personalidade" – que determinam a maior ou menor propensão de cada um para a partilha ou, no outro extremo, o isolamento –, mas, talvez sobretudo, da situação económica da pessoa:

> Porque eu posso viver sozinha e compensar-me, numa vida modesta como a minha, com o mínimo de conforto, não é? Eu hoje dormi de noite, tinha um aquecimento igual a este ligado no meu quarto, e vou defendendo a minha vida com um mínimo de conforto… tenho as minha amigas, se alguma me convida para ir ao cinema e depois beber um chá ali na *Versailles*, etc. eu não tenho constrangimentos financeiros e portanto posso aceitar. E assim vou alimentado as minhas amizades. Agora há a pessoa que vive só e que não tem familiares, ou se tem não tem nem condições económicas, nem a própria pessoa sozinha, nem as que a governam, e essa pessoa, por muita força interior que tenha, tem que ter problemas muito diferentes dos meus. Com maior probabilidade vive numa solidão forçada pelas circunstâncias da sua vida. Não me venham dizer que o dinheiro não dá felicidade. Só por si não dá, mas que dá uma grande ajuda isso não há dúvida.

Outro aspecto que enfatiza quando observa as condições de vida de pessoas suas amigas com uma situação económica equiparável à sua prende-se com o ter ou não ter filhos ou o ter ou não ter uma família próxima a quem recorrer, se por acaso acontece uma aflição:

> Porque eu vivo de facto só mas tenho a sorte de ter filhos e de ter netos. Eles não estão ao pé de mim, mas se eu precisar deles, eles vêm imediatamente. Vou-lhe dar um exemplo. Ontem, pela primeira vez desde que tenho esta casa há 55 anos, ontem esqueci-me da chave de casa. Tinha ido sair, tive um convite para ir a uma festa de aniversário, vim de táxi e quando cheguei aqui à porta vi que não tinha a chave de casa. Não telefonei para a minha filha porque eram 8h da noite e ela ainda podia estar na faculdade a trabalhar – porque ela é professora; não telefonei para a minha outra filha porque mora no Restelo, é muito longe; e telefonei para o meu filho, ou antes, comecei por telefonar para a minha empregada que mora aqui perto, mas eram 8h da noite e àquela hora ainda não tinha chegado a casa; portanto, telefonei para o meu filho, e por engano, como marquei no

> número automático, liguei-lhe para o telemóvel e fui parar a África, onde ele está a dar aulas durante umas semanas (risos), e coitadito, apanhou um grande susto. Acabou por vir cá a minha nora, que estava no dentista com a minha neta... E uma pessoa assim não se sente só, é um só relativo.

Enfatiza ainda a preocupação e cuidado permanente que os filhos discretamente têm em relação a si. Teresa retribui-lhes como pode, mas impondo-se a si mesma um auto-condicionamento, o seu maior receio é invadir-lhes a intimidade e surgir como um peso nas suas vidas. Reconhece que os filhos têm os seus próprios projectos e famílias e sabe que a sua presença, mesmo que involuntariamente acaba por alterar de forma forçada os seus quotidianos. Pensar que, mesmo contra-vontade pode vir a constituir um travão na vida dos filhos causa-lhe enorme sofrimento. Faz, portanto tudo para que tal nunca possa acontecer.

> Não passa um dia sem eles me telefonarem. Normalmente fazem-no quando vão no trânsito a caminho de casa – mas não cometem nenhuma infracção, param e telefonam-me. E eu é que muitas vezes lhes quero telefonar a eles e não sei a que horas, porque quando estou em casa deles verifico que não têm horas para telefonemas: nem para fazer, nem para receber. Porque têm uma vida tão preenchida, entre a faculdade, o estar no trânsito, o preparar o jantar ou o preparar aulas para o dia seguinte é tanta coisa… E portanto eu quero telefonar e *tenho o complexo de telefonar*... eu devia telefonar mais, eu *gostava* de telefonar mais, mas não telefono mais porque tenho medo de incomodar. (ênfases da entrevistada)

Sabe que os filhos se preocupam e "são muito seus amigos". Já tem havido ocasiões, quando surge um problema que a envolve, em que se juntam todos os três para encontrar uma solução.

> Eles nem percebem que eu estou a perceber (risos). Por exemplo, o ano passado em Outubro foram os três para o Brasil, mas não tinham combinado ir juntos, por acaso planearam a férias e calhou irem todos na mesma altura. Quando finalmente se aperceberam devem ter jogado as mãos à cabeça e dito assim: 'e a mãe fica sozinha?!' Não fico: tenho irmãs, tenho irmãos, tenho sobrinhos, tenho netos, tenho amigas… Mas eles de repente foi 'Ai a mãe!'. E então o meu filho apareceu aqui com uma cara de santo e 'olhe mãe, queria pedir-lhe o *grande* favor' – E eu a ver tudo, a fingir que engolia (risos). É para ver porque é que eu digo que temos um jogo do gato e do rato. 'Queria pedir-lhe um

> *grande* favor. Como sabe, nós vamos todos para o Brasil e estamos um bocado preocupados por deixarmos cá os nossos filhos sozinhos' – risos: o meu neto tem 23 anos, o ano passado tinha 22; a minha neta tem 19, o ano passado tinha 18 – 'E então a mãe se fosse lá para casa sempre impunha um certo respeito. (...)'. E eu percebi perfeitamente que não era. Eles iam preocupados por não estarem cá e não poderem olhar por mim… E até hoje não lhes disse. Até hoje deixei-os na doce ilusão que eu tinha acreditado que ia para lá para ser útil aos meus netos (risos). (ênfases da entrevistada)

Sobre as perspectivas face ao futuro enfatiza que o permanecer mais ou menos anos num contexto de residência unipessoal prende-se sobretudo com as condicionantes do envelhecimento. A idade e a saúde (ou a falta dela) irão determinar até quando poderá manter-se a morar sozinha na sua casa, onde procurará permanecer enquanto puder:

> Há uma barreira que custa muito a aceitar, mas que nós temos que aceitar, tal como aceitamos os filhos, que é a idade. E a idade traz muitas limitações, desde logo as limitações físicas, por causa da falta de saúde, limitações que nos podem impedir de poder estar sozinhas e nos podem obrigar a tomar outro tipo de opções. Mas a minha opção enquanto puder, é ficar aqui sozinha. Porque sou muito acompanhada estando só: tenho os meus filhos, tenho os meus netos, tenho os meus amigos… Portanto, não sou uma pessoa só… enquanto eu não tiver essas mazelas [ligadas ao envelhecimento] eu quero fazer a minha vida independente, aqui na minha casa, com as minhas memórias, os meus móveis… aquelas coisas que para os outros não significam nada mas que a mim me recordam a história de toda uma vida. Depois será no lar para morrer…

A este propósito fala-me na sua relação complexa com os retratos que tem expostos, nomeadamente na sala onde nos encontramos, eles materializam amizades, relações íntimas do passado que prefere "guardar no coração". Na presença e ausência de registos dos laços que hoje a envolvem, nas diversas esferas em que circula, acaba por fazer uma distinção entre diferentes formas de amizade. Neste confronto, marca desde logo algum distanciamento face às relações que estabelece com os colegas da "academia", as quais na sua concepção não são mais do que "relações de convívio".

> … para mim amigas são aquelas pessoas que viveram comigo os problemas da adolescência ou pessoas que conheci já em adulta mas com quem criei raízes, partilhei intimidades.

Dando conta da importância da fotografia como elemento de objectivação e materialização de laços significativos que extravasam o tempo e o espaço (Caetano, 2007; Rose, 2003), para se impedir de recordar, evita colocar na mesa que tem ao centro desta sala fotos de pessoas que desapareceram, mesmo do marido. As que estavam não retirou, mas por princípio evita colocar mais para além dessas.

> Porque, por exemplo, estou aqui agora muito bem disposta a conversar consigo, olho e sem querer, há uma tristeza, eu procuro não cultivar essa tristeza, não tenho necessidade de cultivar a dor…

Mas as fotos são, como refere Gillian Rose "objectos cruciais de produção do espaço doméstico – na transformação da casa num 'lar'" (Rose, 2003:5), permitindo uma materialização de «laços do coração», sem os quais a solidão e o colapso se instalariam de forma irrversível. Daí que, na sua constante luta pela manutenção da integridade do *self* e pela necessidade premente de manter pontes de integração entre passado e presente, tenha apenas uma excepção: a foto de uma amiga que era como "uma irmã", e que morreu há poucos meses atrás:

> … a filha, como sabia da minha amizade, ofereceu-me a fotografia. E eu na altura disse-lhe logo: 'não vou emoldurar a tua mãe, porque não quero olhar para ela e sentir…' Mas de repente senti a necessidade, porque ela era de tal maneira o meu suporte e eu o suporte dela, porque a minha amizade com ela, a minha relação com ela não tinha nada com relação com filhos e com marido, eram coisas diferentes. Éramos duas irmãs que põem problemas íntimos uma à outra, as queixas, as lamúrias ou as coisas de amor, havia uma *partilha*. E então eu tenho necessidade de olhar para ela e conversar. Então fui comprar uma moldurinha que pus ali para conversar com ela. (ênfase da entrevistada)

Esta relação, em especial, serve de pano de fundo de contraste para caracterizar a relação de "intimidade na distância" que tem com os filhos, onde as facetas que aceitam mutuamente partilhar têm como limite uma não invasão dos espaços das respectivas vidas, que não são de facto comuns.

Biografia e experiências

O contacto do Álvaro foi-me cedido por uma colega que o assinalou como "um "conversador nato". A entrevista não foi feita em sua casa, por recusa do próprio. Apesar disto, o seu *viver só* num alojamento cheio de histórias e testemunhos da sua biografia, atravessa de forma espontânea toda a conversação, que estruturou quase que num monólogo livre, abordando os temas em função do interesse que, no seu entendimento, os mesmos poderiam ter para uma tese como a minha. Percebi entretanto que a principal razão para não me receber na sua própria casa se prendia com a "zona horrível" onde reside: o bairro de Chelas.

Senhor com idade muito próxima dos 60 anos "quase sexagenário", como às tantas sublinhou, calvo e de aparência energética, é "por natureza um bocado *idiota*, no sentido positivo do termo: gosto de me sentir bem num determinado espaço." Orienta-o nesta dedicação, antes de mais, o facto de gostar muito de si mesmo: "dou-me muito bem comigo, eu e eu somos muito amigos e damo-nos bem, sempre convivemos", e não tem qualquer problema em "conversar de si para si", sobre as inúmeras experiências que tem experimentado ao longo da vida. A solidão não lhe mete medo e, por vezes é mesmo procurada e desejada, quando por exemplo se quer dedicar exclusivamente à leitura de uns tantos livros.

Depois das apresentações iniciais, pergunto-lhe há quanto tempo vive só. Argumenta que para responder a tal pergunta terá que me "abrir a sua própria vida". Refere que "fora dois relacionamentos soltos", teve um percurso de vida "curioso", isto porque "sempre viveu em casa dos pais" – expressão que utiliza num sentido lato, pois o pai morreu era ainda uma criança. O Álvaro é o filho mais novo de três rapazes. Os seus irmãos saíram de casa relativamente cedo – um que entretanto já faleceu foi para o Algarve, o outro para a Holanda – e ele foi ficando com a mãe. Isto depois de um interregno que durou meia dúzia de anos, onde viveu na Guiné, para onde foi trabalhar como cooperante; a que se seguiu, já em Portugal, uma relação com um parceiro do mesmo sexo, numa experiência de conjugalidade onde a partilha permanente do espaço

doméstico foi sempre vivida por si como "um acrescento perturbador". Estas experiências atravessam a revolução de Abril, um período vivido em termos pessoais numa forte mobilização na "intervenção política não partidária":

> Coisas com as quais eu perdi muito tempo e muito dinheiro, porque não vivendo com dificuldades nem tendo necessidade de trabalhar, também investi algum dinheiro por gozo, diria quase, por altruísmo. (…) Mas depois resolvi entrar na linha, tinha um curso que estava em suspenso há não sei quantos anos – Direito – mas apenas para rematar alguma coisa que estava há muito tempo iniciada, não que eu desejasse alguma vez exercer a advocacia.

O regresso à casa materna vem associado à necessidade de acompanhar a mãe "adoecida e envelhecida", onde era necessário que assumisse todas as responsabilidades inerentes à própria gestão do património da família. Em meados dos anos 90 a mãe morre, e ele fica sozinho na moradia de três pisos, em Oeiras. A casa "era enorme" e às tantas começou a ser desgastante, todos os dias fazer a marginal, pelo que resolveu vir para Lisboa.

Veio para um apartamento T1 "pequenino", junto à Estados Unidos da América, num sítio onde gostou muito de morar, porque era "muito central e estava perto praticamente de tudo: desde o banco, a CGD, o Café DiRoma, tinha a farmácia, tinha a Bulhosa, tinha o Café Central, tinha o supermercado, tinha tudo no mesmo passeio." Na altura resolveu investir numa adaptação do espaço, procurando moldá-lo à sua própria medida para se sentir integrado e sobretudo, para se sentir bem consigo: pintou-o na cor que tinha na casa de Oeiras, mandou afagar o chão, renovou a cozinha, a casa de banho, etc.

> Mas ao fim de dois anos, apercebi-me que tinha pago 3.000 contos, estava a pagar todos os meses 150 contos para um senhorio e tinha para mim uma mão cheia de nada e outra de coisa nenhuma.

É nessa altura que surge a hipótese de comprar um apartamento com um preço convidativo, numa "zona horrível" e comprou. O investimento e a expectativa de valorização tendo em conta as diversas infraestruturas que estão previstas para aquela

área da cidade, além da proximidade ao centro, compensam a "impossibilidade de ali fazer vida":

> A população é *horrível* naquela zona, evito ir ao Centro Comercial lá em baixo porque desagrada-me as pessoas, e faço as compras habitualmente noutro supermercado, na Estados Unidos, porque as pessoas são outras… Se eu puder estar numa zona onde as pessoas têm bom aspecto e são bem educadas, eu escuso de estar numa fila para pagar na caixa e aperceber-me que a pessoa que está à minha frente sacou um chocolate do escaparate e está a esconder a embalagem vazia entre os cestos… isto passa-se, não é? E portanto, só para evitar isso faço as compras num outro sítio. (ênfase do entrevistado)

A casa que adquire é um T1 "superior", com áreas interessantes. Há medida que me foi descrevendo o espaço, deu ênfase ao tipo de usos e de sociabilidades que ali desenvolve. Tem um quarto, que funciona simultaneamente como escritório – comprou uma mesa sobre o comprido na Altamira, pôs lá o computador e é onde trabalha quando está em casa. Depois tem a sala de estar – um espaço "alegre e confortável" – onde tem um sofá-cama para qualquer emergência, a aparelhagem áudio, o vídeo, os cd's e um televisor enorme – o que considera "um desperdício pois é raro ver televisão"…

> … não sou nada vidrado em televisão. Prefiro ler a estar a ver televisão. A parte lúdica da televisão é de tal modo desgostante que é raro encontrarmos algo que nos seduza. E como sou um navegador compulsivo, acho que já tenho carta de condução para navegação [na Internet]…

É na cozinha – uma divisão "muito grande" – que faz as refeições, inclusive quando recebe pessoas. Comprou "uma mesa muito bonita com pés de metal e um tampo de vidro, onde cabem quatro pessoas". Normalmente esta é também a lotação de convidados que aparecem nos seus jantares, mas quando são mais já tem organizado refeições volantes. De todas as divisões a preferida é de facto o hall de entrada, um espaço amplo, onde guarda os seus maiores tesouros – o "repositório da memória de família", peças que foi herdando e das quais foi incapaz de se desfazer…

> Tipo uma pecinha de loiça que era da bisavó que morreu em 1910, a garrafa de vinho e o galheteiro de uma avó que morreu em não sei quantos, um prato dos bisavós paternos, dos primeiros serviços da Vista Alegre feitos por encomenda no séc. XIX… Retratos, livros …

> assim este tipo de coisas que não dá para deitar fora… Tenho lá uma peça pequenina que me dá gozo vê-la porque sei que tenho todo o historial daquela peça de 26 de Dezembro de 1906. Acho que todos nós temos de ter raízes. As nossas raízes materializam-se neste tipo de coisinhas…

Estes objectos são testemunhos vivos da sua biografia e das múltiplas experiências significativas que configuram a sua existência, nessa medida com um valor para si inestimável, e que o impedem de cair na solidão.

> Acho que todos nós temos de ter raízes…O facto de eu viver sozinho não quer dizer que não tenha um passado ou uma inserção familiar ou social... E talvez com essas coisas todas eu não vivo estados de solidão. Apesar de viver só não vivo estados de solidão, porque como eu dizia, dou-me muito bem comigo e tenho toda uma memória sobre a qual não faço qualquer juízo de valor mas que é... a minha memória. Vale o que vale, é a minha vida, o meu percurso até agora, que amanhã não sei, mas é isso. Essa memória está em objectos que eu venero. Não são atestados de residência, são certificados de vivência. Passaportes. Bocadinhos da minha vida. Nunca me aconteceu chegar a casa ou ir para casa e dizer 'ah que horror ir para casa'. Não. Vivo muito bem.

A propósito de um projecto ainda difuso de apoio aos idosos com falta de mobilidade – inspirado numa vivência indirecta sobre o voluntariado na Holanda, país que visita com relativa frequência para estar com o irmão e sobrinhos –, fala-me na importância social dos velhos, testemunhos vivos de culturas ou formas de saber que dão corpo à nossa identidade como nação. O próprio Álvaro teve a "fortuna" de em pequeno, em parte por ser o neto mais novo, ter sido o "grande companheiro" do seu avô. Neste convívio de gerações aprendeu a ter uma perspectiva do seu presente sempre enraizada numa história que ultrapassa a sua experiência de vida:

> Nós íamos aos fins-de-semana passear aos pastéis de nata a Belém, ele levava-me em passeio pela Baixa até Belém e chamava-me a atenção para uma série de pormenores arquitectónicos, por vezes de uma imensa beleza, com os quais milhões de pessoas são confrontadas no seu quotidiano e nem vêem porque não foram sensibilizadas para ver… Contou-me a história de uma série de palácios… alertou-me para umas portas de bronze, na rua do comércio, no Fonsecas, que depois passou a ser o Burnay e depois BPI… explicou-me as formas que estão reproduzidas, os medalhões... Eu penso que foi através desses passeios que mais tarde me fascinei por Eça de Queirós por causa do "Aterro", por

> causa do "Ramalhete", por causa de uma série de coisas que fui ouvindo como informação isolada e que mais tarde me foi possível sistematizar através de outras fontes, de outros métodos, de outras actividades e acho que se aprende muito com os velhos… O meu avô era um erudito mas nas aldeias, por vezes, pessoas que não sabem ler nem escrever têm também muito para nos ensinar… os contos tradicionais, a raiz de certos pratos… São coisas de um valor incalculável e que, infelizmente, correm o risco de se perder… Entristece-me e vejo que o nível cultural da miudagem de agora, dos jovens citadinos, é um desastre.

Imagina-se a si a dar algum contributo para a preservação deste património histórico, talvez através de um blog… Hoje não domina suficientemente a informática para ter um blog seu, "sou muito pouco qualificado em termos de informática". Habituou-se a essa ferramenta através da leitura assídua, de base quotidiana, de um ou dois sítios. De resto é um "navegador compulsivo", a sua página inicial é logo o IOL para ver *google news*, mas além disso vê filmes, lê contos, passa por *sites* de viagens… "passeia de forma descomprometida" pela rede. Está a planear regressar a Paris, já lá não vai há três anos. Leu algures numa das revistas que trás para casa para se entreter ao fim-de-semana – "a Focus, a Visão, a Sábado, essas coisinhas" - que a Galeria dos Espelhos do Palácio de Versailhes tinha reaberto ao público. Ficou cheio de curiosidade e foi procurar informações sobre a exposição e condições de visita.

Questiono-o sobre as principais vantagens que encontra no *viver só*. Refere de imediato o não comprometimento com horários e a possibilidade de uma gestão mais flexível do seu quotidiano. Mas no desenvolvimento revela-me uma organização dos tempos semanais extremamente estruturada e planeada, seja nos tempos de trabalho, seja nas actividades de gestão da casa, seja ainda nas sociabilidades e nas práticas de lazer. Descobre-se nesta incoerência e a certa altura refere como que em justificação: "Eu sou uma pessoa de horários, o que é talvez uma contradição". Embora na sua condição de director pedagógico do centro de formação profissional, não esteja submetido a um horário, gosta de ser rigoroso e faz questão de ser dos primeiros a chegar ao serviço. Acorda invariavelmente às 5.30 da manhã prepara-se, arruma o que tem que arrumar, toma o pequeno-almoço e em cinco minutos põe-se no serviço. Chega

sempre “cedissimo”. Almoça num quarto de hora a 20 minutos numa lanchonete, em pé ao balcão, regressa e depois vai embora por volta das 18.00h. Tem três dias por semana que vai ao “gin”, sempre com encontro marcado com o *personal trainer* ou com o massagista ou com ambos. Normalmente aproveita e trás para casa “qualquer comida já pronta” que associa à sopa que preparou no fim-de-semana e a alguma peça de fruta. Nos restantes dias, quarta ou quinta-feira vai sempre jantar fora com uns amigos e à segunda é dia de receber em casa o seu “compadre”. Uma das tarefas que reserva para o domingo é preparar essa refeição. O seu fim-de-semana é preenchido com as actividades de lida da casa – isto apesar de ter uma mulher-a-dias – e de planeamento das refeições para a semana seguinte; sábado de manhã ainda passa pelo ginásio e nos domingos “dia da pasmaceira” caseira ou dos passeios pedonais na zona ribeirinha, depende se está bom tempo. De quinze em quinze dias visita ou é visitado, para uma refeição que se prolonga pela tarde com o único sobrinho que reside em Portugal, respectiva mulher e filho.

> sexta-feira não tenho gin mas é quando eu faço… janto e faço a primeira máquina de roupa que deixo estendida já para no dia seguinte, quando faço outra, aquela está seca e dobrada para a mulher-a-dias passar a ferro na terça-feira seguinte. Sábado logo de manhã quando saio para a ginástica deixo uma a preparar, e normalmente resolvo o problema com duas máquinas semanais. Quando venho já o programa está feito e está pronta a ser estendida, hora em que depois vou começar o meu esquema de ir comendo e cozinhando para depois no Domingo fazer uma coisa que me sabe imensamente bem e que eu adoro que é pasmar…

Na diversidade de relações que estabelece, o sobrinho que ajudou a criar, pois o pai morreu muito cedo, está no núcleo das afectividades: “se pudesse pesar numa balança este laço seria o mais pesado… podia ser meu filho”. Os outros sobrinhos está com eles de forma mais espaçada no tempo – um vive no Brasil, comunicam frequentemente por e-mail –, os outros são holandeses, nem falam português, embora venham a Portugal pelo menos uma vez por ano. Estes laços são complementados por outros, não tão fortes, embora íntimos, que tem com o seu “compadre”, a afilhada e uns primos direitos.

> No Natal e coisas assim, passamos juntos. Festinhas familiares, o ano do pequeno [filho do sobrinho], os anos do pai, os anos da mãe, os meus, são de facto a minha continuidade em termos de família. Depois tenho primos direitos com quem me dou muito. A minha afilhada, ou melhor a mãe é minha afilhada de casamento, somos primos direitos, temos uma diferença de um mês e 15 dias e eu sou padrinho de nascimento da miúda. Vemo-nos com bastante regularidade também.

Num balanço, que o convido a fazer, sobre a importância relativa das diferentes esferas por onde circula e se mobiliza, o trabalho é a mais relevante.

> A minha vida familiar e afectiva é importante, sem dúvida nenhuma, mas a minha faceta profissional neste momento é muito importante para mim.

Não tanto pelas poucas "amizades" que ali também criou – ao fim de dez anos que ali trabalha trata por "tu" apenas três colaboradores amigos –, mas pela "exterioridade" que o mesmo implica. Considera-se uma pessoa muito virada para fora, para os contactos internacionais e o confronto de culturas, e essa é uma faceta que consegue aprofundar através da actividade profissional, e na verdade "não saberia o que fazer se me reformasse"… mas logo acrescenta:

> Digo isto mas tenho a certeza que rapidamente dava a volta por cima: arranjava maneira de fazer um sem número de coisas: leituras, viagens, escritas… coisas a que hoje não me dedico tanto porque não tenho tempo.

6.5 Constrangimento

Esta forma de relação com o *viver só* constrói-se seja por força do compromisso material que a casa representa em termos de despesas e consumos mensais; seja pelo condicionamento de projectos de libertação; seja ainda porque a própria condição de residência unipessoal tende a aprofundar as formas de sociabilidade "frustradas ou insuficientes" – muito marcadas pela ausência de intimidade com o outro.

Os indivíduos aqui localizados apresentam-nos um percurso biográfico onde o *viver só* emerge como uma consequência que se enquadra num conjunto "não linear" de decisões passadas, a que fazem referência no seu discurso. É contudo uma situação que,

de forma algo ambígua, não aceitam inteiramente, pelo menos nos limites fechados de um "campo de possibilidades" (Velho, 1994) que em termos materiais, sociais e/ou afectivos ou mesmo em termos de saúde (ou falta dela) se lhes oferece com uma margem de manobra muito limitada para o exercício efectivo da liberdade individual de escolha. As diversas formas de solidão por "perda", "exílio", "afastamento" e/ou "margem" que na tipologia proposta por Marie-Noëlle Schurmans (2004) estão vinculadas a experiências de *não intencionalidade* estão aqui muito presentes. E ocasionalmente, são ainda acentuadas por alguma ansiedade, motivada tanto porque na autoconfrontação da experiência as opções imediatas denunciam a incapacidade pessoal para decidir, como ainda pela ausência de perspectivas ou ainda pela auto-percepção de que já não têm um futuro: "Já não tenho um caminho a percorrer, já não tenho um trajecto" (Teresa). Como denota José Machado Pais nos retratos que faz sobre a "solidão na velhice", nestas experiências, "a tristeza torna-se desespero, não somente pela nostalgia do passado mas por desesperança no futuro" (Pais, 2006:170). O aprofundamento deste processo, o crescimento da angústia, a consolidação do retrocesso que o mesmo também implica, mesmo quando a escolha passada por uma vida independente está baseada numa coerência consistente, reflexivamente orientada para a construção do *self* (Giddens, 1997; Velho, 2004), podem ainda incrementar a dificuldade do sujeito em fazer contactos e em se dar numa intimidade partilhada, desembocando numa separação ou mesmo rotura dos laços sociais ou ainda em "biografias em colapso" (Beck 2004).

A frustração que se enraíza neste presente sem futuro impõe-se de forma subtil na forma como se relacionam, em especial, com o espaço de alojamento, o qual simbolicamente lhes recorda, a todo o momento, a sua incapacidade (no caso do Armando aparentemente auto-imposta) para criar alternativas.

O cerco que se aperta

O Armando, com 53 anos, dois divórcios, uma filha adulta fruto do segundo matrimónio, mora sozinho há quatro anos e meio, desde que a mãe foi para um lar. Depois do segundo divórcio, ocorrido há 21 anos, nunca esteve propriamente sem parceira conjugal. Neste período manteve duas relações prolongadas, uma de sete, outra de onze anos, ambas sem coabitação. Para tal contribuiu, pelo menos em parte, a opção de regresso à casa materna, desde o último divórcio formal. A mãe entretanto morreu há pouco mais de três anos. Conta que o seu "destino" ficou ditado pelo comportamento de "casanova" e boémio do seu pai, o qual "filho de uma família muito rica", se meteu no jogo e em triângulos amorosos, acabando por "derreter" o dinheiro e o avultado património familiar. Sendo o mais novo dos três irmãos, o Armando cresceu num período de forte declínio das condições materiais da família. A morte precoce do pai quando frequentava ainda a "escola industrial", acabou por ditar que fosse o único dos irmãos a não seguir uma formação superior. Logo que terminou a "terceira sessão do preparatório", tinha então 17 anos, começou a trabalhar como mecânico numa empresa do ramo aeronáutico, onde um dos irmãos era director. Já na empresa fez formação em manutenção de material aéreo e foi subindo por sua própria conta e esforço. Quando se reformou, aos 47 anos, era "experimentador de aviões". Pelo meio, teve um envolvimento político bastante intenso, pelo qual exerceu cinco mandatos na freguesia onde reside. Ainda no quadro da sua militância política fez formação na antiga União Soviética e passou dois anos como cooperante em Moçambique, onde esteve envolvido em projectos de alfabetização. Actualmente tem como principal meio de vida a reforma, ao que acumula rendimentos que aufere de um "biscate" como consultor – trabalho que exerce quatro horas por semana, aos sábados de manhã. Durante a semana trabalha como voluntário, em regime de horário a tempo inteiro, num exercício de direcção num infantário-IPSS.

O seu contacto foi-me cedido por um colega que chegou a dar aulas no infantário. Combinámos encontrar-nos junto à estação de comboio, embora tivesse

ficado assente logo de início que a entrevista teria lugar na sua casa. Pelo caminho foi-me dizendo que não tem muito o hábito de levar senhoras a sua casa, embora viva sozinho e não tenha que dar satisfações na vizinhança, continua a manter aquele espaço como uma espécie de reserva, intimamente encarando-o ainda como "a casa da mãe". Pareceu-me curioso e, sobretudo, muito disponível para conversar. A entrevista foi muito estruturada em torno das relações conjugais e dos dilemas amorosos que experienciou ao longo da vida, acabando por se prolongar para lá de três horas. Foi numa quarta-feira de manhã, e como não avisou no infantário, pelo meio recebeu um telefonema. Do outro lado, manifestaram preocupação e queriam saber se estaria bem. Ficou muito sensibilizado com a atenção, apesar de "procurar separar águas", e de manter as relações profissionais num nível mais formal, reconhece que são no fundo essas relações que lhe conferem colorido ao quotidiano. Acaba então por estabelecer comparações nos seus "estados de alma" na semana e no fim-de-semana – especialmente ao domingo, o dia em que tem menos actividades estruturadas para fazer.

O Armando vive num prédio relativamente degradado da zona antiga da cidade. O acesso ao primeiro andar faz-se por uma escada estreita de madeira. Conduziu-me para uma salinha escura, cheia de móveis, algumas revistas, fotos de família, um televisor de modelo muito antigo. A propósito do estado de degradação do prédio, desabafa:

> Eu tivesse mais dinheiro, se calhar, vivia num belo apartamento, assim vivo nesta casa, assim degradada, mas paciência… Quando a minha mãe faleceu, andei à procura, uma casa de duas assoalhadas para mim chegava, porque eu desde que tenha uma cama para dormir, uma casa-de-banho para tomar um banho, comida umas vezes faço umas vezes não faço, vou muitas vezes comer fora e mais não sei quê, e desde que tenha aquele mínimo de conforto chega… Mas senti necessidade na altura tipo uma casa em segunda mão, que eu também queria ficar aqui na zona. Mas depois estão a pedir muito dinheiro… eu não podia estar a arriscar, preferi abdicar e estar aqui, embora por vezes me chateie de estar aqui… chateia-me, a casa está velha, eh pá, e depois estas vizinhas, algumas são muita velhas, não querem gastar um chavo em nada, eh pá, pronto… Por outro lado, os bancos a partir de determinada idade para nos emprestarem dinheiro, é uma complicação.

Gostava de mudar de casa não tanto por ostentação, mas para beneficiar de mais algum conforto e mesmo privacidade, pois ali toda a gente o conhece, a vizinha debaixo, solteira e também sozinha, é como se fosse sua "irmã", conhecem-se desde a infância, ela tem a chave de sua casa, e se for preciso alguma coisa está sempre presente, mas "por vezes até demais". Não visitei o resto das divisões. As portas estão fechadas e o corredor sem luz não me permite vislumbrar grande coisa. É já no final da nossa conversa, quando me preparava para sair que lhe pergunto à queima-roupa: "o Armando é filiado no partido comunista?" Tinha ficado com essa impressão mas ele não o afirmou claramente. Confirma a filiação e confidencia-me que está impressionado com a atenção que lhe dei. Diz-me que falou de forma aberta comigo sobre temas que nem com as companheiras abordou e sente-se aliviado por isso.

Começámos por falar na sua experiência de *viver só*. Relata-me que a saída da mãe para um lar coincidiu com um "afrouxamento" da relação que tinha então e que durava há onze anos: "eu julgava que era a mulher da minha vida, mas não foi ainda desta". É no termo dessa ligação que "sente verdadeiramente o que é estar sozinho":

> Por vezes, é complicado, não é fácil... Especialmente quando somos, vamos lá, coagidos a não seguir as coisas todas como gostaríamos de fazer… aquilo que eu há pouco lhe dizia sobre a casa, os bancos e isso tudo. Mas hoje, pronto, dia quatro de Maio, digo-lhe a si Rosário: tenho-me aguentado bem…

Neste "remar contra a maré", reconhece que um trunfo fundamental é precisamente a sua capacidade para construir relações amorosas que mantém numa gestão controlada, tal como o Carlos, cujo retrato se apresentou antes, assumindo implicitamente a impossibilidade de uma partilha mais intensa dos espaços e dos tempos no quotidiano.

> Do meu ponto de vista, uma coisa é a gente viver sozinho mas ter sempre alguém, digamos, tanto para troca de afecto como para a parte sexual e todas essas coisas que sabe, como mulher e como mãe. Outra coisa é a gente depois também estar numa fase em que não tem uma pessoa como bengala, entre aspas. E eu vivi isso. Entretanto já tenho neste momento um outro relacionamento porque eu também, vamos lá a ver como é que eu digo isto, não consigo estar muito tempo sem ter uma pessoa… E olhe que não é só pela questão da cama, desculpe lá a linguagem, não sei se lhe agrada, não é para me lavar a

> roupa nem nada disso. Isso é a mentalidade do meu pai, não preciso de uma mulher para me lavar a roupa, eu lavo-a; não preciso de uma mulher para me limpar a casa, eu limpo e vem cá também uma senhora fazer coisas que eu não sei ou não quero fazer...

Conheceu a "moça" com quem hoje mantém uma relação no infantário. É viúva, é mais nova cerca de 10 anos, e tal como as suas anteriores companheiras, tem filhos pequenos, no caso três. Na sua situação actual "a casa da mãe" já não serve de argumento para a recusa de coabitação. Depois sente que há um desajustamento nas suas orientações e na própria forma de encarar o mundo que pode vir a inviabilizar a construção de um projecto comum, receia por isso deixar que a relação se arraste, mas não quer deixar-se ficar sem "bengala".

> … é uma relação ainda muito recente, e ainda tenho muitas dúvidas sobre o caminho a seguir… Ela é uma pessoa que intelectualmente, vamos lá, não está ao meu nível, depois é aquele receio, há 21 anos que não partilho a casa com ninguém, e tenho receio de cair naquela rotina dos casais, que às vezes cria conflitos. (…) Muitas vezes pensamos que um caminho é o melhor e não é. E isto de estar sozinho tem também as suas vantagens, por exemplo, podermos ter estas vivências. Agora posso estar aqui consigo a falar-lhe de coisas que se calhar nunca contei a ninguém, está a ver Rosário? Isto é um dos lados que eu acho que é porreiro…

No balanço de prós e contras entre uma conjugalidade liberta, ainda que mutuamente comprometida, e a orientação para o modelo mais comum, do casal que partilha a mesma casa, mas que muitas vezes segue vidas dissociadas, hesita e não consegue decidir qual o caminho a seguir.

> Eu tenho conhecido algumas pessoas, mas o que é um facto é que estou sozinho, não sei se está a ver. Eh pá, há pessoas que dizem: quem me dera ter uma vida como a tua, ter tido aventuras e coisas de loucura. É verdade, são grandes loucuras mas depois e os custos? Há outras que vivem uma vida inteira, pá, e aqui na freguesia também sinto que há aqui muitas pessoas da minha geração ou até um bocadinho mais velhas que estão casados apenas e só porque não têm para onde ir, por uma questão social e pelos filhos, já não lhes diz nada o casamento, estão fartos, mas no entanto não podem. Eh pá, e muitos para ser franco, também porque não têm capacidade financeira, e adoptam aquela passividade, não procuram alternativas.

À parte este tumulto de laços amorosos, tanto por força das suas funções como ex-autarca, como pelo seu forte envolvimento nos movimentos associativo e sindical, o Armando é uma pessoa bastante conhecida no meio onde reside. As suas relações na comunidade são pois muito abertas, envolvendo preponderantemente as "amizades de associação" consubstanciadas na partilha de actividades e interesses comuns, os "laços instrumentais" muitas vezes fundados na troca de informações úteis ou no exercício de influências (desde logo políticas) os "auxílios" solidários, seja de vizinhança, seja nas próprias relações em torno do infantário, e também o convívio de "companheirismo" (Spencer e Pahl, 2006: 60-61). Mas como realça, "amigos com «A» grande" tem apenas dois ou três, aos quais se sobrepõem ainda a própria filha, que o implica numa afectividade que não tem de facto com mais ninguém. Adiciona a estes laços de maior compromisso e adesão pessoal os seus dois irmãos mais velhos, ambos casados e cada um também com uma filha. Tem com eles "uma relação forte mas distante", encontrando-se ocasionalmente nas situações festivas mais associadas à família, talvez uma ou duas vezes por ano:

> Eu e os meus irmãos, às vezes, estou três meses sem falar com eles, isto é uma coisa que não dá muito para os padrões aqui de família em Portugal. Somos três rapazes e temos três raparigas (filhas). Esta que está aqui é a minha mãe. [aponta uma foto em cima da mesa]. Temos um relacionamento, pronto, o meu irmão precisa de uma coisa qualquer, se pode recorrer a mim não hesita; eu também tenho coisas, mesmo até ao nível de advocacia, preciso de um perito, ele é um advogado já muito experiente, e portanto faço o mesmo. (...). Portanto, nós temos um relacionamento, mesmo que um bocado distante, e somos amigos, acima de tudo é isso. Agora, eu é que também entendo que não devo estar tanto com eles… Eh pá, são dois homens casados eu já passei por dois divórcios e outras tantas separações, para eles que têm mulher estas minhas experiências são assim um bocado complicadas.

A certeza destes laços surge para si como um conforto, e embora não tenha qualquer intenção de recorrer à ajuda dos irmãos para fazer face a um qualquer "aperto" ou "azar" financeiro, sabe que qualquer um deles o apoiaria.

Alguns episódios de saúde, associados à perda momentânea de equilíbrio, têm alimentado o seu receio de se ver sozinho em casa. Esse receio, misturado com uma forte dose de "teimosia e persistência" levam-no a procurar manter-se activo o mais possível, mas simultaneamente atiçam-lhe as dúvidas sobre se no futuro não irá optar por partilhar o espaço de residência, uma alternativa que na verdade também o angustia. Ao rever o seu passado e no confronto da experiência dos seus próprios irmãos e outras pessoas suas conhecidas receia ser compelido para uma escolha que se dá entre o mau e o pior.

> Oxalá que não agrave, porque tenho medo daquilo, assusta-me. A última que me deu foi há um ano. Lembro-me bem, tinha ido a Lisboa porque faleceu a mãe de uma funcionária e eu estava a entrar no velório quando comecei a ter aquilo…

Presentemente o seu envolvimento em voluntariado na gestão do infantário evita que tenha que enfrentar estes medos, pelo menos ao nível do quotidiano. Quando acontecem, é sobretudo nos fins-de-semana, especialmente ao domingo – porque ao sábado vai para Lisboa trabalhar como consultor. E são situações que se acentuam no Inverno, quando passa mais tempo em casa, nessa altura é frequente experimentar "dias um bocado angustiantes".

> Portanto, as coisas têm vindo a virar a folha, não sei se é já velhice precoce, se o que é que é (risos). A sério, sinto. Ao domingo sinto uma certa necessidade de estar mais acompanhado, porque também estou menos ocupado. Quando ando ocupado e não sei quê, o tempo passa bem para mim. (…) Eu vou bastante ao cinema, gosto muito de ir ao cinema, ao teatro também, mas vou menos, ou vou entreter-me, encontro-me com os amigos, agora com esta moça, portanto, ela tem três filhos e geralmente não é fácil, não é? Há sempre as lides domésticas e ela é ama, ela neste momento é ama, portanto toma conta de crianças, mas ela não pode eu saio na mesma, e então às vezes vou a São Martinho, gosto muito de ir almoçar ali à praia de Santa Rita. Vou para lá, como umas sardinhas, bebo uma cerveja e estou ali um bocado na conversa com este ou com aquele e o tempo passa num instante...

Portanto, o problema agrava-se de facto quando por qualquer razão se deixa ficar várias horas sozinho em casa ou porque está frio ou porque está a chover. Televisão não vê,

não aprecia, ocasionalmente liga o rádio mas não é muito dado ao uso dessas tecnologias. Prefere estar a ler, gosta muito de ler "um bom livro", mas depois vem-lhe a angustia e começa a sentir a necessidade de arejar, e acaba por ser "obrigado" a sair…

> Não sei se é porque aqui foi a casa da minha mãe, se é porque o prédio está velho e degradado, se é porque sinto que estou a ficar velho e sem alternativas… Mas eu sei que, no essencial, vivo de forma equilibrada, ainda que com alguma insatisfação, como viu, é público e notório... Mas ainda acredito… e enquanto eu tiver forças e cabeça e braços e mãos, tenham paciência, eu cá estou... Isto é verdade!

Sociabilidades frustradas

Daniela, 61 anos, viúva desde os 27 anos, dois filhos, diz-se sozinha há três anos, desde que se separou do último companheiro. Quando da viuvez, vivia em Angola. Começou por morar em casa dos pais com os filhos, contudo o sentir-se controlada e sem possibilidade de reconstruir a vida numa nova relação, ou mesmo experimentar outras experiências, levou-a a procurar a independência residencial face à família de origem. Completou o ensino secundário já em adulta. Ao longo da sua vida activa exerceu uma grande variedade de profissões. Ainda em África trabalhou num departamento que atribuía subsídios para pequenas iniciativas, era a pessoa responsável pela organização dos processos. Nessa altura beneficiou ela própria de um apoio para a compra de uma máquina de costura, e criou um pequeno negócio no qual trabalhava "fora de horas (…), sempre ganhava mais alguma coisita para mim e para os miúdos". Esse espírito empreendedor nunca a abandonou. Já em Portugal, trabalhou "toda a vida" num hotel. Tinha uma forte relação de amizade com a proprietária – "a madame" –, e foi ela que lhe ofereceu o dinheiro que deu para entrada no T2 onde vive ainda actualmente.

> Na altura deu-me cinquenta mil escudos que serviram para eu fazer o contrato de promessa de compra e venda, isto há 30 anos era muito dinheiro, e mesmo depois disso ajudou-me muito.

É dessa actividade que retira a reforma actual, de pouco mais de 1000 euros. Paralelamente sempre fez diversos "trabalhinhos": tipo vendas ao domicílio, onde ganha

à comissão, de *tupperwares*, cremes ou roupas para a casa. Há uns anos a esta parte trabalha numa empresa de telemarketing. Diz-me que "o que mais aprecia nos seus trabalhos é o contacto com as pessoas". Trabalha não tanto pelo dinheiro, embora isso também seja um factor importante, mas porque precisa desse contacto como forma de "alimentar ligações, criar novos relacionamentos e sentir-se útil e integrada na sociedade".

O seu contacto foi-me dado por uma colega que trabalha no call center. Descreveu-ma como uma pessoa na casa dos 60 anos, muito alegre e amiga de conversar, com dois filhos, ambos emigrantes em França há alguns anos. Cheguei e fiquei surpreendida pelo seu ar juvenil, numa primeira avaliação não lhe daria mais do que 45 anos. A casa pareceu-me primorosamente organizada, quase um *bibelot* que estima e mantém com o maior cuidado. A entrevista marcada para as 10h da manhã acabou por entrar pelo início da tarde, e só não durou mais porque às 16h tinha que estar na «Pluri» para trabalhar. Eu mal lhe coloquei questões, pareceu-me desejosa de contar a sua história, perdendo-se nos relatos sobre os amores e desamores que viveu no passado e rematando com a tristeza que é ver-se agora sozinha, sem um companheiro com quem partilhar a casa e todos os bens materiais que foi conquistando à custa de muito esforço pessoal. No final da entrevista insistiu em oferecer-me um queijo da Serra que adquiriu directamente a uma senhora que os produz em casa "como este dificilmente encontrará numa loja". Eu não tinha dinheiro e fiz questão de enviar-lhe o pagamento através da colega comum. Acabámos por seguir uma atrás da outra no meu regresso a Lisboa. Mora no lado de lá do Tejo, a cerca de 20 minutos do seu local de trabalho.

Entrando no apartamento registo que o televisor no quarto se mantém ligado, enquanto na sala, no outro extremo da habitação, tem a música a tocar (tem três televisões: para além da do quarto, uma na sala, outra na cozinha). Explica-me depois que estando em casa tem sempre alguma coisa ligada, às vezes chega a adormecer sem mesmo desligar a televisão, e a música tem dias que põe bastante alta. Gosta muito de ouvir a Lara Fabien e a Celine Dion, gosta de música romântica em geral. Gabo-lhe as

divisões que orgulhosa me vai mostrando, digo-lhe que o espaço está muito bonito. Explica-me que o apartamento foi completamente remodelado há pouco mais de um ano. Refere que fez as obras sem dizer a ninguém, nem à mãe ou irmãos, nem aos filhos. Não disse a ninguém, por um lado, porque para o efeito "apenas tinha que prestar contas a si própria, e por isso não estava disposta a ouvir palpites", por outro lado, deu-lhe gosto fazer uma surpresa ao filho mais velho quando este veio com a neta passar umas férias a Portugal, e "queria mostrar-lhe que era autónoma e independente e que afinal, contra tudo e contra todos, tinha conseguido vencer na vida". (...) Na parede retratos da neta e do filho mais velho tirados nessa visita recente, uma foto da Daniela feliz com o João, o seu último companheiro, a quem a ligam ainda fortes laços afectivos e emocionais, como reforça por diversas ocasiões na entrevista: "fomos muito felizes os dois". É com certa mágoa que realça o facto de, apesar disso, e de ele morar também ali no bairro e de saber que ela está sozinha, raramente toma a iniciativa de lhe telefonar, sequer para saber notícias:

> sei que há pessoas que têm amigos mesmo amigos, eu não tenho ninguém. (…) A única pessoa que eu tenho para onde corro é uma velhota que tem a idade da minha mãe, tem pouco mais de 80 anos, vive em Cascais e por vezes tem de deslocar-se ao hospital e eu acompanho-a. Se não estou a trabalhar e não tenho ninguém acabo por lhe ir bater à porta só à procura da companhia e para fazer alguma conversa. (…) Como estou muito sozinha, tenho de me envolver com as pessoas que me rodeiam. Essa minha amiga de Cascais é que diz que quando vou para lá não me calo, como estou sempre sozinha quando chego ao pé delas, falo, falo.

Ao longo da vida a Daniela teve duas ligações amorosas relativamente prolongadas, ambas com homens casados e com filhos, pelo que nunca concretizou uma coabitação estável e inteiramente assumida pelos seus companheiros, acabando por permanecer em monoparentalidade, depois sozinha na sua casa. O "fracasso" da sua vida amorosa aprofunda a representação que faz do *viver só* como uma fatalidade e sobretudo grande frustração.

> É horrível! É assim: à partida nós sabemos que entramos em casa e que ninguém nos vai bater à porta, ninguém nos toca à campainha, que nos deitamos e que não vamos sentir nunca a chave na porta.....

Além disso, as relações com a família, a mãe e os irmãos, nunca foram, nas suas palavras, de grande intimidade:

> A minha mãe foi uma pessoa muito complexada em relação às mulheres, para ela o mais importante são os rapazes. O meu pai faleceu, ela está com um dos meus irmãos. No tempo dela nem tão pouco aprendeu a ler, e portanto acha que o lugar da mulher é ficar em casa (…). Eu fiquei viúva muito nova, os meus filhos eram ainda muito pequenos, na altura fui com eles para casa dos meus pais. Só que a minha mãe por vontade dela eu ficava de luto toda a vida, diz que na terra dela era assim, fez-me a vida negra. Eu não podia sair de casa, controlava-me todos os passos e mesmo quando eu ia buscar os meus filhos à escola, já viúva, se eu me "entretesse"(sic) às vezes a falar com um amigo ou com uma amiga que eu encontrava tinha logo problemas. Eu acabei por sair de casa dela.

Esta relação conflituosa com a mãe que a conduz numa independência precária, com dois filhos pequenos, arrasta-se no tempo sempre sem solução, até porque não é conciliável com uma orientação e um gosto pessoal assumido pela partilha de experiências, boas e más. De resto sente que não foi apenas nessa ocasião que a família a "traiu", virando-lhe as costas e não se solidarizando com a sua situação. Hoje se estiver doente ou se precisar de algum apoio eles (mãe, irmãos e mesmo os filhos) estariam no fim da lista das pessoas a quem eventualmente poderia recorrer.

> Quando foi dos meus filhos que tive problemas – o mais novo meteu-se na droga, fugiu da escola, e não acabou os estudos, o outro fez até ao 9.º ano mas depois quis ir logo trabalhar, e até era bom aluno. Eu tentei falar com a minha família e tentei pedir-lhes ajuda. Mas eles ao invés de me ajudarem foram ralhar com os miúdos por me contarem as coisas. (…) E da parte deles nunca senti de facto qualquer vontade de me fazerem participar na vida deles, nunca me pediram uma opinião, por isso pago-lhes na mesma moeda.

Os filhos entretanto foram para França, trabalham com um dos tios (irmão da entrevistada), na construção civil e fizeram por lá família. A Daniela de vez em quando já lhes tem enviado sobretudo roupas, e uma ou duas vezes por ano, normalmente na

Páscoa e no Natal, procura passar por lá uma temporada, nessa altura é ela que paga todas as despesas, levando-lhes "bons presentes" de Portugal. Mas é tudo complicado, e na última ocasião a experiência foi infeliz. Teve que dividir-se entre a casa de um e do outro, pois não se falam, depois o mais novo continua metido na droga, agora também no álcool, a companheira é a mesma coisa, e portanto acabaram por ser momentos de grande tensão e conflitualidade:

> Como mãe eu não posso ver o meu filho estar a dar cabo da vida dele e não dizer nada. O outro, o mais velho já me vai dizendo para eu juntar dinheiro porque qualquer dia o irmão é expulso e vem para Portugal.

Ir trabalhar, no caso, na empresa de call center constitui assim a forma que arranjou para fugir de uma solidão que a oprime:

> Muitas vezes vou na ponte e há dias que me apetece parar o carro e atirar-me da ponte abaixo. E às vezes vou a conduzir e vou a chorar. Mas depois chego lá e vem a Maria (que é deficiente motora), e sento-me no colo dela, vem outro e enche-me de beijinhos, eu acho que gostam todos muito de mim, todos eles. Acho que não há nenhum que não goste de mim, e eu tento ser o mais simpática e lá vou dando conselhos daqui e dacolá e que têm de estudar, que isto aqui não é para vocês… E assim ganho amigos, estou ocupada e tenho mais um dinheirinho. E provavelmente se eu não estivesse lá a trabalhar talvez não fosse tantas vezes ao cabeleireiro, nem podia fazer, de facto, a vida que eu faço, só com a minha reforma isso seria impensável…

Como que para se auto-compensar gosta de se oferecer pequenos mimos e presentes: come muitas vezes fora, o almoço sempre, e frequentemente em "bons restaurantes"; vai ao cinema; vai à praia; faz tudo sozinha. Só ainda não conseguiu ir jantar sozinha ou ir a um bar ou discoteca sozinha, são situações que apelam à companhia. Mas, de facto, faz "o mais possível para evitar estar em casa sozinha".

> É a minha casa, está linda, e como pode ver, tem tudo do melhor. Mas eu detesto estar aqui em casa. Paguei-a com muito sacrifício e tudo o que aqui tenho foi tudo comprado por mim com muito sacrifício. Eu só mobilei a casa depois de os meus filhos irem embora. Para quê tanto sacrifício, para estar aqui sozinha sem ninguém com quem partilhar! Mas de momento já me sinto muito cansada, já me custa a levantar e então tento estar de manhã aqui em casa, vou fazendo qualquer coisa, tomo banho, visto-me e vou para a rua. Chego à

> «Pluri» para aí duas horas antes, porque não quero estar aqui em casa, porque começo a pensar em coisas... Eles não me deixam entrar antes da minha hora. Às vezes chego lá e fico dentro do carro a ler ou a ouvir música. Outras vezes vou dar uma volta, ver as montras, vou até ao centro comercial. Vou às vezes ao banco, se preciso de dinheiro. Vou meter o totoloto. É assim que eu faço.

O futuro? Não sabe, é uma incógnita, mas ocasionalmente pensa nisso e dá-lhe muito medo, pois sente-se incapaz de suportar a ideia de perder os laços, superficiais que sejam, que hoje mantém com os colegas de trabalho. Se um dia não lhe renovam o contrato terá que procurar alternativas: trabalhos domésticos ou cuidar de algum velhote, tratar de crianças... Não se vê a estar parada…

> Para mim parar é morrer. Só mesmo se eu própria também já estiver dependente. Aí é que realmente vai ser um problema: vou acompanhar alguém, quando já estou a precisar de ser acompanhada também? Ou eu ligo ou a minha família não liga. Quando eu não puder vou chegar-me a eles ou eles a mim? Não! A minha mãe tem 81 anos e qualquer dia lá vai ela e eu fico. Os meus filhos dão-me mais dores de cabeça, não estou a ver.

O cenário que mais a seduz seria de facto encontrar um companheiro que a aceitasse tal como é. Refere que uma "colega" na pluri a brincar diz-lhe que qualquer dia lhe vai arranjar um namorado através da Internet. Mas ao mesmo tempo receia cair numa nova mentira e vê-se sem futuro e sem perspectivas:

> Eu tenho muito medo de me voltar a envolver e cair de novo no engano. Não vejo assim nada. Vejo-me na minha casa sozinha. Talvez tenha de arranjar alguém para me ajudar, e por isso também quero amealhar algum.

Projectos interrompidos

Maria do Carmo, 83 anos, viúva (amiga da Teresa e como ela, também assistente social), vive sozinha há 25 anos desde que o marido morreu. Mora ainda na casa alugada que ocupou quando casou, "sob o peso da tristeza e da solidão", associando de forma mal assumida a sua condição actual a um marido que nunca verdadeiramente a compreendeu, que a "isolou das amizades de infância" e sobretudo, não lhe "deu

nenhum filho". Quando, precisamente a possibilidade de ser mãe foi, na realidade, a maior motivação que a conduziu ao casamento – em face de uma moral católica que apenas nesse contexto institucional aceitaria a procriação.

> Na altura [na idade casamenteira], hesitei muito, eu tinha a experiência dos meus pais que se separaram era eu muito pequenina, e acreditava que a mulher devia lutar pela sua independência. Portanto, concluí o meu curso, comecei a trabalhar, fiz a minha carreira e só mais tarde, quando já tinha 36 anos, é que, enfim, aceitei o casamento. (…) O meu marido era muito boa pessoa, era muito meu amigo, mas com a sua atitude, com a sua maneira de ser, fez-me afastar de muitas amigas com quem eu me relacionava cá em Lisboa, e isso fez-me muito mal. Fez-me muito mal porque me isolou um pouco.
>
> Nós éramos muito diferentes, tínhamos gostos muito diferentes, eu tinha uma grande paixão pelos livros e pelas viagens, tinha aquela curiosidade (que hoje mantenho) de conhecer novas culturas, contactar com outras gentes, e o meu marido não… ele não tinha grandes habilitações… mas depois ele fez uns exames e conseguiu ir para a metalúrgica, para um lugar de chefia, para um bom lugar, onde já ganhava muito bem. Não éramos ricos mas com o que eu ganhava e com o dele vivíamos muito bem, mas depois ele morreu.

Tal como a Margarida (a "viúva alegre") é pois sobretudo depois da viuvez que se orienta novamente para as duas actividades que mais aprecia: os livros e as viagens. Já correu entretanto os cinco continentes: em excursões com alguma amiga ou mesmo sozinha. Durante estes anos, também teve dois pretendentes que recusou. Um por questões religiosas, pois é divorciado; o outro, viúvo com três filhos já casados, mais velho do que ela cinco anos, fez-lhe recordar o "trauma" que viveu no seu casamento.

Toda a sua vida economicamente activa trabalhou como assistente social, num departamento do estado. E quando se reformou, já há cerca de 20 anos, pensou em dar continuidade à sua actividade através do voluntariado. Chegou a apresentar uma proposta numa IPSS... Mas não valorizaram as suas qualificações, e puseram-na a varrer o chão e a limpar. Mais tarde ainda ensaiou uma nova tentativa de envolvimento através da Igreja. Porém, a focalização nas práticas de religiosidade, em prejuízo do apoio solidário efectivo, investido na resolução dos problemas das pessoas, levou-a

igualmente a desistir. Como sublinha, enquanto trabalhadora nunca cumpriu estritamente os horários próprios da função pública:

> Eu dei sempre muitas mais horas ao meu serviço, horas que não eram remuneradas. Trabalhava nos bairros, tinha que tratar com o chefe de família, com pessoas também empregadas que nunca chegavam antes das 6.00h da tarde, e portanto eram 7.30h e 8.00h e ainda lá estava, não me vinha embora. (…)". [Esta orientação acentuou-se depois de o marido falecer] Até porque depois chegava a casa, já não tinha empregada, já não tinha ninguém, não é?

O prédio onde reside numa esquina da Av. Gago Coutinho é hoje maioritariamente ocupado por escritórios. No seu patamar, o caminho até à porta destaca-se pelo corredor de plantas que ali se distribuem. As quais para além da componente paliativa de alívio do sofrimento moral suscitado pela vivência da sua actual condição, e do próprio entretenimento que suscitam, permitem-lhe trazer até ao presente laços recuados, momentos de troca e de carinho afectivo.

> É o meu entretenimento, não me canso de as ver crescer e florescer… Esta está assim [murcha] desde que a minha empregada cá veio, ela pediu-me um pé e eu não tive coragem de dizer que não. Estava tão bonita, cheia de flor, mas não gostou que lhe mexêssemos. Aquela buganvília ainda foi o meu marido que me ofereceu, veja lá, portanto, já tem para cima de 25 anos!

Dentro de casa o ambiente inspira conforto. Ao longo do corredor, bastante amplo, uma estante em madeira trabalhada, pintada de branco, está absolutamente pejada de livros. Sou convidada a entrar na sala, muito espaçosa, mobilada de forma clássica, e iluminada ao fundo por umas janelas amplas que dão para a Gago Coutinho. Ela parece muito satisfeita e curiosa com a minha presença. Pergunta-me se não quero tomar alguma coisa. Eu agradeço e digo que estou bem. Sento-me no sofá, preparo o gravador e inicio a conversa, explicando em termos genéricos o contexto e os objectivos da entrevista.

Procurando aprofundar a situação que a conduziu a morar sozinha desde que o marido faleceu, enfatiza que no seu caso "não foi uma opção. Foi a vida que se proporcionou assim". Na sua narrativa sublinha essencialmente os aspectos mais

negativos da experiência vivida, especialmente a solidão e o isolamento, que tendem a acentuar-se com o envelhecimento.

> O que mais me custa é não ter ninguém com quem conversar, por exemplo, não ter ninguém com quem *partilhar* mesmo as coisas simples: 'olha hoje tive um sonho muito estranho' ou 'passei mal a noite', qualquer coisa. Viver sozinha é muito triste, é muito triste (...) Mantenho algumas amizades, mas, cada vez mais, ou sou eu ou são as pessoas, não lhe sei explicar, noto um afastamento. (ênfases da entrevistada)

No elenco de causas e de efeitos sobre os quais vai reflectindo para justificar a sua actual condição, há experiências – umas que viveu outras que gostaria de ter vivido – que assinala repetidamente. Salienta em primeiro lugar o não ter filhos. Depois os ziguezagues de infortúnios que lhe aconteceram, nas diversas ocasiões em que tentou mobilizar-se, já reformada, em actividades de voluntariado. Também ao contrário da amiga Teresa, sob cuja experiência se coloca em confronto, sublinha ainda o facto de não ter procurado alternativas de convívio, para lá dos livros e das múltiplas viagens. Opções que hoje se vêem amplamente restringidas pela falta de saúde:

> Com as viagens e com os livros consegui manter-me entretida e não sendo rica sempre vivi razoavelmente, sem grandes constrangimentos materiais. O problema de facto é a saúde ou a falta dela, melhor dizendo. Primeiro os olhos: estou a ver cada vez pior, e isso por vezes impede-me de fazer uma das coisas que eu mais gosto que é ler os meus livros. Leio muito, muito, muito, muito, gosto mesmo muito de ler, leio de tudo: livros técnicos, livros de informação, romances, autores estrangeiros, autores portugueses, leio os clássicos e leio outros mais modernos, gosto mesmo muito de ler, é de facto uma das minhas grandes paixões tenho *milhares* de livros espalhados pela casa... As viagens são talvez a única actividade que consegue suplantar este meu gosto pela leitura, embora ler um livro seja muitas vezes uma experiência de viagem pelo pensamento de outra pessoa. Mas gosto também muito de viajar, já corri o mundo.... (ênfase da entrevistada)

A sua última grande viagem já foi há mais de dois anos. Tinha começado a planear um outro passeio, queria ir à América do Sul, à região da Patagónia, e ia com uma amiga, que como ela morava sozinha. Tinham estado as duas a combinar tudo e contava encontrar-se com ela para irem juntas à agência de viagens, quando uma sobrinha lhe telefona a dar a notícia: a senhora tinha morrido de forma inesperada. Esta experiência

afectou-a profundamente. E não obstante a sua médica lhe assegurar que não há razão para desistir, tem receio que lhe possa acontecer o mesmo a si durante a viagem, com isso afectando todo um sem número de pessoas. Mas ter deixado de viajar é realmente o seu principal desgosto, é a raiz do seu desânimo, isolamento e do sentimento que se agudiza de que já não tem futuro.

> Sinto muito a falta… agora que não consigo fazer nenhuma daquelas coisas que eu fazia – mesmo a leitura tenho que ter algum cuidado e já não consigo estar aquelas horas todas a ler – e sinto-me mais desanimada. Talvez por isso tenho-me afastado das pessoas, tenho-me isolado mais um bocadinho, é verdade… mas não é por querer. Eu não sei bem dizer porque é. Mas a minha vida é muito triste. A minha vida é triste. É o envelhecimento, não é?

Sobretudo desde que deixou de viajar tem vindo a participar cada vez menos nas actividades que as amigas organizam, limitando-se no essencial a ir à missa da manhã, e de vez em quando a alguma exposição… Nas suas relações familiares conta com um sobrinho, filho do irmão, entretanto falecido, e a ex-mulher dele (a "minha sobrinha"), a qual é, curiosamente, talvez a pessoa a que se menciona de forma mais positiva:

> Ele tem outra, ela parece que não tem ninguém, mas… quer dizer, não ficaram inimigos. Têm uma filha que agora até está pelo Brasil, e portanto não ficaram inimigos… Ela tem sido incansável, uma pessoa sempre presente ou tenta passar por cá ou pelo menos telefona, e está sempre com aquele cuidado. Foi ela agora que me arranjou uma empregada para estar aqui comigo mais um dia, para eu não estar tão sozinha… mas está a ver se me encontra uma interna, só que é muito difícil… hoje as criadas deixaram de querer servir… Vêm, trabalham uns dias, trabalham às horas e querem ter as suas casas. Aquele princípio da criada sempre em casa deixou praticamente de existir…

Conta ainda com duas sobrinhas da parte do marido que "insistem em manter laços" e quase que a "obrigam" a ir a casa delas almoçar, envolvendo-a sempre nas ocasiões festivas mais associadas à família, como o Natal: "todos os anos na véspera de Natal lá vou eu comer o bacalhau, que eu não aprecio nada...".

Apesar da diversidade potencial de relações, algumas das quais com uma raiz consolidada em laços familiares que envolvem as componentes de conforto, auxílio

solidário e mesmo alguma tentativa de companheirismo e convívio amical, Maria do Carmo parece recusar sequer "negociar" qualquer tentativa de inclusão e entrosamento. Interrompidas as viagens que a guiavam pelo mundo, a sua vida deixou de fazer sentido, e fechada em casa, rodeada de livros que já não consegue ler, está mergulhada numa tristeza profunda.

6.6 A casa escritório

Nestes protagonismos o alojamento é assumido, no essencial, como um espaço de retiro, que os próprios construíram com o intuito de controlar interferências exteriores – com origem nas suas múltiplas esferas de participação social –, e tendo como preocupação central acautelar condições de recolhimento – ou antes "de isolamento" – para a concretização de projectos profissionais. Mais do que garantir um espaço específico no interior do alojamento para o desenvolvimento das actividades laborais, a casa toda ela apresenta-se subordinada a esse envolvimento, restringindo-se os usos "domésticos" associados ao espaço do lar a uma periferia absolutamente elementar.

Esta forma de relação com o *viver só* traduz-se assim numa inversão dos usos que normalmente se dão ao alojamento: o qual neste tipo-ideal de protagonismo se apresenta, fundamentalmente, como um espaço de trabalho, sem traços específicos de vida íntima. Nestas experiências, mais do que um projecto entre outros projectos, a actividade profissional consubstancia-se no próprio projecto de vida, relativamente ao qual todos os restantes se subordinam.

Trazer o trabalho para dentro de casa permite a estes sujeitos incrementar o mais possível a mobilização que têm na actividade profissional, nomeadamente através de uma rentabilização do tempo, que de outro modo dificilmente concretizariam. O tempo é um bem escasso, demasiado precioso, é por isso gerido numa agenda intensa, reflexivamente controlada, embora desfasada dos ritmos e organizações quotidianas da maioria. Nesta mesma lógica, porque existem componentes do seu trabalho que obrigatoriamente têm que exercer nas respectivas instituições, procuram que as suas

casas estejam localizadas dentro das proximidades das mesmas, a minutos, mesmo numa deslocação a pé (Nyström, 2003).

Podemos reconhecer esta forma de envolvimento em alguns dos relatos anteriores (O Vasco ou o Álvaro, por exemplo), mas aqui o pragmatismo "realista" rege-se pela necessidade de gestão de recursos escassos que têm disponíveis (incluindo o próprio tempo), num sentido da salvaguarda de acesso a "serviços elementares". Estes definidos de acordo com uma moral e uma linguagem específica, e envolvendo desde a aquisição dos instrumentos básicos que necessitam para o desenvolvimento da sua actividade: os livros e o computador com acesso à Internet, no caso do Manuel, às refeições no restaurante de esquina ou ainda à possibilidade de concretização de uma vida boémia e relativamente descomprometida.

Os amigos emergem aqui como apoios quotidianos essenciais, pois de alguma forma compensam estes afastamentos e esta ausência de intimidade, que se rejeita no interior do alojamento – reservado como espaço e tempo de retiro, onde a presença do outro (especialmente os amigos) não é desejada. Eles surgem como elementos estabilizadores, cuja existência produz conforto, mesmo quando as interacções presenciais são reduzidas. São igualmente os parceiros dos momentos de diversão e folia e, ocasionalmente, são ainda essenciais para o restabelecimento de algum bem-estar – fornecendo, por exemplo, algum equipamento básico na própria satisfação de necessidades elementares (um frigorífico onde guardar o leite do pequeno-almoço, na experiência do Manuel), na oferta de uma refeição caseira nas suas casas, etc.

Os laços familiares mesmo quando aparecem marginalizados, confinados a momentos do ano como o Natal (caso do Fernando), são valorizados, nomeadamente enquanto apoio moral nas "ocasiões extremas" de crise pessoal. São ainda vistos como um suporte a que podem acorrer para fazer face a situações de aflição económica/financeira. Isto embora, nesta experiência, o regresso a casa acabe frequentemente por acentuar as diferenças e a distância que se impôs nas suas vidas.

Um projecto que se sustenta no isolamento

Manuel, 34 anos, com sucessivas relações LAT, entre as quais a actual dura há cerca de três anos, mora sozinho há 11 anos. É professor universitário numa faculdade pública, aguardando a todo o momento autorização para "entrar em sabática", de forma a preparar o seu doutoramento. A título complementar, é juiz arbitral, um trabalho que exerce de forma incerta: faz pareceres uma ou duas vezes por ano, embora seja daí que retira a sua principal fonte de receitas, já que segundo o próprio, é um trabalho muito bem remunerado, em Portugal. Começou a dar aulas, primeiro como monitor depois como assistente, logo que terminou o curso, enquanto paralelamente desenvolvia o estágio de dois anos, obrigatório para a advocacia. Não tem, porém, qualquer intenção de vir a exercer como advogado.

> Ser advogado é uma coisa horrorosa: ter de lidar com clientes, com os prazos, ter que fazer coisas chatas… Eu na faculdade basicamente estudo aquilo que eu gosto, aprofundo as áreas que eu gosto. Um advogado pode ter que estudar qualquer coisa, e em condições muito piores, porque tem que defender posições às vezes ainda sem as conhecer bem. É muito mau.

Conheço o Manuel (e os seus pais e irmãos) desde a infância, morámos na mesma vila ribatejana, mas hoje raramente nos encontramos. Consegui o seu telefone através de um conhecimento comum. Sabia que ele estava sozinho e perguntei-lhe se se importaria de me conceder uma entrevista sobre "pessoas que moram sozinhas numa casa", o que aceitou. Diz-me que está familiarizado com algumas questões da sociologia e até acha uma certa graça à disciplina. Um dos seus maiores amigos é sociólogo. É o seu companheiro nas madrugadas em que vai beber cervejas e comer bifanas para a *roulotte* do Lumiar. Combinámos em sua casa, um local onde "raramente recebe pessoas."

Reside nas Avenidas Novas, num T0+1 alugado; constituído apenas por uma sala (no máximo com 12m2), um quarto mobilado com uma cama de solteiro e um pequeno guarda-roupa onde mal há espaço para transitar, e uma pequena casa de banho. É tudo pequeno excepto o próprio que mede mais de 2 mts. A sala, centro de vida na

casa, está completamente invadida de livros, ao centro, no único espaço disponível, uma mesa-secretária, onde tem o computador e pilhas de papéis, também dispostos no chão de forma organizada – que me refere depois serem processos pendentes, que aguardam o seu parecer jurídico –, duas cadeiras e mais nada. Entro, tenho a sensação que entrei num *bunker*. Num cubículo junto à única janela tem um fogão de dois bicos "que apenas serve para aquecer o leite ao pequeno-almoço" e um frigorífico pequenino muito antigo que "um amigo resolveu cá deixar, fazia-lhe confusão eu não ter frigorífico em casa". Trata-se, como depois sublinha, do seu retiro, onde gosta de estar sozinho, completamente em silêncio e a trabalhar.

> Tenho um vício terrível, quando estou em casa ponho sempre coisas nos ouvidos. Estes tampões são para pôr nos ouvidos, para quando estou em casa, gosto de trabalhar em absoluto silêncio.

Ali raramente recebe outras pessoas:

> … só a minha namorada e depois de vez em quando vem cá um amigo meu, mas só para conhecer a casa, mas é entrar e sair (...). Não recebo porquê? Tem também a ver com o facto de eu não gostar de receber pessoas... Os meus pais também nunca receberam pessoas, para além dos irmãos, acho que nunca fui habituado a receber pessoas… Há outro problema que é eles [os amigos] não terem respeito nenhum por mim e fazem coisas horrorosas só para me chatearem: desordenam-me os livros, ou põem-nos de pernas para o ar, põem-nos mais metidos para dentro na estante e portanto, eu prefiro não os receber (risos). E portanto, como podes ver, não tenho aqui nada que me possa distrair, tenho o computador, tenho a Internet, isso não posso evitar, mas televisão, música nada… só às vezes o rádio, quando tenho as aulas, enquanto me preparo para sair, ajuda-me a despertar, mas para além disso nada; mesmo a música… nos últimos anos tenho posto pouca música, distrai-me, e eu não quero distrair-me (risos).

Em casa tudo o que não esteja directamente ao serviço do trabalho é reduzido ao mínimo. A ideia é evitar o mais possível ter que se preocupar. Come sempre fora, excepto o copo de leite ao pequeno-almoço e tem uma empregada de origem ucraniana que faz a limpeza uma vez por semana. Depois a roupa ou manda para a lavandaria ou, no fim-de-semana, quando vai ao almoço semanal em casa dos pais, leva para a mãe e

traz na semana seguinte. O computador, não pode evitá-lo, acaba por ser o único elemento de distracção, mas é um instrumento "obrigatório" e está permanentemente ligado.

> Se estou em casa, mesmo quando estou a ler, estou com o computador ligado. Para escrever também. Estou sempre ao computador. Serve para tudo: para trabalhar, para me informar, para ler jornais, para estar com amigos, fazer pesquisas, serve para tudo (...). Eu também perco tempo aqui em brincadeiras: por exemplo, nessa coisa de jogar xadrez… ao contrário do que possas pensar, não há nada de intelectual. São jogos de xadrez rápido, é uma coisa absolutamente sem conteúdo. Jogo com pessoas do mundo inteiro. Mas felizmente agora nos últimos tempos reduzi isso, avariou-se-me o rato do computador e não comprei outro por uma questão de estratégia, não posso comprar um rato bom (risos). A questão é essa! É que eu não posso comprar um rato bom porque são vícios que às vezes me levam muito tempo.

Teve a sua primeira experiência de "independência residencial" quando ingressou na faculdade, aos 17 anos. Então, começou por partilhar o quarto com outro dos três irmãos, estudante do Instituto Superior Técnico. Depois de concluir a licenciatura, era já assistente na faculdade, foi um ano como cooperante leccionar para a Guiné. É nessa altura que começa a viver sozinho, situação que mantém até hoje. Desde que veio para Lisboa sempre morou nesta zona da cidade, nas Avenidas Novas, para poder deslocar-se mais facilmente a pé. Como sublinha meio a brincar:

> A minha namorada também vive sozinha, aliás num apartamento maior do que o meu e com melhores condições de conforto, mas nunca pus a hipótese de ir para lá, nunca mudei para lá a minha escova de dentes (risos). Eu sempre tive namoradas, pelo meio tive algumas namoradas mais exigentes, que em tempos quiseram que eu morasse com elas, mas nunca fiz essa opção, até agora não… Eu gosto de viver sozinho. (…) Eu acho que viver sozinho não tem nada de surpreendente, quer dizer, eu moro em Lisboa, os meus pais não moram cá, eu preciso de uma casa para viver e portanto moro sozinho, porque entretanto ainda não me decidi juntar com a outra pessoa.[98]

[98] Dando conta da reflexividade como um processo de "dupla hermenêutica" (Giddens, 1998: 11) e, em boa medida, questionando a «neutralidade» do quadro de interacção que se gera na relação investigador/investigado, poucos meses depois desta entrevista o Manuel decide coabitar com a Madalena. Quando nos reencontramos faz questão de insistir nessa mudança. Não a associa directamente ao nosso encontro, mas penso que a reflexão profunda que o mesmo promoveu, relativamente às suas

O pai, como ele, é também formado em Direito. Antes da reforma, foi primeiro conservador na comarca ribatejana onde reside; quanto à mãe era professora de matemática no ensino secundário e desde que se reformou é responsável pela catequese na igreja. Nenhum dos três filhos seguiu esta ligação tão estreita com a religião, designadamente o Manuel, que respeita, mas não se sente "um católico". As relações que o ligam à família, especialmente aos pais, envolvem laços complexos de solidariedade e apoio moral mútuo: por um lado, conta com os progenitores para qualquer situação de maior aperto, por outro aqueles também se reconhecem como fazendo parte integrante dos laços significativos que tem no presente. Normalmente procura ir almoçar com os pais num dos dias de fim-de-semana, mas nunca mais lá dormiu, "nem mesmo no Natal, prefiro vir aqui a casa e regressar no dia seguinte". Estes contactos tendem a assumir uma regularidade mais intensa sempre que algum está doente ou precisa igualmente da sua presença. Por vezes a namorada acompanha-o, mas geralmente vai sozinho.

Quando o convido a descrever um dia típico do seu quotidiano, sublinha que segue "uma vida um bocado desfasada dos padrões mais comuns": levanta-se por volta do meio-dia, normalmente vai um pouco à net vê os mails, consulta o Público, etc., toma um banho, e depois depende se tem aulas ou não. Há dias em que almoça, outros que não, mas quando o faz vai a um restaurante que é perto do escritório de uns amigos. Segue depois para a faculdade, dá as aulas e regressa a casa por volta das seis. Nessa altura senta-se no computador "ou a trabalhar ou a perder tempo em coisas inúteis". Mais tarde chega a Madalena [a namorada], entre as 8:30h e as 9:30h, saem para jantar, estão um bocadinho os dois, depois ela segue para casa dela, às vezes acompanha-a e regressa mais tarde para a sua. E depois aí é que realmente começa a trabalhar:

> Digamos, entre as 23h e as 4h da manhã. Mas isto nem sempre é assim, porque depois também saio com muita frequência. Ainda ontem à noite, à uma da manhã esse meu amigo

opções, terá tido necessariamente alguma influência. Esta nova implicação na conjugalidade implica também uma alteração do estatuto da sua relação: a Madalena deixou de ser designada por "namorada", apresenta-a agora como "a minha companheira… a minha mulher".

> me telefonou e estivemos a beber cervejas até às 4h da manhã, na tal *roulotte*. Portanto, eu saio muito e vou muito a casa de outras pessoas ou então estou aqui; a trabalhar ou a ler.

Nas férias gosta de viajar. Nessa altura vai com a namorada. O ano passado como tinham pouco dinheiro foram dez dias para as Canárias. No outro ano andaram a viajar pelo norte de Portugal e por Espanha, e no anterior foram visitar a Austrália, um mês de passeio. Este ano talvez façam um roteiro pela Europa, de carro.

Reflectindo sobre a sua experiência pessoal afirma que a principal vantagem no morar sozinho é viver sem grandes balizas, mas reconhece que existem uma diversidade de situações. Na sua experiência, considera que o principal factor de diferenciação se prende com a densidade das redes de sociabilidade e do tipo e qualidade de relações que as pessoas nessa situação têm disponíveis:

> Sozinho posso fazer o que quero... Mais? Posso andar nu pela casa, posso deitar-me ou não me deitar; posso sair de casa às três da manhã para beber cerveja (risos). (…) Repara, eu acho que a grande diferença está entre as pessoas que se dão com muita gente e as pessoas que não se dão com muita gente. Eu nas fases em que não tenho namorada, ou porque ela não estava cá – porque, por exemplo, ela está a fazer o doutoramento e esteve um ano em Inglaterra – nessas fases eu jantava pelo menos uma vez por semana em casa de alguns amigos meus casados. Tenho vários amigos bastante chegados, são quase família, e portanto, eu nunca tive uma solidão chata. Se estou sozinho é porque quero estar, quero trabalhar e preciso de me concentrar, senão saio para fazer qualquer coisa, estou com outras pessoas. Portanto quando é para estar em solidão, é uma solidão voluntária, estar aqui com as minhas coisas, com o meu computador, com os meus livrinhos...

A maior parte dos amigos conheceu-os em Lisboa. Apenas um remonta aos tempos de infância, vieram para Lisboa, para a faculdade, mais ou menos ao mesmo tempo, um para o Técnico, o outro para Direito: "É o tal que me ofereceu esse frigorífico, comprou-o para mim, e entretanto o meu tabuleiro de xadrez está em casa dele" (risos). Tal como nos relatos de outros entrevistados, apesar de no recrutamento das suas amizades ser notável uma homogamia de classe (em termos de origens sociais e sobretudo das qualificações escolares e percursos profissionais), refere que no geral os amigos não têm relação entre si, não se conhecem ou quanto muito encontram-se nos

seus aniversários. Estas relações, frequentemente muito fundamentadas nos laços de companheirismo e parceria, são mais ou menos intensas, também, em função dos contextos situacionais que os envolvem, para lá dos espaços partilhados de convívio e de apoio emocional. E regra geral, alteram-se significativamente quando assumem um novo laço amoroso ou, mais ainda, quando se casam ou têm filhos.

> São pessoas muito diferentes umas das outras. Quer dizer, são todos licenciados, mas à parte disso, tenho amigos de extrema-esquerda e de extrema-direita; tenho amigos de Direito, muitos, e outros de outras coisas... Tenho para aí cinco grupos de amigos. Eu vou estando com eles por fases. Por exemplo, neste momento a pessoa que encontro mais vezes é esse meu amigo que me acompanha nas cervejas, vive sozinho como eu e também dá aulas e está a preparar o doutoramento. Mas isso varia. Por exemplo, um amigo meu que é advogado, um grande amigo meu... ele *era advogado*, porque agora é construtor civil, eu houve alturas em que almoçava com ele quase todos os dias, há outros amigos meus com quem me encontro todas as semanas... Varia imenso conforme eles são casados ou não são casados ou são solteiros ou se estão com a namorada ou não estão... ou principalmente se já têm filhos. Olha, por exemplo, quando um amigo meu casou, há seis anos, para aí, houve uma vez que tínhamos combinado uma saída, uma saída à noite para ir beber umas cervejas, eles não apareceram, e eu escrevi-lhes uma carta com remetente: «A associação dos resistentes ao tempo e ao trabalho», uma carta a insultá-los, a dizer que eles não tinham cumprido os seus deveres. Mas foi uma brincadeira. (ênfases do entrevistado)

Para além destas relações tem também contactos regulares que estabelece na Internet:

> Tenho um ou dois blogs que visito e comento muito regularmente já há alguns anos (...). Mas são coisas que eu não distingo muito da minha actividade académica, agora tenho participado bastante num sobre linguística. Eles já fizeram várias reuniões ao vivo a que eu não fui. Tenho tanto excesso de amigos que não posso ter mais. (risos).

O Manuel reconhece que na multiplicidade de laços que foi assinalando na narrativa da sua experiência, os amigos – a namorada em particular – desempenham um papel essencial na sua estabilidade emocional, sem eles a sua relação com o *viver só* seria porventura muito diversa. Com duas ou três destas amizades construiu elos que se consubstanciam numa "quase família" ou "família de escolha". Mas numa descrição muito próxima da que Sue Heath e Elizabeth Cleaver desenvolvem no seu próprio

trabalho, a propósito dos jovens ingleses (2003: 125-143), na sua experiência os laços com a família de origem (em particular os pais) são ainda cruciais, não apenas no que representam em termos de vinculação a uma trajectória de vida, mas também no apoio solidário [de resto, recíproco] e na disponibilidade que lhe oferecem para amparo numa ou outra situação material mais difícil.

> Aqui há seis meses estive falido e pedi-lhes emprestados 500 contos, que entretanto já lhes paguei…

Reflectindo sobre os projectos futuros, salienta a importância do projecto que tem entre-mãos: o doutoramento. É "a parte mais realista dos meus projectos futuros". Numa estratégia em que procura impor-se uma maior disciplina (leia-se isolamento) está mesmo a ponderar a possibilidade de ir passar uma temporada ao estrangeiro, repetindo a experiência que seguiu no mestrado, quando foi para a Guiné.

> Eu sou muito ligado aos meus amigos e à minha família... gosto de sair [do país] por temporadas, mas seria incapaz de emigrar assim definitivamente... [interrompido pelo anúncio de uma SMS à qual responde continuando a falar naturalmente]... Por exemplo, para o ano que vem, depende se me vão dar a licença sabática… estou a pensar ir um mês ou dois ou mesmo três meses para a Alemanha e a seguir a ver se faço o mesmo para Inglaterra. Só para estar concentrado a trabalhar, eu cá tenho sempre muitas distracções… vou fazer isso mais como remédio contra a preguiça do que propriamente como uma necessidade incontornável de acesso a livros e revistas.

Uma compulsividade que se leva ao extremo

O Filipe tem 31 anos é solteiro. Ainda não ultrapassou totalmente o "trauma da rejeição", provocado pela rotura de um namoro prolongado com uma jovem que o "trocou" para seguir uma carreira internacional no mundo da música. Vive num T2 em pleno Bairro da Bica, no centro da cidade de Lisboa, a cinco minutos a pé do seu local de trabalho, numa escola de música. Reside nesta casa já há oito anos, desde que a adquiriu no âmbito do crédito jovem, e paga por ela uma renda residual que "não chega a 50 contos". Tem um único irmão, um ano mais velho, o seu maior companheiro na

infância e juventude, relativamente ao qual houve um grande afastamento desde que, contra vontade daquele, o Filipe mudou os "objectivos de estudo e de vida" e seguiu pelo percurso da música. Quanto aos pais, entretanto reformados, venderam a mercearia da família e regressaram à pequena aldeia na Beira Interior onde hoje se dedicam à exploração agrícola. De vez em quando o pai visita-o, quando passa por Lisboa nas viagens de negócios que faz com o Brasil. Mas fora estas visitas esporádicas os contactos com a família são escassos, estando quase confinados às festividades anuais do Natal e da Páscoa, em cuja participação se envolve por "dever". Ocasionalmente reserva ainda uma semana de férias que passa com a família. Mas estas experiências, com frequência, renovam o seu sentimento de afastamento pela ausência actual de laços de dependência afectiva. Sente que a mãe lhes "cobra", a ele e ao irmão, pelo facto de ter abandonado o trabalho que tinha no Banco de Angola para acompanhar a sua educação, e agora nem um nem outro lhe retribuem esse sacrifício. "Ela podia ter feito uma boa carreira, até porque tem alguns estudos, ainda completou o secundário, fez mais do que o meu pai". Quanto ao pai, é também uma pessoa muito revoltada. "[em 1974] foi obrigado a fugir da terra onde nasceu e a abandonar todos os bens que lá tinha… tornou-se uma pessoa muito fechada e solitária". Deste confronto presente com "laços do passado" retira que…

> … é bom lembrarmo-nos das coisas. A melhor coisa que se pode ter é uma boa memória do que aconteceu. Há quem diga que ter falta de memória é pior do que falta de inteligência e eu compreendo um bocado isso e até subscrevo. Porque a inteligência e a memória andam muito juntas. Podes querer relacionar factos mas se não te lembras dos factos como os relacionas? E se não te lembras da circunstância emocional das situações, o que é que tu passaste, o que te fez sentir…

Mais tarde na entrevista retoma as relações com os pais. Não se vêem, mas contactam regularmente, duas ou três vezes por semana, pelo menos. E conta com eles. Sabe que o pai o apoiará numa aflição financeira, embora hoje não precise. E um dia que esteja doente, até agora não aconteceu, "mas com a vida que levo… nessa altura volto-me para a minha mãe."

Não obstante, a distensão dos elos familiares veio talvez acentuar o carácter algo excêntrico das relações que desenvolve consigo e com os seus contextos de proximidade: simbólica e materialmente, tem tendência para se representar na figura de uma espécie de eremita do mundo moderno, impondo-se uma vida de "disciplina" e "austeridade", com o mínimo de bens e conforto material. Toda a sua existência está organizada em torno de um objectivo máximo: a arte de criar música, e através dela, o aprofundamento do seu projecto mais precioso: a procura de si.

> Não há assim nada que eu faça, neste momento, que contribua para uma negação do que eu sou… Os meus rendimentos, o meu meio de vida principal são as aulas. Normalmente dou aulas à tarde e às vezes tenho também algum miúdo a quem dou aulas aqui em casa, para ver se faço mais algum. Mas depois o meu trabalho, aquilo que eu considero que me empurra e dá sentido é a música, é a composição propriamente dita. Quando estou a trabalhar num novo projecto se for preciso não como, não durmo, passo horas e horas até conseguir encontrar a nota certa, se sou bem sucedido não sinto cansaço, só a alegria de ter encontrado compensa tudo (...). Agora estive ocupado com um trabalho, estive para aí dois meses a fazer uma coisa e não saí. Não me lembrei de ninguém, porque estava demasiado ocupado com isto. Foi tipo trabalhar 15 horas por dia e dormir o menos possível… Mas isto são fases, mas mesmo noutras alturas, eu normalmente trabalho à noite, porque sou mais criativo à noite…

É a segunda vez que nos encontramos. Sinto-me desconfortável, também, porque quando cheguei, já chovia torrencialmente, e ele tinha ido ao café para despertar de uma noite onde não chegou a visitar o "vale dos lençóis". Aqueles dez minutos que estive à sua espera, em frente à porta de casa, foram suficientes para ficar com as calças, botas e meias encharcadas. Fizemos a entrevista na sala, sentados um em frente do outro, nas duas únicas cadeiras de madeira que ali existem, o gravador ao meio, em cima do pedal de um instrumento. As janelas estão ambas abertas, chove torrencialmente na rua, o barulho por vezes parece-me ensurdecedor. É nesta divisão que dá aulas privadas a alguns alunos Para além das cadeiras, o mobiliário é constituído por duas secretárias reutilizadas, que servem de mesas de apoio. Há roupa suja – que se apressa a retirar – e partituras espalhadas por todos os cantos. As duas plantas que a mãe lhe ofereceu, na

única vez em que o foi visitar, há cerca de oito anos atrás, contrastam neste ambiente. Justifica a origem dos móveis e o aparente desleixo na incorporação de elementos de conforto:

> … isto são ou coisas tiradas da rua ou de um escritório que o meu pai tinha. Não comprei nada. Primeiro porque gosto de coisas mais antigas e depois porque servem bem. Conheço uma pessoa… vemo-nos para aí uma vez por ano e ela pergunta-me sempre: 'Então já compraste mais móveis?' E eu: 'não, não comprei'… Eu não sou daquelas pessoas que troquem de móveis como quem troca de carro, só por trocar e não por precisar. Também tenho pouco tempo para o que quero fazer e gastar tempo com isso é um desperdício…

Passou pouco mais de um ano desde que estivemos juntos, reencontro-o menos negativo do que na última ocasião, sobretudo no que respeita ao olhar que tem sobre o "vínculo laboral precário" que o liga à instituição onde dá aulas de instrumento músical. Esta foi uma situação que sublinhou na altura da primeira entrevista, talvez porque estivéssemos no final do ano lectivo e aguardava com expectativa que lhe renovassem o contrato para o ano seguinte. Além disso, as relações com a família – pais e sobretudo irmão –, embora sem evoluções significativas no que respeita à regularidade de contactos copresenciais, foram agora descritas com uma carga menos negativa, assumindo mesmo a sua aspiração por uma reconciliação.

A conversa a respeito do trauma, "a angústia da rejeição", que lhe provocou a rotura com a Joana, a sua ex-namorada (com quem rompeu há seis anos) foi retomada, desde logo, como um exemplo de "uma situação extrema" onde o reencontro com a família (leia-se a mãe), através do conforto e apoio emocional foi essencial para o seu reequilíbrio. Este relato é intercalado com retratos difusos sobre o drama que então viveu e imbuído em alguma ironia e auto-crítica:

> Eu se estivesse no lugar dela teria feito exactamente a mesma coisa (…). Nunca era eu a ir ter com ela, ela é que vinha ter comigo. Do género 'ou me aceitas como eu sou, porque sou assim e não vou mudar, ou então a porta é serventia.' Isto embora, por outro lado, na altura a hipótese de ser trocado ou abandonado não me passasse pela cabeça… sentia-me único, fascinante…

Fiquei desconfiada – aliás, o próprio acabou em parte por o confirmar – que estava num estado de semi-embriaguês ou até de alguma euforia, patente não tanto no tom da voz ou no ritmo em que debitou as palavras [a certa altura afirmou mesmo estar a fazer um "grande esforço para falar e para se concentrar"], mas porque se mostrava incapaz de se manter quieto senão por alguns segundos: ora se sentava em cima de um dos pés, em posição de meio lótus, ora estendia as pernas em frente da cadeira, ora se levantava e voltava a sentar… Este comportamento não é alheio ao facto de na noite passada ter feito mais uma directa – só este mês, fazendo fé nas suas palavras, esta é a décima, todas dedicadas ao trabalho de composição. Mas, como sugere, questionando as teorias «científicas» sobre o tempo que um indivíduo leva a recuperar…

> Trinta segundos mais de música bem sucedida fazem-me melhor em termos de entusiasmo e sensação de triunfo do que uma semana inteira de noites bem dormidas e de boa alimentação.

A casa do Filipe pareceu-me ainda mais caótica do que na última ocasião. Apesar de ainda receber alunos para lições privadas, deduzo no que vejo o caos que reina no seu quotidiano. Basicamente a casa serve como base de isolamento para o trabalho, para dormir e fazer a higiene íntima. Na cozinha o frigorífico está desligado da corrente eléctrica e o fogão está imundo, embora diga que raramente o utiliza. Explica que prefere não ter electrodomésticos em casa, até porque a rede eléctrica não é de todo segura, e para salvaguardar o risco de incêndio, tem o hábito de desligar o quadro sempre que se ausenta. Diz que não me leva a ver o resto – o quarto e o atelier, cuja porta corre a fechar – porque está tudo igualmente numa "total desordem e porcaria".

Quando o confronto directamente com a impressão que retirei do nosso primeiro encontro sobre a sua propensão para se impor uma autodisciplina e mesmo austeridade, justifica-se no seu passado nas artes marciais. Ele e o irmão chegaram a vencer campeonatos nacionais, treinavam horas a fio, com enorme sacrifício e esforço pessoal. Mas rejeita a ideia de que está isolado do mundo: todos os dias sai de casa, pelo menos para dar as aulas ou mesmo para tomar as refeições, pois não tem frigorífico, e aí encontra pessoas: ou come num sítio qualquer perto de casa ou vai a casa de uma das

vizinhas, uma pintora, outra professora de espanhol, que como ele também vivem sozinhas…

> Vou ter com uma delas, como e fico por lá um bocado. Uma é pintora a outra dá aulas de espanhol, é sul americana… mas nunca fico muito tempo. Para mim é muito desgastante sentir que simplesmente estou a perder tempo… E eu não consigo sentir isso. Tenho de fazer qualquer coisa para tentar mudar… tipo, perder tempo na conversa e estar só por estar, isso para mim simplesmente não pode acontecer… As coisas deslocam-se dos objectivos, as conversas e tudo, e depois às tantas já estão só a ver quem é que bebe mais cervejas e coisas do género. Eu não consigo ficar muito tempo nesta situação. Então vem a frase do "vou-me embora"… elas até já brincam comigo.

De resto, até gostava de se poder isolar mais um bocadinho, mas, como sublinha, "no bairro sabe-se tudo sobre toda a gente, não há nada que aconteça que imediatamente não se saiba". Uma situação que tem vantagens e desvantagens. Por um lado, não permite, de facto, esse isolamento, por outro, é difícil assim manter alguma privacidade.

Amigos "contam-se pelos dedos", até porque ao longo da infância e juventude mudou muitas vezes de casa e foi perdendo relações. Mas os que tem são sobretudo importantes pelo conforto moral que lhe suscita a certeza de os ter, prontos para o apoiar no que necessite.

> Há uma ou outra pessoa que basta que eu saiba que elas existem e que são minhas amigas, que mesmo que eu não as veja, para mim é suficiente. Não há aquela coisa de ter que os ver uma vez por semana… Há um ou outro que eu vejo regularmente porque trabalhamos no mesmo sítio e vemo-nos. Mas não tenho essa necessidade… Mas tenho amigos que eu considero *Amigos* com "A" grande e que são importantes.... São importantes pelo conforto que dá sabermos que eles estão presentes para o caso de precisares de alguma coisa e que vão ajudar sem condições. Há aquelas pessoas que são amigos mas que quando precisas não podem. Não são amigos, são pessoas porreiras. Mas não é amizade. (ênfase do entrevistado)

Sobre o futuro, diz-me que, tal como o presente, está todo projectado na sua actividade profissional. Fala-me nos "projectos de curto prazo" que tem para si e para os seus alunos – "tipo fazer um x número de peças para este ou para aquele estabelecimento ou para este ou para aquele concurso. Preparar esta, esta e esta música para correr em

recital" –, e em "projectos a muito longo prazo" que não consegue verbalizar, mas que no fundo se prendem com o seu caminho de auto-descoberta. A este propósito retoma o tema da casa. A qual, neste contexto temático, emerge como um constrangimento para a própria possibilidade de construção de uma vida íntima. Depois nota que regra geral, sobretudo as mulheres têm uma certa tendência para se "apoderarem da situação", querem ajudar, arrumar-lhe as coisas, algo que considera que terá de resolver sozinho.

> É muito difícil trazer uma pessoa para aqui. Nota-se… (risos) E depois a pessoa vem para aqui e diz 'ah, eu arrumo-te a casa', e eu acho errado arrumarem-me a casa, porque isto aqui é um problema meu, que eu vou ter de resolver um dia, este caos em que eu vivo. A desarrumação é uma coisa que eu tenho de resolver. Se eu começo a aceitar ajuda externa para resolver isto, fico escravizado a essa pessoa, apesar de a pessoa dizer que faz e até gosta…

6.7 Colapso

Esta forma de relação com o *viver só* dá relevo a experiências de desmantelamento de projectos de vida. Num caso, tendo por origem a impossibilidade de realização pelo trabalho ou, antes, a rotura involuntária com uma actividade que o orientava e era o centro da sua vida; no outro a alienação e quase "escravidão" que o exercício do trabalho implica, para assegurar as condições mínimas de sustentação de uma vida que se quer independente.

Nestes protagonismos os sujeitos manifestam o seu desalento contra um sistema que não os deixa prosseguir em frente, no caso do Jaime, desleixando o único espaço onde sozinho se sente livre para emergir "sem interferências exteriores". A falência não desejada do projecto que o orientava no seu quotidiano quitou-lhe toda a energia. Agora chega a casa e vê-se sem horizontes. Os únicos equipamentos em que investiu para assegurar um convívio reservado – a televisão, o computador, a aparelhagem sonora –, todos eles, instrumentos para cujo bom funcionamento ele se sentia contribuir com o seu trabalho, como técnico de manutenção de infraestruturas de telecomunicações, recordam-lhe que, melhor ou pior – apesar de "as queixas de mau serviço estarem a

aumentar" – tudo continua a funcionar mesmo sem o seu empenho. A casa como que materializa a sua frustração. Nas projecções que faz sobre a "urgência" em mudar de vida, implica pois mudar de contexto de trabalho e mudar de casa e mesmo de contexto de vida, emigrando para outro país.

No caso da Catarina a casa acolhe todos os projectos inacabados que um dia, "quando tiver tempo", quer concretizar. Reencontro-a (na segunda entrevista) numa fase de transformação, impulsionada pela oportunidade inesperada de relativa estabilização dos vínculos laborais. Precisamente voltar a casa, limpar, arrumar, renovar, enfim, dar-se a possibilidade de viver ali num quotidiano marcado por ritmos normais corresponde à sua concepção actual de realização de "uma coisa super especial…", algo que lhe vai permitir "compensar os quase quatro anos sempre a trabalhar". A auto-configuração negativa que marca ainda este espaço poderá rapidamente reposicioná-la nesta tipologia. Mas fica aqui como testemunho vivo de uma experiência, que observamos a partir de dentro – tendo como fundo o espaço de alojamento –, que associou subemprego e precariedade com uma escolha de independência. As paredes da sua casa ainda pintadas de negro são sinais presentes "do pesadelo" que afirma ter criado para si, por sua "própria vontade".

Nestes protagonismos a individualização subjacente a uma "biografia faça você mesmo" que, neste trabalho, se associou frequentemente a processos de autodeliberação, autonomia, emancipação, adultez…, dá lugar à prevalência da anomia e ao colapso (Beck e Beck-Gernsheim, 2003: 7).

Os projectos de futuro e as ausências de projecto

Com habilitações de nível secundário, o Jaime, hoje com 47 anos, trabalha como técnico de manutenção numa grande empresa de telecomunicações, auferindo um rendimento de trabalho que considera "razoável", bastante acima do patamar médio em Portugal. Actualmente, porém, depois de alguns anos de ascensão e forte investimento e mobilização na actividade profissional – "a minha vida era a empresa" –, mudanças

recentes no plano estratégico definido a nível da administração têm vindo a determinar a sua crescente incapacidade para intervir e influenciar o funcionamento do seu serviço. As regras e linhas de conduta da hierarquia burocrática bloquearam-lhe a capacidade de auto-organização e auto-iniciativa nas teias da instituição. Sente-se por isso desmotivado e mesmo deprimido e, na procura de reassumir novamente o controlo sobre as rédeas que conduzem a sua vida, avançou os papéis com um pedido de transferência para outra área de negócios da empresa mãe, incluindo no seu horizonte a possibilidade de emigrar para outro país, onde a sua empresa tem filiais. Seria uma "alteração radical" do seu quadro de vida, inclusive porque se esse projecto for avante, pondera nem regressar, ficaria a fazer a sua vida no novo país, talvez em África, de onde é originário: "não tenho filhos, *não tenho família*, posso assumir este tipo de decisão".

O meu contacto com o Jaime, que se prolonga já há mais de dez anos, tem ainda como ponte o seu trabalho. Encontramo-nos ocasionalmente, um ou outro ano, em convívios promovidos pela empresa, e em casamentos e festas de colegas. Penso que de outra maneira, se não houvesse essa relação, ele nunca me teria concedido a entrevista. Aparentemente, a minha ida lá a casa começou por o perturbar um pouco, sobretudo devido ao facto de, mesmo no seu entendimento, aquela estar muito desleixada e não ser um espaço próprio para receber visitas, em especial "visitas femininas", como depois acabou por me dizer, enquanto me mostrava as várias divisões.

A entrevista, no sábado, tinha que ser de manhã, para que ele pudesse ficar liberto ao meio-dia, pois partia de seguida para Palmela, para a quinta de família (que comprou a meias com os seus três irmãos, dois dos quais emigrantes no Norte da Europa). É aí que residem os seus pais desde que passaram à reforma.

A casa do Jaime está localizada num bairro de cooperativa próximo do Pragal, paredes-meias com populações envolvidas em acções de realojamento (especialmente famílias de etnia cigana e famílias angolanas e cabo-verdianas). Ele próprio, embora detentor de nacionalidade portuguesa é oriundo de Cabo Verde, tendo vindo para Portugal quando tinha 13 anos. No prédio onde reside não existem grandes

complicações e as relações de vizinhança são relativamente pacíficas, mas incomoda-lhe a proximidade, nos prédios vizinhos, quer de ciganos, quer de alguns "conterrâneos" seus, com hábitos culturais barulhentos e com dificuldade de assimilar regras comuns de convivência: dá o exemplo de um cigano que se recusa a pagar o condomínio e dos gritos que este dá quando chama "a filharada espalhada pelo bairro na malandrice"; depois os seus conterrâneos e a música que atravessa todo o bairro quando resolvem fazer uma festa ou receber amigos em casa. Diz-me que esta vizinhança só é, apesar de tudo, "suportável", precisamente "porque vive sozinho e não tem filhos, caso contrário teria de ponderar sair daqui". Vive na casa há sete anos, mas "podia ser há mais se não tivessem havido tantos atrasos na cooperativa". Até então residia em Carnaxide, na casa dos pais.

O seu apartamento tem divisões modestas, mas é um T3. Entre as razões que o orientaram na escolha daquela tipologia, sublinha primeiramente o facto de que "tinha dinheiro" e os apartamentos serem "muito baratos". Mas além disso, "gosta de ter espaço para, se necessário, receber algum familiar", que passe em trânsito por Portugal (tios e primos que tem espalhados por diversos países da Europa e no Brasil); aliás, a sua "localização estratégica" face a Lisboa, muito próxima da estação do Pragal, e o facto de ali em casa "poderem andar em tronco nu sem qualquer problema, torna-a apetecível" face, por exemplo, à quinta dos pais.

Estando em casa, o Jaime utiliza sobretudo a salinha onde fizemos a entrevista. É ali que está o televisor (um Philips último modelo) onde ocasionalmente têm lugar sessões privadas (leia-se familiares) de «cinema», e o computador com a ligação à net, ao qual dedica algumas horas diárias em actividades lúdicas (sobretudo procura de informação e "coisas gerais"). No conjunto de mobiliário que encontro na casa, de facto, a televisão, o computador e a aparelhagem no quarto parecem ser os únicos objectos que comprou de forma orientada e com propósito previamente definido. Fazendo assim recordar as imagens de Robert Putnam no *Bowling Alone* (1995) de pessoas fechadas em casa limitando as suas sociabilidades, no caso, ao televisor e sem orientações de participação na sociedade civil.

A casa parece toda ela um lugar de improviso, sem qualquer organização aparente e sem grandes preocupações de limpeza. É um espaço que serve para se estar mas relativamente ao qual parece não haver qualquer investimento, em termos estéticos, em termos de conforto, nem a procura de sinais que personalizem ou singularizem o espaço, como quadros ou fotografias. O ambiente é desolador. Por exemplo, na cozinha um antigo frigorífico que entretanto se estragou serve para guardar *tupperwares* e outros recipientes; o fogão não tem exaustor nem qualquer tipo de sistema de ventilação (o Jaime tapou com panos as saídas de ar que davam acesso à chaminé para evitar que o cheiro das comidas dos vizinhos lhe entrassem pela casa); embora como o próprio refere "o fogão pouco se utiliza, é raro comer em casa, muito menos cozinhar". No frigorífico, vazio de comida, está depositado o lixo biológico, pois assim "evita-se ter de ir ao contentor todos os dias", como me explica. Junto à cozinha uma pequena casa de banho serve literalmente de dispensa. Por cima de uma retrete, que não utiliza, instalou umas prateleiras a todo o cumprimento e ali arruma tudo o que tem de alimentos enlatados (alguns já fora de prazo, como no momento observa). O quarto tem um colchão no chão, que não tem sequer posição definida face a qualquer parede, está ligeiramente enviesado, literalmente, ao centro da divisão, a roupa de cama foi retirada para lavar (está num saco para a mãe), pelo que a cama está despida. Num canto vêem-se livros e revistas espalhados pelo chão e no oposto, junto à janela, uma aparelhagem (também no chão) e alguns CD's. O quarto ao lado, onde amontoa uma série de quinquilharias (rádios de madeira que gosta de coleccionar, materiais electrónicos, etc. e uma mesa improvisada cujo tampo é a porta original da casa (substituída por uma porta blindada, "por questão de segurança"); ao lado a casa-de-banho despida de tudo, papel higiénico no chão, sem toalheiros ou qualquer prateleira de apoio. E depois o "quarto das visitas" constituído por um colchão insuflável encostado ao alto à parede, que não foi despejado porque "dá muito trabalho a encher"; um armário de parede em pinho, ainda com alguns pertences de um primo que vive no Brasil e que esteve por ali de férias no último Verão (quase há um ano).

Para o Jaime viver sozinho é "a concretização de um sonho e de uma necessidade real": precisava de um espaço seu onde pudesse estar sozinho, sem interferências exteriores. Descreve-se como uma pessoa "tímida" com poucas ou nenhumas amizades fora do círculo familiar: "aliás amigos que não sejam assim da família, amigos próximos se tenho são muito poucos ou mesmo nenhum". Mas sublinha que vive sozinho sobretudo porque tem "uma grande necessidade de introspecção, gosta de estar sozinho em casa, essa é talvez a componente mais forte." Depois, descreve-se como uma pessoa cheia de pequenos hábitos…

> … e quando qualquer coisa cai fora dos *timings* daquilo que faço ou não faço, mexe um bocado, incomoda. (…) Tenho os meus ritmos, os meus horários, as minhas coisas e, se calhar, se não vivesse sozinho, a coisa podia não ser assim tão pacífica, eu ia ter mais dificuldades.

Dá como exemplo a leitura de jornais – compra o *Expresso* desde que apareceu, em 1973, e também o *Diário Económico*: "eu para ler preciso de ter alguma introspecção, gosto do silêncio da casa nessas alturas". Dito isto, afirma sentir igualmente prazer no convívio em família ao fim-de-semana, quando vai para a quinta em Palmela.

> Por exemplo, chego lá, vem o meu irmão desafia-me para o pingue-pongue, o meu sobrinho está lá nos jogos na *play station*, não sei quê, jogo com ele, são tudo coisas que gosto, não são sacrifícios nenhuns.

Na quinta o pai regressou à actividade agrícola que na transição de Cabo Verde para Portugal havia deixado por um emprego administrativo no sector público; enquanto a mãe, que enquanto activa chegou a ser secretária do embaixador, se dedica a fazer xaropes, compotas e outras iguarias que prepara para os fins-de-semana, quando tem a casa cheia de família. Tanto o pai como a mãe são oriundos de famílias numerosas, um tem 14 irmãos, a outra 12, e é frequente no fim-de-semana quando os visita encontrar algum tio ou primo, para além de irmãos e sobrinhos.

A nossa conversa começou por se focar nas questões do trabalho. Comecei estrategicamente por aí não só porque esse era já o nosso elo, mas também porque nas

informações prévias que tinha este seria seguramente um tema que o Jaime gostaria de aprofundar.

Diz-me que se sente "empurrado", pois progressivamente tem vindo a perder capacidade operacional. A estratégia actual, parece não deixar lugar para a intervenção e acompanhamento técnico, graças ao *outsourcing* está tudo a ser transferido para os SP's (empreiteiros). E portanto a empresa parece estar a querer dispensar o pessoal que estava mais ligado à parte técnica, o que é o seu caso. Todas estas mudanças e a incerteza que arrastam quanto ao futuro fazem com que se sinta "muito angustiado". A questão não é o medo de perder o emprego, esse cenário nem se coloca, é mais o enorme desajustamento entre o valor que ele se atribui no seu trabalho, numa empresa que ajudou a fundar, e a valorização que fazem do mesmo.

> Porque o dinheiro não é tudo, é também importante sentir que os outros nos respeitam e reconhecem o nosso esforço, e isso ali ultimamente não acontece, infelizmente não acontece. Às vezes sinto-me como se me estivessem a arrancar a alma, a sério... Tanto que eu dei para aquele projecto, protelei tudo para ver aquilo crescer e depois é isto. É uma tristeza! E por isso já avancei com o processo de pedido de transferência, vou para outra empresa do grupo... Não saio do grupo porque sei que dificilmente vou encontrar as mordomias que tenho aqui numa outra empresa qualquer, mesmo assim, provavelmente vou perder dinheiro, até porque sou eu que estou a avançar com o pedido de transferência, mas ao menos não vou sentir esta frustração e este desânimo todo que hoje sinto, não vou assistir à destruição daquela empresa por esses novos que aparecem cheios da sua importância e não percebem nada daquilo, só fazem asneiras. Nós é que criámos aquela empresa, eles chegam e põem-se a mudar tudo, sem ver o que está para trás, o resultado está aí à vista com as queixas a aumentarem... depois querem que nós resolvamos, eles fazem a asneira e nós é que temos que ir e resolver.

Ir embora, sair dali é já uma decisão definitiva. É uma decisão difícil também, mas urgente, pois precisa de "voltar a ter energia" e a ter um objectivo na vida...

> A minha ideia quando penso em ir para outro país, no fundo é ir à procura de energia, de novas motivações, de voltar a sentir-me ligado a um projecto. (...) Sei que pela minha entrega ao projecto iria quebrar muito a minha rotina, aquela coisa de trabalhar até às duas e três da manhã… era uma situação à qual eu voltaria com muito agrado. Não está aqui em causa a recompensa financeira ou a procura de alguma vantagem económica, aquela minha

> entrega toda nunca reverteu em benefícios económicos, era mais estar entregue a qualquer coisa com prazer… fazer disso um projecto de vida. Em vez de estarmos aí apenas a ocupar o tempo, e não ter a sensação… como técnicos, pensarmos que estamos a ir nesta direcção e quando damos por isso o sol afinal já nos está a bater no lado oposto, é uma sensação um bocadinho desconfortável e desmotivante. Ficamos sem nada daquilo que faz correr a pessoa, é tudo uma grande incerteza, que incomoda. E eu acho que não vai poder manter-se assim indefinidamente, aliás, qualquer coisa há-de acontecer, isto não pode continuar assim.

Pergunto-lhe o que pensa fazer com a sua casa, caso a aspiração de ir para fora se concretize. Rejeita a ideia de a vender, pelo menos por agora "até porque esta não é a melhor altura…". Elenca a facilidade de transportes, especialmente o comboio, depois o fórum com o centro comercial, o hipermercado e os cinemas, o metro à superfície e toda uma série de investimentos que estão em curso. … Tudo infraestruturas de que não beneficia directamente, pois é "muita confusão, muito ruído, muita gente":

> Eu não ando de transportes… mas pela experiência dos meus familiares, eles ficaram *doidos* com a facilidade para chegar a Lisboa… é um instante: 17 minutos para chegar ao centro; depois o comboio é muito confortável, tem muita segurança. Não que isto me beneficie muito, mas isso é outra coisa. Eu transporte públicos não, não sou muito adepto. Tenho que ter algum carro, prefiro andar na bicha. Aquele contacto com as pessoas, ouvi-las falar sobre os seus problemas que a mim não dizem nada, não gosto, fujo a isso, não suporto. É também assim se estou no centro com muita gente, ou mesmo em família lá na quinta… não suporto quando se formam grandes grupos, muita confusão, *não gosto, não gosto*. (ênfases do entrevistado)

Alugar também não, "é muito arriscado". Mas mesmo que fique em Portugal está a pensar alugar outra, mais próxima do novo serviço e sobretudo mais pequena: começa a estar "cansado do vai vem de pessoas a entrar e a sair". Depois, associa a casa à fase da sua derrocada na empresa, "parece estar enguiçada" e mesmo ali já não tem ânimo para se encontrar sozinho.

> É a minha casa, mas pronto… com isto tudo venho para casa e parece que venho para o inferno, sinto-me sem energia. Acho que também vou ter que encontrar um outro sítio.

Pluriactividade, trabalho precário e expectativas de realização

A Catarina, actualmente com 35 anos, reside em Campo de Ourique, num 5.º andar com vista sobre o Cemitério dos Prazeres. Um T1 com cerca de 50m^2 cheiíssimo de móveis, maquinetas e pequenos artefactos que adquire, aparentemente, sem outro critério que não o facto de terem custado "uma pechincha" e, simultaneamente, sempre no quadro de projectos difusos de mais tarde transformar numa peça recuperada e com novos traços, por si trabalhados. A sua formação de base é história de arte, que apenas exerceu no âmbito de um estágio de pós-graduação em Gestão e Valorização do Património Cultural, nos Jerónimos, e estes pequenos projectos que constrói, sempre que adquire um novo objecto, parecem alimentar a necessidade de manter acesa a expectativa de realização pessoal, pela possibilidade que lhe oferecem em trabalhar na sua recuperação ou transformação. A casa da Catarina por força de tanto móvel e, também, plantas, que lá colocou, apresenta-se pois como um espaço apertado e algo desordenado, embora limpo. As paredes pintadas de negro (o quarto) e verde-escuro (a sala e corredor), bem como as janelas com os estores meio fechados contribuem para um ambiente sombrio, não particularmente agradável. Na cozinha também equipada com electrodomésticos que lhe cederam aqui e ali, pouco se cozinha, havendo no frigorífico apenas dois ou três iogurtes que sublinha estarem já fora de prazo.

Esta é a segunda entrevista que fazemos. Passou entretanto um ano e nos telefonemas cruzados destes últimos dias apercebi-me que neste período a vida dela mudou um bocadinho, parece estar menos alienada pelos tempos de trabalho. Por exemplo, disse-me que não podia encontrar-se comigo num dado dia pois estava a organizar a festa de aniversário dos 18 anos do seu meio-irmão do lado da mãe. Ora, há um ano seria quase impensável ela ir à festa, quanto mais estar envolvida na sua organização; para além disso, os seus fins-de-semana estavam integralmente ocupados numa correria de trabalho que a dividia por três call centers, onde trabalhava então.

Estas minhas observações vieram em parte a confirmar-se: desde há oito meses começou a trabalhar num armazém de uma grande central de distribuição de

electrodomésticos, que fornece lojas e grandes superfícies de venda ao público. O seu trabalho é assessorar o responsável do mesmo. A vida mudou, em primeiro lugar, porque passou a *ter a possibilidade* de um horário "normal" de trabalho: entrada às 9:00h e saída às 18:00h (embora na realidade nunca saia antes das 19:00h ou 19:30h, como depois acaba por referir). Desde que começou a trabalhar nesta empresa com contrato de trabalho a termo certo, mas com direito àquelas "mordomias" de seguro de saúde, os subsídios de Natal e de férias, etc. passou a trabalhar num *único call center* "apenas" três dias por semana, das 20h à 24h e às vezes, mas agora cada vez mais de **"**forma excepcional", como sublinha, também ao sábado e domingo.

> Neste momento faço inquéritos para … [uma operadora de telemóveis] e faço atendimento da linha de créditos (risos) [a que também ela recorreu tornando-se uma das "suas" próprias clientes]. (...) até são duas linhas consideradas assim mais *soft* em termos dos call center. Não há aquela agressividade comercial de tentar vender e apressar... Mas é uma profissão que eu gosto de fazer. Eu gosto de contactar e gosto de telefonar, só que é desgastante, porque no fundo uma pessoa é tratada como se fosse um escravo. Recebe mal, é obrigada a cumprir certos... certos parâmetros que são considerados correctos, e quando não os cumpre é logo julgada (…) E depois é o ambiente que às vezes se gera não é o melhor… Neste call center onde eu estou agora, nós trabalhamos à hora no máximo ganhamos entre três e quatro euros já com os seguros e subsídios todos incluídos… aquilo está organizado por escalões e quantas mais horas fazemos mais recebemos por cada hora, é assim, e às vezes, há rivalidades para ver quem consegue fazer mais horas… tipo para poder ganhar mais dois euros (risos).

Mantém esta vinculação ao *call center*, em parte porque contraiu dívidas que ainda não saldou por completo, em parte, também, para manter alguma fonte de recursos alternativos, caso o seu contrato não viesse a ser renovado.

Diz a Catarina que pretende pôr cobro a esta fase em que acumula ainda dupla actividade logo que liquidar todas as dívidas. Mas custa-lhe pensar nisso, pois apesar dos "sacrifícios" que tem de fazer para se manter neste ritmo, fez no *call center* duas ou três grandes amigas. Além disso, pensa que cresceu com a experiência. Nos *call centers* conheceu outras realidades e, no fundo, até desenvolveu também outro tipo de competências. Acaba assim por me relatar a forma como chegou a este caminho:

> Apesar de tudo, conheci pessoas fantásticas nos trabalhos, nos três *call center* em que eu tive... No meio daquilo tudo, conheci pessoas fantásticas… Quando comecei a trabalhar nos *call centers* foi por causa de ter ido para os Jerónimos. Estive lá durante um ano e também estava num programa [Mercado Social de Emprego] em que recebia muito pouco; e nessa altura eu já estava aqui em casa, tinha o meu espaço as minhas coisinhas… E portanto o *call center* começou por ser um complemento. (…) Depois acabou o estágio e eles não renovaram o contrato… voltar para casa da minha avó e da minha mãe, não. Não, não… nunca pus sequer essa hipótese. Para mim isso seria como que eu reconhecer que tinha falhado. E acabei por não ter outra saída na altura e dedicar-me aos *call centers*… Eu sempre fui uma pessoa que não comunicava muito oralmente e aí desenvolvi algumas competências… a própria comunicação, e aprendi outro tipo também de competências em termos de trabalho, aprendi outras profissões, outro tipo de funcionamento, outro tipo de ferramentas... E, no fundo, eu acho que foi enriquecedor.

Mas o novo trabalho e a segurança que o mesmo lhe confere em termos remuneratórios, de estabilidade e de convívio, também, permite-lhe começar a desenhar um futuro mais liberto e com maior disponibilidade para a vida pessoal e social, incluindo o "desperdiçar tempo" naquelas actividades de lazer, que gosta, mas que não tem ainda oportunidade de concretizar.

> Pronto, neste momento estou a ganhar cerca de mil e cinquenta euros… eu ainda mal consigo acreditar! Depois tenho o seguro de saúde, tenho os subsídios do Natal e das férias, e tenho o direito de gozar férias… Portanto, fiz um *up-grade* não só no tipo de trabalho, mas também no vencimento (…) apesar de este trabalho ser também muito exigente e absorvente… Porque, lá está, nós acabamos de arrumar a casa e a casa já está outra vez desorganizada. E geralmente é impossível cumprir um horário entre as nove da manhã e as seis da tarde. A maior parte das vezes saio de lá às sete meia… tem a ver com a própria organização do trabalho porque, geralmente, tenho que fazer uma encomenda de material e isso depende da sede, que é em Espanha. Eu tenho que ter o inventário pronto e eles têm que me dizer o que têm disponível, isto todos os dias, só depois é que nós podemos fazer a encomenda e, então, geralmente, tenho que sair mais tarde.

Por enquanto e até pagar as dívidas são raros os dias em que chega a casa antes da meia noite, ora porque está a trabalhar, ora porque foi fazer companhia à avó, que vive duas ruas abaixo da sua, para aquela não estar sozinha enquanto a mãe – uma agente imobiliária – não chega. Quanto aos fins-de-semana a expectativa é passar a tê-los

completamente para si, mas por enquanto está a tentar "queimar os últimos cartuxos" e continua a disponibilizar algumas horas, também desses dias, no *call center*.

Outro aspecto que mudou no seu contexto foi que passou a ter o pai e família mais perto de si. Do lado paterno tem ao todo sete irmãos: quatro "gémeos verdadeiros" do casamento actual e três de um anterior, com cuja companheira mantém uma relação de forte afectividade, embora já não a veja desde o aniversário, há nove meses, e raramente se falem mesmo por telemóvel, considera-a a sua "maior amiga". Desde há dois meses o pai, um "empresário", mudou-se para Algés, ficou bastante mais próximo – antes residiam na linha de Sintra. Só que da sua parte continua a não haver tempo para se encontrarem. Estamos em meados de Fevereiro e a última vez que estiveram juntos foi na passagem de ano. Pelo que num dia destes recebeu um telefonema onde aquele lhe perguntava qual era a "desculpa" que ela tinha para lhe dar: "tem dificuldade em aceitar que a razão seja simplesmente a falta de tempo", explica-me.

Com outras amizades do tempo de estudante na pós-graduação, "os poucos que lhe fazem o favor de continuarem a ser amigos", apesar da pouquíssima disponibilidade que teve nestes últimos quatro anos para estar com eles, vão falando ou trocando mails, sensivelmente uma vez por semana ou às vezes menos, mas saídas são raras, talvez uma vez de três em três meses. Passar a estar mais disponível também para esses amigos constitui uma das grandes aspirações que espera vir a concretizar num futuro próximo. Outra é conseguir finalmente poder dedicar algum tempo ao seu espaço, à sua casa, aos seus *hobbies*. Neste seguimento, a Catarina vai em breve ter a primeira semana de férias "desde há séculos". Quer fazer "uma coisa super especial … algo que permita compensar estes quase quatro anos sempre a trabalhar". O que planeia então fazer?

> Vou ficar em casa. Vou fechar a porta. Vou desligar a campainha e o telemóvel e vou ficar em casa (risos). Porque é uma coisa que já não faço há imenso tempo e que me vai dar *muito prazer*… vou fazer a limpeza da Primavera e tentar arranjar espaço, o que vai ser difícil, mas pronto. Mas vou sobretudo *ficar em casa*. Vou às compras, vou encher o frigorífico… esse tipo de coisas mais normais, do dia-a-dia... As pessoas geralmente querem é sair de casa, para sair do quotidiano. Eu não, eu quero é entrar em casa durante uma semana, e fazer aquelas coisas que já não faço há imenso tempo. Por exemplo, entre

> as mil quinquilharias que tenho espalhadas por todos os cantos, tenho umas caixas para pintar que ofereci à minha mãe o ano passado no Natal... ela pergunta pelas caixas, eu digo 'ah, tenho que comprar as tintas'. Portanto, vai ser agora nas férias. (ênfases da entrevistada)

O novo contexto de trabalho embora ainda desfasado da sua formação inicial, pela estabilidade que lhe oferece em termos remuneratórios e de segurança social, e pela possibilidade, que a própria lhe reconhece, de construção de novas aprendizagens, dá-lhe agora a oportunidade de retomar projectos e aspirações antigas de "incursão pelo mundo das artes" – mesmo que no quadro de actividades de lazer. Permite-lhe além disso consolidar o projecto de vida independente que a orientou a morar sozinha.

Quanto ao futuro continua a preferir "não fazer grandes planos" até porque tem receio que depois nada aconteça como tinha planeado. Mas existem vários horizontes à vista. O mais provável é, como se referiu atrás, abandonar de vez o trabalho no *call center*, e com isso "libertar tempo" para a sua vida pessoal e social. Talvez também ainda este ano consiga ir passar 15 dias a Nova Iorque, depende se arranja companhia, a viagem é ainda relativamente cara e ir com outra pessoa sempre permite alguma economia. Mas o mais importante será de facto conseguir estabilizar a sua vida

> As coisas, no fundo, voltarem à normalidade, é isso que eu pretendo num futuro mais próximo, é voltar à normalidade… Assusta-me mais a possibilidade de poder ficar, de um momento para outro, sem saúde e precisar de cuidados do que propriamente…

A este propósito esclarece-me que foi precisamente uma situação de doença que a conduziu a contrair o primeiro empréstimo. Na altura não podia ir trabalhar, mas as contas continuavam a aparecer, sem lhe dar qualquer descanso. E este foi o recurso que encontrou. Pergunto se nunca colocou a hipótese de pedir ajuda a algum familiar. Responde negativamente, pelas mesmas razões que a levam a recusar a ideia de voltar para a casa da avó e da mãe: sabe que até a ajudariam, mas a troco de muitas críticas. Para a família, como de resto, nas auto-avaliações que faz do seu percurso, as suas falhas e infortúnios seriam encarados como falhas e incapacidades pessoais. Prefere por isso "manter essa parte mais privada… da saúde financeira". Dando conta, no seu

testemunho, de que um momento de crise pode constituir também um momento que oferece novas oportunidades para a melhoria das condições de vida, o autodesenvolvimento e felicidade pessoal (Giddens, 1997), revela que na altura lhe valeu ainda uma das amigas que, apesar da sua indisponibilidade, lhe "faz o favor" de se manter sua amiga [está sempre a repetir esta ideia]. Ela faz recrutamento para algumas empresas, falou-lhe no emprego que depois veio a ocupar: "acabei por ir à entrevista e entretanto acabei por ficar no lugar, já lá estou para aí há sete ou oito meses... e assinei agora a renovação do contrato por mais um ano." Já depois de começar no novo contexto, embalada pela nova folga financeira, foi contrair mais umas dívidas: "daquelas dívidas normais: do crédito do computador, do crédito do cartão de crédito...". Adquiriu um computador precisamente para poder manter um contacto mais regular com os amigos, mais para ter acesso aos mails. Por semana despende no máximo duas as quatro horas neste tipo de actividades.

> Vou ver os mails. Ver se me enviaram mails... as minhas amigas. Lá está... que ainda me fazem o favor de me enviar umas mensagens para dizer que se recordam de mim. Vou ver... não sei... agora estava a pensar fazer essa viajem... vou ver de companhias aéreas e de agências de viagens.

Questiono-a sobre o que procura quando se relaciona na família e nos amigos, se procura coisas diferentes. Diz-me que a família é o seu "porto de refúgio", reúne as pessoas que a conhecem desde sempre, e portanto sabem quem ela é, não esperam mais do que isso. Com os amigos procura abrir-se a novas experiências e aprender coisas novas. Mesmo hoje, que raramente tem disponibilidade para sair e socializar, conforta-a bastante saber que tem amigos. Numa aproximação à concepção simmeliana de "sociabilidade", poder voltar a ter tempo para estar com os amigos pelo consolo que essas relações, só porque existem, lhe suscitam – independentemente de outras necessidades ou orientações, de outros objectivos ou interesses" (Costa, 2003:121) é talvez uma das suas maiores aspirações.

> Quero estar com os meus amigos, quero recomeçar a ir ao cinema e ao teatro, quero ver exposições, quero ir aos museus, sei lá, quero fazer tudo aquilo que não faço já há muito tempo de uma forma mais continuada.

CONCLUSÃO

Esta tese analisa as formas sociais do viver só nas sociedades europeias actuais. A partir desta perspectiva, propõe uma leitura das tendências globalizantes da modernidade contemporânea e suas interligações com as transformações dos estilos de vida nos contextos situacionais de interacção quotidiana.

A análise do complexo de causas e efeitos presentes nestes processos, e suas repercussões nomeadamente no incremento do *viver só* – e respectiva constituição como fenómeno "transversal" à modernidade contemporânea –, conduziu-se pela necessidade de rejeição de visões unidimensionais e simplificadas. Num contraponto a abordagens que apenas enfatizam um dos lados dos processos sociais, a investigação efectuada pretendeu articular os contributos de diferentes perspectivas teóricas e níveis de análise, procurando nessa integração promover ela própria a elaboração de novos olhares.

Tal como a pesquisa realizada permitiu demonstrar, na expansão, maturação e subsequente ampliação e complexificação do fenómeno cruzam-se tendências que, embora convergentes no todo europeu em referência, têm diferentes ritmos, espacialidades e horizontes temporais. Tendências, simultaneamente, de continuidade e de mudança, de constrangimento e de oportunidade, e com vários níveis e dimensões/domínios de estruturação. Isto, seja no plano macro estrutural, institucional/relacional, seja, como se foi assinalando nos desenvolvimentos analíticos da parte III, ao nível "micro", das experiências pessoais de reestruturação simbólica e material das relações de interdependência que diversos segmentos de indivíduos em residência unipessoal estabelecem, num confronto dinâmico e intermutável, nos contextos diferenciados de densificação interaccional e participação social.

Nas partes I e II, a perspectiva macrosociológica dos processos de recomposição social presentes no incremento e diferenciação do fenómeno deu ênfase, nomeadamente, à evolução sociodemográfica e das formas familiares: o envelhecimento da população

em especial no segmento feminino, a diminuição das unidades de alojamento e variação crescente dos modos de organização da vida pessoal e familiar ao longo dos ciclos de vida, a forte urbanização ou ainda as migrações nacionais e internacionais. Nestes vectores de mudança justifica-se, em grande medida, o predomínio feminino do *viver só* nos segmentos etários acima dos 55 anos, assim como a prevalência masculina nas idades precedentes; e antevê-se a intensa transmutabilidade e reversibilidade de experiências de mobilidade – familiar, profissional, residencial – que um mesmo sujeito tende a vivenciar ao longo de toda a vida.

Estas mutações, tal como os desenvolvimentos analíticos produzidos permitiram observar, são ainda significativamente potencializadas, nos seus efeitos específicos relativamente ao incremento do *viver só*, por recomposições socioestruturais que atravessam os diferentes domínios da vida social: simultaneamente, no plano territorial a intensa urbanização; no económico o acréscimo da "servicialização" e a centralidade do conhecimento, informação e comunicação; no profissional e educacional a polarização de posicionamentos sociais em torno da posse de recursos e competências periciais – de um lado as categorias socioprofissionais técnicas e de enquadramento, detentoras de qualificações técnicas e científicas de nível médio e superior, do outro as categorias de assalariados de base com parcos recursos simbólicos e materiais; no cultural a consagração de valores promotores da individualização, da reflexividade social e da esteticização da vida quotidiana.

Sinal evidente de uma diferenciação interna nos mecanismos e contextos que contribuem para impulsionar o incremento do *viver só* nas sociedades modernas actuais, particularmente nos segmentos em idade activa, na acção conjugada dos vários processos de mudança brevemente enunciados, um dos efeitos mais expressivos na evolução registada prende-se com as alterações nas condições de autonomia e integração de homens e mulheres: na vida social, na esfera profissional, na família e nos laços de intimidade.

Particularmente no sector feminino, a escolarização (regra geral com dinâmicas mais activas neste sexo) e a incorporação na actividade profissional, habilitando as

mulheres para protagonismos materiais e simbólicos sem precedentes, mesmo que, por vezes, num confronto intenso com práticas e valores anacrónicos face a novas possibilidades de realização e independência que a modernização reflexiva e a individualização exigem, constituem porventura nas faixas etárias jovens e adultas – em franco contraste com o segmento, regra geral, menos escolarizado das mulheres com mais de 55 anos – dois dos factores mais relevantes no incremento da residência unipessoal ao longo da vida adulta. Isto mesmo que no plano estatístico este novo contexto de protagonismos do *viver só* nem sempre seja ainda o mais visível.

O estado-providência com as suas ferramentas específicas, mais ou menos proponentes de uma independência precoce e desarticulada das condições de integração no mercado de trabalho, e de salvaguarda, ao longo das trajectórias de vida, de situações de maior permeabilidade social, configura-se também como outro elemento crucial para uma compreensão das diferentes dimensões que o *viver só* assume nos vários países.

Enfim, numa causalidade complexa onde se cruzam, de forma diferenciada, mutações nas condições de estudo e de trabalho, nas formas de viver e construir a intimidade, bem como nos mecanismos de providência e integração social, os estilos de vida diversificam-se, assumindo também novos contornos, numa recombinação entre valores tradicionais e modernidade globalizante. Configura-se por esta via a maior margem de escolha e decisão individual e o incremento da capacidade de agência dos indivíduos, no sentido da construção de uma biografia pessoal e de um estilo de vida – onde *viver só*, na pluralidade e variabilidade de expressões relacionais que a experiência assume, constitui um dos protagonismos possíveis.

Na parte III, o aprofundamento destes vários vectores no plano da análise qualitativa, não deixando de ter presente a necessidade de um olhar centrado nos indivíduos e nas experiências sociais múltiplas que se configuram nos "quadros de interacção" quotidiana, permitiu observar que é possível encontrar uma regularidade estrutural nas diferenciações, heterogeneidades e desigualdades que pautam as experiências sociais do *viver só*. Uma regularidade com configurações vinculadas a um número alargado de parâmetros, mas fortemente associada aos posicionamentos sociais

de classe ou às estruturas que delimitam duravelmente as condições sociais em que essas experiências individuais se operam e se produzem, mediando a pluralidade de comportamentos, práticas sociais e orientações valorativas.

Na edificação dos estilos de vida do *viver só*, estes elementos estruturais, cristalizadores de práticas e orientações, vinculados de forma flexível a contextos relacionais de socialização plural na família, nos grupos de pares e na própria confrontação quotidiana com a experiência, coexistem com componentes de práticas e orientações mais voláteis e criativas, constituídas através da agência de escolha e decisão. E isto, mesmo quando estas últimas, tal como se pôde observar nos vários "retratos sociológicos" antes apresentados (ver capítulo 6), estão enraizadas numa "consciência prática", incorporada nas rotinas quotidianas e nas relações que se estabelecem nos vários contextos e situações de interacção.

Os desenvolvimentos analíticos produzidos neste âmbito foram delineados seguindo tematizações que os próprios sujeitos entrevistados elegeram na construção da narrativa sobre opções e decisões relativas a práticas que configuram a sua experiência nos diversos "sectores de estilos de vida" ou esferas de participação social. Nestas narrativas, precisamente o trabalho e o campo das actividades profissionais, por um lado, a família, as sociabilidades amicais e a construção de espaços e relações de intimidade, por outro, surgem como núcleos estruturadores na forma como se relacionam com o *viver só*. Um terceiro vector analítico emergiu do próprio objecto e da forma como foi operacionalizada a presente pesquisa: onde a residência unipessoal consubstancia, antes de mais, a experiência que decorre da preservação de um espaço – "ter uma casa" – que não é partilhado de forma contínua com terceiros. Ponto de confluência, materialização e ordenação simbólica das relações sociais que estes sujeitos realizam nos diversos contextos situacionais de interacção, e recurso incontornável na consagração da narrativa de autonomia pessoal, a casa surgiu aqui como um lugar privilegiado de observação dessas relações.

Salvaguardando os cuidados que é necessário colocar na extrapolação dos estudos de caso para enquadramentos mais amplos, plurais e em profunda mutação, este

plano analítico, permitiu assim aprofundar os diversos elementos, antes assinalados, no sentido de uma compreensão das experiências e das configurações específicas que os estilos de vida do *viver só* tendem a assumir nos diferentes contextos temporais e espacialidades de participação social e interacção quotidiana.

Estas análises confirmam que, se é verdade que ao longo de toda a vida adulta os indivíduos tendem a passar com maior frequência por experiências de residência unipessoal, isto não significa que estejam a ficar mais solitários ou que estejam a perder os laços de afinidade e de partilha na família e nas relações amicais. Frequentemente, é o inverso que acontece: a possibilidade de escolha por uma vida independente, demarcando os espaços e os tempos de sociabilidade, e aliviando as relações de uma normatividade prescritiva e de conflitualidade latente, acaba por promover uma intensificação dos laços e das trocas que se estabelecem na intimidade.

É assim especialmente nos coortes geracionais dos jovens e adultos. Como pudemos observar, nestes segmentos, embora as relações inter-geracionais se mantenham uma referência normativa inscrita nas práticas de relacionamento social que enquadram a sua experiência, na multiplicidade de contextos e situações quotidianas de interacção, é dado um maior relevo à intimidade e à partilha nos laços amicais. Esta é também uma razão para encontrarmos no seu seio uma maior presença de solteiros com "amigos/as coloridos" [expressão usada por uma das entrevistadas] ou com sexualidades episódicas e fugidias e de separados e divorciados.

Paralelamente, nos estilos de vida que desta forma se concretizam, continuam a ter uma presença significativa dispositivos diversos e relativamente estabilizados de entreajuda material e afectiva – envolvendo de forma flexível e numa negociação aberta, seja a família (num sentido alargado), sejam os laços de amizade, por vezes, também consubstanciados em "quase-famílias".

Numa perspectiva de reforço ou manutenção destas relações, que em última instância constituem elementos cruciais na forma como cada um se reconstrói na singularidade das situações específicas que circunscrevem os seus espaços e os seus contextos, frequentemente, jogam também um papel central outras formas de

sociabilidade menos vinculativas, mas igualmente cruciais no modo como os sujeitos perspectivam a sua experiência e percepcionam numa afirmação identitária um percurso de autonomia.

Assim, tal como a tipologia dos perfis-tipo de relações com o *viver só* permitiu observar, nestes processos de configuração de estilos de vida, não está em causa a diluição das desigualdades estruturais de classe e familiares que, de facto, continuam duravelmente a delimitar o espaço das escolhas possíveis. Mas através deles e na sua realização, consubstancia-se a pluralização e diferenciação do "planeamento da vida", em si mesmo volátil e cambiante, sempre em processo, num confronto com as experiências e relações que o próprio estabelece consigo mesmo, os seus contextos, as suas trajectórias, aspirações e expectativas.

A nova centralidade simbólico-ideológica que hoje se atribui à escolha e à autonomia no controlo individual sobre a própria vida e na construção do projecto reflexivo do s*elf*, tendo em vista a realização pessoal, sugere que existem razões para acreditar que as experiências do *viver só*, por períodos mais ou menos prolongados, ao longo dos percursos de vida, tenderão a acentuar-se. Nessas escolhas, mais ou menos constrangidas, para a construção de projectos de autonomia, os indivíduos operam num pluralismo de referências identitárias, onde a tradição e o enraizamento numa "ordem afectiva, material e moral", que enquadra as suas representações, é ainda um dos pesos da balança, em confronto, e por vezes contradição, com referências e construções valorativas orientadas pelo desejo (e cada vez mais) necessidade de uma vida singular, autodeterminada e libertada.

Em suma, podemos observar no incremento e diferenciação interna do *viver só* um movimento de fundo no sentido da individualização e da auto-descoberta dos indivíduos nos seus contextos. Mas não necessariamente como expressão do hedonismo, do não compromisso e do desenraizamento.

Referências bibliográficas

AA.VV. (2002), "Famílias", *Análise Social*, XXXVII (163), pp. 359-672.

Aboim, Sofia (2003), "Evolução das estruturas domésticas em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, pp. 13-30.

Aboim, Sofia (2006), *Conjugalidades em Mudança: Percursos e Dinâmicas da Vida a Dois*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Abrantes, Pedro (2003), *Os Sentidos da Escola: Identidades Juvenis e Dinâmicas da Escolaridade*, Oeiras, Celta Editora.

ACL (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Vol. II, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.

Almeida, Ana Nunes de, Isabel Margarida André e Piedade Lalanda (2002), "Novos padrões e outros cenários para a fecundidade em Portugal", *Análise Social*, XXXVII (163), pp. 371-409.

Almeida, Ana Nunes de, Maria das Dores Guerreiro, Cristina Lobo, Anália Torres e Karin Wall (1998), "Relações familiares: mudança e diversidade", em José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?* Oeiras, Celta Editora, pp. 45-78.

Almeida, João Ferreira de (2007), "Velhos e novos aspectos da epistemologia das ciências sociais", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 55, pp. 11-24.

Almeida, João Ferreira de (1986, 1999), *Classes Sociais nos Campos: Camponeses Parciais numa Região do Noroeste*, Oeiras, Celta Editora.

Almeida, João Ferreira de, Patrícia Ávila, José Luís Casanova, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado, Susana da Cruz Martins e Rosário Mauritti (2003), *Diversidade na Universidade: Um Inquérito aos Estudantes de Licenciatura*, Oeiras, Celta Editora.

Almeida, João Ferreira de, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado (1988), "Famílias, estudantes e universidade: painéis de observação sociográfica", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 4, pp. 11-44.

Almeida, João Ferreira de e José Madureira Pinto (1976, 1990), *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.

Almeida, Paulo Pereira de (2004), "A servicialização do trabalho: perspectivas e tendências", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 44, pp. 83-107.

Anderson, Herbert e Freda Gardner (1997), *Living Alone*, Louisville, Kentucki, Westminster John Knox Press.

Ávila, Patrícia (2008), *A Literacia dos Adultos: Competências-chave na Sociedade do Conhecimento*, Lisboa, Celta Editora.

Avramov, Dragana e Miroslava Maskova (2004), *Vieillissement Actif en Europe*, Strasbourg, Conseil de l'Europe, Direction Générale III – Cohésion sociale.

Baarsen, Berna van, Tom A.B. Snijders, Johannes H. Smit e Marijtje A.J. van Duijn (2001), "Lonely but not alone: emotional isolation and social isolation as two distinct dimensions of loneliness in older people", *Educational, and Psychological Measurement*, 61 (1), pp. 119-135.

Bauman, Zygmunt (1992, 1994), *Intimations of Postmodernity*, Londres e Nova Iorque, Routledge.

Bauman, Zygmunt (1995), *Life in Fragments: Essays in Postmodern Morality*, Oxford, Blackwell Publishers.

Bauman, Zygmunt (2000), *Liquid Modernity*, Cambridge, Polity Press.

Bauman, Zygmunt (2001), *The Individualized Society*, Cambridge, Polity Press.

Bauman, Zygmunt (2002, 2003), "Individually, togetther", em Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (orgs.), *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political*, Londres, Sage Publications, pp. XIV-XIX.

Bawin-Legros, Bernadette (2004), "Intimacy and the new sentimental order", *Current Socioloy*, 52 (2), pp. 241-250.

Beck, Ulrich (2000), *Un Nuevo Mundo Feliz: La Precariedad del Trabajo en la Era de la Globalización.*, Barcelona, Paidós.

Beck, Ulrich (2002, 2003), "Declining Birthrates and the Wish to have Children", em Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (orgs.), *op. cit*, pp. 119-128.

Beck, Ulrich (1992, 2004), *Risk Society: Towards a New Modernity*, Londres, Sage Publications.

Beck, Ulrich e Elisabeth Beck-Gernsheim (2002, 2003), *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political* Londres, Sage Publications.

Beck, Ulrich, Anthony Giddens e Scott Lash (2000), *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno*, Oeiras, Celta Editora.

Bence, Evelyn (1982), *Leaving Home: The Making of an Independent Woman*, Philadelphia, Bridgebooks.

Bertaux, Daniel (1978), *Destinos Pessoais e Estrutura de Classe*, Lisboa, Morais Editores.

Berthoud, Richard e Maria Iacovou (2002), *Diverse Europe: Mapping Patterns of Social Change Across the EU*, Essex, Institute for Social and Economic Research, University of Essex.

Bertolini, Sonia, Maria José Gonzalez e Manuela Naldini (2006), "Unstable careers and family formation on different institutional contexts", em Silke Schneider (org.), *EMPLOY and FAMNET Research Groups Combined State of the Art Report*, EqualSoc: Economic Change, Quality of the Life & Social Cohesion, pp. 42-70.

Blossfeld, Hans-Peter (org.) (1995), *The New Role of Women: Family Formation in Modern Societies*, Social Inequality Series, Boulder, CO Westview Press.

Bourdieu, Pierre (2002), *Esboço de uma Teoria da Prática*, Oeiras, Celta Editora.

Bourdieu, Pierre (org.) (1993), *La Misère du Monde*, Paris, Éditions du Seuil.

Bourdieu, Pierre (1979), *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*, Paris, Éditions de Minuit.

Bourdieu, Pierre (1997), *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Acção*, Oeiras, Celta Editora.

Bourdieu, Pierre (1999), *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta Editora.

Boutin, Christine (2003), *Pour Sortir de l'Isolement, Un Nouveau Projet de Société: Rapport Parlementaire au Premier Ministre*, em http://isolement.frs-online.org/ (11, 2005). (11, 2005).

Bracht, Oliver, Constanze Engel, Kerstin Janson, Albert Over, Harald Schomburg e Ulrich Teichler (2006), *The Professional Value of ERASMUS Mobility*, Kassel, International Centre for Higher Education Research (INCHER-Kassel), University of Kassel.

Buchholz, Ester (1998), "The call of solitude: use of solitude in building satisfying relationships", *Psychology Today* (D: 788), http://www.psychologytoday.com/articles/pto-19980201-000034.html (11, 2004).

Buchholz, Ester e Rochelle Catton (1999), "Adolescents' perceptions of aloneness and loneliness", *Adolescence*, 34 (133), http://www.dynomind.com/.

Cabral, Manuel Villaverde (1998), "Mobilidade social e atitudes de classe em Portugal", *Análise Social*, 33 (146/147), pp. 381-414.

Cabral, Manuel Villaverde (2006), "Efeitos de classe e efeitos societais: elites e operariado ante a cidadania política numa perspectiva comparada europeia", em Jorge Vala e Anália Torres (orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Atitude Sociais dos Portugueses, VI, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 37-67.

Caetano, Ana (2007), "Práticas fotográficas, esperiências identitárias: a fotografia privada nos processos de (re)construção das identidades", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 55, pp. 69-89.

Cardoso, Gustavo, António Firmino da Costa, Cristina Palma Conceição e Maria do Carmo Gomes (2005), *A Sociedade em Rede em Portugal*, Lisboa, Campo das Letras.

Caria, Telmo H. (org.) (2002), *Metodologia e Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento.

Carnoy, Martin e Manuel Castells (1997), *Sustainable Flexibility: A Prospective Study on Work, Family and Society in the Information Age*, Paris, OCDE/Organisation for Economic Co-Operation and Development.

Casanova, José Luís (1993), *Estudantes Universitários: Composição Social, Representações e Valores*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Instituto da Juventude (policopiado).

Castel, Robert (1995), *Les Métamorphoses de la Question Sociale: Une cronique du Salariat*, Paris, Fayard

Castells, Manuel (2002), *A Sociedade em Rede*, A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Castro, Celso, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira (2001), "Entrevista com Gilberto Velho", *Estudos Históricos*, 28 (2), em http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/316.pdf.

Comissão Europeia (2000), *The Urban Audit 2000: Towards the Benchmarking of Quality of Life in 58 European Cities* Vol. I, Luxemburgo, Office for Official Publications of the European Communities.

Comisão Europeia, Emprego e Assuntos Sociais (2003), *Pensions Viables et Adéquates: Rapport Conjoint de la Commission et du Conseil*, Bruxelas.

Comissão Europeia (2005a), "Labour migration", em Karl Pichelmann e Reinhilde Veugelers (orgs.), *The European Economy: 2005 Review. Rising International Economic Integration: Opportunities and Challenges*, 6/2005, Bruxelas e Luxemburgo, European Commission/Directorate-General for Economic and Financial Affairs, Office for Official Publications of the European Communities, pp. 139-163.

Comissão Europeia (2005b), "The location of multinationals across UE regions", em Karl Pichelmann e Reinhilde Veugelers (orgs.), *The European Economy: 2005 Review. Rising International Economic Integration: Opportunities and Challenges*, 6/2005, Bruxelas e Luxemburgo, European Commission/Directorate-General for Economic and Financial Affairs, Office for Official Publications of the European Communities pp. 319-377.

Cordón, Juan Antonio Fernández (1997), "Youth residential independence and autonomy", *Journal of Family Issues*, 18 (6), pp. 576-607.

Cornia, Giovanni Andrea (1999), "Liberalization, globalization and income distribution", *Working Paper* 157, The United Nations University, World Institute for Development Economics Research, http://www.wider.unu.edu/publications/wp157.pdf.

Costa, António Firmino da (1987), "Novos contributos para velhas questões da teoria das classes sociais", *Análise Social*, XXIII (98), pp. 635-686.

Costa, António Firmino da (1998), "Classificações sociais", *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, 3 (2), pp. 65-75.

Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora.

Costa, António Firmino da (2002), "Identidades culturais urbanas em época de globalização", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (48), pp. 15-30.

Costa, António Firmino da (2003), "Estilos de sociabilidade", em Graça Índias Cordeiro, Luís Vicente Baptista e António Firmino da Costa (orgs.), *Etnografias urbanas*, Oeiras, Celta Editora, pp. 121-129.

Costa, António Firmino da e José Luís Casanova (1996), "Classes sociais (bibliografia)", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 19, pp. 191-195.

Costa, António Firmino da, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (1990), "Estudantes e amigos: trajectórias de classe e redes de sociabilidade", *Análise Social*, XXV (105/106), pp. 193-221.

Costa, António Firmino da, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2007), "Classes sociais e recursos educativos: uma análise transnacional", em António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e Patrícia Ávila (orgs.), *Sociedade do Conhecimento*, Portugal no Contexto Europeu, Vol. II, Oeiras, CIES-ISCTE, Celta Editora, pp. 5-20.

Costa, António Firmino da, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2000), "Classes sociais na Europa", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, pp. 9-46.

Cramer, Kenneth e Kimberley Neyedley (1998), "Sex differences in loneliness: the role of masculinity and femininity", *Sex Roles: A Journal of Research*, 38 (38), Sex Roles: A Journal of Research, http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2294 (12, 2005).

Crawford, June (2005), "The global connections of intellectual workers: an Australian study", *International Sociology*, 20 (1), pp. 5-26.

Crompton, Rosemary (2003), "Class and gender beyond the 'cultural turn'", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 42, pp. 9-24.

Crompton, Susan (1994), "Adults living solo", *Perspectives on Labour and Income*, 6 (4), http://www.statcan.ca/english/studies/75-001/archive/1994/pear1994006004s4a04.pdf(05, 2001).

Crook, Stephen, Jan Pakulski e Malcolm Waters (1992), *Postmodernization and Change in Advanced Society*, Londres, Sage Publications.

Dellgran, Peter, Majen Espvall, Maria das Dores Guerreiro e Rosário Mauritti (2007), "Crowding out, crowding in or just a matter of transformation? Portuguese and Swedish student's experiences of informal financial support exchange", Comunicação apresentada ao *Communitiy, Work and Family II International Conference* Lisboa, ISCTE, 12-14 de Abril de 2007 (policopiado),

DePaulo, Bella, (2004), *The scientific study of people who are single: an annotated bibliography. Health, happiness, loneliness, and solitude*. Institute Research and Policy Division of the American Association for Single People - AASP, em: http://www.unmarriedamerica.org/Spectrum/ Bibliography/ loneliness-and-solitude.htm (2005, 11).

Devereaux, Leigh, (2001), *Loneliness*. School of Psychology, Doctoral Program Northcentral University.

Devine, Fiona, Mike Savage, John Scott e Rosemary Crompton (orgs.) (2005), *Rethinking Class: Culture, Identities & Lifestyles*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan.

Ditommaso, Enrico, Cyndi Brannen e Lisa Best (2004), "Measurement and validity characteristics of the short version of the social and emotional loneliness scale for adults", *Educational, and Psychological Measurement*, 64 (1), pp. 99-119.

Erikson, Robert e John H. Goldthorpe (1992, 1993), *The Constant Flux: A Study of Class Mobility in Industrial Societies*, Oxford, Clarendon Press.

Esping-Anderson, Gøsta (1999), *Social Foundations of Postindustrial Economies*, Oxford, Oxford University Press.

Esping-Anderson, Gøsta (2006), "Inequality of incomes and opportunities", em Anthony Giddens e Patrick Diamond (orgs.), *op. cit*, pp. 9-51.

Esping-Anderson, Gøsta (org.) (1993), *Changing Classes: Stratification and Mobility in Post-Industrial Societies*, Londres, Sage Publications.

Estanque, Elísio (2002a), "O 'efeito classe média: desigualdades e oportunidades no limiar do século XXI", *Publicações Oficina do CES*, 172 (172), http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/172/172.pdf.

Estanque, Elísio (2002b), "A recomposição das classes face aos impactos da globalização: classes, subjectividades e participação num contexto semi-rural", em Pedro Hespanha e Graça Carapinheiro (orgs.), *Risco Social e Incerteza: Pode o Estado Social Recuar Mais? A Sociedade Portuguesa Perante os Desafios da Globalização*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 55-80.

Estanque, Elísio (2005), "Classes, precariedade e ressentimento: mudanças no mundo laboral e novas desigualdades de classe" (Working Paper 238), Publicações Oficina do CES, http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/238/238.pdf.

Estanque, Elísio (2006), "A questão social e a democracia no início do século XXI: participação cívica, desigualdades sociais e sindicalismo", *Publicações Oficina do CES* (Working Paper 264), http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/264/264.pdf.

Estanque, Elísio e José Manuel Mendes (1997), *Classes e Desigualdades Sociais em Portugal: Um Estudo Comparativo*, Porto, Edições Afrontamento.

Fernandes, Ana Alexandre (1997), *Velhice e Sociedade*, Oeiras, Celta Editora.

Ferreira, Vitor Sérgio (2006), *Marcas que Demarcam: Corpo, Tatuagem e Body Piercing em Contextos Juvenis*, dissertação para obtenção do grau de doutor em Sociologia, Lisboa, ISCTE (policopiado).

Ferreira, Vitor Sérgio (2008a), "*Be some body*: modificação corporal e plasticidade identitária na sociedade contemporânea", em Manuel Villaverde Cabral, Karin Wall, Sofia Aboim e Filipe Carreira da Silva (orgs.), *Itinerários: A Investigação nos 25 Anos do ICS*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 671-689.

Ferreira, Vítor Sérgio (2008b), *Marcas que Demarcam: Tatuagem, Body piercing e culturas juvenis*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Ferrera, Maurizio (org.) (2005), *Welfare State Reform in Southern Europe*, Londres, Routledge/EUI Studies in the Political Economy of Welfare.

Ferrera, Maurizio, Anton Hemerijck e Martin Rhodes (2000), *The Future of Social Europe: Recasting Work and Welfare in the New Economy*, Oeiras, Celta Editora.

Fitoussi, Jean-Paul e Pierre Ronsavallon (1996, 1997), *A Nova Era das Desigualdades*, Oeiras, Celta editora.

Fortuna, Carlos (org.) (2001), *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*, Oeiras, Celta Editora.

Furedi, Frank (2002), "Singleton society", *Spiked Life* (11 de Outubro de 2002), http://www.spiked-online.com/Articles/00000002D3A7.htm (Abril, 2005).

Giddens, Anthony (1989), *A Constituição da Sociedade*, São Paulo, Martins Fontes.

Giddens, Anthony (1995, 1996), *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas* Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony (1994, 1997), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony (1992, 1998), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony (2000), *A Dualidade da Estrutura: Agência e Estrutura*, Oeiras, Celta Editora.

Gilmour, Helen, Faith Gibson e Jim Campbell (2003), "Living alone with dementia: a case study to understanding risk", *Dementia*, 2 (3), pp. 403-420.

Goffman, Erving (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio d'Água.

Goldthorpe, John H. (org.) (1980), *Social Mobility and Class Structure in Modern Britain*, Oxford, Clarendon Press.
Golsh, Katrin, (2002), *Employment flexibility in spain and its impact on transitions to adulthood*. Centre d'Estudis Demogràfics (10, 2005).
Gonçalves, Eliane (2007), *Vidas no Singular: Noções sobre "Mulheres Sós" no Brasil Contemporâneo*, Tese de Doutoramento em Ciências Sociais, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, em http://www.agencia.fapesp.br/arquivos/vidas_no_singular.pdf (09, 2007).
Guerreiro, Maria das Dores (2003), "Pessoas sós: múltiplas realidades", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, pp. 31-49.
Guerreiro, Maria das Dores e Pedro Abrantes (2005), "Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada ", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 (58), pp. 157-212.
Guerreiro, Maria das Dores e Pedro Abrantes (2004), *Transições Incertas: Os Jovens Perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros/Ministério das Actividades Económicas e do Trabalho/Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
Hantrais, Linda, Dimiter Philipov e Francesco C. Billari (2006), *Policy Implications of Changing Family Formation: Study Prepared for the European Population Conference 2005*, Population Studies 49, Strasbourg, Council of Europe Publishing.
Hays, Judith C. e Linda K. George (2002), "The life-course trajectory toward living alone", *Research on Aging*, 24 (3), pp. 283-307.
Heath, Sue e Elizabeth Cleaver (2003), *Young, Free and Single? Twenty-somethings and Household Change*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan.
HIS (2008), *Data Reporting Module EUROSTUDENT III (2005-2008): Data Appendix*, em http://iceland.his.de/eurostudent/servlet/synopsisReport.xls (Abril, 2008).
HIS (org.) (2005), *Eurostudent Report 2005: Social and Economic Conditions of Student Life in Europe 2005*, Hannover, HIS-Hochschul-Informations-System.
Hollenhorst, Steve, Ernest Frank e Alan Watson (1994), "The capacity to be alone: wilderness, solitude and growth of the self", em John Hendee e Martin Vance (orgs.), *International Wilderness Allocation, Management and Research*, Boulder, USA, WILD Foundation, pp. 234-239.
Holmes, Mary (2004), "The precariousness of choice in the sentimental order: a response do Bawin-Legros", *Current Sociology*, 52 (2), pp. 251-257.
Hughes, Mary Elizabeth, Linda J. Waite, Louise C. Hawkley e John T. Cacioppo (2004), "A short scale for measuring loneliness in large surveys", *Research on Aging*, 26 (6), pp. 655-672.
Inglehart, Ronald e Christian Welzel (2004), "What Insights can multi-country surveys provide about people and societies?" *Comparative Politics Newsletter*, American Political Science Association, http://margaux.grandvinum.se/SebTest/wvs/articles/folder_published/publication_489(09, 2004).
Jamieson, Lynn (1999), "Intimacy transformed? A critical look at the 'pure relationhip'", *Sociology*, 33 (3), pp. 477-494.
Jamieson, Lynn, Fran Wasoff, Sarah Cunningham-Burley, Kathryn Backett-Milburn e Debbie Kemmer (2001), "Solo-living in Scotland: trends and issues", *CRFR Research Briefing Series* (1), www.crfr.ac.uk/Reports/sololiving.pdf (11, 2004).
Johnson, Robert J., Timothy J. Gallagher e Fredric D. Wolinsky (2004), "The influence of the end of life on the extent of informal help received by older adults", *Research on Aging*, 26 (2), pp. 259-283.
Karnick, Paula M. (2005), "Feeling lonely: theoretical perspectives", *Nursing Science Quarterly*, 18 (1), pp. 7-12.
Kaufmann, Jean-Claude (1996), *L'Entretien Compréhensif*, Paris, Nathan.
Kaufmann, Jean-Claude (2000), *A Mulher Só e o Príncipe Encantado: Inquérito sobre a Vida a Solo*, Lisboa, Editorial Notícias.
Klinenberg, Eric (2001), "Dying alone: the social production of urban isolation", *Ethnography*, 2 (4), pp. 501-531.
Kugelberg, Clarissa (1998), "Imagens culturais dos jovens suecos sobre o ínicio da vida adulta", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 27, pp. 41-57.
Lahire, Bernard (2002), *Portraits Sociologiques: Dispositions et Variations Individuelles*, Paris, Nathan.
Lahire, Bernard (2003), *O Homem Plural: As Molas da Acção*, Epistemologia e Sociedade, Lisboa, Instituto Piaget.
Lahire, Bernard (2005), *Tableaux de Famille: Heurs et Malheurs Scolaires en Milieux Populaires*, Paris, Gallimard, Le Seuil.

Lamourère, Odile (2003), *Célibataire Aujourd'hui: de la Solitude à la Relation Amoureuse*, Montreal, Canadá, Les Éditions de L'Omme.

Lash, Scott (2002, 2003), "Individualization in a non-linear mode", em Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (org.), *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political* Londres, Sage Publications, pp. I-XIII.

Levin, Irene (2002), "Living apart together: one couples two homes", *Friends and Non-Conventional Partnerships*, Oslo,

Levin, Irene (2004), "Living apart together: a new family form", *Current Socioloy*, 52 (2), pp. 223-240.

Levin, Irene e Jan Trost (1999), "Living apart together", *Community, Work and Family*, 2 (3), pp. 223-240.

Lewis, Miranda (2005), *Home Alone? Unilever Family Report 2005*, Londres, Institute for Public Policy Research, em http://www.unilever.co.uk/ourvalues/environmentandsociety/publications/familyreport/ (11, 2005).

Lewis, Suzan, Janet Smithson, Julia Brannen, Maria das Dores Guerreiro, Clarissa Kugelberg, Ann Nilsen e Pat O'Connor (1999), *Futuros em Suspenso: Jovens Europeus Falam Acerca da Conciliação Entre Trabalho e a Família*, Lisboa, ISCTE.

Lobo, Cristina e Cristina Palma Conceição (2003), "O recasamento em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 42, pp. 141-149.

Long, Christopher R., Mary Seburn, James R. Averil e Thomas A. More (2003), "Solitude experiences: varieties, settings, and individual differences", *PSPB*, 29 (5), pp. 578-583.

Lopes, João Miguel Teixeira (2000), *A Cidade e a Cultura: Um Estudo Sobre Práticas Culturais Urbanas*, Porto, Afrontamento, consulta da versão em PDF em http://bocc.ubi.pt/pag/teixeira-joao-lopes-cidade-cultura.html (10, 2008).

Machado, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades: Migrações, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Machado, Fernando Luís, Patrícia Ávila e António Firmino da Costa (1995), "Origens sociais e estratificação dos cientistas", em Jorge Correia Jesuíno (org.), *A Comunidade Científica Portuguesa nos Finais do Século XX: Comportamentos, Atitudes e Expectativas*, Oeiras, Celta Editora, pp. 109-132.

Machado, Fernando Luís, António Firmino da Costa e João Ferreira de Almeida (1989), "Identidades e orientações dos estudantes: classes, convergências, especificidades", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 27/28, pp. 189–209.

Machado, Fernando Luís, António Firmino da Costa, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, José Luís Casanova e João Ferreira de Almeida (2003), "Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, pp. 45-80.

U.S. Department of Labor, Bureau of Labor Statistics/ (2003), *Families and Work in Transition in 12 countries, 1980–2001*, Washington, DC.

Martins, Susana da Cruz (2005), "Portugal, um lugar de fronteira na Europa: uma leitura de indicadores socioeducacionais", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, pp. 141-161.

Martins, Susana da Cruz, Rosário Mauritti e António Firmino da Costa (2005), *Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior em Portugal*, Lisboa, DGES/MCTES e CIES.

Martins, Susana da Cruz, Rosário Mauritti e António Firmino da Costa (2007), "Padrões de Vida na Sociedade Contemporânea", em Maria das Dores Guerreiro, Anália Cardoso Torres e Luís Capucha (orgs.), *Quotidiano e Qualidade de Vida*, Portugal e a Europa: Sociedade, Estado e Quotidiano (vol. III), Oeiras, Celta Editora, pp.

Martins, Susana da Cruz, Rosário Mauritti e António Firmino da Costa (2008), *Estudantes do Ensino Superior: Inquérito às Condições Socioeconómicas, 2007*, Temas e Estudos de Acção Social - 7, Lisboa, DGES - Direcção Geral do Ensino Superior.

Mauritti, Rosário (2002), "Padrões de vida dos estudantes universitários nos processos de transição para a vida adulta", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 39, pp. 85-116.

Mauritti, Rosário (2004), "Padrões de vida na velhice", *Análise Social*, XXXIX (171), pp. 339-363.

Mauritti, Rosário e Susana da Cruz Martins (2007), "Estudantes do ensino superior: condições de vida e contextos sociais", em António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e Patrícia Ávila (orgs.), *Sociedade do Conhecimento*, Portugal no Contexto Europeu, Vol. II, Oeiras, CIES-ISCTE, Celta Editora, pp. 85-101.

Mauritti, Rosário, Susana da Cruz Martins e António Firmino da Costa (2004), "Classes sociais numa perspectiva comparada: estruturas europeias actuais e instrumentos de análise", *V Congresso Português de Sociologia: Sociedades Contemporâneas, Reflexividade e Acção*, Braga, 12 a 15 de Maio de 2004,

Mauritti, Rosário, Susana da Cruz Martins, António Firmino da Costa e Ana Maria Antunes (2002), "Utilização de bases de microdados na investigação em ciências sociais", *Revista de Estatística do INE*, vol. II (2.º Quadrimestre de 2002), pp. 49-64.

Milan, Anne e Alice Peters (2003), "Couples livins apart", *Canadian Social Trends*, 11 (08), Statistics Canada, http://www.statcan.ca/english/studies/11-008/feature/star2003069000s2a02.pdf (12, 2005).

Minzi, Maria Cristina Richaud de e Carla Sacchi (2004), "Adolescent loneliness assessment", *Adolescence*, 39 (156), http://www.dynomind.com/ (12, 2005).

Mutchler, Jan E. e Jefrey A. Burr (2003), "Living arrangements among older persons", *Research on Aging*, 25 (6), pp. 531-558.

Nações Unidas (2005), *Living Arrangements of Older Persons Around the World*, Nova Iorque, Departamento dos Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas/Unidade de estudos sobre a população.

Nunes, Nuno (2008), "A sociologia das classes sociais na investigação sociológica em Portugal", *CIES e-Working Paper* (48), http://www.cies.iscte.pt/wp.jsp (10, 2008).

Nyström, Louise (2003), "Quality of urban life in Europe in the 21 century", em Frank Eckardt e Dieter Hassenpflug (orgs.), *Consumption and the Post-Industrial City*, The European City in Transition, I, Frankfurt, Peter Lang pp.

OCDE (2003), *Tendances des Migrations Internationales: Rapport Annuel 2003*, Paris, Organisation de Coopération et de Développement Économiques.

OCDE (2005a), *Society at a Glance 2005: OECD Social Indicators*, Paris, Organisation for Economic Co-operation and Development

OCDE (2005b), *Taxing Working Families: A Distributional Analysis* OECD Tax Policy Studies, N.º 12, Paris, OECD Publishing.

Ogg, Jim (2003), *Living Alone in Later Life*, Londres, Institute of Community Studies.

Otero, Manuel Souto e Andrew McCoshan (2006), *Survey of the Socio-Economic Background of ERASMUS Students: Technical Annexes of the Final Report*, Birmingham, Comissão Europeia: Educação e Cultura.

Paillat, Paul (1991), "Éditorial: vieillesse différentes / vieillesses inégales", *Gérontogíe et Société*, 56, pp. 3-5.

Pais, José Machado (1996), "A geração yô-yô: uma nova condição juvenil?" em, *Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces Outros Olhares: As Ciências Sociais nos Países de Língua Portuguesa e os Desafios Contemporâneos*, Actas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp.

Pais, José Machado (2000), "Las transiciones y culturas de la juventud: formas y escenificaciones", *Revista Internacional de Ciências Sociales*, 164 (Número temático: A juventude em Transição), pp. 89-101.

Pais, José Machado (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Ambar.

Pais, José Machado (2003), "The multiple faces of the future in the labyrinth of life", *Journal of Youth Studies*, 6 (2), pp. 115-126.

Pais, José Machado (2006), *Nos Rastos da Solidão: Deambulações Sociológicas*, Col. Enciclopédia Moderna Lisboa, Ambar.

Pappano, Laura (2001), *The Connection Gap: Why Americans Feel So Alone*, Rutgers University Press.

Parkin, Frank (1979), *Marxism and Class Theory: A Bourgeois Critique*, Londres, Tavistock Publications.

Parsons, Talcott (1966), *Estructura y Proceso en las Sociedades Modernas*, Madrid, Instituto de Estudios Políticos.

Parsons, Talcott (1959, 1976), *El Sistema Social*, Madrid, Editorial Revista de Occidente.

Peixoto, João (1999), *A Mobilidade Internacional dos Quadros: Migrações Internacionais, Quadros e Empresas Transnacionais em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Penn, Mark J. e E. Kinney Zalesne (2008), *Microtendências: As 75 Pequenas Mudanças que Estão a Transformar o Mundo em que Vivemos*, Alfragide, Lua de Papel.

Pereira, Rodrigo da Cunha (2004), *Princípios Fundamentais e Norteadores para a Organização Jurídica da Família*, Doutoramento, Curitiba, Universidade Federal de Paraná

Perren, kim, Sara Arber e Kate Davidson (2004), "Neighbouring in later life: the influence of socio-economic resources, gender and household composition of neighbourly", *Sociology*, 38 (5), pp. 965-984.

Pichelmann, Karl e Reinhilde Veugelers (orgs.) (2005), *The European Economy: 2005 Review. Rising International Economic Integration: Opportunities and Challenges*, (Vol. N.º 6/2005), Bruxelas e Luxemburgo, European Commission/Directorate-General for Economic and Financial Affairs, Office for Official Publications of the European Communities

Pinto, José Madureira (1984), "Questões de Metodologia Sociológica I", *Cadernos de Ciências Sociais*, 1, pp. 5-42.

Pinto, José Madureira (2007), *Indagação Científica, Aprendizagens Escolares, Reflexividade Social*, Biblioteca das Ciências Sociais, Porto, Edições Afrontamento.

Poulantzas, Nicos (1974), *Les Classes Sociales dans le Capitalisme Aujourd'hui*, Paris, Le Seuil.

Putnam, Robert D. (2000), *Bowling Alone: The Colapse and Revival of American Community*, Nova Iorque, Simon and Schuster.

Putnam, Robert D. (1995), "Bowling alone: America's declining social capital", *Journal of Democracy*, 6 (1), http://usinfo.state.gov/journals/itdhr/0796/ijde/putnam.htm (12, 2004).

Queirós, João e Vanessa Rodrigues (2006), "«Não, não somos jornalistas». Uma introdução à utilização do diário de campo e da fotografia na pesquisa sociológica", Comunicação apresentada ao *Seminário Etnografias em Contexto Urbano: Quatro Estudos de Caso*, Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 8 de Março de 2006,

Reich, Robert B. (1991, 1996), *O Trabalho das Nações*, Lisboa, Quetzal Editores.

Rodrigues, Maria João (2006), "A agenda de Lisboa em Portugal e na Europa", em Manuel Castells e Gustavo Cardoso (orgs.), *A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Acção Política*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 393-418.

Rodrigues, Walter José dos Santos (2008), *Cidade em Transição: Nobilitação Urbana, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE.

Rokach, Ami e Heather Brock (1997), "Loneliness and the effects of lifechanges", *The Journal of Psychology*, 131 (3), pp. 284-299.

Rose, Gillian (2003), "Family photographs and domestic spacings: a case study", *Transactions of the Institute of British Geographers*, 28 (1), pp. 5-18.

Roseneil, Sasha e Shelley Budgeon (2004), "Cultures of intimacy and care beyond 'the family': personal life and social change in the early 21st century", *Current Sociology*, 52 (2), pp. 135-159.

Roussel, Louis (1992), "La famille en Europe Occidentale: différences et convergence", em Ana Nunes de Almeida, Maria das Dores Guerreiro, Anália Torres e Karin Wall (orgs.), *Familles et Contextes Sociaux: Les Espaces et les Temps de la Diversité. Actas do Colóquio de Lisboa, 10-12 de Abril de 1991*, Lisboa, CIES-ISCTE, pp. 115-131.

Russell, Daniel W. (1996), "UCLA loneliness scale (version 3): reliability, validity, and factor structure", *Journal of Personality Assessment*, 66 (1), pp. 20-40.

São José, José, Karin Wall e Sónia Vladimira Correia (2002), "Trabalhar e cuidar de um idoso dependente: problemas e soluções", *Working Paper*, 2 (02), Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2002/WP2-2002.pdf (11, 2003).

Sassen, Saskia (1994, 2006a), *Cities in a World Economy* Sociology for a New Century Series, Londres, Pine Forge Press /Sage Publications.

Sassen, Saskia (2006b), "New global classes: implications for politics", em Anthony Giddens e Patrick Diamond (orgs.), *The New Egalitarianism*, Cambridge, Polity Press, pp. 143-153.

Satariano, William A., Thaddeus J. Haight e Ira B. Tager (2002), "Living arrangements and participations in leisure-time physical activities in an older population", *Journal of Aging and Health*, 14 (4), pp. 427-451.

Savage, Mike (2000), *Class Analysis and Social Transformation*, Sociology and Social Change, Buckingham, Open University Press.

Schurmans, Marie-Noëlle (2003), *Les Solitudes*, Collection Sociologie d'aujourd'hui, Paris, PUF.

Schurmans, Marie-Noëlle (2004), "L'expérience de solitude", *Sciences Humaines, Dossier Les Relations Interpersonnelles* (150), http://www.scienceshumaines.com/ (11, 2005).

Scott, John (1996), *Stratification and Power: Structures of Class, Status and Command*, Cambridge, Polity Press.

Sebastião, João (1998), "Os dilemas da escolaridade: universalização, diversidade e inovação", em José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, pp.

Sebastião, João (2006), *Democratização do Ensino, Desigualdades Sociais e Trajectórias Escolares*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE

Shon, Jean-Louis Pan Ké (1999), "Vivre seule, sentiment de solitude et isolement relacionnel", *INSEE Premiere* (679), INSEE, http://www.insee.fr/fr/ffc/docs_ffc/IP678.pdf (11, 2004).

Simmel, Georg ([1908] 1989, 1995), "O cruzamento dos círculos sociais" e "A influência do número de unidades sociais sobre as características das sociedades", em Manuel Braga da Cruz (org.), *Teorias Sociológicas: Os Fundadores e os Clássicos (Antologia de Textos)*, I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 573-578 e 551-558.

Simmel, Georg ([1903] 1997 2001), "A metrópole e a vida do espírito", em Carlos Fortuna (org.), *op. cit.*, pp. 31-43.

Singly, François de (1987), "Les effets pervers de la dot scolaire", em, *Fortune et Infortune de la Femme Mariée*, Paris, Presses Universitaires de France, pp. 166-186.

Spencer, Liz e Ray Pahl (2006), *Rethinking Friendship: Hidden Solidarities Today*, Londres, Princeton Univ. Press.

Steiber, Nadia (2006), "Work and family", em Silke Schneider (org.), *EMPLOY and FAMNET Research Groups Combined State of the Art Report*, EqualSoc: Economic Change, Quality of the Life & Social Cohesion, pp. 4-41.

Terrell, Francis, Ivanna S. Terrell e Susan R. von Drashek (2000), "Loneliness And fear of intimacy among adolescents who were taught not to trust strangers during childhood", *Adolescence*, 35 (140), <http://www.dynomind.com/ (12, 2005).

Tonkiss, Fran (2003), "The ethics of indifference: community and solitude in the city", *International Journal of Cultural Studies*, 6 (3), pp. 297-311.

Torres, Anália Cardoso (1996), "A família", em João Ferreira de Almeida e José Machado Pais (orgs.), *Jovens de Hoje e de Aqui: Resultados do Inquérito à Juventude de Loures*, Cadernos Estudos Locais, Loures, Departamento Sócio-cultural, Câmara Municipal de Loures, pp. 109-126.

Torres, Anália Cardoso e Francisco Vieira Silva (1998), "Guarda das crianças e divisão do trabalho entre homens e mulheres", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 28, pp. 9-65.

Torres, Anália, Rita Mendes e Tiago Lapa (2006), "Famílias na Europa", em Jorge Vala e Anália Torres (orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Atitudes Sociais dos Portugueses, 6, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 97-144.

Townsend, Peter (1957), *The Family Life of Old Peopel: An Inquiry in East London*, Londres, The National Social Policy and Social Change Archive at Essex University em http://www.pubmedcentral.nih.gov/picrender.fcgi?artid=1890094&blobtype=pdf (12, 2005).

Tunstall, Jeremy (1966), *Old and Alone: A Sociological Study of Old People*, Londres, Routledge e Kegan Paul.

Urry, John (2002a), *Mobility and connections*, em: http://www.ville-en-mouvement.com/ telechargement/040602/mobility.pdf (09, 2005).

Urry, John (2002b), "Mobility and proximity", *Sociology*, 36 (2), pp. 255-274.

Velcoff, Victoria (2001), "Living arrangements and well-being of the older population: future research direction", *United Nations Population Bulletin, Special Issue: Population Ageing and Living Arrangements of Older Persons: Critical Issues and Policy Responses* (42/43), <http://www.un.org/esa/population/publications/bulletin42_43/bulletin42_43.htm> (04, 2005).

Velho, Gilberto (1994), *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Colecção Antropologia Social, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Velho, Gilberto (1986, 2002), *Subjectividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Velho, Gilberto (1981, 2004), *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Colecção Antropologia Social, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Velho, Gilberto (1998), *Nobres & Anjos: Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia*, Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas.

Vester, Michael (2003), "Class and culture in Germany", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 42, pp. 25-64.

ESCR - Economic & Social Research Council (2005), *Loneliness, Social Isolation and Living Alone in Later Life: Full Report* (17).

Wall, Karin (2001), Family life and family policies in Portugal: developments in the late nineties Lisboa, European Observatory on the Social Situation, Demography and Family, Lisboa, ICS-UL

Wall, Karin (org.) (2003), "Famílias nos censos 2001", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, pp. 9-100.

Wall, Karin, José São José e Sónia Vladimira Correia (2002), "Mães sós e cuidados às crianças", *Análise Social*, XXXVII (163), pp. 631-663.

Wolf, Douglas A. (2001), "Note on statiscal analysis and microsimulation for studying living arrangements and intergenerational transfers", *United Nations Population Bulletin, Special Issue on Population Ageing and Living Arrangements of Older Persons: Critical Issues and Policy Responses* (42/43), http://www.un.org/esa/population/publications/bulletin42_43/ bulletin42_43.htm (Abril, 2005).

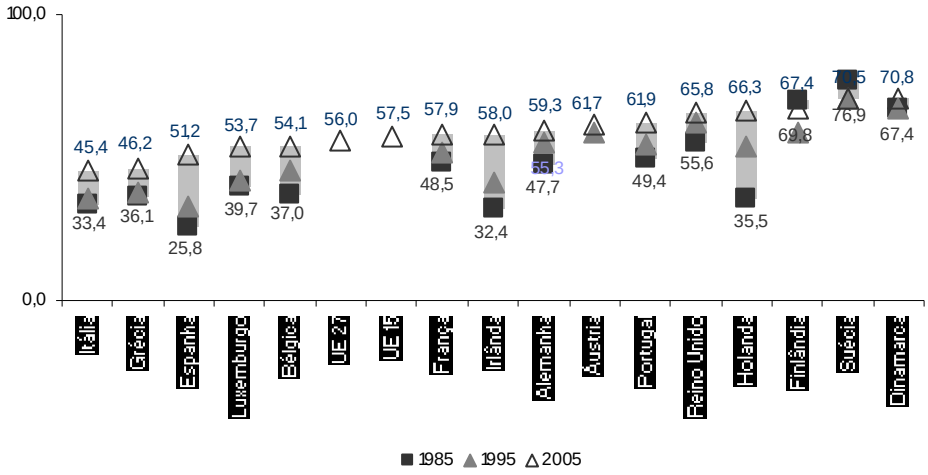
Wright, Erik Olin (1985), *Classes*, Londres, Verso Editions.

Wright, Erik Olin (1997), *Class Counts: Comparative Studies in Class Analysis*, Cambridge, Cambridge University Press.

Yum, Young-ok (2003), "Relationships among loneliness, self/partner constructive maintenace behavior, and relational satisfaction in two cultures", *Communication Studies* (Dezembro), http://www.findarticles.com/p/articles/mi_qa3669 (12, 2005).

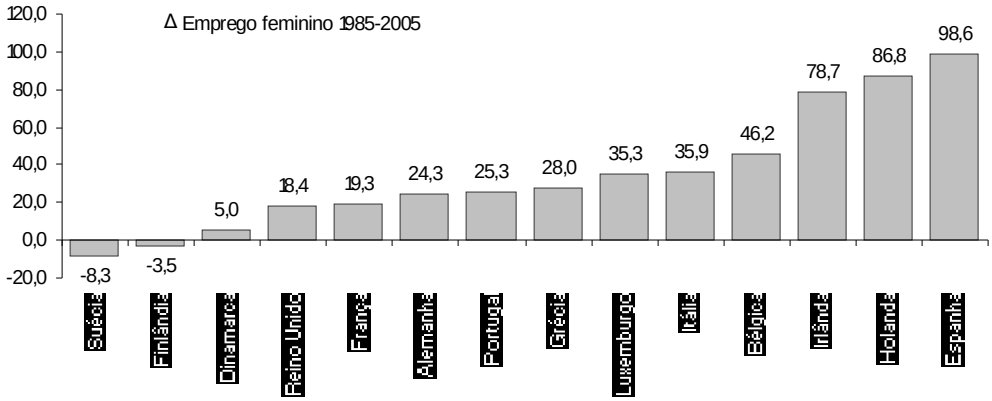
Zagury, Tania (1999), *Encurtando a Adolescencia: Orientação para Pais e Educadores*, Rio de Janeiro, Editora Record.

ANEXOS A1



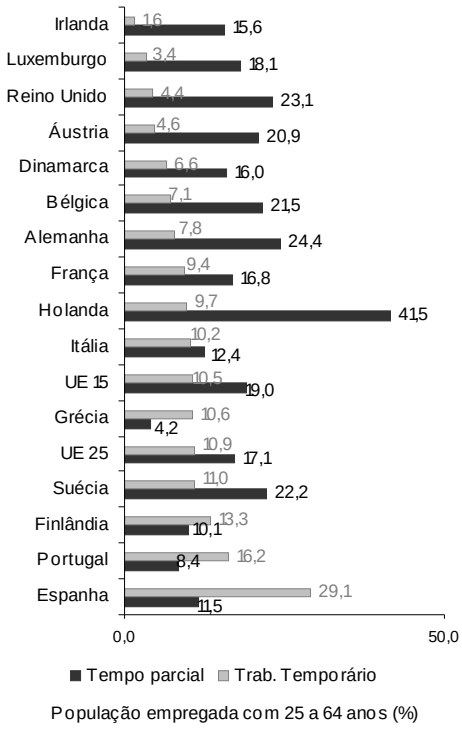
Fonte: 1985 e 1995: OECD, *Social Indicators 2005*, 2005: Eurostat, Inquérito ao Emprego LFSQ_ERGAED, 2.º quadrimestre (Outubro, 2006).

Figura A1.1 Taxa de emprego das mulheres em percentagem da população feminina com 15 a 64 anos

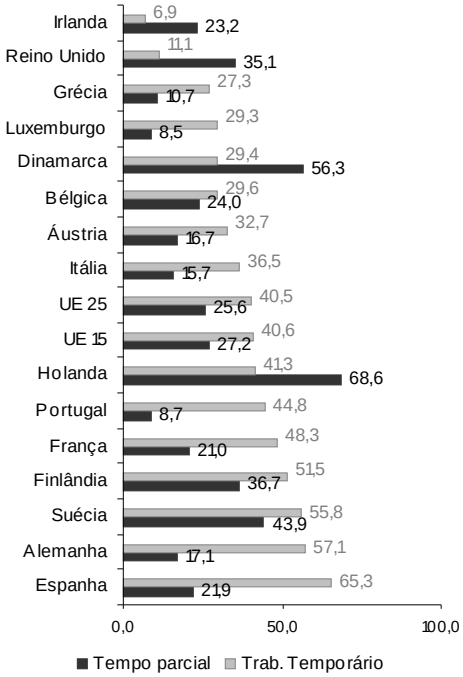


Fonte: 1985 e 1995: OECD, *Social Indicators 2005*, 2005: Eurostat, Inquérito ao Emprego LFSQ_ERGAED, 2.º quadrimestre (Outubro, 2006).

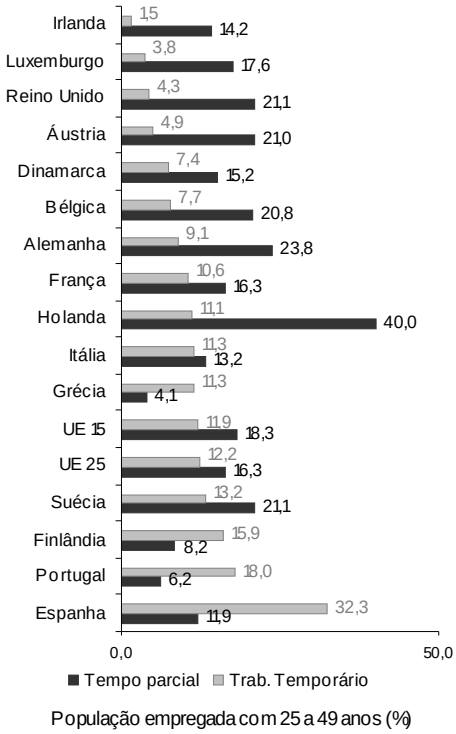
Figura A1.2 Taxas de variação do emprego feminino na população feminina com 15 a 64 anos, entre 1985 e 2005 (em percentagem)



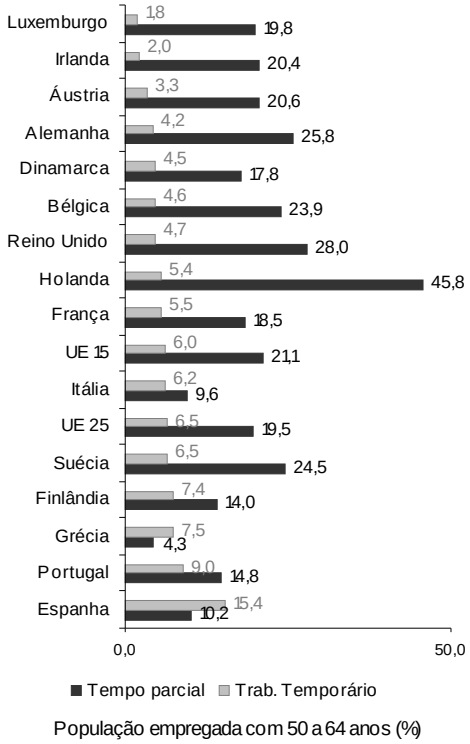
População empregada com 25 a 64 anos (%)



População empregada com 15 a 24 anos (%)



População empregada com 25 a 49 anos (%)

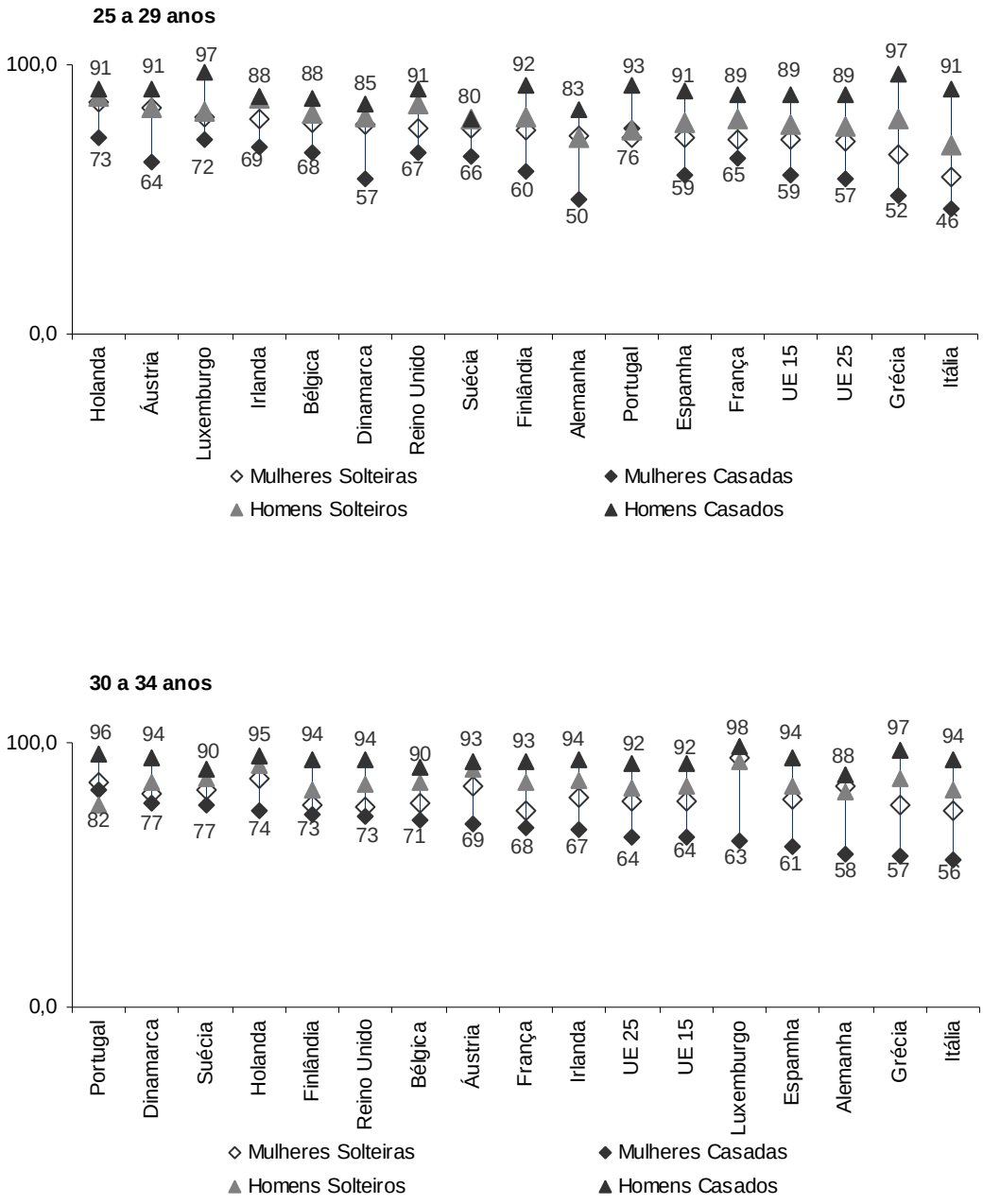


População empregada com 50 a 64 anos (%)

Nota: Dados relativos ao 2.º quadrimestre de 2005, excepto Irlanda, 1.º quadrimestre 2005.

Fonte: Eurostat, Inquérito ao Emprego: "LFSQ_ETPGA " e "LFSQ_EPPGA" (Outubro, 2006)

Figura A1.3 Trabalho a tempo parcial e trabalho temporário no total da população empregada, por grupos etários (em percentagens)



(Percentagens na População total, por sexo, grupo etário e situação conjugal)

Fonte: Eurostat, Inquérito ao Emprego (2.º quadrimestre de 2005): "LFSQ_ERGAMS" (Outubro, 2006).

Figura A1.4 Taxas de emprego de homens e mulheres, solteiros e casados, segundo grupos etários, na UE 15, em 2005

Quadro A1.1 Recomposições socioprofissionais na União Europeia, 1996-2002 (em percentagem)

		Classes sociais (indicador socioprofissional)																				
		Empresário, Dirigentes e Profissionais Liberais			Profissionais Técnicos e de Enquadramento			Trabalhadores Independentes			Agricultores Independentes			Empregados Executantes			Operários Industriais			Assalariados agrícolas		
	Países	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
2002	Alemanha	12,3	9,0	3,3	30,4	14,4	16,0	1,7	0,9	0,8	0,9	0,5	0,4	28,0	8,1	19,9	25,5	21,7	3,8	1,3	0,8	0,5
	Áustria	11,9	8,3	3,6	22,1	10,8	11,3	1,9	0,8	1,1	4,4	2,2	2,2	33,2	9,7	23,5	25,6	22,6	3,0	0,8	0,5	0,3
	Bélgica	17,1	11,8	5,3	26,0	12,8	13,2	3,5	1,7	1,8	0,9	0,6	0,3	30,7	11,4	19,3	20,9	18,4	2,5	0,8	0,7	0,1
	Dinamarca	10,7	8,4	2,3	33,3	15,9	17,4	1,4	0,8	0,6	1,0	0,8	0,2	31,0	8,2	22,8	20,8	17,9	2,9	1,7	1,2	0,5
	Espanha	12,6	8,9	3,7	19,7	10,3	9,4	5,9	4,3	1,6	3,0	2,1	0,9	28,6	10,5	18,1	27,9	24,6	3,3	2,3	1,8	0,5
	Finlândia	12,8	8,9	3,9	29,7	13,9	15,8	2,8	1,6	1,2	3,4	2,2	1,2	28,3	5,9	22,4	21,6	18,4	3,2	1,5	0,8	0,7
	França	12,8	8,8	4,0	27,2	14,4	12,8	1,5	1,0	0,5	2,3	1,5	0,8	32,4	8,6	23,8	22,4	19,1	3,3	1,4	1,1	0,3
	Grécia	18,8	13,9	4,9	15,1	7,4	7,7	9,4	6,4	3,0	13,9	7,5	6,4	24,1	10,3	13,8	17,9	15,7	2,2	0,9	0,7	0,2
	Holanda	17,6	12,8	4,8	31,8	16,1	15,7	2,4	1,3	1,1	0,2	0,1	0,1	29,9	10,1	19,8	16,7	14,9	1,8	1,4	1,0	0,4
	Irlanda	22,1	16,3	5,8	19,3	8,8	10,5	3,8	3,2	0,6	0,4	0,3	0,1	31,2	9,8	21,4	22,1	18,9	3,2	1,2	1,0	0,2
	Itália	18,6	14,4	4,2	20,9	10,2	10,7	9,3	6,0	3,3	1,8	1,2	0,6	26,7	12,3	14,4	21,1	17,2	3,9	1,6	1,1	0,5
	Luxemburgo	10,0	7,7	2,3	29,6	16,5	13,1	0,4	0,1	0,3	0,7	0,4	0,3	36,2	13,2	23,0	21,8	20,8	1,0	1,2	1,1	0,1
	Portugal	13,7	9,3	4,4	14,8	6,3	8,5	5,0	2,9	2,1	1,6	1,1	0,5	29,7	9,8	19,9	32,8	25,3	7,5	2,4	1,7	0,7
	Reino Unido	18,8	13,1	5,7	21,6	11,4	10,2	4,8	3,6	1,2	0,6	0,5	0,1	36,1	10,4	25,7	17,5	15,4	2,1	0,8	0,7	0,1
	Suécia	10,4	7,6	2,8	34,2	16,4	17,8	2,9	2,0	0,9	1,2	0,9	0,3	32,3	8,8	23,5	18,1	15,6	2,5	1,0	0,7	0,3
	UE 15	15,0	10,8	4,2	25,0	12,5	12,5	4,1	2,7	1,4	1,9	1,2	0,7	30,4	9,7	20,7	22,3	19,1	3,2	1,4	1,0	0,4
1986	Alemanha	8,6	6,9	1,7	14,8	8,6	6,2	2,5	1,3	1,2	3,4	1,5	1,9	35,0	12,8	22,2	34,4	29,2	5,2	1,2	0,9	0,3
	Bélgica	7,2	5,9	1,3	16,4	7,9	8,5	10,9	6,1	4,8	2,8	1,9	0,9	30,4	14,5	15,9	31,9	27,8	4,1	0,5	0,5	0,0
	Dinamarca	8,2	6,9	1,3	22,1	8,2	13,9	3,6	1,6	2,0	2,6	2,4	0,2	31,0	11,4	19,6	31,1	25,1	6,0	1,6	1,4	0,2
	Espanha	5,0	4,4	0,6	7,8	4,5	3,3	14,3	9,2	5,1	11,0	7,4	3,6	27,2	14,4	12,8	29,9	26,4	3,5	4,8	4,4	0,4
	França	5,7	4,4	1,3	16,1	9,2	6,9	5,1	2,7	2,4	6,1	3,7	2,4	37,1	12,8	24,3	28,4	23,7	4,7	1,4	1,2	0,2
	Grécia	8,6	7,2	1,4	8,9	5,3	3,6	17,1	12,1	5,0	26,1	14,0	12,1	17,0	9,2	7,8	21,1	17,4	3,7	1,1	0,8	0,3
	Holanda	8,7	6,8	1,9	20,4	12,5	7,9	4,7	2,0	2,7	2,5	1,7	0,8	35,8	15,8	20,0	25,9	23,3	2,6	2,1	1,8	0,3
	Irlanda	7,7	6,6	1,1	13,6	7,3	6,3	5,6	4,5	1,1	13,1	11,6	1,5	31,6	14,6	17,0	25,9	21,9	4,0	2,4	2,3	0,1
	Itália	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Luxemburgo	4,6	3,7	0,9	12,5	7,9	4,6	4,2	1,9	2,3	2,9	2,0	0,9	40,0	16,6	23,4	34,7	32,5	2,2	1,0	1,0	0,0
	Portugal	4,6	3,8	0,8	7,1	3,1	4,0	9,7	6,2	3,5	17,2	8,0	9,2	26,3	12,6	13,7	31,3	23,7	7,6	3,9	2,9	1,0
	Reino Unido	11,7	9,2	2,5	15,4	8,6	6,8	5,3	4,0	1,3	0,7	0,6	0,1	38,5	12,2	26,3	26,8	22,0	4,8	1,5	1,3	0,2
	UE 12	8,1	6,5	1,6	14,5	8,1	6,4	6,2	3,9	2,3	5,5	3,2	2,3	34,2	12,9	21,3	29,6	24,9	4,7	1,9	1,6	0,3

Nota: Quadro publicado originalmente em Mauritti, Martins e Costa (2004). População activa empregada; Alemanha Ocidental 1986.

Fonte: Eurostat, Inquérito ao Emprego 1986 e 2002; Holanda 1987 e 2002; Portugal 1986 e INE, Censos 2001.

Quadro A1.2 Participação na actividade económica de homens e mulheres na UE 15, segundo escalões etários e níveis de escolaridade, em 2005

(Percentagens no total da população, por grupos etários e níveis de escolaridade)

Grupos etários e escolaridade		Países e sexo																													
		Alemanha		Áustria		Bélgica		Dinamarca		Espanha		Finlândia		França		Grécia		Holanda		Irlanda		Itália		Luxemburgo		Portugal		Reino Unido		Suécia		EU 15	
		H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 24 anos	Básico	33,1	26,2	39,3	24,0	15,2	9,5	60,6	52,4	48,4	31,0	27,8	25,5	19,2	9,8	25,2	7,5	57,4	53,5	26,7	15,2	23,9	10,7	21,7	8,1	42,0	30,1	32,4	25,3	24,4	30,7	32,5	22,5
	Secundário	59,6	60,3	72,6	66,7	40,9	30,1	78,3	64,5	40,1	33,9	62,3	61,1	50,0	37,5	33,8	25,5	76,3	75,3	64,2	57,7	42,7	32,1	33,5	26,2	35,4	27,0	64,9	59,7	63,7	64,0	54,6	48,5
	Superior	66,9	69,8	81,0	75,0	46,2	71,0	45,0	75,1	56,4	55,0	nd	82,5	44,6	48,5	63,6	55,2	80,7	84,5	73,4	77,9	28,3	28,7	nd	55,7	nd	69,6	77,6	81,6	52,5	54,2	57,7	59,9
25 a 34 anos	Básico	66,5	39,6	76,4	53,2	71,7	37,8	70,2	43,6	84,1	52,5	66,9	55,5	74,1	44,3	87,4	44,7	83,0	54,6	76,5	45,5	80,6	43,2	91,8	65,1	87,3	74,5	64,8	29,9	72,7	48,0	78,4	47,2
	Secundário	79,6	68,3	89,7	78,2	86,5	72,3	86,7	75,9	85,5	69,7	85,5	68,6	88,1	69,7	88,6	60,3	92,3	81,1	91,5	73,2	82,4	64,0	91,1	72,3	81,4	77,2	88,0	69,7	84,6	77,0	84,6	68,9
	Superior	88,8	79,5	90,6	83,6	92,3	88,8	87,0	84,3	85,7	78,0	92,8	80,8	87,4	80,4	83,3	75,1	93,2	91,7	92,7	85,7	72,1	65,6	89,7	83,7	88,3	90,6	93,1	88,0	86,2	82,0	87,5	80,9
35 a 44 anos	Básico	72,5	57,1	81,7	65,4	79,3	51,6	79,7	61,0	85,6	48,3	75,5	67,6	81,2	60,7	91,0	50,4	85,6	60,8	83,2	46,4	88,1	45,3	93,0	64,6	87,6	71,3	65,5	44,4	77,3	62,2	82,7	53,2
	Secundário	86,8	74,3	92,2	76,6	90,8	70,7	90,3	81,8	92,8	64,9	86,1	81,0	91,6	78,7	93,4	53,2	91,4	75,3	93,3	64,8	94,2	68,6	97,0	61,0	93,6	78,7	90,1	79,2	90,1	82,6	90,1	74,6
	Superior	94,5	81,8	96,3	88,9	94,6	89,0	95,8	89,7	93,5	79,3	93,6	84,6	92,1	84,2	95,2	83,1	94,0	86,5	95,5	81,3	96,0	87,6	96,8	78,4	97,5	91,9	95,0	86,5	92,1	90,9	94,4	84,2
45 a 54 anos	Básico	66,5	56,4	78,8	61,9	74,1	47,8	74,5	68,9	82,6	40,4	75,3	71,3	82,6	66,3	86,4	43,5	83,7	58,6	79,1	46,2	83,2	38,3	85,7	55,0	82,8	66,5	64,4	52,2	81,2	65,0	79,6	51,3
	Secundário	81,4	73,1	86,1	74,6	87,3	68,7	89,8	80,0	88,2	63,7	80,4	82,1	88,9	77,7	90,0	49,1	88,5	74,0	90,2	65,1	92,3	66,9	92,5	58,6	89,1	75,6	88,3	79,7	86,6	81,9	86,5	73,7
	Superior	91,3	85,0	93,8	88,6	92,8	84,1	92,9	88,8	92,8	81,7	91,6	90,7	92,6	84,6	93,8	78,9	93,2	83,4	95,4	84,5	97,1	87,9	93,7	78,8	95,5	93,6	93,0	88,3	91,1	92,1	92,8	85,9

Fonte: Eurostat, Inquérito ao Emprego (2.º quadrimestre de 2005): " LFSQ_ERGAED" (Outubro, 2006).

Quadro A1.3 Taxa desemprego de homens e mulheres na UE 15, segundo escalões etários e níveis de escolaridade, em 2005

(Percentagens no total da população, por grupos etários e níveis de escolaridade)

Grupos etários e escolaridade		Países e sexo																													
		Alemanha		Áustria		Bélgica		Dinamarca		Espanha		Finlândia		França		Grécia		Holanda		Irlanda		Itália		Luxemb.		Portugal		Reino Unido		Suécia		EU 15	
		H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 24 anos	Básico	17,0	16,9	15,3	20,8	28,2	31,3	6,0	8,9	18,2	28,8	36,8	42,6	27,1	35,4	14,7	34,8	11,0	12,8	16,9	*16,9*	24,4	34,9	*16,4*	*:*	14,4	18,9	22,8	18,0	43,5	39,0	19,9	22,8
	Secundário	16,5	10,9	8,5	7,3	16,8	19,7	*6,6*	11,9	16,4	21,3	22,2	17,4	14,2	20,0	19,7	34,5	5,6	5,7	6,5	5,7	17,4	20,9	*:*	*13,7*	:	16,2	9,0	8,3	18,8	17,9	13,6	13,9
	Superior	:	:	:	:	*17,7*	10,0	:	:	15,4	18,2	:	:	14,3	12,1	:	36,1	:	:	:	:	27,4	32,4	*:*	*:*	:	:	9,4	3,7	:	20,6	12,6	11,3
25 a 34 anos	Básico	21,9	18,7	9,6	10,2	12,1	18,1	6,9	9,7	7,3	15,8	12,8	12,0	11,7	14,6	5,9	16,8	5,8	8,0	7,8	6,1	6,4	12,6	*3,9*	*7,5*	6,3	9,7	6,3	5,4	11,2	16,1	9,1	12,8
	Secundário	10,8	9,9	4,1	4,2	5,5	9,6	3,1	4,8	5,2	10,7	6,8	8,3	5,4	8,7	5,4	16,2	3,7	4,4	3,1	3,2	4,1	7,6	*2,3*	*4,8*	5,1	7,7	3,5	3,4	6,4	7,0	6,3	8,0
	Superior	4,7	5,8	*2,4*	*1,9*	3,3	3,5	3,3	4,1	5,2	7,7	4,0	5,1	5,2	5,5	5,1	10,9	2,8	2,8	2,1	2,0	5,6	8,3	*2,3*	*4,2*	4,1	4,1	2,3	2,0	5,4	4,9	4,2	5,3
35 a 44 anos	Básico	21,9	14,5	*7,2*	:	7,5	5,5	*5,8*	:	6,5	10,0	8,5	9,4	6,5	7,5	4,1	8,2	4,6	4,0	4,3	:	4,7	5,5	*:*	*:*	6,7	6,1	4,9	2,1	4,7	5,4	7,0	7,2
	Secundário	13,9	13,0	3,5	*3,5*	4,0	5,7	4,2	6,4	6,2	6,4	7,0	6,5	5,1	5,1	*2,5*	7,8	4,6	*3,6*	:	:	2,0	3,3	*:*	*:*	:	:	3,1	1,6	5,9	3,6	7,0	7,2
	Superior	6,7	7,1	:	:	3,1	*3,5*	*3,4*	*3,0*	3,3	3,0	4,7	3,8	4,4	*3,4*	:	:	3,1	*2,4*	:	:	1,3	:	*:*	*:*	:	:	2,5	1,9	3,3	:	4,2	3,4
45 a 54 anos	Básico	21,9	17,2	8,9	8,4	10,8	14,1	6,5	6,9	7,0	14,2	10,7	10,5	10,0	11,8	5,2	13,5	5,4	6,6	6,4	5,0	5,9	10,6	*3,9*	*6,5*	6,4	8,6	5,9	4,2	7,8	10,4	8,5	10,9
	Secundário	11,6	10,7	4,0	4,1	5,1	8,9	3,5	5,2	5,3	10,1	6,8	7,7	5,4	7,9	4,9	15,3	3,9	4,3	3,0	3,1	3,7	7,0	*2,3*	*4,5*	5,5	7,3	3,4	2,9	6,3	5,9	6,5	7,8
	Superior	5,3	6,1	2,1	*1,9*	3,3	3,5	3,4	3,8	4,9	7,2	4,2	4,8	5,0	5,1	4,3	9,9	2,9	2,7	2,0	1,9	4,4	6,8	*2,7*	*3,9*	4,1	3,7	2,4	2,0	4,7	3,7	4,2	4,9

Nota: Valores em itálico devem ser interpretados com cautela, contendo algum grau de inconsistência.

Fonte: Eurostat, Inquérito ao Emprego (2.º quadrimestre de 2005): " LFSQ_URGAED" (Outubro, 2006).

Quadro A1.4 Trabalho a tempo parcial e trabalho temporário no total da população empregada da EU 15, por sexo e grupos etários, em 2005

(Percentagens no total da população empregada, por sexo e grupos etários)

Tipo de trabalho		Países e sexo																															
		Alemanha		Áustria		Bélgica		Dinamarca		Espanha		Finlândia		França		Grécia		Holanda		Irlanda		Itália		Luxemburgo		Portugal		Reino Unido		Suécia		UE 15	
		H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 24 anos	Temporário	60,4	53,4	36,1	28,8	26,7	32,8	32,9	25,2	66,3	63,9	48,8	54,1	48,8	47,7	26,2	28,9	41,3	41,2	6,6	7,2	34,9	39,1	31,9	25,8	44,2	45,6	11,3	10,8	49,9	61,6	41,5	39,0
	Tempo parcial	12,3	22,5	10,4	23,9	15,4	33,7	44,0	70,6	13,7	33,2	25,7	47,4	12,5	31,9	7,0	16,4	60,1	77,6	16,7	30,6	9,0	26,0	nd	11,4	5,5	13,1	27,6	43,2	28,4	60,1	19,4	36,3
25 a 49 anos	Temporário	8,8	9,5	4,2	5,7	5,4	10,3	4,8	10,3	30,7	34,4	10,6	21,4	9,0	12,4	9,5	13,7	10,1	12,2	1,3	1,7	9,1	14,2	3,3	4,5	16,9	19,2	3,7	4,9	11,3	15,1	10,8	13,0
	Tempo parcial	5,8	45,9	4,1	40,8	4,6	40,6	6,3	25,2	3,6	23,7	4,2	12,8	4,0	30,5	1,6	7,9	12,8	72,4	3,0	28,7	3,7	27,3	1,9	38,7	2,6	10,3	4,2	40,0	6,8	37,1	4,7	35,3
50 a 64 anos	Temporário	4,6	3,6	3,3	3,2	2,5	7,7	3,9	5,0	14,0	17,7	6,8	7,9	5,0	6,1	6,0	10,8	3,8	7,7	1,9	2,0	5,7	6,9	nd	nd	8,2	9,9	4,5	4,8	6,5	6,5	5,8	6,3
	Tempo parcial	7,4	48,9	7,0	39,9	10,4	44,2	8,2	29,3	2,8	24,0	11,3	16,7	6,8	31,6	1,5	9,8	21,5	81,8	4,0	31,6	4,3	19,3	3,2	47,0	7,0	23,8	11,7	48,0	12,3	37,8	7,9	38,8
25 a 64 anos	Temporário	7,7	8,0	4,0	5,3	4,8	9,8	4,5	8,7	27,2	31,6	9,5	17,0	8,1	10,8	8,8	13,3	8,4	11,2	1,4	1,7	8,3	12,8	2,8	4,2	15,1	17,3	3,9	4,9	9,8	12,2	9,6	11,5
	Tempo parcial	6,2	46,7	4,8	40,6	6,0	41,3	6,9	26,4	3,4	23,8	6,4	14,1	4,7	30,8	1,6	8,3	15,2	74,6	6,8	42,9	3,8	25,6	2,2	40,2	3,7	13,7	6,5	42,3	8,7	37,3	5,6	36,2

Nota: Dados relativos ao 2.º quadrimestre de 2005, excepto Irlanda, 1.º quadrimestre 2005.

Fonte: Eurostat, Inquérito ao Emprego: "LFSQ_ETPGA " e "LFSQ_EPPGA" (Outubro, 2006)

Quadro A1.5 Principais razões para o exercício de trabalho a tempo parcial, por sexo e grupos etários

(Percentagens no total de pessoas que desenvolvem a actividade a tempo parcial, por sexo e grupos etários

	Razões para o exercício de trabalho a tempo parcial	Alemanha		Áustria		Bélgica		Dinamarca		Espanha		Finlândia		França		Grécia		Holanda		Itália		Portugal		Reino Unido		Suécia	
		H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 24 anos	Não encontrou	23,4	28,4	11,5	17,9	33,3	42,6	7,0	10,9	25,6	35,9	18,2	24,6	27,6	46,1	45,5	61,1	5,7	6,3	48,8	50,6	45,5	52,4	13,6	10,0	46,3	43,6
	Não pretendia	8,9	8,7	0,0	10,7	0,0	0,0	5,8	5,9	6,4	8,0	9,1	4,6	50,6	39,3	9,1	16,7	28,6	32,6	4,8	8,0	0,0	0,0	2,1	3,5	9,3	8,2
	Motivos familiares	0,0	9,5	0,0	10,7	0,0	5,6	0,0	0,0	0,0	2,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,7	0,0	0,0	0,0	10,9	0,0	0,0
	Estudo/formação	62,9	51,5	80,8	46,4	37,0	22,2	87,2	83,2	54,5	36,2	72,7	70,8	8,3	5,8	45,5	22,2	53,2	49,3	39,3	30,9	54,5	47,6	79,4	70,7	44,4	42,7
	Outras razões	0,0	0,0	7,7	14,3	29,6	29,6	0,0	0,0	13,5	17,4	0,0	0,0	2,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7,1	4,3	0,0	0,0	4,9	4,8	0,0	5,5
	N/S N/R	4,8	1,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	10,9	8,8	0,0	0,0	12,5	11,8	0,0	2,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
25 a 49 anos	Não encontrou	41,5	16,1	18,6	8,6	25,3	13,2	24,5	22,2	37,1	32,9	43,3	41,7	37,0	27,1	74,1	53,8	8,5	3,0	66,6	36,0	57,1	41,9	26,0	5,7	30,0	24,7
	Não pretendia	15,9	10,4	15,3	13,0	6,7	7,9	20,8	46,6	9,0	11,5	16,7	13,1	36,1	58,4	14,8	25,8	75,4	82,1	11,1	13,7	0,0	13,5	14,1	14,3	6,7	11,3
	Deficiência/doença	5,6	1,2	5,1	1,2	4,0	1,8	11,3	6,9	2,9	0,8	0,0	0,0	9,2	2,9	0,0	nd	nd	0,8	2,9	1,4	0,0	0,0	9,2	1,5	16,7	8,1
	Motivos familiares	9,5	66,8	8,5	54,1	8,0	24,0	0,0	10,1	1,4	20,7	0,0	26,2	1,7	6,4	0,0	12,9	0,0	6,7	1,7	42,4	0,0	23,0	16,5	65,3	10,0	38,6
	Estudo/formação	20,3	3,7	22,0	3,7	4,0	0,6	43,4	14,3	15,5	3,5	30,0	13,1	1,4	0,7	0,0	0,0	2,6	0,6	8,0	1,9	0,0	0,0	16,5	2,2	18,9	4,4
	Outras razões	0,0	0,0	30,5	19,3	52,0	52,5	0,0	0,0	32,7	30,0	10,0	6,0	4,5	2,1	11,1	7,5	0,0	0,7	7,4	3,7	42,9	21,6	17,6	10,5	14,4	10,2
	N/S N/R	7,3	1,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,4	0,5	0,0	0,0	10,1	2,4	0,0	0,0	13,5	6,0	2,3	1,0	0,0	0,0	0,0	0,5	3,3	2,8
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Eurostat, Inquérito ao Emprego: "LFSQ_EPGAR" (Outubro, 2006).

ANEXOS A5

Quadro A5.1 Entrevistados

[01] Tomás	40 anos. Divorciado sem namorada. Sozinho há 10 anos. Pós-graduação. Dirigente de empresa software informático parceira da Microsoft. (CPP EDL; CGDO EDL).
[02] Carlos	42 anos. Separado com "amigas", 1 filho 6 anos. Só há 4 anos. Licenciado. Prof. universitário no Norte país e higienista oral numa clínica em Cascais. (CPP EDL; CGDO EDL).
[03] Manuel	34 anos. LAT. Oriundo de uma vila ribatejana. Sozinho há 12 anos. Mestre, Doutorando. Professor universitário e juiz arbitral. (CPP PTE; CGDO PTE).
[04] Luísa	36 anos. Solteira sem namorado. Sozinha há 12 anos. Mestre, Doutoranda. Bolseira FCT. Internet (Messenger) (CPP PTE; CGDO PTE).
[05] Daniela	60 anos. Viúva desde os 27, 2 filhos emigrantes. Sozinha s/ parceiro há três anos. Secundário. Reformada hotelaria. Operadora call center e venda domicílio (CPP EE; CGDO OI)
[06] Armando	53 anos. Divorciado c/ "caso", 1 filha adulta. Só há 4 anos. Secud.+curso n/ superior. Reforma aviação civil e autarquia. Dir. IPSS em volunt. e consultor (CPP EDL; CGDO EDL).
[07] Sofia	24 anos. Solteira. Filha única. Sozinha há 2 anos (depois de experiência de estudos em Barcelona). Pós-graduação. Jurista num Instituto público. (CPP PTE; CGDO EDL).
[08] Adelaide	30 anos. Solteira com namorado. Sozinha há 3 anos. Secundário via profissional. Apoio de secretariado em hospital e escritório. (CPP EE; CGDO AEpl).
[09] Sónia	23 anos. Solteira. É oriunda Castelo Branco. Sozinha há 5 anos (há 2 s/ namorado). Frequenta último ano comunicação social e é operadora call center. (CPP EE; CGDO PTE).
[10] Célia	55 anos. Solteira. Órfã, filha única, sem laços colaterais. deficiente motora. Sozinha há 3 anos. Básico e curso de dactilografia. Telefonista da CML (CPP EE; CGDO EE)
[11] Filipe	31 anos. Solteiro. Sozinho há 8 anos (6 anos sem namorada), pais mudaram-se para aldeia no Norte. Licenciado. Prof. de instrumento e compositor (CPP PTE; CGDO AI).
[12] Nuno	27 anos. Solteiro s/ namorada. Veio de Viana do Castelo. Começou por alugar quarto, está sozinho há 2 anos. Pós-graduação. Investigador da PJ. (CPP PTE; CGUDO PTE).
[13] Amélia	25 anos. Solteira c/ amigo "especial". Veio de uma aldeia ribatejana. Sozinha há 6 anos. Licenciada. Técnica DRH (classe da própria PTE; classe de origem EDL).
[14] Joaquim	50 anos. Solteiro s/ namorada. Sozinho há 20 anos. Licenciado eng. civil+ outras pós-graduações. Está a fazer Mestrado. Engenheiro Civil (CPP PTE; CGDO EDL).
[15] Jaime	47 anos. Solteiro s/ namorada. Natural de Cabo Verde. 2 irmãos emigrantes norte Europa. Sozinho há 7 anos. Secundário. Téc. «especialista»Telecom. (CPP PTE; CGDO EE).
[16] Teresa	78 anos. Viúva, 3 filhos e outros tantos netos. Sozinha há 5 anos. Curso médio. Assistente social, também em voluntariado. Estuda "Univ." da 3ª idade (CPP PTE; CGDO EDL).
[17] Carmo	83 anos. Viúva sem filhos. Sozinha há 25 anos. Curso médio. Assistente social, profissão que manteve alguns anos em voluntariado depois da reforma (CPP PTE; CGDO EDL).
[18] Susana	39 anos. Divorciada, 1 filha adolescente. Sozinha há 8 anos (pelo meio duas relações que iniciaram no messenger). Secundário mais curso não superior da Escola Superior da Polícia; é segurança pessoal de altas individualidades. (CPP PTE).
[19] Júlio	83 anos. Viúvo há 23 anos, 5 filhos. Sozinho há 3 anos, morava com 2 filhas solteiras. Licenciado. Reformado, era dirigente empresa. Voluntário PCP (CPP EDL; CGDO EDL).
[20] Aurora	80 anos. Sozinha há perto de 50 anos. Licenciada. Reformada. Foi jornalista e assessora de Ministro. Hoje escreve poemas e dá formação a jovens em sua casa (CPP PTE).
[21] Conceição	55 anos. Solteira. Órfã, filha única, sem laços familiares colaterais. Sozinha há 7 anos, desde que a mãe morreu. Secundário. É assessora de direcção (CPP PTE; CGDO AEpl).
[23] Guilherme	55 anos. Solteiro (com relações anteriores). Sozinho há cerca de 30 anos. Secundário. Operador de informática e arquivo de processos. (CPP PTE; CGDO EDL)
[24] Mariana	29 anos. Solteira, um "amigo colorido". Origem Castelo Branco. Sozinha há 8 anos. Licenciada. A fazer mestrado. Economista no IGFSS e colaboradora em projectos investigação. Desempregou-se para poder viver uma experiência de estágio no estrangeiro. (CPP PTE; CGDO PTE).
[25] Isabel	45 anos. Solteira. Sozinha há 10 anos. Secundário com frequência de sociologia. Técnica de comunicação e imagem num banco nacional (CPP PTE; CGDO PTE).
[26] Vasco	34 anos. Solteiro. Sozinho há 8 anos. Licenciado+especialização. Doutorando. Professor universitário e médico obstreta em hospital e clínica privada. (CPP EDL; CGDO EDL).
[27] Margarida	72 anos. Viúva há 20 anos, 2 filhas, 4 netos. Sozinha há 18 anos. Básico. Doméstica. Vive de rendimentos de capital. Estuda na "universidade" 3ª idade (CPP PTE; CGDO EDL)
[28] Ema	27 anos. Separada, filha única, sexualidades episódicas. Sozinha há 2 anos. Licenciada. Gestora de marketing e trabalho ocasional em bares nocturnos. (CPP PTE; CGDO AEpl)
[29] Alexandre	35 anos. Separado. Homossexual. Sozinho há 9 anos. Mestrado na Coreia, doutoramento em Inglaterra. Angaria fundos monetários no mercado global. (CPP PTE; CGDO EDL).
[30] Lúcia	39 anos. Solteira. Sozinha há 14 anos. Enquanto estudante esteve em quartos alugados. Curso bacharel. Coordena uma rede de bibliotecas escolares (CPP PTE; DGDO OI)
[31] Lea	37 anos. Separada. Sozinha há 11 anos, sexualidades episódicas. Mestre. Bibliotecária arquivista e formadora (CPP PTE; CGDO PTE).
[32] Álvaro	60 anos. Solteiro. Homossexual. Sozinho há +10 anos. Licenciado. Dirigente de uma escola de formação profissional. (CPP EDL; CGDO EDL).
[33] Francisca	42 anos. Divorciada s/ namorado, 1 filha adolescente. Só há 8 anos. Licenciatura História+ pós-graduação em análise dados. Trabalha num call center (CPP EE; CGDO EDL).
[34] Catarina	35 anos. Solteira s/ namorado. Sozinha há 6 anos. Pós-graduação. Assessora de direcção num grande armazém e trabalha num call center (CPP PTE; CGDO EDL).
[35] Vânia	28 anos. Casada LAT por mobilidade profissional. Origem Leiria. Sozinha há 4 anos. Mestre. Frequenta uma pós-graduação em notariado. Professora Universitária e adjunta do Presidente do Supremo Tribunal Administrativo (CPP PTE; CGDO PTE).
[36] Estrela	62 anos. Viúva um filho no estrangeiro. Viveu em Paris três anos. Sozinha há 4 anos. Curso médio. Assistente social num banco nacional (CPP PTE; CGDO EDL).
[37] Martim	36 anos. Separado com uma "amiga" especial. Sozinho há 2 anos. Básico. Bilheteiro; representante sindical, trabalha também na mercearia do "compadre" (CPP EE; CGDO OI).

Nota: CPP, classe do próprio; CGDO, classe do grupo doméstico de origem.

Quadro A5.1 Os entrevistados
[01] Tomás, 40 anos, divorciado. Mora sozinho há 10 anos num T3 que adquiriu nas Av. Novas, onde vivem de resto grande parte dos seis irmãos, assim como os pais, em casa de quem almoça todos os dias. Licenciado em engenharia electrónica, é dirigente de uma pequena empresa de produção de software e componentes de sistemas de informática que fundou com dois amigos, no termo da formação. A empresa actualmente com pouco mais de 20 trabalhadores – alguns dos quais bolseiros da FCT –, celebrou recentemente um contracto de parceria com a Microsoft. Nesse âmbito o Tomás esteve três meses nos EUA a receber formação. Em sua casa tem uma Intranet que lhe permite uma ligação de 24 horas à empresa, mas fora isso, a rede não lhe preenche os tempos de lazer e sociabilidade. Quando está em casa gosta de ter sempre a música de fundo ou a televisão. O computador é um instrumento de trabalho que lhe assegura um *link* permanente com a empresa], de resto gosta muito de ler. (classe do próprio EDL; classe de origem EDL).
[02] Carlos, 42 anos, separado, com um filho de 6 anos. Mora sozinho há 4 anos num T1 alugado em Telheiras, mas já tinha experimentado uma experiência afim como estudante deslocado por um período de mais de cinco anos. Com mestrado em Medicina dentária, é professor universitário no Norte do país e exerce também numa clínica privada em Cascais. Este seu envolvimento profissional implica-o num movimento pendular entre Lisboa e o Minho de carácter semanal. Apesar disto, alimenta relações de "intimidade" e "partilha" seja na família (filho, pai e irmãos), seja com amigos de diversos ciclos, incluindo alguns que conheceu na Internet. Esta é o espaço privilegiado para a pesquisa e aprofundamento de temas que lhe suscitem interesse e curiosidade – sobre obras literárias, músicas, filmes, notícias em destaque, etc. Em casa tem sempre a música de fundo e em simultâneo a televisão, que "funciona, muitas vezes, como lareira e normalmente está ligada sem som…." (classe do próprio EDL; classe de origem EDL).
[03] Manuel, 34 anos, acumula sucessivas relações LAT, a actual dura há três anos. Originário de uma vila ribatejana, mora sozinho há 12 anos num T0+1 alugado nas Av. Novas, desde que concluiu a licenciatura em Direito (e depois de 5 anos em quartos). É doutorando e docente numa Universidade pública em Lisboa e juiz arbitral, actividade que exerce de forma pontual, mas que lhe garante manter um padrão de vida "mais ajustado às expectativas materiais (…) Fico mais à vontade para uma série de consumos simpáticos, como a Internet ou o acesso aos livros, por exemplo". Apresenta-se com uma vida de ritmos e horários quotidianos desfasados dos padrões "normais", sendo um consumidor compulsivo de informação diversa que pesquisa na Internet. Intervém regularmente num ou outro blog temático (sobre política, literatura, etc.) mas nunca investiu na extensão dessas relações para a partilha em co-presença. Em casa gosta de estar sozinho em absoluto silêncio, não tem televisão pois é "uma fonte de distracção". (classe do próprio PTE; classe de origem PTE).
[04] Luísa, 36 anos, solteira, mora sozinha, há 12 anos, num T2 que adquiriu com recurso ao crédito jovem, localizado no mesmo bairro da periferia de Lisboa em que residem os seus pais. Começou a morar sozinha no termo da licenciatura, na altura tinha terminado com o namorado, e embora inicialmente os rendimentos de trabalho fossem insuficientes, com o apoio financeiro dos pais pode "escolher não associar a independência a outra pessoa, queria ter um espaço só para mim". Mestre em sociologia é actualmente bolseira da FCT. Em casa tem sempre a Internet ligada, usa-a sobretudo como fonte de informação, mas às vezes também procura o Messenger onde já fez uma ou outra "amizade". Quando está em casa, a rádio (de manhã) ou a televisão de forma concomitante com o computador, tendem a estar ligados. (classe do próprio PTE; classe de origem PTE).
[05] Daniela, 61 anos, viúva desde os 27 anos, dois filhos, ambos emigrados em França, mora sozinha há três anos, desde que se separou do último companheiro (com quem, de facto, nunca coabitou). Foi já em adulta, quando andava na casa dos 40, que concluiu o ensino secundário. Actualmente reformada da industria hoteleira – pelo qual aufere mensalmente mil euros –, dedica o seu quotidiano (fins-de-semana incluídos) a diversos trabalhos seja em call centers, seja na venda ao domicilio. Este empenho profissional para além de ser uma fonte de rendimentos que lhe dá folga para apoiar os filhos, permite-lhe colmatar um isolamento, aparentemente, auto-imposto relativamente à família de origem. A sua entrevista foi muito dominada pelo tema da solidão e pela insatisfação de não conseguir concretizar uma relação amorosa estável. A casa primorosamente remodelada há cerca de um ano vive-a como uma prisão, da qual se invade através da música alta e das televisões, na sala, no quarto e na cozinha, sempre ligadas. (classe do próprio EE; classe de origem OI).

Quadro A5.1 Os entrevistados
[06] Armando, 53 anos, dois divórcios, uma filha adulta fruto do segundo matrimónio. Mora sozinho há quatro anos e meio, desde que a mãe foi para um lar. Após o segundo divórcio, ocorrido há 21 anos, manteve duas relações conjugais, uma de sete, outra de onze anos, ambas sem coabitação. Com curso médio de mecânico, reformou-se aos 47 anos da aviação civil onde era "experimentador de aviões", tendo exercido ainda cinco mandatos na autarquia. Hoje é director em voluntariado num infantário e faz "biscates" em consultoria. Mantém "um caso" com uma "moça", mas, mesmo agora que a mãe já morreu, resiste em "juntar os trapos e levar a relação para algo mais sério": receia que o quotidiano venha a estragar a intimidade aberta que agora partilham. (classe do próprio EDL; classe de origem EDL).
[07] Sofia, 25 anos, solteira, filha única. Mora com a sua gata na antiga casa dos pais, localizada na periferia de Lisboa, num bairro que classifica como "dormitório" e localiza "no fim do mundo". Antes disso, esteve um ano em Barcelona como estudante, numa primeira experiência longe da família. Nesta cidade, à qual acabou por regressar seis meses depois da entrevista, para trabalhar numa empresa com ramificações na Península Ibérica, Brasil e América Latina, completou uma pós-graduação em direito comunitário. Na altura da nossa entrevista, era consultora jurídica no mesmo instituto público onde a mãe, engenheira agrónoma, tem um cargo de direcção. Na transição Barcelona Lisboa as sociabilidades que a uniam a antigas amizades do tempo do liceu e da faculdade viram-se transformados pela vida sedentária dos ritmos de trabalho, um processo que rejeitou e a levou a procurar novos círculos. Em casa tem sempre o televisor ligado, e chega a consumir "horas" no Messenger, "esquecendo"-se de comer. O telemóvel é um elo essencial, diz que faz "dezenas de chamadas", sobretudo para a mãe, embora normalmente apenas se encontrem no almoço de domingo (classe do próprio PTE; classe de origem EDL).
[08] Adelaide, 30 anos, solteira com namorado. Mora sozinha há cerca de três anos num T2 que adquiriu com o apoio dos padrinhos, seus fiadores perante o banco e que a acolheram aos 15 anos, quando veio da pequena aldeia perto de Abrantes com o objectivo de completar o secundário. "Desde que se lembra que tem como projecto viver independente", e foi esse o motivo que a levou a seguir a via técnicoprofissional: "queria assegurar uma entrada rápida no mercado de trabalho". Hoje é assistente de secretariado-geral num hospital e num gabinete de advogados. Entre as horas que passa nestes dois trabalhos, e outras tantas no trânsito Lisboa-periferia, mais as idas ao ginásio e os fins-de-semana com o namorado, é muito curto o tempo que está sozinha. Em casa tem sempre o televisor ligado na sala, e na cozinha a rádio (classe do próprio EE; classe de origem AEpl).
[09] Sónia, 23 anos, solteira, estudante-trabalhadora. Mora sozinha com a sua gata há cinco anos, num T3 alugado junto à Praça do Chile, depois de uma breve passagem por uma residência para estudantes na "Expo". Frequenta o último ano do curso de comunicação social na Católica. Como forma de arranjar algum dinheiro extra, atenuando de caminho os encargos "elevadíssimos" que os pais, residentes em Castelo Branco, têm com a sua educação e alojamento, desde o 2.º ano do curso que trabalha em *call centers*. Recentemente, teve um problema de saúde por distúrbio alimentar, chegando mesmo a estar internada. Nesse período, os amigos e os tios que residem em Lisboa foram fundamentais. Os pais tentaram propor que o irmão mais novo viesse para Lisboa e ficariam juntos, o que rejeitou. Em aparente dissonância com esta rejeição de companhia, estando sozinha, tem sempre luzes acesas e a televisão ligada, e nas noites em que os amigos estão mais com a família, passa horas no Messenger em conversas soltas sobre as "novidades" do dia. O telemóvel é sobretudo para falar com a família (classe da própria EE; classe de origem PTE).
[10] Célia, 55 anos, solteira. Com uma incapacidade motora de nascença, filha única e praticamente sem laços familiares a não ser uma tia "por afinidade" que vive no Alentejo. Mora sozinha há pouco mais de três anos, desde que a mãe, entretanto falecida, foi internada num lar, no mesmo T2 dos Olivais onde reside já há 36 anos. Em termos de habilitações escolares, completou o antigo 5.º ano do liceu e já em adulta fez um curso de dactilografia. É telefonista num departamento camarário. No seu quotidiano vive uma espécie de *second life* que lhe consome para lá de "muitas horas/dia" em "viagens" pela Internet. Considera que esta janela lhe mudou a vida radicalmente: "Ali não existem barreiras, nem é necessário ter uma cadeira de rodas... tenho encontrado de tudo, de bom e de mau: amigos, pessoas muito simpáticas (...) já sai com algumas, já fui beber café, já fui jantar... e até já tenho um «neto»: tenho um rapazinho de 26 anos que me trata por vovó". Durante a entrevista, o computador estrategicamente colocado no centro da sala esteve sempre a emitir sinais "é para avisar que entrou alguém...", ao mesmo tempo que ia passando fotos de pessoas, para si, significativas. (classe da própria EE; classe de origem EE).

Quadro A5.1 Os entrevistados
[11] Filipe, 31 anos, solteiro. Mora num T2 em pleno Bairro da Bica, a cinco minutos a pé do seu local de trabalho. Reside nesta casa já há oito anos, desde que a adquiriu no âmbito do crédito jovem. É manifestamente um *workaholic*, estruturando todo o seu quotidiano em prol do trabalho que exerce a título secundário (pelo menos no plano remuneratório) como compositor. Como profissão principal é professor de instrumento, numa escola de música. Fizemos duas entrevistas, um pouco para aprofundar em que medida a imagem que deu de si comparável, quase, à de um eremita que se isola do mundo na procura de um bem maior – a busca de si – condiciona e delimita as relações que estabelece no quotidiano. Apesar dos ritmos desfasados e dos horários incertos que marcam o seu dia-a-dia (no mês em que fizemos a segunda entrevista acumulava 10 directas, todas dedicadas ao trabalho), para além das aulas, o Bairro com as suas sociabilidades e vida própria "obrigam-no" a manter-se ligado ao mundo. É frequente jantar em casa de duas vizinhas, uma pintora, outra professora de espanhol, ambas a viver só, quando não opta pela tasca/café da esquina (Classe do próprio PTE; classe de origem AI).
[12] Nuno, 27 anos, solteiro. Originário de Viana do Castelo, veio para Lisboa aos 18 anos, quando ingressou na faculdade, em gestão de empresas. Na altura veio partilhar apartamento com outros colegas. Depois de começar a trabalhar, há pouco mais de um ano, alugou um T1, numa transversal à Morais Soares: "no centro da cidade, bem servido de transportes públicos e perto de tudo o que é importante". Concluiu entretanto uma pós-graduação em investigação criminal, sendo investigador da polícia judiciária. Trabalha "em média" 12 horas/dia e gosta muito do seu trabalho sempre teve "o sonho de seguir uma profissão de armas", tal como o pai. Tem três amigos com quem partilha o pouco tempo de lazer, em idas ao cinema ou passeios pedestres no Chiado. Uma vez por mês – às vezes menos – tenta ir visitar os pais, mas não se sente à vontade nestes «regressos à família», porque "talvez por culpa própria" não existem laços de intimidade. Em casa tem sempre o mesmo canal de rádio sintonizado: é a companhia quando está sozinho, mesmo quando está entretido na leitura ou a jogar no computador, sem ligação à Internet (classe do próprio PTE; classe de origem PTE).
[13] Amélia, 25 anos, solteira com um "amigo secreto". Mora com a sua gata num T0+1 em Alfama, que adquiriu com recurso ao crédito jovem, logo no 2.º ano do curso de Psicologia e Gestão de Recursos Humanos, há seis anos, depois de ter vivido uns meses em casa de uns tios e seguidamente num apartamento com outra colega. Trabalha desde o 3.º ano, a recibo verde, numa empresa de prestação de serviços nas áreas de recrutamento, formação e certificação de qualidade. Os pais mantêm-se um apoio de retaguarda, embora discreto: todas as semanas a mãe proprietária de uma mercearia "faz questão" de lhe abastecer o frigorífico. Com sociabilidades intensas e muito variadas, tem como grande *hobby*, se assim se pode dizer, a escrita em blogs pessoais, através dos quais tem aprofundado ainda novas amizades. Vive uma vida cheia de segredos, muito fragmentada entre diferentes círculos de pertença que não têm entre si ligações e inter-conhecimento. Em casa o televisor está sempre ligado "até por causa da gata, para a gata não se sentir sozinha". (Classe da própria PTE; classe de origem EDL).
[14] Joaquim, 50 anos, solteiro (nunca teve namorada). Mora sozinho há mais de 20 anos, na casa actual há dois: um T2 que adquiriu em "zona nobre" da periferia de Oeiras. Exerce como engenheiro civil numa empresa de infraestruturas rodoviárias e, sendo responsável por projectos de obras em todo o país, passa a semana em mobilidade. Apesar disso, por proposta da sua empresa, frequenta um mestrado no Técnico, que o mobiliza todas as sextas feiras à noite e sábados boa parte do dia. É com os irmãos e três/quatro amigos que remontam aos anos da faculdade que despende todos os tempos especificamente dedicados ao lazer, seja de fim-de-semana, seja nas férias também. O tempo que está sozinho em casa é muito curto, mas quando acontece gosta de ter sempre a televisão ou uma música ligada. (Classe da própria PTE; classe de origem EDL).
[15] Jaime, 47 anos, solteiro. Natural de Cabo Verde de onde veio quando tinha 13 anos. Mora sozinho no Pragal, num T3 que adquiriu há sensivelmente sete anos. Até então residia com os pais, sendo na casa dos pais (agora uma quinta em Palmela que comprou a meias com os seus três irmãos) que continua a passar grande parte do fim-de-semana. Com habilitações de nível secundário, é técnico de manutenção numa empresa de telecomunicações. Encontrei-o numa altura de forte desalento relativamente à profissão – onde chegou a dedicar mais de 15 horas/dia. A empresa onde trabalha está em reestruturação e parece não reconhecer o seu empenho. Este facto, desencadeou a necessidade de encontrar alternativas de motivação e energia, para uma vida que assim parece esvaziar-se e perder sentido. Na entrevista que tivemos vivi uma espécie de dissonância entre um discurso que me fala de projectos e uma casa que, na sua enorme confusão, espelha o desalento que hoje o atinge profundamente (Classe do próprio PTE; classe de origem EE).

Quadro A5.1 Os entrevistados
[16] Teresa, 78 anos, viúva, três filhos e outros tantos netos. Mora sozinha há cinco anos, desde que o marido morreu. Mora na casa alugada onde viveu todos os 50 anos de casada, em pleno bairro de Alvalade. Assistente social de formação – um marco da sua identidade que enfatiza por diversas ocasiões ao longo da entrevista –, terminou a vida activa como gerente de uma loja de brindes. "Espírito muito independente" mantém ainda uma actividade solidária não continuada em bairros periféricos, "combatendo a solidão" através da acção que desenvolve em prol dos outros. "Estar em casa e não manter relações de convívio quotidiano seria uma morte anunciada." Mas rejeita a possibilidade de ir para casa dos filhos, precisa da sua intimidade e independência, e sente que os laços que constrói na teia de amigos que a acompanham nas viagens, nas saídas quotidianas, nos almoços, etc. são nessa matéria complementares aos que estabelece com os filhos – embora estes também sejam significativos e importantes. Faz planos para o dia em que deixar de ter condições de saúde para estar sozinha, nessa altura quer ir para "um bom lar" (instituição). Em casa tem sempre o rádio ligado (classe da própria PTE classe de origem EDL).
[17] Maria do Carmo, 83 anos, viúva sem filhos. Mora sozinha há 25 anos, desde que o marido morreu, na mesma casa alugada que ocupou quando casou, junto a Alvalade. Nas suas palavras, vive "sob o peso da tristeza e da solidão", associando de forma mal assumida a sua condição actual a um marido que nunca verdadeiramente a compreendeu e que a "isolou das amizades de infância". Enquanto teve saúde, já viúva, deu a volta ao mundo em inúmeras viagens que fez. Hoje por questões de doença, e para "grande desgosto" seu, continua a viajar mas apenas pela leitura de "milhares de livros que tem espalhados pela casa" e que são a sua "maior companhia". É reformada da função pública há 20 anos, ao serviço da qual trabalhou como assistente social. Ao contrário da prima e amiga Teresa [entrevista 16], vive numa solidão que pende para o isolamento, motivada, mais do que pela falta de companhia, pela incapacidade emocional (mais do que física) de continuar as viagens pelo mundo. Teve entretanto dois pretendentes que rejeitou, e declinou o convite de uma "prima-irmã" que a desafiou a regressar a Évora, onde tem mais família. Não tem televisão nem rádio, e em casa o seu entretenimento são os livros e as flores (classe da própria PTE; classe de origem EDL).
[18] Susana, 39 anos, divorciada uma filha adolescente. Mora sozinha desde que se divorciou, há oito anos, embora pelo meio tenha tido uma ou outra relação amorosa, curiosamente, com pessoas que conheceu através do Messenger. A custódia da filha foi entregue ao pai, alegadamente, por opção da própria, pois "não quis desistir da carreira" como segurança pessoal de altas individualidades, um trabalho que exerce em ritmos e horários muito incertos. Esteve entretanto dois anos no Kosovo pelas Nações Unidas, em cenário de Guerra, onde exerceu funções de comando de tropas internacionais, uma experiência que gostaria de repetir. Nos (poucos) tempos livres e de lazer, divide-se entre a filha e uma amiga, como ela, divorciada com filhos, com quem forma uma "quase família". Sozinha em casa, dedica-se à pintura de quadros, expostos nas paredes, ao tratamento das plantas e passa todos os dias "um bocado" na Internet: gosta de alimentar as relações com amigos que tem espalhados pelo mundo (com secundário e curso médio não superior; classe PTE).
[19] Júlio, 83 anos, viúvo 5 filhos. Mora sozinho há pouco mais de dois anos, num T2 na zona de Benfica. Até então, residia com duas filhas. Incompatibilidades na forma de apropriação do espaço doméstico, na organização e nas orientações que pautam o quotidiano tornaram de tal forma a convivência conflituosa que decidiu mudar-se para esta casa que tinha adquirido como investimento já há alguns anos. Outro factor que motivou a mudança foi a doença e depois a morte da "companheira", residente na cidade do Porto, com quem partilhava viagens, exposições, concertos, etc. Engenheiro civil de formação, está reformado há mais de 20 anos de uma grande empresa do sector energético, onde era director. É militante do partido comunista e nesse âmbito mantém uma actividade solidária e de intervenção social. Os gastos com cultura, envolvendo desde a compra de livros, idas a concertos, cinema, etc. e também, até recentemente, as viagens pelo mundo representam a maior fatia de despesas no seu cabaz mensal. Recentemente comprou uma televisão e tem TV Cabo, vê especialmente programas de reportagem: canal história e *national geographic* (classe do próprio EDL; classe de origem EDL).

Quadro A5.1 Os entrevistados

[20] Aurora, 80 anos, Sozinha desde os trinta e poucos anos, sem filhos. Mora num apartamento T2, nas Avenidas Novas – contexto que considera altamente privilegiado e, só por si, "expressão de um determinado *status quo* social". É uma senhora muito marcada pelas mudanças políticas que ocorreram no 25 de Abril. Na altura viu-se perseguida e sem condições de sustentabilidade, pois foi associada ao antigo regime. Licenciada em Línguas, foi escritora e jornalista – a dupla identidade que mantém – e assessorou um ministro. Para assegurar alguma solidez e consistência de laços, para além de oferecer, frequentemente, pequenos presentes às crianças da vizinhança – tipo brindes do *happy meal* que trás dos almoços no McDonal's –, dedica-se à escrita de poemas que também oferece – encontrei uma dedicatória e agradecimento num blog a este respeito. Em sua casa garante "duas educandas" a quem paga pequenos serviços ao mesmo tempo que orienta a sua formação, são a sua principal companhia (classe da própria PTE).

[21] Conceição, 55 anos, solteira, filha única (sem laços familiares colaterais). Mora com a sua cadela "já muito velhinha" há sete anos, num T1 que adquiriu quando a mãe morreu, no Bairro da Estrela onde viveu toda a vida. Com o secundário e um curso de secretariado que completou em adulta, é assistente de direcção numa escola de formação profissional. Este "trabalho é uma forma de estar ligada ao mundo", pois nas suas relações, para além dos colegas, conta apenas com dois "compadres", ambos de 70 anos. Vive num refúgio de regras e rotinas a que se impõe todos os dias e que lhe asseguram uma disciplina e equilíbrio. Os seus consumos são também muito condicionados – só a casa e as despesas de manutenção com energia representam 70% do orçamento mensal que tem disponível. Mas afirma que a independência, a possibilidade de viver sozinha é uma conquista que a vida acabou por lhe oferecer e dificilmente se adaptaria à partilha de alojamento com outra pessoa "nem mesmo um grande amor". Em casa tem sempre o televisor ligado às vezes os dois (um no quarto, outro na sala) e tem um *hobby* que são as suas plantas. (classe da própria PTE; classe de origem AEpl).

[23] Guilherme, 55 anos, solteiro (com relações anteriores). Mora sozinho claramente por opção já há mais de 30 anos. Num conjunto de cinco irmãos, dos quais apenas um é casado e tem filhos, a sua situação não destoa e é por todos bem aceite. Corresponde a uma imagem de irreverente e não comprometido que toda a vida o acompanhou, e que a certa altura da juventude o conduziu numa aventura de alguns anos por países nórdicos, onde trabalhou sobretudo no sector de construção civil. Com o secundário, trabalha como "técnico de arquivo" /operador de informática numa empresa do ramo energético. Encara o trabalho numa perspectiva instrumental, "é uma fonte de rendimentos". As suas paixões são outras: as viagens anuais para um qualquer país do mundo e as idas a concertos, exposições e cinema, que lhe esgotam perto de 80% do orçamento mensal. Em casa, um T2 num bairro de cooperativa na periferia de Lisboa, primorosamente limpa e organizada, o screen saver do computador expõe permanentemente as fotos que representam as suas experiências nas viagens pelo mundo, reforçadas ainda pelos bibelôs alusivos a diferentes culturas, espalhados em formas calculadas nos moveis (classe do próprio PTE; classe de origem EDL).

[24] Mariana, 29 anos, solteira (com um «amigo colorido»). Originária de Castelo Branco, mora sozinha há cerca de oito anos, depois de três anos numa residência e de um ano em que partilhou o mesmo T1 em Benfica com a única irmã. Com licenciatura em economia e frequência actual do mestrado em marketing, trabalhou nos últimos quatro anos num departamento da segurança social. No dia em que lhe fiz a entrevista tinha-se despedido "do emprego para toda a vida" para poder frequentar um estágio internacional de seis meses ao abrigo do programa contacto, dirigido a licenciados desempregados. Persegue assim o sonho de viver uma experiência de vida no estrangeiro e foge da imagem que a perturba do «funcionário público» acomodado com a sua situação de estabilidade face ao emprego. Tem sociabilidades intensas em diversos núcleos de amigos com quem se faz acompanhar nas idas ao cinema ou ao teatro. A Internet utiliza-a sobretudo para apoio a pequenos "biscates" ou colaborações pontuais em projectos de pesquisa, mas perspectiva que irá ter um papel central no seu quotidiano quando partir para o estrangeiro. Em casa tem sempre a televisão ligada (classe da própria PTE; classe de origem PTE).

Quadro A5.1 Os entrevistados
[25] Isabel, 45 anos, solteira. Mora num T1 que adquiriu há pouco mais de dez anos na zona do Rato, no mesmo bairro que a viu crescer, a cinco minutos a pé do seu local de trabalho. Começou a trabalhar "relativamente tarde", com 27 anos, e enquanto viveu em casa dos pais contribuiu para as despesas comuns. É ainda na casa da família que janta quase todos os dias – a única excepção é a noite de sábado, quando sai com os amigos, quase todos ainda do tempo do liceu em que frequentou um coro ligado à igreja, como ela solteiros, "todos gays/lésbicas" e a viverem sozinhos: vão ao cinema ou fazem algum programa em casa de um ou outro. Com frequência do curso de sociologia, é responsável pela imagem e comunicação de um banco nacional. No quadro de um projecto que procurar sustentar uma velhice em companhia, alimenta relações afectivas intensas com os seus três sobrinhos, aos quais também dedica uma das semanas de férias anuais. Em casa gosta de ouvir música e de fazer pesquisa no computador. (classe da própria PTE; classe de origem PTE)
[26] Vasco, 34 anos, solteiro. Mora sozinho há oito anos, na casa actual há três: um T4 na Expo absolutamente luxuoso, primorosamente decorado, junto ao hospital onde exerce obstetrícia e ginecologia, em regime de ambulatório e no serviço clínico. Na altura em que me concedeu a entrevista tinha decidido mudar de vida. O mote foi uma acção interposta pelas finanças, pois "tinha-se distraído" e no último ano ganhou em média acima de 7000 mil contos/mês, num acumular de rendimentos que retirava de "uma vida inteiramente dedicada ao trabalho" entre dois hospitais, um público outro privado, uma clínica e a docência na faculdade de medicina. Nestes anos o telemóvel e uma agenda muito organizada – apoiada por uma rede de apoios que envolve desde um *personal trainer*, a governanta, a assistente de secretariado, e agora também um TOC e um advogado – garantiram-lhe que nunca quebrasse os laços com a mãe, os cinco irmãos e os sobrinhos. Além disso, uma articulação entre trabalho e lazer permitiu-lhe sempre repetidas viagens de passeio em diversas partes do mundo. Pela primeira vez começa a viver a sua casa, é uma "experiência nova" que ainda está a construir (classe do próprio EDL; classe de origem EDL).
[27] Margarida, 72 anos, viúva há 20 anos de um capitão do exército, duas filhas, ambas formadas, uma médica e outra professora do ensino secundário. Graças aos rendimentos de dois prédios que os sogros lhe deixaram, vive a viuvez como uma libertação. Mal o marido morreu remodelou a casa toda e fez a primeira de muitas viagens por países estrangeiros, começou entretanto a ir ao ginásio e a cuidar da sua imagem, inscreveu-se na universidade da terceira idade e passou a participar numa série de eventos sociais. Tudo o que durante a vida de solteira e depois de casada nunca pode fazer, porque a todos "parecia mal". Nestes anos teve já vários pretendentes mas não põe sequer a hipótese de aceitar algum: "fiquei saturada!". Durante a sua vida adulta nunca exerceu uma actividade remunerada. Quando era jovem gostaria de ter seguido o curso de enfermagem mas o pai, um coronel do exército, não autorizou. Por exigência paterna, frequentou a escola até aos 17 anos, mas nunca foi muito longe, até por contestação à carreira que lhe queriam impor: ser professora. Depois ficou noiva, casou e enfiou-se em outra "prisão" que a viuvez veio libertar, até hoje. Passa o dia "no laréu", sempre envolvida em actividades, mas os serões até por medo e insegurança são em casa, em frente ao televisor. (classe da própria PTE; classe de origem EDL).
[28] Ema, 27 anos, solteira (com uma relação conjugal em coabitação anterior), filha única. Mora com as suas duas gatas num T2, em Rio de Mouro, que adquiriu há três anos, depois de terminar um namoro que durava há quatro. Com formação em marketing e publicidade, trabalha presentemente como gestora de clientes e *copyrighter*, desenvolvendo projectos de promoção de empreendimentos imobiliários. Embora resistindo assumir-se como workaholic, afirma que raramente chega a casa antes das 21h30, trazendo frequentemente trabalho que quer completar. O seu contacto foi-me dado por um colega que a conhece das suas intervenções, por sinal muito intensas e variadas, no mundo dos blogs, onde despende diversas horas/dia. Segui-lhe o rasto através destas janelas onde oferece inúmeros apontamentos sobre o seu quotidiano, escreve textos de ficção, vende objectos que produz, etc. Mas a par destas sociabilidades, participa de forma igualmente intensa em inúmeros círculos, entre família e amigos. Nunca viajou, mas "sonha" ir um dia a Nova Iorque. (classe da própria PTE; classe de origem AEpl).

Quadro A5.1 Os entrevistados

[29] Alexandre, 35 anos, separado. Assumidamente homossexual. É provavelmente o mais cosmopolita dos entrevistados que tive até hoje. Aos 24 anos, no termo da licenciatura em comunicação social, foi para a Coreia tirar um mestrado em relações internacionais. Este concluído ainda passou por Macau, território de onde é originário. Esteve lá como jornalista por um período de cerca de dois anos, findo o qual foi para Londres fazer o doutoramento na área de desenvolvimento, foi nesse período que viveu uma relação conjugal mais prolongada. Neste circular pelo mundo sempre morou nos centros da cidade, se possível perto também do seu local de trabalho, dois requisitos que considera essenciais para assegurar o seu "estilo de vida". Mora num T1 alugado em Alfama. Considera que não está preparado para o "compromisso" que implica a aquisição de uma casa. Actualmente trabalha numa ONG internacional e angaria fundos para apoio às acções da mesma. Em casa tem sempre música e TV ligada, que acompanha "de forma distraída" enquanto come ou lê qualquer coisa. (classe do próprio PTE; classe de origem EDL)

[30] Lúcia, 40 anos, solteira. Teve a sua primeira experiência de vida independente aos 18 anos quando ingressou no politécnico, para frequência do curso de formação de professores do ensino básico. Terminado o curso, a orientação para um percurso em autonomia residencial configura-se numa reacção à atitude paterna que não acreditava na capacidade de auto-sustentação de "uma mulher sem o marido". Fizemos duas entrevistas um pouco para explorar os efeitos da casa nova e do nascimento de uma sobrinha – acontecimentos que ocorriam na altura da primeira entrevista – numa reconfiguração seja da centralidade quase obsessiva que o trabalho de coordenação de uma rede de bibliotecas escolares parecia ter na sua vida, seja na prevalência, então notória, de sociabilidades muito ao estilo da série *friends*/"família de escolha". Neste segundo momento a sobrinha ocupa-lhe boa parte do pensamento, todos os dias passa com ela umas horas de *baby sitting*, sendo que esta relação promoveu uma maior vinculação das relações à família de origem (em particular a irmã) com quem antes denunciava a dificuldade de estabelecer uma relação intima (classe da própria PTE; classe de origem OI).

[31] Lea, 37 anos, separada. Começou a morar sozinha há pouco mais de 10 anos, num contexto de rotura de relações com a família de origem. Teve depois um período de cerca de quatro anos em que viveu em conjugalidade com um arquitecto que se servia do alojamento simultaneamente para ateliê, donde o espaço de intimidade passou a ser também um espaço de passagem, de exposição e de abertura para os outros (traços/formas de relacionamento do espaço que mantém hoje). Quando essa relação terminou, procurou uma reaproximação com os amigos de infância e com a própria família. Assumiu então adquirir a própria habitação num "bairro histórico da cidade", no caso na Graça –, assumindo assim "um compromisso" que por vezes a "constrange" e faz sentir como que numa "prisão". Com licenciatura em história e pós-graduação em técnica de arquivo divide-se em actividades "com vínculos precários", entre a fundação onde propõe e executa projectos para organização do espólio literário de diversos autores; às aulas numa escola de profissional e outros "biscates"de carácter mais fortuito em instituições públicas. Rejeita a ideia de centrar as suas amizades num «grupo» de amigos, prefere assumir a posição de *outsider* e assim não se ver constrangida a normas de conduta e regras morais "provincianas e mesmo mesquinhas" (que reconhece dominarem em Lisboa). Em casa tem sempre a TV ligada, mesmo sem som, para "sentir as imagens". (classe da própria PL – Profissional liberal; classe de origem PTE)

[32] Álvaro, 60 anos, solteiro. Com orientações homossexuais e uma história de relações "pouco consistentes", algumas das quais em coabitação. Mora sozinho "desde que a mãe morreu" – um tempo que nunca chega a definir – num apartamento T1 "com áreas e divisões muito interessantes", mas localizado num bairro "horrível" – Chelas – que evita frequentar, e que elegeu pela acessibilidade dos preços do imobiliário e pela virtualidade de estar a cinco minutos do centro de Lisboa. Considera que "o hábito de viver sozinho decorre de uma certa vontade de controlar o espaço" onde se insere, sem intromissões, sem choques..." e "gosta muito", dá-se muito bem consigo mesmo: "eu e eu somos muito amigos e damo-nos bem, sempre convivemos." Com formação de base em Direito, é director de um centro de formação profissional. Apesar do seu contexto de vida "libertada de constrangimentos" baliza o seu quotidiano em ritmos e práticas muito estruturadas e "pouco flexíveis", reconhecendo que é "obcecado pelos pormenores". Tem um círculo de amigos com quem partilha invariavelmente o jantar a meio da semana, enquanto ao domingo recebe o sobrinho ("que é como que um filho") e a família dele. "Adora" ler – sobretudo literatura e obras de história, gosta muito de viajar e ultimamente está a iniciar-se no "mundo fascinante dos blogs e da Internet". A Televisão não o

Quadro A5.1 Os entrevistados
entusiasma, “é de uma pobreza gritante” (classe do próprio EDL; classe de origem EDL)
[33] Francisca, 42 anos, filha única, divorciada uma filha adolescente que reside com o pai. Mora sozinha desde que ficou desempregada e deixou de assegurar condições que lhe garantam o sustento e a autonomia. Vive num T1 nas Av. Novas que os pais lhe ofereceram, apoiada ainda numa mesada que os mesmos lhe asseguram para compensar a falta de recursos próprios. Ao que acrescenta os rendimentos retirados de biscates incertos que faz no trabalho de transcrição de entrevistas ou em algumas horas num call center. É pois uma digna representante da "geração 500 euros": licenciada em história, sem vínculos laborais estáveis, vivendo permanentemente numa corda bamba entre a dependência e a sobrevivência desenrascada. Há poucos meses participou numa formação em “terapia ocupacional e apoio a idosos” promovida pelo IEFP e está agora a frequentar uma pós-graduação em análise de dados, também na perspectiva de assim concretizar uma reconversão profissional. Os amigos são sobretudo de infância, mas talvez pela sua situação de indefinição face ao trabalho não se dá muito e tende a fugir dos laços de intimidade. (Classe da própria EE; classe do grupo de origem PTE).
[34] Catarina, 35 anos, solteira. Mora sozinha há seis anos num T1 alugado no mesmo bairro que a viu crescer. Começou a morar sozinha no termo de uma pós-graduação em gestão e valorização do património cultural, logo que iniciou o estágio ao abrigo do programa Mercado Social de Emprego. Para fazer face ao acréscimo de despesas que a concretização de tal iniciativa envolveu, e uma vez que os rendimentos que detinha eram insuficientes, inscreveu-se num call center, numa orientação que então via como provisória. Porventura devido a uma excessiva mobilização – por dependência – neste tipo de trabalho incerto, precário e mal remunerado, acabou por “sobreviver” vários anos com o seu tempo completamente absorvido, e sem procurar alternativas. É apenas quando cai doente, que obrigada a endividar-se e sem animo para regressar, que contacta amigos ainda do tempo da faculdade, uma das quais lhe arranja o trabalho num mega armazém de electrodomésticos onde fica como assessora da direcção de logística. Fizemos duas entrevistas que a apanharam nos dois períodos (classe da própria PTE; classe de origem EDL).
[35] Vânia, 28 anos, LAT (casada). Oriunda de Leiria, começou a morar sozinha aos 18 anos, num T2 que os pais adquiriram em Telheiras quando ingressou na faculdade, em Lisboa. Com o namorado na cidade de origem, todos os fins-de-semana regressava a casa. Quando ambos começaram a trabalhar – ele em Leiria, ela em Lisboa – decidiram comprar um T3 num bairro “muito bem colocado na cidade”, no qual o então namorado passou a residir permanentemente. Entretanto, terminada a licenciatura, a Vânia foi convidada a leccionar na faculdade, concluiu já o mestrado e está hesitante quanto a prosseguir no doutoramento. Está também a fazer uma pós-graduação em notariado, durante a qual suspendeu o trabalho que acumula com a actividade docente, como assessora do Presidente do Supremo Tribunal. Casou recentemente “em parte para calar algumas vozes”, mas à medida que o tempo passa e se habitua à relação que tem, não considera “essencial” estarem na mesma casa para partilharem uma vida a dois, e sobretudo não vê qualquer possibilidade de desistir das oportunidades de carreira que tem em Lisboa (classe da própria PTE; classe de origem EDL).
[36] Estrela, 62 anos, viúva. Sozinha c/ a sua gata há quatro anos, desde que o filho foi estudar para Barcelona, às expensas da mãe. Mora num apartamento na Parede com vista frontal sobre o Tejo. Num protagonismo singular para a época, teve a sua primeira experiência de vida independente quando foi estudar para Coimbra, fazer o curso de assistente social. Começou por viver numa residência, mas passado um ano foi partilhar apartamento com outras colegas. No termo da formação ganhou uma bolsa do governo francês e foi durante três anos trabalhar para o Instituto de Pesquisa de Países Subdesenvolvidos e em Vias de Desenvolvimento, residindo então na cidade universitária, na “casa de Portugal”. Regressada ao país, quis ficar em Lisboa – os pais residiam no Minho – e acabou por encontrar trabalho nos correios onde ficou 12 anos, findos os quais ingressou no Banco de Portugal, ainda como assistente social, onde trabalha actualmente. Diz-se “desde sempre um espírito irreverente”, com muita “necessidade de ter um espaço pessoal”, e mesmo em casada, era o filho ainda pequeno, com a aceitação do marido, de vez em quando passava um fim-de-semana sozinha. Hoje tem ainda uma agenda preenchida, entre viagens, passeios, idas a espectáculos, jantares, etc. e “é por opção” que não voltou a partilhar a vida com outra pessoa. (classe da própria PTE; classe de

Quadro A5.1 Os entrevistados
origem EDL).
[37] Martim, 36 anos, solteiro. Mora sozinho, no T2 que adquiriu já há cinco anos, num condomínio da periferia de Setúbal. Teve entretanto uma experiência que não chegou a um ano de vida conjugal. É com orgulho que me relata as suas vivências, descritas como conquistas que foi concretizando à custa de muito esforço pessoal. Com o 3.º ciclo incompleto, divide-se presentemente entre o trabalho por turnos de bilheteiro numa empresa de transportes, a representação dos seus colegas enquanto delegado sindical em reuniões mensais que se realizam em Lisboa e o apoio solidário no café dos seus "compadres" e no acompanhamento dos respectivos filhos, um dos quais seu afilhado, nas idas e vindas da escola. É com esta família que passa todo o tempo livre e partilha refeições diárias. Tem ainda mãe, irmãos e sobrinhos, mas só se encontram em momentos especiais. Em casa tem sempre a TV ligada, gosta sobretudo dos programa do canal National Geographic e dos concursos de entretenimento sobre cultura geral "aprendem-se sempre umas coisas". (classe do próprio EE; classe de origem OI).

ANEXOS A6

Quadro A6.1 Contextos relacionais e orientações

Sujeitos entrevistados	Relações com o viver só	Actividade profissional e self	Formas de sociabilidade
[01] Tomás	Apresentação de si	Realização pessoal	Familialistas fechadas
[02] Carlos	Espelho	Realização pessoal	Plurais / abertas
[03] Manuel	Escritório	Realização pessoal	Plurais / abertas
[04] Luísa	Autonomia	Experimentação	Familialistas abertas, com pendor para as famílias de escolha.
[05] Daniela	Constrangimento e Apresentação de si	Integração	Frustradas e insuficientes
[06] Armando	Constrangimento e Autonomia	Integração	Plurais / abertas
[07] Sofia	Autonomia	Experimentação e projecto	Plurais / abertas
[08] Adelaide	Autonomia e Constrangimento	Obrigação	Familialistas fechadas
[09] Sónia	Autonomia	Reforço de autonomia e obrigação	Familialistas, com pendor para famílias de escolha
[10] Célia	Autonomia	Obrigação	Seconf life / "Friends"/famílias de escolha
[11] Filipe	Escritório e Colapso	Realização [compulsividade]	Intimidade na distância e frustradas insuficientes
[12] Nuno	Espelho Autonomia	Realização	Intimidade na distância
[13] Amélia	Autonomia e Espelho	Experimentação e reforço da autonomia	Plurais / abertas
[14] Joaquim	Apresentação de si	Realização	Famílias de escolha
[15] Jaime	Colapso e Autonomia	Negação/ [compulsividade]	Familialistas fechadas
[16] Teresa	Porto de abrigo e Constrangimento	Realização	Plurais / Intimidade na distância
[17] Carmo	Constrangimento	Realização	Frustradas e insuficientes
[18] Susana	Apresentação de si	Realização	Plurais com algum pendor para as famílias de escolha
[19] Júlio	Autonomia e Colapso	Experimentação	Plurais / abertas
[20] Aurora	Porto de abrigo	Realização e Integração	Intimidade na distância
[21] Conceição	Espelho e Constrangimento	Integração	Frustradas e Insuficientes
[23] Guilherme	Espelho	Obrigação	Intimidade na distância e *Second life*
[24] Mariana	Autonomia	Experimentação	Plurais / abertas
[25] Isabel	Autonomia	Obrigação	Familialistas, e *friends*
[26] Vasco	Apresentação de si	Realização [compulsividade]	Sociabilidades plurais com pendor familialista
[27] Margarida	Autonomia	"Doméstica" [Trabalho negação (enquanto aspiração nunca concretizada)]	Sociabilidades plurais / com pendor familialista)
[28] Ema	Apresentação de si e Autonomia	Realização e Experimentação	Sociabilidades plurais / abertas
[29] Alexandre	Autonomia e Espelho	Realização	Intimidade na distância
[30] Lúcia	Apresentação de si e Autonomia	Realização	"Famílias de escolha"/ familialista
[31] Lea	Apresentação de si e Constrangimento	Experimentação Negação/alienação	Plurais abertas e frustradas / insuficientes
[32] Álvaro	Porto de abrigo e Espelho	Realização e Integração	Intimidade na distância / Famílias de escolha
[33] Francisca	Autonomia	Negação e Experimentação	Com pendor familiasta
[34] Catarina	Colapso e Autonomia	Experimentação / Negação	Frustradas / insuficientes
[35] Vânia	Autonomia e Apresentação de si	Experimentação / Realização	Familialistas abertas
[36] Estrela	Espelho	Obrigação e Integração	Plurais/abertas
[37] Martim	Apresentação de si Autonomia	Obrigação	Famílias de escolha

Quadro A6.2 Actividade profissional e self nos protagonismos do viver só

Sujeitos entrevistados	Actividade profissional e Self		
	Orientações	Relações	Valores
[01] Tomás	Realização pessoal [Formação de base: engenharia telecomunicações [Pós-graduação em sistemas informática	• Fundou empresa • Director DRH e I&D • Não tem horário • Vai a pé (5 minutos) • Trabalha na empresa e em casa	• Ter um trabalho cujo conteúdo lhe agrada • Desenvolver potencialidades pessoais • Participar na gestão estratégica da empresa • Possibilidade de experimentação (sobretudo na componente I&D • Ser útil, contribuindo para o desenvolvimento científico • Trabalhar com autonomia • Ter "bom ambiente" de trabalho
[02] Carlos	Realização pessoal [Formação de base: Medicina dentária	Professor universitário e higienista oral • Está a criar uma nova licenciatura. • Trabalha no Minho e em Cascais • 55h/60h em média/semana	• Ter um trabalho cujo conteúdo lhe agrada • Desenvolver potencialidades pessoais • A participação no projecto de criação de uma nova licenciatura • Ser útil: a oportunidade de intervenção na formação de jovens estudantes • Trabalhar com autonomia • Ser criativo • Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida
[03] Manuel	Realização pessoal Experimentação [Formação de base: Licenciatura e mestrado Direito [Doutorando	Professor universitário e juiz arbitral • Está a fazer o doutoramento • Não tem horário • trabalha em casa (excepto aulas)	• Ter um trabalho cujo conteúdo lhe agrada • Desenvolver potencialidades pessoais • Trabalhar com autonomia • Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida • Negativo: ter que preparar aulas e ver testes de alunos desmotivados.
[11] Filipe	Realização [compulsividade] [Curso superior de música	• Prof. de instrumento em escola de música • Compositor • Não tem horário • Trabalha em casa e na escola • Esta fica a 5 mtos a pé	• Completar a formação e desenvolver potencialidades pessoais no sentido da auto-descoberta • Obter reconhecimento/prestígio (entre pares qualificados) • Ser útil: participar na formação de jovens músicos • Atingir estabilidade profissional e material
[12] Nuno	Realização [Licenciatura em gestão [Pós-graduação em investigação criminal	• Investigador criminal • Fez pós-graduação de especialização; e aguarda ingresso no quadro da PJ. • trabalha 12 horas/dia • desloca-se de transporte público	• Ter um trabalho cujo conteúdo lhe agrada • Desenvolver potencialidades pessoais • Aprofundar a independência • Ter acesso a uma profissão qualificada e razoavelmente remunerada

Sujeitos entrevistados	Actividade profissional e Self		
	Orientações	Relações	Valores
		• 15 minutos no trajecto.	• Obter maior estabilidade profissional e material (com a adesão ao quadro)
[14] Joaquim	Realização [Licenciatura em Engenharia civil [Várias pós-graduações de reforço das competências no exercício da profissão [Frequência de mestrado	• Engenheiro empresa infraestrut. Rodoviárias • Trabalha em todo o país • Horário completo • Desloca-se de carro • A sede está a 10 minutos de sua casa.	• Completar a formação e desenvolver potencialidades pessoais • Trabalhar com autonomia • Conseguir o reconhecimento das chefias • Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida
[18] Susana	Realização [Curso não superior promovido por um organismo da polícia na escola superior de polícia	• Segurança pessoal de altas individualidades. • Foi comandante de tropas internacionais pela ONU no Kosovo. • Tem horários incertos e serviços que a envolvem numa constante mobilidade. • Trabalha por turnos. • Desloca-se de carro. • 20 minutos.	• Ter um trabalho que dá prazer • Desenvolver potencialidades pessoais • Trabalhar com autonomia • Obter reconhecimento/prestígio entre pares • Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida • Criar novos laços
[26] Vasco	Realização [compulsividade] [Médico "especialista" [Doutorando	• Suspendeu as aulas na faculdade; pediu licença sem vencimento no hospital público; pondera suspender doutoramento. • Trabalha no hospital privado e em clínica • Actualmente 36 horas por semana • A pé 5 minutos	• Até agora: o projecto de vida • Ter um trabalho que dá prazer • Obter reconhecimento/prestígio (entre pares qualificados) • Trabalhar com autonomia
[28] Ema	Realização Experimentação [Licenciatura em Marketing	• É *copywriter*, organiza a promoção de projectos imobiliários • Trabalha 45h/semana • Ocasional/ trabalha à noite num bar. • Desloca-se de carro • 20 minutos	• Ter um trabalho que dá prazer • Desenvolver potencialidades pessoais • Trabalhar com autonomia • Ser criativa • Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida
[29] Alexandre	Realização [Licenciatura e mestrado em comunicação social [Doutoramento em desenvolvimento	• "workaholic convicto" • Angaria fundos numa ONG internacional • Não tem horário: entra às 10h e sai às 8h, 9h ou 11 da noite (ou mais tarde...) • Desloca-se a pé 15 minutos	• Ter um trabalho que dá prazer • Viajar e manter laços • Desenvolver potencialidades pessoais • Trabalhar com autonomia • Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida
[30] Lúcia	Realização [Curso Bacharelato professores ensino básico	• Coordenadora de uma rede de bibliotecas escolares. • Trabalha sem se pôr limites de horários. • Desloca-se de carro (tempo variável em função da escola).	• Ter um trabalho que dá prazer • Intervir no sentido da promoção da equidade social (pela oportunidade de intervenção na formação dos alunos)

Sujeitos entrevistados	Actividade profissional e Self		
	Orientações	Relações	Valores
			• Desenvolver potencialidades pessoais • Aprofundar/criar laços (sobretudo com os alunos
[32] Álvaro	Realização Integração [Licenciatura em Direito	• Foi formador cooperante em África • É director pedagógico de uma escola • Não tem horários • Desloca-se de carro • Leva 5-10 minutos no trajecto.	• Ter um trabalho que dá prazer • Viajar e manter laços • Desenvolver potencialidades pessoais • Trabalhar com autonomia • Sentir-se útil
[16] Teresa	Realização [Curso médio assistente social	• Reformada. Na última profissão empresária. Mas a sua identidade é "assistente social". • Voluntariado ocasional em bairros da cruz vermelha.	• Intervir no sentido da promoção da equidade social • Sentir-se útil • Ter um trabalho que dá prazer
[17] Carmo	Realização Negação [Curso médio assistente social	Negação (quando passa à reforma e não a aceitam no voluntariado) • Assistente social, reformada de um organismo público há 20 anos.	• Intervir no sentido da promoção da equidade social • Sentir-se útil • Ter um trabalho que dá prazer • Negação: o não reconhecimento das suas competências, quando acede à reforma e quer trabalhar no voluntariado
[04] Luísa	Experimentação [Licenciatura e mestrado em sociologia [Doutoranda, bolseira da FCT	• Despediu-se do trabalho anterior empresa sondagens • Não tem horário • Trabalha em casa	• Desenvolver potencialidades pessoais • Trabalhar com autonomia: sobre temas que gosta e sem submissão a uma hierarquia. Obter maior estabilidade profissional e material (hoje uma incerteza)
[24] Mariana	Experimentação [Licenciatura em economia [Frequência de mestrado em Marketing	• Despediu-se da segurança social para experiência de vida no estrangeiro. • Está a fazer mestrado com a perspectiva de criar uma empresa. • Faz pequenos biscates ocasionais (análise dados, etc.) • desloca-se em transporte público • 20 minutos	• Confrontar outras culturas • Desenvolver potencialidades pessoais • Ter um trabalho que dá prazer • Trabalhar com autonomia • Obter reconhecimento (positivo) • Construir novos laços • Ter "bom ambiente" de trabalho
[07] Sofia	Experimentação e projecto No trabalho actual: projecto interrompido [Licenciatura e pós-graduação em direito (esta obtida em Barcelona)	• Estágio num organismo do estado • Quer seguir uma carreira internacional • desloca-se de transportes públicos • 30 minutos trajecto	• Desenvolver potencialidades pessoais • Confrontar outras culturas • Garantir a própria independência • Construir novos laços • Ter "bom ambiente" de trabalho
[35] Vânia	Experimentação / Realização [Licenciatura e mestrado em direito [Frequenta estágio/pós-graduação em	• Concluiu o mestrado (que ainda não defendeu e iniciou uma pós-graduação em notariado) • Dá aulas numa universidade pública e numa privada. Suspendeu temporariamente as suas funções como	• Um projecto de vida • Desenvolver potencialidades pessoais e enfrentar novos desafios • Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida • Exercer uma profissão com prestígio

Sujeitos entrevistados	Actividade profissional e Self		
	Orientações	Relações	Valores
	notariado	assessora do Presidente do Supremo Tribunal Administrativo, devido ao estágio de notariado. • Apesar desta acumulação, em média não trabalha mais de 45h/semana. • A sua presença em Lisboa enquadra-se numa deslocação primeiro por motivos de estudo, depois por "oportunidade" profissional. • Desloca-se em transporte público no quotidiano e de carro à noite e fim-de-semana.	• Trabalhar com autonomia
[19] Júlio	Experimentação [licenciatura em engenharia civil	• Engenheiro civil de formação, exerceu cargo de direcção numa grande empresa do ramo energético. • Reformou-se aos 60 anos, para seguir percurso autónomo. • Tem um projecto de escrita de um tratado de ética e eventual envolvimento na organização de uma formação sobre o mesmo tema.	• Desenvolver potencialidades pessoais • Autonomia (poder trabalhar sobre temas que gosta sem submissão a uma hierarquia).
[31] Lea	Experimentação Negação/alienação [Licenciatura e Pós-graduação em historia de Arte	• É arquivista e bibliotecária e dá formação numa escola profissional. • Tudo com vínculos precários. • Trabalha nas instituições e às vezes também em casa. • Ocasionalmente faz projectos que a implicam numa mobilidade inter-regional. • Desloca-se de carro	• Desenvolver potencialidades pessoais • Autonomia (poder propor projectos e desenvolve-los de forma criativa e sem submissão a uma hierarquia). • Assegurar estabilidade e aprofundar a sua independência • Ter um trabalho que lhe dá prazer.
[05] Daniela	Integração [Secundário (no âmbito da formação profissional de adultos)	• Reformada da hotelaria. • Trabalha em Call center e venda ao domicílio. • Trabalho tempo parcial, todos os dias. • 20 Minutos de carro no trajecto casa/trab.	• Criar/manter laços • Sentir-se útil • Apoiar os filhos • Poupar para o futuro
[06] Armando	Integração Curso médio mecânico material aéreo	• Ex-autarca; reformado aviação; ex-cooperante em África como formador. • Direcção de uma IPSS • Consultor Freelancer • Não tem horário • 15 minutos a pé.	• Criar/manter laços • Sentir-se útil; • Intervir no sentido da promoção da equidade social • Apoiar a filha
[20] Aurora	Integração Realização [Licenciatura em línguas românicas	• Jornalista e assessora de ministro. • Reformada mantém uma actividade como educadora com jovens estudantes que acolhe em casa.	• Sentir-se útil • Manter laços • Contribuir para a formação das gerações mais jovens
[21] Conceição	Integração	• Assessora de direcção numa escola	• Manter laços

Sujeitos entrevistados	Actividade profissional e Self		
	Orientações	Relações	Valores
	[Secundário (formação de adultos) e curso não superior de secretariado	• Tem horário completo • Gostaria de trabalhar mais, nem que fossem "biscates" • Vai em transporte público, 30 minutos	• Ter "bom ambiente" de trabalho • Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida
[36] Estrela	Obrigação Integração [Curso médio de Serviço Social	• É assistente social de formação e trabalha no departamento de recursos humanos num Banco nacional. • Trabalhou "muitos anos" nos CTT. • Tem um horário completo (pica o ponto) • Desloca-se em transporte público • 20 minutos.	• Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida • Manter laços
[10] Célia	Obrigação [Básico 3 (que completou já em adulta) e curso de dactilografia	• Telefonista num gabinete da CML • Horário completo • Desloca-se em transporte especial para deficientes • Chega a esperar duas horas pela carrinha	• Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida • Assegurar a manutenção de regalias sociais • Poupar para o futuro
[08] Adelaide	Obrigação [Secundário via profissional	• Foi repositora no Pingo-Doce • Dá apoio de secretariado no hospital e em gabinete de advogado. • Trabalha 12h/dia • 60 minutos de carro.	• Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida e aprofundar a independência • Criar bases para o planeamento do futuro (construção de uma nova família) • Desenvolver potencialidades pessoais
[09] Sónia	Reforço de autonomia e Obrigação [Secundário [Estudante comunicação social	• Estudante finalista de comunicação social • Trabalha num call center • Tempo parcial • Desloca-se de transporte público. • 5 Minutos.	• Reforço de autonomia • Promover novas aprendizagens • Criar/manter laços • Ter "bom ambiente" de trabalho
[13] Amélia	Reforço da autonomia Experimentação [Licenciatura em Psicologia e Gestão de Recursos Humanos	• Técnica DRH • Trabalha a recibo verde na empresa do "amigo" • Tem horário completo mas ocasionalmente trabalha mais horas (mas nunca em casa) • Desloca-se no carro que o pai lhe deu • 5 minutos trajecto	• Assegurar estabilidade e aprofundar a sua independência • Ter acesso a uma profissão qualificada e razoavelmente remunerada • Ter um trabalho que lhe dá prazer
[23] Guilherme	Obrigação [Secundário	• Foi operador de máq. construção civil. • É técnico de arquivo. • Trabalha 35 horas/semana • Desloca-se em transporte público • 30 minutos	• Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida • Desenvolver potencialidades pessoais (ao nível da informática)
[25] Isabel	Obrigação	• Técnica de marketing num departamento bancário.	• Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida

Sujeitos entrevistados	Actividade profissional e Self		
	Orientações	Relações	Valores
	[12º ano [Frequência do 1º ano de. Sociologia (curso de que desistiu)	• Trabalha horas extra mas contrariada: porque todos o fazem, o que considera "exploração" • 5 minutos a pé	• Obter reconhecimento/prestígio (entre colegas: "todos licenciados, os melhores alunos dos respectivos anos/cursos") • Trabalhar com autonomia
[37] Martim	Obrigação Realização [2.º ciclo completo [Frequência do 8.º ano	• É Bilheteiro (trabalha nas portagens) numa empresa transportadora. • Na empresa "como não tem família" os colegas nomearam-no representante do sindicato. Neste âmbito vem ocasionalmente a Lisboa, "para resolver assuntos e ir a reuniões". • Sente que todos o respeitam pelo seu papel, inclusive os próprios patrões. • Trabalha por turnos rotativos (diurnos e nocturnos) e tem apenas uma folga de fim-de-semana por mês. • Trabalha ainda no café dos compadres, ali no bairro, em função dos turnos, ora nos almoços, ora no fecho ou abertura. • Para a empresa desloca-se de carro. São 5/10 minutos.	• Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida • Obter reconhecimento/prestígio social (também entre os colegas, enquanto representante sindical) • Ter "bom ambiente" de trabalho (inclusive com o patrão) • Ser útil • Criar e manter laços
[34] Catarina	Negação /Experimentação / [Licenciatura e pós-graduação em Historia de Arte e recuperação do Património Cultural	• Trabalhou 4 anos em três call centers, fins-de-semana e feriados incluídos. • Hoje mantém um call center para poder saldar dívidas que contraiu e é assessora de direcção num armazém. • Trabalha em média 60horas/semana (menos do que no passado recente) • Desloca-se em transporte público. • 30 minutos autocarro	• Assegurar estabilidade profissional e aprofundar a independência • Desenvolver potencialidades pessoais • Manter laços
[15] Jaime	Negação/ Projectos interrompidos [Secundário equiparado a "Técnico especializado"	• Técnico de manutenção telecomunicações • horário completo • desloca-se de carro. • 40 minutos	• Um projecto de vida (negado) • Intervir no desenvolvimento socioeconómico e plano estratégico da empresa (negado) • Obter reconhecimento das chefias • Trabalhar com autonomia • Manter um nível de remuneração ajustado ao estilo de vida
[33] Francisca	Negação/ Projectos interrompidos Experimentação [Licenciatura em história	• Formada em história desde que se desempregou nunca mais arranjou emprego fixo. • Acumula formações e pós-graduações sempre na perspectiva de reconversão profissional.	• Ter um trabalho cujo conteúdo lhe agrada • Assegurar estabilidade profissional e aprofundar a independência • Ter um trabalho que goste

Sujeitos entrevistados	Actividade profissional e Self		
	Orientações	Relações	Valores
	[Vários cursos do IEFP [Pós-graduação de reconversão profissional	• Trabalha num call center a tempo parcial para assegurar alguma autonomia e os pais dão-lhe uma mesada. • Desloca-se de carro.	• Desenvolver potencialidades pessoais • Ter meios materiais para apoiar a filha
[27] Margarida	Trabalho negação (enquanto aspiração nunca concretizada) [Básico 3	"Doméstica" • Hoje "entretém-se" com a gestão dos dois prédios: trata da manutenção, resolve as questões legais e administrativas "tudo sozinha", ou ocasionalmente com ajuda do advogado.	--

Quadro A6.3 Formas de sociabilidade

Entrevistados	Formas de sociabilidade	Núcleos	Tipo de laços	Contextos e Práticas
[02] Carlos	Plurais / abertas	[Núcleo 1: filho e três ou quatro amigos; alguns com origem na Internet] [Outros núcleos: pai e irmãos; outros amigos; amigo-colega; "amigas especiais"; alunos];	Compromisso negociado; partilha de intimidade; confidência; conforto; auxílio; "almas gémeas" e companheirismo	• Família: na casa do pai de 15/15 dias, na casa da mãe ocasionalmente, na sua apenas o filho. Reforço com telemóvel. • Amigos: Internet, telemóvel, "saídas". • Outros: "amigas especiais": saídas, na sua casa, amigo-colega: no trabalho, nas saídas. Reforço com telemóvel. • Férias: sozinho: viagens internacionais, com o filho: procura de apoio/companhia no seio da família. • Sozinho em casa: Uma "necessidade". Ouve música, lê, pesquisa na net, participa em chats. • Sozinho na rua: só não gosta de jantar fora ou estar numa esplanada, pois são contextos que apelam à companhia.
[03] Manuel	Plurais / abertas	[Núcleo 1: pais e namorada [Outros núcleos: amigos de infância e mais dois ou três que conheceu enquanto estudante; outros amigos; irmãos e outros familiares; conhecimentos do ciberespaço; outros.	Compromisso negociado; conforto; auxílio mútuo; convívio e companheirismo; associação (sobretudo nas relações da net).	• Família, na casa dos pais todos os fins-de-semana, reforço com telemóvel. • Amigos e namorada: todos os dias nas "saídas", nas casas dos amigos/namorada, reforço com SMS e e-mail • Outros: na Internet • Férias: com namorada viagens internacionais. • Sozinho em casa: obriga-se a estar. Trabalha em silêncio. Intervém em blogs, faz jogos de computador.
[07] Sofia	Plurais / abertas	Plurais / abertas [Núcleo 1: os pais e alguns amigos que redescobriu no regresso a Portugal [Outros núcleos: outros amigos; colegas de trabalho; amigos de Barcelona; tia materna; avó.	Compromisso negociado; auxílio; conforto/aconchego; companheirismo e parceria; acusação (ex-colegas amigos na faculdade quando regressou de Barcelona e quis ir viver sozinha).	• Família: telemóvel, casa dos pais • Amigos: saídas, na sua própria casa, no trabalho, reforço com SMS e telemóvel. • Outros amigos: messenger, • Férias: sozinha vai ter com amigos em Barcelona. • Sozinha em casa: No messenger. A ler e ouvir televisão (simultâneo). • Sozinha na rua: sentimento de constrangimento. Sente os olhares alheios postos sobre si, especialmente em espaços de sociabilidade: esplanadas, praia, restaurantes.

[24] Mariana	Plurais / abertas	[Núcleo 1: “amigo colorido”; a mãe; a irmã e respectiva família (inclui o sobrinho que é seu afilhado) [Núcleo 2: amigos e colegas que se inscreveram consigo no mestrado, tendo em vista virem a criar uma empresa. [Núcleo 3: colegas-amigas da seguranças social. [Outros: amigos do tempo da faculdade; amigas da infância e juventude em Castelo Branco; o pai e outros familiares.	Compromisso negociado; conforto/aconchego; partilha de intimidade; auxílio; convívio e companheirismo. Relação de acusação/rejeição com o pai desde que aquele se separou da mãe.	• Família: ocasionalmente a mãe visita-a, ocasionalmente ela vai aos Açores onde agora a irmã reside desde que casou, reforço quotidiano pelo telemóvel. • Amigo colorido: saídas, na casa de um e do outro • Outros amigos: na universidade, na sua casa para o estudo acompanhado, nas saídas ao cinema, a concertos, ao teatro. • Outros: no local de trabalho, nos jantares na sua casa. • Férias: visita a irmã, viaja com um/a amigo/a (não necessariamente o “colorido”. • Sozinha em casa: liga a televisão põe a música e quase até ao verão também a braseira. Estuda, trabalha em pequenos biscates tipo transcrição de entrevistas ou análise de dados no computador.
[13] Amélia	Plurais / abertas	[núcleo 1: “amigo secreto”; mãe; avó; “maior amiga”; dois primos. [Núcleo 2: dois ou três amigos de infância que também vieram para Lisboa estudar. [Núcleo 3: Amigas que conheceu na net. [Núcleo 4: Tios e outros familiares; outros amigos que fez na faculdade; outros colegas do trabalho.	Compromisso negociado; conforto/aconchego; auxílio com família; partilha de intimidade e confidência; associação; convívio e companheirismo na net e com outros amigos.	• Família: de 15 em 15 dias na casa da família (o ninho) e ocasiões especiais sempre. Reforço diário com telemóvel. • Amigo secreto: quotidiano no trabalho, na casa dele à sexta-feira, reforço com telemóvel. • Outros amigos: saídas à noite restaurante/bar. • Outros: blog sobre quotidiano: mail, saídas de encontro semestral, blog futebol: jantar mensal com ida ao futebol. • Férias: com uma amiga e dois primos na casa que o tio lhes empresta no Algarve, regresso à casa da família, sozinha na sua casa num quotidiano livre. • Sozinha em casa: Sente-se no seu aconchego. Vê televisão (novelas), está no computador/Internet, faz a manutenção do espaço, trata da gata, cozinha e planeia as refeições. • Sozinha na rua: vai ao bar da antiga faculdade.
[28] Ema	Sociabilidades plurais / abertas	[Núcleo 1: Pais; tios e avó; um amigo com A grande. [Outros núcleos: diversidade de laços que começaram nos blogs mas que hoje têm ramificações que vão muito para lá da net; amigos da noite; colegas de trabalho.	Compromisso negociação; auxílio; conforto; convívio e companheirismo; laços úteis/instrumentais, associação.	• Família: almoço semanal na casa dos pais e café com os tios junto à casa destes. Reforço quotidiano por telemóvel. • Outros: nos blogs, nas saídas ao cinema, ao bar, a um festival, nos jantares-convívio que organiza em sua casa, etc. • Férias: acampa com amigos. • Sozinha em casa: cuida das gatas, faz a manutenção do alojamento, organiza refeições da semana, está no computador. • Sozinha na rua: não gosta de ir a bares ou a restaurantes, locais que apelam à companhia.

[36] Estrela	Plurais / abertas	[Núcleo 1: irmã e cunhado; amigas de infância; o filho que vive no estrangeiro. [Outros: outros irmãos e sobrinhos; outras amizades do tempo que trabalhou nos correios; outras que eram amizades do marido e do casamento; outras do actual trabalho no banco; outras ainda do período de Juventude em que viveu em França.	Compromisso obrigação (com o filho); compromisso negociado (com a irmã e outros familiares e amigas). Auxílio mútuo; convívio e companheirismo; conforto; partilha de intimidade; laços úteis.	• Família: na casa da irmã duas três vezes por semana e nas saídas a concertos, viagens etc. que fazem juntas, na sua casa o filho nas férias deste. • Outros: Almoços mensais de convívio, fins-de-semana de passeio, viagens, trabalho, ginásio, refeitório no quotidiano. • Férias: com amigas e irmã e cunhado viagens nacionais e internacionais. • Sozinha em casa: na varanda sobre o Tejo com a sua gata, a ler e ouvir música. Refeições ligeiras no fim de tarde.
[06] Armando	Plurais / abertas	[Núcleo 1: a filha. Um amigo com "A" grande. [Outros núcleos: Irmãos; uma das cunhadas; as sobrinhas; a "moça" com quem tem um caso; as vizinhas; o pessoal do infantário; antigas companheiras e respectivos filhos com quem hoje tem relações ausentes; outros da freguesia e do partido.	Compromisso negociado; auxílio mútuo; intimidade na distância; solidariedade; associação; conhecimentos úteis.	• Família 1: todas as semanas. Presencial uma vez almoço, a filha que também vive sozinha, é que vai a sua casa, telefone três/quatro vezes. • Família 2: telemóvel (ocasiona/raramente), juntos só em ocasiões especiais. • Amigos: trabalho, na rua, na vizinhança, nas saídas • Férias: sozinho na casa de férias que o irmão lhe empresta. • Sozinho em casa: dominado pela ansiedade e "solidão exílio", correspondente a um sentimento dominante de desfasamento e separação de si. • Sozinho na rua: vai ao cinema, almoça.
[18] Susana	Plurais com algum pendor para as famílias de escolha	[Núcleo 1: filha; amiga e filhos; pais. [Núcleo 2: os amigos polícias cujos laços alimenta através das ferramentas disponíveis na Internet. [Núcleo 3: amigo polícia; companheiro de treinos e de convívio [Outros: outros amigos; outros familiares; os ex-companheiros; as pessoas com relevância publica de cuja protecção se assegura.	Compromisso negociado; conforto/aconchego e auxílio mútuo; partilha de intimidade entre almas gémeas; contactos úteis; convívio e companheirismo.	• Família: ocasionalmente (duas vezes mês) na casa dos pais, na sua casa com a filha de 15 em 15 dias se não está a trabalhar ou em missão. Reforço quotidiano com telemóvel. • Família de escolha: em casa da amiga com os filhos desta e a sua filha, saídas de fim-de-semana. Reforço regular com telemóvel. • Amigo colega em Portugal: na sua casa, na casa dele, no treino. • Outros: messenger, skype, mail, SMS. • Férias: Acampamento com a família de escolha. • Sozinha em casa: pinta em aguarela, cuida das flores, está no computador, vê televisão, lê.

[31] Lea	Plurais abertas e frustradas / insuficientes	[Núcleo 1: amigos de infância alguns dos quais como ela solteiros. Pais; sobrinha (filha do irmão que entretanto se divorciou e voltou à casa da família de origem) [Outros núcleos: outros laços difusos de que fala sem nunca desenvolver "pois estão desajustados ao seu padrão"; colegas de trabalho de vários locais onde presta serviços; alunos.	Compromisso obrigação (com os pais) muito marcado pelo sentimento de "solidão exílio" ou afastamento de si e e auxílio mútuo. Os amigos desempenham o papel de conforto; convívio e companheirismo. No trabalho [especialmente na fundação] tem essencialmente laços instrumentais e de associação e rejeita qualquer aproximação com os colegas que acusa de "mesquinhos".	• Família: na casa dos pais duas três vezes mês. Algum reforço telemóvel (mas é sempre ela que toma a iniciativa). • Amigos infância: jantares nas respectivas casas, saídas espectáculos, cinema. Reforço semanal por telemóvel. • Outros: saídas à praia, passeios na baixa, etc. • Sozinha em casa: faz a manutenção e limpeza do espaço, planeia as refeições, trabalha, ouve música, vê televisão por vezes passa horas e horas na Internet a fazer pesquisa • Sozinha na rua: quando quer mesmo "isolar-se" vai para esplanadas e espaços cheios de gente. È incapaz de jantar ou almoçar fora, pois são situações que associa ao convívio. No bairro sente-se "olhada" pelos vizinhos que a sabem a morar sozinha.
[19] Júlio	Plurais / abertas	[Núcleo 1: filhos e os dois maiores amigos (um é seu cunhado). [Núcleo 2: outros amigos das tertúlias quotidianas. [Outros: irmã que ainda é viva; outros cunhados; sobrinhos; prima direita; outros amigos; outras famílias e laços que criou na relação com a última companheira; outros elos do passado que persistem na memória como laços significativos.	Compromisso obrigação com filhos nos apoios materiais, negociado nas restantes componentes; auxílio mútuo; conforto; convívio e companheirismo; contactos úteis; associação.	• Família: na casa dos filhos nos almoços de fim-de-semana e em todos os momentos de festa. Na casa de uma prima no almoço de quarta-feira. Na sua casa quando os filhos o vão ajudar na organização do espaço doméstico e compras do quotidiano. • Amigos: no refeitório ao almoço, nas tertúlias do café. • Outros: no partido • Férias: uma semana no Algarve com os filhos. • Sozinho em casa: sente-se libertado. Lê, escreve, vê televisão ouve música. • Sozinho na rua: vai ao cinema, vai a concertos, viaja por Portugal, vai ao ginásio, vai ao médico.
[26] Vasco	Sociabilidades plurais com pendor familialista	[Núcleo 1: irmão gémeo e os filhos que ajudou a nascer; a mãe, os outros irmãos e sobrinhos. [Núcleo 2: os "amigos amigos" de juventude cujos laços agora procurar reavivar [um afilhado é filho destes] e "amigos colegas" com quem se cruza mais regularmente. [Outros: os diversos colaboradores: governanta; personal trainer; massagista; etc. que o apoiam e lhe conferem balizas para sustento do seu estilo de vida; outros amigos "pessoas antigas"; as suas parturientes e outros profissionais com quem se cruza no quotidiano (pai ausente nas referências).	Compromisso negociado; conforto e auxílio mútuo; conhecimentos úteis; laços instrumentais; convívio.	• Família: telemóvel todos os dias, saídas ocasionais com os sobrinhos, encontros nos momentos de festa, regra geral na casa dos familiares. • Outros: jantares rotativos mensais pelas casas de um núcleo organizador (entre os quais o próprio), saídas inclusive fins-de-semana mini-férias no estrangeiro, cinemas, etc. • Sozinho em casa: ainda raramente mas são momento de conforto e reencontro consigo, vê filmes (ou partes de filmes), ouve música, lê e estuda/trabalha na organização das aulas ou na preparação de comunicações a congressos.

[27] Margarida	Sociabilidades plurais / com pendor familialista)	[Núcleo 1: as filhas; genros netos e uns primos direitos [Núcleo 2: outros familiares da sua geração; amigas de infância [Núcleo 3: amigas que conheceu na "universidade da terceira idade". [Outros: outras do ginásio; a cabeleireira; pedicura e massagista; o médico; o advogado; a porteira e outras da vizinhança; a empregada; outros da aldeia natal; os seus inquilinos.	Compromisso obrigação c/ filhas nos aspectos materiais e apoio aos netos, negociado nos restantes; auxílio mútuo; convívio e companheirismo; relações úteis/instrumentais; associação.	• Família: mais na casa de uma das filhas, pois a outra reside fora de Lisboa, ocasionalmente nos almoços quotidianos, mais raramente com os netos na sua casa, por vezes na vivenda da aldeia. Reforço quotidiano por telemóvel e telefone. • Amigas e outras: relações quotidianas na universidade, nos passeios, nas viagens, nos almoços e lanches em restaurantes, na vivenda da aldeia. • Sozinha em casa: só está à noite. Vê televisão (novelas) e lê qualquer coisa.
[16] Teresa	Plurais / Intimidade na distância	[Núcleo 1: os filhos e netos e os laços que persistem na memória e no coração. [núcleo 2: familiares da sua geração e amigas de infância. [Outros: a empregada; os colegas da universidade; outros.	Compromisso negociado dominado pelo sentimento de "solidão exílio" num aprofundamento da "perda"/rotura biográfica provocada pela morte de elos mais significativos: o marido e a "amiga-irmã" e pela incapacidade de se dar numa partilha de intimidade com os filhos; auxílio; conforto; convívio e companheirismo.	• Família 1: nas casas deles, raramente na sua. Reforço quotidiano com telemóvel. • Família 2: saídas várias vezes/semana e férias. Reforço com telemóvel. • Amigas da "Universidade": na escola, nas saídas, nos passeios ocasionais. • Férias: sozinha na casa que tem no Algarve num regresso aos laços que persistem da infância, parte do tempo com os netos. • Sozinha em casa: regresso às raízes: põe o rádio a tocar e coloca-se "à vontade" de pantufas e sem dentadura, faz trabalhos de casa e estuda, lê livros.
[35] Vânia	Familialistas abertas	[Núcleo: marido; irmã (maior amiga); mãe; sogra; irmãos do marido; pai. [Outros: amigos-colegas de Lisboa dos vários locais por onde transita; amigos de juventude ainda de Leiria; amigos do marido. • Tipo de laços:	Compromisso obrigação (com a mãe) negociação (com o marido e outros); partilha de intimidade; auxílio mútuo; laços úteis; convívio.	• Família: na sua casa em Leiria e na casa da mãe e da sogra, raramente na casa de Lisboa. • Outros: no trabalho, no ginásio, nas refeições, nas saídas raras e mais em Leiria. • Sozinha em casa (Lisboa): sente-se libertada mas é raro estar em casa. Trabalha, planeia as aulas, vê televisão, come o pequeno-almoço.
[01] Tomás	Familialistas fechadas	[núcleo 1: pais; irmãos; sobrinhos e primos direitos e três amigos de infância e respectivas famílias; de cujos filhos é padrinho] [outros núcleos: outros familiares; outros colegas de trabalho; vizinhos.	Compromisso negociado; partilha de intimidade; auxílio mútuo; convívio e companheirismo.	• Família: a casa dos pais todos os dias, a sua ocasionalmente • Amigos/família de escolha: no trabalho todos os dias, na esplanada, na casa destes ou na sua ao fim-de-semana, nas outras saídas. • Férias: No Algarve na casa da família, viagens internacionais com irmãos ou amigos. Sozinho em casa: Gosta. Ouve música, trabalha, vê televisão, lê.

[15] Jaime	Familialistas fechadas	[Núcleo: pais; irmãos; sobrinhos; tios; primos (um dos quais da mesma idade é o seu maior amigos) [outros: colegas do trabalho.	Compromisso negociado; auxílio mútuo; conforto; convívio e companheirismo.	• Família: na casa dos pais todos os fins-de-semana na sua casa quando acolhe familiares em transito/férias pelo país. • Férias: na casa/quinta da família. Reforço diário por telemóvel. • Sozinho em casa: actualmente sente uma grande angústia. Vê televisão, está no computador/Internet, lê o jornal, ouve música.
[08] Adelaide	Familialistas fechadas	[Núcleo 1: namorado; mãe; padrinhos; irmãos [Outros: colegas de trabalho; amigos da escola secundária e do café do bairro.	Compromisso obrigação com padrinhos e mãe, negociado com restantes; partilha de intimidade; conforto confidência; auxílio.	• Família: mãe telefone diariamente e visitas uma vez/mês na casa da mãe, padrinhos e irmãos na casa deles nas ocasiões especiais. • Namorado: na sua casa fim-de-semana, reforço diário com telemóvel. • Outros: saídas raras, só em ocasiões especiais. • Férias: com a família, na aldeia natal. Praia Costa da Caparica com o namorado. • Sozinha em casa: quase só para dormir.
[09] Sónia	Familialistas, com pendor para famílias de escolha	[Núcleo 1: os pais; o irmão; a prima; três amigos-colegas da faculdade. [Outros núcleos: os tios outros primos; amigas que conheceu no trabalho; a vizinha; outros amigos colegas da faculdade.	Compromisso obrigação – com os pais, negociado com restantes; auxílio; conforto; convívio e companheirismo.	• Família: pais: visitas ocasionais (uma vez mês ou menos e ocasiões de festa), irmão vem a Lisboa fica em sua casa, tios e primos: almoços nos domingos na casa deles e saídas praia ou cinema com a prima. Reforço com telemóvel no caso dos pais, messenger no caso do irmão e prima. • Amigos: na Universidade, estudo acompanhado na sua própria casa, saídas. Reforço SMS e messenger (aberto só para amigos). • Outros amigos: no local de trabalho, saídas raras. • Férias: acampa com os amigos, regressa a casa dos pais. • Sozinha em casa: liga a TV, acende as luzes, estuda, está no messenger.
[04] Luísa	Familialistas abertas com pendor para as famílias de escolha	[núcleo 1: famílias de escolha de casais com filhos pequenos; alguns seus afilhados. [Outros núcleos: pais; irmã e sobrinhos; colegas da faculdade e dos vários contextos de trabalho por onde passou; conhecimentos do ciberespaço.	Compromisso negociado; partilha de identidade; confidência; conforto; auxílio mútuo; convívio.	• Família: na segunda casa de família em Sesimbra pelo menos duas vezes por mês, reforço por telemóvel. É «ao ninho» dos pais que recorre quando doente. • Amigos: todos os fins-de-semana e “ocasiões de festa” nas casas deles, mais raramente nas saídas, reforço pelo mail. • Colegas: jantares uma/duas vezes por ano, reforço por mail. • Outras relações: messenger • Férias: com “famílias de escolha” viagens. Com os pais, irmã cunhado e sobrinhos na casa de Sesimbra, sozinha viaja para ficar em casa de outros familiares. • Sozinha em casa: sente-se livre. Trabalha, gere o quotidiano...

[25] Isabel	Familialistas, com ligeiro pendor para famílias de escolha	[Núcleo 1: mãe; tia; sobrinhos; irmã e cunhado] [Núcleo 2: amigos que vêm do tempo de juventude com quem se encontra ocasionalmente no fim-de-semana e passa pelo menos parte das férias (especialmente as viagens); [Outros: tios e primos e outros familiares; colegas de trabalho.	Compromisso obrigação nos apoios materiais à mãe e tia, negociado nas restantes componentes; conforto e auxílio mútuo; laços instrumentais; "almas gémeas" e companheirismo.	• Família: na casa da mãe e da tia: todos os dias ao jantar. • Família sobrinhos: ocasionalmente dorme um na sua casa no fim-de-semana. • Amigos: saídas de sábado à noite (não necessariamente semanais), raramente na sua casa. • Outros: no trabalho • Férias: Com a família numa casa da família com piscina, junto ao mar, com os amigos as viagens. • Sozinha em casa: está muito pouco tempo. Pesquisa na Internet para apoio ao seu trabalho, lê livros técnicos, tenta escrever uma ou outra frase/pensamento para se dar a oportunidade de seguir a sua "vocação" original de escritora.
[30] Lúcia	Famílias de escolha/ familialista	[Núcleo 1: sobrinha; amigos de infância (quase-família); pais; irmã e cunhado. [Outros: amigas-colegas que conheceu nas escolas com quem trabalha no âmbito da rede de bibliotecas; os seus alunos.	Compromisso obrigação (com os pais) e negociado com restantes; auxílio mútuo; conforto; convívio e companheirismo	• Família: na sua casa, cada vez mais desde que a irmã é mãe na casa dela, ocasionalmente na dos pais. Com estes semanal, com a irmã quotidiano (desde a sobrinha). Esta última tende a passar tardes em sua casa. • "Famílias de escolha"/amigos: jantares rotativos nas várias casas (a sua inclusive), saídas fim-de-semana. • Outros: nas escolas, nos circuitos quotidianos casa-trabalho. • Sozinha em casa: faz a manutenção e limpeza, lê, ouve música, prepara matérias para as actividades com alunos.
[14] Joaquim	Famílias de escolha	[Núcleo: amigos de juventude (casais e solteiros) e dois irmãos solteiros. • [Outros: outros familiares incluindo o pai outros irmãos; tios; primos; sobrinhos; uma colega de trabalho que o convidou para padrinho da filha; outros colegas.	Compromisso negociação; partilha de intimidade; conforto; auxílio; convívio e companheirismo.	• Família obrigação: pai e mulher deste, no Natal apenas, irmão casado e família deste também nas festas de aniversário. • Família/amigos de escolha: todos os fins-de-semana e momentos de lazer. • Outros: no trabalho, no ginásio • Férias: no Algarve com família/amigos de escolha. • Sozinho em casa: Gosta, conseguiu criar um espaço muito seu, que partilha com os amigos. Vê televisão, vê filmes, lê.

[37] Martim	Famílias de escolha	[Núcleo: o compadre a mulher e o filho destes (seu afilhado). [Outros: a "amiga" no Algarve e os filhos desta; a mãe e irmãos; os colegas na empresa e os outros representantes sindicais; os "patrões", outras amigas do café do bairro.	Compromisso obrigação. Conforto; auxílio mútuo; partilha de intimidade; associação; convívio e companheirismo	• Família de origem: na casa da mãe nos dias de festa. • Família de escolha: todos os dias, na casa dos compadres, na sua casa, no café deles onde colabora. • Outros: no bairro, no ginásio, no trabalho. • Férias: com amigas do café fica pelo bairro, vai à praia, passeia, quando pode vai ao Algarve para ver a "amiga" especial. • Sozinho em casa: Organiza e faz a manutenção, vê televisão, lê o Jornal Correio da Manhã, ocasionalmente livros que as amigas lhe emprestam: agora está a ler o livro *O Equador* pousado na mesa de centro da sala, onde fizemos a entrevista.
[32] Álvaro	Intimidade na distância / Famílias de escolha	[Núcleo: o sobrinho e respectiva família; o compadre; a afilhada; três ou quatro amigos que são como família; o irmão e outros sobrinhos que residem fora de Portugal. [Outros: amigos (três ou quatro – "os únicos que trata por tu") que conheceu no âmbito da actividade profissional; colaboradoras da escola e outros que ali circulam. O seu *personal trainer* e o massagista.	Compromisso negociado; partilha de intimidade; conforto; convívio e companheirismo; associação (com colaboradores e outros do seu trabalho).	• Na Família (inclui núcleo de amigos íntimos/quase família): todas as semanas num dia marcado, com frequência na sua casa, ocasionalmente na casa deles. Reforço com mail e telemóvel. • Outros: no trabalho, no ginásio. • Férias: viaja sozinho. Ocasionalmente visita o irmão e sobrinhos. • Sozinho em casa: reencontra-se com o seu passado e laços significativos. Organiza a manutenção prevendo a vinda da empregada, cozinha, está na Internet, lê, ouve música. • Sozinho na rua: tudo... (inclusive viagens de férias)
[20] Aurora	Intimidade na distância	[Núcleo 1: relações de vizinhança; educandas; amizades úteis (inclui médicos), a senhora que lhe aluga um quarto no Alentejo nas férias de Verão. • [outros: sobrinhos brasileiros que nunca conheceu, filhos do seu irmão que em novo emigrou para o Brasil.	Compromisso negociado; conforto moral; laços úteis e de auxílio.	• Famílias amigas: ocasiões festivas um ou outro almoço ao fim-de-semana. Reforço regular por telefone. • Outros: na sua casa com as "educandas", na rua na vizinhança. • Sozinha em casa: repousa da agitação, faz leituras orientadas de livros ou documentos que requisita na biblioteca ou fotocopia num arquivo histórico, medita e planeia as actividades que quer promover com as educandas. • Sozinha na rua, passeia, senta-se durante horas na esplanada, vai ao fast food ou à pastelaria, vai ao cabeleireiro, visita a biblioteca nacional e outros centros de arquivo histórico de jornais, vai ao médico, faz as compras.
[23] Guilherme	*Second life* / Intimidade na distância	[Núcleo: irmãos, sobrinhos e outros familiares, incluindo conhecimentos em que participa por intermédio da família. [Outros: colegas de trabalho; pessoas do ginásio e dos seus circuitos quotidianos; conhecimentos que acumulou na suas viagens pelo mundo;	Solidariedade; convívio; associação; instrumentais.	• Família: nos momentos festivos, raramente na sua casa de visita para um chá. • Amigos: no mail. • Férias: Sozinho viagens internacionais. • Sozinho em casa: "está na sua base", medita, está no computador, planeia as suas viagens, lê, vê televisão, assegura-se da manutenção e limpeza.

[29] Alexandre	Intimidade na distância	[Núcleo 1: amigos-colegas espalhados pelos locais por onde passou no seu transito ocidente-oriente. [Outros: pais e três ou quatro amigos do tempo da faculdade. Outros no mundo com quem comunica diariamente no âmbito do seu trabalho.	Compromisso negociado; auxílio; laços úteis/instrumentais; conforto; convívio.	• Família: na casa dos pais no almoço domingo. Reforço por telemóvel. Foi lá que ficou quando esteve doente. • Amigos: almoços durante a semana, saídas raras a jantares ou de convívio num bar. • Outros: telefone e mail. • Sozinho em casa: sente-se livre longe dos constrangimentos que envolvem o seu quotidiano. Vê televisão (novelas) ao mesmo tempo que lê o jornal ou uma revista e come qualquer coisa. • sozinho na rua: treina, vai a bares, faz refeições, vai ao cinema, faz tudo.
[12] Nuno	Intimidade na distância	[Núcleo 1: pais e irmãs. Núcleo 2: o maior amigo (colega de trabalho) que nunca o visitou em sua casa, e dois ou três amigos ainda do tempo de estudante. [outros: amigos do futebol; outros colegas de trabalho, outros amigos que reencontra nos regressos à família;	Dominados pelo sentimento de "solidão-afastamento" na consagração da distância afectiva que não consegue ultrapassar. Outros: conforto; convívio e companheirismo; associação nas actividades de desporto/futebol e no trabalho.	• Família: na casa da família nos momentos anuais de festa e aniversários e parte das férias. Reforço com telemóvel. • Amigos da faculdade: saídas, ocasionalmente na sua casa para verem um filme. • Outros: no trabalho, duas vezes por semana no futebol. • Férias: Com a família, sozinho na sua casa num quotidiano livre. • Sozinho em casa: Gostava de estar mais tempo. Ouve a rádio, joga computador, vê filmes que aluga no videoclube, prepara as refeições da semana e faz a manutenção do espaço.
[05] Daniela	Frustradas e insuficientes	[Núcleo 1: ex-companheiro que hoje raramente lhe telefona. [Núcleo 2: filhos; mãe e irmãos com quem tem relações muito conflituosas ou mesmo ausentes. [Outros núcleos: colegas de trabalho; vizinha; conhecimentos úteis.	Dominados pela perda e exílio nos núcleos 1 e 2; embora aqui também haja o "compromisso obrigação e solidariedade" consubstanciado na prestação de auxílio aos filhos; nos outros: convívio e conforto moral	• Família: telemóvel (é sobretudo ela que telefona), ocasiões especiais, em França na casa do filhos, mais raro, eles cá. • Amigos: trabalho, vizinhança, telemóvel. • Férias: visita os filhos em França. • Sozinha em casa: evita estar: marcada pela "solidão perda" ou o sentimento de rotura biográfica e separação do meio envolvente. • Sozinha na rua: só não janta fora nem vai à noite a bares ou discotecas. Mas vai à praia, vai a "bons restaurantes", etc.

[17] Carmo	Frustradas e insuficientes	[Núcleo 1: muito dominado pelas ausência de laços interrompidos pela morte: marido e amigas de infância. [Núcleo 2: o sobrinho e ex-mulher; uma das empregadas. [Outros: outra empregada; primas do lado do marido; primas que tem no Alentejo; o "senhor padre"; a médica assistente, amigas de quem se afastou.	A "solidão exílio" marcada pelo sentimento de afastamento de si e dos seus contextos, converte-se numa "solidão na margem" onde a solidão se instalou sem expectativas face ao presente e ao futuro; compromisso obrigação; auxílio; laços úteis	• Família: nas ocasiões festivas e raramente ao fim-de-semana na casa dos familiares, acompanhamento nas idas ao médico em situações mais precárias de doença, visitas ocasionais deles a sua casa, reforço quotidiano por telefone. • Outras: lanches ocasionais (cada vez mais raros) com amigas. Reforço por telefone. • Férias: uma semana no Alentejo em casa de uma prima. • Sozinha em casa: sente a tristeza e o peso da solidão. Lê, tem refeições ligeiras. • Na rua: vai à igreja, vê exposições, faz refeições.
[21] Conceição	Frustradas e Insuficientes	[Núcleo: a cadela já cega e doente que trouxe de casa da mãe; os compadres; e outros laços ascendentes de tias e primas; a senhora velhinha que durante o dia lhe leva a cadela a passear; uma prima que tem na região centro. • [Outros núcleos: colegas do trabalho (com quem não partilha aspectos da sua vida privada); pessoas que encontra regularmente no ginásio; no autocarro; no jardim...	Conforto; associação.	• Família: telemóvel no quotidiano, nas ocasiões de festa. • Outros: no trabalho, no ginásio, no jardim da Estrela quando passeia a cadela, no autocarro no "Bom dia / Boa tarde" dos confrontos quotidianos. • Férias: duas semanas em casa de uma prima perto de Viseu, sozinha na sua casa aproveita para fazer as limpezas e "remodelações" anuais. • Sozinha em casa: trata da cadela, cuida das plantas, limpa a casa, organiza as refeições, planeia as compras, vê televisão e ocasionalmente lê alguma revista.
[34] Catarina	Frustradas / insuficientes	[Núcleo: avó; ex-companheira do pai; dois amigos-colegas da pós-graduação; duas colegas-amigas do trabalho no Call Center. Pai; irmãos; mãe. [Outros: conhecimentos que começa agora a construir no seu novo trabalho.	Compromisso obrigação (com a mãe e avó) negociação com restantes familiares e amigos; laços de auxílio mútuo e conforto moral.	• Família: na casa da avó e da mãe três ou quatro vezes por semana, na casa do pai ocasional/raramente, • Outras: saídas muito raras (uma vez/ano), no trabalho. • Férias: não tem há quatro anos. As próximas são para "gozar a casa" e depois as seguintes talvez Nova Iorque. • Sozinha em casa: muito pouco tempo. Vai ao mail ver se tem mensagens, pesquisa na Internet sites sobre viagens. Planeia regressar neste âmbito da casa à sua vocação/formação artística na recuperação de peças.
[11] Filipe	Intimidade na distância e frustradas insuficientes	[núcleo 1: marcado por relações ausentes: os pais; a ex-namorada de quem se separou há seis anos; o irmão com quem não fala há outros tantos. [outros núcleos: dois ou três amigos com "A" grande; duas amigas da vizinhança; os alunos.	Recusa de compromisso; obrigação – com os pais; sentimentos de perda em relação ao irmão e namorada; conforto; auxílio; convívio	• Família: o pai ocasionalmente visita-o em sua casa (mas nunca lá dormiu), ele visita os pais na casa destes nas ocasiões especiais e férias. Reforço com telemóvel. • Amigos: nas refeições quotidianas no restaurante ou na casa destes. Na escola onde lecciona. Saídas raras. • Alunos: na escola, em sua casa (aulas privadas) • Férias: Uma semana no campo, na casa dos pais. • Sozinho em casa: trabalha na composição musical.

[10] Célia	Seconf life / “Friends”/famílias de escolha	[Núcleo 1: amigos que conheceu no messenger. [Outros núcleos: tia por afinidade (que vive no Alentejo); amigas também deficientes; colegas de trabalho; outros úteis (da Associação de deficientes); vizinha; a empregada velhinha; o instrutor da escola de condução (está tirar a carta; quer comprar um carro adaptado).	Compromisso obrigação – com a tia; conforto; convívio e companheirismo; associação; laços úteis; auxílio.	• Família: órfã sem laços colaterais. Uma tia “por afinidade” que reside no Alentejo e acolhe em sua casa quando aquela se desloca a Lisboa para as consultas. • Amigos: jovens, sobretudo do sexo masculino, espalhados pelo país, com quem interage no messenger. Ocasionalmente já se encontrou com um ou outro num café. Com outro teve uma experiência de paraquedismo e viajou de avião. • Outros: Associação de deficientes. Saídas de passeio. • Férias: não tem. • Sozinha em casa: liberta-se através do messenger.